

SÉRIE  
KNOCKDOWN  
VOL. III

HEAVEN RACE

KILLIAN

RECONSTRUINDO-ME POR ELE





# HEAVEN RACE **KILLIAN**

**RECONSTRUINDO-ME POR ELE**



**Copyright © 2018 HEAVEN RACE**

**KILLIAN**

**Série Knockdown — Volume 3**

1ª Edição

---

**FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:**

**Imagens da capa:** Depositphotos

**Ilustrador:** Heaven Race

**Revisão:** Heaven Race

**Revisão final:** Fátima Aparecida

**Diagramação Digital:** Heaven Race

---

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

# **FALE COM A AUTORA**

**Grupo no Facebook:**

Heaven Race Livros

**Twitter:**

@hracewattpad

**Wattpad:**

@heavenrace

**E-mail:**

livrosheavenrace@hotmail.com

# Sumário

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 7.1](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 8.1](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 10.1](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 13.1](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 14.1](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 15.1](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 17.1](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 19.1](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 22.1](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 23.1](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 24.1](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

*Aos que acreditam que um amor verdadeiro aparece apenas uma vez em sua vida. Não, não é bem assim. Renove-se, supere e ame. Quando você menos esperar, estará se apaixonando por alguém novo. A vida é para ser vivida e as paixões, sentidas.*

*Aos meus familiares e aos meus leitores.*

*Eu amo vocês, hoje e sempre.*

*Este é para vocês.*

A handwritten signature in black ink, featuring a large, stylized initial 'L' followed by a smaller, more complex signature.

# EPÍGRAFE



PAMELLA COHEN

*“Amar é mudar a alma da casa.”*

— Mário Quintana

## ANTES

*Em um mundo com seus bilhões de habitantes, eu me atrevo a dizer que a menor das menores porcentagens de habitantes tem uma vida onde os próprios consideram como um mar de rosas e, pessoalmente, eu sou confiante o suficiente para dizer que minha vida é um mar de rosas.*



## **DEPOIS**

*O meu mar de rosas morreu.*

# PRÓLOGO

## QUEBRADA

PAMELLA COHEN

Eu sempre tive medo de ficar sozinha.

Quando tive meu primeiro namorado, aos quinze anos, soube ali que nada era melhor do que a companhia de alguém que você gosta. Daquele momento em diante, namorar se tornou uma das melhores partes da minha vida. Eu sempre gostei da sensação de ter alguém para me proteger, porque diferente da minha irmã, eu sou frágil.

Eu. Sou. Frágil.

Eu quebrei em muitos pequeninos pedaços quando eu vi o amor da minha vida morrer por minha culpa. Eu deveria ter ficado quieta até que eles tivessem dado um fim naquele pesadelo, eu deveria ter esperado a hora certa de chamá-lo para mim. Entretanto, eu falhei. Eu chamei por ele, eu rezei secretamente para ele me tirar daquele pesadelo, mas tudo que aconteceu foi o contrário: afundei em um pesadelo que agora não tem mais volta.

Max morreu por minha culpa.

Eu perdi o amor da minha vida e me perdi durante esse caminho difícil.

Quase todo dia eu sonho com ele me dizendo para “seguir em frente”, mas é impossível quando se ainda está completamente apaixonada por alguém que não vive mais.

Mais de um ano se passou desde um dos momentos mais difíceis da vida de Pamella Cohen, mas ela ainda não conseguiu superar a sua dor. Ela se vê sozinha e profundamente despedaçada desde a fatídica noite, carregando silenciosamente o pensamento de que a culpa foi sua.

Com a chegada do Circuito, novos acordos são fechados e um desconhecido lutador está sendo treinado e apoiado por Jake e Furor, que agora tem outras obrigações com a sua família. Killian, ou apenas "Kill", é um talento bruto e cru das artes marciais. Insensível, impiedoso e inflexível são palavras que podem defini-lo de forma perfeita.

Amor surge do nada e os levam para um caminho sem volta.

Uma mulher sensível demais e um homem despretensiosamente insensível.

Pamella Elizabeth Cohen e Tristan Killian Rivera colidem e um emaranhado de sentimentos os envolvem desde o primeiro momento. Seria Killian, um homem completamente diferente de Max, o suficiente para trazer felicidade a Pamella? Ou será que Killian selará a infelicidade da jovem mulher para sempre?

Apenas o futuro dirá.

# CAPÍTULO 1



## AMAR É FLUTUAR

**PAMELLA COHEN**

*Por quanto tempo eu vou te amar? Por tanto tempo quanto as estrelas estejam acima de você, e por muito mais tempo se eu for capaz.*  
— ELLIE GOULDING, "HOW LONG WILL I LOVE YOU"

Quanto mais alto você chega, mais dolorosa é a sua queda. Não lembro ao certo onde e quando eu ouvi essa frase, mas ela nunca fez tanto sentindo na minha vida quanto faz nesse momento.

Amar alguém sempre foi muito fácil para mim. Eu nunca tive problemas com as pessoas, mesmo quando elas tinham problemas comigo. Aprendi desde muito cedo com a minha mãe a ser alguém que ama incondicionalmente e se

entrega a um relacionamento sem medo. De fato, eu nunca tive medo, mas infelizmente as coisas mudam.

Amar Max era como flutuar.

Mesmo rodeado pelo mundo das lutas, com tudo propenso para lhe deixar com uma personalidade dura e bruta, ele era completamente diferente de tudo isso, de todos os seus amigos. Max era a pessoa mais doce, compreensiva, carinhosa e amorosa que eu tive o prazer de conhecer. Eu posso afirmar que, mesmo depois de alguns pares de namorados, Max foi o melhor deles, e foi por esse motivo que estávamos planejando nos casar em breve e irmos morar sozinhos em um lugar só nosso.

Como eu disse, amar Max era como flutuar e eu flutuei durante todo o nosso relacionamento, por isso a minha queda foi tão intensa e dolorosa, não sobrando quase nada de mim. Amar Max foi tudo de melhor que aconteceu comigo e, infelizmente, ele está sendo a minha ruína, pois eu ainda não deixei de amá-lo por nem mesmo um momento.

Ao ver minha irmã sofrendo por Trent devido a uma separação, à qual meu pai os forçou, eu nunca pensei que poderia sentir algo parecido com aquela dor. Vi Parisa sem esperança e tentei ajudá-la de todas as formas possíveis. Pontuo que quase consegui sentir a sua dor de tão intensa que ela era e lembro-me de pensar que nunca desejaria passar por algo daquele tipo. O destino é engraçado e ele gosta de pregar peças em nós, meros seres-humanos.

Meu pai não nos separou, mas a vida sim.

Sento-me e encosto no dossel da cama, trazendo as minhas pernas até o meu peito e abraçando-as com muita força.

Meu corpo está coberto por uma fina camada de suor, pois eu acabei de despertar agitada de mais um sonho com Max. Admito que nunca sei sobre o que se trata quando ele aparece para mim: sonho ou pesadelo? Eu trato como sonhos, mas, ao mesmo tempo que é reconfortante sonhar com Max, não deixa de ser humilhante de certa forma. Eu gostaria de poder tocá-lo mais uma vez, eu gostaria de poder beijá-lo mais uma vez, mas estamos sempre presos no mesmo acontecimento, na mesma noite.

“Eu deveria ter ficado calada”, repito mentalmente para mim mesma, pois esse é o meu maior mantra. Enrolo-me novamente no meu lençol e começo a chorar até quase perder a minha consciência. Não consigo afundar no escuro da minha mente ao ponto de ficar inconsciente, porque dessa vez é diferente. Dessa vez eu sou levada até o passado, até o último momento que pude ter e interagir com Max ainda vivo.

*“Tento levantar-me do chão, mas a forma como o homem me jogou aqui me deixou sem forças. Meu ombro baleado me deixa tonta e a imagem de Max no chão me deixa mais tonta ainda, porque ele acabou de ser baleado também. O grito que escapou da minha boca, segundos atrás, ainda arde em minha garganta, enquanto as lágrimas se acumulam impiedosamente nos cantos dos meus olhos.*

*Max se arrasta pelo chão sujo e quando está próximo o suficiente, consigo ajudá-lo a vir até mim. Meu coração aperta e eu não consigo controlar as lágrimas que escorregam por minhas bochechas.*

*Meu Deus...*

*— Amor... — sussurro, tocando seu rosto com a minha mão trêmula. — Max, Max...*

*A vida parece estar escapando para fora dele e isso me assusta mais do que qualquer coisa nesse mundo. Eu não quero e eu não posso perdê-lo, não agora.*

*— Porra... — pragueja, engasgando em suas palavras.*

*— O q-que n...*

*— Pamella, por favor... — grunhe, segurando a minha mão e levando-a até os seus lábios. Ele deposita um beijo demorado ali, enquanto sua respiração inconstante e curta me brinda com puro pavor. — Eu amo v-você, linda. — Engulo o meu choro, assentindo positivamente. — Nunca se esqueça d-disso, mas...*

*— Não fale assim, Max — suplico, segurando a sua mão de volta e beijando-a da mesma forma que ele fez comigo. — Eu também amo você e nós vamos, n-nós... isso é apenas... eu...*

*— Minha mãe costuma sempre escutar uma m-música que nunca fez t-tanto sentido quanto faz agora... — Ele engole a seco, respirando fundo antes de continuar. — A garota fala um... eu acho que é Salmos... ela diz “O Senhor protege os simples; quando eu já estava sem forças, ele me salvou. Retorne ao seu descanso, ó minh'alma, porque o Senhor tem sido bom para você”. — Os olhos de Max se enchem de lágrimas e eu soluço, negando-me a aceitar o que ele quer me dizer. — Deus pode não ter me protegido essa noite, mas Ele provavelmente tem outros planos para mim e para você...*

*— Não, Max — digo, entre dentes. — Deus não levaria você de mim. Deus sabe os nossos planos, Ele não...*

*— Nossos planos nem sempre são os planos Dele. — Ele solta um gemido de dor, deixando-me sobressaltada. — M-Mas eu sei q-que mesmo que Ele me leve agora, Ele vai te d-deixar aqui e e-eu quero que você viva por mim e por*



*você, linda — resmunga, apertando a minha mão.*

*A sua força está deixando-o, eu posso perceber e sentir. Seu rosto está ficando mais pálido a cada segundo por conta de todo sangue que Max está perdendo nesse pouco espaço de tempo.*

*— Isso é besteira — recuso-me a concordar com ele.*

*— Prometa, P-Pamella. — Seu olhar agora é duro, como se ele precisasse se certificar das minhas palavras.*

*— Eu pr-prometo... — minto.*

*— Agora me abrace e espere esse inferno t-terminar de olhos fechados comigo — instrui e eu faço exatamente o que ele pede.”*

Eu mal sabia que me arrependeria minutos depois de ter fechado os meus olhos e ficado em silêncio com Max. Ele morreu em meus braços logo após me pedir aquilo, mas eu não percebi imediatamente e, quando percebi, o inferno de Parisa e Trent já havia terminado e o meu acabado de começar. Fiquei desesperada, gritei pelo papai, gritei por Max, pedi para ele parar de brincar comigo, mas não era uma brincadeira.

Ele se foi há mais de um ano e eu simplesmente me vejo aprisionada nele e em tudo que vivemos. Não consigo viver por mim, quanto mais por nós dois. Não consigo continuar com a minha vida. O olhar que Max me lançou hoje no sonho me deixou extremamente envergonhada por ter mentido para ele e, quando tentei tocá-lo, ele sumiu.

Eu desejo poder sumir também.

Minha vida nunca foi tão sem sentido e vazia.

Balanço a minha cabeça, percebendo que deixei aberta a sacada do meu quarto quando um vento frio vem de fora e abraça o meu corpo. Recentemente eu me mudei para esse apartamento, afirmando que seria o melhor para mim. Papai foi relutante quanto a isso, mas eu não quero mais atrapalhá-lo durante as noites. Tenho vergonha de ser acordada por ele e Elise, enquanto me debato em pesadelos. Parisa e Trent conseguiram convencê-lo de que isso seria bom para mim: ter o meu próprio espaço, viver a minha própria vida, ocupar-me com outras coisas. Não posso negar, isso é quase uma terapia. A única coisa ruim é que eu me sinto muito sozinha nesse lugar. É calmo demais, estranho demais. Nem mesmo parece que alguém vive aqui dentro. Nada nesse lugar parece com a velha “eu”.

Levanto da cama e calço as minhas pantufas brancas, que esquentam os meus pés imediatamente. Observo que o relógio marca quatro da manhã, mas já estou acostumada ao pouco sono e acordar no meio da madrugada. Saio do

quarto e vou até a cozinha para preparar um pouco de chá para mim, que é uma das poucas coisas que eu sei fazer sem correr risco de que o cômodo possa pegar fogo.

Fico encostada na parede, olhando para o fogão e solto um suspiro, antes de ouvir um barulho alto de discussão. Aborto o meu plano de fazer chá e volto para o meu quarto, indo curiosa até a sacada. Encosto-me no parapeito, fitando a rua calma com apenas duas pessoas lá fora: senhora Rivera e um homem se apoiam um no outro. Na verdade, ele está apoiado nela e eu diria que, com quase toda certeza, ele está bêbado.

Senhora Rivera é uma mulher já na casa dos seus quase cinquenta anos, espanhola e muito agradável, que eu conheci assim que me mudei para esse apartamento. Eu não diria que esse é um prédio luxuoso, mas há lá as suas belezas e não é qualquer um que pode pagar. Nem mesmo eu posso pagar, uma vez que isso aqui foi um “presente de liberdade” do meu cunhado. Mas ainda sobre a senhora Rivera, eu já troquei algumas conversas com ela e até dicas de cozinha, um ponto onde ela é realmente boa. Até mesmo prometi que iria até o seu apartamento, que fica logo em frente ao meu, para pegar as benditas dicas, mas nunca tomei coragem para fazer isso.

Olhando para baixo, vejo quando o homem cai no chão e outra mulher se aproxima da cena vestindo muito pouco. Senhora Rivera parece estar tentando tomar conta da situação, mas ela é muito pequena perto da mulher. Isso me irrita. Eu não gosto de injustiças e quem quer que seja o homem que a minha vizinha está querendo ajudar, eu não posso deixá-la fazer isso sozinha.

Puxo o meu sobretudo no trajeto e saio do quarto em passos largos, pegando a minha chave em cima da mesa de centro da sala e abrindo a porta. Visto-me no caminho, já que estou usando apenas uma camisola curta, e pego o elevador para o térreo. Batuco os meus dedos na parede do elevador, enquanto espero, pacientemente, ele descer.

Para ser sincera, eu estou um pouco nervosa.

Assim que as portas se abrem, saio praticamente correndo e passo pelo recepcionista inútil que só sabe mascar chiclete e tomar café gelado, uma combinação muito duvidosa. Empurro a porta de vidro da entrada e desço os poucos degraus da escada, aproximando-me da cena.

— Você não vai entrar no meu apartamento — minha vizinha diz, sua voz um pouco trêmula, parecendo não muito segura de suas palavras.

— Isso quem tem que dizer é o meu namorado, velha estúpida. O apartamento é dele, não seu — a loira retruca, indo para cima da senhora Rivera.

— Ei, Hols, pegou pesado demais com a minha mamãe — o homem zomba, ainda jogado no chão.

Minha pele se arrepia, mas eu tenho certeza que foi por causa do vento frio que bate em mim nesse instante. Saio das sombras e finalmente tomo o meu lugar ao lado da senhora Rivera.

— Se ela disse que você não vai subir para o apartamento, significa que você **não** vai subir para o apartamento **dela** — sentencio, fitando a mulher nos olhos. Ela empina os seios gigantes e lança um olhar cheio de fúria em minha direção. — Agora é melhor que você dê o fora daqui, caso contrário terei que ligar para a polícia para avisar que uma puta qualquer está fazendo arruaça em frente ao meu prédio e que não está deixando ninguém dormir. — Reviro os meus olhos, entediada. — Eu vou te dar cinco segundos, tudo bem? Um. Dois. Três. Qua...

— Isso não vai ficar assim — cospe, dando-me as costas e saindo em disparada até um conversível pink, que é a cara dela.

Senhora Rivera segura a minha mão, chamando a minha atenção. Ela sorri abertamente e me dá um abraço, que eu correspondo brevemente.

— A senhora está bem? — pergunto, um pouco preocupada.

— Você, por favor — pede e eu assinto. — Sim, sim, eu só estava ficando muito nervosa porque ele finalmente voltou e... ele nunca faz isso.

— Ele? — FRANZO o cenho, mas então lembro-me do indivíduo suspeito no chão. — Quem é ele? — sussurro.

— Meu filho — informa e eu arqueio a sobrancelha, seguindo o meu olhar mais uma vez para o homem.

Ele não se parece nada com a senhora Rivera, nem mesmo o sotaque que a “denuncia” como estrangeira. Eu diria que ele é rústico demais, mesmo suas roupas, mas é certamente algo que chama a atenção de muitas mulheres e, obviamente, longe do meu tipo de homem. Seu cabelo longo no topo cai um pouco em cima dos olhos fechados e a lateral é aparada de forma peculiar e interessante. Ele tem a barba por fazer muito longa, o que deve irritar muito. Eu odeio barbas longas. Sua estatura é grande, mais do que notei quando o observava lá de cima, e eu imediatamente me pergunto como a senhora Rivera estava conseguindo deixá-lo apoiado nela.

— Eu não sabia que você tinha um filho — sussurro mais uma vez, com um pouco de medo que ele me escute. — Aquela era a namorada dele? Ela parece azeda...

— Sim, eu tenho um filho e não, ela não é namorada dele. Tristan não

namora. Eu tenho quase certeza de que ele estava a iludindo, mas ele realmente não está e nunca esteve em relacionamentos.

— Mãe, por que está falando de mim para uma estranha? — grunhe, levantando-se e cambaleando para todos os lados. Senhora Rivera se aproxima para ajudá-lo e eu faço o mesmo, com medo de que ele a leve para o chão se voltar a cair. — Não sei mais o que fazer com você...

— Quem diz isso sou eu, Tristan — ela resmunga, chateada. Seguro um dos braços dele, passando por meu ombro ao observar sua mãe fazer o mesmo. — Você acabou de chegar de viagem de Atlanta e já está enrolado na bebida. Nem mesmo veio em casa para me dar um oi e avisar que está saindo para se “divertir” nos clubes de...

— Já chega, mãe — ele a corta.

— Você é um irresponsável. Sua mãe pode não estar te dizendo isso, mas eu estou. Deveria parar de beber dessa forma. É ridículo — digo, enquanto caminhamos até a escada.

Posso sentir o seu olhar sobre mim, mas não me deixo ficar intimidada. “Pode olhar o quanto quiser”, penso, ironicamente.

— Quem é você? — questiona, usando um tom ácido.

— Pamella, e você é quem?

— Quem é você para achar que pode me dizer o que eu devo ou não fazer? — Sinto as minhas bochechas queimarem e afundo minhas unhas no seu braço que estou segurando, mas ele não reclama.

— Tristan! — senhora Rivera o repreende.

— Eu sou uma amiga da sua mãe e isso é tudo que interessa.

— Eu não me importo com o que você diz, Pamella-amiga-da-minha-mãe — continua alfinetando.

Penso em mil e uma formas de jogá-lo no chão. Gostaria de poder bater com sua cabeça na parede, para ver se ele para de ser um estúpido comigo e me agradece por estar o ajudando. Entretanto, não posso fazer isso, porque sua mãe ainda está segurando-o firmemente.

— Não escute ele, Pamella. Tristan não sabe o que diz quando está bêbado — ela pede.

— Não sei se já ouviu falar, mãe, mas bêbados são muito sinceros — ele retruca bastante irônico.

— Ridículo.

— Eu posso ouvir você, Pamella-amiga-da-minha-mãe — cantarola e eu

escorrego meu cotovelo, dando-lhe uma cotovelada nas costelas, mas ele ainda não reclama. — Pare de fazer carinho em mim, docinho — resmunga perto do meu ouvido e eu faço uma careta forçada para o seu bafo de bebida.

“Não ligue para ele, Pamella. É só mais um idiota convencido e rude no mundo que não fará diferença na sua vida”, lembro de afirmar isso para mim mesma.

— Se você não se importa, ajude-me e ajude sua mãe a te ajudar. Há degraus aqui e se ainda não desaprendeu, poderia começar a subi-los conosco — digo entre dentes, ouvindo a risada da senhora Rivera do outro lado.

O tal Tristan bufa, mas não se atreve a responder e eu agradeço mentalmente por isso. Eu odeio quando ajudo uma pessoa e ela só sabe reclamar ou ser grossa comigo, o que Tristan não para de fazer desde que abriu a boca. Nós conseguimos subir a escada com dificuldade, mas conseguimos. Entramos no prédio e o recepcionista preguiçoso nem se incomoda em nos ajudar de maneira alguma. Por sorte, Tristan parece nos ajudar, então logo eu chamo o elevador para nós três, que já estava à espera pelo fato de não ter ninguém o usando no momento.

— O que está acontecendo com você, filho? — sua mãe volta a perguntar assim que as portas do elevador se fecham.

Tristan se encosta na parede do elevador, ignorando a minha ajuda e da senhora Rivera. Eu e ela o deixamos por conta própria, já que ele finalmente parece estável.

— Não vou discutir com você em frente a uma desconhecida, mãe — resmunga, mal-humorado.

— Para começo de conversa, você nem mesmo deveria discutir com ela — chamo a sua atenção, cruzando os meus braços em frente ao meu corpo. — Ela é sua mãe, idiota... — cantarolo da mesma forma que ele fez minutos atrás.

— Você costuma se meter assim na vida dos outros? — Tristan retruca, semicerrando os olhos em minha direção com um ar intimidador.

— Quando vejo pessoas sendo desnecessárias como você? Sim, absolutamente sim.

— Veja bem...

— Tristan, já chega! — senhora Rivera interrompe a sua fala. — Me desculpe por ele, Pamella — insiste, assim que o elevador abre em seu andar, que é o mesmo do meu.

Tristan sai sem mais nem menos. A forma como ele anda ainda é incerta, mas, dessa vez, ele não cai. O homem toma a frente e senhora Rivera corre atrás

dele, abre a porta do apartamento e o deixa entrar para seguir o seu caminho. Ela volta, sorrindo envergonhada e eu abro um meio sorriso, mostrando que está tudo bem.

— Espero que fique tudo bem por aí — digo, balançando a minha chave nos meus dedos.

— Muito obrigada por ter me ajudado com aquela situação, Pamella — agradece, segurando a minha mão livre e dando um aperto firme. — Eu vou tê-lo indo pedir desculpas para você pela forma que te tratou, eu promet...

— Não se incomode, por favor. Desculpe pela sinceridade, mas eu não gosto de ficar perto de pessoas como o seu filho, então eu aceito apenas o seu agradecimento, afinal, eu fui ajudar somente a você — afirmo e ela pisca rapidamente, mas assente. — Nos vemos por aí? — pergunto, tentando parecer mais leve.

— Claro. — Sorri. — Me chame de Florence, tudo bem? Estou esperando a sua visita ansiosa, Pamella. Muito obrigada mais uma vez. — Florence se inclina e beija a minha bochecha.

— Eu vou aparecer em breve — retruco e aceno com a cabeça por fim.

Entro no meu apartamento e bato a porta, trancando-a em seguida. Ligo a luz da sala e caminho até o sofá preto de couro, jogando-me ali sem pensar duas vezes. Pego o controle da televisão e ligo a mesma, deixando-a em um canal aleatório, enquanto torço para o tempo passar o mais rápido possível.

Eu odeio a insônia.



Estaciono o meu carro ao lado do carro de Trent e respiro fundo antes de checar a minha aparência rapidamente no espelho do retrovisor. Eu passei bastante maquiagem essa manhã, tudo para tentar esconder as minhas olheiras horrendas. Eu sei que minha saúde está seriamente afetada por tudo que venho passando, mas não há saída para a minha situação.

Perdi peso, perdi brilho, perdi minha vida.

Simples assim e sem volta.

Pego minha bolsa no banco do passageiro e, finalmente, saio do carro, batendo a porta e ligando o alarme, mesmo que seja algo inútil a ser feito dentro do espaço da mansão do meu cunhado e minha irmã. Se tem um lugar seguro nessa cidade, esse lugar é onde eu estou no momento.

A mansão de Trent é algo a ser levado a sério.

Aperto a campainha e abro a porta em seguida, já que sei que a porta está aberta há horas. Trent e Parisa levantam cedo, principalmente agora por causa das crianças, e correm pelo território todas as manhãs. Pelo menos é isso que a minha irmã me diz quando estamos sozinhas conversando sobre qualquer besteira insignificante.

Posso escutar o barulho de Trent e Parisa mesmo antes de entrar na cozinha e, quando o faço, sorrio involuntariamente. Observo minha irmã sorrir ao ver Trent e os filhos brincando com a comida que ela preparou. Ela repreende Trent, mas, na verdade, está se divertindo com tudo que ele faz com os filhos. Serena e Bryan acabaram de completar um ano de idade e não poderiam estar mais bonitos. A cada dia que passa, meus sobrinhos ficam mais espertos e brincalhões, além de bagunceiros também. Parisa tem sorte de ter Trent com ela nessa jornada. Eles são perfeitos um para o outro, sem dúvida alguma. A única coisa que está faltando é o casamento oficial dos dois, tanto no cartório, quanto na igreja, ou seja lá onde eles queiram se casar.

Sento-me em um dos bancos em frente ao balcão extenso e deixo a minha bolsa ali em cima, pegando um pedaço do pão de alho que está dentro de uma cesta. Desvio o olhar de cima das crianças para seguir para minha irmã outra vez, assim que ela se aproxima de mim e toca em meu braço, de forma leve.

— Ei... — resmungo, colocando um pedaço de pão na minha boca.

— Como você está? — pergunta, sorrindo de forma polida.

— Bom dia para você também, Paris. — Reviro os olhos, enquanto falo de boca cheia, mas não me importo.

Eu odeio ter a sensação de que as pessoas estão com medo de falar normalmente comigo. Depois que tudo aconteceu, Parisa, papai, Trent, os caras e todos que eu conheço passaram a agir perto de mim como se estivessem pisando em ovos. Nos primeiros meses, eu afundei sozinha em minha dor, mas, depois do primeiro semestre, resolvi que tinha que reagir. Não fiz isso por mim, fiz por meu pai, minha irmã, minha mãe e meus amigos. Eu ainda me sinto quebrada, mas fingir que estou bem é mais fácil do que falar sobre a dor que eu sinto e que temo que nunca passará.

— Você parece magra... mais magra do que semana passada — nota,

ignorando completamente o que eu disse. Essa é a minha irmã. — Está tudo bem? De verdade?

— Eu estou bem, de verdade — minto, sorrindo amplamente depois de engolir o pão. — Apareci aqui porque estive pensando em sair para comprar algumas coisas para as crianças com você, mas acho que já tem bastante trabalho...

— Não, você pode levar Parisa com você — Trent me interrompe, puxando Serena de sua cadeirinha. — Vai ser bom para ela tirar um tempo longe desses dois pequenos terroristas. Eu posso lidar com eles durante um tempo, afinal, não tenho muito o que fazer. — Dá de ombros.

— Está vendo? Eu posso ir com você. — Parisa ri, o que faz com que as covinhas em suas bochechas apareçam, ambas decorrente da cirurgia pela qual ela passou depois daquela noite. — Que dia e que horas é melhor para você?

— Depois de amanhã, com certeza. Tenho treino com a Elise essa tarde e amanhã também, e eu não posso faltar de jeito nenhum, senão ela e o papai vão atrás de mim como dois cães farejadores — explico e Paris assente. — Depois de amanhã, às três. Tudo bem para você? — indago, mordendo outro pedaço do pão.

Isso está delicioso.

— Está ótimo para mim — afirma, indo até Trent e as crianças. — Sairemos de lá, então... Trent tem um encontro com Killian e o papai na academia às duas da tarde e eu vou acompanhá-lo com as crianças — explica e eu franzo o cenho.

— Quem é Killian?

Parisa ri, pegando Bryan, que logo se agarra ao pescoço dela.

— Longa história...

— Espere! — exclamo. — Não venha me dizer que tem a ver com o lutador que Trent disse que achou para treinar e que será seu “substituto” nessa temporada do Circuito... — Cerro os meus olhos, desconfiada. — Ainda não acredito que vai fazer isso — completo, encarando Trent.

— Eu tenho outras prioridades esse ano, Pamella. Além do mais, ele parece ter o suficiente para ser o nome dessa temporada, e conseguiu o meu patrocínio e do seu pai. Eu vi algumas lutas dele e Killian é tão bom quanto eu.

— Sempre tão humilde, baby... — Parisa diz, revirando os olhos e eu sorrio.

— Apenas a verdade. — Trent ri, dividido entre fitar Parisa e Serena, já que a pequena está puxando a sua orelha. — Querida, por favor, não faça isso



comigo — pede a Serena e ela sorri de volta, levando as mãos até o nariz de Trent e apertando com toda a sua pouca força.

— Se me derem licença, eu tenho que ir agora... — digo, rindo da situação de Trent. — Vou ligar para Elise, pois ela disse noite passada para eu encontrá-la na casa do papai para irmos ao supermercado. Vou passar o resto da manhã tentando aprender a cozinhar com ela, desejem-me um pouco de sorte, eu vou precisar. — Deixo o outro pedaço intocado do pão dentro da cesta e apanho a minha bolsa.

— Eu desejo sorte a ela... — Trent provoca e eu levanto o dedo do meio para ele, o que acaba fazendo Serena rir mais que antes.

A mais nova cópia de Parisa tenta me imitar e Trent segura a mão da filha.

— Parece que a minha sobrinha tem alguma atitude, cunhadinho...

— Não comece, Pamella — avisa, encarando Serena confuso. — O que está acontecendo com você, princesa? Não pode aprender as besteiras que a sua tia faz — Trent repreende Serena e a mesma só sabe rir.

— Tarde demais — digo, alisando o meu vestido azul florido. Abraço Parisa e beijo a sua bochecha, despedindo-me dela. — Te vejo depois. — Encho Bryan de beijos e ele sorri para mim, todo sujo de comida.

— Te vejo depois — retruca. Vou rapidamente até Trent e Serena, despedindo-me deles com um beijo na bochecha de cada. — Se cuida! — Parisa exclama assim que eu passo pela porta dos fundos e eu apenas aceno em resposta.

Caminho pela lateral da casa e chego ao meu carro mais uma vez, finalizando religiosamente a primeira parte da minha manhã. Pelo menos duas vezes na semana eu venho nesse horário à casa de Parisa e Trent, e pelo menos três vezes à casa do papai. Esse é um dos muitos tratos subentendidos que me foram designados a cumprir em troca da minha liberdade. Sou checada de hora em hora, seja por Elise, pelo papai ou por Parisa. Até mesmo Trent me liga eventualmente, acredite.

Faço o caminho de volta e saio da propriedade poucos minutos mais tarde, enquanto afivelo o cinto de segurança. Dirijo até a casa do papai sem muita pressa. Durante o meu trajeto eu até mesmo passo em um Drive-Thru e compro batatas-fritas com Coca-Cola, já que está perto do almoço e isso é o que farei assim que chegar à casa do papai: comer.

Cantarolo a música que está tocando na rádio, que acaba por ser uma velha conhecida minha. Um dos meus maiores hábitos e de Max como um casal era que costumávamos escutar música o tempo todo, e essa era uma das nossas

favoritas. *Safe Inside* do James Arthur é uma das músicas mais bonitas que eu já escutei e uma das que mais significam para mim.

<sup>1</sup>“Now that I'm not the fire in the cold, now that I'm not the hand that you hold, as you're walking away...”

Um aperto no meu peito surge e eu começo a ficar agoniada com as lembranças. Os minutos passam com dificuldade e eu chego ao meu destino depois de muito respirar fundo. Alívio percorre minhas veias, pois eu não aguentava mais ficar dentro do meu carro, em meio tantas memórias torturantes que voltaram apenas por conta de uma simples música.

Saio do carro e faço tudo como fiz quando cheguei à casa de Parisa e Trent. Toco a campainha da casa do papai, mas tiro minha chave de dentro da bolsa e resolvo entrar logo. Preciso de alguma distração o mais rápido possível. Assim que coloco o meu pé para dentro da casa, Elise aparece com seu sorriso curto, mas aconchegante.

— Finalmente você chegou! — ela exclama, puxando-me para um abraço caloroso.

Desde que Elise saiu das garras da irmã controladora, ela pôde se mostrar outra pessoa completamente diferente do que era no início. Bom para nós, porque Elise é uma mulher brilhante, animada, generosa, inteligente e muito acolhedora. Ela é uma beleza natural e o papai não poderia ter sido mais sortudo por ter conseguido essa mulher ao seu lado, e o mesmo vale para ela. Eu estou cercada de casais perfeitos em suas imperfeições e admito quase sempre sentir inveja da felicidade deles.

— Espero ter chegado na hora de comer — brinco, mas a minha brincadeira tem um fundo de verdade.

Tenho esperança que Elise me deixe em paz e não continue querendo me fazer aprender a cozinhar.

— Quase, Pamella. Quase — sorri, travessa. — Você ficará responsável pela salada, tudo bem? Jake vai agradecer por isso, já que ele estava prestes a tomar o seu lugar...

— Que droga. — Solto um gemido.

Eu devia ter demorado um pouco mais, mas, pensando bem, é melhor tentar fazer uma salada do que ficar sozinha.

Nesse caso, tudo vale a pena.

— Deixe de ser resmungona e vamos logo, eu já estou morrendo de fome. — Elise pega a minha bolsa e joga a mesma no sofá, segurando minha mão e puxando-me pelo percurso conhecido até a cozinha. — Olhe só quem chegou!

A atenção de papai sai de um pepino em pé e é direcionada a mim. Seus ombros caem e eu posso ouvir o seu suspiro aliviado.

— Finalmente, filha — diz, como se estivesse me repreendendo por estar um pouco atrasada para o horário do almoço.

— Salvo pelo gongo — Elise cantarola, tomando seu lugar em frente ao fogão.

— Ela estava me obrigando a fazer a estúpida salada, enquanto eu tentava explicar que eu não sei cortar essa coisa — papai aponta para o pepino que ficou em cima da pia e se aproxima de mim. — Boa sorte. — Beija o topo da minha cabeça e se senta.

— As mulheres que mandam...

— Eu disse isso. — Elise sorri para mim.

— Tem muita mulher na minha vida, eu n...

— Muita mulher, Jake? — Elise franze o cenho e semicerra os olhos de forma ameaçadora.

Não consigo conter a minha gargalhada. A cara que Elise faz é hilária e a forma como o papai reage desconsertado é mais hilária ainda.

— Você e minhas filhas, Elise. — Ele revira os olhos.

— Você se parece com alguém que eu conheço, boadrasta — digo, deixando as minhas chaves em cima do balcão e indo até a pia.

— Quem? — pergunta, curiosa como uma criança.

— Parisa Elizabeth Cohen — comento e nós três rimos.

— Eu acho que ninguém nunca vai conseguir ultrapassar da Parisa nesse sentido, mas posso tentar — ela retruca.

— Você está certa, minha irmã é especialmente ciumenta com tudo que ela designa como dela. Eu não sei com quem as crianças terão mais problemas: o pai ou a mãe?

— O avô, é claro! — papai exclama e nós duas voltamos a rir.

Eu começo a fazer a salada e recebo ajuda de Elise no meio de tudo. Ela acaba terminando de fazer nosso acompanhamento sozinha, dando-se por satisfeita com a minha ajuda. Eu e o papai tentamos explicar mais uma vez que não nascemos para a cozinha, mas é em vão. Elise não vai desistir hoje de nós dois e eu tenho um pouco de medo do que ela pode estar preparando para o nosso futuro.

**<sup>1</sup>“Agora que eu não sou o fogo no frio, agora que eu não sou a mão que você segura, enquanto você está partindo...”**

# CAPÍTULO 2

## TRISTAN OU KILLIAN?

PAMELLA COHEN

*Mas eu não ligo, nem um pouco.*  
— BLACKBEAR, "IDFC"

Depois do almoço que tive com o papai e Elise, passei mais meia hora conversando com ambos e me despedi, avisando-os por fim que iria para o meu apartamento descansar um pouco antes de ir para a academia. No momento, acabei de fazer uma pausa no meu treino para recuperar o fôlego. Meu olhar é atraído pelo papai, que está segurando uma prancheta encostado no batente da porta de sua sala. Ele olha fixamente para Elise e a mesma não diminui a

velocidade dos golpes. Ela está realmente boa em seus movimentos e, sem segundas intenções, pois soa nojento demais para mim, aposto que o meu pai andou dando aulas particulares para Elise.

— Devagar, Lis — brinco, tentando chamar a sua atenção.

— Esse... É... Um bom... Ritmo... — diz entre um golpe e outro, com a respiração entrecortada e palavras um pouco esganiçadas.

— Devagar, Elise — dessa vez é o meu pai que reclama, usando um tom extremamente duro.

Acho que eles estiveram discutindo, porque, por mais que o senhor Jake Cohen seja pavio curto, isso não é nada normal entre os dois. Observo o papai se aproximar de nós, jogando a prancheta para o chão no meio de seu caminho. Ele segura os punhos de Elise assim que está perto o suficiente, tomando tanto a atenção dela, quanto a minha, para si.

— O quê? — ela pergunta soando irritada, algo que nunca presenciei antes e estou um pouco assustada por ter presenciado agora.

— Você vai acabar se machucando — meu pai começa a argumentar e ela respira fundo. Ele leva Elise até a parede do outro lado, ainda próximos de mim, e levanta os braços de Elise acima de sua cabeça. — Eu não quero que você se machuque...

Oh-oh...

Essa é a minha deixa.

Puxo as luvas das minhas mãos, jogando-as em cima do banco, e faço o meu caminho até o bebedouro do outro lado da academia. O local está cheio hoje. Os instrutores estão para lá e pra cá, assim como os caras, que depois que Trent deu uma pausa nas lutas, ficaram responsáveis pelas classes de artes marciais, boxe e Muay Thai. Pisco repetidas vezes, sentindo os meus olhos arderem intensamente. Com certa dificuldade, refaço o meu caminho e tomo outro percurso, dessa vez até o banheiro, onde me apoio na pia assim que entro no local. Tiro as bandagens das minhas mãos, atirando-as para o lado, e lavo as duas antes de partir para tirar as minhas lentes de contato.

Desde muito pequena eu descobri que tenho problema de vista. Sofri um pouco de preconceito por quase todo primário e sempre que ia tirar fotos, recusava-me a usar os meus óculos de armação preta e grossa com lentes estilo fundo de garrafa. Minha mãe resolveu o meu problema com os óculos assim que teve a chance e, desde então, eu uso as milagrosas lentes de contato. Quase ninguém sabe sobre isso. Mamãe, Will e Oliver são os únicos que sabem, além de Max. Ele costumava dizer que preferia me ver usando os óculos do que as

lentes desde que me pegou perambulando de óculos por meu quarto. Claro que esse elogio vindo dele me deixava confiante e muito satisfeita, mas eu me recusava e ainda me recuso a fazer isso outra vez.

Tiro as lentes de contato com facilidade e, quando abro a torneira, as duas caem pelo ralo. “Nada de pânico, Pamella”, digo a mim mesma. Lavo meu rosto, controlando a minha respiração e conseguindo um bom resultado com isso. Eu acho que tenho lentes extras na minha bolsa, que está na sala do papai, então eu só tenho que chegar até lá sã e salva.

Vai ser difícil?

Sim, mas eu consigo.

Abro os meus olhos e me incomodo com a visão turva. Tem tanto tempo que isso não acontece comigo que fico tonta instantaneamente. Tudo que eu vejo são borrões. A minha respiração volta a acelerar por conta da minha ansiedade momentânea e eu começo o meu caminho para fora do banheiro, Tateando a parede. Eu consigo sair de lá sem grande dificuldade, mas, então, deparo-me com a academia. Esse lugar não está perto de ser pequeno e, levando em consideração que hoje está lotado, eu tenho grande chance de acabar tropeçando em alguém e cair no chão.

Dito e feito.

Bato em uma parede de músculos duros e enormes. Abro a minha boca e trato de me desculpar sem demora:

— Eu sinto muito — digo, Tateando o seu braço instintivamente. — Perdi as minhas lentes de contato e não consigo ver muito bem... estou tentando ir até a sala do meu pai... será que você pode me...

— Quem é o seu pai? — corta-me, lançando a sua pergunta sem demora.

Sinto que conheço essa voz de algum lugar, mas a minha memória não me ajuda e tudo que eu consigo fazer é revirar os olhos, pois quase todos que entram nesse lugar sabem que eu sou filha de Jake Cohen.

— Jake Cohen, o dono da academia — explico, soando um tanto óbvia demais. — Se puder me ajudar...

— Tudo bem — retruca, cortando-me novamente.

Impressão minha ou ele é um tanto mal-humorado? Céus, é só um favor!

Ele segura minha mão e me faz entrelaçar meu braço no seu, funcionando literalmente como o meu guia. No momento eu preciso de um e não me sinto desconfortável com isso. Errado ou não, ruim ou não, cresci dependendo das pessoas ao meu redor. Eu me apego rápido, eu me apaixono rápido. Comigo tudo

é muito rápido e talvez esse seja o defeito que eu tenha que me esforçar para corrigir. Não posso mais precisar tanto das pessoas ao meu redor, por mais que, no fundo, eu queira fazer isso. Eu ainda preciso de Max, mas quem disse que ele está aqui para me manter nos eixos? Precisar tanto de uma pessoa não é bom e a vida vem me ensinando isso e muito mais das piores formas.

— Você não é de falar muito... — o cara murmura, chamando minha atenção.

— Ultimamente eu prefiro não falar muito.

— Ultimamente? — indaga e certo desconforto me atinge por estar falando de mim com um estranho.

— É... — Resmungo, encolhendo-me um pouco para fazê-lo perceber que eu não quero falar mais que isso.

Acho que o cara percebe que eu não quero muito papo e os próximos curtos segundos nós passamos em uma caminhada devagar, apenas ouvindo o barulho dos alunos pelo local.

— Entregue. — Para de andar e eu faço o mesmo.

— Obrigada. — Puxo um sorriso de lado, fitando a porta desfocada na minha frente e tateando para achar a maçaneta. O homem segura minha mão outra vez e a coloca em cima da maçaneta. — Obrigada, novamente. — Viro-me para tentar fitá-lo com meu sorriso sem graça, mas já não tem ninguém na minha frente.

Dou de ombros e giro a maçaneta, escutando papai conversar com Elise. Ambos param de falar quando me olham e observo com dificuldade o papai se aproximar.

— Elise, você pode checar na minha bolsa se tem alguma lente de contato nela? — peço e ela assente com um resmungo. — Oi pai! — exclamo, acenando para ele, mas acabo acertando-o.

Ops... pensei que ele ainda estava longe.

— O que houve? — pergunta confuso.

— Eu perdi minhas lentes de contato...

— Desde quando usa lentes de contato? — continua, mais confuso que antes.

— Desde pequena. — Envio-lhe o mesmo sorriso sem graça que dei ao estranho que me ajudou.

— E por que eu não fiquei sabendo sobre isso? — seu tom é bravo, mas acredito que ele não está tão chateado comigo quanto tenta mostrar.



— Óculos servem? — Elise questiona, interrompendo-nos e eu suspiro.

Os óculos sempre estão comigo, mas eu não consigo acreditar que não coloquei as lentes extras na minha bolsa.

— Não achou as lentes? — pergunto e ela nega. — Serve, serve... — estendo minha mão e Elise coloca meus óculos ali.

Ajusto a armação preta, grossa e grande em meu rosto, que é pequeno demais para aquele modelo. Pisco rapidamente e finalmente a minha visão fica limpa outra vez. Papai e Elise me fitam como se eu fosse um alienígena.

— Eu não gostava muito de usar óculos na escola e preferi que ninguém soubesse sobre isso. Comecei a usar lentes assim que possível e desde então tem sido assim... sinto muito que não contei a você — explico ao papai e ele apenas acena positivamente.

O papai se aproxima de mim e beija o topo da minha cabeça, ancorando o indicador no meu queixo e me fazendo fitá-lo.

— Você fica mais bonita assim.

Sorrio em pura melancolia, sentindo um calafrio atravessar meu corpo ao trazer uma memória tão pura e bonita que chega a me sufocar.

*“Tento achar meu laptop para continuar com meus projetos secretos, mas não faço ideia de onde deixei o aparelho. Será que eu emprestei à Parisa? Será que eu deixei no escritório do papai? Será que está debaixo da minha cama? Corro até o móvel e me abaixo, derrubando os óculos quadrado que estou usando e perdendo minha visão clara por alguns segundos até colocá-lo de volta em meu rosto. Checo debaixo da minha cama e acho meu laptop ali embaixo.*

— Como você veio parar aqui? — pergunto ao puxá-lo dali, como se ele fosse me responder em algum momento.

*Escuto a porta do meu quarto abrir e Max passa pela mesma com uma sacola na mão e um sorriso no rosto. Jogo o computador na cama junto com os óculos, temendo que ele me veja dessa forma.*

— O que está acontecendo aqui? — pergunta divertido e eu sorrio, olhando apenas um borrão se aproximar de mim.

— Oi, amor... — digo, tentando andar em sua direção, mas acabo tropeçando na cama e quase indo ao chão. Max me segura, deixando a sacola em cima da minha cama e puxando algo de lá. Ele desliza a armação por meu rosto e encaixa os óculos. — Ah, Max! — reclamo em um gemido fraco e envergonhado.

— Deus... — murmura, sorrindo abertamente ao enfiar uma mecha do meu cabelo bagunçado atrás da minha orelha. — Você está quente, linda — afirma, aproximando o rosto lentamente para perto do meu.

— É bom que não esteja mentindo para mim — ameaço, cruzando meus braços na defensiva.

— Eu nunca minto para você — afirma algo que ambos sabemos.

Max nunca mente para mim.

— Desde quando você usa isso? — pergunta, esfregando as mãos por minhas costas e encostando sua testa na minha.

— Desde sempre... — Ele afasta o rosto do meu e arqueia a sobrancelha. — É que eu não gosto tanto, então uso lentes o tempo todo.

— Deveria usar mais os óculos — sugere, dando de ombros como quem não quer nada.

— Posso usar só para você — retruco, mordendo meu lábio inferior para provocá-lo, mas ele apenas ri.

— Contanto que você use... — diz, fitando minha boca e voltando a me encarar. — Quer saber? Eu gosto dessa exclusividade. Use apenas para mim. — Max desliza as mãos da minha cintura e para de cada lado da minha bunda.

— Você está sendo contaminado por seus amigos tarados, amor. Eu não gosto disso. Eu gosto de carinho...

Max sorri de lado, mas não recua.

— Às vezes é bom mudar a casca e manter a essência.

— E você vai manter a essência carinhosa? — questiono um pouco preocupada.

— Sempre — tranquiliza-me. — Você fica mais bonita assim. Muito, muito mais. — Volta ao assunto “óculos” e nós dois rimos.”

— Obrigada, pai... — sussurro, balançando minha cabeça e expulsando a memória dali.

Pego minha mochila e saio da sala do papai sem pensar duas vezes. Olho ao redor assim que bato a porta e procuro por Max na esperança de que ele apareça só para me dizer que eu estou bonita usando os óculos. Infelizmente, isso não acontece.

Caminho até um dos bancos em frente ao octógono, o mesmo que eu me sentava com Parisa para ver Trent treinar com os caras, sento-me e deixo minha mochila ao meu lado. Pego lá de dentro um livro, o meu mais novo amado do momento, e começo a ler para tentar esquecer a pior parte da minha realidade

estúpida. Aos poucos eu acalmo meus pensamento e foco no livro depois de reler o mesmo trecho por mais de trinta vezes.

Escuto uma voz familiar, a mesma do dono que me ajudou alguns minutos atrás e abaixo o livro do meu rosto para achar o meu salvador um pouco rude e desinformado. Espio o cara e, por um longo minuto tento fazer minha cabeça me dizer que a voz não sai da boca dele, pois não consigo acreditar no que vejo. É Tristan, o filho da Sra. Rivera, ou melhor, Florence. Minha cabeça pisca e sua voz invade minha mente mais ainda, lembrando o quão rude e ríspido ele foi comigo, mesmo que estivesse bêbado. Aliás, ele foi um pouco rude momentos atrás, provavelmente sabendo quem eu sou.

Por que ele me ajudou a ir até a sala do papai?

Paul se joga ao meu lado e eu volto a subir meu livro para cobrir minha visão daquele homem. Não consigo me concentrar mais uma vez nas palavras escritas por uma das minhas autoras preferidas e acabo bufando frustrada. Fecho o livro e jogo o mesmo em cima de Paul.

— Ouch, essa doeu... — ele reclama, segurando meu exemplar novo. — O que é isso? — pergunta e eu viro para encará-lo.

— O quê?

— Isso — aponta para meus óculos e eu reviro meus olhos sem medo de parecer dramática.

— Não vamos ter essa conversa, ou vamos? — indago e ele sorri, dando de ombros. — Perdi minhas lentes e o que me resta é esse integrante do Jurassic Park — aponto para a armação velha e antiquada.

— Desde quando você usa lentes? Aliás, desde quando tem problema de vista? — questiona, começando a folhear o livro. — Mmm... mil beijos de garoto... — resmunga de olho nas páginas.

— Desde muito tempo. Era para ser um segredo, mas eu prefiro passar vergonha do que quebrar um braço por conta da minha precária visão — retruco da forma mais explicativa que consigo. Torno a olhar Tristan, notando que o mesmo está me fitando de volta, mas para assim que me percebe o pegando no flagra. — Quem é aquele homem e o que ele está fazendo aqui? — Empurro Paul, apontando para Tristan com meu queixo.

— Killian? — pergunta e eu franzo o cenho, arregalando meus olhos em seguida. Oh, não! Não pode ser... ou pode? — Ele é o novo nome do Circuito até Trent voltar. Seu pai e seu cunhado estão patrocinando o cara e, pelo que conheci dele, parece ser bom.

— Trent não apostaria tanto em alguém ruim.

— Você está certa — Paul pontua enquanto observamos Tristan falar com Mike, que acena e se afasta rapidamente.

— Por que Trent não escolheu um de vocês? Tinha que ser esse aí? Ele é um completo desconhecido... — Posso estar soando mesquinha, mas a verdade é que eu estou incomodada.

— Não estamos preparados para a intensidade do Circuito, Pam — ele explica com uma risada divertida, como se eu tivesse enlouquecido completa e totalmente. — Ser um lutador daquele “lugar” não é para qualquer um, apenas tire pelo próprio Trent. Eu o conheço desde antes de ele começar no Circuito e pude acompanhar todo o progresso de suas habilidades. Ele é uma verdadeira máquina, entende? As horas, a intensidade e a frequência dos treinos é esgotante — completa.

— E esse desconhecido tem tudo isso? — pergunto, desdenhando mais que o necessário.

— Sim, sem dúvidas. Ele veio de clubes de lutas clandestinas em Atlanta e era o melhor de lá. Não conheço bem a sua história, mas ouvi Trent falar que ele teve problemas com os pais na infância e é tudo que eu sei sobre ele. Assisti alguns vídeos e o vi treinando quando fui com Mike checá-lo em Atlanta no mês passado, e posso garantir que ele tem muita qualidade e habilidade. Lutas clandestinas requerem bastante habilidade e rapidez, então estamos com o cara certo para nos representar no Circuito.

— Espero que esteja certo — resmungo.

— Eu estou certo, Pamella. Espere até vê-lo treinando — garante e eu dou de ombros.

— Tenho mais o que fazer do que ficar aqui para vê-lo treinar. — Paul ri e eu o encaro, encontrando-o com a sobrancelha arqueada. — O que foi agora?

— Por que está tão irritada com ele? Vocês nem se conhecem ainda.

— Isso é o que você diz. — Levanto-me do banco e coloco as luvas novamente em minhas mãos. — Eu vou treinar mais um pouco antes de ir para casa.

— Ei, me explica isso que você quis dizer!

Deixo Paul falando sozinho e começo meu caminho até o outro lado da academia fitando meu tênis sujo. Em determinado momento do percurso alguém se junta a mim e eu fico surpresa ao ver Tristan ao meu lado.

— De nada — resmunga, sem me fitar.

Observo sua postura de forma rápida, notando o quão seguro de si ele é.

Tão, mas tão seguro de si, que ultrapassa a linha da prepotência.

— Uh... Me desculpe? — retruco, arqueando a sobrancelha.

— Eu te ajudei a chegar até a sala do seu pai, então agora não devo nada a você, Pamella-amiga-da-minha-mãe — explica usando um tom “óbvio” que é muito irritante, assim como a sua presença.

— Algumas pessoas fazem boas ações e não esperam nada em troca. Esse é o tipo de pessoa que eu sou — corto seu papo, parando de andar e ele faz o mesmo, virando-se para mim e inclinando seu corpo enorme em minha direção.

— Eu não sou esse tipo de pessoa — afirma, mas, por alguma razão, não acredito no que ele diz. — Como eu já disse, estamos quites. — E então ele se afasta sem mais nem menos, assim como no dia anterior.

Observo Tristan voltar em passos largos para onde estava e balanço minha cabeça. Ele é louco, disso eu não tenho dúvidas. Quem diabos vem falar “de nada”, começa uma pequena discussão e sai em seguida?

*E eu pensando que teria paz por um tempo.*

Começo a treinar com a cabeça cheia de pensamentos que logo se dispersam com o tanto de socos que eu desfiro no saco de pancadas. Meu corpo fica menos tenso, esqueço metade das minhas preocupações e fico treinando solitariamente por longos minutos para tentar expulsar a minha raiva pelo mundo, pelas pessoas apaixonadas e pelo destino reservado para cada um de nós. Não, não foi o destino. Foi Deus, e Max disse isso.



Arrumo meu vestido amarelo e, como de costume, checo minha aparência antes de sair do carro. Faz algumas semanas que não eu apareço aqui, na casa dos pais de Max, e de certa forma sinto falta deles. Conheci Megan e Arthur dois meses depois que eu e ele engatamos em nosso relacionamento sério. Eles sempre foram tão agradáveis comigo que parecia irreal o relacionamento que estávamos construindo por Max. Megan é absolutamente a sogra perfeita e Arthur não fica atrás como sogro. Os dois souberam criar Max e fizeram dele um homem amoroso, calmo e gentil. Já ouvi falarem que os filhos são o reflexo dos pais e, nesse caso, eu concordo plenamente. Max era a cópia perfeita dos seus pais.

Ativo o alarme do carro e equilíbrio em um braço uma travessa pequena com a torta de limão que comprei no caminho e, no outro, deixo a minha bolsa pendurada. Assim que saí da academia, perto das quatro da tarde, recebi uma mensagem de Megan dizendo-me para aparecer hoje para jantar com eles. Não recusei. Megan e Arthur são o mais perto de Max que eu posso chegar fisicamente no momento — e eu gosto de ficar perto de Max. Faço o percurso até a entrada e aperto a campainha, enfeitando meu rosto com um sorriso agradável e esperando algum dos dois abrirem para mim, o que não demora a acontecer. Megan abre a porta e sorri de volta imediatamente, pegando a travessa do meu braço e entregando para Arthur que está logo atrás dela.

— Que bom que você veio — diz, segurando minha mão e me puxando para um abraço.

— Eu não poderia deixar de vir vê-los — retruco, afastando-me dela depois de breves segundos. — Senti falta dos dois.

Megan sorri docemente para mim, acenando com a cabeça e suspirando baixo. Ela fecha a porta e aponta para o sofá em um mudo convite para eu me sentar. Acomodo-me e Arthur reaparece, juntando-se a nós duas.

— Como vocês estão? — pergunto, observando o casal no sofá da frente.

Eles estão de mãos dadas, um o alicerce do outro, assim como deve ser.

— Bem, dentro do possível, e você? — Arthur responde antes de Megan, o que faz a mesma apenas assentir, concordando com o marido.

— Também estou bem, dentro do possível... — sussurro, sorrindo de lado.

— Você está tão mais magra, Pamella — Megan muda de assunto. — Você não está se alimentando bem, certo?

— Isso é questão de ponto de vista — brinco, tentando descontraír a situação, mas os dois não sorriem tanto quanto eu esperava. — Eu vou a restaurantes, peço comida em casa, almoço e, eventualmente, janto na casa do meu pai e da minha irmã. Estou me alimentando o melhor que consigo — observo Megan, notando que o mesmo que aconteceu comigo, está acontecendo com ela. — Você perdeu peso também — constato da forma mais descontraída que encontro.

— Sim, mas eu estou fazendo ela comer todas as refeições do dia de um tempo pra cá — Arthur diz, fitando a mulher carinhosamente. — Ela está melhorando aos poucos...

— Um dia de cada vez — dizem juntos.

Megan fita o marido de volta e sorri para ele. Observo os dois, notando tanto de Max neles que um calafrio passa por mim, igual ao que tive hoje cedo

na sala do papai, trazendo mais outra lembrança de nós dois.

*“Termino de arrumar meu coque, enquanto Max me chama impaciente para começarmos a assistir ao filme que ele separou para nossa noite de cinema a dois. Viro-me para ele, que já come marshmallows do saco de doces que trouxe para nós, e semicerro o olhar em sua direção.*

*— Você está inquieto. Apenas. Pare. — Comando e ele revira os olhos.*

*Desligo a luz e corro até sua cama, jogando-me em cima dele para fazê-lo pagar na mesma moeda por ter me apressado.*

*— Estamos em casa e você está se arrumando como se fôssemos sair — diz, tossindo copiosamente enquanto eu gargalho da sua cara.*

*— Eu gosto de ficar bonita para você, não reclama. — Pego um marshmallow e enfio em sua boca.*

*— Você é bonita até quando está feia...*

*— E quando eu estou feia? — Arqueio a sobrancelha.*

*— Nunca, porque você está sempre bonita. — Ele ri e beija minha boca rapidamente.*

*— Bom... pensei... — murmuro ainda desconfiada.*

*Deslizo para o lado livre da cama, entrelaçando minhas pernas nas de Max, enquanto ele dá play no filme e vira para me fitar. Sorrio para ele e mordo meu lábio, sentindo meu peito aquecer com a sensação de ter o homem certo ao meu lado.*

*— Estava pensando em falar com o papai sobre nossos planos, sabe? — digo, passando minha mão em seu rosto liso e agradável, livre de qualquer resquício de barba por fazer. — Parisa já mora com Trent e eu acho que ele está finalmente entendendo que nós vamos sair debaixo dos seus braços algum dia. É um bom momento para deixá-lo por dentro das coisas que planejamos...*

*— Uma coisa de cada vez, Pam — ele diz, como sempre sendo mais sensato que eu. — Sim, eu quero morar com você o mais rápido possível, mas ainda não temos tudo que precisamos para isso. Estive de olho em apartamentos, casas, e quando formos nos mudar, eu quero comprar nosso lugar, não alugar. Estamos quase lá, mas temos que esperar um pouco... — explica pacientemente para mim e eu aceno positivamente.*

*— Eu quero ajudar com o dinheiro também, mas os meus projetos não estão bons o suficiente... — sussurro.*

*— Eles estarão — encoraja-me. — E eu quero minha cópia assinada, linda. — Pisca para mim e eu sorrio com seu apoio.*

— *A primeira vai ser sua, eu prometo.*”

— Pamella? — Megan sacode meu corpo e eu levanto do mar de lembranças no qual eu estava praticamente me afogando. Ela passa os dedos em ambos lados da minha bochecha e eu suspiro, percebendo que estou chorando. — Tudo bem? — sussurra, compreendendo minha dor.

— Eu sinto tanta falta do seu filho... — seguro suas mãos, fitando-a com certo desespero. Um caroço se forma em minha garganta, fazendo-me pigarrear. — Eu não sei como estou conseguindo levar a minha vida, mas eu gostaria que tivesse ido com ele naquela noite.

— Não, Pamella. Não deseje isso — Megan pede, apertando minha mão na sua. — Deus só dá a carga que nós podemos carregar e eu posso te garantir que ele acha que isso é o suficiente não só para você, mas para meu marido e eu... para todos que amavam Max e sofreram com sua perda.

— Deus não liga para o que eu estou sentindo — rosno, sentindo minha respiração acelerar de um segundo para o outro.

— Então você não está pedindo a ajuda Dele.

Nos encaramos em meio uma batalha de sentimentos.

— Se pedir, Ele te aliviará. “O Senhor protege os simples; quando eu já estava sem forças, Ele me salv...”

— Não — eu a interrompo, incapaz de conseguir ouvi-la falar aquele trecho para mim. — Max disse isso para mim poucos minutos antes de morrer. Eu não sou mais capaz de lidar com essa lembrança.

— Se ele te disse isso antes de morrer é porque estava em paz consigo mesmo e nada poderia me alegrar mais do que saber isso essa noite — Megan sorri abertamente. — Você não precisa sofrer dessa forma. Isso está lentamente te matando, Pamella.

— Podemos jantar? — peço, mudando bruscamente de assunto para não lhe dizer o que realmente quero dizer.

“Estou morta por dentro, Megan. Nada, nem ninguém, poderá mudar isso. Estou sucumbindo em dor pura e crua”, penso.

Nós nos levantamos juntas e vamos até a sala de jantar, onde Arthur nos espera com uma Bíblia na mão. Ele ora antes de começarmos a jantar e eu sou incapaz de fechar os meus olhos em reverência. Fico ligada, olhando para o nada e pensando em nada até que o casal diz “amém”.





Aceno para Megan e Arthur, mesmo dentro do carro, e parto de volta para o meu apartamento. Minha cabeça está a mil por hora. Sinceramente, esse jantar tinha de tudo para ter sido agradável, mas depois dos conselhos e da conversa que eu tive com Megan, as coisas nublaram em minha mente e eu comecei a me fechar ainda mais. Não era esse o objetivo da noite, mas eu acabei saindo da casa do casal pensando em formas de como dar um fim na minha incessante dor.

O percurso até meu apartamento é vazio e, de sinal em sinal, eu olho para o banco do passageiro com a impressão viva de ter Max ao meu lado. Infelizmente, é só uma impressão. Quando menos espero, já estou no estacionamento subterrâneo do prédio, parando em uma das minhas vagas e suspirando aliviada por ter feito o caminho sem bater em nenhum veículo. Saio do carro, preocupando-me apenas em pegar minha bolsa, e ignoro o elevador. Empurro a porta e entro no saguão do prédio de cabeça baixa, avistando a escada e tomando a decisão de que hoje eu vou ir por ali.

Começo a subir os degraus sem pressa alguma. Não tenho nenhuma obrigação com ninguém, então realmente não preciso chegar em casa tão rápido assim.

Puxo meu celular da minha bolsa e fico mexendo no mesmo, encostando-me na parede e deslizando até o chão. Uma foto minha e de Max, de uma semana antes de ele partir, pisca na tela e me quebra em duas. Escuto passos, mas não me importo com quem está subindo ou descendo.

Por que perder alguém é tão doloroso?

Por que perder o amor da sua vida é tão devastador?

Por que Deus insiste em me fazer sentir essa dor?

— Pamella? O que está fazendo aqui? — escuto a voz de Florence e travo a tela do meu celular, respirando profundamente para tentar expulsar a vontade de chorar como uma criança. — Tudo bem? — ela se aproxima mais e senta-se ao meu lado.

Tristan passa por nós e espera sua mãe de braços cruzados, ignorando-me como se eu nem estivesse aqui.

— Está tudo bem, eu só parei um pouco para ver algo no meu celular...

— Tem certeza? — Florence questiona, genuinamente preocupada.

— Mãe, deixe-a — o tom de voz de Tristan me assusta. — Ela está sofrendo com o término de alguns dos muitos relacionamentos dela. Coisas de garotas mimadas, você sabe...

Aperto o celular na minha mão com força e, sem pensar duas vezes, arremesso o mesmo na direção daquele pedaço insensível de homem. O celular se espatifa na parede logo ao lado da sua cabeça e ele me fita incrédulo, como se eu tivesse enlouquecido. A verdade é que eu estou louca já faz muito tempo, então não me importo com o que ele pensa ou deixa de pensar sobre mim.

— Se eu estou sofrendo ou não, isso não é da sua conta, mas, veja bem: não me trate como se eu fosse uma das putas que dão para você em um simples estalar de dedos. Tristan, você não me conhece.

— Você está louca? — diz, entre dentes.

— Eu realmente espero que você vá se foder — retruco, virando para Florence e desculpando-me apenas com ela. — Sinto muito por ter feito isso na sua frente, mas o seu filho é um imbecil desprovido de qualquer tipo de sentimento que ultrapasse a linha da bondade ou compaixão. Eu vou subir, nós nos vemos por aí, tudo bem?

Florence acena, um pouco assustada, mas sorrimos uma para a outra em um mudo adeus. Fico de pé e não dou a satisfação para Tristan de olhá-lo nem mais uma vez. Subo os degraus pisando duro, sentindo meu corpo tremer de raiva por conta do preconceito do idiota que eu deixei para trás. Se ele soubesse metade a meu respeito, não falaria tanta besteira descabida, mas sua opinião é inútil para mim. Fiquei irritada apenas com seu preconceito intragável.

Sinto muito, querido celular.

Papai, Trent, Elise e Parisa ficarão loucos tentando falar comigo nas próximas horas, mas eventualmente descobrirão o que aconteceu com meu finado aparelho. Tudo o que eu preciso nesse momento é de um bom banho e uma boa noite de sono, o que provavelmente não vai acontecer, mas eu não morrerei se tentar.

# CAPÍTULO 3

DIGITANDO...

PAMELLA COHEN

*Eu sei que você tem uma parede erguida em torno do seu coração.*  
— JUSTIN BIEBER, "FALL"

Cruzo as minhas pernas, pegando o meu livro mais uma vez e abrindo-o onde parei. Subo meu olhar até o ringue e observo Tristan treinar com os caras que, aos poucos, começam a se divertir com o novo dono do pedaço. Isso, até meu cunhado voltar, o que infelizmente poderá demorar mais dois anos, eu diria. Meus dedos coçam, enquanto palavras cruzam minha mente só ao assistir aquela cena. Muitos não sabem, porque eu prefiro deixar isso guardado a sete chaves,

mas eu já me aventurei e me aventurei no mundo literário. Por muito tempo isso ficou adormecido em mim, já que eu acabava indo fazer muitas compras com a minha mãe, mas, no final do dia, eu sempre tinha muito a contar e Oliver nem sempre estava com paciência para me ouvir. Tenho dezenas de diários cheios de anotações que eu fazia dia após dia, seja para contar o que eu comprei, seja para contar se eu fui bem nas provas ou se eu matei uma aula.

Depois de algum tempo, mais precisamente ao completar dezesseis anos, comecei a me aventurar ainda mais no mundo das letras. Não parece, mas eu sempre gostei de ler, e romances são meus favoritos. Sendo a garota apaixonada de sempre, pulei de namoro em namoro e acabei escrevendo algo sobre os garotos com quem eu ficava. Mais algum tempo depois, acabei transformando minhas histórias e adaptando-as para se tornarem fanfictions. Ah, sim, eu fui esse tipo de garota até meados dos meus dezoito anos. A verdade é que eu sempre tenho algo a falar, eu sou uma tagarela nata, então, quando eu não falo, escrevo, e isso dá na mesma para mim.

Agora, eu acredito que amadureci depois de todo esse tempo de treinamento. É claro que nem sempre as coisas saem como eu planejo, então eu acabo dando um tempo para arejar a cabeça. Meu laptop é cheio de arquivos, histórias não terminadas e projetos futuros. Eu nunca paro de escrever. Faz alguns anos que eu comecei a adicionar conteúdo adulto aos meus livros, já que esses passaram a ser os meus favoritos assim que os descobri. Eu já li cada coisa que classificaria como loucura, se não fosse excitante. Como diria o Sr. Grey: *“meus gostos são singulares, os humanos não entenderiam”*. Tudo bem, eu adaptei um pouco essa frase e tenho certeza que soa como um romance sobrenatural, mas ouvi dizer que a autora escreveu esse livro inicialmente como uma *fanfiction* de *Twilight*, então acredito que bati na trave.

Consigo lembrar de quando Max entrou no meu quarto e eu estava lendo mais um desses livros, enquanto usava apenas uma camisola de seda. Ele enlouqueceu, em um bom sentido. Max costumava dizer que me dividiria com os meus crushs literários apenas se eles me ensinassem mais coisas para apimentar nossa relação. “Novos movimentos, novas posições”, foi isso que ele disse e eu retruquei com “meus crushs literários são intensos demais, amor. Eu gosto de você carinhoso”.

Sorrio pensativa, mordendo meu lábio inferior ao perceber que Tristan agora me encara de volta. Ele está com uma interrogação no meio da testa, enquanto eu sinto minhas bochechas esquentarem pelo que eu fiz. Certamente estive sorrindo pelos últimos dois minutos encarando-o enquanto lembrava de Max. Espero que ele não esteja achando que eu estou apaixonada ou algo desse

tipo, porque isso não está nem perto de acontecer. Na verdade, isso está longe demais. É impossível. Tristan desvia o olhar do meu e nós dois encaramos a mesma pessoa: a loira do dia em que ele chegou bêbado no apartamento da Sra. Rivera. Minha nuca queima e eu inspiro o perfume barato dela assim que a mesma passa na minha frente, rebolando como se tivesse algum problema sério e descontrolado de quadril.

Pego minha mochila e puxo de lá o meu laptop, abrindo-o enquanto continuo encarando a cena que se passa na minha frente. Se eu não ficar rica escrevendo sobre esses dois, eu certamente não sei se terei chance na minha invisível e inexistente carreira literária. Abro um arquivo novo, deixando meu exemplar ao meu lado e adicionando um título ao texto.

**<sup>1</sup>RING-BITCH-GIRL &**

**<sup>2</sup>DICK-LONG-HAIRED-HEAD**

**Um romance escrito por Pam Cohen**

*É começo da tarde e Hols mal acredita que finalmente é o dia em que ela vai reencontrar seu amor, o lutador famoso, Killian Dick-Head Rivera. Depois de dois longos dias a loira de peitos avantajados por inúmeras cirurgias de silicone, e bunda reta como uma tábua, está feliz que é quinta-feira: dia de dar.*

*Ela se move de forma semelhante a um carro desgovernado, mas, nesse caso, apenas seu quadril é desgovernado. Seu amor, Dick-Head, acompanha atentamente os movimentos sutis do quadril de sua amada e no final de tudo, ele parece com um mini-Einstein de brinquedo, como aqueles do filme “Uma Noite No Museu”.*

*O Universo não sabe dizer o que é mais bonito nesse casal, assim como nenhum ser vivente seria capaz de dizer algumas das muitas coisas boas que eles passam um para o outro apenas em seus olhares intensos.*

Paro de escrever, engolindo o riso que ameaça escapar da minha boca ao ver a loira peituda mostrar sua calcinha para Deus e o mundo enquanto sobe no ringue. Eu sou adepta ao lema de que a mulher pode fazer o que quiser com seu corpo, usar a roupa que quiser, mas há algo chamado bom-senso e essa mulher não sabe o que é isso. Eu uso roupas curtas, mas não me atrevo a mostrar minha calcinha ou meu sutiã. Isso é algo íntimo, isso é outro nível, completamente, algo que ela deve desconhecer. Ser sexy é uma coisa, ser vulgar é outra totalmente diferente.

— Kill! — a loira exclama, pendurando-se no pescoço de Tristan, que têm os lábios assaltados em um beijo um tanto forçado por parte de sua parceira.

Afasto o meu olhar da cena, fitando Mike que cutuca Paul e aponta para a

calcinha fio-dental da tal Hols. Seu nome deve ser Holly, provavelmente, então eu vou chamá-la assim, mesmo que apenas em minha cabeça.

— O que você está fazendo aqui? — escuto Tristan perguntar e eu volto a fitá-los. Suas mãos estão na cintura da mulher, que começa a esfregar uma das pernas no meio das pernas dele. Constrangedor tanto para Tristan, quanto para quem está assistindo. — Holly — ele a repreende.

— Você era menos certinho em Atlanta, Killian, eu estou cansada de ter que lidar com esse novo você — Holly retruca, impaciente. — Quer ir hoje lá em casa? — pergunta, mudando de assunto em um piscar de olhos.

— *Para...?*

Posso apostar que ela deve ter rolado os olhos nesse momento.

— Para você sabe o quê... eu sinto sua falta, amor. — Sua voz vai adquirindo um tom meloso e manhoso, afinando e ficando extremamente nasalada, o que acaba causando grande irritação nos meus ouvidos.

— É uma pena que eu não sinto sua falta, Hols. — Tristan coloca uma mecha atrás da orelha dela e eu tenho que levar minha mão ao queixo, caso contrário ele despencaria até chegar ao chão. — Quando eu tiver tempo, eu te ligo. Se isso não acontecer é por que obviamente eu tenho companhia melhor.

Meu. Deus.

Holly demora cinco segundos para assimilar o que ele diz, muito mais do que eu demoraria, então ela acerta Tristan com um tapa certo em sua bochecha esquerda. Eu tento não rir, mas é impossível. Estou surpresa por tudo que acabou de acontecer na minha frente e acabo me sentindo um pouco mal pelo fora que ele deu nela. Tristan poderia ter sido um pouco menos rude, só que essa parece ser sua natureza e estado de espírito. Ele é uma pessoa rude e não há para onde ir nesse aspecto.

— Você. É. Um. Imbecil! — ela grita, dando as costas para ele e descendo do ringue completamente enfurecida.

Holly passa por mim e, de repente, volta. Ela semicerra os olhos em minha direção, como se estivesse querendo se lembrar de algo. Coloco meu laptop ao meu lado sem desviar nossos olhares.

— Eu já vi você em algum lugar... — sussurra, com os olhos finalmente brilhando em reconhecimento. — Você é a vadiazinha que...

— Sai daqui, Holly — Tristan comanda de longe no momento em que eu fico de pé.

— Você me chamou de quê? — faço-me de desentendida, tentando não

perder a compostura.

— Você está tendo um caso com essa put...

— Ei, senhora — meu pai interrompe Holly, colocando-se entre nós duas. — Eu não sei a quem você acha que está se referindo, mas se for a minha filha, é melhor que saia daqui. Ninguém desrespeita nenhuma das minhas filhas dentro desse lugar — espio a feição dela, que já parece bem pior do que antes. — A entrada está logo ali, você já pode se retirar educadamente da minha academia.

— O meu namorado...

— O seu namorado está autorizado a ficar aqui, uma vez que ele é um atleta que eu patrocino, mas se ele tiver algum problema com a sua saída é só ele se juntar a você — meu pai vira para Tristan e cruza os braços. — Algum problema, Killian?

— Ela não é minha namorada — Tristan afirma, parecendo transtornado por passar por isso.

— É melhor sair daqui — meu pai se dirige a Holly mais uma vez.

Ela solta um grito e sai em passos largos, enquanto o salto bate irritantemente no piso do local. Solto um suspiro, aliviada por meu pai ter entrado no princípio de discussão que eu estava tendo com Holly.

— Você está bem? — papai pergunta, finalmente virando-se para mim.

Sorrio de lado, sacudindo a cabeça positivamente.

— Obrigada por isso — digo, dando-lhe um abraço rápido e voltando a me sentar.

— Vamos falar mais tarde sobre isso, Killian — meu pai finaliza apontando para a sua sala e entra na mesma.

Pego meu laptop outra vez e levanto o olhar até o ringue. Encontro os caras cochichando e Tristan me encarando como se não tivesse nada melhor para fazer, ainda mais quando ele está com uma carranca azeda no rosto. Forço um sorriso para ele e reviro os olhos, irritada com seu exame visual. Puxo meu pacote de *Cheetos* de dentro da minha mochila e abro, aproveitando que já comecei a escrever para continuar um dos meus trabalhos secretos. Eu sei que por minha aparência e por meu “antigo modo de viver” e encarar a vida, ninguém nunca imaginaria que eu tenho essa paixão tanto por leitura, quanto por escrita. Mas, a verdade é que criar personagens é tão fascinante que não consigo imaginar meu mundo sem fazer isso. Essa foi a única coisa que não mudou em mim quando perdi Max.

Encho a minha boca com *Cheetos* e abro o arquivo, estalando os meus

dedos e esticando o meu pescoço.

## CAPÍTULO XVII

*Observo o sorriso de Cody sumir do rosto enquanto ele fita o braço de Phillip circundando minha cintura. Eu sei o quão irritado ele deve estar, mas eu não posso fazer nada nesse momento, uma vez que os olhares dos meus pais estão grudados em nós.*

*Phillip aperta minha cintura e eu vejo Cody engolir em seco. Ele vira-se de costas e agora é minha vez de observar que seus ombros sobem e descem de forma quase descontrolada. Tenho vontade de correr até ele e abraçá-lo, encostando meu rosto em suas costas largas. Sinto-me culpada por ter insistido tanto para ele dar uma chance para nós dois, sendo que agora nos encontramos dessa forma: obrigados a manter tudo no escuro dos bastidores.*

*— Por que não para de olhar para ele, Jessie? — Phillip pergunta, chamando minha atenção.*

*— Não é nada. Eu só o achei familiar, não sei explicar — sussurro de volta e logo percebo que o convenci.*

Paro de digitar, pensando em como vou finalizar esse livro. Minha mente encontra-se completamente travada. Ao mesmo tempo que sou amante de romances que terminam com final feliz, sei que nem tudo são contos de fadas por experiência própria. Cody e Jessie merecem tudo de bom, mas antes eu preciso analisar com calma todas as minhas opções e finais alternativos para não cometer nenhum erro.



**D**eixo minha roupa suja na lavanderia para buscá-la mais tarde e sigo em direção à casa do papai. Eu sei que ele não me intimaria para o jantar dessa noite se não fosse realmente importante, então eu nem mesmo me dei ao trabalho de inventar uma desculpa para recusar seu “convite” quando fui avisar-lhe que estava indo para casa. Não sei se o que ele tem para falar tem a ver com a tensão entre Elise e ele, mas vou deixar que se expliquem. Antes de sair de casa tive um momento ao telefone com Parisa e ela disse que também está indo ao jantar com Trent e as crianças, então deve ser algo relevante para todos nós.



Depois do meu desentendimento com Tristan na escada, comprei um celular novo com meu dinheiro reserva, caso contrário, papai estaria comprando um e eu teria que explicar tudo que aconteceu para eu ter jogado o aparelho na parede. Batuco os dedos no volante do meu carro sport vermelho e diminuo a velocidade para parar no sinal vermelho. Viro o rosto para o lado e encontro Tristan ali. Ele está concentrado no nada atrás do volante de um carro preto e visivelmente luxuoso. É um pouco assustador ver que esses lutadores realmente são bem remunerados pelo trabalho deles, mas como citei, esse é o trabalho deles, então nada mais justo que ganhem o que lhes é cabível.

Apreendi com Max, enquanto ele tentava me explicar que a rivalidade entre Shark e Trent estava passando dos limites aceitáveis, que o que acontece no octógono nunca deve ser levado para o lado pessoal. Ali dentro não é um lugar para bater por diversão e insensibilidade, muito pelo contrário, no octógono os lutadores têm que demonstrar habilidade e técnica para finalizar um combate. O ruim de tudo isso é que o Circuito vem se corrompendo por conta da grande visibilidade. Os lutadores estão entrando para oferecer um banho de sangue, com sua índole completamente pervertida, o que resulta em lutas covardes. Eu não consigo me imaginar estando no lugar da minha irmã e é por isso que esse mundo está fora do meu perfil.

Mal percebo que Tristan agora me fita de volta, enquanto muitas buzinas soam atrás de nós dois. Acordo com aquele som e acelero, sentindo minhas bochechas um tanto avermelhadas mesmo sem nem as ver. Por todo caminho sinto-me vigiada pelo motivo de que Tristan simplesmente não para de dirigir atrás de mim. Minha respiração está acelerada e meu coração bate forte em meu peito, indicando meu nervosismo. Mas, mais do que odiar apenas me sentir nervosa, eu odeio me sentir nervosa por pessoas que não deveriam ter qualquer efeito sobre mim.

“Tristan é só mais um idiota, Pamella. Um idiota hostil e rude, então é só seguir sua vida e ignorá-lo”, minha consciência sussurra na minha cabeça e eu assinto, mas nego em seguida.

— Como vou seguir minha vida se ele está me seguindo?

Essa pergunta que faço a mim mesma me faz perceber que talvez eu esteja enlouquecendo um pouquinho.

Estaciono meu carro atrás do carro de Trent e isso me deixa saber que todos já chegaram. Vejo pelo retrovisor que Tristan estacionou logo atrás de mim e começo a me perguntar se o papai o chamou para o jantar, mas a verdade é que Tristan não tem motivo nenhum para estar aqui.

— O que você está fazendo aqui? — questiono assim que saio e ativo o alarme do meu carro.

Tristan não me escuta, ou finge que não o faz, já que não para e nem me encara.

— Eu estou falando com você! — exclamo, jogando-me na frente dele depois de uma breve corrida em cima do meu salto vermelho. Recupero o fôlego, intrigada pelo fato dele estar indo em direção a casa do papai. Quero dizer, meu pai não o chamou, ou chamou? Tristan é só seu atleta, não seu melhor amigo. — O que você está fazendo aqui? — repito.

— O que te faz achar que eu tenho que falar para você o que eu faço ou deixo de fazer? — Seu tom irritadiço é como um tapa na cara para eu parar de falar com ele, mas isso é muito mais forte do que eu.

— Sinceramente, você é a pessoa mais rude que eu conheço. Nem meu cunhado é assim — digo, dando-lhe as costas e fazendo meu caminho até a porta.

— Eu não gosto de ser comparado com ninguém, garota — ele retruca logo atrás de mim.

— Garotas são as putas que você pega, eu sou uma mulher — jogo de volta e a porta é aberta pelo papai, o que acaba colocando um ponto final instantaneamente em nossa discussão. — Boa noite, pai. — Sorrio para ele e o abraço rapidamente.

— Boa noite, filha. — Beija o topo da minha cabeça e eu passo por ele, entrando em sua casa.

Eu não sei qual é a ocasião e, para ser sincera, teria me arrumado da mesma forma se soubesse que é algo mais simples. Estou usando um vestido preto com mangas longas e que cobre meus ombros de maneira que não deixa aparecer a estúpida cicatriz que adquiri quando fui baleada. Diferente de Parisa, que fez a cirurgia para diminuir a cicatriz que ficaria em seu rosto, comigo foi diferente. Eu já tinha perdido muito sangue antes de chegar ao hospital e fazer uma cirurgia a mais do que a necessária para retirar a bala do meu ombro, seria me colocar em maus lençóis. Toda noite me vejo tocando a cicatriz que tenho, e toda noite sou assombrada pelo mesmo pesadelo.

É um ciclo interminável.

— Oh, família! Boa noite! — Sorrio abertamente para minha irmã, Trent, Serena e Bryan. Os quatro ocupam o maior sofá sem dificuldade. — Olhem esse par de jarros maravilhosos... — brinco, aproximando-me de Serena e Bryan.

Os dois estão vestindo uma camiseta preta com o nome Furor na frente e

calça de moletom cinza. A única diferença entre eles é o penteado e o calçado, mas, ainda assim, eu conseguiria distingui-los.

— Eles deram tanto trabalho para deixar Trent arrumá-los — Parisa diz, sorrindo para mim.

— Mas eles estão muito lindos — retruco sincera. — Trent fez um bom trabalho. — Pisco para o meu cunhado, que pisca de volta para mim.

Pego Bryan no colo e me sento na poltrona do papai. Minha atenção é levada até meu pai e Tristan, uma vez que ambos já estão cochichando dentro de casa. Papai o cumprimenta rapidamente depois de falar algo e se retira, provavelmente atrás de Elise. De soslaio, percebo Parisa dando uma cotovelada nada discreta em Trent, que faz uma careta para ela.

— Ei, Killian, senta aí cara — Trent finalmente se pronuncia.

Tristan o encara e acena positivamente, seguindo para o sofá indicado pelo meu cunhado. Bryan começa a se mexer inquieto no meu colo, forçando-me a colocá-lo no chão.

— O que foi, babe? Não gosta mais de mim? — indago, tentando segurá-lo. — Tudo bem, tudo bem. Se não quer ficar comigo, pode voltar até seus pais. — Solto Bryan e ele se equilibra com facilidade.

Seu andar é devagar e eu tenho certeza que Trent e Parisa andaram treinando com ele e Serena, o que deve ter sido bastante engraçado. Bryan anda segurando na mesa de centro e vai, surpreendentemente, até Tristan.

— Não acredito nisso, Bryan — resmungo, cruzando os braços e afundando na poltrona.

— O que eu faço? — Tristan pergunta encarando Bryan e Trent, alternando o olhar de um para o outro.

— Você o pega. — Trent franze o cenho, como se fosse algo óbvio.

Para o meu cunhado isso é obviamente óbvio, mas para Tristan...

Seguro o riso ao vê-lo pegar Bryan do chão, completamente desengonçado com a situação na qual foi colocado. Bryan estende os braços e tenta agarrar a barba de Tristan, que recua assustado.

— Acho que Bryan está pensando que você é a versão aumentada do ursinho de pelúcia que eu dei para ele — digo, atraindo o olhar de Tristan para mim e fazendo Parisa e Trent rirem. — Deixa ele puxar sua barba, lutador, é carinho de criança.

— É capaz dele arrancar a minha barba, sem ofensas — Tristan fala encarando Bryan e o pequeno lhe dá um sorriso. — Ele está... E-Ele está...

Levanto do meu lugar e vou até os dois, pegando Bryan antes que Tristan surte.

— Pronto, problema resolvido. — Balanço Bryan no meu colo e o levo de volta para Trent. Os olhos de Bryan enchem-se de lágrimas e ele está prestes a chorar. — Ele não é tão legal assim, babe. Fique tranquilo, você não perdeu muita coisa — digo a Bryan, que provavelmente não entendeu nada do que eu disse.

Sento-me novamente na poltrona do papai e no próximo minuto eu recebo um olhar questionador de Parisa, que me deixa intrigada até a campainha tocar e me fazer levantar.

Afinal, quem mais o papai chamou?

Abro a porta e dou de cara com Mike, Lucas e Paul. É claro que eles viriam. Se papai chamou esse cara que é quase um desconhecido, é claro que ele chamaria os caras. Nada mais justo.

— Eu juro que toda vez que eu te vejo você está mais bonita. Sempre. — Mike diz, sorrindo galanteador.

Dou espaço para eles entrarem e cada um deposita um beijo na minha bochecha ao passar por mim.

— Você não usava essa frase com Parisa? — pergunto, fechando a porta e arqueando a sobrancelha para Mike.

— Só depois que ela mostrou sua parte gostosa para mim. Com você é diferente, boneca. Você sempre foi gostosa — atira sem mais delongas. — Temos que levar em consideração que eu ainda não quero perder a cabeça ao comentar sobre Parisa — Mike olha Trent, que acena positivamente. — Então eu estou de volta para você.

Sorrio de lado, balançando minha cabeça negativamente.

— Uma pena que eu não quero um relacionamento e nem ficar com qualquer homem, ou seja, não tente nem mesmo a sua sorte — termino de falar no momento em que o papai entra na sala com Elise.

— Isso doeu, Pamella — Mike reclama, jogando-se no sofá bem ao lado de Tristan.

Vou até o sofá onde está Parisa, Trent e as crianças, e puxo Serena, sentando-me no lugar dela.

— O que foi aquilo com Killian? — Parisa pergunta no pé do meu ouvido, sentando Serena no colo dela.

— Essa é uma história muito longa — resmungo de volta, fitando Tristan

rapidamente. Se sua expressão era ruim, agora ela está pior ainda.

— Eu preciso me preocupar em chutar a bunda dele para você? — pergunta e eu a encaro, sorrindo para ela.

— Eu consigo dar conta dele, mas já sei quem chamar quando precisar — retruco.

— Ele está te incomodando? — Parisa franze o cenho, preocupada.

— Eu te conto depois e, não, ele não está me incomodando... eu acho.

Encaro Parisa e ela assente com um pouco de relutância, o que me faz sorrir imediatamente para deixá-la saber que eu estou bem.

— Bom, eu e Elise chamamos vocês todos até aqui porque temos algo especial para falar — papai começa a falar, atraindo todos os olhares para ele e sua parceira.

— Vocês vão casar? — Lucas pergunta e papai sorri.

— Bom, também... — responde e eu arregalo os olhos.

— Você está brincando? — pergunto, soando um pouco histérica como a antiga Pamella, mas é que eu não estou conseguindo me controlar.

— Não — Elise sorri para mim e eu arregalo os olhos.

— Mas não é apenas isso — papai nos interrompe.

— E ainda tem mais? — Arregalo os olhos e todos, exceto Tristan, gargalham.

— Eu estou grávida — Elise joga, exibindo um sorriso contido e eu agora estou uma bagunça.

Meu pai vai casar novamente e eu vou ter um irmão ou irmãzinha!

— Eu acho que... eu acho que eu vou...

— Desmaiar? — mais uma vez todos perguntam e eu sinto minhas bochechas esquentarem, enquanto eles gargalham de mim mais uma vez.

— Oh, meu Deus! Eu não acredito... essa notícia é maravilhosa! — Levanto-me e sou a primeira a ir até eles e me jogar em um abraço. — Fico muito feliz por você, pai. — Beijo sua bochecha e ele sorri de ponta a ponta. — E por você também, boadrasta. — Encho Elise de beijos e ela ri com o papai.

— Não fazia ideia de que esse velho ainda marcava gol — Mike provoca e lhe dou espaço para cumprimentar o papai e Elise.

Volto ao meu lugar e fico com as crianças, enquanto Parisa e Trent fazem o mesmo que todos. Estou embasbacada com a situação e, claro, muito feliz pelo meu pai. Eu sei que ele demorou bastante tempo para se deixar viver um amor

outra vez e não poderia estar mais feliz tanto por ele, quanto por Elise, pelos dois terem conseguido levar o relacionamento deles para frente. Mordo o meu lábio inferior, sentindo-me levemente mal por estar apenas vendo a felicidade dos que eu amo com a certeza de que **eu** não irei ser feliz outra vez. Talvez eu esteja invejando tanto meu pai quanto minha irmã, mas é inevitável não o fazer. Meu corpo treme com um vento frio que joga meu cabelo para o lado. Viro meu rosto, notando que as janelas estão fechadas e suspiro baixo. Sempre que isso acontece eu acredito que é Max. Soa estranho, mas é o que eu acredito e o que eu continuarei acreditando.

— Alguém está com fome? Elise fez fritas com costeletas. — Papai termina com todos os cumprimentos e provoca os monstros que vivem dentro dos caras. — Eu quero falar com você no meu escritório — direciona-se a Tristan, que assente prontamente.

Trent se aproxima e pega Bryan e Serena no colo.

— Você não vem? — Trent pergunta e eu me levanto.

— Pode ir na frente e faça Parisa não comer todas as fritas — peço, seguindo papai e Tristan com meu olhar. — Vai, Trent — digo e ele me fita desconfiado, mas segue para a cozinha.

Estou sozinha na sala, dividida entre ir para a sala de jantar e seguir até o escritório do papai. Ando de um lado para o outro, um pouco nervosa, mas me decido segundos depois. Sigo para fora da sala de estar e entro no corredor andando com calma por causa do barulho do meu salto alto. Chego à porta do escritório do papai e percebo que a mesma está aberta por uma pequena e fina fresta. Papai aponta para Tristan se sentar, mas o outro não obedece, o que é muito do seu feitio.

— Pensei que conversaríamos na academia e não aqui... — Tristan joga sugestivamente. — Aquilo lá na sala foi um momento íntimo ao qual eu não estou certo se deveria ter participado.

Sim, você está certo, Tristan.

— Não parece, mas se eu o chamei é porque sua presença é importante. Conheço pessoas como você, pois são extremamente parecidas com um garoto que conheci anos atrás, o Furor.

— Do que você está falando? — Tristan soa tão confuso quanto eu soaria.

— Por que aquela mulher estava insinuando coisas sobre você e a minha filha?

Engulo a seco.

— Holly é só uma puta qualquer falando besteira, Jake — Tristan explica

de sua forma bastante particular.

— Não quero que tente...

— Ei, eu não vou tentar nada com a sua filha, se é isso que está pensando. Ela não é meu tipo e eu não sou do tipo que tenho relacionamentos sérios com mulheres. — Abro a boca incrédula.

— Ela passou por muita coisa no ano passado e eu não quero vê-la cair outra vez. Pamella está em um momento da vida dela q...

— Pare, pai — exijo, abrindo a porta e entrando no escritório borbulhando de raiva. — Eu imploro, não comece com o mesmo que fez com Parisa. Não, eu não tenho nenhum interesse nesse... nesse estranho, mas... apenas... — Respiro fundo. — Não acredito que você não aprendeu nada com tudo que passamos com a minha irmã. — Semicerro os olhos em sua direção.

— Você estava ouvindo atrás da porta? — Ele devolve o meu gesto.

— Sim, e não me arrependo — afirmo. — Se puder me fazer o favor, não saia por aí falando da minha vida pessoal com outras pessoas. É a minha vida e **eu** estou lidando com isso.

— Eu não...

— Aliás, não foi um pedido, mas uma ordem. — Engulo o bolo que se forma em minha garganta com um pouco de dificuldade e pigarreio em seguida. — Eu vou para casa.

— Filha, não precisa... me desculpa, eu só...

— Tudo bem, pai. Amanhã eu falo com você. — Dou uma olhada em Tristan rapidamente e deixo o escritório.

Agradeço por todos estarem na sala de jantar, sendo assim eu consigo sair da casa do papai sem dificuldade. Desligo o alarme do meu carro e abro a porta do mesmo, entrando e ligando-o para partir sem mais delongas. Acerto o volante com força, socando-o repetidas vezes. Meus dedos doem, mas eu não paro. Eu só quero que a dor em qualquer parte do meu corpo seja maior do que a que eu sinto dentro do meu peito.

Eu mal consigo acreditar que o pai-super-protetor-Jake estava atacando outra vez. Ele chamou Tristan, o idiota desconhecido e substituto de Trent, para falar sobre mim e dizer — basicamente — para ele manter o pau dentro das calças. Que se foda o pau de Tristan. Eu não estou interessada nele, ele não faz meu tipo e eu nunca me envolveria com aquele tipo de homem. Eu respeito meu cunhado por seu trabalho, mas ser mulher de lutador é algo intenso demais para a forma como quero levar minha vida. Eu não tenho capacidade mental para aguentar isso e muito menos para lidar com as fãs enlouquecidas e

desrespeitosas.

Paro de socar o volante, ignorando a dor em meus dedos finos e ligo o rádio, deixando que qualquer música toque aleatoriamente, o que é um grande erro meu. *Six Degrees Of Separation* começa a tocar e meu pensamento vai direto até Max. Encosto o carro na rua residencial pela qual estou passando e pego meu celular, clicando freneticamente no mesmo até abrir a galeria de fotos recheada pelas imagens que passei do meu laptop para meu novo celular na noite passada. Minhas fotos e de Max presenteiam meu olhar e massacram meu coração como uma lembrança viva em minha mente e meu corpo. Um arrepio me assalta e ao ver o sorriso de Max com o meu em uma das melhores fotos que já tiramos.

Eu odeio a minha vida.

Eu odeio estar passando por isso.

Eu odeio não ser forte o suficiente para seguir em frente.

Eu odeio saber que nunca terei o meu Max de volta e muito menos terei alguém como ele novamente ao meu lado.

Sinto as minhas bochechas queimarem e algumas picadas em meu nariz, sendo isso um anúncio do meu futuro choro. Meu lábio treme e eu deixo o celular cair da minha mão, levando a mesma até meu rosto. Os nós dos meus dedos ardem e sangue escorre deles, mas nada disso é suficiente para sufocar a dor que eu sinto dentro de mim.

Puxo a chave do carro, deixando a janela um pouco aberta, e abraço o volante como se fosse a mais confortável almofada. Não quero voltar para casa. Não quero ir para o apartamento e me deparar com a vida vazia que eu levo.

Hoje eu vou dormir dentro do meu carro e ponto final.



**<sup>1</sup>RING-BITCH-GIRL:**

Garota do Ringue vadia

**<sup>2</sup>DICK-LONG-HAIRED-HEAD:**

Idiota de cabelo longo

# CAPÍTULO 4

## ESCURIDÃO PERVERSA

PAMELLA COHEN

*Não posso fazer isso sozinho, não posso fazer isso sozinho. Eu estou pronto para cair, estou cansado de tudo, bem no fundo de um buraco, não posso fazer isso sozinho.*

— OH WONDER, "WHITE BLOOD"

Escuto batidas fortes do vidro do meu carro, enquanto chamam freneticamente por mim. Tento abrir os olhos, mas estou presa. Sinto-me presa. Minha mente boicota a minha tentativa de voltar a realidade e eu acabo enrolando-me numa teia dolorosa e que me faz afundar o mais fundo possível nesse pesadelo de dor e desespero.

*“Minhas pernas pesam e minha cabeça cai em um nocaute irreversível.*

*Abro meus olhos bem devagar, acordando num campo vasto e muito verde, cheio de flores e cuidado de forma quase que especial. Eu posso sentir a calma que o local exala e que vem infiltrando-se em minha veia. Um toque em meu braço me faz virar o rosto para o lado e encontrar Max deitado ali, encarando-me sem nenhuma expressão. Sorrio de forma imediata para ele, entrelaçando nossos dedos, mas não consigo sentir o calor de sua pele cercando a minha. Não sinto nada, como se ele nem mesmo estivesse ali.*

*— Babe... — sussurro e ele some de repente. Subo meu olhar e o encontro de pé à minha frente. — Max, por favor, não vá novamente — imploro, levantando em um pulo e agarrando suas mãos. — Volta... V-Volta para mim.*

*Ele balança a cabeça negativamente.*

*— Por favor. — Deixo-me desabar em sua frente, ajoelhando para implorar para que ele volte.*

*— Siga. — De leve eu sinto o seu afago na ponta do meu queixo, mas isso dura um milésimo de segundo, o mesmo tanto de tempo que ele leva para sumir outra vez.*

*Um caminho se abre em meio ao campo e eu levanto-me e sigo como Max me pediu. Minha garganta está tumultuada com um turbilhão de sentimentos que me dão vontade de chorar e partir ao meio. Durante o caminho, o campo vai perdendo toda sua cor e as flores morrem. Está tudo preto e branco, exceto uma parte. Chego a um lago de cor azul muito viva e logo à minha frente há uma ponte velha e sem muita qualidade. Essa ponte me leva até a outra parte do campo, onde as árvores são robustas e cheias de frutos, as flores têm um perfume hipnotizante e a grama é mais bonita do que a que está desse lado.*

*Lá tem vida, diferente daqui.*

*— Você precisa ir para o outro lado. — O som profundo da voz de Max me chama a atenção, mas eu não o vejo em local algum, o que me deixa desesperada. — Siga, Pamella.*

*— Não, Max. Onde você está? Eu só vou para o outro lado se você vier comigo...*

*— Eu não posso mais, Pamella. Preciso que apenas você siga — diz, sem emoção.*

*Olho para o campo morto atrás de mim, tentando achar o Max.*

*— Não há ninguém do outro lado, amor. Por favor, venha comigo, eu não quero ficar sozinha — peço.*

*— Olhe de novo — Max sentencia.*

*Viro de volta e fito um rosto conhecido: Tristan. Ele está do outro lado da ponte e me encara sem mover nenhum dos seus músculos grandes e bem trabalhados.*

*— Max — sussurro.*

*— Vá, Pamella. Ele está te esperando. — Indica copiosamente e minha cabeça começa a girar.*

*Meus pés afundam e de repente eu me encontro afundando em uma areia escura, quase como uma lama. Acho que a palavra certa seria areia movediça. A voz de Max me enlouquece e eu grito pedindo para ele parar, mas ele nunca o faz.*

*— Eu não vou seguir sem você!*

*Essa é a última coisa que grito antes de cair no esquecimento.”*

Não tenho controle das minhas mãos ao despertar. As minhas unhas que costumo manter aparadas para não me ferir em momentos como esse, afundam no couro do volante e eu começo a socá-lo assim como fiz horas atrás. Meus olhos queimam com as lágrimas acumuladas ali e meu coração dispara como se eu tivesse corrido em uma maratona. Não consigo conter o instinto agressivo que se espalha em minhas veias. O nome de Max sai por minha boca sem que eu perceba e, quando abro meus olhos, encontro meu carro cercado por minha família, amigos e Tristan.

Os socos que eu desfiro no volante cessam gradativamente ao sentir uma onda de vergonha assaltar meu corpo violentamente. Estou assustada com esse pesadelo. Ter tido a discussão com meu pai, envolvendo Tristan em tudo, acabou me deixando assim. Meu coração está disparado de forma quase insana e eu luto para recuperar minha respiração ofegante, intrigada com o que acabei de passar e com as palavras do meu Max. Ele nunca falou depois de tudo que aconteceu, e agora me vem com essa.

Viro-me para a janela e percebo que está tudo escuro. Parisa se aproxima e bate no vidro duas vezes, indicando para que eu o abaixe. As minhas mãos trêmulas estão sujas de sangue seco e, agora, de sangue fresco. Ninguém mais vai acreditar que eu estou bem depois de terem visto esse meu momento. Eu não preciso de mais essa carga sobre meus ombros, mas a culpa é minha por isso estar acontecendo.

Ligo o carro e abaixo a janela, abrindo a porta e descendo assim que tenho algum espaço.

— O papai ficou preocupado com sua saída abrupta do jantar e acabamos decidindo vir te procurar, já que batemos em seu apartamento e não tivemos

resposta alguma... — Parisa diz em tom explicativo e eu assinto roboticamente.

— Sinto muito... — sussurro, sentindo as lágrimas tomarem conta mais uma vez dos meus olhos. — Sinto muito por ter feito vocês verem isso. Sinto muito por não conseguir lidar com a minha dor da forma certa. Sinto muito por tê-lo matado...

— Não — Parisa me interrompe entre dentes, puxando-me pelos ombros e me abraçando com força. — Já conversamos sobre isso e você não matou o Max, Pamella — sussurra apenas para mim. — Por favor, é insuportável vê-la se culpar pela morte dele. Você **não** o matou — completa.

“Sim, eu o fiz”, repito isso mentalmente.

— Quero ir para casa — peço, afastando-me de Parisa lentamente e fitando todos ali.

— Você vai para casa comigo e com Trent — Parisa diz e eu começo a negar com a cabeça. — Não aceito um não como resposta, então é só você mover sua bunda bonita até nosso carro e assunto encerrado.

— Eu não preciso de babás.

— Mas precisa de carinho, Pam. Vamos, sem mais discussões. Não vou conseguir dormir se você estiver sozinha essa noite. — Encaro a minha irmã e sei que ela está falando a verdade, o que me faz ceder sem mais relutância. — Agradeça a todos por terem nos ajudado e se despeça do papai, ele estava enlouquecendo durante o jantar — Parisa sussurra mais uma vez e eu concordo.

Abro a porta do carro e puxo minha bolsa de lá, ouvindo Parisa dizer para eu deixar o veículo ligado porque Jaz vai levá-lo para sua casa. Tento limpar um pouco das minhas mãos doloridas na barra do meu vestido e isso acaba deixando meus ferimentos à mostra. Estou envergonhada de mim mesma. O papai vai querer me pedir para voltar para sua casa e eu vou magoá-lo dizendo que não quero. É preciso, mas eu não posso deixar que ele passe por isso e fique triste por minha culpa. Fecho a porta do carro, endireito meu corpo e, mesmo sabendo que eu estou uma bagunça, vou engolir minha vergonha e agradecer meus amigos por terem vindo.

Todos estão lado a lado em um silêncio quase fúnebre. Agora o único barulho é o do meu salto, que faz um ruído irritante ao se juntar com o vento frio da madrugada. De cabeça baixa para em frente de cada um deles e sussurro:

— Obrigada por ter vindo.

Vejo a bota escura de Tristan depois de passar por Lucas e repito minha frase tema da noite. Paro em frente ao meu pai e finalmente levanto o rosto para fitá-lo. Seus olhos estão perdidos ao me encarar. Ele segura as minhas mãos e

leva as duas até sua boca, beijando ambas levemente. Meu coração aperta por estar fazendo ele me ver dessa forma, mas eu não tenho para onde correr nesse momento.

Todos me viram assim: quebrada.

— Você não precisa fingir que está tudo bem para mim — ele murmura, mas eu sei que Elise e Tristan podem escutá-lo pelo simples fato de eles estarem do seu lado.

— Não estou, eu promet...

— Não. Minta.

Puxo minhas mãos, finalmente sentindo aquela dor ser momentaneamente mais intensa do que o rasgo dentro de mim. Dou-lhes as costas e caminho em passos largos até Parisa. Não vou e não quero falar com meu pai sobre isso em frente todas essas pessoas.

— Vamos para casa — peço à minha irmã e ela acena positivamente, abraçando-me pelos ombros e me guiando até o carro de Trent.

Vamos os três até o *Range Rover* preto e Jaz sai de lá, obedecendo ao simples aceno de Trent e indo até o meu carro vermelho.

— Onde estão as crianças? — pergunto e Parisa abre a porta traseira para mim.

Acho Serena e Bryan ali, cada um em sua cadeira, dormindo juntos. Sorrio comovida com aquela cena.

— Eles também vieram buscar a tia — Parisa brinca e eu suspiro, deixando meu sorriso morrer aos poucos. — Entra — pede.

Entro no carro com sua ajuda e ela bate a porta. Observo ela trocar algumas palavras com Trent, que apenas assente para o que ela tanto diz, e logo os dois entram e nós partimos para longe daquele bairro. Minha cabeça tomba para o lado, enquanto eu tento focar no nada, mas a dor em minhas mãos é pulsante.



O caminho até a casa de Parisa e Trent é feito por nós em completo silêncio. Trent estaciona seu carro e eu trato logo de sair do mesmo, aproximando-me de

Parisa, que estende a mão para mim e eu aceito. Subimos a escada da entrada e adentramos no lugar, seguindo até o andar de cima, enquanto escutamos Trent lidar com os filhos. Eu não queria estar tomando a atenção de Parisa dessa forma, mas eu me sinto bem por perceber que para ela não é um sacrifício me ajudar. Quando minha irmã esteve em uma situação ruim, eu a ajudei sem pensar duas vezes. Somos irmãos e o que vale é isso. Eu a amo incondicionalmente e Parisa sem dúvida nenhuma é uma das razões pelas quais eu ainda levanto todo dia da minha cama.

Entramos em um dos quartos de hóspede e vamos até o banheiro da suíte, onde ali dentro ela liga a luz e se vira para me encarar.

— Eu vou pegar uma roupa mais confortável para você e ficarei do lado de fora te esperando, tudo bem? — avisa e eu aceno positivamente. — As toalhas estão nas gavetas debaixo da pia, juntamente com escovas de dentes e o que mais você precisar — indica por fim.

Parisa sai do banheiro e fecha a porta, dando-me toda privacidade que preciso. Aproximo-me da pia ampla de mármore e levanto meu rosto gradativamente, fitando a Pamella refletida naquele grande pedaço de espelho. Se eu me reconhecesse, eu diria, mas eu não consigo ver nada de mim nesse cadáver pálido, doente, triste e machucado. O tanto excessivo de maquiagem que passei para me apresentar como saudável no jantar escorreu e manchou toda a minha pele, deixando minhas olheiras à mostra para quem quiser ver. Os ossos das minhas bochechas parecem cada vez mais fundos e todo meu aspecto saudável desceu pelo ralo depois da minha crise inconsciente. Encaro-me no fundo dos meus olhos e ao passar longos segundos de olhos ligados em mim mesma, percebo que apenas uma palavra pode me definir nesse momento: deplorável.

Tiro minha roupa sem pressa, embarrando minhas mãos no tecido do meu vestido e gemendo com a dor que aquele simples toque produz em minha pele. Caminho até o chuveiro e abro a torneira, sentindo os jatos gelados de água atingirem meu corpo e me aliviarem instantaneamente. Com cuidado, muito cuidado, começo a limpar as minhas mãos com uma esponja macia que acho ali perto. Nas minhas duas mãos, ao todo, sete nós abriram em feridas que precisam de pomada e curativos o mais rápido possível.

Derramo um pouco de sabonete líquido na esponja e começo a esfregá-la no meu corpo. Sinto-me suja, muito suja, há algo dentro de mim que me diz isso, porém, o motivo é desconhecido. Esfrego meu pescoço, meus braços, minhas pernas, minha barriga e, por fim, esfrego a minha irritante cicatriz. Deixo a esponja de lado e pego o sabonete, esfregando-o por todo o caminho que fiz

anteriormente e finalizando assim o meu banho.

Deixo a água escorrer por meu corpo e pego um roupão e uma toalha de dentro de uma das gavetas debaixo da pia. Visto o roupão e começo a secar meu cabelo, olhando uma caixa de lenços umedecidos e puxando-a para eu terminar de tirar a maquiagem do meu rosto. Termino de secar meu cabelo e começo a limpar meu rosto, desconstruindo-me por completa essa noite.

Os segundos se passam e eu não demoro a escutar duas batidas da porta do banheiro.

— Estou te esperando aqui fora — minha irmã chama minha atenção e eu volto a acordar.

Mesmo que minha aparência não esteja nada melhor que antes, internamente eu me sinto bem. Pego minha roupa do chão e atiro as peças dentro de um cesto para roupa suja. Abro a porta do banheiro e saio, desligando a luz e virando-me para Parisa.

— Melhor? — pergunta, levantando-se da beirada da cama e se aproximando de mim.

Observo uma bandeja colocada na mesa de cabeceira com uma tigela cheia de frutas e leite. Há uma camisa grande, provavelmente do papai, em cima da cama e uma calcinha branca de algodão.

— Me sinto melhor... — sussurro e Parisa sorri em resposta.

— Você vai se vestir e comer um pouco para depois me deixar cuidar das suas mãos, entendido? — Aceno positivamente.

— Se puder cuidar delas logo agora, eu agradeceria. Ambas estão ardendo e latejando insuportavelmente — reclamo, esperando que ela atenda meu pedido.

— Eu vou pegar o kit de primeiros socorros e você vai se vestindo — informa, dando-me as costas e fazendo seu caminho para fora do quarto.

Faço o que Parisa comandou e, depois que enxugo o meu corpo, começo a vestir-me e termino no momento em que ela volta com uma caixa vermelha de plástico em suas mãos. Penduro o roupão no cabide ali perto e me junto à minha irmã, que já me espera sentada na cama. Não falamos nada, eu somente estendo minhas mãos em sua direção e ela começa a cuidar de mim como se eu fosse quebrar a qualquer momento.

“Não há mais o que quebrar”, penso.

— Eu vou dormir aqui com você — Parisa murmura, passando uma atadura em minha mão esquerda depois de limpar os ferimentos e passar pomada.

— Mas e Trent? Não quero causar problem...



— Você não vai e nem está causando problemas para nós, Pam — Parisa me corta em repreensão. — Trent sabe que você precisa de mim, então ele concordou em dormir com as crianças na nossa cama. É só por uma madrugada, isso não vai me matar e nem matar a ele...

— Tudo bem.

Parisa finaliza a proteção em minha mão e sorri para mim, levantando-se e pegando a tigela de frutas que está em cima da bandeja. Ela entrega em minhas mãos e eu, por mais que não tenha comido quase nada hoje, estou sem apetite nenhum.

— Come, enquanto eu penteio seu cabelo.

Seguro o garfo em minha mão e viro o rosto para fitá-la.

— Pentear meu cabelo? — indago incredulamente.

— Sim, pentear, sabe? Pegar um pente para tirar os nós e depois pentear para ele secar — Parisa explica clinicamente, fazendo-me rir da expressão que ela lança em minha direção assim que tem um pente em mãos. — Eu e Trent, seis meses depois que Bryan e Serena nasceram, compramos bonecas para aprender a pentear cabelo... — Ela faz uma careta, sacudindo a cabeça. — Não foi a melhor ideia que já tivemos, mas devo admitir que nós aprendemos direitinho.

— Tem certeza?

— Eu tenho, mas você vai ter agora — enuncia e eu balanço minha cabeça, feliz por minha irmã estar sendo tão agradável comigo.

Começo a comer, empurrando para dentro pedaço por pedaço das frutas cortadas em pequenos cubos. Se ela está se esforçando para me fazer sentir melhor, eu também vou fazer um esforço para me sentir melhor mesmo que apenas por uma noite. Parisa fica ajoelhada atrás de mim e começa a pentear meu cabelo, compartilhando um silêncio acolhedor comigo. Meu cabelo cresceu bastante e, como eu não estou ligando muito para isso, a raiz preta já bate quase em meu ombro, deixando os fios com um aspecto estranho por conta das mechas claras na parte de baixo. Eu ainda não tinha me tocado, mas pareço uma louca, com toda certeza.

— Você quer ir ao salão comigo? — pergunto a Parisa.

— Claro — concorda imediatamente.

— Amanhã? — continuo.

— Sim... você quer fazer algo em especial lá? — pergunta e eu dou de ombros, enchendo minha boca de kiwi.

— Quero voltar à tonalidade original do meu cabelo, assim como a sua.

Cansei das mechas — digo, depois de mastigar e engolir as frutas.

— Vamos ficar idênticas — Parisa diz e eu aceno positivamente.

— Nossos olhos ainda são diferentes... e meu cabelo está mais longo.

— Na verdade, seu cabelo está muito longo. Não corte, apenas apare as pontas. Eu sinto um pouco de falta do comprimento longo do meu...

— Só vou aparar, não se preocupe.

Paramos de falar e Parisa termina de pentear meu cabelo, desce da cama e guarda o pente dentro de uma gaveta da mesa de cabeceira. Eu continuo comendo até que meu estômago reclama pelo tanto de fruta ingerida, fazendo-me para imediatamente. Acho que meu corpo está se acostumando com a pouca comida que eu como. Isso parece doença, mas não é como se eu fosse a pessoa mais saudável da Terra.

Levanto-me e deixo a tigela em cima da bandeja, pegando o copo de leite e tomando três goles bem grandes da bebida. Parisa liga o ar-condicionado e desliga a luz, correndo e jogando-se na cama que vamos dividir. Deixo o copo de lado e caio na cama, entrando debaixo das cobertas quentes e me aconchegando no colchão macio.

— Chega mais perto, eu não mordo — Parisa diz e eu solto uma risada, aproximando-me mais dela e abraçando-a sem nem mesmo pedir sua permissão.

— Obrigada por ficar comigo aqui... — sussurro, sentindo um nó começar a apertar minha garganta. — As minhas noites têm sido difíceis e eu tenho muitos pesadelos.

Parisa concorda em um resmungo, afagando meu cabelo levemente.

— Sabe... — retruca no mesmo tom. — Trent costumava ter muitos pesadelos — confessa e eu subo meu rosto para fitá-la na penumbra do quarto. — Era difícil de lidar com ele inconscientemente submerso na dor dilacerante que ele sentia por dentro. Seus demônios eram terríveis e Trent estava sempre assombrado com pouco sono e muitos dilemas em sua cabeça. Eu tentava melhorar as coisas para ele, mas sei que muitas das vezes eu piorei muito a situação na qual ele se encontrava internamente. — Concordo com a cabeça, incentivando-a a falar mais. — Olhando para trás, eu sei que fiz muita coisa que poderia ter evitado e fui uma pessoa inconsequente quando tudo que Trent pensava era apenas na minha segurança. Arrependo-me amargamente de algumas decisões minhas, porque sei que, no final, tudo o que aconteceu foi construído lentamente por conta de pequenos erros. — Nós suspiramos juntas. — Ser mãe é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, Pam, pois, de alguma forma, isso está me fazendo ver que a vida é muito frágil e que nós devemos

valorizá-la ao máximo. Eu não entendia a proteção do papai e muito menos do Trent, mas depois que peguei Serena e Bryan em meus braços, eu entendi o maior significado da palavra proteção e amor incondicional. Eles são a minha pequena família. Eu faria qualquer coisa por eles, por Trent, por você, pelo papai e pela mamãe.

— Eu pensei que fosse besteira toda essa coisa de “depois que se vira pai, você começa a ver a vida de outra forma”, mas eu sinto em você que essa premissa é verdadeira — digo, observando o sorriso de Parisa crescer e seus olhos brilharem intensamente. — Fico feliz que a cada dia que passa você muda para melhor.

— Eu também estou feliz por mim, e quero ficar feliz por você. Não consigo vê-la sofrer e continuar de braços cruzados, Pamella. Você é minha irmã, minha melhor amiga. Faz-me sofrer e faz todos sofrerem ao te ver tão... destruída.

— Eu sinto muito. — Abaixo a minha cabeça, escondendo-me para não encarar a temida realidade.

— Max odiaria te ver assim — sussurra.

— Eu sei.

— Então lute por você e por ele contra essa dor, Pam. Eu sei que você conseguirá sair dessa, só precisa de um pouco mais de esforço.

— Estou tentando — minto.

A última vez que tentei aconteceu meses atrás, quando ainda morava com o papai. De uns tempos pra cá a aceitação da minha miséria tem sido tudo que eu consigo fazer. É inútil tentar salvar aquele que não quer ajuda, e eu não quero nenhuma ajuda.

— Acredito em você, mas espero que se esforce — Parisa diz, mas eu sinto que ela sabe que eu estou mentindo. — Antes de sairmos para te procurar, ainda no jantar, papai e Elise conversaram comigo e Trent sobre o casamento. Espero muito que nos ajude nessa, afinal eu não estou nem um pouco por dentro desse tipo de coisa e o seu bom gosto sempre foi bem melhor que o meu.

— Espera — digo, sentando na cama e me virando para fitá-la. — Você e Trent vão se casar no mesmo dia que o papai e a Elise?

— É o que estamos planejando...

— Casamentos dão muito trabalho... imagina organizar dois casamentos em um só? — Parisa franze o cenho e faz uma careta. — Mas eu vou ajudar vocês, não se preocupem.

— Ainda bem. — Respira aliviada.

— Para quando está marcado e por que eu não fiquei sabendo disso antes?

— Eu não queria te dar trabalho, mas percebi que não conseguiria fazer isso sozinha... e está marcado para daqui quatro meses, pois Trent ainda quer treinar Serena e Bryan para eles entrarem com nossa aliança.

— Oh, meu Deus, que fofo! — exclamo, imaginando a cena dos gêmeos entrando arrumadinhos para levar as alianças aos pais. — E, oh, meu Deus, Parisa! Isso é pouquíssimo tempo! Você enlouqueceu? — reclamo.

Dois casamentos em um em apenas quatro meses? Eu estou frita. Nós estamos fritas.

— Devo recrutar a mamãe para mais ajuda? — Ela sorri de lado, despreocupada.

— Eu não sei o que fazer com você. — Bufo, caindo de costas e fitando o teto.

— Vamos deixar para discutir sobre isso amanhã, então você pode escutar as exigências de Trent e querer pirar comigo...

Parisa me abraça e beija o topo da minha cabeça.

— Espera... que tipo de exigência? — pergunto, desconfiada de tudo que vem de Trent.

— Você vai descobrir. — Ri e me manda dormir logo em seguida.

Ocupo minha cabeça tentando adivinhar quais as exigências de Trent, mas logo adormeço nos braços da minha irmã. Eu estava sentindo falta dela. Nós duas nunca tivemos momentos como esses, mas fico feliz pelo hoje e o agora.



Acordo com pequenas mãos em meu rosto e beijos demasiadamente molhados em minhas bochechas. Sinto algo gelado encostar em minha pele e abro os olhos, dando de cara com Bryan e Serena. A mamadeira do menino tem suco e está apoiada diretamente em minha testa, o que me dá vontade de rir porque ele não sabe ao certo o que está fazendo com sua tia.

— Isso que é um bom dia — murmuro, bocejando e levando uma mão até

minha boca. — Como vocês estão? — pergunto, como se eles fossem em algum momento me responder.

Puxo as duas bolinhas brancas e beijo seus rostos, fazendo-os soltar a gargalhada mais gostosa que escutei em toda minha vida.

— Eles são os melhores em acordar qualquer um — Parisa diz ao entrar no quarto com uma bandeja e Trent em seu encalço. — Eu não quis te acordar tão cedo, então boa-quase-tarde.

Arqueio a sobancelha e me arrasto com as crianças até nos sentarmos contra o dossel da cama. Parisa coloca a bandeja no final da cama e Trent toma seu lugar atrás dela, abraçando-a pela cintura. Minha barriga ronca e eu me inclino, puxando a bandeja para perto de mim.

— Dormiu bem? — Trent questiona e eu levanto o polegar para cima. — Má sorte a sua que a mulher é minha — provoca e eu reviro meus olhos, pegando dois morangos e entregando-os para Serena que está tentando pegar minha comida.

— Não seja egoísta, Trent Wayne — peço e tudo que ele faz é se curvar mais ainda ao redor da minha irmã como quem diz “ela é minha”.

Eu começo a fazer meu desjejum e Parisa sai com Trent e as crianças, avisando-me que vão dar banho neles e arrumá-los para sairmos daqui a pouco. Olho ao redor do quarto e lembro-me que acabei deixando minha bolsa em algum lugar no carro de Trent e meu celular ficou caído no meu carro.

Começo a tirar as ataduras das minhas mãos e observo-as avermelhadas ao extremo. A dor está suportável, mas o visual é horrível. Quando pensei que eu chegaria nesse estado de espírito? Absolutamente nunca. Acho o controle da televisão e ligo o aparelho, escolhendo não ficar em silêncio.

Aconchego-me entre os travesseiros e continuo comendo e assistindo televisão. Um programa interessante de culinária está sendo exibido, fazendo-me querer tentar cozinhar assim que sair desse quarto. É interessante como algumas pessoas têm esse dom para a cozinha. Infelizmente eu não nasci com aptidão para as panelas e eu realmente acho isso uma pena.

Em algum momento, depois de muitos minutos, começo a rir da bagunça que uma das cozinheiras faz na cozinha e Parisa entra no quarto com peças de roupas na mão em uma pilha pequena.

— Pensei que te encontraria banhada. — Sorri, deixando as roupas em cima da cama e fitando a televisão. — Programa de culinária, Pam? Sério? — pergunta e eu gargalho.

— Esse é muito, muito bom! — Aponto para a televisão, incentivando-a a

assistir comigo.

— Eu assisto e você vai se banhar. Trouxe jeans e camiseta para você. Aliás, já marquei no salão uma hora para nós e ela está começando em... — Parisa liga a tela do celular que está em sua mão e me encara. — Meia hora.

— Meia hora? — exclamo, levantando-me em um pulo. — Eu não consigo me arrumar em meia hora, Parisa!

— Na verdade você tem que banhar e se vestir, então há tempo de sobra... Oh, é melhor começar logo, porque está faltando vinte nove minutos. — Sorri cinicamente, assim como Trent fez minutos atrás e nesse momento eu percebo a razão pela qual esses dois se merecem: eles são iguais.

— Eu odeio você! — exclamo, correndo para o banheiro com sua risada ecoando por todo quarto.

Não me incomodo em fechar a porta do banheiro, apenas arranco a roupa do meu corpo e me jogo debaixo do chuveiro. Lavo minhas mãos com bastante cuidado e vou esfregando o sabonete por todo meu corpo.

Não sei quantos minutos passam, mas espero que não muitos. Desligo o chuveiro e peço pra Parisa trazer o roupão para mim, enquanto pego uma escova de dentes e tiro a mesma da embalagem. Depois de lavar e colocar creme dental na escova, começo a escovar meus dentes, enquanto observo as olheiras profundas em meu rosto.

— Merda, você... eu posso ver seus ossos... — mal percebo quando Parisa entra no banheiro e me lança um olhar inquisitório pelo espelho.

— Estou me alimentando bem — digo com dificuldade, mas aceno para ela esperar, enquanto pego o roupão e me visto. Termino de escovar os dentes e deixo a escova de lado. — Eu estou me alimentando bem, é o meu corpo que não está... absorvendo, eu diria, e eu acabo perdendo novamente por causa do treino. — Parte disso é verdade, parte disso é mentira.

— Você está mentindo para mim? — pergunta desconfiada e eu balanço negativamente. — Pega leve nos treinos e come mais, Pamella. Não quero contar nada disso ao papai, muito menos a nossa mãe. Você sabe que ela viria de Seattle em dois pulos para ficar com você.

— Não faça isso. Eu vou pegar leve nos treinos, prometo... — peço, praticamente implorando, e ela concorda contragosto.

— Vamos, você precisa se vestir. Eu vou pegar minha carteira e esperarei por você lá embaixo com Trent e as crianças.

Saímos do banheiro e entramos no quarto, do qual Parisa sai e bate a porta. Enxugo meu corpo e começo a me vestir, percebendo que a minha aparência não

vai ser possível de ser escondida hoje. Logo que termino de me vestir, pego o kit de primeiros-socorros que Parisa deixou ontem no quarto e passo a mesma pomada que ela aplicou, protegendo minhas mãos com as ataduras para ninguém ver os ferimentos e ficar falando por aí. Fecho o kit e saio do quarto, calçando a sandália de casa que Parisa deixou encostadas perto da parede.

Jeans, camisetas e sandália de casa. A Pamella do passado nunca sairia dessa forma, mas a melhor parte disso é que ela não está mais tão viva dentro de mim. Pelo menos nesse exato momento, eu não ligo para o que vão falar de mim e da minha aparência. Eu até arriscaria colocar os meus óculos e tirar a lente, mas eu o deixei em casa, então isso não vai rolar.

“Viva”, um sussurro que vem do nada passa por mim no momento em que eu coloco o pé no primeiro degrau da escada.

Viver com tantas lembranças enraizadas em meu corpo é difícil. Primeiramente vou mudar fisicamente para tentar viver outra vez, assim como Max me pediu antes de morrer e como ele sempre quer me mostrar nos sonhos misturados com pesadelos. Não quero outro relacionamento tão cedo, por mais que eu tenha algo dentro de mim que a mamãe chama de “caçadora de proteção”, e isso é verdade. Sempre gostei da sensação de ser protegida e de ter alguém olhando por mim, algo que Max se certificava de fazer todos os dias, não somente comigo, mas até com a minha irmã.

Ele era o meu par perfeito e algo diferente dele não é o que eu procuro. Se eu pudesse escolher, eu escolheria trazê-lo de volta, mas isso é impossível.

# CAPÍTULO 5

UM DIA E TANTO...

PAMELLA COHEN

*Como posso viver sem aqueles que eu amo? O tempo ainda vira as páginas do livro queimado. Lugar e Tempo sempre em minha mente. Tenho tanto para dizer, mas você está tão distante.*  
— AVENGED SEVENFOLD, "SO FAR AWAY"

Parisa, Trent, as crianças e eu chegamos ao salão há pelo menos meia hora. Trent está sentado no chão em frente a um dos espelhos com Serena e Bryan ao seu redor, brincando com ambos e deixando eles fazerem a bagunça que quiserem com as coisas que estão dentro da bolsa que Parisa preparou. Há brinquedos para todos os lados. Ninguém os interrompe e, na verdade, quase todas as mulheres do local estão com sorrisos derretidos em seus rostos ao ver um homem enorme



como meu cunhado com dois bebês bagunceiros. Minha irmã finge que não está vendo as mulheres olharem para Trent com cobiça, o que me faz achar muita graça, porque se fosse um ano atrás, ela já estaria tomando satisfação com todas elas e nós estaríamos sendo expulsas do local. Eu tenho a breve impressão de que em quatro paredes as coisas não serão muito calmas para o meu cunhado, então eu secretamente desejo que aproveite muito bem esse tempo de paz com os seus filhos.

— Como tem sido com as crianças? — pergunto, virando o rosto para fitar Parisa. — Faz algum tempo desde que conversamos sobre isso...

Parisa tira os olhos deles e me encara, sorrindo animada. Se tem uma coisa que ela gosta de falar, é das crianças e de Trent. Felizmente eu amo escutar minha irmã falar sobre o seu amor por sua linda família.

Bom, uma de nós duas precisa ser feliz, certo?

— Cada dia estão mais elétricos — admite. — Trent coloca os dois no andador logo cedo e fica pela casa, incitando-os a ir atrás dele. É a coisa mais linda, eu juro. — Sorri e eu faço o mesmo. — Depois ele tira os dois do andador e fica no meio da sala de estar, ajudando-os a tomar mais equilíbrio e andar. Todo dia é a mesma coisa. Já fiz um monte de vídeo e não me surpreendo se tiver um filme deles até o dia do nosso casamento.

— Eu quero ver esses vídeos. — Faço um bico, mas, em seguida, solto outra risada.

Parisa e eu passamos metade do tempo conversando, na outra metade do tempo ela reclamou da demora que levou para tirar o produto usado para fortalecer os seus fios. Eu já estou acostumada com isso, então tudo que fiz foi irritá-la mais que o necessário sobre o seu cabelo. Passei por muitos processos até chegar ao meu resultado final, e quando já estava nele, Parisa já tinha terminado o dela há pelo menos uma hora.

Meu cabelo finalmente está em sua coloração natural. Usando a cor do cabelo de Parisa como base, o cabeleireiro que estava cuidando de mim achou a tonalidade certa para me deixar novinha em folha outra vez. Eu poderia ter feito as minhas mechas californianas, mas escolhi por dar um tempo desse visual. É bom deixar essa velha Pamella para trás, ainda mais pelo fato de que olhar-me de cabelo claro no espelho é sempre mais uma dor. Max amava o meu cabelo claro, mesmo que ele soubesse que era pintado. Eu não aguento mais viver nessa prisão mental.

— Finalmente! — Parisa exclama, aproximando-se com Trent e as crianças.

Os dois olham confusos de Parisa para mim. Nós duas começamos a rir

quando Bryan estende os braços na minha direção com um sorriso lindo no rosto.

— Vocês estão idênticas, merda — Trent diz, coçando sua nuca.

— Você acha mesmo? — Parisa questiona.

— Quem não as conhece certamente confundiria. Só colocar uma lente azul. — Trent aponta para mim. — E usar umas camisas horrorosas...

— Você gostou de mim com as blusas horrorosas, não é mesmo, Trent Elliot Wayne? — Parisa semicerra os olhos para ele e nós rimos.

— Claro, baby. Só eu posso ver a beleza debaixo delas.

— Oh-oh, vocês vão me fazer vomitar. De verdade — alerta, fazendo uma careta para eles.

Parisa e Trent começam a rir e seus filhos repetem a ação.

Eles são lindos.

— Vamos, eu quero que me deixem na academia. Tenho que me distrair com alguma coisa e vocês têm que alimentar esses bebês.

— Então vamos. Eu arrumo as bandagens na sua mão antes de você sair, mas espero que não treine. Esses ferimentos ainda estão frescos e certamente abrirão.

— Escute a voz da sabedoria — Trent diz e eu reviro os olhos.

— Eu vou apenas ler, não se preocupem.

Saímos do salão depois de Trent pagar pelo serviço e logo estávamos no carro, os três cantarolando alguma coisa enquanto Serena e Bryan brincavam entre si em suas cadeirinhas lado-a-lado.



**Ob**servo Tristan treinar no ringue aberto com os caras. Levanto o livro para o meu rosto, a fim de não ser pega, então o inclino para o lado e continuo o observando. Tenho plena consciência de que não deveria estar fazendo isso, mas eu não consigo controlar o meu impulso de tentar encontrar algum defeito absurdo nele, algo que eu possa usar caso ele venha me tirar do sério. Por dois minutos eu fico nessa posição, o meu braço começa a ficar dormente e eu

desisto. Ele não tem nenhum defeito absurdo, além de sua forma rude, tanto interna quanto externa. Jogo o meu livro para o lado e enfio as luvas em minhas mãos, que ainda estão protegidas com bandagens para esconder as feridas que consegui na noite passada. Papai disse para eu não treinar, Parisa também me aconselhou a não forçar nada, mas eu apenas estou inquieta e isso é ruim.

— Ei, Pam — Mike me chama do ringue.

Tristan continua treinando com Lucas e Paul.

— Algum problema? — questiono.

— Vem aqui... — pede, sorrindo diabolicamente.

Reviro meus olhos, terminando de ajustar as luvas em minhas mãos. Tomo meu caminho até o ringue, subindo em cima do mesmo pela escadinha ali do lado. Mike vem ao meu encontro, colocando as mãos em meus ombros e me sacudindo.

— Pronta para tirar a preguiça da sua bunda? — pergunta.

Seguro a vontade de socá-lo e apenas franzo o cenho.

— Me desculpe, Mike?

— Isso mesmo que você escutou — retruca, sorrindo abertamente.

— O que você está aprontando?

— Seu pai pediu para eu te dar algumas aulas, eu e os caras... bom, acho que ele tem medo de algo acontecer com você do mesmo jeito que aconteceu com Parisa. — Ele sacode os ombros.

— Você está falando sério? — Mike assente. — O papai não fez isso...

— Não o culpe, ele está preocupado com você. Apenas pense, vai ser divertido treinar comigo e com os caras. — Me sacode novamente. Dessa vez eu não deixo passar a vontade de acertá-lo, então soco as suas mãos para longe de mim. — Agressiva, Pamella? Esse é o meu tipo favorito.

Reviro os meus olhos, observando ao nosso redor e constatando que Lucas e Paul agora nos encaram, assim como Tristan, que está com uma garrafa de água nas mãos.

— Acéfalo, Mike? Esse é o tipo mais repulsivo.

Mike ri com Paul e Lucas.

— Eu vou treinar sozinha — completo, mas Mike me puxa pela cintura e me coloca no meio do ringue. — Mas que merd...

— A boca, Pamella — Tristan, surpreendentemente, interrompe-me.

— Me desculpe, Killian? — O fito incredulamente.

— Desculpada — retruca, parecendo divertindo, mas ele sabe muito bem que eu não quis dizer isso.

Imbecil.

— Será que vocês podem me deixar em paz? — pergunto, profundamente irritada com cada um deles, principalmente Paul, que é o mais próximo de mim e tudo que ele faz é rir da minha cara.

Os três fazem um círculo ao meu redor e, em seguida, é um quadrado imaginário, uma vez que Tristan se junta aos três idiotas mosqueteiros.

— Vamos começar ou você quer se alongar um pouco antes disso? — Lucas pergunta cinicamente.

— Eu vou alongar meu punho na cara de vocês? — cuspo.

— Assim como acertou o volante na noite passada? — Paul pergunta e isso empurra meus botões.

Ele sabe que eu não quero falar sobre isso e faz de propósito.

Avanço em sua direção, desferindo golpes por todo lado que consigo alcançar. Escuto os caras explodirem em risadas atrás de nós, mas eu não ligo para nada, apenas em acertar Paul por querer me provocar. Em um instante ele está na minha frente e no outro ele escapa, pulando para fora do octógono habilidosamente e me deixando bufando como um touro.

— Deus, mulher, você está louca? — Lucas pergunta atrás de mim, dando um “soquinho” no meu ombro.

É o suficiente mais uma vez.

Viro de vez, conectando um golpe certo em seu queixo. Lucas não para de rir, mesmo cambaleando. Qual o problema deles em querer me tirar do sério? Lucas é amparado por Mike, que o empurra para minha direção. Chuto as pernas de Lucas, acertando mais um soco nele, agora em seu maxilar. Recuperando-se do meu ataque, Lucas pula do ringue e toma um lugar ao lado de Paul, ambos sorrindo como suas pestes para mim.

— Agora é a minha vez, bebê? — Mike aparece na minha frente, empurrando meu corpo para trás e fazendo-me bater algo sólido.

O calor do corpo de Tristan queima em minhas costas. Sinto sua pele banhada de suor deslizar na minha no instante em que ele se move, fazendo-me dar um passo para frente para me afastar o mais rápido possível dele. Eu estou no meio de um sanduíche humano. Tristan se aproxima ainda mais e Mike faz o mesmo. Parece que eu sou recheio do estúpido sanduíche. Uma pena que os pãezinhos são idiotas. Mike e Tristan são dois grandes idiotas.

Seguro o riso, mas isso não ocorre com muito sucesso no final.

— Está rindo, Pamella? — Mike faz cara de desentendido.

— Vocês dois... estão muito perto... — continuo rindo, nervosamente.

— Então livre-se de nós dois — Tristan resmunga sobre minha cabeça.

Deixo meu cotovelo escapar “acidentalmente”, acertando-o em suas costelas. Não escuto um chiado de sua parte. Ele está achando que é quem, afinal?

— Parece que alguém aqui está nervosa... — Mike chama minha atenção.

— Você está nervosa, Mikayle? — pergunto, fazendo-me de desentendida.

— Você não me chamou de Mikayle, chamou?

— É a sua versão feminina. Todos os homens têm uma versão feminina...

— É mesmo?

— Sim, Mikayle. Você ainda está nervosa? — indago.

Mike sorri de lado, como se não estivesse acreditando que aquilo está realmente saindo da minha boca.

— E qual era a versão feminina de Ma...

— Pare — exijo, vendo vermelho.

— Maximiliana? — continua, ignorando-me completamente.

Eu não sei qual o objetivo deles, mas isso está me tirando o eixo. Acerto Mike no peito, empurrando-o com toda força existente em meu corpo. Mike resiste. Ele desvia dos meus golpes e desfere alguns de leve em minhas partes cheias, mais conhecidas com glúteos, que amortecem seus golpes calculados para me tirar do sério. Quando ele se abaixa e desvia de mais um golpe meu, sou mais rápida e acerto sua cabeça. Eu estaria mentindo se dissesse que não o acertei com força, porque eu realmente usei a minha força contra ele, mas eu não tenho tempo para me arrepender. Mike usou o nome de Max, mesmo sabendo que isso é ultrapassar barreiras para mim.

— Porra, Pamella. — Ele ri entre um gemido esganiçado.

— Você mereceu! — exclamo.

Mike pula tonto do ringue e é amparado pelos caras.

Puxo minha respiração, sentindo meu corpo elétrico.

Eu e Tristan sobramos no ringue. Encarando-o sem desvio, penso duas vezes antes de aceitar sua silenciosa provocação. Ele me fita ansioso, esperando que eu o ataque, mas não. Eu não vou fazer isso. Ficar perto de Tristan parece perigoso e, diferente da minha irmã, eu fujo do perigo.

Tristan tira as luvas, jogando-as para o lado e esticando os seus dedos descobertos. Balanço minha cabeça negativamente e dou-lhes as costas. Lucas, Mike e Paul exclamam, mandando eu voltar para o ringue.

— Então ela desiste fácil assim? — Tristan questiona, sua voz sobressaindo-se sobre todas as outras. Congelo em meu lugar, virando apenas minha cabeça sobre o ombro e lançando um olhar inquisitório a ele. — Cansada, Pamella? *Fraca?*

— Você não vale a pena o meu tempo, Killian.

— Oooh! — Os caras resmungam.

— De todas as coisas que eu já me deixei pensar por alto sobre você, desistente não foi uma delas. Mas parece que as pessoas estão vivas para nos surpreender, certo? — Tristan joga de volta.

Minhas bochechas esquentam.

Eu não sou uma desistente.

— Eu não estou desistindo, Killian. Isso aqui é absolutamente *nada* entre nós dois.

— Desistente... — sopra.

— Você quer um combate? — indago, irritada, mas não espero por sua resposta. — Então você vai ter um combate.

Tristan quase sorri.

*Apenas quase.*

Começo a andar ao redor dele, sacudindo os meus punhos. Minhas mãos já estão doendo. Meus nós que começaram a fechar, estão abrindo, pois sinto a ardência intensa enquanto eles latejam sem cessar. É exatamente por causa disso que papai e Parisa me aconselharam a não treinar, mas fazer o quê se as minhas outras distrações não estavam funcionando para tirar toda merda da minha cabeça?

Meu primeiro instinto é acertar Tristan diretamente em sua cabeça por trás. Em uma das lutas do Circuito eu vi um lutador fazendo isso com o outro. Foi nocaute instantâneo. Lembro-me de ter pensando que o homem estava morto na lona, mas Max se apressou em me explicar que ele estava apenas apagado e que faria exames imediatamente assim que deixasse o local. Tenho em mente que esse é um golpe muito perigoso, mas Tristan me irrita tanto que faz essa necessidade de machucá-lo crescer em meu peito e dominar minhas ações.

Infelizmente, eu não consigo acertá-lo.

No instante em que o meu punho direito viaja em direção ao seu destino,

ele gira habilidosamente em seu lugar, abaixando-se e desviando. Tristan segura os meus dois braços no ar, girando-me e prendendo sem deixar chances para que eu possa escapar. Meu coração acelera de modo assustador, empurrando uma bagunça para dentro de mim. Meus braços estão sobrepostos um sobre o outro, enquanto o lutador sujo respira como um touro em cima da minha cabeça.

— Essa cor de cabelo — grunhe, como um animal, mas é tão baixo que eu tenho que me esforçar para ouvi-lo. — Essa cor de cabelo... ela é realmente a *sua* cor de cabelo?

— Por algum acaso agora você é cabeleireiro, Killian?

Ele grunhe e rosna, tudo ao mesmo tempo. A única vez que ouvi esse foi, ele veio de Trent quando o mesmo estava bastante irritado com a minha irmã. Tenho a vaga lembrança de achar isso extremamente engraçado, mas na minha atual situação, não há graça nenhuma. Tristan não deixa um grunhido ou rosnado engraçado. Na verdade, ele parece um animal fora da jaula e isso me assusta.

— Eu só fiz uma pergunta, Pamella. Qual o problema em me dar uma resposta? — pergunta ainda no mesmo tom.

Uma onda de arrepios percorre todo meu corpo e meu estômago afunda.

— Isso vai mudar alguma coisa na sua vida? — replico, mas quando eu não recebo nenhuma resposta, trato de continuar mesmo contragosto. — Sim, essa é a cor do meu cabelo. Não sei se chegou a notar, mas a raiz já estava enorme e eu estava parecendo uma louca. Só voltei para a velha “eu” dos quinze anos.

Tristan me solta repentinamente e eu volto a subir a minha guarda. Seus olhos me sufocam. Há algo dentro de seus olhos que torna as coisas geladas e quentes, tudo ao mesmo tempo. É uma oscilação estúpida, mas que sempre está presente quando chegamos perto um do outro. Eu não gosto nem um pouco disso. Nunca fui instável e nunca gostei de instabilidade. Max nunca fez eu me sentir instável.

— Vamos, faça alguma coisa com ele, Pam! — Mike e Lucas pedem, juntos.

Atendo ao pedido deles.

Tento mais uma vez acertar Tristan, mas ele é sempre mais rápido. Dessa vez, ele dá um tapa seco e duro na minha bunda, provocando a risada alta dos três idiotas mosqueteiros. Minhas bochechas queimam tão intensamente, que eu tenho vontade de sair correndo para a sala do papai e me esconder lá pelo resto do dia, mas eu aguento firme e não deixo ele me fazer ficar mais desconfortável do que já está fazendo.

— Parece Parisa e Trent! Vocês lembram daquela vez que ele a irritou,

batendo naquele traseiro e chamando-a de gatinha? — Mike reconhece e eu apenas escuto os outros assentindo.

Não gosto nada disso.

— Mmm... — Tristan resmunga, tirando sua atenção de mim e colocando-a no que os caras estão falando sobre minha irmã e meu cunhado.

Aproveito sua distração e o acerto.

Um belo jab direto em seu queixo.

Tristan cola os olhos em mim e os caras também. Nós cinco ficamos em silêncio, todos incrédulos com o que eu acabei de fazer. Sim, eu planejava bater nele, mas agora, depois que o fiz, arrependo-me amargamente. Eu não sei, apenas me sinto mal por ter feito tal coisa. Tudo bem que Tristan já me irritou muito, mas bater em alguém é algo extremamente feio.

— Ela conseguiu! — Lucas exclama e os três sobem de volta para o ringue.

Eles me pegam no colo e me jogam para cima, mas eu ainda não consigo deixar de fitar Tristan. Ele sobe uma das mãos até seu rosto, esfregando o local em que eu acertei. Tristan nos dá as costas, mas antes que vire totalmente, vejo um sorriso formar em seus lábios. Não tenho a visão perfeita para continuar o encarando, mas esse sim foi um sorriso e eu posso jurar sobre isso.

Ele sorriu e sorriu porque eu o bati.

Que tipo de pessoa sorri depois de levar um soco?

Bom, Tristan sorri.

Meu coração se acalma por saber que ele não teve uma visão negativa de mim pelo acontecido.

— Agora quem está fugindo é você, Killian! — Sinto vontade de exclamar e não deixo que ela passe em branco.

Ele não vira de volta, apenas pula do ringue e segue seu caminho, mas não antes de me responder:

— Parece que você ganhou, Pamella.

Meu sorriso se abre e os caras me colocam no chão.

— Bom trabalho, garota. Finalmente você está revivendo. Gostamos de vê-la assim e não iremos nos aquietar até ter a nossa Pamella Cohen de volta — Mike afirma, fazendo meu coração diminuir com tanto carinho.

Essa armação deles tinha que ter algum motivo.

— Às vezes eu odeio vocês, mas tenho apenas a agradecer por me fazerem sorrir todos os dias... — sussurro, sentindo lágrimas acumularem em meus olhos. — Ah, eu odeio ser tão emotiva assim... — digo, mordendo meu lábio inferior e



sorrindo.

Os três começam a rir e me abraçam, cobrindo, amassando e sufocando meu corpo entre os deles. Começo a empurrá-los depois de alguns segundos, mas eu deveria saber que eles ririam da minha cara novamente. Quando escapo, já recuperada do meu quase início de choro, desço do ringue, tirando as luvas das minhas mãos e choramingando com a dor que volto a sentir nas mesmas. Papai aparece e convoca Paul, Lucas e Mike, que atendem o seu chamado imediatamente e juntam-se a ele dentro de seu escritório.

Começo a tirar as bandagens que Parisa arrumou em minhas mãos antes de ela, Trent e as crianças me deixarem aqui. Quando minha mão está livre, vejo a merda que fiz. As feridas estão abrindo mais e um pouco de sangue começa a reaparecer sobre elas.

— Deveria limpar e cuidar dessas feridas com mais cuidado. — A voz de Tristan me puxa de volta para a realidade.

Subo meu olhar para ele e o observo atentamente.

— De feridas você entende, certo?

Ele arqueia a sobrancelha.

— Como? — pergunta.

— Você é lutador, deve entender bastante sobre feridas... — afirmo, revirando meus olhos por conta de sua lentidão.

— Não saio tão ferido assim dos octógonos ou ringues — ele se gaba. — Além do mais, como você bem disse, eu sou um lutador. Sei lidar com a minha dor sem ficar choramingando.

Sua indireta foi recebida com sucesso, Tristan.

Grandíssimo imbecil.

— Anotado, lutador.

Fico de pé, puxando minha mochila para cima e jogando-a sobre o meu ombro. Quando vou passar por Tristan, ele segura meu braço e me para.

— Isso foi apenas uma sugestão. Mulheres sensíveis como você não deveriam agir de tal maneira...

Ele disse isso mesmo?

— Mulheres sensíveis como eu? — indago, esperando que ele continue.

— Sim, que choram por qualquer coisa.

Dai-me paciência, Deus, se é que Você *realmente* existe.

— Se eu choro ou não, isso não é da sua conta. Cada um reage de uma

forma diante situações da vida, eu apenas choro. Poderia estar me afundando por aí nos piores vícios, mas *apenas* estou chorando. É bem triste saber que isso incomoda você, lutador. Agora se me der licença... — Tento puxar meu braço para longe de seu toque, mas ele não me solta.

— Eu não me incomodo, apenas pontuei um fato que não passou despercebido. Você faz o que quiser da sua vida, Pamella. — Um sorriso seco, diferente do que ele deixou para alguns minutos atrás. Esse cara é instável demais. — Siga seu caminho.

Ele me solta, mas não deixamos de nos encarar. De repente, não sinto mais remorso por tê-lo acertado anteriormente. Surpreendo quando meu punho voa em sua direção, mas Tristan é mais rápido e acaba segurando-o a um centímetro de acertar seu nariz.

— Vá cuidar da sua vida, imbecil — cuspo, puxando minha mão de volta e saio marchando de perto dele.

Ele tem essa coisa de soar agradável e desagradável. Eu nunca sei o que ele quer realmente dizer, tampouco se me odeia ou apenas me suporta por ser filha do dono desse lugar. Nunca fiz nada de mal a Tristan e sempre tentei tratá-lo com o máximo de respeito possível, e até fui gentil com ele. Mas tudo que ele faz é me repelir e tratar mal como se eu fosse uma peste. Não nasci para aguentar pessoas me chutando, não mesmo. Por isso que, de hoje em diante, eu prometo a mim mesma que falarei com Tristan apenas no último dos casos, quando não houver mais nenhuma saída.



Sento-me no sofá, escutando papai e os caras finalmente finalizarem a reunião de última hora. Depois que segui meu caminho, assim como Tristan disse, tomei banho e troquei de roupa. Quando voltei do banheiro, observei em meu curto percurso, que Tristan estava treinando sozinho contra um saco de pancadas que recebia toda a sua fúria sem sentido. Peguei as minhas coisas do banco em que sempre fico sentada, e entrei no escritório do papai. Deixei minhas coisas no chão e me deitei no seu sofá, puxando a manta que sempre fica no braço do móvel esperando por mim. Há dias que eu simplesmente venho para academia para nada, e são nesses dias que eu me deito e enrolo-me em uma manta que

papai arrumou para mim e o observo trabalhar em seus papéis. Talvez isso seja uma das coisas que mais nos aproximou desde que vim para essa cidade. Admito que senti muita falta do meu pai durante a minha infância, mas, felizmente, ela está sendo suprida agora.

— Vamos fechar em alguns minutos — papai diz, chamando minha atenção.

Bocejo, depois do pequeno cochilo que tomei, enquanto os quatro discutiam sobre trabalho.

— Posso ir para o carro então? — pergunto, sorrindo sem jeito.

— Sim, me espere lá — pede, aproximando-se e entregando a chave de seu carro em minhas mãos. Abaixo-me para pegar as minhas coisas, mas papai me interrompe. — Eu levo, querida. Apenas vá.

Eu o fito atentamente, mas assinto.

Recebo um beijo no topo da minha cabeça e lhe devolvo um abraço rápido. Saio de sua sala, alisando meu vestido amarelo e ajustando o casaco que sempre uso para esconder a minha cicatriz no ombro. Surpreendentemente me deparo com quase ninguém na academia, nem mesmo Tristan. O tempo já está escuro e isso faz eu me perguntar por quanto tempo essa reunião durou. Para mim tinha sido apenas por alguns minutos, mas certamente me enganei. Nunca devo formar ideias quando estou com sono, elas acabam sempre falhando.

O frio da noite de New York me pega antes mesmo de eu me aproximar completamente da porta. Está tudo calmo do lado de fora, carros raramente passam e pessoas também. No instante em que vou descer o primeiro degrau da escada, escondo-me de lado. Dou praticamente de cara com Tristan e a tal Holly. Eu acho que é esse o nome dela. Eles dois estão atracados um no outro, praticamente engolindo-se vivos. Tenho vontade de me aproximar e mandá-los irem fazer esse tipo de coisa em outro lugar. Tenho vontade até mesmo de chamar meu pai para ver a cena e dar um jeito no seu novo lutador, mas eu não faço. Eu estou petrificada com a cena. Se eu tivesse as palavras certas, eu tentaria explicar, mas a cada movimento feito pelo casal, a única palavra que ronda a minha cabeça é: repulsa. Eu acrescentaria nojo ou vergonha alheia, mas repulsa parece coroar a situação de forma bastante bonita.

Tristan empurra a loira esguia sobre a porta do carro e, como se tivesse percebido alguém o assistindo, ele me acha. Seus olhos trancam nos meus, enquanto ele desliza suas mãos pelo corpo daquela piranha estúpida. Meu coração queima de raiva, uma raiva que não faço ideia de onde veio, mas ela apenas veio. Tristan desce sua boca pelo pescoço de Holly, que geme como uma

cadela no cio recompensada. Ele ainda não tira os olhos de mim. Suas mãos sobem a saia da mulher e tocam a sua intimidade de forma tão pornográfica que eu tenho que arregalar meus olhos e piscar duas vezes.

Um sorriso extremamente diabólico se forma nos lábios de Tristan, que ainda passeia com a boca sobre a pele da mulher. Será que ele não tem medo de alguém passar por aqui? Ele seria certamente preso por atentado ao pudor, mas não apenas ele, a loira também. Vontade de vomitar sobe, mas eu me controlo. Não fico mais em meu lugar. Caminho para fora do meu falho esconderijo e vou até o carro do papai, que está estacionado ao lado do carro de Tristan. Respiro profundamente, ignorando a cena e entrando dentro do veículo. Fecho os meus olhos e encolho meu corpo no banco, esperando que o papai chegue logo — ao menos que Tristan arrume um quarto para levar a sua parceira.

Que deselegante...

Como se tivessem ouvindo meus pensamentos, escuto a porta bater do lado de fora e abro os meus olhos devagar. Com a janela baixa, Tristan fita o vidro do veículo em que estou, como se estivesse me procurando. Lembro-me que é quase impossível ele notar alguma coisa aqui dentro, já que os adesivos fumês fazem um bom trabalho em deixar tudo escuro, e à noite as coisas apenas melhoram para quem quer passar despercebido. Tristan balança a cabeça e dá ré de uma só vez, saindo da rua cantando pneu. Não sei se fico aliviada por isso ou se entro em algum estado de pânico, afinal moramos no mesmo prédio, mesmo andar e somos vizinhos. Papai finalmente aparece, então eu resolvo abraçar o alívio dentro do meu corpo.

Eu só preciso manter muita distância de Tristan, principalmente depois da cena que presenciei.

— Tudo bem? — Meu pai chama minha atenção quando se senta ao meu lado.

— Sim, sim... — sussurro.

Ele liga o carro e logo estamos na pista.

— Queria conversar um pouco com você, filha... — Quebra o silêncio.

Balanço os meus ombros, deixando-lhe à vontade para falar o que quiser.

— Primeiramente, me desculpe por ter tentado interferir na sua vida assim como interferei na vida de Parisa. Eu sei que talvez você esteja com raiva de mim ou não entenda, mas tudo que eu faço é pensando no seu melhor e no melhor da sua irmã. Às vezes os pais erram. Bom, eu errei com Parisa. Eu não soube dizer o que era melhor para ela, mas ela achou seu caminho. Não quero errar com você, Pamella, mas também não aguento mais vê-la passar por tanto sofrimento

e ficar de mãos atadas. Eu sempre vou querer o melhor para você, só espero que entenda e não pense mal de mim...

— Pai — o interrompo. — Eu sei que você quer o melhor para mim. Eu sei que você quer que eu seja feliz. Acredite em mim, eu vejo tudo que vocês estão fazendo por e para mim. Você, Parisa, Trent, os caras e até mesmo as crianças. Estou me esforçando para ser feliz outra vez. — Solto uma leve mentira. — Se eu ainda estou viva, é por vocês e mais ninguém. É por Max.

— Max está morto, Pamella. Max está no passado.

Respiro fundo, virando o rosto para janela e fechando os meus olhos.

A imagem de Max se projeta para mim e eu o vejo.

Ele não está morto.

Ele está vivo em mim.

— Você precisa seguir em frente...

— Eu estou seguindo — minto outra vez.

— De verdade, Pamella.

Minha respiração fica difícil e eu começo a segurar o choro.

— Você age como se ele estivesse vivo e...

— Eu não quero falar sobre isso, pai. Por favor. Eu não quero falar sobre Max.

— Está vendo? — retruca. — Você se recusa a falar sobre ele e você *precisa* falar sobre ele. Fale comigo, eu sou o seu pai, querida...

— O que você quer escutar, afinal? — Sei que estou soando chateada, até mesmo rude, mas as pessoas precisam aprender que eu não quero falar de Max para ninguém. — Max está vivo em mim, pai. Eu não vou esquecê-lo. Por favor, trate de manter a sua merda calma, porque eu não vou me envolver com outro homem, muito menos com Killian, assim como deve ter deduzido. Eu vou ficar sozinha e vou ficar bem.

— Eu não estou dizendo para não se envolver com outro homem. Você só precisa do homem certo, outra vez.

— Vamos realmente ter essa conversa, pai? Sobre homem? Mesmo?

Viro para fitá-lo e o acho do jeito que imaginei que estaria: tão irritado quanto eu.

— Eu só quero te ajudar a achar uma solução.

— Não preciso da sua ajuda. Sou uma mulher adulta e sei lidar tanto com a minha dor, quanto com as minhas responsabilidades. Entenda isso de uma vez

por todas. Aprecio sua proteção, seu amor incondicional e até tento entender, mas você precisa parar por aí. Vou ficar bem e estou lhe dando a minha palavra sobre isso. Basta acreditar e ponto final.

Parando no sinal vermelho, papai vira o rosto para mim e nós nos encaramos. Ele solta o ar com força, mas assente.

— Qualquer coisa que precisar, é só falar. Uma viagem talvez ou...

— Você está exagerando de novo — assobio.

Ele faz uma careta de dor e eu tenho que finalmente rir dessa situação.

— Tudo bem, tudo bem. Fica a seu critério, faça o que quiser.

Sorrio de lado, aproveitando os poucos segundos e beijando sua bochecha.

— Você é um velho teimoso, mas eu te amo com tudo de mim, papai.

— Eu não sou velho — defende-se e nós rimos.

Ele volta a dirigir, mas me olha brevemente.

— Eu amo você também, com tudo de mim.

Em silêncio, finalizamos o nosso caminho até o meu apartamento. Despeço-me do papai e agarro as minhas com sua ajuda. Aceno para ele com dificuldade e faço o meu percurso até o elevador.

Lar-amargo-lar.

# CAPÍTULO 6

## FAMÍLIA

PAMELLA COHEN

*Gostaria que pudéssemos voltar no tempo, para os bons e velhos tempos.*  
— TWENTY ONE PILOTS, "STRESSED OUT"

Olho pela janela do meu quarto e percebo que já é manhã, seguindo meu olhar e encarando o relógio que fica na minha mesa de cabeceira, constato que já passa das duas da tarde, o que me deixa saber que eu dormi bastante. Eu precisava muito de uma boa noite de sono e, apesar de eu ter tido um pesadelo, dormi muito. Estou cansada de ter que melhorar minha aparência com toneladas de maquiagem. Ainda que eu sempre tenha usado, constantemente procurei fazer o

básico apenas para realçar meus traços. No momento, se me virem sem maquiagem, provavelmente sairão correndo. E é exatamente por isso que eu preciso de boas e longas noites de sono.

Pego meu celular e checo minhas mensagens, encontrando cinco do papai, três da Elise, três da Paris e uma do Trent. Não me incomodo em responder nenhum deles, apenas desligo o aparelho e sigo para tomar um banho sem nenhuma interrupção. Levanto da cama e sigo, pegando meu roupão pelo caminho. Entro no banheiro e me jogo debaixo da água, mesmo ainda vestindo uma das minhas camisolas de seda preta. Meu corpo treme e eu retiro minha pouca roupa, começando a passar sabonete por meu corpo, sem poder acreditar no que aconteceu antes de ontem.

Ontem o dia foi muito movimentado, onde quase não consegui pensar sobre tudo o que aconteceu, mas hoje é diferente. Um pequeno filme passa por minha cabeça e eu levo as mãos até meu cabelo, esfregando freneticamente com a intenção de expulsar aquela lamentável cena da minha memória. Já conversei com o papai na noite passada, mas o assunto sempre acaba voltando para a minha mente perturbada. Não posso admitir que ele tente controlar a minha vida e nem que tente fazer comigo o mesmo que fez com a minha irmã. Eu sei que isso é algo inato dele, no entanto, meu pai precisa mudar bastante e aprender de uma vez por todas que o “senhor Jake Cohen” não pode controlar a vida das filhas, ainda mais porque ele vai ser pai novamente e as chances de ter outra menina é de cinquenta por cento. Não posso acreditar que ele chamou um desconhecido e quase bateu com a língua nos dentes sobre a minha vida. Como o próprio disse, eu não faço o tipo de Tristan e nem ele o meu, então não há nada para se preocupar além do alto grau de idiotice que o lutador tem. Sinceramente, Tristan é um verdadeiro idiota, e olhe que eu pensei que Trent que era o idiota por ter se curvado ao papai quando as coisas entre ele e Parisa saíram das escuras.

Depois da cena que presenciei e que ele fez questão de mostrar para mim, sua imagem ficou bastante suja na minha cabeça. Não gosto nem mesmo de lembrar daquele momento, mas é inevitável. A forma como Tristan me olhou e sorriu, enquanto tocava intimamente aquela mulher, foi completamente lastimável. Realmente é uma pena ver que pessoas que poderiam ser tão agradáveis, tornam-se seres insensíveis por demais. Não o conheço, mas tenho certeza que esse lutador seria melhor de lidar se o mesmo não fosse tão rude, insensível e gélido.

Lavo o meu cabelo, ainda que eu tenha feito um tratamento especial ontem no salão juntamente com minha irmã. É relaxante e faz eu lentamente me



acalmar. Eu não gosto de perder o controle das coisas. Sempre fui uma pessoa muito calma nesse sentido. Aprecio ter tudo calculado para que nada saia do trilho e me traga problemas. Com sentimento eu nunca fui assim, mas depois de Max, eu percebi que tenho que mudar.

Se apaixonar muito rápido é o meu pior defeito e eu o reconheço.

A única coisa que me consola é que nunca terei um amor como o de Max.



A campainha do meu apartamento toca sem parar e o barulho quase me faz xingar e amaldiçoar quem está do outro lado, porém eu me controlo e faço o meu caminho até a entrada. Depois que tomei banho e escovei os dentes, apenas coloquei uma camisola branca e me joguei de volta no meu lugar favorito para estar. Passei o dia inteiro deitada na minha cama sem vontade de me levantar para fazer absolutamente nada. Tomo uma respiração profunda e abro a porta sem checar quem está do outro lado, recebendo uma surpresa bastante agradável ao descobrir aquelas pessoas. Na verdade, essa é a melhor surpresa que eu poderia ter recebido nesse momento.

— Ei, bonita — Oliver atira ao me puxar para um abraço apertado.

Fable, minha mãe e Will estão aqui, cada um com uma mala ao seu lado.

— O que fazem aqui? — pergunto, beijando a bochecha de Oliver assim que ele me coloca de volta no chão.

— Resolvemos vir para passarmos um tempo perto de você — minha mãe é a primeira a se pronunciar. Fitamo-nos brevemente e eu sorrio de lado, sentindo-me instantaneamente fraca por todo conforto que ela me passa apenas com o seu olhar. — Senti sua falta, minha princesa — diz, antes de me abraçar e me sustentar com seu amor.

Eu deveria ter aprendido a não confiar tanto nas pessoas para me apoiar, mas quando esse apoio emocional vem diretamente dos pais, é inevitável. O calor da minha mãe e o seu cheiro me enrolam na sensação de um passado alegre e bonito, algo que não faz mais parte da minha vida no presente. Ela me faz viajar para a vida que levávamos em Seattle, onde eu passava o dia todo aprontando com Oliver, íamos juntos para escola, arrumávamos um jeito de fugir

para festas quando estávamos de castigo e levávamos broncas horríveis ao voltarmos para casa bêbados, mas extremamente felizes. Faz-me viajar para todos os romances que eu já vivi na pele e me lembra, outra vez, que isso tudo ficou para trás quando conheci Max mais afundo. Assombra-me saber que esse passado não me pertence, que eu não sou mais assim, e me assusta ainda mais saber que eu não faço ideia nenhuma de para onde está indo o meu futuro.

— Mamãe... senti sua falta... — sussurro e afasto meu rosto da curva do seu pescoço para fitá-la. — Vocês ficarão por muito tempo? — pergunto, de repente ansiosa e pigarreando para limpar minha garganta.

— Somente pelo final de semana, infelizmente... — Minha mãe torce o canto da boca e eu reprimo a vontade de fazer uma careta triste, afinal, não quero fazer com que nenhum deles pensem que eu estou necessitada de algum apoio emocional. Internamente eu sei que preciso, mas, externamente, vai ser o mesmo que assinar minha ida para uma clínica de reabilitação.

— Eu tenho uma reunião em Paris na segunda-feira e pedi para sua mãe me acompanhar, mas se preferir eu posso ir sozinho e deixá-la um pouco mais aqui. — Will se aproxima e toma seu lugar ao lado da mamãe.

— Não, não... está tudo bem. — Forço um sorriso. — E vocês, ficarão por mais tempo? — pergunto ao outro casal.

— Não sabia que estava sentindo tanto minha falta, irmãzinha — Oliver provoca e eu volto a sorrir espontaneamente. — Para sua tremenda sorte, ficaremos por duas semanas e tudo na sua conta — informa e eu fecho a distância entre nós, abraçando-o novamente e puxando Fable para fazer o mesmo.

— Na verdade é tudo na conta do Trent — brinco. — Ele que me deu esse apartamento, então...

— Será que ele se esqueceu de que eu também sou irmão...

— Meio-irmão — o corrijo em provocação e ele semicerra os olhos em minha direção.

— Será que ele se esqueceu de que eu também sou irmão da Parisa? — continua e eu gargalho. — Eu mereço um apartamento, afinal eu que fui o psicólogo fodido da mulher dele quando ela tinha enlouquecido. Sério, Parisa provavelmente estava em um período de tensão pré-menstrual muito longo...

— Você é ridículo — Fable cantarola e Oliver a fita com um sorriso de lado.

— Você não falou isso no ban...

— Detalhes! — exclamo e me apresso para tapar a boca de Oliver antes que

ele faça Fable passar vergonha e embarace a todos nós. — Posso acomodá-los agora? Creio que a viagem pode ter sido um pouco cansativa...

— Por favor — mamãe pede, tratando de tirar logo o seu sobretudo.

Finalmente esse apartamento vai ter alguma serventia que não seja ficar fechado o dia todo. Guio minha família pelo local, e dou-lhes um rápido olhar por todos os cômodos e os deixo acomodados em seus quartos. Will e mamãe ficam no quarto ao lado do meu e Oliver fica com Fable no quarto em frente ao meu. Assim que eles fecham suas portas para tomarem banho e arrumarem suas coisas lá dentro, eu corro até a cozinha.

Eu não tenho nada, absolutamente nada na minha dispensa ou armários. Já não basta Parisa no meu pé com a Elise me obrigando a comer tudo o tempo todo porque “eu estou muito magra”, agora a mamãe vai ficar no meu pé também. Mas eu posso dar um jeito nisso...

Pego o sobretudo que a minha mãe deixou caído em cima do sofá e visto, abrindo a porta do meu apartamento e saindo sem fazer muito barulho. Penso duas vezes antes de fazer o que vou fazer, mas eu não tenho saída. Aperto a campainha do apartamento de Tristan e rezo para que sua mãe esteja em casa. É claro que Florence está em casa. Não estou sendo preconceituosa nem nada, afinal cada um faz o que quiser com sua vida, mas Florence não sai à noite com muita frequência.

Abraço meu corpo em proteção e a porta é aberta — infelizmente — por Tristan.

— Sim? — fala, sem nem me deixar abrir a boca.

Eu vou engolir meu orgulho. Eu vou fingir que nada aconteceu no dia anterior. Eu vou fingir que Tristan é uma pessoa agradável.

— Boa noite...

— O que você quer? — continua e eu reviro meus olhos.

— Um pouco de educação não faz mal, sabia? — atiro, chegando à conclusão de que vir pedir ajuda aqui foi uma péssima ideia. — Florence está? — insisto um pouco mais na minha ideia.

Eu não vou morrer se tentar. Definitivamente não.

— O que você quer com a minha mãe?

Ah, eu não sou paga para ser tratada tão mal assim.

— Você é patético, Tristan. Esqueça que eu apareci aqui. — Viro para dar o primeiro passo de volta, mas ele me segura.

— Espera — resmunga. — Posso te ajudar? — questiona ainda no mesmo

tom, parecendo estar em uma luta interna entre me tratar bem ou me tratar mal.

— Na verdade, sim — retruco, não querendo testar sua boa ação. — Minha família chegou minutos atrás e eu não... bom... eu não tenho nada na minha dispensa, além de café, chá e torradas e...

— Como diabos você consegue viver apenas com isso? — Tristan franze o cenho e, embora seu rosto não mostre nada além do semblante irritado, ele soa incrédulo e até zangado.

— Eu como fora — explico minha quase-mentira. Tudo bem, eu como fora, mas não é sempre. — Eu preciso de algumas coisas, alguns mantimentos apenas para não os ter querendo minha cabeça em uma bandeja. Minha mãe... sério, a minha mãe vai querer um vídeo meu comendo todas as refeições todos os dias se ela ver que não tem nada na dispensa, e se ela e minha irmã forem conversar sobre isso eu vou acabar sendo vigiada por todos...

— Por que não tem nada em casa? Você é daquelas mulheres que vivem em dietas loucas? — pergunta e eu bufo.

— Eu era, mas isso não vem ao caso. Você vai me ajudar ou não? — replico.

Tristan finalmente solta meu braço e me fita por longos segundos antes de dar um passo para trás.

É isso.

Estou perdida.

— Eu vou pegar algumas coisas e volto em um minuto — informa.

Arregalo meus olhos e tenho que beliscar meu braço discretamente, enquanto ele entra em seu apartamento. Eu não estou perdida! Tristan vai me ajudar — o que é estranho, mas válido. Em um pouco mais de tempo ele volta com dois sacos de papel cheios e eu começo a notar o que ele está vestindo, já que estive desesperada demais para o avaliar quando ele abriu a porta. Tristan não usa nada mais que uma calça de moletom cinza, um pouco baixa demais em seu quadril. Eu devia parar de olhar, afinal eu não tenho motivos para encará-lo, ainda mais depois de ontem, mas...

— Pode tirar uma foto que dura mais — pronuncia-se duramente e eu pigarreio, piscando rapidamente e sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Eu não sei do que você está falando — retruco e dou poucos passos até abrir a porta do meu apartamento com tanto cuidado quanto tive antes.

Ele é inimigo, Pamella.

Tristan é inimigo.

— Onde est...

— Shhh. — Viro para ele com uma carranca por conta do seu barulho.

Mesmo que sua voz seja baixa e grossa, ainda assim o seu tom pode ser escutado sem dificuldade. Guio Tristan até a cozinha e ele deixa as coisas em cima do balcão, cruzando os braços em frente ao seu peitoral e inclinando-se sobre o mesmo para me fitar.

— Eu vou comprar todas essas coisas amanhã e levarei de volta para você — afirmo, tentando colocar um ponto final em sua participação aqui. Tristan não pode ser visto por ninguém. — Aliás, obrigada...

— Pensei que não agradeceria nunca. — Sinto o cheiro do seu hálito de menta e dou um passo para trás.

— Eu não sou como você, que nunca me agradeceu por ter ido ajudá-lo naquela noite. E, por favor, se afaste, você está perto demais...

— Ninguém nunca mandou eu me afastar por estar “perto demais”. — Posso ouvir um pouco de diversão em seu tom de voz, mas ainda assim eu me irritado com ele.

— Para tudo se tem uma primeira vez.

— Eu nunca fui muito fã de primeiras-vezes...

— É mesmo? — Sorrio cinicamente. Bato com as costas no balcão e Tristan coloca as suas duas mãos de cada lado do granito escuro, encurralando-me em minha própria casa. — Ontem à noite não foi sua primeira vez tocando uma mulher lá... bom, você sabe onde... em público?

Infelizmente eu não consigo segurar a minha língua dentro da boca.

— Está interessada em saber mais sobre mim?

— Você deseja que sim, mas na verdade eu só quero passar bem longe caso isso venha a se repetir. Você é extremamente repulsivo, Tristan.

Seus olhos brilham com pura incredulidade nas orbes intensas.

— Quando uma mulher pede para ser tocada, Pamella, eu apenas obedeco.

Sorrio mais uma vez, ficando ofegante por conta da tamanha pressão e proximidade, mas eu ainda comando essa situação.

— Então você é como um cachorro adestrado que obedece a ordens? Lamentável, Tristan.

— Pamel...

— Filha, eu... — Minha mãe aparece e sua voz some assim que ela coloca os olhos em Tristan. — Eu não sabia que estava esperando alguém. — Seu tom é sugestivo demais e, se eu já estava irritada com a proximidade e prepotência

Tristan, agora me irrita mais ainda.

Minha mãe acha que está rolando alguma coisa aqui, entre Tristan e eu? Eu nunca faria isso com Max. Eu nunca me permitiria, e minha mãe já deveria estar ciente disso.

— Eu não estava, é que Tristan apareceu quando eu fui buscar as compras que fiz e deixei lá com o recepcionista. — Invento uma mentira na hora e fico satisfeita com o resultado. — Ele me ajudou a trazer as compras, você sabe...

— Então você se chama Tristan... — minha mãe continua, checando o outro brevemente. — Parece um álbum de figurinhas — brinca, apontando para o corpo dele.

Eu não pensei nessa analogia antes, mas ela está certa.

Tristan tem tatuagens até por seu pescoço, o que parece ser um tanto exagerado, e olha que eu tenho Trent como cunhado.

No jogo das tatuagens, Tristan com certeza está na frente.

— Eu vou levar isso como um elogio — Tristan retruca com um tom mais leve, só que nada diferente da sua personalidade. — Estou de saída — pontua e nos deixa. Simplesmente nos deixa, sem falar mais nada.

Eu e minha mãe nos encaramos até que escutamos o barulho da porta do meu apartamento bater.

— Quão rude... — sussurra, assustada. — Quem é ele? — questiona, curiosa.

— O substituto de Trent no Circuito — explico.

— E ele mora nesse prédio?

— Sim... — Dou de ombros. — Ele tem um interminável humor azedo, então não se sinta atingida por Tristan.

— Tristan? Que Tristan? — Will chega perguntando e eu vou para trás do balcão, começando a tirar minhas “compras” dos sacos.

— O substituto do Trent no Circuito, amor... ele mora no prédio e estava ajudando Pamella com as compras, mas é um homem rude demais.

Sorrio com o comentário da minha mãe.

Ela é muito sensível com as pessoas.

Will ri, como se estivesse lembrando-se de uma piada interna.

— Isso me faz lembrar o filho de um dos meus sócios na empresa. O garoto era um problema, reclamava do terno o tempo todo e ainda era rebelde. Eu me divertia quando ele ia às reuniões com o pai...

— E isso te lembra...? — pergunto, franzindo o cenho confusa sobre onde meu padrasto quer chegar.

— O nome dele também é Tristan. — Will dá de ombros e eu faço o mesmo.

— O Tristan que estava aqui nunca usaria um terno quando pequeno, isso eu posso garantir apenas pela personalidade dele.

Seguro minha risada, pois seria muito divertido ver Tristan todo engomadinho, diferente do seu estilo despojado de homem das cavernas contemporâneo. Ele se veste bem, muito bem, mas eu pagaria para vê-lo de terno e gravata, como um executivo de uma grande empresa.

— O que eu conheci brigava com o pai para não usar terno, mas era obrigado a isso. O mais interessante era como o garoto se vingava do meu colega de trabalho: um dia ele derrubava café nos papéis do pai, no outro ele derrubava no terno branco impecável e marca registrada do homem... Era um ciclo interminável e eu muitas vezes me diverti em vê-lo fazer isso. — Will para e ri mais uma vez. — Oliver e ele eram colegas. George, pai de Tristan, pedia para eu não deixar meu filho se aproximar do seu, porque senão Oliver acabaria tão rebelde quanto Tristan, mas isso não aconteceu. Tudo que eles se tornaram foram bons amigos durante aquela temporada.

— Onde ele está agora? — pergunto, entretida com seu relato sobre o garoto rebelde filho de magnata.

— Não sei. Isso é um segredo. — Balança os ombros e leva a mão até sua testa, coçando como se estivesse tentando decifrar um grande enigma. — Desde seus sete anos o garoto nunca mais foi visto, e isso eu quero dizer literalmente. George nunca falou sobre Tristan com ninguém e a imprensa fez um grande estardalhaço para desvendar o caso, mas isso não aconteceu. Como braço direito e frequentador assíduo da grande Washington, o homem conseguiu deixar a polícia fora disso. Tudo falado sobre o garoto foi que a mãe o levou consigo e eles sumiram de casa.

— Então, apesar de tudo isso, ele não é dado como desaparecido?

Will nega.

— Não. George era casado, mas sua mulher, Patricia, nunca “fugiu” de casa com Tristan, o que nos fez adicionar mais uma peça ao caso. George teve um relacionamento extraconjugal e isso fora descoberto apenas com o desaparecimento de Tristan.

Uau.

— Mas, por que ele mentiu para imprensa sobre a maternidade do garoto?

— indago.

— Na época, George tinha um grande contrato para fechar. Foram meses de negociação, onde ele provavelmente fez Patricia ficar fora da mídia para aparecer com um bebê recém-nascido e com a surpresa de que tinha se tornado mãe. Escândalos naquela época eram ruins para os negócios. Instabilidade familiar significava instabilidade administrativa em uma corporação. George sabia muito bem disso e essa foi sua grande tacada. Anos depois o escândalo não faria mais diferença, mas naquele momento, sim, faria muita diferença — discorre compassadamente para que eu possa assimilar toda a informação. — O grande negócio é que Tristan era o queridinho das câmeras por conta de todo seu comportamento rebelde. Pessoas ainda tentam descobrir o paradeiro do garoto, que agora já deve estar caminhando para casa dos trinta. Sinceramente, até eu gostaria de saber como ele é agora, além de tentar entender o que ele passou. Revistas matariam para saber sua versão sobre seu próprio desaparecimento. Revistas matariam para saber quem foi o caso extraconjugal de George. São muitas perguntas que rondam a grande Washington e os magnatas de lá.

— Será que o... que esse tal de George fazia algum mal para ele?

— Não sei, mas eu não duvido nada. Somente pelo fato dele obrigar o filho a fingir que sua mãe era a Patricia, já é algo que mexe com a cabeça de qualquer criança. Deve ter sido um tempo ruim para Tristan...

Escuto mamãe suspirar e eu a encaro.

— Podemos mudar de assunto? Esse tipo de tópico sobre crianças maltratadas pelos pais me deixa de coração partido — diz, juntando as mãos em frente ao seu coração.

Eu e Will rimos e acenamos positivamente.

— Eu vou fazer o jantar e você vai se banhar — ela começa a comandar, apontando para mim. — Falei com sua irmã no caminho e pedi para ela avisar seu pai sobre um jantar em cima da hora. Sinto falta da família toda e completamente reunida.

— Ele vem? — pergunto.

— Claro! — exclama animada.

— Então eu vou banhar, assim como você pediu...

— Mandei — corrige, cruzando os braços em frente ao seu corpo. — Vá logo, Parisa deve estar chegando com meus netos e meu genro maravilhoso. — Seus olhos brilham e Will sacode a cabeça, rindo da animação da mamãe.

— Parisa costuma morder quem olha muito tempo para seus filhos e seu marido... — brinco.



— Ela não vai me morder... — Minha mãe para de falar, pensativa. — Ou vai?

Saio da cozinha em meio um turbilhão de gargalhada. Posso escutar mamãe me chamando de volta, mas sigo para o meu quarto, assim como ela “mandou” eu fazer. Senti falta de momentos como esse junto dela. Sem nenhuma dúvida, minha mãe faz muita falta para mim. Às vezes tenho muita vontade de voltar para Seattle, mas eu sei que mudar de cidade não vai deixar tudo que passei para trás. Está vivo e está dentro de mim, essa é a maior verdade.



Abro a porta do meu apartamento e recebo papai e Elise com um abraço apertado. Sorrio abertamente para ambos e lhes dou espaço para entrar no meu apartamento. Assim que fecho a porta, mamãe se aproxima com um sorriso enorme e eu percebo a forma como Elise encolhe para perto do meu pai. Eu acho um pouco de graça, porque sei como Elise é e sei o quão acanhada ela deve estar nesse exato momento. Todas as vezes que Elise e minha mãe se encontraram, foram em momentos extremos, o que acabou não lhes dando oportunidade de interagir de melhor forma. Isso aqui é outro nível completamente diferente para a minha boadrasta.

— Olá, Jake. — Minha mãe faz o primeiro movimento para quebrar o gelo entre eles três. Eu sei que eles não têm nenhuma desavença, mas sempre há aquele clima estranho rondando os encontros entre ex's. — Querida, Elise! — Ela envolve a mais nova em um abraço apertado.

Afasto-me da cena e me aproximo de Parisa, para olhar de longe essa interação entre meus pais e meus padrastos, já que Will se aproxima para falar com papai e Elise.

— Eu me sinto estranha por eles — Parisa sussurra para mim e eu a encaro, tendo que concordar com ela.

— Sim, eu também. O bom é que eles não estão se sentindo estranhos, certo? Pelo menos não o papai...

— Nem a mamãe e nem Will — minha irmã continua.

— Só Elise — completamos ao mesmo tempo.

Nós rimos e Oliver chega do nada, jogando-se no meio de nós duas. Ele passa os braços por nossos ombros e nos puxa para perto, beijando nossas bochechas uma de cada vez.

— Nossos coroa só nos deixam orgulhosos, não é mesmo?

— Meu coroa me deixa muito orgulhosa — Parisa sorri de lado.

Papai está todo sério em seu lugar, mas não é como se uma áurea ruim estivesse ao seu redor. Ele só está calmo demais, como se nada pudesse afetá-lo essa noite, e ele está mais que certo ao agir assim. Sinto que a noite vai ser extremamente agradável para ele, mamãe, Elise e Will.

— Olha só a cara do seu pai — Oliver diz no exato momento em que papai e Will se cumprimentam.

Nós três começamos a rir da situação, enquanto Oliver continua com seus comentários maldosos e nada discretos sobre os nossos pais. Em algum momento Parisa vai com Trent e as crianças para a cozinha e Fable toma o lugar da minha irmã. Oliver e Fable começam a conversar comigo sobre qualquer coisa, dos assuntos mais variados aos mais toscos.

Por outro lado, nossos pais conversam calmamente até eu me lembrar da grande notícia:

— Mãe! Nem te contei, mas a Elise está grávida do papai! Isso não é maravilhoso? — digo com um sorriso grande no rosto.

— Sério? — mamãe exclama assim como eu o fiz.

— Sim... — Elise responde, envergonhada.

— Que notícia maravilhosa, Elise! — Levanta e puxa minha boadrasta para um abraço. — É menino ou menina? — pergunta.

— Não sabemos ainda, mas espero que seja menino dessa vez — papai entra na conversa, tirando a risada de todo mundo. É quase palpável o desespero em sua voz. — Eu não sei se conseguiria cuidar de mais uma garota. Duas são o suficiente.

— O senhor fala isso agora, mas eu tenho certeza que adoraria ter mais uma filha — acuso e papai me encara.

— Querida, você e Parisa realmente já fazem a porra de um estrago no meu coração. Eu estou envelhecendo, não rejuvenescendo. Ataques cardíacos são mais recorrentes em velhos, sabia?

— Do jeito que você é saudável e faz exercícios, fica bem difícil ter um ataque cardíaco — Elise retruca, tirando as palavras da minha boca.

Papai vira o rosto para encarar sua noiva e mãe de seu próximo filho, e,

então, sorri. Eles são tão bonitos juntos que meu coração esquenta com o amor sincero que permeia de um para o outro.

— Eu preciso dessa força de vontade para fazer exercícios também — Will diz e a mamãe ri conosco.

— Você não está tão ruim, pai — Oliver diz, em meio a risadas.

— Você não está tão ruim, Will — continuo.

Dessa forma todo mundo começa a tranquilizar Will. Mesmo Parisa e Trent, que saem de algum lugar com as crianças gritando nos seus braços, reconfortam Will e o mesmo acaba com o rosto mais vermelho que tomate. No final de tudo, antes de levantarmos para irmos jantar, papai convida Will para treinar com ele na academia e o mesmo aceita para a alegria geral de todos, especialmente minha e de Oliver.

— Eles vão virar melhores amigos, você aposta quanto? — Oliver atira e eu gargalho.

— Em dinheiro? Sério?

— Não — Oliver retruca, como se eu tivesse enlouquecido. — Meu pai já vai embora, eu não vou te dar dinheiro de graça.

Reviro meus olhos, escutando-o rir com Fable e levanto o dedo do meio para o casal. Oliver se levanta com Fable e eles dois me oferecem suas mãos. Aceito prontamente e o casal me puxa para ficar de pé. Abraçamo-nos e caminhamos para a sacada, enquanto nossos pais ainda conversam com minha irmã e Trent.

— Eu vou pegar uma cerveja — Oliver diz e nós duas assentimos.

Fable e eu sentamos lado a lado nas cadeiras ali dispostas em minha sacada. Respiro o ar gelado e solto um sorriso de lado, sentindo-me confortável nesse lugar pela primeira vez desde que me mudei.

— Como você está? — pergunta.

— Bem — retruco.

Viro meu rosto e a encaro.

— De verdade, Pamella?

Dou de ombros, sem jeito.

— Eu fiquei bem depois que vocês chegaram...

— E antes disso? — questiona.

Balanço a cabeça negativamente.

Não sei qual a história de Fable, mas eu consigo recordar-me por alto de

Oliver falando que uma vez ela perdeu alguém importante. Certamente Fable entende o que eu estou passando, independente de quem foi esse alguém importante que ela perdeu.

— Você precisa seguir, Pamella. Eu sei como é estar nessa situação, presa e pensando em seus erros dia e noite. Foi por isso que Oliver e eu viemos para cá com Kath e Will. Não vamos deixar você afundar desse jeito, Oliver principalmente.

— Ele te tirou da sua situação? — pergunto, sorrindo de lado porque Oliver é uma pessoa única nesse mundo.

Oliver reaparece com três cervejas abertas. Ele entrega uma para mim e outra para Fable.

— Ele foi a minha luz no fim do túnel — diz, fitando Oliver intensamente. Sou uma mera espectadora nesse momento, mas não me incomodo com isso. — Mas ele só conseguiu me resgatar de volta para a “vida”, pois eu me permiti. — Fable vira para mim e nós dos encaramos. — Se você não se permitir viver outra vez, nós não conseguiremos te ajudar...

— Você diz sim ou não? — Oliver brinca, mas eu sei que ele está falando tão sério quanto Fable.

Desvio minha atenção de ambos e grudo meu olhar no céu escuro e completamente estrelado. Fecho os olhos, calma demais para ser verdade depois de tudo que os dois me falaram. Um vento fresco sopra sobre mim e me abraça, fazendo-me sorrir antes de escutar a voz de Max no pé do meu ouvido.

“Vá”, seu sussurro ecoa em minha mente.

O sonho que tive antes de entrar em colapso também invade a minha cabeça. Ele quer que eu viva, então eu vou viver. Nesse caso, viver significa me dar outra chance e não procurar outro amor.

Eu preciso viver por mim mesma.

— Sim. — Abro os olhos e fito Oliver e Fable.

Ambos abrem um sorriso depois de receberem a minha resposta.

— Bom, eu consegui três entradas para uma das melhores baladas dessa cidade e você estará indo conosco — Oliver avisa, tomando um gole de sua cerveja, completamente despreocupado.

— Balada? Eu vou viver, não farrear...

Ele revira os olhos em resposta.

— Viver significa sair e rebolar o traseiro, bonita. Você precisa viver. — Oliver aponta para mim. — Aliás, eu tenho certeza que você ainda sabe balançar

esse traseiro como ninguém... — Fable dá uma cotovelada em Oliver e ele geme de dor. — Eu só estava lembrando, Fable. O único traseiro que eu gosto de ver balançar é o seu... na minha car...

— Cala a boca, Oliver. — Fable tapa a boca do meu meio-irmão antes que ele assine sua carta de vergonha oficial por falar muito.

Começo a rir deles dois, que começam a discutir sobre o que falar ou não na frente das pessoas. Oliver acaba soltando pérolas vergonhosas e é recompensado com muito tapas de sua namorada. Eventualmente eles param de brigar e Oliver continua seu discurso sobre a balada que ele conseguiu entradas para nos levar. De um jeito ou de outro eu cedi ao seu convite.

Talvez eu precise de um pouco disso para começar a viver.

# CAPÍTULO 7

## NOITE FORA

PAMELLA COHEN

*Você faz com que seja difícil sorrir porque você faz com que seja difícil respirar. Por que você faz isso comigo?*

— SECONDHAND SERENADE, "WHY"

Sou acordada com um monte de beijo na bochecha, o que me faz abrir um sorriso instantâneo. Ontem à noite foi espetacular. Fazia bastante tempo desde a última vez que eu me senti à beira da felicidade e, ontem, isso aconteceu. A chegada da minha mãe, Oliver, Fable e Will deixaram-me muito contente. Eu queria ter gritado para expressar o que senti, mas me controlei bastante para não fazer isso. De fato, eu estou muito solitária nesse apartamento. A minha vida está

vazia e eu não posso negar. Nos últimos meses me acostumei a isso, mesmo com a insistência do papai e da Parisa para trazer um pouco mais de luz e ânimo para o meu cotidiano. Porém, só com a chegada da minha mãe e de Oliver que eu consegui ser convencida a sair da minha zona de conforto. Exatamente. Durante todos esses meses eu estive em minha zona de conforto, pois era melhor assim, mas eu decidi que posso e vou mudar um pouco. Eu consigo fazer isso.

— Acorda, bonita — Oliver exclama e, então, escuto a risada gostosa dos meus sobrinhos, deixando-me saber que Parisa e Trent já estão por aqui.

— Mmm... quanta animação pela manhã, Oliver. — Uso um falso tom chateado para lhe provocar. — Parece que você nunca vai mudar com esse bom humor matinal, certo?

Ele ri e eu finalmente abro os meus olhos, dando de cara com Serena.

— Alguém nessa família precisa animar as coisas e acalmar as pessoas...

— Bom trabalho, rapaz. — Reviro os olhos, bocejando e levantando meu tronco para sentar-me na cama. Puxo Serena para os meus braços, beijando seu cabelo escuro e fitando Oliver, que tem Bryan nos seus braços. — Todos já estão de pé ou é só você e sua hiperatividade matinal?

— Ha-ha, muito engraçada, Pamella Cohen — bufa, mas não deixa de sorrir depois disso. — Todos já estão de pé e alimentados, só falta você, mas Parisa me impediu de vir aqui trinta minutos atrás para te acordar — explica.

— E que horas são? — pergunto, bocejando mais uma vez.

— Perto das onze.

Arregalo os olhos.

— Onze da manhã? — Se eu tivesse algum líquido na boca, com certeza o teria cuspidado para fora em dois tempos.

— Da noite que não é, Bela Adormecida. Será que agora podemos sair do quarto? — indaga.

— Eu só vou escovar os dentes e já apareço pela cozinha — informo, arrastando-me pela cama com Serena e entregando a minha bolinha branca nos braços de Oliver. — Eles não são fofos? — Aponto para Bryan e Serena.

— Sim, porra... — Oliver sorri, encarando nossos sobrinhos. — Será que você vai ter gêmeos também? — Franze o cenho, com um sorriso tolo nos lábios.

Oliver e suas colocações inconvenientes.

— Eu não tenho um namorado ou marido para me engravidar. Eu não vou...

— Cale a boca — exige, revirando os olhos em seguida. — Concordamos

que você vai se dar uma chance, não é mesmo?

Eu o fito, incrédula.

— Sim, mas isso... Mmm... quero dizer, olhe só para onde você já levou tudo que eu disse, Oliver. Bebês. Eu vou **me** dar uma chance, unicamente para mim.

— E eu que pensava que Parisa era a mais teimosa das gêmeas — cantarola, antes de passar e me empurrar levemente para o lado.

— Ei, e ela é! — exclamo.

Oliver sai rindo e, no segundo seguinte, Parisa coloca a cabeça para dentro do meu quarto. Plantando as mãos de cada lado da minha cintura, arqueio uma das sobrancelhas em desafio.

— O quê?

— Você soa tão... malcriada — constata, fitando-me de cima a baixo. — Eu gosto.

— Malcriada por ter falado que você é a mais teimosa entre nós duas? — provoco e Parisa sorri.

— Também, babe, mas principalmente por essa atitude. Eu realmente gosto. Acabo sorrindo de volta.

— Você gosta, Parisa?

— Absolutamente, e concordo com você, babe. Sou uma pá na bunda de todos que eu conheço, principalmente na bunda de Trent. Não pense que com você vai ser diferente. Eu não vou parar até ter você de volta para a nossa família. — Solto o ar pela boca e sorrio para a minha irmã gêmea. — Estamos esperando por você na sala, aliás, temos visita.

Parisa me deixa sozinha com uma interrogação imaginária no meio da testa. Temos visita...?

Sacudo a cabeça e corro para o banheiro. Escovo os meus dentes e limpo o rosto rapidamente, passando um pouco de água para acordar de vez. Corro os dedos pelo meu cabelo e saio do banheiro depois de, provavelmente, cinco minutos.

Nós realmente temos visita?

Isso não faz nenhum sentido. Eu nunca tenho visitas porque eu simplesmente nunca saio com ninguém ou tenho amigos pela cidade. Meus únicos amigos estão na academia do meu pai e eles não costumam me visitar, afinal nos vemos todos os dias.

Saio do quarto ajustando minha calça de moletom no meu quadril e



alisando a minha camiseta curta. Perto de entrar na sala de estar, consigo escutar uma voz conhecida por mim: Florence, mãe de Tristan. Eu a escuto conversar com a minha mãe, ambas soando tão animadas quanto possível.

Céus... esqueci de Florence.

Acho que posso considerá-la uma amiga.

Quando entro na sala de estar, respiro aliviada por apenas ela estar aqui. Tristan deve ter odiado a sua curta aparição e interação com a minha mãe. Agradeço aos céus por ele não estar aqui. Lidar com a sua cara fechada logo cedo não é o meu objetivo de vida.

— Bom dia — digo, abrindo meu melhor sorriso para saudar Florence.

Ela se levanta imediatamente, com um sorriso tão grande quanto o meu e vem em minha direção.

— Bom dia, Pamella — responde. Trocamos um abraço rápido e simples. — Meu filho disse que a nossa vizinha favorita está com a família em casa, então resolvi fazer um bolo para desejar-lhes boas-vindas.

— Ele disse que eu sou a vizinha favorita de vocês? — pergunto, franzindo o cenho, desconfiada.

Florence ri, sem graça.

— Na verdade não, mas eu digo que é — retruca.

Sorrio de lado, comovida com sua frase.

— Bom, você também é a minha vizinha favorita.

Nós duas rimos.

— E será a minha vizinha favorita também se sempre aparecer com esses bolos maravilhosos, Flor — Oliver se declara, passando o braço por meu ombro e acentuando bem o seu falso sotaque espanhol. — Eu estarei aqui pelas próximas duas semanas, então pode sempre bater na nossa porta.

Eu, mamãe e Florence rimos de Oliver, que se finge de ofendido.

— Ele é uma graça — Florence diz, voltando a se sentar no sofá ao lado da minha mãe.

— Eu também acho — sorrio, fitando Oliver e ele sorri de volta. — Principalmente quando mantém a boca fechada.

Meu irmão revira os olhos e me empurra para o sofá. Dou risada de sua pseudo-irritação, enquanto eu o observo ir até Fable, que nos encara e também ri da cena.

— Preciso ir para casa agora... — Florence diz e eu paro de sorrir. — Tenho que fazer algumas coisas e sair para o mercado.

— Ah, mas...

— Eu posso ir com você? — mamãe pergunta, como sempre animada para qualquer atividade que envolva compras. — Pamella não tem quase nada na dispensa. — Semicerra os olhos em minha direção.

Levanto as mãos em sinal de rendição.

— Claro, eu adoraria ter sua companhia!

Deixo as duas conversando e se despedindo, e vou até Oliver e Fable, observando que Parisa e Trent estão com as crianças na sacada do meu apartamento. Sento-me em frente ao casal e pego um prato que está de lado, cortando um pedaço do bolo ali disposto e provando imediatamente.

— Não está bom? — Oliver pergunta e eu aceno positivamente.

Realmente muito bom.

É um maravilhoso bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

Meu Deus!

Florence é maravilhosa!

— Aproveita e casa com o filho dela, assim poderemos ter mais desses aqui. — Engasgo com o pedaço que estava para engolir e Oliver gargalha com Fable.

A loira coloca suco de laranja em um copo e o oferece para mim. Tomo dois longos goles, voltando ao meu estado normal aos poucos. Sinto vontade de xingar Oliver, mas mordo minha língua e poupo o meu desgaste mental. Mordo outro pedaço do bolo e mastigo com cuidado.

— Quem cala consente, sabia, Pamella? — continua a me provocar. — Como é o cara? Você está de olho nele ou algo do tipo...?

— Você é um estúpido — sussurro de boca cheia.

Não quero que Florence me escute falando consideravelmente mal do seu filho. Ela foi gentil, trouxe bolo de boas-vindas para mamãe, Will, Oliver e Fable. Eu não vou fazer isso, não mesmo.

— É sério, bonita, me diga. Posso te ajudar com ele?

— Pode me ajudar sim... — Sorrio e ele arqueia a sobrancelha. — Calando a boca e ficando quieto, Oliver.

— É sério, Pam. Parece que você está interessada nele, não é mesmo, amor? — pergunta para Fable.

— Pela reação dela eu diria que não — Fable retruca e Oliver contorce seu rosto em uma careta para sua namorada. — O quê? Não posso mentir, Oliver.

— Mas você poderia me ajudar — reclama. — Que seja... Essa ainda é uma alternativa a ser pensada. Não a descarte com tanta facilidade, bonita. Talvez ele seja o grande amor da sua vida.

— Eu não tenho paciência para isso, Oliver. Apenas pare — comando uma última vez.

Ele sacode os ombros despreocupadamente.

Termino de comer meu pedaço de bolo e tomo o resto de suco que ficou no copo. Escuto Florence sair e minha mãe se aproxima de nós.

— Ela é uma mulher adorável. Nunca imaginaria que tem um filho como aquele — mamãe diz, sentando-se ao meu lado e eu solto uma risada, fitando Oliver com uma cara de “eu disse para você”.

— O cara é tão ruim assim? — pergunta ele, cruzando os braços em frente ao seu corpo e muito provavelmente não se dando por derrotado.

— Pam me disse que ele é o novo nome do Circuito e está substituindo Trent. Ele é assustador...

— Lutadores do Circuito têm que ser assustadores, Katherine — Trent diz, sentando-se do meu outro lado com Serena e Bryan nos braços. Minha irmã senta ao lado de Oliver, logo à nossa frente. — Ele incomodou alguma de vocês ou apenas manteve a cara fechada?

— Manteve a cara fechada. — Mamãe se apressa para documentar tudo o que viu e eu internamente rio de sua reação. — Ele apareceu todo cheio de músculos, sem camisa e só de calça de dormir. Eu o compararia com os grande e impecáveis prédios de New York, pois é um homem realmente grande. Quando ele abriu a boca estragou toda a magia da coisa. Já estava imaginando a minha filha carregando os bebês do Tristan...

Abro a boca incrédula, já que ela não me disse isso, e todos começam a rir.

— O que diabos...? — sussurro.

— Só que ele é muito ríspido. — Minha mãe faz um bico.

— Mãe, você só é um pouco sensível demais. — Parisa tenta mostrar a ela a mesma coisa que eu penso. — Ele nunca foi ríspido ou rude comigo...

— E é bom que continue assim — Trent a interrompe. — Ninguém fala atravessado com a minha mulher — completa.

Observo faíscas entre Parisa e Trent, algo realmente comum para os dois. Sorrio de lado, dando um tapinha nas costas do meu cunhado.

— Isso é adorável, Furor... — digo e ele me olha de soslaio.

— Isso pode ser tudo, menos adorável — Parisa retruca, rindo baixo. Ela

pigarreia e vira sua atenção para mim. — Mas ele está te irritando, Pam?

— Eu não entendo qual o motivo de toda essa proteção. Se ele me irritar, certamente darei um jeito de chutar suas bolas. Tristan não me afeta em nada, e você, mãe, já pode tirar de uma vez por toda essa ideia da cabeça.

— Não está mais aqui quem pensou...

Respiro aliviada e relaxo na cadeira.

— O que vamos fazer essa tarde? — pergunto, mudando de assunto.

Tristan não vai ser o assunto principal dessa conversa.

— Eu vou sair com Florence, mas volto em uma hora, no máximo. Vocês poderiam fazer o almoço e quando eu voltar decido o destino da nossa tarde... Que tal? — mamãe sugere e nós assentimos.

— As moças comprometidas tomam conta da cozinha, pois eu não sei nem cozinhar um ovo.

— Algumas coisas nunca mudam, Pamella — Parisa afirma e eu assinto.

Eu não nasci para a cozinha.



**D**urante a tarde toda, Parisa, mamãe, Fable, Will, Oliver, Trent e eu assistimos a muitos filmes. Já estava tudo combinado desde a noite passada, mas quando Oliver mandou eu ir me arrumar, já perto das seis horas, percebi que realmente estaríamos indo para balada, e isso aconteceria hoje. Tentei adiar, talvez até mesmo me livrar dele, mas não consegui de jeito nenhum. Minha mãe entrou na onda de Oliver e me expulsou para o meu quarto, ordenando que eu me banhasse e arrumasse para sair com meu irmão e sua namorada.

No momento, eu acabei de me arrumar.

Depois de tanta indecisão e batalha interna, estou pronta. Fisicamente? Tudo no ponto. Psicologicamente? Nada legal. Talvez eu precise de algumas bebidas para realmente ter um pouco mais de coragem para ir. Oliver começa a bater na porta do meu quarto e eu quase dou um pulo de susto, porém, com calma, penso bem no que devo fazer. Tenho vontade de me fingir de morta e não abrir a porta, mas sei que quem vai acabar tendo prejuízo será unicamente eu, já

que Oliver arrombará a porta e me forçará a mover minha bunda para fora de casa.

Sinceramente?

Eu vou.

Caminho até a porta do meu quarto e destranco a mesma, abrindo e dando de cara com o homem mais insistente de toda face da Terra: Oliver Sparks, carregando um sorriso brilhante nos lábios.

— Você está parecendo gente, Pamella Cohen... — analisa, fazendo-me revirar os olhos para ele. — Preto cai bem em você. Definitivamente.

— Quando você começa a falar de roupas e caimento, eu sempre acabo com dúvidas sobre a sua orientação sexual — provoco, empurrando-o para fora do meu caminho e começando o percurso para a sala de estar.

— Eu preciso saber o quão difícil será para tirar a peça do corpo da minha Fable, então eu estou por dentro das coisas — Oliver explica e eu viro o rosto para fitá-lo. — Literalmente.

Faço uma careta para ele, achando, como sempre, desnecessário demais alguns de seus comentários.

Entramos na sala de estar e mamãe é a primeira a me avistar. Ela sorri e se aproxima apressadamente, segurando minha mão e me fazendo girar sobre os meus pés. É, de fato eu pareço muito com a “velha eu”. Estou usando um curto vestido preto, que favorece todas as minhas curvas e seios, e nos pés eu calço um salto alto vermelho e maravilhoso.

— Você está divina, filha! — ela exclama, segurando em meus braços e depositando um beijo estalado em uma das minhas bochechas.

— Fico feliz que tenha gostado — brinco, um pouco acanhada por estar nessa situação.

Se fosse alguns anos atrás, adoraria tal atenção, mas no momento eu me sinto como o mais raro bicho do zoológico, cercado de pessoas atentas para gravar o seu próximo passo.

— Sua irmã, Trent e as crianças foram embora, mas te desejaram uma boa noite e muita diversão — mamãe diz, informando-me sobre o que aconteceu enquanto estive trancada em meu quarto.

— Amanhã eu ligo para eles e agradeço. — Reviro os olhos em tom de brincadeira, conseguindo arrancar a risada de todos. — Podemos ir? — pergunto, virando-me para Oliver e Fable.

Ambos estão muito bem.

Meu irmão usa um jeans escuro, camisa social branca e um blazer preto. Fable já usa um vestido do mesmo comprimento que o meu, um pouco mais decotado e de cor verde. Seu cabelo está solto e cai de forma extremamente elegante sobre seus ombros magros.

O casal perfeito sem dúvida nenhuma.

— Podemos — Oliver concorda.

Dou mais um abraço forte na mamãe e me despeço de Will. Eu, Oliver e Fable saímos do apartamento em meio uma conversa leve e animada sobre a nossa noite. Excitação começa a finalmente correr por minhas veias. Vê-los tão animados acabou me contagiando, o que é bom, uma vez que não quero ficar jogada de canto pelo resto da noite.



Uma, duas, três, quatro, cinco, oito, seis, nove, sete...

Perdi a conta.

Depois de tantas idas e voltas, Oliver deve ter me entregado a décima dose de tequila. Eu já estou trocando os nomes e rindo sem motivo nenhum, mas se tem uma coisa que me deixa leve, essa coisa se chama tequila.

Logo que chegamos na balada, às oito da noite, fomos direcionados para a área mais VIP de todos os lugares que já tive chance de ir. Oliver estava certo. Esse lugar aqui é de outro mundo e, como ele conseguiu essas entradas, ainda não sei, mas ele poderia conseguir mais dessas para nós.

Do local em que estamos, o terceiro piso, podemos ver o show de luzes que é oferecido para a maioria das pessoas que se amassam ali embaixo. Aqui em cima também tem tal atenção, mas é um pouco mais calmo e menos cheio.

— Eu vou... — Engulo um arroto que quase escapa da minha boca e faço uma careta, escutando a gargalhada alta de Oliver e Fable através da música eletrônica persistente. — Eu vou dançar... sozinha...

— Tem certeza? — Oliver tenta se certificar.

— Eu vou achar um par — aviso.

É mentira.

Pretendo dançar realmente sozinha, mas ele não precisa saber disso, apenas focar em Fable e me deixar por conta própria por alguns minutos.

— Boa sorte! — os dois gritam.

Levanto meu dedão em sinal de positivo e viro minha não-sei-qual dose de tequila. A bebida me deixa solta. Afasto-me de Oliver e Fable com dificuldade, indo para o outro lado do salão e me segurando no corrimão. Minha visão está turva demais e eu praticamente tenho que parar a cada dois segundos para me situar em meu caminho.

Deixo o copo minúsculo em uma mesa qualquer e giro sobre os meus pés, fechando os olhos e começando a dançar sozinha. Durante os últimos meses, nunca me senti tão livre como agora. Espanto todos os pensamentos ruins da minha cabeça e curto o meu momento comigo mesma. Na minha segunda música, sinto a presença de alguém atrás de mim. Não demoro para ter braços ao redor da minha cintura. Viro o rosto para tentar ver quem é a pessoa, mas ela não me deixa concluir o movimento.

— Quem é você? — Mesmo com a língua pesada e a cabeça girando mais do que nunca, consigo formular a frase e me comunicar com sucesso.

A resposta não vem.

A música troca para uma mais calma e eu dou uma risada.

“Era só o que faltava”, penso.

— O quão estranho é ter uma música calma tocando em uma balada? — continuo, tentando obter algum contato a mais do que o corporal.

Não sei onde estou com a cabeça para deixar alguém me tocar dessa forma, mas se Oliver perguntar eu vou alegar embriaguez, o que não deixa de ser verdade.

— Você fez isso? — pergunto.

Seu resmungo em concordância me faz tremer.

— Você não vai falar nada? — ele resmunga em negação dessa vez. — Tem certeza? — Repete. — Vamos apenas dançar essa música e... só? — afirma.

Bufo.

Fecho os olhos, seguindo o balanço calmo de seu corpo. Ao meu sentir, ele é alto e forte. Sua mão grande está espalmada em minha barriga de forma simples, enquanto a outra encaixa em meu quadril. Estou ficando louca, mas não é disso que se trata os melhores momentos da vida? Ao menos posso dizer que dancei com um desconhecido essa noite, no sentido literal da palavra.

A música chega ao fim, eu nem mesmo me ligo para a letra, só absorvo a

melodia e é o suficiente.

O corpo do cara atrás de mim começa a se mover.

— Você está indo embora? — pergunto.

Ele concorda outra vez em seu particular resmungo.

Seu corpo descola completamente do meu e eu tomo fôlego para outra pergunta.

— Posso te ver agora ou você pode falar alguma coisa de verdade?

Nenhuma resposta vem e sua presença não está mais ali. Viro para trás e não acho ninguém, nenhum movimento estranho ou algo do tipo. Vejo Oliver se aproximar com Fable, ambos com um sorriso pequeno de canto de boca.

— Quem era aquele cara com você? — Oliver pergunta e eu dou de ombros.

— Você o viu? — indago, mais curiosa que o necessário.

— Sim. Ele deve estar descendo pela escada nesse exato momento. — Dá de ombros.

— Esqueçamos isso, esqueçamos ele. Posso ter mais uma bebida?

Forço uma mudança de assunto para não ficar assombrada pelo estranho da pista. Oliver acena para mim, compreendendo meu ponto e me deixa com Fable, indo pegar mais bebidas para nós.

— Está se divertindo muito? — ela pergunta.

— Sim! — exclamo de volta por conta da música eletrônica que volta a tomar conta do ambiente. — Mais do que eu pensei que me divertiria — completo.

Nós duas começamos a rir e eu a puxo para um abraço, sentindo que minha embriaguez está começando a tomar um lado emocional.



— Vamos subir, Pamella! — Oliver exclama, rindo para o nada e do nada.

Eu começo a rir de volta, mas nego com a cabeça.

— Eu preciso te contar um segredo... — falo, olhando para os lados e



chamando Oliver e Fable com o dedo. Trocando os pés, ambos se aproximam de mim. — Eu... bom, quando eu fico bêbada... eu começo a me sentir presa... — Nós três rimos e, por mais que eu esteja alta por conta da bebida, eu estou falando sério de verdade. — Eu vou pela e-escada e encontro vocês lá em cima em... — Levanto a minha mão e começo a tentar contar, até que desisto. — Cinco minutos.

— Cinco minutos? — Oliver tenta se certificar, mas ele não para de rir com Fable.

— Talvez sete — digo, empurrando-os para dentro do elevador parado outra vez.

— Vamos esperar você — avisa e acena para mim.

Dou uma risada e começo meu caminho até a escada. Empurro a porta pesada e deixo a mesma bater, escutando a calmaria desse lugar. Seguro no corrimão e começo a subir calmamente os muitos degraus que terei pela frente. Relembro da minha noite com Oliver e Fable, e começo a rir sozinha. Puxo da memória os passos toscos que Oliver fez ao redor de nós duas, tudo com o objetivo de tentar me colocar para cima. Minha risada se intensifica catastroficamente, fazendo-me parar no meio do primeiro lance de escada.

Escuto um pigarro e abro os meus olhos, que fechei anteriormente de forma inconsciente, e acho Tristan me fitando parado logo ali. Ele está usando um gorro preto para esconder o seu cabelo loiro e toda a sua roupa segue a mesma cor que o adereço no topo de sua cabeça. Tristan parece irritado, como sempre, mas eu não atrevo a tirar o meu sorriso dos lábios. Ele não vai tirar a minha felicidade bêbada de mim. Não mesmo.

— Boa noite, Killian — digo, voltando a subir os degraus, mais tonta que antes.

Ele não diz nada.

— Quanta grosseria... — cantarolo. — Quando alguém diz “Bom dia”, “Boa tarde” ou “Boa noite”, a outra pessoa responde. Tenho quase certeza que esqueceram de ensinar isso para você.

Reviro os meus olhos e a minha subida é interceptada por Tristan. Ele coloca-se na minha frente, atrapalhando a minha passagem com o seu corpo enorme do caralho.

— Você está bêbada? — pergunta.

Solto uma risada tosca, fazendo uma careta de “do que você está falando?” e o ignoro, tentando passar por ele.

— Eu não bebi — minto.

Tristan solta uma risada cínica.

— É mesmo? E esse cheiro de bebida vem de quem? — continua.

— De você. Acha que eu não estou sentindo? — Aproximo o meu rosto para fingir que estou cheirando Tristan, mas acaba por ser uma situação bem estranha, afinal, eu estou alguns degraus mais abaixo do que ele.

— Aí que você cheira as pessoas? Pamella, meu pau não bebe nada além de boceta, fique tranquila quanto a isso.

Minhas bochechas esquentam.

O que diabos eu estou fazendo, afinal?

— Estúpido! — exclamo, adquirindo um tom áspero e ficando na defensiva.

Empurro o corpo de Tristan para o lado — ou pelo menos tento fazer isso — e passo por ele, terminando de subir os últimos degraus e trocando os pés até o próximo lance de escada. Em algum momento eu sou tirada do chão, mas estou tão tonta que para mim é apenas como se eu tivesse andando em círculos.

— O que porra está acontec...

Minha cabeça tomba para o lado, já que não consigo terminar a minha fala. Meus pés acham o chão e meu corpo, a parede. Meu rosto está pressionado levemente contra os azulejos brancos do lugar estranhamente escuro e o meu corpo esquenta com a presença do lutador atrás de mim.

— Onde você estava, Pamella? — Tristan murmura ao pé do meu ouvido.

Um arrepio estranhamente agradável sobe por minha espinha e eu mordo o meu lábio inferior para conter um sorriso de formar-se em minha boca.

Eu estou muito bêbada, caramba!

— Por que está me perguntando isso? Será que é da sua conta? — questiono, sentindo a pressão e adrenalina que esse momento traz para mim.

— Eu só gostaria de saber mais quantas pessoas te viram com esse ínfimo pedaço de pano...

A minha cabeça está me sabotando.

Quando em mil anos a voz de Tristan soaria tão suave de perto?

— Um monte. Eu dancei muito com o meu ínfimo pedaço de pano. Tenho certeza que quem estava naquela balada aproveitou a visão de uma mulher gostosa como eu. — Em um movimento quase que falho por conta de tanta proximidade, dou de ombros.

— Essa sua autoestima é admirável, eu gosto.

— Mmm... — resmungo. — Mulheres vivem se depreciando por detalhes medíocres e perdem a chance de ver a beleza em cada uma delas, perdem a chance de se amarem. Somos todas lindas. Eu sou linda e sou gostosa pra caralho.

Tristan ri, provocando-me ao beijar o meu maxilar.

— Eu concordo.

Franzo o cenho, mesmo que ele possa acabar não vendo esse gesto.

— Concorda? — Estou confusa.

— Sim. Mulheres são lindas e não deveriam se ligar em detalhes medíocres. Eu particularmente não percebo metade das reclamações femininas sobre si mesmas...

— E você escuta muitas? Ah... Eu esqueci que você tem uma mulher nova para cada dia da semana. — Beber, de fato, me deixa corajosa.

Tristan volta a rir.

Por que ele ri tanto?

— Tem alguma coisa que você não goste em si mesma? — questiona.

No momento, fisicamente, não.

— Antes eu costumava odiar a minha barriga, mas depois de tanto treino eu não tenho uma para contar história — admito.

Mesmo que eu sempre tenha sido magra, em algum momento da vida todas as mulheres acharão defeitos onde não tem. Eu fui uma delas.

As mãos de Tristan deslizam pela lateral do meu corpo e ele para de me pressionar contra a parede, colocando ambas as mãos sobre minha barriga. Meu estômago embrulha e eu sinto algo perto da ânsia de vômito subir, mas não de uma forma ruim. De repente, estou nervosa. Eu não costumo ficar nervosa e isso secretamente me irrita. O toque de Tristan, mesmo sobre o tecido do meu vestido, esquenta toda a minha pele. Sinto sua respiração beijar o meu ombro e eu mordo meu lábio inferior, completamente temerosa do que vem a seguir. Com sua mão, Tristan empurra meu cabelo para o lado e toca minha cicatriz. Arde. Realmente arde.

— O que é isso? Como você conseguiu essa cicatriz? — pergunta tão baixo quanto é possível.

Sua voz grave é cheia de dúvidas, mas eu não posso responder a nenhuma delas. Empurro Tristan para longe e colo minhas costas na parede. Seu olhar escuro está sobre mim como se ele estivesse tentando entender cada parte do meu ser e isso é estranho demais, talvez até mesmo assustador. Ele volta para o

seu lugar, pressionando o corpo contra o meu.

— Qual o seu problema, Tristan?

Eu realmente quero saber qual o problema dele.

— Você é o meu problema, Pamella Cohen.

Ele pega uma mecha do meu cabelo e enrola no seu indicador, soltando-a em seguida e traçando o caminho da minha clavícula com seu dedo.

O que está acontecendo com nós dois, afinal?

— Por q...

— Você faz muitas perguntas, sabia? — ele me corta. — Eu não gosto de perguntas, eu nunca gostei. Por que você não para de perguntar e me diz o que aconteceu com seu ombro?

Solto uma risada cínica.

— Você está me fazendo perguntas... — cantarolo.

Tristan bufa. O ar que ele solta, deixa-me sentir o agradável frescor de seu hálito. O meu deve estar uma merda. Provavelmente cheiro como um alcoólatra cheiraria.

— Você está certa — murmura.

Com a boca pairando sobre a minha, sinto a necessidade de empurrar Tristan para longe de mim e gritar com ele para nunca mais chegar tão perto como está fazendo. Mas, ao mesmo tempo, eu não quero fazer isso. Não mesmo. E isso me deixa confusa.

— O que você pensa que está fazendo? — sussurro.

— Eu estou te beijando.

Meu coração salta no peito quando Tristan coloca sua boca em cima da minha bochecha. Seu beijo é quente e parece ser tão familiar, que eu apenas fecho os olhos e aproveito essa sensação. Com a boca em cima da minha pele, ele arrasta demoradamente até minha outra bochecha. Meu estômago contrai perigosamente e eu suspiro. Tristan segue com seus beijos por todo meu rosto. A cada novo pressionar de boca, meu coração acelera como se estivesse em uma corrida de carro, uma daquelas bastante perigosas. Depois de passear ao seu próprio gosto, Tristan deixa sua boca cair sobre a minha. Seus lábios cheios são macios e molhados, algo que nunca provei antes. Eu estou muito bêbada, mas mesmo assim eu sei o que tive no passado com outros homens, principalmente Max. Ele me tira o fôlego em menos de um mísero segundo.

Parece errado, mas será q...

— Pamella?

A voz de Oliver me puxa para a realidade, a sóbria realidade, onde Tristan é um idiota que me trata mal a cada dois segundos e eu o repudio com toda minha força. Descolo nossas bocas ao empurrá-lo para trás. Não aconteceu nada demais, só o encaixe de seus lábios nos meus, mas eu sinto como se tivesse acabado de sair de uma maratona, completamente ofegante. Olho para cima e acho Oliver no topo do segundo lance de escada. Ele parece atônito, mas feliz. Por que tal felicidade? Não sei, então eu o ignoro.

— Quem é você? — Oliver pergunta a Tristan, franzindo o cenho.

Viro-me uma última vez para Tristan, observando-o pálido como nunca.

Ele provavelmente percebeu a besteira que fez.

— Ninguém.

Essa é a única coisa que ele fala antes de descer o resto da escada e abrir a porta para sair dali. Seguro no corrimão outra vez, encostando minha cabeça na parede e fitando Oliver, perdida.

— Quem era esse cara? — questiona.

— O meu vizinho.

— Oh, porra. — Ele ri. — Acordou para a vida, irmãzinha? — Desce os degraus da escada e para na minha frente.

— Eu não sei o que acabou de acontecer, então pare de joguinhos. Aliás, obrigada por ter chegado e nos atrapalhado. Eu juro que perdi toda a noção e tenho uma confusão mental instalada em minha cabeça nesse exato momento.

Oliver oferece sua mão para mim, ainda sem deixar de rir, e me puxa. Habilidosamente, ele me coloca sobre seu ombro e eu tenho muito medo de que ele acabe nos levando para o chão, então não protesto, apenas fico cutucando suas costas e relaxo de cabeça para baixo.

No instante em que ele me coloca de pé e me segura até eu ficar estável em meus pés, arrumo o meu cabelo e observo a cara pensativa do meu irmão.

— Aquele cara... o seu vizinho... tem certeza que ele é realmente o seu vizinho? — questiona do nada.

Franzo o cenho e reviro os meus olhos.

— A mais absoluta certeza.

Oliver coça a nuca e dá de ombros.

— Eu tenho a leve impressão de que ele... — Para de falar.

— Ele o quê, Oliver? — Sim, eu sou impaciente assim mesmo.

— Ele é o mesmo cara que estava dançando com você na balada.

Então Oliver acha que Tristan estava na mesma balada que nós?

Dou uma risada e balanço minha cabeça negativamente.

— Impossível.

# CAPÍTULO 7.1

## A MARIONETE DO SHOW

TRISTAN RIVERA

*Eu me tornei tão insensível, não posso te sentir aí. Fiquei tão cansado, tão mais consciente.*

— LINKIN PARK, "NUMB"

ANOS ATRÁS...  
WASHINGTON, D.C.

No instante em que sou abatido e caio no chão como um animal selvagem finalmente controlado, minha cabeça lateja com uma aguda dor que se infiltra no mais profundo de mim. Tenho o costume de assistir filmes de terror e de

observar como, mesmo que seja tudo fruto das mais baratas atuações, algo causaria dor em uma pessoa. Admito que em quase todas as vezes as atuações são levadas para um lado extremista demais, como se o indivíduo fosse morrer a qualquer instante, mas no final ele sempre vence aquela dor lancinante que esvaça todas as suas forças em prol de algo maior. É incrível como o cinema norte-americano é melodramático e, apesar de tudo, constantemente tenta dar um final feliz para todos os seus enredos repetitivos.

Isso não é verdade.

Nem todos têm finais felizes.

Há pessoas morrendo de fome nesse exato momento. Há pessoas sendo executadas nesse exato momento. Há pessoas morrendo por doenças malignas e sem piedade. Há pessoas como eu, de sete anos de idade e mentalidade de vinte, lutando para escapar da jaula em que habita junto de sua mãe.

Se a vida fosse fácil, se as dores fossem controláveis, tudo isso seria reversível. Infelizmente eu não controlo a minha dor, eu não controlo a minha vida.

Eu sou só mais um entre os milhares que estão morrendo nesse exato momento.

Um miserável.

Uma marionete.

A marionete do show de horrores.



# CAPÍTULO 8

## CHOQUES

PAMELLA COHEN

*Por que você tem que ir e tornar as coisas tão complicadas?*  
— AVRIL LAVIGNE, "COMPLICATED"

Não há pessoa que acorde sorrindo depois de ter tomado o maior porre da sua vida na noite anterior e comigo não seria diferente. No momento em que me dei conta que estava acordada, coisa que demorou por longos segundos, levantei a cabeça e caí de volta na cama. Arrependo-me amargamente de ter feito o que fiz e, o arrependimento me bateu mais forte quando Oliver apareceu para me interrogar sobre o meu “vizinho estranho”, que apareceu com remédio para

ressaca às seis da manhã. Claro que Oliver aproveitou para tomar o remédio que Tristan trouxe para mim e isso melhorou consideravelmente sua dor de cabeça, mas não teve mesmo efeito em mim. Minha cabeça está doendo por mil e uma razões, contudo a principal delas é “por que diabos eu deixei Tristan me beijar?”. Eu não lembrava de nada até Oliver tocar em seu nome, e quando meu irmão o fez, o sentimento de confusão e as sensações estranhas voltaram para me recordar de que Tristan é tudo que eu nunca quis e me recuso a querer. Não, não e não. Tristan não é material para namoro ou coisa parecida. Pareço louca por pensar isso, mas a forma como ele me tratou, mesmo debaixo de toda sua casca rude, fez com que eu sentisse uma manada sem controle em meu estômago. Eu não quero sentir essas sensações por Tristan. É furada.

Pego a toalha úmida que minha mãe me deu no instante em que entramos no carro e encosto em Oliver, aconchegando-me em seu braço. Estamos indo para a academia, assim como mamãe disse que Will combinou com meu pai. Eles vão treinar e isso é até animador, afinal, a nossa família está se unindo um pouco mais pela primeira vez na vida. Quando coloquei o pé para fora de casa e olhei para a porta do apartamento de Tristan, pensei nele imediatamente. Tive vontade de bater e perguntar o motivo pelo qual ele foi levar remédio para mim logo cedo, porém me fiz esquecer essa ideia. Claro, eu vou questioná-lo em algum momento, mas agora não seria tão bom quanto o planejado. Eu estou morrendo de dor de cabeça e passando levemente mal, ter uma discussão com Tristan só pioraria a minha situação. Espero, do fundo do meu coração, que ele tenha ido para algum lugar bem longe da academia. É quase que impossível, mas vai que hoje é o meu dia de sorte?

— Tudo bem por aí? — mamãe pergunta, fitando-me pelo retrovisor.

Forço um sorriso e Oliver ri ao meu lado.

— Ela parece um pedaço de merda, Kath, mas vai sobreviver. Pamella é uma garota forte e provavelmente já está pronta para o próximo round. Certo, irmãzinha? — Seu tom irônico e sua comparação acabam me fazendo rir.

— Eu estou pronta para me encostar em qualquer lugar mais confortável que você e dormir até a minha próxima vida, se é que ela existe...

— Oh, esse drama. Senti falta da minha garota — continua Oliver, ironicamente.

Reviro os olhos, fechando-os em seguida. Volto ao meu lado estado de inércia corporal e, dessa vez, inércia mental. Acabo adormecendo, do nada...



Abro os olhos com dificuldade e dou de cara com um Oliver sorridente. Ele estala os dedos em frente ao meu rosto e gradativamente recubro aos meus sentidos. Estamos na academia e eu acho que estou deitada em um dos bancos.

— Ainda está apagada? — Oliver indaga.

Levanto a minha cabeça e Fable sorri para mim, segurando as minhas pernas. Estou com a cabeça no colo de Oliver e as pernas em cima de Fable.

— Me sinto melhor — admito, bocejando logo após.

Endireito meu corpo roboticamente até bater com as costas na parede. Posso escutar o som das pancadas que os atletas estão desferindo em seus treinos e procuro pelo meu pai, achando mais pessoas que o necessário com ele. Papai está treinando com Will, Trent e Tristan. Os quatro estão rindo entre si e eu tenho que me beliscar para tentar entender se é verdade ou não. Tristan está sorrindo e isso é estranho. Tristan quase nunca sorri, e eu digo isso porque o observei algumas vezes. Sua expressão fechada sempre está muito bem colocada no rosto, não importa a hora ou momento. Vê-lo sorrir com parte dos homens mais importantes da minha vida é o suficiente para me fazer cogitar a ideia de que tudo se trata de um sonho macabro.

— Por quanto tempo eu dormi? — volto a falar, fitando Oliver outra vez.

— Meia hora, bonita. Acredite, você não perdeu muita coisa... quero dizer... — Oliver encena de modo ridículo. — A não ser que você quisesse ter um tempo com seu “vizinho” ali. Nesse caso, você perdeu uma boa oportunidade.

— Agora não, mas quando eu tiver força o suficiente, farei você se arrepender de insinuar tais coisas sobre mim e você-sabe-quem.

— Tem certeza que você vai compará-lo ao Voldemor...

— Não! — exclamo, arrependendo-me em seguida de ter feito tal coisa. — Não se fala o nome de você-sabe-quem, Oliver.

— Você é uma nerd idiota, irmãzinha — diz, revirando os olhos.

— Não espalhe isso por aí. — Solto uma risada fraca. — Onde a mamãe está? — indago.

Oliver aponta para a porta do escritório do meu pai, onde Parisa, minha mãe e Elise saem com as crianças, rindo e conversando entre si. Levanto e caminho diretamente até elas, abraçando minha mãe quando estamos próximas o suficiente. Parisa começa a rir com Elise e eu faço um bico, olhando para cima e encontrando a Sra. Sparks me fitando confusa.

— Por que você deixou Oliver me levar para sair? Por que me incentivou a sair? Eu sinto como se o mundo tivesse caído na minha cabeça — choramingo, extremamente arrependida de tudo que ocorreu noite passada e, sobretudo, de tudo que ocorreu com Tristan.

— Filha... — murmura, segurando o riso. — Vá para o escritório do seu pai e relaxe um pouco. Eu tenho Advil em minha bolsa. Vou pegar e encontro com você em alguns minutos. Estamos entendidas?

Torço o canto do lábio, mas assinto, afinal, não tenho nenhuma saída para o meu problema. Separo-me da minha mãe e termino de fazer o meu caminho até o escritório do papai, entrando e encontrando o lugar mais calmo e silencioso dessa academia.

Paz. Finalmente, paz.

Deito no sofá e fecho os meus olhos. Não sei quanto tempo passa, mas eu não relaxo em nada. Por mais que eu tente, meus pensamentos me levam até Max e, no instante seguinte, a porta do escritório se abre.

Não é Max. Claro que não seria ele.

— O que está fazendo aqui? — pergunto ao notar que é Tristan que está entrando no escritório do papai.

Levanto-me imediatamente, sentindo uma leve tontura me atingir por conta do movimento abrupto. Eu tento não focar em seu grande, músculo e suado corpo, completamente coberto por tatuagens de todo tamanho, mas que no conjunto formam um bonito trabalho. Como eu disse, eu apenas tento, pois de fato não consigo. O ambiente se torna pequeno. Tristan tem essa coisa de deixar o espaço pequeno com a sua presença. É incômodo e eu fico desconfortável, ainda mais quando ele resolve não falar nada, apenas observar, exatamente como está fazendo no momento. Ao menos nós dois estamos quites, mesmo que ele seja uma coisa boa de se ver, diferentemente de mim e da minha cara acabada de ressaca.

Espera...

Eu disse “coisa boa de se ver” para Tristan?

Eu já posso ser levada para uma clínica psiquiatra.

Perdi a noção.

Perdi o juízo.

— Vai me dizer o que veio fazer aqui? — continuo, trocando o meu peso de um pé para o outro.

— Eu vim ver como você está se sentindo.

Sua sinceridade é como um tapa na minha cara e um soco no meu estômago. Pelo menos eu sei que não posso esperar menos de Tristan. Ele é sempre muito sincero e eu me enganei em pensar que ele negaria alguma coisa apenas por eu o questionar. Tristan fecha a distância entre nós e me entrega uma cartela de pílulas. É remédio para ressaca, o mesmo que Oliver me deu mais cedo e disse que Tristan foi deixar para mim. Eu seguro e empurro um para fora. Ele pega uma garrafa de água que está em cima da mesa e abre, entregando em minha mão. Tomo sem pensar duas vezes. Eu não aguento mais essa sensação horrível de quem foi pisoteada.

— Eu me sinto como um pedaço vivo de merda... — finalmente respondo.

Tristan tira a cartela e a garrafa das minhas mãos. Ele se afasta para colocá-las em cima da mesa e se vira para mim outra vez.

Tristan dá um passo para frente.

O espaço diminui.

— Não deveria ter bebido tanto. Você tomou o remédio que eu deixei com seu irmão? — Sua voz é cheia de preocupação e Tristan parece até mesmo irritado, e isso me assusta mais do que deveria.

— Sim, aliás, por que foi deixar remédio para mim? Quero dizer, nem somos nada um para o outro e você...

Minha cabeça dá um nó e me deixa impossibilitada de terminar meu questionamento, já que Tristan termina de fechar a distância entre nós com apenas mais dois passos largos.

— Você bebeu demais e parece ter feito isso pela primeira vez em muito tempo. É mais do que claro que você estaria com uma ressaca forte no dia seguinte. Então, eu apenas deixei o remédio para você se sentir melhor, já que o meu instinto me diz que você não é de beber constantemente — explica, trazendo uma mão até o meu rosto.

Por mais que a cada novo gesto e palavra de Tristan eu fique muito mais assustada, não é um susto ruim e que me dá vontade de correr para longe. Pelo contrário, quero ficar perto e descobrir mais sobre a sua atitude surpreendente.

— Como sabe que eu bebi tanto assim?

Tristan sorri de lado.

Ele parece sombrio.

Solto um suspiro fraco, sentindo seu indicador áspero desenhar meu maxilar de forma suave.

— Quem você acha que estava dançando com você na outra noite, Pamella?  
— murmura.

Oh, porra!

Minha boca abre e meu queixo despenca.

Ele está falando sério comigo? Tristan era o cara que chegou para dançar comigo e saiu sem mais nem menos? O que ele estava fazendo naquela balada? São tantas perguntas que me ocorrem, mas no instante em que ele desliza seu indicador sobre meus lábios, minha mente fica turva outra vez.

O que está acontecendo comigo e com ele?

— E por que não disse nada quando eu perguntei quem era? Por que... por que você fingiu na escada que não sabia onde eu estava?

Tristan sorri, mas ele não diz nada.

— Você me beijou... ontem... ou hoje, depende de como você vê a madrugada...

— Sim, eu beijei.

Tristan dá de ombros, como se isso não tivesse grande motivo para ser discutido, mas, na verdade, tem, ainda mais quando ele não para de olhar para a minha boca.

— Por que fez o que fez e por que está fazendo isso? — Chamo sua atenção e seguro a sua mão.

É demais para mim.

— Fazendo o quê, Pamella? — retruca, suavemente.

— Se aproximando, me vigiando, me cercando, me sufocando.

Tristan franze o cenho e um olhar preocupado brilha em suas orbes quase sempre inexpressivas e frias.

— Eu te sufoco? — Testa a palavra na boca, quase que cuspindo, como se ele tivesse aversão a esse termo.

— Sim e não — retruco, arrependida por ter usado o verbo “sufocar” para definir o que sinto quando ele se aproxima. — Não quis dizer no pior dos significados, Tristan. É só que... bom, você é uma parede e muito intimidador. Sufoca estar tão perto de você e não saber o que fazer. Sufoca estar perto de você quando tem essas atitudes brandas e empurra seu lado rude e sombrio para debaixo do tapete. Isso aqui, nós dois — aponto para mim e para ele com a

minha mão livre —, sufoca, pois não deveria estar acontecendo.

— Você não deveria se sentir sufocada — murmura.

Solto a mão de Tristan e arqueio a sobrancelha.

— Vai me dizer por qual motivo me beijou?

— Aquilo não foi um beijo. — Ele ri do nada e eu me sinto presenteada por ver tal evento raro na minha frente. — Poderia ter sido, mas não é daquela forma que as coisas acontecem.

— O motivo, Tristan. Eu quero o motivo.

— Eu queria te sentir, Pamella Cohen.

Me sentir?

De onde Tristan tira essas coisas?

— É isso que fala para todas as mulheres com quem você se envolve? Espera que eu realmente acredite no que está falando? — indago, entre dentes.

Posso soar malcriada ou como uma cadela, mas eu não me importo, afinal, Tristan sempre acaba soando pior do que eu.

— Você não vai colocar isso em questão, ou vai? — replica.

Bufo.

— Eu não sei o que você está tentando fazer, Tristan, mas eu não quero que continue. Eu não sou a Holly, que você fode onde, quando e como quiser. Eu não sou nenhum de seus contatos de uma noite só. Não preciso disso e muito menos quero algo dessa natureza para a minha vida. Dê passos para trás nessa história de querer “me sentir”. Isso não está acontecendo.

No instante em que eu paro de falar, Trent abre a porta do escritório e chama por Tristan. Eu fito o meu cunhado e lhe dou um sorriso amarelo, empurrando Tristan para longe de mim e voltando para o sofá.

— Tudo bem por aqui? — Trent pergunta.

Trent não é bobo e eu tenho certeza que ele tem uma resposta boa para sua pergunta.

— Sim, claro. Eu e Killian estávamos apenas conversando. Ele me deu algumas boas dicas para não ficar com ressaca outra vez — invento qualquer coisa.

— Mesmo? E qual foi a melhor dica?

Reviro os olhos para Trent.

— “Não beba”. Se não quiser uma ressaca, apenas não beba.

Ele ri e balança a cabeça negativamente.

— Boa dica — afirma e encara Tristan. — Uma tal de Holly está aí fora para falar com você.

Seguro a vontade de revirar os olhos e mantenho a minha expressão neutra.

— Diga que eu estou ocupado e mande-a embora.

Trent se encosta e cruza os braços.

Quero rir da cara que o meu cunhado faz.

— Eu não sou a sua cadela. Por que não vai você mesmo falar com ela e dispensá-la de uma vez por todas? — Arqueia a sobrancelha.

Começo a tossir para disfarçar o riso e Tristan me fita de soslaio, bufando logo após.

— Por favor? — pede.

— Agora sim nós estamos falando a mesma língua.

Trent pisca para mim e acena para Tristan, saindo de uma vez da sala e batendo a porta.

Estamos sozinhos novamente.

— Melhor você mesmo ir falar com a sua *namorada*.

Eu não poderia deixar passar essa chance de provocá-lo. Não mesmo.

— Ela não é a minha namorada, docinho. — Reviro os meus olhos, tentando me afastar dele, mas Tristan segura e puxa meu corpo cuidadosamente para junto do seu. — Podemos continuar a nossa conversa?

Eu odeio estar tão afetada por sua voz, por seu jeito. Ele é sempre um idiota comigo. Não sei o que Tristan quer, mas vou me certificar de não dar nada a mais para ele. Não posso me deixar viver nada *disso* com ele.

— Não estávamos conversando, estávamos discutindo, e é disso que sempre se trata quando estamos próximos um do outro. Discutimos sem parar. Você empurra a merda para fora de mim, fazendo-me perder a cabeça com as suas atitudes idiotas. Eu não fui feita para aguentar nada disso, para aguentar nenhuma de suas más atitudes.

— Ontem nos entendemos bem. Por que apenas não revivemos isso?

— Ontem você ficou calado. Ontem você estava brincando comigo, praticamente me enganando.

— Eu nunca enganei ninguém e você não seria a primeira pessoa que tiraria essa parte de mim. Quer que eu fique calado? Porra, eu posso ficar calado se você quiser, mas apenas vamos...

— Não vamos — eu o corto. Empurro Tristan para longe de mim e viro



para encará-lo. — Não. Vamos.

Seus olhos brilham intensamente. As suas mãos fecham duramente e sua respiração acelera. Em nenhum momento eu sinto medo dele. Se eu pudesse compará-lo com qualquer coisa nesse mundo, eu o compararia com um animal ferido. Meu coração aperta ao vê-lo dessa forma. Eu sou muito sensível, mas não posso ceder de maneira nenhuma.

— Então, foda-se. Ninguém vale todo esse esforço, nem mesmo você, Pamella Cohen.

Tristan grunhe e abre a porta irritado, mas ele dá de cara com Trent. Um Trent curioso e, de repente, ciente de tudo que está ocorrendo entre nós.

Ele ficou o tempo todo atrás da porta?

Merda, eu tenho uma família fodida.

— Você e eu, no ringue — Trent sentencia.

Tristan tenta passar por ele, mas Trent coloca a mão em seu ombro.

— Na porra do ringue.

— É onde eu vou esperar por você — Tristan retruca entre dentes.

Ah, merda.

Trent o deixa ir e eu me aproximo.

— O que vai fazer? Não acho uma boa ideia empurrá-lo a qualquer coisa desse tipo. Não se sinta afetado, porque nem mesmo eu me senti. Eu apenas feri seu ego, por isso ele disse o que disse, então...

— Não sou cego, Pamella. Esse cara é fodido, não da mesma forma que eu, afinal, eu nem mesmo conheço sua história, mas fodidos se reconhecem, sabia? Estou fazendo isso por você? Sim. Mas também estou fazendo isso por Max, porque ele era o meu irmão e você era a mulher dele. As coisas precisam achar rumo e lugar, e é isso que eu vou fazer. Ou ele desiste de tentar se aproximar de você, ou ele toma alguma outra atitude...

— Não o empurre para mim — digo, sentindo meu coração acelerar.

— Eu não farei isso. As pessoas escolhem os seus caminhos e quem vai escolher qual caminho seguir, é ele. — Trent se aproxima e beija o topo da minha cabeça. — Venha se divertir um pouco. Eu vou chutar a bunda dele. — Bagunça o meu cabelo.

Sorrio mesmo contragosto.

Bom, eu vou me divertir, então.

Deixo Trent ir na frente, enquanto tento conter a ansiedade e parte do nervosismo que veio à tona ao ver Tristan me encarando de longe. Ele está mais

parecido com seu estilo de sempre: carrancudo e irritado. Porém, além disso, ele parece estar com raiva. Não sei se é de mim ou de si mesmo, mas sem dúvidas ele está com raiva. Papai, Will e os caras não estão mais no ringue. Na verdade, eles estão encarando Trent, ansiosos para o seu próximo passo. Sento-me ao lado de Oliver, observando meu cunhado se aproximar da minha irmã e murmurar algo para ela, que muda sua atenção para mim. Trent segura o rosto de Parisa e chama sua atenção de volta, beijando-a rapidamente antes de subir ao ringue.

— O que eles estão fazendo? — Oliver pergunta, cutucando-me com seu cotovelo.

— Não me pergunte.

Nem eu mesma entendo ao certo.

Tristan poderia simplesmente dizer para Trent não se preocupar, pois manteria a bunda longe de mim, mas não... ele concordou, ele foi. Mesmo debaixo de sua ira por ter sido forçadamente desprezado por mim, ele aceitou ir para o ringue com Trent.

Eu não entendo os homens. Depois eles que dizem que nós mulheres somos contraditórias.

No instante em que Trent está no ringue, ele se aproxima de Tristan e ambos trocam algumas palavras. Durante toda conversa, Tristan não tira os olhos de mim e eu não pude deixar de fazer o mesmo, por mais que minha cabeça dissesse para quebrar o contato visual com ele. Quando Trent para de falar e Tristan o encara, eu olho ao redor e percebo que toda a academia parou para ver os dois lutadores no ringue. Uma plateia, assim como nos combates do Circuito. A única diferença nesse momento é que não há “inimigo” para torcer contra, pelo menos não para a maioria das pessoas. Eu sempre torci para Trent e não vai ser agora que isso vai mudar.

Agarro a mão de Oliver, apreensiva. Minha irmã se aproxima com Bryan nos braços e senta ao meu lado.

— Isso é sério? Ele vai mesmo lutar por você? — Parisa questiona e eu a encaro.

— Por mim? — retruco, sorrindo um tanto confusa. — Não há ninguém lutando por mim. Trent está apenas defendendo a minha dignidade como o bom cunhado que ele é.

— Então você é mais cega do que seus óculos denunciam — cantarola de volta e Oliver ri ao meu lado.

— Homens não têm a bunda chutada por outros homens apenas por diversão, bonita. Quando eu quis Fable, eu lutei por ela. Literal e não

literalmente. O fato é que eu nunca fiz isso por outra mulher. Nenhuma outra me pegou da forma que Fable o fez, entende? Nada é em vão e, deduzindo do que se trata o combate do momento, o seu vizinho, que você estava beijando essa madrugada, está indo lutar por você e sua cabeça confusa.

— Vocês o quê? — Parisa sussurra exasperada.

— Foi um deslize, não leve isso a sério — peço.

— Não sei se isso teria ficado apenas no beijo se eu não tivesse ido atrás de você, irmãzinha. Você pode não estar querendo, mas ele claramente quer alguma coisa com você.

Solto a mão de Oliver no instante em que ele para de falar e cruzo os meus braços.

Isso apenas não faz sentido.

— Não foi nada demais. Eu estava mais bêbada do que nunca e o meu raciocínio não estava funcionando nada bem. Foi só um beijo de crianças.

— Crianças? — Parisa ri.

— Sim. — Viro-me para ela. — Duas crianças que não sabem beijar.

— Se você falar isso para Tristan, ele vai ficar louco — minha irmã continua, sua risada intensificando.

— Não é problema meu. — Acabo rindo junto dela.

Nós nos calamos no instante em que Trent e Tristan começam a andar em círculos no ringue. Nenhum dos dois dá o primeiro passo para atacar um ao outro, o que me deixa mais apreensiva que nunca. Claro que já vi Tristan treinando por inúmeras vezes e sei o quão cauteloso ele é no ringue, mas eu estou esperando uma reação mais explosiva de sua parte, para finalmente condizer com o seu pequeno show dentro do escritório do papai.

Por provavelmente dois minutos ambos continuam andando em círculos. Trent é o primeiro a dar o primeiro passo. Tristan bloqueia o golpe de Trent, mas não espera por outro em seguida direto em suas costelas. Meu estômago embrulha. Tristan não parece nada atingido, ele apenas se afasta em seu estado normal. Eles pulam de um lado para o outro em seus pés, ligados no combate. Tristan se aproxima de Trent e encaixa um jab em seu maxilar, mas recebe outro no queixo em resposta.

Eu não gosto disso.

Eu não gosto de brigas.

Eu não vou ficar aqui vendo as pessoas se machucarem por minha causa. Não mesmo.

— Eu vou para o escritório — digo para a minha irmã, Oliver e Fable, e me levanto, saindo em disparada para a sala do meu pai.



— Toc, toc...

É Oliver.

Estive no computador do meu pai desde o instante em que entrei na sua sala. Tentei me distrair com jogos na internet, mas a única coisa que eu sabia fazer era olhar para o canto da tela, mais especificadamente o canto direito inferior, onde marca as horas. Agonia tomou conta de mim durante os últimos trinta minutos. Cogitei mais de dez vezes a ideia de sair, entrar no ringue e gritar para Tristan e Trent pararem de lutar, mas o meu autocontrole está muito bom nesse dia.

Perdi algumas unhas?

Perdi.

Mas, pelo menos, eu não me meti no ringue como uma louca.

— Entra! — exclamo para o meu irmão e ele abre a porta, sorridente.

— Ei, bonita, a luta dos machões acabou. Será que você não quer sair agora?

— Só agora? — continuo no mesmo tom, completamente exasperada. — Trinta minutos? Eles se enfrentaram por trinta minutos?

— As coisas ficaram um pouco sérias lá dentro, foi bom que você entrou. — Oliver ri, batendo a porta e se jogando no sofá. — Os caras estavam se matando naquele ringue. Parisa teve que deixar o bebê Bryan comigo para entrar no octógono com Jake. Ela grudou nas costas de Trent como um macaco-prego. Se eu não estivesse ocupado com o bebê, eu teria gravado para você ver. Foi realmente hilário. — Dá de ombros, sem parar de rir.

A porta da sala abre em um baque, dessa vez entrando Trent e Parisa, e logo atrás, papai, Elise, Fable, minha mãe, Will e os caras. O barulho deles preenche o local, mas o que me deixa em alerta é o supercílio aberto de Trent e os pontos vermelhos de pancadas em seu rosto e pelo resto de sua pele, principalmente nas

costelas e pernas.

Se ele está assim, como eu posso esperar que Tristan esteja?

— Vocês ficaram loucos? — papai pergunta, parecendo irritado com a situação que deve ter sido criada dentro do ringue. — Que porra foi aquela, Trent?

— Foi apenas um treino, não se preocupe, estamos bem. — Trent puxa Serena dos braços de Parisa e segura a filha contra si, beijando o topo de sua cabeça. — O quê? Parem de me olhar assim. É bom treinar com alguém que pode aguentar os meus golpes sem choramingar.

— Aquilo não foi um treino, cara — Mike diz, soltando uma risada nervosa em seguida.

Ele está tão confuso quanto todo mundo na sala, menos Parisa, Oliver, Fable e o próprio Trent.

— Não há nada de pessoal ocorrendo. Acredite em mim, foi um treino. Um bom treino.

Levanto-me da cadeira do papai e tento sair da sala, despercebida, mas isso não ocorre da melhor forma, já que Oliver abre a boca.

Eu vou matar Oliver essa noite.

— Ei, irmãzinha, para onde está indo? — pergunta ele.

Todos me encaram.

— Eu vou beber água — minto de forma horrorosa.

— Mas tem água aqui. Toma. — Oliver joga uma garrafa de água na minha mão.

Sem pensar duas vezes, arremesso a garrafa de volta com bastante força. Depois de desviar da minha arma, ele começa a rir alto e eu sorrio para todos.

— Eu disse que eu vou beber água.

— Tudo bem, irmãzinha. Vá beber água.

Reviro os olhos e saio da sala, deixando-os discutindo lá dentro. Olho pela academia, tentando achar o paradeiro de Tristan. Não há mais ninguém no ringue. Continuo a varrer o local com o meu olhar e eu finalmente o acho andando para o banheiro masculino com algo parecido com um saco de gelo. Não penso duas vezes antes de ir atrás dele. Eu não faço nenhuma ideia pela qual estou fazendo isso, mas também não tento achar uma resposta para minhas ações duvidosas.

Entro no banheiro completamente cautelosa. Felizmente, não há ninguém além de Tristan aqui. Ele está sentado no banco central, pressionando um saco de

gelo em suas costelas. Aproximo-me calmamente, tentando não fazer barulho, mas eu falho no meio do caminho e chamo a sua atenção. Tristan vira o rosto para mim e abre os olhos para me encarar. Ele tem um corte em seu lábio inferior e supercílio. O osso alto de sua bochecha está vermelho, coisa que eu consigo notar mesmo debaixo de sua longa barba por fazer. Ele também tem vários pontos avermelhados por sua pele banhada de tatuagens.

Se teve um vencedor no combate, esse vencedor foi Trent, sem dúvida alguma.

— Você está bem? — Essa é a pergunta mais tola que eu poderia soltar nesse momento, mas eu não posso fazer nada se a minha cabeça não funciona corretamente perto de Tristan.

Ele ri em puro escárnio.

— Você tem que estar brincando comigo — cospe.

Aproximo-me um pouco mais dele, mantendo uma distância segura.

— Você parece... quebrado...

O brilho de raiva no olhar de Tristan é assustador. Ele desce seu olhar por mim e para em minhas mãos.

— Você também parece, mas nem por isso eu fico jogando na sua cara. — Aponta para as minhas mãos descobertas e machucadas. — Eu não costumo cutucar as feridas dos outros. — Volta a apontar, dessa vez olhando para o meu ombro, onde mora a cicatriz que ele viu na noite passada. — Estou acostumado a cuidar das minhas próprias feridas. Pessoas autossuficientes fazem isso. Você deveria aprender um pouco sobre isso, docinho.

Engulo a seco.

E aqui está ele, de volta ao seu estado normal.

E, infelizmente, aqui estou eu, tentando ajudar as pessoas que não merecem ser ajudadas.

— Será que eu posso te ajudar? — sussurro.

— Você pode, Pamella — diz, suave, inclinando o corpo para perto do meu. — Pode me ajudar dando o fora e me deixando em paz. Essa é a única ajuda que você pode me dar, hoje e sempre.

— Você é a pessoa mais estúpida e instável que eu conheço. Um imbecil completo.

Tristan ri, endireitando o seu corpo.

Meu corpo ferve e a vontade de acertá-lo na cabeça com muita força, aparece dentro de mim.

— Ultimamente você tem me elogiado tanto, Pamella Cohen. Não gaste tanto assim esses elogios comigo. Eu não mereço tudo isso de você, docinho. Vá atrás do seu par perfeito, do seu príncipe encantado ou da porra que seja que você está procurando em um homem. Dê o fora, isso é o melhor que você faz para nós dois.

Respiro profundamente.

Eu não vou deixá-lo me atingir dessa forma.

— Eu vou sim — minto. — E você, vá achar as putas que paga para te chupar. Só assim que você deve conseguir uma mulher, porque você é um homem desprezível e insuportável. Afunde-se em sua própria merda e morra afogado.

Assim que paro de falar, faço meu caminho até a porta do banheiro.

— Eu desejo o mesmo para você — diz ele, entre dentes, antes que eu deixe o local por completo.

Tenho que aprender que algumas pessoas não merecem o meu melhor lado. Eu só quis ajudar Tristan e ele veio com trezentas pedras em minha direção. Se eu soubesse que seria assim, pouparia o meu desgaste mental e o deixaria sozinho na situação que ele procurou para si mesmo.

E eu pensando que ele teria algum sentimento depois de me falar aquelas coisas parcialmente bonitas. É como Oliver costumava me dizer quando éramos mais jovens: o homem fala qualquer coisa para entrar dentro da calcinha de uma mulher. Era exatamente isso que Tristan estava querendo, o que não me deixa nada surpresa com a sua atitude. Eu estou acostumada com esse tipo de homem, só não estou acostumada com sua tamanha aspereza.

Eu não nasci para lidar com pessoas rudes e sem sentimentos.

Eu não nasci para lidar com Tristan.

# CAPÍTULO 8.1

EU PEGO

TRISTAN RIVERA

*Bem-vindo ao "efeito colateral", bem-vindo à resistência. A tensão está aqui, a tensão está aqui. Entre quem você é e quem poderia ser, entre como isso é e como deveria ser.*

— SWITCHFOOT, "DARE YOU TO MOVE"

O que Trent me disse antes de começarmos a lutar um contra o outro dentro do ringue, é algo que eu já sabia: fodidos se reconhecem. Soa terrível para as pessoas certinhas, que odeiam esse tipo de palavreado, mas eu sei que essa é a verdade mais pura e crua desse mundo. Eu reconheço Trent e, acima de tudo, eu reconheço Pamella Cohen.

Mas como eu poderia explicá-la?



A cada passo que ela dá, a cada gesto que ela faz, a cada olhar que ela me oferece, é uma sensação estranha de reconhecimento que martela dentro do meu peito. Do momento em que ela e minha mãe me resgataram bêbado em nosso primeiro encontro, até agora, Pamella Cohen tem intrigado a minha cabeça e tem me deixado mais louco do que eu geralmente já sou.

Poucos sabem disso, mas não duvide do que eu falo: a beleza da loucura, é o controle.

Fizeram-me louco. Foderam a minha cabeça. Meu psicológico não poderia ter tido outro destino, a não ser a loucura e insanidade de pensamentos ruins, escuros, perversos. É essa loucura que está me fazendo querer ficar perto da filha do meu novo “chefe”. A vontade de provar de algo doce e suave, brilhante e sorridente, tudo que Pamella é. Por mais que eu saiba que ela teve o seu pior momento em alguma parte de sua vida, Pamella ainda me mostra muito de seu coração bom, coisa que eu nunca vi em qualquer pessoa, além da minha mãe.

Foi por isso que eu deixei Trent me bater de verdade. Talvez eu o tivesse colocando algum juízo em minha cabeça, mas então ela veio de novo...

Sua perseverança em se aproximar de mim, em tirar o meu melhor, em conseguir doces palavras saindo da minha boca e, logo após, a sua recusa.

O que diabos ela quer, afinal?

Eu tento me convencer que, apesar de tudo que ela tenha passado, Pamella não merece nada disso, da máscara de “bom Tristan” que eu tentei usar para tê-la cedendo para mim.

Eu oscilo.

Meu humor vai de zero a cem em um estalar de dedos. A minha bipolaridade é constante em minha vida e é ela que me domina de forma severa.

Eu só tenho uma certeza, que nem a bipolaridade e incerteza que cerca os meus pensamentos podem tirar: eu quero Pamella Cohen. Eu a reconheço como uma pessoa tão quebrada quanto eu e eu quero mais disso. Quero tirar cada camada dela e descobrir o que ela está escondendo. Vou descobrir os seus mais profundos segredos.

Concordei com Trent: pegar ou largar.

*Eu pego.*

# CAPÍTULO 9

## VIDEOGAME

PAMELLA COHEN

*Mas, novamente, se nós não somos alguém pode te amar também E, em seguida, novamente, se nós não somos amigos, não haverá nada que eu pudesse fazer.*

— ED SHEERAN, "FRIENDS"

Saudade.

Ontem, depois de tudo que aconteceu na academia, fomos todos para a casa do papai e Parisa fez o jantar com Elise. Tivemos uma noite bastante divertida e devo confessar que, em alguns momentos, eu nem mesmo estive prestando atenção, mas tudo que eu lembro foi muito bom. Minha cabeça esteve longe durante todo o jantar. Eu poderia estar pensando em coisas bastante

interessantes, mas Tristan foi o único que não quis sair da minha cabeça até eu adormecer. Eu não sei por que minha mente está me sabotando de forma tão trágica. Pensar em Tristan é a última coisa que eu quero fazer em toda a minha vida, mas parece que, quanto mais você pensa em não fazer uma coisa, mais você a faz.

De toda e qualquer forma, quando voltamos para o apartamento, mamãe e Will tomaram banho e terminaram de se arrumar para deixar a cidade. Às cinco da manhã, Oliver, Fable e eu fomos deixá-los no aeroporto. Despedi-me de ambos com muito pesar, pois vou sentir a falta deles, principalmente da minha mãe. Se tem uma palavra que define o sentimento dentro de mim no momento em que os perdi de vista, essa palavra é: saudade. Depois de toda a comoção no aeroporto, Oliver nos levou de volta para casa e, antes de entrar no meu apartamento, fiquei olhando fixamente para a porta do meu vizinho.

Esse é o momento em que eu acordo, pensando em tudo que ocorreu nas últimas horas, e irritada com o barulho que vem, provavelmente, da minha sala de estar. Arrasto-me pela cama e levanto, indo até o banheiro para escovar os dentes e passar uma água no rosto. Depois de fazer tudo isso, cambaleio de volta para o meu quarto, praticamente cega por não estar usando minhas lentes e nem os meus óculos. Estou meio acordada e meio dormindo, mas, ainda assim, eu saio do quarto. Oliver como sempre sendo um estúpido barulhento, ligado no duzentos e vinte às... às... bom, eu não faço a mínima ideia de que horas seja, mas fomos dormir apenas às seis e meia da manhã, então, independente do horário, está cedo demais para mim.

Entro na sala de estar, tentando com todo esforço descobrir o que diabos o meu irmão está fazendo. Ao coçar os meus olhos, tropeço no sofá e caio no mesmo. Escuto duas risadas, ambas conhecidas.

Ah, eu não posso acreditar.

— Porra, Pamella. Que diabo de roupa é essa? — Oliver pergunta.

Trezentas vezes merdas ainda não seria o suficiente para o tanto de merda que eu chamaria se tivesse capacidade de formular alguma palavra nesse momento.

Eu estou usando a minha roupa de dormir que sempre uso: camisola curta de seda e renda. Reveladora demais, mas não estou raciocinando muito bem, como eu sequer lembraria deste detalhe? Endireito meu corpo no sofá e puxo duas almofadas para me cobrir, achando os dois no sofá da frente.

Tristan e Oliver.

Eu disse: Tristan e Oliver.

Eu quis dizer: o que Tristan está fazendo aqui?

— O que é isso aqui? — indago, desconfortável o suficiente para soar irritada.

— Dois amigos jogando videogame.

— Amigos? — continuo, tão irônica quanto antes.

— Não posso fazer um amigo? — Oliver retruca, seu tom muito divertido, mas parece falar sério debaixo de tudo isso.

— E você quer ser amigo justamente dele?

Tristan pigarreia.

— Eu estou aqui, Pamella Cohen — diz.

Ele soa completamente diferente do homem que praticamente me abominou ontem. Eu não consigo entendê-lo, mas a necessidade de tentar descobrir o motivo de tamanha oscilação de humor coça no profundo do meu ser, incomoda-me e me faz querer dar a minha cara a tapa novamente.

— Eu sei que você está aqui. Estou praticamente cega sem meus óculos ou lentes de contato, não surda. — Reviro os olhos e limpo a garganta. — Será que vocês podem virar para o outro lado? Eu quero voltar para o meu quarto segura.

— Você está brincando? — Oliver ri no meio de sua pergunta.

— Eu estou falando sério.

Eles dois bufam, mas fazem exatamente o que eu peço. Levanto e saio em disparada de volta para o meu quarto. Tropeço pelo caminho, bato em Fable no corredor, mas chego segura. Para quem estava praticamente entregue ao sono há poucos segundos, eu realmente acordei. Respiro fundo e escuto batidas na porta do meu quarto, em seguida Fable entra. Com dificuldade, agarro os meus óculos na mesa de cabeceira ao lado da minha cama e o ajusto em meu rosto, aliviada.

— Tudo bem? — pergunta e eu faço uma careta.

— O que ele está fazendo lá fora? — retruco, puxando meu sobretudo de cima da minha poltrona e me vestindo.

— Não sei. — Fable dá de ombros e eu estreio os olhos em sua direção.

— Você deve saber de alguma coisa, não se faça de desentendida.

A loira sorri e senta-se na beirada da minha cama.

— Essa madrugada, ao se despedir de Oliver, Will falou alguma coisa com ele e o nome de Tristan estava no meio. Isso é tudo que eu sei. De qualquer forma, não deve ser nada. Você e eu sabemos como Oliver é, certo? — Mordo meu lábio inferior, mas assinto, pois, sim, eu sei como o meu irmão é.

— Eu não sei o que pensar daquele cara — confesso, perdida em meus pensamentos.

— Por que está tão afetada? — Fable indaga.

— Não estou afetada — defendo-me. — Ele apenas nubla os meus pensamentos com suas atitudes contraditórias. Em um momento ele sorri e no outro me trata como se eu fosse um pedaço de merda pelo qual ele passa por cima sem olhar.

— E isso te machuca?

Nos encaramos.

— Eu não sei dizer — sussurro. — Me incomoda, mas eu acho que não chega ao ponto de me machucar. Entendo que é o jeito rude dele, mas... Bom, eu não entendo o motivo pelo qual ele continua se aproximando, se a cada passo para frente, ele volta dez ao soltar alguma coisa estúpida para me atingir quando eu não reajo como ele provavelmente espera.

— Talvez ele esteja tentando chamar a sua atenção.

Começo a rir e Fable ri junto comigo, mas eu sei que ela está falando sério.

— É uma forma realmente estranha de tentar se aproximar de alguém — digo, entre minha risada.

— Eu quem o diga. Oliver me falou muita besteira, não do tipo ofensiva, mas dá para entender, certo? Cada homem reage de um jeito diante de certas situações. Tristan não parece ser o mais paciente ou dócil deles, mas ele está tentando alguma coisa, devemos ao menos lhe dar algum crédito nisso, não acha? — Fable balança as sobancelhas sugestivamente.

— Crédito de idiota, só se for. — Ando de um lado para o outro, ansiosa e apreensiva. — Será que ele vai passar o dia todo lá fora com o Oliver? Eu juro que vou matar o seu namorado.

Fable sorri e se levanta.

— Provavelmente sim, então apenas venha e junte-se a nós. Você não tem escolha, muito menos uma saída. — Ela segura minha mão e me puxa para fora do meu quarto.

Pelo menos dessa vez eu estou coberta o suficiente para dar as caras, mas ainda assim eu reluto para não ir. É tudo em vão, mas eu não quero que ela pense que eu estou gostando disso. Entramos na sala de estar outra vez e eu finalmente tenho uma visão clara da cena: Tristan está sentado despojadamente no sofá da minha casa, jogando videogame e rindo com o meu irmão. Nada que eu tenha visto antes. Chega até mesmo a ser bizarro de tão raro.

— Nós voltamos! — Fable anuncia em uma exclamação.

— Ela está vestida? — Oliver pergunta sem tirar os olhos da televisão.

— Eu estava vestida, Oliver.

Ele solta uma risada.

Aproximando-nos mais, vejo o sorriso de Tristan diminuir e o mesmo tira o olhar da televisão apenas para me fitar. Os cantos de sua boca estão inclinados para cima. O pequeno sorriso que ele me dá acerta-me no estômago e mexe com as minhas estruturas.

O que está acontecendo comigo?

— Aqueles panos não eram nada, bonita, eu posso te garantir iss... Porra! Ganhei, mais uma vez! — Comemora.

Desvio meu olhar do de Tristan e sorrio para Oliver. Não existe pessoa mais viciada em videogames do que ele. Quando ele ganhou o primeiro videogame de Will, Oliver me obrigou a aprender a jogar todos os jogos para disputar com ele. E isso percorreu nossa vida durante os anos. A cada novo videogame comprado e jogo lançado, ele me obrigava a aprender para jogar também. No final de tudo, eu fiquei realmente boa em todos os tipos de jogos, mas isso ninguém precisa saber.

— Você é muito ruim, Tristan — Oliver acusa, divertido.

Sento-me no sofá com Fable e encaro Tristan.

— Eu nunca joguei isso, não me culpe por minha falta de habilidade. Se quiser jogar algo mais manual, eu estou dentro, mas essas coisas eletrônicas realmente fogem da minha compreensão. — O homem grande encolhe os ombros, fazendo-me rir baixinho de sua atitude não-calculada.

— Pamella pode te ajudar.. — Oliver cantarola e o meu sorriso some imediatamente com a sua brincadeira sem graça.

— Eu não sei jogar videogame — afirmo, estreitando os olhos em sua direção para que ele perceba que eu o quero entrando em minha mentira.

— Você está mentindo. Estamos entre amigos, Pam. Pode ajudá-lo um pouco nisso, não pode? — Oliver empurra Tristan com o cotovelo, encarando o outro. — Ela é sempre tão boa, é claro que vai te ajudar. Se ela não o fizer, é por que está afetada por você.

Bufo.

— Eu simplesmente posso querer não o ajudar e isso não significar nada — defendo-me.

— Mas você não é assim. Você sempre ajuda as pessoas, a não ser que

tenha algo rolando por aqui...

Oliver provavelmente se acha o maior cupido do mundo, mas na verdade ele é um grande idiota.

— Eu ajudo. — Não acredito que isso realmente saiu da minha boca e que eu estou me levantando para cruzar a mesa de centro e me sentar ao lado de Tristan. — O controle — peço, estendendo minha mão para ele.

— Você pode ensinar a ele, enquanto eu e Fable vamos ver como o almoço está indo. Amor? — Oliver chega ao seu ponto.

Eu o odeio.

— Sim, vamos logo. — Fable o segue.

Bufo, agarrando o controle da mão de Tristan no instante em que Oliver entrega o dele para o ogro ao meu lado. Aperto os botões, navegando pelo menu do jogo de futebol que está na tela.

— Não é tão difícil quanto deve parecer para você. Como estava explicando, essa deve ser a sua primeira vez nesses jogos e primeiras-vezes sempre são difíceis.

— A sua primeira vez foi difícil? — Engasgo no ar, tossindo e virando para fitá-lo. — Com jogos, eu quis dizer. — Ele sorri de forma inocente, que contrasta diretamente com a devassidão e perversidade que os seus olhos passam para mim.

— Não tão difícil quanto está sendo a sua — sussurro, sorrindo docemente para ele.

Tristan não parece atingindo por minha resposta.

Maldito seja!

— Você está bem, Pamella? — pergunta.

Solto o controle, irritada, e viro-me para encará-lo. Estamos muito perto um do outro, mas eu não recuo por um motivo óbvio: não lhe darei o mínimo gosto de me ver acuada em sua presença. Se eu quero mostrar que ele não me atinge, essa é a minha chance.

— Eu estou bem. Por que não estaria? — rebato.

— Não sei. Você está inquieta, parecendo irritada e ansiosa, tudo ao mesmo tempo. — Ele segura uma mecha do meu cabelo escuro e enrola no seu indicador. — Pode relaxar, eu não mordo... ao menos que me peça.

— Eu não estou inquieta, irritada ou ansiosa. Você pode recuar duas casas nesse exato momento.

Tristan aproxima o rosto do meu e sussurra ao pé do meu ouvido no mesmo

instante em que pouisa a sua mão livre em meu joelho esquerdo, empurrando meu sobretudo para o lado e tocando em minha pele. Sou obrigada a parar de balançar a minha perna, em um tique nervoso que nem percebi que estava fazendo. Ele suga a minha força e me deixa um pouco tonta. Entretanto, isso não é nenhuma novidade por aqui.

— Sua perna me diz que você está inquieta, seus braços cruzados me dizem que você está irritada e sua respiração acelerada me diz que você está ansiosa. — Ele beija meu maxilar, deixando os lábios colados ali.

Estou petrificada com esse seu movimento.

Quando eu cruzei os braços que nem mesmo percebi?

Por que ele tem que ser tão observador? Isso deve ser algum tipo de pacto com o homem lá de baixo.

— Não tem como você ter observado tudo isso em pouco tempo. É fora do normal, estranho.

Tristan sorri baixo, roçando sua barba em minha pele e lançando milhares de arrepios por todo o meu corpo.

— Eu sou observador. Observo tudo e todos nos mínimos detalhes — diz, começando a esfregar o dedão em círculos por meu joelho.

Solto um suspiro baixo, que pode facilmente ser confundido com um gemido. Não sou capaz de formular mais nenhuma frase em minha mente. Eu apenas respiro fundo e tento não sucumbir na sensação que Tristan está trazendo para dentro de mim ao ficar tão próximo e me tocar de forma tão firme. Ele continua a beijar meu rosto, esfregando sua barba por minha pele e me deixando cada vez mais mole em meu lugar.

— Você ainda está planejando me sentir? — sussurro, agradecendo aos céus por não ter gaguejado como uma idiota.

— Sim. Eu ainda planejo te sentir e espero que concorde com isso.

A imagem de Max pisca em meus olhos e eu endureço, abrindo-os e fitando a parede do outro lado da sala. Afasto-me de Tristan bruscamente e levanto-me nervosa.

Max.

Eu não posso.

— Eu não posso — sentencio a única coisa que passa por minha cabeça nesse momento.

— Você não pode? — Tristan se levanta e vem atrás de mim.

— Exatamente, eu não posso. Sou comprometida e não... — Ele segura



meu braço e me obriga a parar de andar de um lado para o outro, virando-me para si. — Eu não posso fazer isso.

— Você é comprometida? — pergunta, alarmado.

— É complicado...

Ele franze o cenho.

— Você tem alguém, Pamella? — questiona e eu engulo a seco. Balanço a cabeça negativamente e depois positivamente. — Decida-se — grunhe.

— É complicado, eu já disse! Não lhe devo nenhuma explicação, Tristan — digo, completamente nervosa por ter deixado esses detalhes preciosos escaparem de mim.

— Tem a ver com algum ex-namorado?

Ele não desiste.

— Sim, mas eu não quero mais falar sobre isso.

— Sinto muito te desapontar, mas eu quero falar sobre isso. O que aconteceu? Vocês não estão mais juntos? — Bufo, puxando meu braço do seu controle.

— Não estamos mais juntos, mas eu também não quero me envolver com nenhuma outra pessoa, Tristan. Como eu disse, recue. Isso aqui não vai funcionar com ninguém. Eu não vou mais funcionar com nenhuma outra pessoa. É perda de tempo para mim e para você.

Ele continua me seguindo, encurralando-me.

— Eu não sou conhecido por desistir do que eu quero, do que eu desejo. Desistir não é o meu forte. Eu vou até o fim e com você não vai ser diferente.

Balanço minha cabeça negativamente.

— Perda de tempo — repito.

Ele consegue me pegar de volta e me empurrar contra a parede, pressionando o corpo contra o meu e colocando suas mãos de cada lado do meu rosto.

— Eu também acho a maior perda de tempo você não parar de negar isso aqui — resmunga, fitando os meus lábios assim como fez da vez que veio a me beijar.

— Isso aqui? — retruco.

— Sim, isso aqui. Essa coisa que você deve sentir quando ficamos próximos um do outro. Negativo e positivo, Pamella, pura química e física. Os opostos se atraem. Você me atrai, você me intriga, você me faz perder a noção das coisas, você me faz querer xingar todos os cantos da Terra cada vez que me

repele como se fôssemos dois átomos positivos. Somos diferentes, mas é essa a graça da coisa. Não me pergunte por que eu te trato de um jeito e no segundo seguinte eu viro outra pessoa completamente diferente, isso vai além do que eu posso explicar para você. A única coisa que deve saber é que não há nenhuma outra mulher que tenha feito eu perder a noção como você está fazendo.

Tento perceber a mentira em seus olhos, mas eu não vejo nada além de sua verdade, e isso me assusta. De repente, eu me sinto um pouco como ele relatou sobre si mesmo. É errado eu me sentir assim, pois Max foi a única pessoa que verdadeiramente despertou esse sentimento dentro de mim, mas tem momentos que não há para onde correr e se esconder.

— Não me faça perguntas que eu não possa responder. Não pergunte sobre nada que eu vivi e muito menos tente achar essas respostas com outras pessoas. Eu não sei o que você realmente está querendo comigo, mas...

— Não irei — afirma, cortando-me. — Você está concordando com as coisas que eu disse? — questiona, soando esperançoso.

— Não sei, Tristan. Algumas coisas parecem fazer sentido, mas infelizmente você não faz nenhum sentido para mim. Você é a pessoa mais áspera e confusa que eu já conheci. Eu não sei o que esperar de você. Em um momento está sorrindo e no outro me ataca com suas palavras ácidas, que corroem todo sentimento bom que eu possa vir a sentir por você. Não espere que eu concorde com o que você disse e nem com o que você espera que venha a rolar entre nós dois. Eu não sei se sou capaz de aguentar nenhuma dessas coisas e, acredite, não é apenas por você, é por mim mesma. Eu tenho que lidar com os meus dilemas diariamente e, desde que você chegou, as coisas complicaram em cem por cento para mim. — Coloco minhas mãos em cima das suas, permitindo-me tocá-lo. — Não espere nada de mim. Eu não sou capaz de lhe oferecer nada além de amizade.

Ele pisca repetidas vezes, parecendo tentar assimilar as coisas que eu lhe disse. Sua respiração acelerada beija a minha pele de forma doce. Sem dizer uma palavra e de forma inesperada, Tristan começa a distribuir beijos por meu rosto, assim como ele fez no dia em que me beijou na escada. Ele beija cada centímetro de pele em minha face, arrastando os seus lábios molhados e quentes por ali. O meu estômago afunda e algo sobrenatural toma conta de mim, fazendo-me deslizar minhas mãos sobre as de Tristan e percorrê-las por seus antebraços descobertos. Estamos tão próximos que eu posso escutar o barulho que ele solta: algo gutural e grave, que vem do fundo de sua garganta, como se ele tivesse se esforçado para não deixar esse som escapar. Mais uma vez, a proximidade faz todos os meus pensamentos se entrelaçarem e embolarem-se como se eu

estivesse em uma teia de aranha.

Pela segunda vez em dois dias, os lábios de Tristan pairam sobre os meus. Abro os meus olhos, que fechei em algum momento, e o fito com dificuldade. Seu olhar é tão intenso que eu me sinto de alma nua diante dele. Tristan parece ver através de mim, como se ele soubesse dos meus demônios, e é apavorante.

Mas, então, ele me beija.

Suave.

Demorado.

Calm.

É tudo muito calmo para ser o Tristan que eu conheço, de atitudes impensadas e tempestuosas.

Rebelde.

Rude.

Duro.

Como se estivesse lendo os meus pensamentos, Tristan deixa que uma de suas mãos escorregue para os meus cabelos, pegando um punhado dos fios e emaranhando-os em seus dedos. Sua outra mão deixa o meu rosto para segurar-me pela cintura brevemente, enquanto logo depois ele tenta me puxar uma das minhas pernas para cima, para laçar sua cintura. Eu reluto. Não por que eu não quero, mas pelo simples desejo de controle. Eu não posso perder o controle com Tristan, mesmo que a cada novo encontro nosso, eu esteja à beira de perder toda a sanidade mental que eu tento armazenar dentro da minha cabeça para usar quando ele se aproxima de mim.

Tristan empurra sua língua entre os meus lábios, fazendo-me ceder nesse ponto da briga. Não sei por que eu cedi, eu apenas o fiz. Nosso beijo se torna efusivo, ao mesmo tempo que continua no mesmo ritmo de antes. Talvez seja pelo fato de, depois de tanto tempo, tudo isso ser extremamente novo para mim. No instante em que eu sinto o seu gosto na ponta da minha língua, arrependo-me de ter deixado isso acontecer. Eu me torno frenética, talvez até mesmo um pouco louca. Ele me dá a sutileza dos movimentos que eu não preciso vindo dele, porque isso me faz lembrar de...

Desesperadamente separo as nossas bocas. Eu estou completamente desestabilizada. O meu corpo não deveria responder ao corpo de Tristan. Eu não deveria gostar tanto assim de seu beijo.

— Amigos, Pamella — murmura, retirando sua mão do meu cabelo e colocando-a em meu rosto mais uma vez.

“Controle, Pamella. Apenas esqueça. Não é momento para ficar lembrando dos fatos passados. Tristan está logo aqui, em sua frente, e ele não precisa saber nada disso. Aja normalmente”, trato de me lembrar de tudo isso, antes de relaxar aos poucos.

— Eu não acredito que você trata as suas amizades assim. — Encosto minha testa na de Tristan, encontrando uma dificuldade absurda em me afastar dele.

— Eu não tenho amigos — zomba. — Bom, agora eu tenho você, certo? Melhor se acostumar com o meu jeito de tratar uma amizade. É um jeito extremamente particular, mas, no final de tudo, não deve ser tão ruim assim.

Eu tenho que rir do que Tristan se atreve a falar para mim.

— Você é tão ridículo.

Forço-me a tomar distância dele, não tanta, pois ele ainda tem um dos braços ao redor da minha cintura.

— É assim que essa coisa de amizade funciona? — Ele franze o cenho.

— Assim como? — retruco.

— Com insultos?

Volto a rir e coloco minha mão em cima da de Tristan, retirando-a da minha bochecha. Faço o mesmo com a sua outra mão, que estava plantada firmemente em minha cintura. Movo-me pela minha sala de estar, balançando a minha cabeça negativamente.

— Talvez seja assim entre nós dois. Nunca se sabe quando você vai estar em seu modo normal de coices gratuitos. Eu não economizo nos insultos, já deve ter percebido, certo?

— Essa foi a primeira coisa que eu percebi quando você abriu a boca para falar comigo — acusa, provavelmente tentando soar inocente, mas Tristan não tem nada de inocente.

— Até agora você tem merecido tudo que eu tenho te dado. Pessoas com as atitudes que você constantemente tem, precisam ser colocadas em seus devidos lugares.

— Então agora você vai me dizer o que eu mereço? É isso? — pergunta, irônico.

— Se quiser a minha amizade, terá que aguentar todos os prós e contras que vêm com ela. Pegar ou largar. — Cruzo os braços em frente ao meu corpo, enquanto me sento no sofá, tentando soar firme e decisiva.

“Largar, Tristan. Largue”, penso.

Ele sorri de lado, parecendo ter algo a mais passando por sua cabeça.

— Eu pego.

Dou de ombros, tentando não parecer tão atingida quanto eu realmente estou. De forma nenhuma eu imaginaria que eu ele aceitaria tudo isso por minha “amizade”. Será difícil, assim como o esperado, já que Tristan tem sua forma particular de levar um relacionamento entre amigos, mas eu prometo a mim mesma que darei o meu máximo para não perder a cabeça. Podemos fazer isso funcionar de alguma forma, certo? E, então, eu finalmente posso descobrir mais sobre ele. Tenho essa minha parte curiosa muito aguçada e, surpreendentemente, Tristan é o primeiro homem que me deixa intrigada para descobrir mais dele e de suas atitudes. Talvez seja por causa de como tudo começou entre nós dois, mas a verdade é que eu sou muito curiosa sobre ele, então essa é a minha grande chance de conseguir mais informações sobre a sua pessoa.

Oliver entra na sala de estar com Fable, ambos segurando duas garrafas de cerveja. Meu irmão está sorrindo de ponta a ponta, e eu não vou me surpreender se, quando Tristan sair, ele começar a dizer que estava escutando tudo lá da cozinha, e até mesmo se esgueirando pelas paredes para bisbilhotar como uma criança fofoqueira.

— O almoço está quase pronto. — Ele entrega uma cerveja para Tristan, que se aproxima novamente e senta-se ao meu lado.

Fable passa por mim e deixa uma garrafa em minha mão. Por mais que eu não estivesse planejando beber depois de tudo que eu passei com aquela estúpida ressaca, sinto como se precisasse disso nesse momento. Oliver e Fable sentam-se no sofá da frente. Tomo um longo gole do líquido da garrafa verde, semicerrando os olhos para Oliver, que sorri tão cínico quanto consegue.

— E aí, bonita? Ensinou Tristan a jogar? — Oliver indaga.

Viro o rosto para fitar o homem ao meu lado. Ele não parece nem um pouco preocupado, dessa forma, nem se dá ao trabalho de me fitar de volta.

— Eu sinto muito, Oliver. Ele pode ser seu amigo para outros tipos de atividades, pois videogame não é bem a praia de Tristan. Talvez algo mais... manual?

Oliver franze o cenho, dramatizando como sempre.

— Manual, bonita? O que pode me dizer sobre isso? Vocês andaram jogando alguma coisa mais manual ou foi apenas uma sugestão avulsa?

Tenho sorte de não ter botado nenhuma gota de cerveja na boca, senão teria engasgado na bebida. Oliver como sempre com a sua falta de discrição e perversão de sobra. O meu plano de matá-lo ainda não foi descartado, e, ao

passar dos dias, a vontade apenas aumenta.

— O mais próximo de “jogo manual” que já tivemos, foi quando ela jogou o celular em minha direção e o quebrou em muito pedaços. Eu tenho certeza que Pamella desejou muito ter acertado a minha cabeça com aquele aparelho, mas, você sabe, nós lutadores precisamos ter um certo grau de percepção para que as coisas funcionem. Eu desviei a tempo de deixá-la decepcionada por não ter conseguido acertar o alvo. — Tristan estica o braço atrás de mim, deixando-o descansado no encosto do sofá. — Nunca disse isso, mas eu sinto muito pelo seu aparelho.

Eu volto a encará-lo, arqueando uma das sobrancelhas em desafio.

— Você sente mesmo? — questiono.

— Não, docinho. Nem um pouco.

Reviro os meus olhos, irritada com seu discurso idiota e com seu falso arrependimento.

— Eu não esperava que sentisse. Bom, mas não se preocupe, algum dia eu vou conseguir acertar sua cabeça com alguma coisa, é uma promessa.

Oliver ri alto.

— Você nem queira saber com o que Fable acerta a minha cabeça...

— Oliver Sparks! — Fable exclama, com as bochechas ficando muito avermelhadas.

— Me poupe de tamanho constrangimento. Aliás, poupe Fable também, ela não merece você sendo um idiota vinte e quatro horas por dia, dos sete dias da semana. Seja um pouco mais cavalheiro, eu sei que Will te ensinou bem. Coloque em prática, irmão.

Oliver torce o canto dos lábios.

— Eu estava apenas brincando, vocês duas que levaram as coisas na maldade. — Ele tenta se defender, mas é impossível.

— Como se você fosse o mais santo desse apartamento — Fable diz e se levanta em seguida. — Vamos ver o almoço, Oliver. Venha — comanda.

Fable começa o seu caminho e eu seguro o riso quando Oliver se levanta para ir atrás dela.

— Bom garoto — cantarolo.

Ele levanta o dedo do meio para mim e desaparece mais uma vez com Fable.

Paro de rir aos poucos, sentindo o olhar de Tristan mais uma vez em cima de mim. Ele toma um gole de sua cerveja e limpa a garganta antes de começar a

falar.

— Parece que vocês dois se dão bem, apesar de tudo — Tristan constata, referindo-se à minha relação com Oliver. Eu assinto prontamente. — Você e sua mãe já moravam com ele e William desde quando eles estavam em Washington?

Franzo o cenho.

— Não, mas... — Estou confusa. — Como sabe sobre Washington? Como sabe que Oliver morou lá com Will?

Tristan dá de ombros.

— Ele me disse hoje mais cedo.

Claro que sim. Oliver adora falar sobre sua vida.

— Eu estava pensando — Tristan resmunga apenas alguns segundos mais tarde. — Você quer treinar comigo, amanhã?

É um pedido surpreendente.

Por mais que eu treine quase todos os dias, gosto de fazer isso solitariamente, apenas eu e eu mesma no meu canto. As únicas pessoas que às vezes treinam comigo e eu me sinto bem entre elas, são: Parisa, Elise e o papai. Fora eles, eu não gosto realmente de compartilhar esse momento com mais ninguém.

Não parece, mas é uma das partes mais importantes do meu dia, que é quando eu deixo as minhas dores, o meu desespero e a minha solidão tomarem forma para escaparem pelos meus punhos para encontrarem o saco de pancadas.

Não sei se dividir isso com Tristan é uma boa ideia.

— Pamella? — Ele me chama.

— Oh... Bom, eu não sei. — Sou sincera com ele, usando poucas palavras para me expressar.

— Não sabe? — Ele está confuso, mas eu não espero que entenda.

— Talvez não seja uma boa ideia, sabe? Estou acostumada a treinar sozinha e ter esse tempo para deixar as coisas tomarem um rumo dentro de mim. Não sei se seria a mesma coisa com você — confesso em um sussurro.

Tristan remexe-se em seu lugar.

— Eu entendo — resmunga, afastando o olhar de mim. — É o mesmo comigo, mas eu estou convidando você para tentar ao menos uma vez. Eu também vou tentar. Talvez consigamos fazer isso juntos... não acha? — Ele me encara.

Sinto a certeza em suas palavras e isso me faz confiante.

— Podemos tentar — afirmo.

— Então estamos combinados? — pergunta, como se eu fosse voltar atrás em minha palavra a qualquer segundo.

Sorrio de lado e aceno positivamente.

— Estamos combinados, Tristan. Eu vou adorar te dar mais alguns hematomas. Acho que Trent não fez um trabalho bom — brinco, empurrando-o pelo ombro.

— Você precisa ter alguma piedade de mim, docinho. As coisas não funcionam assim — replica.

— Piedade? Deixe-me pensar... — Encosto no sofá. — Acho que não. Me sinto muito bem assim, tão impiedosa quanto você.

Tristan sorri.

Eu gosto desse sorriso dele.

— O meu ego nunca foi tão massageado assim. Ficar perto de você me dá essa sensação magnífica de ser venerado. Não precisa se esconder, Pamella Cohen, eu vejo você me adorando. — Pisca para mim.

O meu queixo cai, fazendo-me rir como uma tola.

— Sua prepotência é impressionantemente grande.

Tristan olha para frente, ainda sorrindo.

— Não apenas a minha prepotência.

— Meus ouvidos! — exclamo, levantando-me antes que eu fale alguma outra besteira. — Eu vou tomar um banho e volto em trinta minutos. Não tente contaminar ninguém nesse apartamento com os seus pensamentos, seria um grande favor que me faria. — Deixo minha garrafa ainda cheia em cima da mesa.

— Eu não prometo nada.

Encaro Tristan sobre o meu ombro direito e o meu coração acelera.

Ele tem feito eu me sentir assim por vários motivos, alguns bem duvidosos. Espantando os pensamentos da minha cabeça, tomo o meu caminho até meu quarto e o deixo sozinho na minha sala de estar, ainda com o sorriso bonito nos lábios.

Aqueles lábios...



# CAPÍTULO 10

## INESPERADO

PAMELLA COHEN

*Homens sábios dizem que só os tolos se apaixonam, mas eu não consigo evitar me apaixonar por você.*

— ELVIS PRESLEY, "CAN'T HELP FALLING IN LOVE WITH YOU"

Chego na academia com Oliver e Fable às três da tarde.

Demoramos mais do que o normal, pois o meu irmão parou em cada canto que tinha alguém vendendo churros e, acredite em mim, eu não estou exagerando nem um pouco. De qualquer forma, não posso dizer que foi ruim. Eu comi três churros enormes durante o caminho, então devo considerar isso proveitoso para ambas as partes em geral.

Entro na academia me lembrando da minha tarde de ontem que, depois de tudo que aconteceu com Tristan, ele continuou se comportando muito bem e nunca falou nenhuma idiotice, diferentemente de Oliver. Tristan ficou até as quatro e, antes de deixar o meu apartamento, se certificou que eu estaria hoje às duas da tarde na academia.

Ele provavelmente pensa que eu desisti, mas aqui estou.

Não me incomodo em ir dizer “oi” para o papai, que deve estar em seu escritório. Sigo para o ringue em linha reta, não dando muita atenção para o que Oliver fala atrás de mim juntamente com Fable. Aceno para Mike, Paul e Lucas, que estão sentados nos bancos em frente ao ringue e termino o meu caminho até lá sem falar com absolutamente ninguém, caso contrário terei que dar respostas para perguntas que eu não sei como responder ou ao menos explicar. Subo os poucos degraus da escada e passo por debaixo das cordas, entrando no espaço e já encontrando Tristan me encarando. Sua expressão fechada me faz pensar duas vezes antes de abrir a boca, mas nós estamos de “bem”, certo? Não há o que temer.

— Ei — digo, forçando um sorriso. — Eu me atrasei por conta de Oliver. Ele simplesmente parou em todos os cantos da cidade para encher a barriga. — Reviro os olhos, observando Tristan fechar quase toda distância entre nós dois. — Eu pedi para ele seguir, mas acho que você já deve fazer alguma ideia de como o meu irmão é...

Tristan sobe sua mão direita até o meu rosto e esbarra seu dedão no canto da minha boca, esfregando levemente e trazendo-o para nosso meio.

— Você certamente não gostou nada de ele ter parado... — provoca, mostrando-me a sujeira do doce de leite que estava no churros.

Oh-oooh...

— Eu não disse que não gostei — retruco, sem saída. — Se ele tivesse comprado os churros e tivéssemos chegado no horário, eu me sentiria melhor.

Tristan acena, levando seu dedão até a boca e limpando-o sem nenhuma vergonha.

“O quão difícil é manter a minha sanidade mental com ele tão perto de mim?”, penso.

Muito difícil, Pamella Cohen. Muito difícil.

— Não se preocupe, eu estava apenas me aquecendo. Você deve fazer o mesmo antes de começarmos alguma coisa juntos. — Segura as minhas mãos e toca os ferimentos que começam a sarar depois do meu ataque dentro do carro. — Mas talvez você não deva forçar tanto até curar isso aqui — reflete, fitando as

minhas mãos com a testa franzida e parecendo um tanto confuso.

— Eu estou bem, não se preocupe. — Vejo a necessidade de tranquilizá-lo.  
— Você também não deveria forçar tanto...

Meu sussurro é quase inaudível.

Tristan sobe o seu olhar escuro para o meu e acena com um pouco de relutância. Ele solta uma das minhas mãos e puxa as bandagens que joguei sobre o meu ombro assim que saí do carro com Oliver falando no meu ouvido.

— Eu não deveria? — pergunta no mesmo tom.

— Não... — Sorrio de lado e ele arqueia a sobrancelha em minha direção.  
— Você está machucado. Trent te machucou. Acho que merece um pouquinho de descanso por ter apanhado daquela forma.

Tristan permanece calado.

Eu o observo atentamente, enquanto ele começa a proteger as minhas mãos com uma habilidade sobrenatural, como se já tivesse feito isso um milhão de vezes de olhos fechados. Não o interrompo em momento algum, já que o vejo tão entretido que dá certa pena de falar alguma coisa para pará-lo ou atrapalhá-lo. Espero que ele termine, dois minutos depois, e estico os meus dedos com um sorriso nos lábios.

Tristan colocou as minhas bandagens melhor do que eu mesma sempre faço.

— Obrigada pela ajuda — agradeço-o.

Ele respira fundo e assente em resposta.

— Eu deixei que Trent me machucasse, Pamella. Não se preocupe. Raramente alguém me acerta sem que eu esteja no controle da situação. — Tristan se afasta de mim e finalmente me dá espaço para eu me locomover dentro do ringue.

Eu não sei ao certo o que devo falar.

Escolho ficar calada.

Às vezes o silêncio remedia muito melhor as situações do que uma discussão sem nexos.

Retomo o meu sentido para o que vim fazer e respiro fundo, movendo-me no ringue e reconhecendo a área. Eu nunca treinei aqui em cima. Esse era o lugar de Trent e, conseqüentemente, da minha irmã. Não que fosse proibido, é óbvio, mas eles sempre estavam juntos aqui, treinando e se provocando em um ciclo vicioso. Estar aqui em cima pela primeira vez com Tristan, me faz querer sair correndo. Talvez estejamos dando um passo muito mais do que nossa perna ou

talvez eu só esteja pirando por me sentir pressionada a seguir em frente. Não é tão fácil quanto parece.

Acalmo-me lentamente e não me atrevo a olhar para os caras, pois sei que eles devem estar assustados e confusos, sendo assim, concentro em começar o meu alongamento de olhos fechados e mente distante.

“Está tudo bem. Você não está fazendo nada de errado. Tristan está sendo amigável”, repito mentalmente.

Não sei quantas vezes relembro-me dessa sentença, mas só paro quando termino de me alongar.

— Quer treinar algum golpe em especial? — Tristan indaga, voltando a se aproximar de mim.

— O que você quiser me ensinar — retruco, subitamente animada.

Ele reprime um riso, virando de costas para mim e indo até o saco de pancadas.

— O que eu quero te ensinar não pode ser feito em frente tantas pessoas assim — diz, virando-se para mim e cruzando os braços. Minhas bochechas esquentam e eu sinto a necessidade de revirar os olhos, em uma tola defesa. — Mas você pode começar por aqui — completa, dando dois tapas no saco de pancadas ao seu lado.

Aproximo-me de Tristan em passos curtos, demorando mais do que o necessário para acabar com a nossa distância.

— Você se acha muito esperto, não é mesmo? — provoco.

— Eu *sou* muito esperto — afirma.

— Não comigo — assobio e acerto o saco com um jab direto.

Tristan sorri, afastando-se um passo e me encarando ansioso.

Ele parece muito entretido em me fitar.

Os primeiros cinco socos que desfiro no pobre saco, eu o faço sem desviar o olhar de Tristan, como quem avisa que é isso que vai acontecer se ele continuar com as suas provocações idiotas que me deixam embaraçada. Mudo a atenção para o objeto que recebe os meus jabs, mas não fico alheia ao lutador, que anda ao meu redor, cercando-me sem parar.

Se eu soubesse que teria tanta tensão entre nós dois ao pisar nesse ringue, teria inventado alguma desculpa para negar o seu convite...



Termino de pentear o meu cabelo e jogo a escova dentro da minha mochila. Faz trinta minutos que saí do ringue e vim banhar, levando em consideração que fiquei lá por mais de duas horas de relógio. Apesar das brincadeiras sem graça, o que deixa claro a falta de costume de Tristan em interagir com as pessoas, nos demos muito bem. Joguei com ele e dancei no ritmo imposto pelo mesmo, mas tive que parar em alguns momentos para recuperar o fôlego.

Em um momento do treino, Tristan atacou o saco de pancadas em uma sequência insana. Se o saco fosse uma pessoa, ele estaria morto depois daqueles golpes. Não é exagero, por mais que eu seja uma pessoa exagerada. Eu vi Tristan de perto e quase duvidei se ele estava respirando ou não devido a tamanha rapidez. Só Deus e eu sabemos o quão boa foi aquela visão. Devo admitir, droga... Tristan e seus músculos são algo sobrenatural.

Fecho a minha mochila e a jogo sobre o meu ombro, deixando o banheiro depois de dar uma última olhada na minha aparência. Tomei um banho refrescante e maravilhosamente bom. Estou usando um vestido azul, que segue até metade das minhas pernas. Nos pés eu calço uma sandália de dedo simples, nada muito especial. Eu me sinto bem, apesar de ter algumas dores incomodando-me pelo corpo, presente que adquiri do o treino com Tristan.

Chego ao salão principal da academia e tomo um susto.

As últimas três pessoas saem do local e eu sinto alguém logo atrás de mim.

— Seu pai fechou o local mais cedo — Tristan diz, fazendo-me pular para longe e trazer a mão ao meu coração.

— Porra — praguejo. — Você me assustou, Tristan!

Ele dá de ombros, divertido com a situação. O lutador começa a se afastar de mim, mas eu sou mais rápida e coloco-me em sua frente.

— Como assim o papai fechou o local mais cedo? — rebato.

— Ele disse que tinha compromisso no hospital com Elise, provavelmente coisa de mulher grávida — explica. — Estou com as chaves para fechar a academia, só estava esperando você aparecer.

Ah, entendi...

Mas...

— E os caras? Onde está Oliver e Fable?

Giro sobre meus pés, irritada por nenhum deles estarem aqui.

— Eles te deixaram nas minhas mãos — Tristan murmura ao pé do meu ouvido.

Empurro o meu corpo para longe, enquanto uma onda de arrepios o percorre da cabeça aos pés.

Eu estou muito ferrada.

— Suas mãos? — Arqueio a sobrancelha no instante em que volto a encará-lo.

— Não literalmente, mas se quiser mudar isso... — Pisca para mim e passa por meu corpo, mas para e me fita sobre o ombro. — Você vem? — indaga.

Eu não tenho escolha, certo?

Afinal, como vou voltar para casa?

Tenho certeza que Oliver saiu daqui com Fable apenas para me deixar nessa exata situação.

Eu vou matá-lo.

— Sim... — resmungo.

Nós terminamos o caminho até a saída da academia e Tristan fecha os dois portões habilidosamente. Eu fico esperando, não sei o porquê, mas fico. Bom, talvez seja pelo fato de que eu não tenha como voltar para casa e esteja esperando o convite de Tristan para que eu o acompanhe.

Sim, é exatamente por isso que eu o espero.

— Tudo bem? — ele pergunta.

Pigarreio e troco o peso de um pé para o outro.

— Eu não tenho como voltar para casa, Tristan. Será que você pode me dar uma carona?

Ele fica calado, ponderando sua resposta por mais tempo do que eu imaginava. Não acredito que ele vai me deixar voltar andando.

— Apenas depois do jantar — rebate.

Jantar?

— Jantar? — indago.

— Sim. Eu estou com fome e quero que você aceite o meu convite para um jantar — explica um tanto envergonhado, eu diria. — Você quer jantar comigo, Pamella Cohen?

Susto é a palavra certa para definir esse momento.

Sim ou não?

— Mas você vai me levar para casa depois disso?

— Só se você aceitar o meu convite.

Pamella Cohen modo cínica ativar...

— Mm... Então eu terei que aceitar.

— Está falando sério? — pergunta, assustado.

Eu quero e não quero. Não ficarei no meio termo, apenas me deixarei ser levada para o que quer que isso venha a significar entre nós dois.

— Vamos, Tristan, antes que eu volte atrás — ameaço, mas é uma ameaça sem fundo verdadeiro.

Ele concorda com a cabeça e puxa a minha mochila do meu ombro, segurando a minha mão e guiando-me por todo caminho até o seu carro.



Saio do veículo sem nem mesmo esperar Tristan abrir a porta para mim. Por mais que isso seja estranho, eu considero esse é um dos momentos mais íntimos que homens e mulheres podem compartilhar ao saírem. Toda áurea de gentileza do homem para com a mulher e a gratidão da parte feminina. Não, eu não poderia esperar que Tristan fizesse isso por mim e instalasse um clima sem sentido em nosso meio.

Bato a porta do carro e viro para ele, que me encara de volta com o cenho franzido, praticamente perguntando-me o porquê de eu ter saído sem esperá-lo.

“Pernas”, penso. “Eu tenho pernas e posso usá-las, além disso, embarçar-nos seria um dos piores passos a serem dados nesse momento”, concluo.

Ele dirigiu todo o percurso quieto em sua bolha pessoal e eu fiz o mesmo. Por mais que o nosso clima esteja bastante amigável por nossa própria escolha e trato, isso aqui ainda parece errado de muitas formas, mas não me deixarei ficar intrigada.

Minha mente não me sabotará.

— Podemos ir? — indago, com um sorriso de canto de boca e tentando

demonstrar alguma animação.

Tristan respira fundo, ainda de cenho franzido.

Ele abre e fecha a porta, como se tivesse a necessidade de fazer isso. Eu acho engraçado, mas não sorrio. Meu coração aperta com a sua ação e me faz repensar a minha atitude. Talvez eu devesse lhe dar algum crédito...

— Podemos — retruca, puxando sua carteira do bolso traseiro de jeans e segurando juntamente com a chave do carro. Tristan agarra a minha mão, surpreendendo-me ao fazer isso especialmente agora e me guia até a entrada do restaurante. — Eu acho que você vai gostar desse lugar, seu irmão me indicou ontem pela manhã e elogiou muito — explica.

— Ele indicou para você?

— Sim — afirma.

*Oliver...*

Nós paramos na entrada do restaurante.

Há dois seguranças de cada lado da porta central, ambos fitando Tristan com um olhar bastante duvidoso. Eu não gosto de como eles olham para ele, por mais que eu não seja a maior fã do lutador. O hostess se aproxima com uma pasta nas mãos e olhar aguçado. Eu fico quieta, sentindo-me um pouco mais segura por estar de mãos dadas com Tristan. Os três homens nem mesmo se dão ao trabalho de olhar para mim, a atenção deles está toda sobre o loiro.

— Boa noite — Tristan diz, surpreendentemente polido.

Da mesma forma que eu não gosto de como eles olham para o lutador, não me sinto confortável em julgá-los. Eu me assustei com Tristan ao conhecê-lo pela primeira vez, mesmo tendo sido como foi. Ele é grande, alto, musculoso, cheio de tatuagens e exibe a expressão menos amigável que já vi em uma pessoa. Ou ele atrai boa atenção, ou atrai atenção muito ruim. Nesse caso, o meio termo é inexistente. E, mais, Tristan está machucado, aposto que esse é mais um ponto negativo em seu perfil. Não que isso dê direito para eles o julgarem, mas, repetindo, Tristan é assustador.

— Boa noite — o hostess replica.

— Eu gostaria de uma mesa para d...

— Vocês têm uma reserva? — Surpreendo-me com a forma rude que o homem corta Tristan.

Encolho-me no meu lugar, querendo me esconder atrás do loiro. Aperto a sua mão, praticamente pedindo para voltarmos para o carro de uma só vez.

— Não, mas eu tenho dinheiro — Tristan rebate.



— Sinto muito, contudo não é assim que as coisas funcionam nesse restaurante. Dinheiro muita gente tem, senhor. Você precisa de uma reserva, pois somos mais do que requisitados na cidade.

— E todas as mesas estão cheias? — Respiro fundo. — Eu não acredito que todas as mesas estão cheias. Eu pago pela mesa, pago o maior preço e a comida mais cara.

— Talvez se você fizer uma reserva da próxima vez...

— Eu não vou fazer a porra da reserva — Tristan grunhe, perdendo o controle de si mesmo.

Sua mão treme junto da minha, deixando-me alarmada com a sua atitude. Eu não sei como agir em uma situação como essa. O mais perto que cheguei de ver alguém agindo dessa forma, foi com o meu cunhado, entretanto, a minha irmã sempre dava um jeito de acalmá-lo. Mas, Tristan e eu somos diferentes. Parisa e Trent têm uma conexão. A única coisa que Tristan tem me causado desde que nos conhecemos, foi muita irritação. Ontem e hoje foram casos distintos, onde ele não me tratou tão mal, nem tão bem. Não sei se devo me arriscar entre eles.

— Eu peço que se retirem...

— E eu trouxe a garota para a porra de um jantar, que você está fodendo tudo com a sua pose de “somos requisitados e precisamos de uma reserva”. Você quer uma coisa e eu quero outra, como vamos mediar isso?

— Tristan, vamos embora... — peço, apertando a sua mão e tentando puxá-lo ao ver os dois segurando-se aproximando de nós.

— Nã...

— Não há necessidade disso — sussurro. — Vamos embora, por favor. Eu não gostei desse restaurante e nem dessas pessoas. Podemos conseguir outro lugar bem melhor. — Lanço um olhar torto para o hostess.

Tristan bufa como um verdadeiro touro. Ele parece ponderar duas vezes antes de me puxar de volta para o carro. Eu troco os pés com a sua rapidez, mas chego sã e salva até o veículo. Tristan abre a porta e me espera entrar para fechar e dar a volta, tomando o seu lugar atrás do volante novamente.

— Se você não estivesse comigo eu teria...

— Não, você não teria — corto. — Não sei se você sabe, mas nem tudo precisa ser resolvido com violência, Tristan. — Ele batuca os dedos no volante, acelerando carro um pouco mais. — Eles nos olharam feio do início ao fim, então o que nos fizeram foi um favor. Eu não gosto de ficar em lugares onde não me sinto bem-vinda.

— Eles não te olharam feio, eles me olharam feio. Estou acostumado com isso e nem me irrita mais. O problema é que eu queria para jantarmos lá.

— Eu já disse, Tristan. Podemos achar outro lugar. — Reviro os olhos.

— Mas eu queria aquele restaurante — rosna.

Oh, lá vem o animal.

Mal sabe ele que eu estou acostumada com animais ao meu redor: papai, Trent, Paul, Mike e Lucas.

Essa é uma grande bagagem.

— Você vai estragar o nosso jantar por causa de um restaurante idiota?

Ele se cala e para o carro no acostamento da estrada. Chegamos aqui por meio de um caminho um pouco difícil, então posso entender parte de sua frustração, mas ainda assim ele precisa se controlar.

Tristan remove as mãos do volante e passa sobre o seu jeans. Observo o tremor leve que elas apresentam, então eu puxo ambas para mim. O lutador fita-me em meio seu quase surto e volta ao estado inicial de calma.

Sorrio para ele, pois uma vez a mamãe me disse que o meu sorriso é bonito e acalma as pessoas. Eu acredito nela e uso isso ao meu favor.

— Você está melhor? — pergunto.

Ele bufa, revira os olhos, mas assente.

— Melhor — afirma.

— Eu conheço um bom restaurante na cidade...

— Você ainda quer jantar comigo?

— Você acabou me deixando faminta depois de brigar com aqueles homens — confesso e seus olhos escuros suavizam, mostrando que eu estou começando a diverti-lo mais uma vez.

— Então eu acho que esse jantar se tornou uma questão de honra para mim. — Dá de ombros e eu faço o mesmo. Nós rimos e só então eu percebo que ainda estou esfregando meus dedos sobre os calos das mãos de Tristan. — Eu também conheço um bom restaurante na cidade. Levei minha mãe lá há alguns dias e acho que você vai gostar.

— Então nos leve até o lugar, com calma — pontuo a última parte e ele assente.

Tristan puxa as minhas mãos até sua boca e beija o dorso de cada uma.

— Vamos — diz.

Puxo as minhas mãos de volta e ele liga o carro, continuando o nosso

caminho com um pouco mais de paciência.

Não estava mentindo quem disse que paciência é uma virtude para poucos.



Fito o lugar ao meu redor, não sabendo muito bem como reagir. Não é nada do que eu esperava vindo de Tristan. É muito, muito mais. O lugar é sombrio, mas de algum jeito, também é romântico. Eu não sei explicar... talvez sejam as luzes baixas ou o tom avermelhado das coisas. Fico levemente constrangida, mas não é nada que me impeça de agir como se nenhuma coisa estivesse acontecendo entre nós. Afinal, não há nada acontecendo de fato. É só um jantar aleatório entre recém-amigos que sustentam uma amizade extremamente estranha.

Ouçó Tristan trocar algumas palavras com o hostess, que dessa vez o trata tão bem quanto possível, e segundos depois ele segura a minha mão, guiando-me pelo local até uma mesa em um espaço um pouco mais distante e reservado. Consigo escutar o som baixo de um blues antigo tocar para preencher o ambiente de forma harmoniosa e que condiz muito com o clima.

Isso aqui é outro nível.

— Cardápios na mesa. Quando escolherem o pedido, basta levantar a mão que um garçom se aproximará para anotá-lo. Bom jantar — o hostess diz, afastando-se de nós sem demora.

Tristan solta a minha mão e puxa a cadeira para mim, nem mesmo me dando a chance de fazer isso sozinha para evitar uma cena. Não faço nada mais além de aceitar o seu gesto.

Acomodo-me no assento e ele faz o mesmo logo à frente.

Eu estou dizendo: esse é um momento intimista.

Agarro o cardápio e enfio o rosto ali, tentando me esconder e tomar um pouco de ar. O olhar de Tristan me deixa nervosa demais.

Comida saudável, comida saudável, comida saudável. É tudo que diz o cardápio. Melhor assim. Eu prefiro comer algo que não me faça passar mal depois de terminar. Aliás, Tristan tem que se manter regulado na alimentação.

— Quando eu vim com a minha mãe era bem mais cedo e ficamos em uma

das mesas do lado de fora do restaurante — informa, voltando a puxar assunto comigo.

Às vezes eu acho que Tristan escuta todas as abobrinhas que eu falo em minha própria mente.

— Eu aposto que Florence adorou...

Tristan concorda com um resmungo.

— Você já sabe o que vai escolher? — pergunta.

Coloco o cardápio para baixo e solto um sorriso sem graça, provavelmente parecendo mais com uma careta do que com um sorriso.

— Bife médio e salada Caesar de acompanhamento — digo, fitando-o de volta.

— Bebida? — Arqueia a sobrancelha.

— Chá gelado. — Dou de ombros. — Ainda sofro algumas sequelas da minha ressaca...

A ponta direita da boca de Tristan sobe em um torto sorriso que ele parece querer segurar a qualquer custo. Daria qualquer coisa para saber o que está se passando por sua cabeça.

— É sua escolha. — Ele levanta a mão e um garçom se aproxima de nós. — Por mais que eu ache que você fique mais divertida sob efeito do álcool. — Mordo meu lábio inferior, contendo a minha própria risada diante de seu comentário estúpido. — Três bifos médios, duas saladas Caesar, um chá gelado e uma limonada.

O garçom anota o nosso pedido e se retira.

— Três bifos? — indago.

— Já viu bem o meu tamanho? Eu poderia comer os três bifos e ainda teria fome.

— E por que não pediu quatro? — Reviro os olhos.

— Porque teremos uma sobremesa e, bom, minha mãe provavelmente fez alguma para mim. Quando chegar em casa terei um segundo tempo. — Tristan balança os ombros.

— Você come muito... — resmungo.

— Eu sou um atleta. Preciso me alimentar bem, caso contrário, não terei forças e não ficarei saudável para aguentar a rotina de treinos.

— Eu sei... Trent também come tanto quanto você. É só um pouco insano vocês se manterem tão definidos mesmo com tanta comida entrando diariamente — retruco.

Tristan me olha como se eu tivesse enlouquecido.

— Falando em Trent — pigarreio. — Você está cuidando bem desses machucados? — pergunto, trocando de assunto e apontando para os ferimentos que ele adquiriu no outro dia.

Eu ainda me sinto um pouco mal por toda cena que se sucedeu depois que o meu cunhado escutou a nossa conversa.

— Sim, está tudo sob controle, Pamella. Ferimentos fazem parte da minha vida há um longo tempo. Não se preocupe comigo — diz, batucando os dedos na mesa em um ato inconscientemente nervoso.

Ficamos os dois em silêncio.

Eu ainda não sei como agir perto de Tristan.

— O Circuito começará em duas semanas — ele volta a falar.

Sorrio de lado, um pouco nostálgica com toda animação para o Circuito.

— Você está ansioso? — questiono.

— Não muito.

Franzo o cenho.

— Não muito? — replico.

— É apenas mais uma etapa, mais uma missão. O Circuito é mais uma conquista que eu sei que vou alcançar. Não há motivo para ansiedade, nervosismo ou qualquer coisa desse tipo. Geralmente são esses sentimentos que atrapalham as pessoas de chegarem até os seus objetivos. Já ouvi vários relatos de pessoas falando que estavam tão ansiosas que não conseguiram completar tal coisa. O mesmo vale para o nervosismo e afins. Surpreendente ou não, eu me controlo nesse ponto.

— Eu não me surpreendo — confesso.

Eu faço parte do grupo de pessoas que já deixaram ou não conseguiram fazer algo por conta da ansiedade ou nervosismo, mas, Tristan... não, Tristan não se deixaria ser atingido por coisas desse tipo.

— Não? — rebate.

— Não. — Ele inclina a cabeça para o lado, em uma muda pergunta, enquanto uma mecha do cabelo loiro dele cai sobre um dos seus olhos. — Você é frio, talvez até mesmo calculista. Eu não me surpreendo de você conseguir controlar todas as suas ações ou sentimentos.

— Nem todos os sentimentos são controláveis. Caso fossem, eu não estaria aqui e agora com você — afirma, segurando uma das minhas mãos com cuidado, esfregando o dedão de forma leve sobre as feridas nos nós.

Meu coração acelera descompassadamente em meu peito.

— Tristan...

— Estou sendo sincero com você, Pamella Cohen. Posso ser muitas coisas, mas eu não tenho o costume de mentir ou iludir as pessoas. Eu poderia simplesmente te ignorar ou seguir em frente para fazer apenas o meu trabalho de substituto do seu cunhado, mas...

Ele para de falar e solta a minha mão, tão inquieto e nervoso quanto antes. A vontade que tenho é de puxar sua mão de volta, mas retraio-me em meu canto.

— Você me intriga desde o começo. No instante em que foi ajudar a minha mãe e me ajudou mesmo debaixo de toda a minha estupidez, desde esse momento eu quis saber mais de você, ou pelo menos saber o motivo pelo qual foi me ajudar sem nem me conhecer.

— Florence — digo. — Eu a conhecia e não poderia deixar que aquela mulher a destratasse. Não aceito coisas desse tipo com ninguém. Estava acontecendo com a sua mãe e você estava lá, tremendamente bêbado. Não negaria ajuda ou me faria de cega para aquela situação.

Tristan sorri.

— Eu fui um idiota — resmunga.

— Você foi. — Sorrio de volta, olhando para os lados.

— Sinto muito pela forma que andei te tratando desde a nossa primeira interação. Eu não sei lidar com as pessoas, Pamella. Sou sujo, machucado e quebrado. Não fui criado em meio a outras crianças, não cresci de forma saudável. Nunca recebi nenhum tipo de sentimento bom em toda a minha vida, apenas o da minha mãe, mas ela também não tinha muito o que fazer para melhorar a minha situação — confessa, deixando-me curiosa para saber mais do que ele está falando. — Não planejo te contar nada do que eu passei para conseguir a sua pena ou compaixão. A única coisa que você precisa saber sobre mim é que eu a quero, muito.

O garçom chega em nossa mesa com o nosso pedido e nós ficamos em silêncio. As minhas mãos tremem quando seguro o meu chá gelado e tomo um gole. A ardência do olhar de Tristan e a forma como as suas palavras martelam em minha mente me deixam desestabilizada.

A minha guarda está no chão.

— Eu sinto muito — digo, no instante em que estamos sozinhos outra vez.

Ele ainda me fita da mesma forma.

— Não sinta.

Suspiro.

— O que quer saber sobre mim? — pergunto.

Esse é um dos mais raros e surpreendentes eventos que poderiam acontecer essa noite: eu responder as perguntas de Tristan.

— Três perguntas é tudo que você tem — completo.

— Está falando sério? — indaga, desconfiado.

— Não repetirei.

Enquanto ele pensa, completamente concentrado, corto um pedaço do meu bife e coloco na boca. A comida está deliciosa. Provo um pouco da salada até escutar o pigarro do lutador à frente.

Tomo mais um gole do meu chá e espero ele começar.

— Por que diz não querer se relacionar com ninguém?

Por um longo minuto eu penso.

A tensão entre nós dois é quase palpável.

— Porque eu mudei.

Tristan revira os olhos.

— Você está sendo evasiva — reclama.

— Eu estou lhe dando a resposta certa — defendo o meu ponto de vista.

Ele bufa.

— Então, como você era?

— Você sabe que isso faz parte de outra pergunta, certo? — questiono e ele assente, dando-me a deixa para contar mais uma pergunta e seguir em frente. — Como eu era... — reflito brevemente até achar a melhor definição da velha “eu”. — Alegre, feliz, sorridente, animada...

— Me dê um pouco mais disso — retruca, atento.

— Eu era aquele tipo de pessoa que sorria por qualquer coisa. Se você me chamasse para ir fazer trilha às quatro horas da manhã, lá eu estaria com o maior sorriso que nenhum dinheiro poderia comprar. Quando alguém estivesse triste ou com problemas, eu sempre estava lá para levar ânimo ou achar uma solução. Depois de tudo que aconteceu em minha vida, perdi metade da minha “vitalidade”. Às vezes sinto falta de ser como eu era antes, mas uma vez quebrada, nunca mais reconstruída com todas as peças no lugar. Se você tentar colar um copo de vidro quebrado, além de ter os dedos furados, terão espaços que nunca serão preenchidos. Esse é o meu grande problema. Eu sou como um copo de vidro quebrado: uma parte está recomposta por aqueles que eu amo, mas

a outra ainda está no chão, sem chance de ser colocada em seu lugar outra vez. Caso isso venha a acontecer, ainda terei buracos no peito que não sei se alguém seria capaz de fechá-los.

Paro de falar, ofegante.

Os olhos de Tristan adquiriram um tom mais escuro, como se ele tivesse captado a carga que as minhas palavras ganharam ao serem proferidas para ele.

— Eu ainda vejo brilho em você — diz ele.

— Tem vezes que sinto como se estivesse voltando a ser quem eu era, mas, então, a realidade me atinge e eu volto a cair no chão. Não estou mais tentando me reerguer. Se isso vier a ocorrer algum dia, o que é pouco provável, não será por minha insistência.

Tristan assente, entendendo o meu ponto.

— Última pergunta? — sugiro, ansiosa e temerosa, tudo ao mesmo tempo.

Tomando uma longa respiração, ele solta:

— Quem é Max?

Eu respiro, cogitando a ideia de correr para longe.

Na verdade...

Levanto-me de uma vez, mas Tristan é mais rápido e me para antes de tomar qualquer impulso para ir para longe dele. Ele segura os meus braços firmemente, mas não diz qualquer coisa. Sinto sua respiração bater contra o meu cabelo, mostrando-me que não é só eu que estou nervosa com tudo isso.

— Não vá — pede, inclinando o seu corpo grande sobre o meu e beijando a minha bochecha.

Estamos muito perto um do outro, praticamente colados, o que me faz agradecer por termos conseguido a mesa mais reservada do restaurante, senão estaríamos causando uma cena em frente a todos os outros clientes.

— Tristan... — sussurro.

Ele me empurra para a minha cadeira e volta para a sua.

— É uma pergunta simples, Pamella. Quem é Max? Não quero que me diga o que vocês viveram ou se algo ocorreu entre vocês dois, apenas me diga quem é ele.

Ainda com a minha guarda no chão, remexo-me no meu assento e pondero a minha resposta.

— Ele era o melhor amigo de Trent — começo, sob o olhar avaliativo de Tristan. — Quando cheguei aqui, há cinco anos, foi quando eu o conheci, mas prefiro não falar sobre isso. A sua resposta é: Max era o melhor amigo de Trent,



Parisa e todos os caras.

Nós dois ficamos em silêncio.

— Tudo bem — Tristan resmunga. — Vamos terminar o nosso jantar — completa.

Dito isso, continuamos o jantar em silêncio.

Sinto-me desconfortável, mas não me atrevo a sair correndo como planejei. Aquele foi um momento de ação e reação. Tristan cutucou a minha ferida e eu quis fugir, esconder-me dele, mas o que eu acabei de aprender é que nem sempre devemos fugir de algo que nos apavora e machuca.

Estou desconfortável, contudo, sinto-me mais leve ao redor dele por ter ao menos lhe falado quem era Max.



Eu e Tristan saímos do restaurante perto das onze da noite.

Mesmo que não estivéssemos conversando tanto quanto antes, ele me fez pedir uma sobremesa e nós dividimos a mesma. Não me arrependo de ter cedido, afinal, não é todo dia que eu tenho o prazer de comer uma torta fria de chocolate maravilhosa com sorvete de baunilha para acompanhar.

Saio do carro, jogando a minha mochila sobre o ombro e tirando a chave do meu apartamento lá de dentro.

Tristan para ao meu lado e puxa a mochila, levando ele mesmo e me fazendo apenas dar de ombros. Se ele quer fazer isso, que faça. Terminando o percurso até o elevador, entramos e apertamos ao mesmo tempo o botão do nosso andar. Encosto-me na parede, fingindo que isso não aconteceu e fitando o lutador de soslaio.

A minha pseudo-claustrofobia começa a atacar, e antes que eu entre em pânico, o elevador para e eu saio praticamente correndo de dentro dele.

Puxo o ar com força apoiando-me na parede até voltar ao normal.

Enfio a minha chave no trinco e viro-me para encarar Tristan. Ele se aproxima de mim em dois longos passos, fechando a distância entre nós dois e inclinando o corpo mais uma vez sobre o meu. É intimidante ter um homem

desse tamanho praticamente em cima de mim.

Ele arranca a minha respiração com o simples sorriso que direciona especialmente em minha direção.

Tristan deveria sorrir mais.

— Eu tenho mais duas perguntas para você — diz.

Sua boca está a poucos centímetros da minha.

Pergunto-me se algum dia eu vou poder vê-lo completamente livre da sua barba. Acho que completa o seu estilo, mas a minha curiosidade em descobrir todos os tratos do seu rosto é muito maior.

— Três perguntas era o negócio, Tristan — retruco.

Não estou preparada para mais perguntas.

— Por favor? — pede, ao mesmo tempo que parece testar a palavra em sua boca.

Aposto que Tristan nunca pediu “por favor”.

— Duas perguntas e nada mais — digo, pois agora está bem mais fácil de fugir do que antes.

— O que nós acabamos de ter, foi um encontro?

Seguro a risada no instante que Tristan para de falar.

— Essa é a sua pergunta? — questiono.

Ele franze o cenho, mas assente sem titubear.

— Se ambas as partes estiverem interessadas, sim, você pode classificar isso como um encontro. Vê? Não é tão difícil quanto parece, lutador. — Sorrio, um pouco mais leve por sua pergunta ter sido extremamente fácil de responder.

Tristan cola os lábios em minha bochecha e a minha barriga embrulha em antecipação por seu ritual já percebido por mim.

— Você quer sair novamente comigo, Pamella Cohen?

As ondas de sua voz perpassam por seus lábios grudados em minha pele e eu tremo da cabeça aos pés. Tristan começa a distribuir beijos por todo o meu rosto, sua barba sempre roçando em mim de forma que arranca um suspiro juntamente com os seus beijos calmos.

— O que você me diz? — indaga, depois de deixar o último beijo na ponta do meu queixo.

Ele não espera por minha resposta, pois nem mesmo eu sei o que responder depois de tudo que acabou de acontecer.

Tristan amassa sua boca em cima da minha e arranca o seu “sim” da forma

que ele já se mostrou acostumado a fazer: beijando-me. Por mais que a minha cabeça insista em tentar me mandar repelir Tristan para longe, lembrando-me de Max a todo tempo, não consigo fazer isso.

Eu estou ficando confusa.

Tristan está me deixando confusa.

Meus lábios se partem ao sentirem a língua de Tristan viajando de forma eletrizante sobre eles. Pela primeira vez, depois de dois beijos trocados, permito-me sentir como a sua boca se encaixa na minha e isso me tira da órbita. Tristan vem com a sua forma perfeita, massacrando o meu coração por me fazer admitir tal perfeição ao cair sobre mim.

Seus lábios levemente ressecados se movimentam com fome. Tudo nele começa a me deixar com dúvida, incerta, trepidante, insegura. Deixo-me tocá-lo com leveza depois de hesitar um pouco. Alcanço os seus ombros largos, segurando-me nele e ficando na ponta dos pés.

Provamos um ao outro com pressa, muita pressa.

Não evito um suspiro de escapar quando ele me abraça pela cintura.

Meu coração está acelerado.

Se eu ao menos conseguisse explicar o sentimento que passa por meu corpo, eu o faria. Mas é inexplicável. Tristan me deixa sem palavras.

Separo nossos lábios antes de perder todo o meu fôlego. Controlo a minha respiração e pressiono meus lábios uma última vez sobre os de Tristan. Abro os meus olhos com dificuldade, fitando-o embriagada.

— Isso foi um sim? — pergunta.

Mordo o meu lábio inferior.

— Isso foi um “infelizmente sim”.

Nós dois acabamos rindo, antes de ele me tomar outra vez em outro beijo que faz o meu coração acelerar mais do que nunca.

Isso é loucura.

# CAPÍTULO 10.1

POR FAVOR

TRISTAN RIVERA

*A agulha abre um buraco, a velha picada familiar. Tento apagar tudo, mas eu me lembro de tudo.*

— JOHNNY CASH, "HURT"

ANOS ATRÁS...  
WASHINGTON, D.C.

Encho o meu peito de ar, esperando por minha punição.

Impacto.

Sinto as feridas abrirem em minha pele, enquanto o choro baixo da minha

mãe me mantém ligado e inflexível. Eu sei que dói nela, talvez mais do que em mim mesmo. O meu corpo está acostumado e a minha mente já entra em piloto automático em momentos como esse, mas com ela é diferente, eu sinto isso.

Tem sido um inferno de semana.

É como se sete dias tivessem se transformado em trinta.

Olho para cima, sem medo de encarar o homem à minha frente.

Ele sorri, perverso. Seu sorriso se transforma em uma gargalhada, fazendo o som infiltrar-se em minha cabeça e afogar em meus sentidos. A dor é presente, mas a minha indiferença é mais ainda. Sinto o sangue escorrer dos ferimentos que acabei de ganhar em minhas costas, até mesmo sentindo uns por meu pescoço.

Não faço a mínima ideia de onde ele conseguiu esse chicote, mas é novo e machuca ainda mais do que o que ele usou duas semanas atrás.

Tomo mais uma respiração profunda, habituado com o cheiro de sangue fresco que escorre de mim mesmo.

Eu sei que tenho muitas cicatrizes por minhas costas. Envergonho-me delas quando em festas de crianças sou obrigado a manter a minha camisa para não assustar os meus “amiguinhos”. Ele é tão preocupado com as aparências que me faz desejar que sua ruína seja dolorosa e pública. Espero que George seja humilhado perante a todos e que as marcas não fiquem somente em sua imagem, mas pregadas em sua alma podre de Diabo.

Quando tiver idade suficiente, vou cobrir a minha pele de desenhos coloridos, tatuagens e mais tatuagens, assim eu poderei esconder e me poupar do horror no rosto das pessoas. Ninguém precisa saber a história por trás das minhas cicatrizes, isso não é da conta de outros e nunca vai ser.

— Pare com isso, George — sussurra a minha mãe.

Viro a cabeça para fitá-la, encontrando-a encolhida e encostada na grade do nosso “espaço”. Estreito os meus olhos em sua direção, dando-lhe o recado para se manter quieta.

— Não se mete, Florence — cospe George.

— Como eu posso não me meter? — exclama de volta, perdendo o controle e levantando-se de forma rápida. Minha mãe treme, o que me deixa alarmado. — Pare de bater nele, pare de machucá-lo. Tristan é apenas uma criança e isso é... isso é tortura!

George me empurra para trás e avança em direção da minha mãe. Ele cresce em cima dela, como um monstro pronto para arrancar sua cabeça ou costurar sua

boca, assim ela não seria capaz de falar outra vez.

— Eu disse para você não se meter, sua...

Eu o vejo sacudir o chicote em sua mão direita, pronto para acertá-la, mas eu sou mais rápido. Eu sempre fui mais rápido.

Seguro o objeto e puxo com toda a minha força. Eu posso não o ganhar na força, mas tenho minha própria forma de me proteger: usando ataques surpresas. George é um estúpido, sempre acha que está no controle, então qualquer passo fora dos seus planos o deixa desestabilizado.

— Não toque na minha mãe — brado, posicionando-me entre eles dois.

George me encara com raiva pura e crua cintilando em seus olhos escuros.

— Não toque em minha mãe — zomba ele ao me imitar. — Você acha que foi feito como, bastardo? Acha que a cegonha te colocou dentro da barriga da mamãe? — Ri e eu o assisto paralisado.

— Eu não acredito em cegonha — replico.

— É bom que não acredite, pois você não foi feito assim. Eu fodi a sua mãe, moleque. Fodi até ela pedir para que eu parasse e, quando ela pediu, eu continuei e continuei e continuei. Nada nunca me parou e nada nunca vai me parar.

Minha mãe tenta tapar os meus ouvidos, mas é tarde demais.

Ouvi todas as palavras.

Senti todas elas penetrarem minha alma e fincarem suas garras, espremendo meu coração e empurrando ira para fora de mim.

— Você usou a minha mãe contra a vontade dela! — grito, atacando-o com os punhos fechados e acertando-o por toda parte que consigo alcançar.

George não para de rir.

Eu juro que essa risada vai me perseguir até nos meus melhores sonhos.

Ele vai ser o meu pesadelo até a minha morte.

Eu odeio George.

— Empregadas espanholas com traseiro bom servem para isso. Tome notas com o papai, moleque — diz, segurando os meus braços e me parando.

Eu não sei de onde ela vem, mas, de repente, minha mãe ataca George, tentando fazer com que ele me solte. Sou jogado de lado, enquanto sua atenção se volta para a minha Flor, para a minha mãe.

Encolhida novamente contra as grades, George descarrega mais de sua raiva em cima da mamãe. Quando ele sacode, mais uma vez, o chicote, sendo esse o

seu ritual. Eu me levanto mancando a tempo de receber o golpe em minha pele e poupar mais ferimento em minha mãe.

Fecho os meus olhos, escutando o grito de horror feminino e absorvendo a dor como quem engole um comprimido.

A ferida se abre na pele lisa da minha bochecha esquerda. Arde mais do que em qualquer outro lugar. Se eu já pareço como um monstro por conta das minhas cicatrizes nas costas, imagine com uma bem no meu rosto. Mas agora não tem volta.

Abro os meus olhos com dificuldade, notando então que ambos estão marejados, porém não me deixo soltar as lágrimas.

— Então agora você tem o selo de aberração graças a sua mamãe. — George admira a mais nova ferida que abriu em minha pele e leva sua mão até a mesma, empurrando seu indicador rudemente para me causar mais dor.

Eu não vou chorar.

— O que v-você fez... — mamãe gagueja.

Caio de joelhos no chão ao ser acertado por um chute na minha perna esquerda.

Laçando minha mãe pelo pescoço com o chicote, George a faz ficar de joelhos na minha frente. Ele começa a apertar ao redor do seu pescoço fino, deixando-a agonizando em minha frente.

— Está na hora da lição do dia, meu filho — diz ele. — Hoje é dia de aprender a pedir “por favor”. Não quero mais que me envergonhe em eventos e reuniões. Sempre que quiser sair para ir ao banheiro ou seguir com seus amigos, precisa pedir “por favor, papai” ou “por favor, mamãe”.

— Aquela bruxa não é a minha mãe — rebato com os dentes trincando.

— Eu não estou te perguntando nada, apenas instruindo como você deve agir. — George aperta o chicote e eu vejo a cor deixar o rosto da minha mãe, enquanto ela tenta se livrar do monstro que atormenta as nossas vidas. — Você quer que eu faça alguma coisa? — indaga cinicamente.

— Solte a minha mãe — exijo, sentindo-me nervoso.

— Solte a sua mãe o quê?

— Solte a minha mãe. — Engulo o vômito que ameaça escapar por minha boca. — *Por favor, papai.*

Ele sorri e solta a minha mãe, empurrando o corpo dela para cima do meu. Nós dois caímos no chão e nos encolhemos um contra o outro.

— Bom garoto, meu filho. Bom garoto.

Eu nunca mais vou pedir por favor para ninguém.  
Nunca mais.



# CAPÍTULO 11

## DESPEDIDA EM GRANDE ESTILO

PAMELLA COHEN

*Não vou admitir o que eu já sei, nunca fui a melhor em desapegar. Não quero passar a noite sozinha, acho que preciso de você, e eu preciso.*

— ALESSIA CARA feat. ZEED, "STAY"

Eu acho que as duas últimas semanas foram as melhores da minha vida desde que perdi o meu Norte. Por mais que na maioria do tempo Oliver faça coisas irritantes e que me tiram do eixo, eu me diverti muito em tê-lo diariamente comigo. Não tive nem mesmo tempo para pensar em coisas ruins que produziriam um péssimo efeito na minha mente. Oliver me animou, fez-me voltar a acreditar um pouco mais em mim e ter a minha velha confiança, o que

resultou em ações novas com Tristan.

Falando no lutador...

Nós temos nos conhecido um pouco melhor, devo dizer. Depois do nosso jantar, treinei mais três vezes com ele e jantamos mais um monte de vezes, só não sozinhos. Oliver e Tristan sempre acabavam no sofá da minha sala de estar jogando videogame, enquanto o meu irmão massacrava o lutador em partidas de futebol.

Se eu dissesse que Tristan foi cem por cento gentil comigo durante as últimas duas semanas, eu com certeza estaria mentindo. Ele teve lá os seus deslizes e bolas fora, mas entendo que está se esforçando para soar agradável. Não consigo entender o que há de errado e quanto mais eu tento entender, mais eu me afundo no sentimento que começa a germinar no meu coração.

Tudo é indecifrável com ele por perto.

Voltei a pensar sobre a sua barba e como ele deve ficar mais bonito com ela fora de seu rosto. Eu sou um poço de curiosidade. Às vezes tenho vontade de pedir-lhe para raspá-la fora, porém sei que não tenho direito e muito menos intimidade para fazer tal pedido. De qualquer forma, imagino muito como ele deve se parecer e cada vez mais me encontro ansiosa para ver um pouquinho além da casca dura de lutador e homem rude que ele deixa visível para todos.

O papai tem percebido a nossa aproximação, mas não se atreve a falar nada. Ele chamou Tristan duas vezes em seu escritório e nas duas vezes, infelizmente, tive que escutar atrás da porta o teor da conversa. Tudo bem, não me arrependo muito, porque se o papai tivesse lhe dado alguma ordem, assim como fez com Trent, eu teria o interrompido sem pensar duas vezes, por mais que eu tenha o pressentimento de que Tristan nunca se sujeitaria a seguir as ordens do meu pai quando se trata de mim.

Depois das conversas, que sempre aconteciam no final do treino e com a academia praticamente vazia, Tristan vinha ao meu encontro e falava brevemente comigo sobre qualquer coisa. Após isso, ele se levantava e ia tomar banho, voltando vinte minutos mais tarde para me dar uma carona para casa.

Essa tem sido a nossa rotina nas últimas semanas e eu admito gostar dela. Sinto-me leve e com outras preocupações. Meu coração parece um pouco mais aquecido e recomposto, mas eu não tomo isso como uma esperança. Não que eu tenha me tornado pessimista, apenas quero seguir a linha que me mostra a realidade nua e crua.

Novamente, entro na sala de estar e encontro Oliver e Tristan jogando videogame. A pontuação acusa e mostra o quão ruim Tristan é, agora me dando a

certeza de que ele estava falando sério ao confessar que não sabe como jogar. Endireito os meus óculos no rosto, cruzando os braços e encostando-me na parede, ainda afastada deles para continuar tendo uma visão geral da cena. Tristan reclama em tom baixo, nunca se alterando de verdade com Oliver. Se eu pudesse dar um palpite, diria que o loiro não está ligando muito por perder ou ganhar, Tristan está apenas indo na onda de Oliver e o agradando. Meu irmão também deve ter implorado para que o lutador viesse jogar com ele. No final de tudo, concluo que os dois estão de fato se tornando amigos e isso é mais ou menos assustador para mim.

Amarro o meu sobretudo ao redor do meu corpo e desencosto da parede para caminhar até os dois. Antes mesmo de fazer qualquer barulho, Tristan vira o rosto para me encarar, como se ele tivesse sentido a minha presença ou, mais estranhamente ainda, sentido o meu cheiro.

“O que eu devo fazer? Sorrir? Continuar neutra? Ir abraçá-lo? Sentar no outro sofá?”, reflito mentalmente, encontrando-me em um dilema sempre que o vejo. É sempre a mesma coisa, sempre a mesma paranoia.

Nós nos beijamos. Bastante. Isso não é mais uma novidade entre mim e ele, o que acaba tornando esse ponto tão assustador quanto o fato de Tristan e Oliver estarem se tornando amigos. Isso não é sobre eles dois, mas sim sobre eu e o homem irritante e inconstante que veio me tirando do sério desde que trocamos as nossas primeiras palavras.

Como se tivesse se infiltrado em meus pensamentos sobre nós, Tristan sorri polidamente e tira um peso dos meus ombros.

Ele sorriu, então eu posso sorrir também.

Entretanto, não abro o meu melhor sorriso para ele, apenas o sorriso de “bom dia” que uso com quase todas as pessoas.

Oliver começa a comemorar, chamando a atenção de Tristan. Encaro a tela e vejo que o meu irmão acabou de ganhar outra rodada.

— Você é um lixo, cara — Oliver zomba, virando o rosto e notando a minha presença. — Ei, garota! — saúda-me, acenando com a mão para eu me aproximar mais deles.

Termino o meu percurso até os dois e Oliver me puxa para baixo, fazendo-me sentar entre eles.

— Bom dia, rapazes — digo, evitando encarar Tristan.

— Bom dia, irmãzinha — Oliver retruca, beijando o topo da minha cabeça. O celular dele vibra em cima da mesa de centro com uma mensagem brilhando na tela e ele o apanha, lendo e se levantando em seguida. — Vou atrás de Fable.

Ela foi fazer compras no supermercado e já está voltando — informa, pegando apenas a chave e indo em direção à porta.

Oliver sai e bate a porta.

— Ele nunca consegue agir de forma discreta — comento, tentando deslizar para longe de Tristan, mas ele me segue.

— Eu deveria agradecê-lo por isso.

Inclino o meu rosto para cima e o encaro, arqueando uma das sobrancelhas e indicando para que ele continue a falar o seu pensamento.

— Sem muita elaboração para um agradecimento gigante, pois o faria demorar mais ainda para nos deixar sozinhos. Então, Oliver diria qualquer coisa e sairia andando, o que é mais do que bom. — Tristan sorri. — Eu gosto de ficar sozinho com você — explica e eu resmungo, satisfeita com a sua sinceridade. — Você dormiu bem? — questiona.

Tristan traz uma de suas mãos até o meu rosto, dedilhando a minha pele deliberadamente e sem um destino certo. Ele apenas me toca, arranhando seus dedos calejados sobre mim.

— Surpreendentemente, sim — digo.

Eu não tive sonhos ou pesadelos, apenas dormi em paz, e isso vem acontecendo há mais de duas semanas. Não sei se é bom ou ruim, não sei o que me fez dormir em paz, mas eu gostei disso. Dormir sempre foi um dos meus maiores sofrimentos desde que Max se foi.

— Eu não — Tristan retruca.

Isso é visível em seu caso.

Olheiras profundas mancham a sua pele clara logo abaixo dos seus olhos intensos. Ele provavelmente teve uma noite ruim, fazendo-me sentir um incômodo corroer-me por dentro ao constatar seu aspecto cansado.

Quando foi que eu comecei a me importar com Tristan?

— Pesadelos? — pergunto, segurando a sua mão livre entre as minhas e esfregando os meus dedos sobre os calos.

— Sim — murmura. — Nada novo, entretanto.

— Sinto muito — digo, pois eu realmente sinto muito por ele.

Tristan deve ter um bom sono para aguentar a carga dos seus treinos. Como vai ficar o seu rendimento se ele continuar desse jeito?

— Não sinta. — Ele abre mais o seu sorriso, provavelmente com o intuito de me tranquilizar. — Você vai treinar comigo novamente? — pergunta, deixando o sorriso sumir e os ombros ficarem visivelmente tensos.

Dou de ombros.

— Se quiser isso novamente...

Tristan aproxima o rosto do meu, deslizando os dedos entre os fios do meu cabelo e enrolando-os em um punhado. Se eu ainda estivesse falando, gaguejaria como uma tonta. Ele me deixa nervosa com essas atitudes abruptas e impensadas.

— Eu quero — grunhe. — Mas gostaria que fosse treinar comigo em outro lugar.

Planto as minhas mãos em seu peitoral, mesmo que por cima da camiseta cinza que ele está usando. Tristan leva a sua outra mão até a minha cintura, puxando-me para mais perto e fazendo-me jogar uma das minhas pernas sobre as deles como forma de me manter equilibrada.

— Outro lugar? — sussurro, engolindo a seco.

— Outro lugar — concorda. — É o meu lugar de paz. O espaço para onde eu vou e deixo a minha raiva sair de dentro de mim até cair esgotado no chão. É um balcão perto de um lago, ponto um pouco afastado da parte agitada da cidade e o melhor lugar que achei para encontrar-me em mim mesmo — explica, deixando-me menos assustada com o nosso destino.

É claro que eu aceito.

— Mas hoje Oliver me chamou para um clube e tenho quase toda certeza que é o mesmo que fomos da última vez. — Balanço as minhas sobancelhas, divertida.

Tristan bufa, mas se diverte comigo.

— Você se lembra, não é mesmo? — sussurro, deixando o meu olhar cair sobre os seus lábios.

— Como eu poderia esquecer? — replica. — Você era a mais bonita daquele lugar e atraía a atenção de qualquer pessoa com um pau no meio das pernas ou até mesmo com uma boceta no meio das pernas que curtem da mesma fruta... — Meu Deus, eu nunca vou me acostumar com a forma que Tristan se expressa. — Além de tudo isso — murmura, mas para e inclina minha cabeça para o lado com sutileza —, foi quando nos beijamos pela primeira vez. E, então, você me deu todo o doce do mundo, fazendo-me viciar em algo puro e bonito, fazendo-me viciar em você. Tirou um pouco do amargo que carrego na minha boca pelo simples fato de estar vivo e me fez provar de algo incrível. — Tristan beija o meu pescoço, onde todos os cabelos já estão arrepiados por tamanha carga emocional que ele me passa em suas palavras. Se você escutar desatento, vai pensar que é absolutamente nada e muito aleatório tudo que ele está falando,

mas eu não estou desatenta. — Eu nunca esqueceria esse dia, Pamella Cohen.

Engulo a seco, concordando com a minha cabeça de forma automática. Encontro-me pensando que também nunca esquecerei desse dia. Difícil de admitir, mas sinto como se fosse o dia em que a Terra voltou a girar.

Tento empurrar o meu rosto para frente, então eu beijaria o pescoço de Tristan também, mas ele solta o meu cabelo e segura os dois lados do meu rosto com suas mãos grandes. FRANZO o cenho para ele no instante em que nos encaramos.

Minha mente trabalha em cima das palavras de Tristan.

“Tirou um pouco do amargo que carrego na minha boca pelo simples fato de estar vivo e me fez provar de algo incrível.”

— Quem machucou você? — sussurro.

Ele respira pesadamente e as suas mãos começam a tremer de forma discreta. Vejo os seus olhos escuros endurecerem, assim como a sua postura, mas sinto que preciso arrancar isso dele, assim como ele arranca de pouquinho em pouquinho as peças mais valiosas que podem construir completamente o meu quebra-cabeça.

— Você não quer ouvir agora uma história de terror e eu não quero lhe contar nada sobre ela, Pamella Cohen — diz, saboreando meu nome entre os lábios como sempre faz.

Mas eu quero.

— Eu não gosto de histórias de terror, mas me sinto inclinada para saber tudo sobre você — confesso, tentando convencê-lo a me deixar ter um pouco mais do seu passado, ou ao menos alguma coisa, já que ele nunca fala disso comigo.

Eu tenho um sentimento ruim dentro de mim ao pensar sobre isso, mas não deixo que esse sentimento defina os meus propósitos.

Eu quero saber mais de Tristan.

Passo as minhas pernas de cada lado do corpo dele e sento-me em seu colo.

— Me diga algo sobre você, Tristan — peço.

Ele bufa, soltando o meu rosto e deixando os braços caírem ao seu lado. Levo as minhas mãos até a sua face, da mesma forma que ele faz comigo, mas Tristan segura os meus punhos.

— Não faça isso comigo — implora.

Eu posso sentir as ondas de desespero saindo do seu corpo. Meu indicador acaba esfregando-se sobre uma parte um pouco mais proeminente de sua

bochecha esquerda. Tristan empurra as minhas mãos para longe e me coloca de lado, levantando-se do sofá e caminhando de um lado para o outro.

Tristan está nervoso, talvez até mesmo desconfortável.

Aproximo-me dele com calma e seguro sua mão esquerda, puxando-o para mim e forçando-o a parar.

— Eu sinto muito — digo. — Não farei mais isso, Tristan. Eu não quero te machucar ou te causar dor. Você não precisa me repelir e se fechar dentro de si mesmo — continuo, atraindo o seu olhar par mim. — Eu tenho os meus próprios demônios, carrego as minhas próprias culpas e dores, então eu posso entender o que você está fazendo, pois era o mesmo que eu iria fazer na noite em que me fez a última pergunta no nosso primeiro jantar. Eu entendo você, não pense que não entendo, mas...

— Mas? — pergunta quando eu paro de falar.

— Mas você me deixa curiosa e às vezes eu não consigo controlar a minha curiosidade. Eu prometo que vou tentar me controlar ao seu redor e que vou reprimir minha curiosidade até sufocá-la.

Tristan balança a cabeça, como se estivesse insatisfeito pelo rumo que nossa conversa está tomando.

— Você não precisa se controlar ao meu redor. Se tiver uma pergunta, pode sempre fazê-la, só não prometo que terei capacidade de respondê-la. Alguns assuntos são delicados demais e algumas feridas são profundas demais. — Assinto. — Você não vai desejar entrar na minha mente e muito menos saber a minha essência. Ela é monstruosa e eu sou algo parecido com uma aberração...

Na ponta dos pés e puxando-o para baixo pelos ombros, selo os nossos lábios de forma que faça Tristan calar a boca. Eu não suporto ouvi-lo falar assim dele mesmo. Eu não suporto saber que, por algum motivo, Tristan acha que é uma aberração.

Ele parece surpreso com o meu movimento abrupto, mas não se afasta. Tristan abre os meus lábios com os seus, tornando juntamente de mim, esse um dos beijos mais significantes entre nós dois. Somos ambos suaves e sem pressa, diferente dos outros encontros que já tivemos desse mesmo tipo. Tento lhe dizer, sem mais palavras, que eu o entendo e que de alguma forma o aceito para me guiar por qual caminho ele esteja proposto a fazer. Eu não sei o que me faz pensar assim, mas eu apenas penso. Se é sem nexo ou sem sentido, eu não me importo.

Nosso beijo se torna mais intenso e profundo quando empurro Tristan de volta para o sofá e me sento em cima de suas pernas novamente. Ele explora

minha boca com sua língua e o meu corpo com suas mãos. Sinto o rubor subir por minhas bochechas, enquanto a minha pele esquenta a cada toque proposital que ele me oferece. Tristan tenta desamarrar o nó do meu sobretudo, mas se enrola e o torna mais difícil de sair.

Separo as nossas bocas, enquanto ele empurra a peça de seda sobre os meus ombros. Minha camisola branca fica exposta para Tristan. Não é nada que ele não tenha visto, afinal, semanas atrás ele me viu da mesma forma. Contudo, esse momento é diferente do que o que passou. Eu não sei dizer o que especificamente é diferente, apenas sei que é e me deixo ficar nervosa por causa disso.

— Você não é uma aberração, Tristan — digo, tentando certificá-lo da minha opinião.

Ele não responde, somente grunhe, parecendo entretido demais em fitar meu busto do que em me dar atenção.

— Como pode ser possível existir alguém como você? — resmunga, como se estivesse pensando alto demais.

Sorrio, colocando o meu rosto na frente do seu e puxando-o para outro beijo. Tristan continua empurrando o sobretudo por meu corpo até ele parar no meu quadril. Nosso beijo é tão profundo, penetrante e intenso que eu denominaria como “sexo com roupas”. Meus gemidos escapam quando Tristan pousa as mãos sobre os meus seios.

“Você não deveria se permitir, Pamella Cohen”, a parte ruim da minha cabeça tenta me fazer parar, mas eu não lhe dou ouvidos.

Seus dedos hábeis massageiam as pontas endurecidas por conta da excitação que nem senti se apoderar do meu corpo e eu mordo o seu lábio inferior, quebrando o nosso beijo mais uma vez.

— Você gosta disso? — ele pergunta, mas eu não sei como responder.

Eu vou engasgar de tanto tesão ou é impressão minha?

— Preciosa — grunhe em um chamado. Preciosa sou eu? Levanto o meu rosto e o encaro um pouco tonta. — O que eu vou fazer com você? — questiona uma última vez antes de eu pular para longe.

Motivo?

Barulho de Oliver e Fable do lado de fora do meu apartamento. Tento endireitar a minha roupa, em especial o meu sobretudo, mas Tristan ferrou o seu laço. Noto o volume em sua calça de moletom e jogo uma almofada em cima de suas pernas, embaraçada com tudo.



Merda, Oliver.

Por que logo agora?

Tristan parece frustrado e divertido, tudo ao mesmo tempo. Frustrado com a sua situação e divertido com a minha. Sento-me ao seu lado no instante em que Fable abre a porta rindo com Oliver, enquanto os dois carregam sacolas de papel do supermercado.

— Um péssimo momento para chegar — Tristan conclui baixo ao pé do meu ouvido. — Eu vou sonhar com você em minha cama durante a noite toda e posso te certificar que nem mesmo punheta vai aliviar o meu estado de tesão contínuo.

Abro a boca incrédula.

Encaro Tristan ainda da mesma forma, mas ele somente pisca um dos olhos para mim.

Não me sinto constrangida ou embaraçada. Sinto-me ainda mais excitada que antes, talvez imaginando Tristan em sua cama, pensando em mim e se tocando ao lembrar desse momento.

Eu estou em maus lençóis.

— Ei, cara — Oliver chama a atenção de Tristan depois de voltar da cozinha. — Eu e minha loira voltaremos para Seattle amanhã pela manhã, então essa vai ser a nossa última noite na cidade. Vamos fazer a nossa despedida em um clube, pois merecemos, e esperamos que você apareça por lá também.

É claro que Oliver faria isso.

— Me passe o endereço mais tarde e eu estarei lá — Tristan concorda.

E é mais do que claro que Tristan aceitaria o convite.

Pelo menos dessa vez ele não vai estar camuflado ou escondido.

Dos males, o menor.

— Talvez hoje o seu sonho seja boicotado. Você acaba de selar um compromisso com o meu irmão, Tristan — sussurro e ele me encara de volta.

— Talvez hoje o meu sonho se torne realidade.

Talvez, talvez, talvez...

Quem sabe o que acontecerá no futuro?



**D**esligo a chamada, jogando o celular em cima da minha cama e dando uma última checada em minha aparência. Eu estava falando com a minha irmã, que confirmou a presença dela e de Trent na despedida de Oliver e Fable. Ela disse que o meu cunhado resolveu deixar as crianças com o Paul, que se ofereceu, pois ficará cuidando do seu sobrinho de dois anos.

Diferente da última vez que saí com Oliver e Fable, agora usarei um vestido nada escuro. Vasculhei o meu velho guarda-roupas e achei um dos vestidos favoritos que ganhei da minha mãe: é um tomara-que-caia nude, colado à minha pele e curto o bastante para seguir apenas até metade das minhas coxas. Eu tinha esquecido que possuía metade das roupas que passei por cima até achar a peça nude, mas fico feliz de ter mexido nelas, pois eu vou tratar de doar ou ao menos usá-las com mais frequência.

Com muito cuidado para não me perder, fiz uma trança em meu cabelo, daquelas bem bonitas e que demoram longos minutos até ficarem prontas. A trança descansa na parte inferior das minhas costas e eu me sinto tão elegante quanto possível, afinal, apesar de tudo, eu estou indo para um clube, não para uma reunião de família.

Nos pés eu calço um salto preto, que é o complemento perfeito para tudo que estou vestindo. A minha maquiagem é escura, marcando e ressaltando os meus traços da maneira certa.

Jesus.

Eu sou maravilhosa.

Putá merda, Pamella Cohen.

Escuto batidas fracas na porta do meu quarto e Fable entra.

— Céus, Pamella — diz, ao me fitar de cima a baixo. Sorrio, girando sobre os olhos pés e colocando as mãos de cada lado da minha cintura. — Eu acho que hoje Tristan vai perder um pouco do autocontrole dele — provoca, aproximando-se de mim.

Não faço nada além de soltar uma risada.

— Ele é muito controlado, Fable, eu não diria isso — retruco.

— Então você deseja que o homem fique fodido da cabeça, não é mesmo?  
— continua. Oliver está fazendo de sua namorada uma grande discípula. —  
Gosto de ver que você está voltando a ser o que era antes.

— Isso é um grande exagero e digo isso para as duas sentenças. — Reviro  
os meus olhos, balançando a cabeça negativamente.

— Brincadeiras à parte, você está muito bonita. — Fable ri, aproximando-  
se de mim e me abraçando.

— Você também está, como sempre. A beleza mais natural e bonita da  
Califórnia que eu já vi. — Dou um beijo estalado em sua bochecha, observando-  
a corar levemente.

Fable sendo Fable, sempre envergonhada quando recebe muitos elogios.

— Oliver já está na sala nos esperando e Tristan também está lá...

Estreito o meu olhar para a loira.

— Isso é sério? — indago.

— Sim — afirma. — Por isso vim te chamar. Oliver pediu que eu o fizesse,  
assim poderia “trocar uma ideia” com o seu novo amigo. — Sorri em meio uma  
careta, parecendo tão confusa quanto eu.

— Será que eu devo usar um casaco? — pergunto, de repente insegura com  
o que eu estou vestindo.

Eu odeio essa mudança repentina de humor que está acontecendo dentro de  
mim de uns tempos para cá.

— Se fizer isso, estragará o trabalho todo que teve. Você está incrível e  
todos vão concordar comigo — Fable nega e me incentiva a continuar da mesma  
forma que estou. — Não coloque um casaco — completa.

Tudo bem, tudo bem.

Viro-me para o espelho outra vez e respiro fundo.

Eu estou muito bonita, ponto final.

Deixo todas as minhas coisas para trás e saio do quarto de braços dados  
com Fable. Nós nos dirigimos até a sala de estar e ao chegarmos lá, encontramos  
Oliver e Tristan conversando em tom baixo. Meu irmão é o primeiro a nos notar,  
pigarreando e abrindo um sorriso largo na minha direção.

— Diabos, Pamella. Você está mais quente do que Seattle no verão.

Fable se solta de mim, enquanto nós duas rimos do que Oliver diz. Ela se  
aproxima do meu irmão e segura a sua mão.

— Eu diria que ela está mais quente do que o verão na Califórnia, amor, ou  
até mesmo o verão aqui em New York. Seattle quase nunca ultrapassa dos vinte

e cinco graus, você está reclamando de barriga cheia.

— Não estraga a minha piada de última hora, Fable — Oliver geme, fingindo irritação.

Deslizo o meu olhar para Tristan, que me encara atentamente. Seus braços estão cruzados em frente ao seu corpo e uma mecha do seu cabelo loiro cai em cima de seus olhos escuros. Controlo todas as minhas emoções e reações ao vê-lo. Se ninguém estivesse tão perto, inclusive o próprio Tristan, eu estaria suspirando compulsivamente como uma garotinha de doze anos ao ver o seu ídolo intocável pela televisão.

O lutador está vestindo uma camisa preta simples, mas que abraça a sua estrutura corporal grande de forma que acaba tornando-a incrível. Como ele pode fazer coisas tão normais como uma camisa preta de algodão se tornar algo praticamente fora do comum? Continuo o analisando brevemente, observando também como o seu jeans escuro é perfeito e sua bota preta, parecida com as de caçadores, completa o seu estilo meio sombrio de forma espetacular.

Sabe o filme “Vestida para matar” de 1980? Se ele tivesse uma versão masculina, provavelmente se chamaria “Vestido para foder” e seria inspirado em Tristan Rivera.

Não sei quem assistiria a esse filme, mas eu com certeza o faria escondida de todo mundo.

— Será que nós podemos ir? — pergunto, pigarreando e me mexendo desconfortável, como se os três tivessem lido os meus pensamentos.

Ultimamente eu tenho pensado muita besteira.

— Claro, eu estava apenas esperando vocês terminarem com o climão — Oliver retruca e sai puxando Fable até a porta, que gargalha junto dele.

Reviro os meus olhos, sentindo as minhas bochechas corarem debaixo da camada de maquiagem aplicada em meu rosto. Ao menos o meu embaraço está escondido e a minha dignidade intacta.

Passo por Tristan e o sinto vir logo atrás de mim sem dizer uma só palavra. Nós saímos do apartamento e vamos direto para o elevador, enquanto Oliver tranca a porta com a sua chave e ainda ri com Fable.

— Eles definitivamente se merecem... — resmungo.

— Eu concordo — Tristan retruca, apertando o botão do elevador. Viro-me para encará-lo um pouco incerta. — Você está incrível — finaliza.

— Obrigada — agradeço-lhe.

Ficamos em silêncio outra vez, enquanto meu irmão e Fable demoram

propositadamente na porta do meu apartamento.

— Você quer vir comigo? — Tristan pergunta.

— Como assim? — Franzo o cenho.

— Para o clube, Pamella. Estou perguntando se você quer vir comigo, se você quer que eu te leve... O que me diz?

Oliver provavelmente não se importará.

Aliás, não duvido nada que os dois estivessem falando sobre isso quando eu apareci na sala de estar com Fable.

— Tudo bem — concordo. — Eu quero.

Tristan acena com a cabeça e esboça um sorriso torto, parecendo satisfeito com a minha resposta. Oliver e Fable finalmente vêm ao nosso encontro e nós todos entramos no elevador.

Essa noite parece estar longe de começar e eu tenho um bom pressentimento sobre isso.



Encosto-me no balcão e levanto a minha mão para o barman. Ele não vem de imediato, o que dá tempo de Tristan se aproximar por trás de mim, colocando as mãos no balcão e me prendendo entre os seus braços.

Eu já tomei duas doses de tequila, estou prestes a tomar a terceira, e logo agora que Tristan quer aparecer?

Depois que saímos do nosso prédio, Oliver seguiu com Fable e eu com Tristan. O nosso caminho foi calmo e sem muita conversa, mas eu me senti confortável com o silêncio, pois foi como se nós dois estivéssemos nos comunicando através dele.

Quando chegamos ao clube, o pessoal já estava lá dentro e nós dois inevitavelmente tivemos que nos separar para não causarmos nenhuma cena ou questionamentos. Os caras fizeram piadas e jogaram muitas cantadas para mim, causando um olhar estranho de Tristan para cima deles. Amenizei a situação ao cortá-los e mostrar ao lutador que eu e eles somos amigos e nada nunca vai passar disso.

Comecei a me divertir com Fable e Parisa, mas nenhuma das duas me acompanharam nas bebidas. Depois segui para dançar com Oliver e esse sim bebeu comigo e me incentivou a me soltar mais como ele sempre faz.

— Você vai ficar com ressaca... de novo — diz Tristan, aproximando o seu rosto para a lateral do meu e me puxando dos meus pensamentos.

— Provavelmente... — retruco.

— Não beba muito — pede.

Viro-me para encará-lo com dificuldade e, quando estamos face a face, Tristan pressiona seu corpo junto ao meu.

— Eu quero te levar para um lugar assim que sairmos daqui — explica e eu franzo o cenho. — Se quiser, posso comprar uma garrafa dessas para você beber quando estiver lá, mas preciso que esteja sóbria até chegar em nosso destino.

Como?

— Você está me chamando para sair de madrugada? — pergunto, tentando saber se é isso mesmo ou eu enlouqueci.

— Você não vai se arrepender — garante.

— Tem certeza?

Tristan assente, olhando para um ponto atrás de mim.

— Nós vamos querer duas Coca-Cola — diz ao barman e volta a atenção para mim. — Você vai sair comigo? — questiona.

Curiosidade ainda vai me levar à ruína.

— Sim — afirmo. — Mas o Circuito não vai começar depois de amanhã?

— Nada vai me fazer sair dos trilhos até lá, Pamella. Está tudo sob controle — replica, confuso com a minha colocação. — Tudo bem?

Assinto, olhando para os lados e percebendo que Parisa e Trent nos encaram. Nenhum deles desviam o olhar ao serem flagrados por mim, muito pelo contrário. Minha irmã sorri abertamente e faz um sinal de “ok” com a mão, provocando o meu cunhado, que segura a sua mão em seguida.

Seguro o riso, quase esquecendo de que Tristan ainda está me colocando contra o balcão.

— Ela sabe alguma coisa sobre nós? — Tristan pergunta.

Eu o fito, percebendo que ele está olhando para a minha irmã e Trent.

— Sobre nós? — Sorrio, divertida com a sua escolha de palavras.

— É... — Ele volta a me encarar. — Temos uma coisa, apesar de tudo. Pelo menos eu considero que sim, você não considera? — Arqueia a sobrancelha

esquerda e eu dou de ombros.

— Isso é difícil para mim — sussurro.

Tristan bufa e se afasta de mim, colocando-se ao meu lado.

— Também é difícil para mim, mas pelo menos eu admito as coisas que necessitam ser admitidas entre nós. Ninguém mais está te ouvindo, Pamella. Apenas eu e você. — Tristan cerra os punhos, mostrando que ele está se controlando mais do que eu imaginava.

— Nós temos uma coisa — digo.

Tristan me fita sob um olhar duvidoso e eu me aproximo, entrelaçando o meu braço esquerdo com o seu direito e sorrindo para ele.

— Eu não sei o que é, mas definitivamente tem algo acontecendo entre nós dois — continuo, esfregando a minha mão em seu antebraço tatuado. — O que é isso? — pergunto.

— Eu também não sei — confessa. — Mas eu gosto e não quero perder a chance de continuar tendo isso diariamente em minha vida. Você arranca de mim um lado que eu não fazia ideia de que era possível existir por debaixo dessa casca podre e fodida.

Eu sinto uma vontade insana de beijar Tristan, mas reprimo e sufoco com tudo de mim. Não quero as pessoas nos olhando surpresas ou achando que tem algo de oficial ocorrendo entre nós, eu prefiro quando as coisas acontecem nos bastidores. Aliás, não temos nada perto de ser firmado. Isso é algo além das nossas capacidades.

O barman se aproxima com as nossas bebidas e eu deixo que o antigo assunto se perca. Nós conversamos sobre os meus amigos, que dançam loucamente na pista, e principalmente Oliver e Fable, que se exibem como somente um casal perfeito faria.

O resto da noite se passa como um grande borrão, enquanto tudo que eu penso e espero é para que a madrugada chegue logo e Tristan nos leve para o nosso “destino”.



Tento proteger o meu corpo do vento forte dessa madrugada fria em New York. Estamos todos na calçada do clube, despedindo-nos e rindo das coisas que aconteceram lá dentro. Assim como Tristan me pediu, não tive mais doses de tequila, apenas refrigerante que o mesmo pagou. Ele não me prometeu, apenas sugeriu, porém, cumpriu o que disse e comprou uma garrafa de vodca para levarmos conosco. A cada minuto que passa, fico mais ansiosa e desejo ter o controle remoto da vida para adiantar o tempo e nos levar direto para o lugar na mente do lutador.

Passa das duas da manhã e os meus pés estão me matando. Sempre fui acostumada com salto alto, mas a falta de uso constante acabou me deixando dessa forma: reclamona.

Mike e Lucas partem juntos cantando pneu na rua.

Nós rimos, pois não seriam eles se fosse diferente disso.

Minha irmã e Trent saem abraçados em direção ao carro deles. Nenhum dos dois bebeu, apenas se divertiram com as situações passadas lá dentro.

Por fim, Oliver, Fable, Tristan e eu sobramos na calçada.

— Vamos, irmãzinha? — Oliver pergunta, alterado por conta da bebida.

Felizmente Fable não bebeu essa noite.

— Na verdade, eu e Tristan temos que passar em um lugar antes de ir para casa — digo.

Oliver faz uma cara de surpreso, tirando uma risada minha e de Fable.

— Esse é o meu garoto! — ele exclama, praticamente pulando em cima de Tristan. Reviro os meus olhos, divertida e envergonhada, tudo ao mesmo tempo. — Trate a minha irmãzinha com respeito, Tristan.

O lutador ri, mas assente.

— Eu vou respeitá-la — concorda.

— Vejo vocês pela manhã — Oliver se despede e acena, sendo puxado até o carro por Fable.

— Não vamos transar! — grito de volta, mas é em vão.

Oliver realmente acha que nós estamos indo transar, eu não tenho dúvidas disso.

Abraço o meu corpo e giro sobre os meus pés até ficar de frente para Tristan. Ele pigarreia e empurra para o lado uma mecha loira de cabelo que caiu em frente aos seus olhos. Eu amo quando isso acontece com seu cabelo e amo mais ainda como ele o tira dali.

— Podemos ir? — indaga e eu assinto imediatamente.



— Eu estou morrendo de frio e curiosidade — retruco.

Um brilho sinistramente quente toma conta dos olhos escuros de Tristan, enquanto ele pousa uma das mãos no meu cóccix, guiando-me dessa forma até o seu carro.

Outra vez, nós não falamos muito durante o caminho.

Tristan me dá a sua jaqueta de couro, que estava no banco de trás, ajudando-me a ficar aquecida e segue para o nosso destino desconhecido por mim. Vez ou outra eu me peguei o encarando, o que o fez direcionar sua atenção para mim por breves segundos.

Ele se manteve focado na estrada e nos levou para um lugar que eu nunca pensei ser possível de existir nessa cidade.

É incrível.

# CAPÍTULO 12

## O LAGO

PAMELLA COHEN

*Eu vou cuidar do seu corpo, serei gentil, não grite. Está ficando mais quente, torne mais suave, sinta seu peito em cima de mim. (...) O sol está chegando, você está do meu lado. Eu esfrego sua coxa, você olha nos meus olhos e eu só vejo o céu. Estou tão alto, mas ainda não estou fumado, apenas estou descendo disso.*

— SOMO, "RIDE"

Seguro nas mãos de Tristan, que dessa vez insistiu em abrir a porta para mim e me ajudar a sair do carro. De uma forma ou de outra, agradeço-lhe mentalmente por isso, caso contrário eu cairia no chão por conta da poça de lama em que pisamos. Meu salto afunda e Tristan bate a porta do veículo, passando o seu braço por minha cintura e me levantando do chão com facilidade e rapidez. Ele se afasta do carro e me coloca de volta no chão, agora em cima da grama verde e

folhas secas do vasto campo.

Como eu disse, é incrível.

Eu não fazia ideia de que lugares como esse existiam na movimentada e tecnológica New York. O que não me surpreende é que ninguém anda por essa área. Talvez por ser madrugada, mas acredito que isso perdure até mesmo pela manhã e tarde, uma vez que o caminho para esse lugar foi difícil e ele de fato é extremamente afastado do resto do “mundo”.

Seguro a mão de Tristan mais uma vez de forma inconsciente, puxando-o pelo caminho enquanto eu tomo um olhar geral de tudo isso. Tem um lago muito bonito à frente e um galpão afastado que eu posso avistar de longe à nossa direita. Neblina cobre o lago e vem se aproximando de nós dois. O frio deveria apagar a minha animação, mas ele acaba deixando-me ainda mais ansiosa para explorar esse espaço lindo e único.

— Isso aqui é incrível! Eu estou sem palavras... — sussurro, soltando a mão de Tristan e parando em sua frente.

— Eu sei — retruca. — Ninguém vem aqui além de mim, quero dizer, ao menos eu nunca vi ninguém por essa área. É um lugar muito calmo e especial. Pela manhã é tudo ainda mais bonito e o lago é muito bom para nadar. Você iria gostar disso — explica.

— E à noite? — Sorrio um tanto travessa.

A verdade é que eu estou muito tentada em sair correndo e me jogar na água. Não acho que devo denominar o meu pensamento como uma travessura.

Voltar a viver é o nome disso.

— À noite? — pergunta, divertido e surpreso.

— É, Tristan. Você já nadou à noite?

Ele pondera a sua resposta, parecendo estar tentando perceber em mim se eu estou falando sério ou não.

— Sim, eu já nadei à noite nesse lago e a água não é muito *generosa*.

Mordo o meu lábio inferior para conter meu sorriso e Tristan segue esse movimento. Eu esperava que ele o fizesse de qualquer forma. Abro a jaqueta de couro que o lutador me deu para vestir e começo a tirá-la do meu corpo lentamente. Tristan continua seguindo os meus movimentos com os olhos escuros, mas não mexe um só músculo. Ele me analisa, estuda, como se estive gravando tudo isso em sua mente. Eu não me sinto envergonhada por começar a me despir em sua frente e, na verdade, bloqueio todos os pensamentos ruins e me deixo focar apenas no que está acontecendo aqui e agora.

Eu, Tristan e esse lugar.

Deixo a jaqueta ir de encontro à grama e começo a empurrar o meu vestido para baixo. Estou usando um sutiã preto tomara-que-caia e uma calcinha de renda da mesma cor. É só colocar na minha cabeça que eu estou usando um biquíni neste exato momento que as coisas não ficam tão estranhas quanto devem parecer. O meu vestido toma o mesmo caminho que a jaqueta e eu saio do salto, empurrando tudo para o lado.

De fato, está frio, mas eu não vou recuar.

Levanto a cabeça e fito Tristan, achando-o com a expressão mais séria que já vi em seu rosto. Aproximo-me dele com um sorriso no rosto e pouso as minhas mãos no cós de sua calça.

— Você vai nadar comigo? — pergunto, puxando o único botão de seu jeans sem nem mesmo esperar por sua resposta.

Tristan segura as minhas mãos gentilmente e coloca em seu peitoral musculoso, que só então eu percebo que sobe e desce com rapidez.

Ele está se controlando e eu estou o empurrando pela borda.

— Você estava pegando em uma área muito perigosa — murmura em explicação, sua voz soando dois tons mais baixos do que o normal e rouca como nunca escutei antes.

— Eu sinto muito, Tristan. — Mordo o meu lábio outra vez, fazendo-o grunhir acima da minha cabeça. — Mas você vai?

— Alguém precisa esquentar você, Pamella Cohen — enuncia de forma hipnotizante.

Eu gosto de como Tristan fala o meu nome e sobrenome.

Eu me afasto dele apenas um passo, deixando-o que tire a sua roupa e fique apenas com uma boxer preta.

O lutador é incrivelmente bonito.

O seu tronco todo pintado de tinta colorida, os braços fortes e os ombros largos, as pernas musculosas e torneadas e seu bronzeado sempre no ponto, porém o bronzeado quase passa despercebido por conta de tanta tinta em sua pele. Tristan é um homem de beleza assustadoramente violenta. Ele não é do tipo que você olha e se delicia em sua aparência. Tristan é do tipo que você olha e se assusta, perguntando-se como alguém de casca tão dura pode ser tão bonito e cheio de traços singulares por todas as partes. Foi por isso que quando o conheci o denominei como “fora do meu tipo” ou algo assim. Tristan é diferente de todos os homens que eu já tive um relacionamento. Nenhum deles me passou tamanha

densidade com apenas um simples olhar, nem mesmo Max. E, ainda sobre Max, ele me pediu para viver e é isso que eu estou fazendo, mesmo com o meu coração latejando e a minha mente mais confusa do que nunca. Querendo ou não, eu estou criando uma ligação com Tristan, um laço que passa por todo o meu corpo e me deixa de mãos atadas. Eu não posso fazer absolutamente nada se é ele quem está fazendo o meu coração voltar a bater tão forte quanto antes.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — indaga uma última vez, muito provavelmente tentando se certificar da minha proposta.

— Por favor? — peço.

Tristan acena positivamente e segura a minha mão direita, guiando-nos pelo caminho até o lago. Encolho-me para perto dele, sentindo a sua pele emanar um calor aconchegante e refrescante nesse frio de castigar.

Alguns segundos mais tarde nós paramos de andar à beira do lago. Eu vou acabar ficando doente por fazer isso, mas nós vivemos apenas uma vez, certo? Certíssimo. Puxo Tristan comigo, já que percebo que ele estava esperando eu me sentir preparada para entrar na água e o líquido começa a subir e cobrir os nossos corpos, sendo mais rápido comigo por eu ser muitos centímetros mais baixa do que o homem ao meu lado.

É como se fosse congelar.

— Você está bem? — questiona com preocupação.

A água chega na minha cintura e eu solto a sua mão, mergulhando e nadando para o lado mais fundo. Sinto Tristan vir atrás de mim e quando subo de volta para tomar ar, a água já está na altura dos meus seios. O lutador aparece segundos depois e balança o seu cabelo molhado, correndo os dedos e colocando-os para trás.

Putá merda, homem!

Se Tristan usasse o cabelo assim e vestisse-se um terno, ele seria o sonho sujo de muitas mulheres, inclusive eu. Contudo, tenho quase certeza de que ele já é o sonho sujo de todas as solteiras que cruzam o seu caminho sendo exatamente como ele é.

Tristan vem para perto de mim e eu passo os meus braços ao redor de seu pescoço, sentindo-me bem mais confortável com ele assim, colado em mim. Levo uma das minhas mãos até o meu rosto, empurrando os fios de cabelo para longe e agradecendo por minha maquiagem ser à prova d'água.

— Será que o seu desejo foi saciado?

Sorrio com a pergunta de Tristan, enquanto ele coloca as mãos em minhas pernas e me faz laçar o seu quadril estreito.

— Sim — afirmo e os meus dentes começam a bater, denunciando frio que estou sentindo.

— Isso vai te fazer adoecer — enuncia, parecendo contrariado por ter seguido o meu plano.

— Não se você continuar tão perto quanto está — sussurro, encarando os lábios de Tristan e subindo o olhar para dentro do seu. — Você é quente e me esquento. Eu gosto muito do seu calor, continue por perto e certifique-se de que eu não vou adoecer por causa do lago.

Ele estreita os olhos em minha direção, deslizando as mãos por minhas coxas e deixando-as pararem exatamente em minhas nádegas. Tristan aproxima o rosto do meu e eu faço o mesmo, encontrando-o no meio do caminho e selando os nossos lábios ao apertar os braços ao redor de seu pescoço. Eu não tenho nenhuma força para evitar a entrega a esse homem e mesmo que eu estivesse procurando por força, não acharia.

Sua língua empurra entre os meus lábios e eu lhe dou livre passagem, pronta para ser embalada e dançar mais essa dança com Tristan. Estamos dividindo outro momento completamente impudico, que só nos faz afundar mais ainda em tudo que estamos vivendo ao nos conhecer de forma tão profunda. O beijo de Tristan faz com que todas as minhas terminações nervosas entrem em colapso. Ele me deixa fora de mim. É muito acontecendo em minha mente, é muito acontecendo em meu corpo.

Tristan suga o meu lábio inferior, soltando um grunhido enquanto um gemido escapa da minha boca juntamente com um suspiro. Ele faz luxúria e desejo se espalharem por minhas veias, o que me leva a fincar minhas unhas em sua pele de forma nada piedosa. O loiro afunda os dedos em minha nádega, empurrando sua ereção em minha intimidade.

Eu não faço ideia de quem está mais molhada, eu ou a água?

Com meu lábio entre os dentes, Tristan morde e suga mais uma vez, descendo os seus beijos por meu queixo e atacando o meu pescoço sem aviso prévio. Espremo os meus olhos com força, tentando não parecer tão necessitada por ele quanto eu realmente estou. Tristan beija, morde, lambe e suga a minha pele, e então os toques de suas mãos se tornam mais duros e precisos, exatamente como imaginei que ele agiria.

É incrível como ele faz coisas simples parecerem extraordinárias.

— Você está me fazendo perder o controle, Pamella Cohen, e eu não gosto de perder o controle — diz ao pé do meu ouvido e aproveita para tomar o lóbulo da minha orelha entre os seus lábios.

Eu suspiro, porque não sei como falar nesse momento.

— Tristan...

Eu também estou tão sem controle quanto um carro em alta velocidade em uma pista tomada por neve.

Ele solta um gemido gutural em resposta e afasta o rosto e a boca de mim. Abro os meus olhos com dificuldade, sentindo-me entorpecida com esse momento entre nós dois. Eu não sei o que está acontecendo, mas está acontecendo e eu não vou me atrever a parar quando o meu corpo implora pelo toque de Tristan e toda a sua atenção.

Há tensão entre nós dois, principalmente a sexual.

O frio que antes eu sentia, já passou desde o instante em que nos beijamos, dando largada para uma sessão de carícias e toques que são novidade entre nós dois. Tristan nunca me tocou de forma íntima além do momento que passamos juntos essa manhã. Essa é a segunda vez e está se tornando a minha favorita, pois não temos ninguém para nos atrapalhar. Não há Oliver, não há Fable, não há pensamentos ruins ou eventos externos para nos fazer parar.

Somos apenas nós dois e as estrelas acima de nós.

— Vamos sair da água — peço e ele acena positivamente.

Tristan me carrega e nos leva para longe do lago.

Seu andar é tão seguro que ele praticamente não me balança em seus braços. Levo os meus lábios até o seu pescoço e beijo por todo lado livre de barba, ganhando um grunhido como resposta e não sendo parada dessa vez.

As minhas costas vão de encontro com a lataria do carro de Tristan e eu então percebo que estou sendo empurrada contra o capô congelante. Eu não consigo controlar o gemido alto que sobe por minha garganta e estoura em minha boca. Tristan me faz soltá-lo completamente e deitar sobre o veículo, enquanto espalha beijos por meu corpo e passeia com as mãos por minha pele arrepiada.

Arqueio as costas e solto o meu sutiã com dificuldade, arremessando-o para o lado sem preocupação. Tristan beija o meu ventre, esbarrando sua boca na borda da minha pequena calcinha.

— Pamella — ele me chama.

Levanto a cabeça, enquanto o loiro se divide entre olhar para os meus olhos e olhar para os meus seios.

— O quê? — pergunto.

A. Minha. Voz. Nunca. Soou. Tão. Fraca.

— Eu não sei se vou conseguir aguentar tudo isso — diz entre dentes.

Sento-me no carro, sendo puxada por minhas pernas até a beirada do mesmo e observando Tristan ficar de cara com os meus seios. Dessa vez ele nem mesmo tenta dar atenção para algo além deles. Meus seios sempre foram de tamanho satisfatoriamente grande. Nada bizarro estilo atriz pornô, eu pontuaria, mas eles conseguem muito bem encher a mão de um homem como o lutador à minha frente.

Quando eu era mais nova e estava passando pela fase da puberdade, odiava ter seios grandes por eles chamarem atenção desnecessária de garotos da minha idade e até mesmo de homens mais velhos. Dizer que eu já fui assediada verbalmente por eles é até apelido. Cheguei a cogitar a ideia de fazer uma cirurgia para diminuir o seu tamanho, mas com o tempo eu fui me acostumando com o meu corpo e passei a amá-lo da forma que ele é. Isso foi um grande passo para a minha confiança se fortificar e desde então me sinto segura e feliz em minha própria pele.

Volto a fechar os olhos quando Tristan segura os meus seios em suas mãos ásperas, apertando as pontas tesas entre os seus dedos calejados e frios. Eu não tenho tempo de sentir apenas isso, pois ele logo leva os lábios até as pequenas extremidades e lambe de forma tão demorada que me deixa angustiada com tanta ânsia por mais.

Sua boca é quente, convidativa e mais maravilhosa do que eu sempre senti colada à minha. A boca de Tristan em meus seios é coisa de outro mundo e a minha respiração fica rasa e inconstante a partir dessa novidade.

Levo as mãos para o corpo de Tristan, deslizando por todo lado que consigo alcançar em meio esse momento de completa perdição — em todos os sentidos. Sinto por quase todo caminho cicatrizes, algumas grandes demais e outras pequenas, algo que eu nunca havia percebido por conta de suas tatuagens. A cada cicatriz que eu toco, o lutador rosna, fazendo as ondas de seus rosnados passarem para a minha pele e me deixarem ainda mais sensível do que antes. Se fosse em outra ocasião eu com certeza pararia tudo e perguntaria como ele conseguiu tantas cicatrizes em seu corpo, mas eu não tenho coragem de interrompê-lo por dois motivos:

- 1- Não tenho capacidade;
- 2- Tristan provavelmente não me daria uma resposta e ficaria irritado comigo.

Continuo correndo as mãos por ele, enquanto Tristan abocanha e suga o meu seio, brincando com a sua língua e arranhando os seus dentes de forma



provocadora no ponto certo, nunca me machucando. Escorrego os dedos por seu cabelo, enrolando e amassando as mechas mais longas. Sua barba me arranha superficialmente logo abaixo de onde ele está explorando, lançando uma onda de arrepios forte da cabeça aos pés.

Tenho que interromper Tristan.

— Por favor, acabe logo com isso — peço em meio a um sussurro.

O lutador sobe o olhar para o meu, nunca tirando sua boca da minha pele, e sorri. Simplesmente sorri, como se eu não estivesse me contorcendo debaixo de seu domínio.

— Não vamos “acabar com isso” tão rápido assim — murmura de volta.

— *Por favor* — imploro.

— Não. — Tristan afasta a boca dos meus seios e desliza as mãos por todo o meu corpo, como se quisesse se familiarizar comigo. — Você quer isso e eu vou fazer da forma certa, da forma que eu venho sonhando em fazer há semanas, Pamella Cohen, e vai ser desse jeito que as coisas vão funcionar entre nós dois. Não quero parecer um louco por controle, mas eu *preciso* disso para o meu próprio bem.

Assinto imediatamente.

Eu nunca gostei de estar no controle, então isso não é um problema para mim. Sinto realmente a necessidade de Tristan em fazer as coisas do jeito dele, então eu prefiro me deixar ser levada como sempre.

Ele precisa disso e eu estou disposta a lhe agradar.

Tristan coloca as mãos em cima das minhas coxas, afastando-as vagarosamente. Eu não sei como ainda consigo respirar. Ele faz coisas pequenas se tornarem grandes e sentimentos e sensações brandas tomarem a mesma proporção de uma bola de neve que sai rolando do topo de uma montanha, crescendo e crescendo a cada centímetro.

Deixo-me deitar outra vez em cima do capô quando sinto os beijos de Tristan na parte de dentro da minha coxa. Ele não tem pressa, assim como me disse anteriormente e controla a situação na palma de sua mão, ou melhor dizendo, na ponta dos seus lábios.

A barba do lutador roça copiosamente por todo percurso que ele toma, o que faz o meu estômago afundar em pura antecipação. Eu estou nervosa, ansiosa e, acima de tudo, carecida de tudo que ele está se propondo a me oferecer. Quando Tristan finalmente chega a seu destino, eu suspiro. Da mesma forma que ele me beija na boca, ele me beija lá. Fico embaraçada, enrubescida, mas isso não tem o poder de fazer com que eu recue ou desista. Nada e nem ninguém fez

eu sentir tanto prazer quanto Tristan está fazendo, e no final de tudo eu até deva agradecê-lo por ser bom para mim.

— Merda... — cuspo, minhas costas arquejando, enquanto ele circula a língua no meu clitóris inchado.

O lutador lambe toda a extensão com desejo, fazendo-me arfar pesadamente.

Eu não sou Pamella Elizabeth Cohen, eu sou puramente dissoluta.

Minha cabeça gira, enquanto levo a mão até os cabelos de Tristan, tentando puxá-lo de volta para mim e ao mesmo tempo não querendo que ele saia de onde está. Sinto-me confusamente carnal. Ele continua me beijando, empurrando a sua língua quente entre as minhas dobras e dissolvendo a minha umidade em sua boca.

— Se eu soubesse que você era tão boa, eu teria sido menos idiota o quanto antes — diz, enrolando a língua no meu ponto de prazer e me fazendo prender a respiração. — Está me ouvindo, Pamella Cohen?

Solto o ar juntamente com uma risada nervosa, arrependendo-me em seguida, pois Tristan não está sendo piedoso comigo. Ele desliza dois dedos para dentro de mim, bombeando com calma e paciência.

— S-Sim... — gaguejo.

— Isso é bom. — Tristan sopra sobre a minha pele molhada e eu tento fechar as minhas pernas, tento me proteger e quase consigo. Aperto a sua mão com força, provocando sua risada cheia de graça. Encaro o lutador com dificuldade, enquanto ele beija os meus joelhos superficialmente. Os olhos dele são uma coisa incrível. Tudo sobre essa noite é incrível. — Abra as pernas, Pamella — comanda.

Eu faço o que ele manda, mesmo debaixo de uma tremedeira intensa.

Meu ápice se aproxima.

Tristan leva a outra mão até o meu clitóris e o estimula no mesmo ritmo que seus dedos bombeiam dentro de mim. Ele não tira os olhos de mim e eu não tiro os olhos dele. Empurro meu quadril em busca de mais fricção, mas o lutador não me deixa continuar, uma vez que ele tira as mãos de mim e se afasta um passo.

Estou deploravelmente fodida em cima do capô do carro de um dos homens mais intensos que já conheci.

Como eu devo lidar com isso?

Não tenho muito tempo para pensar, pois Tristan me puxa pelas pernas e me faz sentar novamente. Ele aproxima o rosto do meu e beija meu queixo, subindo

pela lateral da minha face e salpicando beijos por todo lado, exatamente como ele faz desde o nosso primeiro beijo. Quando ele paira com a boca sobre a minha, ao invés de me dar os seus lábios, ele me dá os seus dedos. Solto um gemido ao aceitá-lo sem recuar, observando como o seu rosto muda completamente debaixo do meu olhar sincero.

Sim, lutador, você está fodido e é por mim.

Eu tenho quase certeza que ele esperava que eu recuasse, mas eu não o fiz. Eu deixei e vou deixar acontecer tudo que consigo sexualmente admitir até alcançar as barreiras do meu próprio limite pessoal.

— Está sentindo isso? — pergunta, enquanto enrolo minha língua em seus dedos. — Esse é o seu sabor, o mesmo que está em minha boca e agora está na sua. Entende por que eu gosto tanto de você?

Tristan retira os dedos da minha boca e eu nego com a cabeça, sendo totalmente sincera.

— Eu acho que você gosta mais de mim mesma do que eu — sussurro, sentindo as minhas bochechas esquentarem violentamente e fazendo Tristan sorrir, selando os nossos lábios.

— Não tem problema, quem vai ter você sou eu, babe — retruca, puxando meu lábio inferior entre os dentes e se afastando outra vez.

Passo a minha língua sobre os meus lábios um pouco ressecados, sentindo o meu próprio gosto em minha boca. Se fosse em outra ocasião eu provavelmente acharia um pouco desagradável, mas eu não consigo me sentir assim com Tristan ao meu redor.

Ele se abaixa, pegando sua calça jeans e tirando a carteira do bolso traseiro. O lutador tira uma camisinha de dentro do objeto de couro e joga o mesmo para o lado, abrindo a embalagem pequena e brilhante com rapidez e habilidade. Fito Tristan de cima a baixo, notando o volume em sua boxer maior do que quando ele se despiu para irmos nadar.

Pensei que água gelada não fizesse bem para o “amigão” dele...

Pensei errado no caso do homem à minha frente.

Tristan abaixa a sua boxer molhada e eu remexo em meu lugar. Mesmo que eu tente não lembrar, não consigo deixar de pontuar que nunca fiz sexo com alguém do tamanho de Tristan e com tamanho eu quero dizer em todos os sentidos e áreas. Agora eu especialmente não me sinto nervosa, apenas anseio que esse “encontro” venha logo entre nós dois, enquanto me contorço discretamente.

O lutador me oferece a sua mão e me coloca no chão rapidamente, virando-

me de costas para ele. Fito Tristan sobre o meu ombro, mordendo o meu lábio enquanto ele se prepara para o que vem pela frente. Uma mecha do seu cabelo loiro cai em frente aos seus olhos e meu estômago revira, lembrando-me silenciosamente o quanto esse homem me afeta.

Tristan é todo grande e forte, nada com que eu esteja acostumada, mas é exatamente isso que eu não quero: algo igual e do meu costume. Eu finalmente gosto de sua forma diferente, pois isso o torna único.

— Tristan... — chamo sua atenção e ele levanta o rosto para me fitar.

— Sim? — Arqueia a sobrancelha, pousando a mão direita em meu quadril.

— Você vai me mostrar quem realmente é?

— O que você quer dizer com isso? — retruca.

— Eu quero que você seja *você*.

Tristan me puxa bruscamente pela cintura, fazendo-me segurar no capô do carro superficialmente. Ele segura a minha trança e puxa-me por ela de forma firme, levando a sua boca até o meu pescoço e seguindo até minha orelha. O lutador deixa uma trilha de beijos e mordidas pelo caminho, enquanto eu me encontro incapaz de me controlar.

— Você tem certeza do que está me pedindo? — pergunta e eu assinto com dificuldade. — Tem alguma noção do que isso implica?

— Você vai me fazer esquecer tudo? — sussurro de volta. — Se implicar nisso, por favor, Tristan, seja como nenhum outro. Seja você.

Ele grunhe como um animal selvagem e isso desperta os sentimentos mais novos e estranhos dentro de mim. Com a sua ereção deslizando por minha intimidade, empurro o meu quadril para trás cheia de necessidade e Tristan me penetra de uma só vez. Solto um gemido alto, desejando estar cara a cara com o homem que não tem saído da minha cabeça nos últimos dias, mas como isso é impossível nesse momento, seguro firme outra vez no capô do carro e respiro profundamente, acostumando-me com a sensação de tê-lo tão junto de mim.

Tristan volta a puxar meu cabelo pela trança que começa a se desfazer e eu viro o meu rosto ao máximo para tentar ter uma visão dele.

— Você é absurdamente boa — murmura entre dentes, mordendo o lóbulo da minha orelha e eu acabo soltando uma risada cínica e nervosa.

Tristan solta minha trança e sua mão encontra lugar no meu pescoço. Nada disso me deixa preocupada, muito pelo contrário, sinto todas as sensações começarem a se enrolar dentro de mim como uma teia de aranha. O lutador esfrega os dedos suavemente por minha pele, sua mão fria e calejada tirando-me

o fôlego.

— Você é absurdamente bom — replico com um sorriso bêbado adornando os meus lábios.

Tristan recua e estoca, forte e rápido, enquanto o meu corpo colide com a lataria do carro.

— Repete — comanda.

Os dedos de Tristan apertam levemente o meu pescoço e eu finalmente acho os seus olhos escuros. Há um brilho desconhecido dentro deles, um lado que eu tenho certeza nunca ter visto nesse homem. Animalesco, com certeza. Descontrolado também. Minha mente fica confusa quando sinto a outra mão se Tristan rastejar pela lateral do meu corpo e capturar o meu seio esquerdo depois de poucos pares de segundos.

— Você é absurdamente bom, Tristan Rivera.

Ele sela os nossos lábios, abafando o meu gemido quando aperta o meu seio esquerdo, deixando uma pressão extra na ponta do mamilo. Não há delicadeza e isso me faz suspirar e buscar por mais. Sinto como se estivesse sendo punida e é nesse exato momento que Tristan me domina da forma que talvez ele sempre tenha pensado em fazer desde o instante em que lhe disse coisas que ninguém nunca tenha lhe falado. Não me sinto menor por causa disso, eu me sinto segura. Eu me entrego. Eu estou literalmente em suas mãos e entrando em uma estreita estrada que não tem mais volta.

Tristan parece com uma porção mágica bifásica.

Ele é a minha cura, porém temo que ele também seja o meu veneno. Temo que ele seja tóxico de alguma forma, mesmo que ele não se mostre dessa forma. Temo, ainda mais, que eu não seja capaz de lidar com o lado que ele não me conta nada sobre, com o seu lado mais sombrio e escuro.

Nesse momento eu me deixo esquecer de tudo.

Eu esqueço das nossas diferenças e esqueço das coisas que têm potencial para nos separar. Esqueço o mundo fora da nossa bolha e foco apenas em nós dois, apenas em nossos corpos molhados escorregando um no outro, enquanto o apetite cresce e o desejo explode fazendo Tristan estocar mais rápido e mais fundo.

O lutador recua e então volta a me preencher.

Ele me traz outra vez para perto e devora a minha boca com a sua. Tudo sobre isso aqui é especial.

O cheiro de Tristan começa a se impregnar no meu corpo, deixando-me

mais bêbada do que no dia em que fiquei com porre de tequila. Ele é muito mais forte e atinge muito mais os meus sentidos do que somente o álcool.

Meus gemidos se misturam com as respirações pesadas de Tristan e ele me leva até o topo. Meu corpo começa a ficar sobrecarregado de tamanho prazer. Empurrando o meu tronco de volta para a lataria do carro, seguro-me e suporto o desejo de Tristan que vem triplamente mais forte que o meu.

— Mais forte... — meu pedido rasga pela noite e ele atende prontamente.

Com mais duas estocadas profundas, meu orgasmo vem e deixa as minhas pernas fracas e o meu quadril desgovernado. Tristan desfere dois tapas secos em cada nádega minha, pousando as mãos em minha cintura e vindo mais forte que antes em busca do seu próprio alívio e intensificando o meu. Choramigo, ainda atacada pelos espasmos que o meu orgasmo produz em meu corpo e então Tristan endurece ainda mais atrás de mim.

Ele para, puxando-me de volta para si e me abraçando protetoramente.

Sua respiração bate em meu cabelo desgrenhado, que ele apenas empurra para o lado para me beijar no pescoço.

Nossos corpos estão fervendo, mas não seria para menos.

Minhas pernas estão fracas e o meu coração acelerado.

Eu me sinto cansada, porém me sinto feliz.

Tristan me fez feliz.

— Como foi para você? — murmura longos segundos depois e eu suspiro.

— Foi mais do que incrível — retruco.

— Porra, para mim também. Você é o que eu quero manter para mim, seja lá o que isso signifique, Pamella Cohen, e isso não é uma promessa ou juramento pós-sexo. Eu realmente a quero e eu quero muito, quero mais do que qualquer outra coisa.

Deixo a minha cabeça descansar sobre o peitoral de Tristan.

— Eu quero você também.

Ele grunhe, contente.

Devagar, Tristan sai de dentro de mim, ainda segurando o meu corpo.

— Pode ficar de pé sozinha? — indaga e eu assinto.

Ele me solta por completo e se afasta. Não consigo me mover. Não por que eu não quero, é só por que eu espero por Tristan outra vez. Seguro no carro, fitando o veículo e pensando nas loucuras que aconteceram em cima dele há minutos atrás.

Será que eu vou pensar nisso toda vez que olhá-lo?

Balanço a cabeça, enquanto um sorriso cresce no meu rosto.

Não consigo evitar.

Tristan se move pelo lugar, abre a porta do carro, vai e volta, até parar outra vez atrás de mim. Ele coloca a mão em meu braço e me faz virar para encará-lo. Encontro o seu olhar terno e deixo-me ficar mais calma.

O lutador está vestindo uma calça de moletom e segura na mão a camisa preta que usava provavelmente há meia hora. Ele também já colocou duas mantas no chão, provavelmente para nos deitarmos.

— Como conseguiu isso? — pergunto.

Tristan empurra meu cabelo molhado para longe e me ajuda a vestir a sua camisa.

— Eu tenho no meu carro — informa evasivamente. — Quando venho aqui, costumo dormir em cima da manta e uso essa calça.

Resmungo em concordância.

— Você está bem? — indaga e eu assinto.

A camisa de Tristan me esquentava.

— Podemos deitar? — peço.

Ele segura a minha mão e me leva até o lugar que rapidamente preparou para nós dois. Nós nos deitamos e eu aconchego o meu corpo nos braços fortes de Tristan, deixando que ele me proteja do frio com o seu calor.

Sinto-me no céu nesse exato momento.

Tenho vontade de sair gritando por sentir felicidade finalmente coçar por minha alma desde muito tempo. Não foi apenas pelo ato de alguns minutos atrás, mas foi pela ligação que senti mais forte do nunca naquela hora entre mim e Tristan. Faço ideia do que esteja acontecendo dentro de mim, é impossível não saber depois de viver tantos amores diferentes, mas não posso me apressar para tirar conclusões tão precipitadas assim.

Eu ainda me sinto culpada pela vida de Max e acima de tudo, eu ainda o amo. Provavelmente nunca deixarei de amar Max e de pensar em como estaríamos se ele ainda estivesse vivo. Mas tem Tristan no meio disso tudo. Por mais que eu ame Max, Tristan me faz cair por ele de maneira tola. Ele diz me querer e eu sinto que ele realmente me quer, mas nós dois somos quebrados, muito quebrados. Eu não sei o que se passa na cabeça do lutador para ele falar tão mal de si mesmo. Eu não sei do seu passado, só tenho a sensação de que ele passou por situações muito ruins e é isso que me liga a ele. Eu também passei

por situações ruins, porém o que ocorreu com Max está no topo da minha lista não tão cheia assim.

Eu não sei o que fazer e muito menos como agir.

— As viagens em breve começarão... — Tristan murmura, capturando uma mecha do meu cabelo e enrolando em seu indicador.

— Eu sei — retruco, tão pensativa quanto ele.

— Vou sentir falta de ver o seu rosto bonito todos os dias — confessa entre dentes. Levanto o rosto e o fito atenciosamente, encontrando o seu rosto contorcido em dor. — Eu não quero ficar sem ver você, Pamella.

Solto um suspiro baixo, pousando a mão em seu peitoral e fazendo-o me olhar de volta.

— Você precisa ganhar o Circuito e eu sou apenas eu — sorrio sem graça, sentindo as minhas bochechas esquentarem —, Pamella Cohen.

— Você não é apenas você. — Bufa. — Não sei explicar o que está acontecendo comigo, mas nas últimas semanas eu tenho sido refém do sentimento que martela em meu coração e você é quem está colocando isso dentro de mim.

Mordo o meu lábio inferior, completamente sem fôlego para lidar com Tristan e sua intensidade depois que tivemos sexo, porém há coisas que precisam ser ditas...

— Eu quero te contar uma história — digo, puxando ar pela boca e tirando o último fio de coragem de dentro de mim.

— Sobre?

— Sobre mim — continuo — e sobre o último homem que entrou na minha vida. Sobre Max — pontuo e Tristan assente. Pigarreio, insegura sobre a maneira como devo começar a contar do meu romance com Max para o lutador. — Durante toda a minha infância eu morei com a minha mãe, Will e Oliver. Ela e o papai se separaram e cada um ficou com uma filha. Nós nos víamos poucas vezes por ano, mas sempre nos comunicávamos por ligações e chamadas de vídeo. As coisas começaram a ficar apertadas para o papai e então nós praticamente não nos víamos mais durante os anos, até que eu resolvi passar uma temporada em New York com ele e a minha irmã.

Relaxo a minha cabeça no bíceps de Tristan e fito o céu estrelado.

— Eu te disse no jantar que sempre fui sorridente e animada, acho que essas eram as minhas “marcas oficiais”. Aconteceu muita coisa quando cheguei em New York e eu fiquei espantada, porém curiosa, com o mundo em que meu



pai e minha irmã viviam. Nunca gostei de violência e conviver com pessoas que trabalhavam com isso dia a dia foi um desafio. — Solto um sorriso fraco. — Mas era o papai e a Parisa, era claro que eles deixavam as coisas melhores e eu sempre dava o meu próprio jeito de achar graça e diversão nas coisas. — Tristan empurra o meu cabelo para longe do meu pescoço e começa a dedilhá-lo como sempre gosta de fazer. — No primeiro instante, quem quis chamar a minha atenção foi Trent e ele conseguiu por alguns dias — começo e volto a fitar Tristan, que me encara confuso.

— Mas ele é casado com a sua irmã — pontua.

— Eu sei. — Dou mais uma risada fraca. — Essa é uma longa história, mas o resumo de tudo é que Trent sempre quis Parisa e vice-versa. Nós nos beijamos uma vez e isso fez o mundo da minha irmã virar de cabeça para baixo, o que me deixa triste até hoje por ela ter ficado tão mal e insegura quanto a si mesma. Mas o meu foco não é neles dois. Trent e Parisa se desenrolaram com o tempo. Depois que isso aconteceu com Trent, comecei a me envolver com o seu melhor amigo, Max. — Faço uma longa pausa, mas não deixo de fitar Tristan. — Max era um homem incrível. Ele era doce, amigo, leal, sincero, estupidamente compreensivo e seguro de si. Nós combinávamos em tudo, nossas personalidades sempre foram parecidas e foi isso que nos aproximou, pois em um mundo em que eu era completamente nova, achei alguém igual a mim.

— O que aconteceu com ele? — Tristan indaga.

— Eu me surpreendo muito de que os caras nunca chegaram a falar disso para você, mas tenho certeza que é por que essa é uma ferida ainda aberta em todos os nossos corações — enuncio. — Nós namoramos por quase três anos. Ele foi até a casa do papai, planejou um jantar com o Trent e disse ao meu pai o que desejava ter comigo. Foi uma noite tensa para ele, mas eu sempre fui segura e certa do que queria, dessa forma o papai cedeu de um jeito ou de outro, era a sua única escolha.

— E então? — indaga.

— E então nós levamos o nosso relacionamento de forma suave e sem muitas intrigas ou cobranças. Acelerando os acontecimentos, a minha irmã engravidou dos gêmeos e quase os perdeu, o que fez Trent ficar muito cauteloso quanto a saúde de Parisa. Ele sempre foi muito preocupado com ela e a minha irmã sempre foi cabeça-dura demais, quero dizer, ambos são assim. Trent queria apenas protegê-la, mas Parisa quis ser muito independente em um momento em que ela não deveria agir assim. Não estou julgando a minha irmã, aliás, eu a considero uma mulher muito mais forte do que eu, mas é isso, sou diferente dela. Tenho a necessidade de me sentir protegida e Max sempre me deu essa

segurança. Sou confiante, sou forte, mas gosto dessa estabilidade, sempre gostei.

— Eu vejo...

— Durante o Circuito, o outro maior nome dele, Shark, tinha muita intriga com Trent. Eles não eram rivais apenas dentro do octógono, mas fora dele também. Meu cunhado é louco, no sentido real da palavra, por Parisa e Shark cobiçava a minha irmã. Ele fez muita merda, muita merda mesmo. A merda final foi se juntar com a ex-colega de quarto louca de Parisa e com o avô fodido de Trent. Eles nos pegaram na final do Circuito. — Um tremor passa por meu corpo, pois lembrar de tudo isso me faz querer chorar. Esse foi o pior dia da minha vida. — Eu fiz de tudo para proteger a minha irmã e deixá-la segura até Trent chegar com o papai e Max. Eu sempre soube que eles viriam para nos buscar, mas até isso acontecer, nós sofremos muito. Os idiotas não perceberam que o meu celular estava comigo e quando eu notei, consegui ligar para Max e disse para ele avisar Trent, implorando para eles nos resgatarem.

Tristan me puxa para mais perto, enquanto um bolo se forma na minha garganta e as imagens daquela noite de terror começam a aparecer em minha cabeça novamente.

— Eu fui baleada antes deles chegarem, é por isso que tenho essa cicatriz no meu ombro — digo e o lutador toca a minha cicatriz com cuidado. — Eu estava desnorteada, machucada, desesperada, com dor e sofrendo por coisas que eu nunca havia sofrido antes. Não era apenas a dor física, era a mental também. Do momento em que acordei naquele quarto com Parisa até o instante em que fomos tiradas de lá, a minha mente foi torturada. Eu não sabia se sairia viva, eu não sabia se a minha irmã sairia viva e muito menos se ela acabaria perdendo os bebês. Eu fiz o meu melhor para protegê-la...

— Foi o suficiente, Pamella, não se torture com isso. Parisa está bem e está viva com os bebês dela e do Furor. — Mesmo sem jeito, Tristan tenta me confortar.

— Aqueles homens eram assustadores e a cada palavra proferida por eles, as ameaças se tornavam mais fortes e veementes. Trent chegou com Max, papai, Jaz e os caras em pouco tempo. Eu estava baleada no chão e assustada com a minha irmã praticamente nua em frente àqueles monstros. Eu só queria que o pesadelo chegasse a um fim, tudo que estava se passando era demais para mim — sussurro, sentindo as lágrimas começarem a brotar dos meus olhos. — Então eu chamei por Max e ele veio...

Sento-me na manta, desvencilhando-me de Tristan e amassando o pano em meus dedos com raiva e dor. Não consigo segurar o meu choro ao falar do

momento em que o meu mundo parou. Não consigo segurar o meu choro porque a culpa é dilacerante em meu peito.

— Eu fui burra, burra, burra, burra... — Soco o chão, tentando amenizar o estrago que acontece dentro de mim sempre que cutuco essa ferida.

Tristan não me deixa continuar fazendo isso compulsivamente. Ele agarra as minhas mãos e me abraça por trás, deixando-me sentada no meio de suas pernas, enquanto ele embala o meu corpo com calma.

— Shhh...

— Ele foi baleado, Tristan. Max morreu naquela noite por minha exclusiva culpa e eu não pude fazer nada, pois ainda estávamos naquele pesadelo desgraçado — digo, entre um soluço e outro. — Eu o coloquei nos meus braços, pedi para ele aguentar firme por nós dois, mas ele sabia que estava morrendo. Max me pediu para abraçá-lo e fechar os olhos, assim poderíamos esperar tudo acabar quietamente no canto do quarto sujo. Eu fiz o que ele pediu e ele morreu em meus... ele morreu em meus braços...

Meu choro se intensifica e eu deixo tudo sair de dentro de mim. Os gemidos, os urros, a dor, o desespero, a raiva, a estabilidade, a força, sobrando apenas a culpa em um fino fio de barbante puído.

Eu vou me acalmando gradativamente, aliviada por ter Tristan me segurando nesse momento.

— Você ainda o ama — sentencia.

Aceno positivamente com a minha cabeça.

— Eu ainda amo o Max e às vezes me sinto errada por amar tanto alguém que já está morto, mas que continua significando e modificando tanto a minha vida presente.

Tristan fica em silêncio e pigarreia.

— Não se sinta errada por amar tanto alguém que está morto — diz com uma calma sobrenatural. Ele é sempre tão controlado. — Quando eu era pequeno, costumava pedir para a minha mãe me contar histórias da sua infância. Ela narrava para mim com felicidade tudo que passou na Espanha com os meus avós antes deles morrerem em um acidente de carro. — Viro o meu rosto para fitá-lo e Tristan beija os meus lábios rapidamente antes de continuar. — Certa vez lhe perguntei se ela deixou de amá-los por eles terem morrido e a deixado sozinha, perguntei se ela sentia raiva dos próprios pais. — Ele ri, balançando a cabeça negativamente. — Minha mãe disse que nunca deixaria de amá-los, pois eles foram os melhores pais do mundo. Ela continuou falando que o amor dela crescia a cada dia, assim como a sua saudade, mas que nada apagaria os

momentos bons que ela passou com eles. As pessoas morrem porque esse é o ciclo natural da vida, Pamella. Talvez amanhã seja o meu dia ou o seu, nós nunca sabemos, ninguém nunca sabe. Eu consigo olhar nos seus olhos a culpa que carrega pela morte do seu ex-namorado, consigo sentir a sua relutância para me deixar entrar, mas isso não precisa continuar. Tenho certeza que Max não gostaria de te ver carregar tanta dor por um acontecimento que não estava em suas mãos para ser controlado. Você não o matou, quem o matou foi o homem que atirou nele, quem o matou foi o próprio destino.

Eu absorvo as palavras de Tristan e por um instante me vejo acreditando em tudo que ele disse. Eu quero acreditar nisso tanto por mim, quanto por Max, mas as coisas acontecem uma de cada vez. Não adianta eu querer meter os pés pelas mãos e acabar caindo no chão.

Olho dentro dos seus olhos escuros, sentindo-me mais despida do que quando eu fiquei completamente nua em sua frente.

— Foi por isso que pedi para não ser gentil comigo, para ser verdadeiro e mostrar o seu próprio desejo — sussurro e Tristan franze o cenho. — Max era carinhoso, eu não queria lembrar dele quando era com você que eu estava fazendo sexo.

O observo puxar uma respiração profunda.

— Você não lembrou dele, certo? — Tenta se certificar, parecendo incomodado pela primeira vez desde que comecei a contar-lhe a minha história.

— Não — confesso. — Você foi a única pessoa que estava em minha mente e em meu corpo, não consegui pensar em nada além de você, Tristan. Você tornou impossível que eu lembrasse até mesmo do meu nome...

— Porra — diz, rindo um pouco desconfortável. — É bom que você tenha pensado apenas em mim, porque se isso aqui continuar, seremos apenas eu e você, Pamella, e eu não quero desrespeitá-la ou até mesmo os seus sentimentos.

— Você parece diferente...

Ele realmente parece e eu não posso deixar isso passar de jeito nenhum.

— Toda vez que você está perto de mim acontece algo estranho.

— Mesmo? — Arqueio a sobancelha.

— Estou te dizendo que sim. — Dá de ombros. — Você é a segunda pessoa que consegue tirar algo bom de mim. Talvez você não faça ideia, mas eu me sinto aliviado por te ter por perto e confessar isso olhando nos seus olhos é difícil pra caralho.

— Eu pensei que te odiaria pelo resto dos dias que passasse substituindo

Trent.

— Fui um idiota com você, sinto muito por isso.

Um sorriso ladino brinca em meus lábios ao vê-lo se desculpar.

— Você era muito rude, quero dizer...

— Eu ainda sou — afirma.

— Sim, você é — concordo. — Mas tem se comportado melhor comigo.

— Isso é por que aos poucos você está me deixando mais louco do que o normal.

— E isso faz você me tratar melhor? — indago.

— Não, isso faz eu querer descobrir por qual motivo a sua presença tem feito eu sentir tantas coisas boas. Eu não estou acostumado com isso, mas eu sei que eu quero mais se você está no meio.

Não estrago o momento.

Selo os nossos lábios simplesmente, gostando da sensação de estar nos braços de Tristan e de tê-lo tão confortável comigo quanto eu estou com ele.

Voltamos a nos deitar e eu puxo a outra manta para cobrir as nossas pernas.

— Tristan... — sussurro e ele resmunga, dando-me a deixa para continuar falando. — Quando você quiser falar comigo sobre o que te machuca, eu estarei preparada para ouvir, tudo bem?

Seu corpo fica tenso por longos segundos. Esfrego a mão sobre o seu peitoral e ele volta a relaxar aos poucos.

— Tudo bem — força a fala.

Ao menos eu lhe mostrei que estou mais do que disposta para saber toda a sua história, assim como eu tomei coragem para lhe contar da minha história e da minha dor. Sinto-me mais leve e sincera com Tristan pelo simples fato de ter lhe contado tudo que se passou entre Max e eu. Era como se existisse uma barreira construída por mim mesma ao redor do meu coração até poucos minutos atrás. Não sei o que será de mim a partir dessa conversa, mas não terei medo de viver nenhuma aventura. Estou ansiosa para voltar a sentir as coisas que estive acostumada a ter dentro de mim na maior parte do meu tempo de vida. É estranho admitir que Tristan é o grande causador de isso tudo, mas ao mesmo tempo que é estranho admitir tal coisa, é reconfortante, pois ele também precisa disso tanto quanto eu.

Estamos remendando os nossos corações em um só e eu desejo apenas que as suas peças quebradas sejam o encaixe perfeito para as minhas.

# CAPÍTULO 13

UMA BOA SURPRESA

PAMELLA COHEN

*Sim, eu tenho problemas e um deles é o quanto eu preciso de você.*

— JULIA MICHAELS, "ISSUES"

Abro os meus olhos com dificuldade e muito incomodada com o sol em meu rosto. Remexo-me, sentindo o cheiro da natureza invadir os meus sentidos e recordar de que tudo que aconteceu nessa madrugada foi real.

Eu e Tristan...

O lago...

Os beijos...

Seus toques...

Não tem como isso ter passado de apenas um sonho.

Escuto o som de suas passadas pesadas na grama cheia de folhas secas e Tristan coloca-se no meu campo de visão, protegendo-me do sol.

— Bom dia, Pamella Cohen — diz, com um pequeno sorriso adornando os seus lábios bonitos.

Pisco repetidas vezes, suspiro e abro um sorriso.

— Bom dia, Tristan.

E eu realmente quero dizer que é um bom dia.

Ele veste apenas um jeans, já que eu estou usando a sua camisa preta. Deus, esse é um bom dia. Tristan se agacha na minha frente, fitando-me paciente.

— Você dormiu bem? — pergunta.

— Absolutamente sim, por mais que tenha sido ao ar livre e no chão. — Solto uma risada, perguntando-me mentalmente por que eu dormi tão bem, mas deixo para pensar sobre a resposta uma outra hora. — E você?

Ele pondera a sua resposta, mas assente positivamente.

— Foi a melhor noite de sono que eu tive desde que consigo me lembrar de alguma coisa — resmunga.

— Que horas são? — continuo, finalmente lembrando-me de Oliver e Fable.

— Quase onze.

— Merda... — praguejo, sentando-me no chão e passando as mãos rapidamente por meu cabelo. — Oliver e Fable já devem estar a caminho do aeroporto. Preciso ir me despedir deles.

Tristan concorda e endireita seu corpo, levantando e oferecendo-me sua mão para me ajudar a fazer o mesmo. Felizmente não estou de ressaca, o que me faz agradecer mentalmente a Tristan por ontem ter proposto a nossa vinda para cá, caso contrário eu teria bebido todas e mais algumas.

Ele tira as mantas do chão e caminha até o carro.

Eu apenas o sigo.

O que mais devo fazer?

— Eu vou te levar até o aeroporto, mas antes precisamos fazer você vestir algo a mais. Não queremos assustar as pessoas, certo? — indaga.

Reviro os meus olhos e seguro o riso.

— Onde está a minha roupa? — retruco.

Tristan abre a porta traseira do seu carro e joga a manta no banco, mostrando-me onde está a minha roupa e meu sapato. Eu não quero vestir essa roupa, mas creio que Tristan precisa da camisa dele, então...

— Você quer se trocar?

“Na verdade, não, mas eu não tenho escolha”, penso.

— Sim. — Sorrio sem graça.

O lutador me dá o vestido e bate a porta, encostando-se na mesma. Ele cruza os braços e me encara de cima a baixo, como quem espera eu começar a me despir. Não estou envergonhada de Tristan, longe disso, mas prefiro que ele me dê privacidade nesse momento, senão vamos acabar nos atrasando muito para chegar ao aeroporto e Oliver nunca vai me perdoar por perder os seus últimos instantes em New York.

— Será que você pode sair um pouquinho para eu me trocar? — Arqueio a sobrancelha e ele torce os lábios, mas faz o que eu peço sem dizer uma só palavra.

Menos mal...

Tiro a camisa de Tristan e jogo no teto do carro com dificuldade, já que sou pequena e baixa demais. Visto o vestido com certa dificuldade, perguntando-me como ontem eu fui capaz de me sentir tão bem em algo tão apertado... Balanço a cabeça negativamente, deixando isso e muito mais de lado e termino de me vestir sem mais delongas.

Tristan reaparece e pega a sua camisa, arrumando-se na minha frente e me dando uma bela visão para olhar.

Ele é mais do que bonito, céus!

— Podemos ir? — Pigarreio após perguntar, pois me sinto embaraçada com o olhar que ele lança em minha direção.

— Claro — dito isso, Tristan segura a minha mão e me puxa até o outro lado do carro. Ele abre a porta para mim e me espera entrar. — Nossa madrugada foi incrível, Pamella, só quero que saiba que talvez eu não seja capaz de esquecer tudo que você fez comigo e por mim. Talvez eu não seja capaz de esquecer de como você abriu o seu coração e me fez ver o que te machuca. — Ele segura uma mecha do ninho que está o meu cabelo e enfia atrás da minha orelha. Empurro o meu rosto na palma de sua mão quando Tristan resolve fazer-me carinho. Não estou disposta a fingir que nada do que aconteceu não me afetou. — Eu não sei como vou lidar com a distância entre nós dois, mas depois do que aconteceu só posso te dizer que alguma coisa mudou e foi para melhor.

Suspiro, assentindo roboticamente por não saber o que lhe falar de volta.



Tristan não espera por minha resposta. Ele bate a porta e dá a volta no carro, entrando e sentando-se ao meu lado para dar partida em nosso caminho para o aeroporto.

Alguma coisa realmente mudou e foi para nos fazer bem.

Forço-me a ficar calma outra vez e relaxo no meu lugar, apertando no rádio e ligando-o para não ficarmos em silêncio. Não que eu esteja incomodada pelo silêncio, só não quero que isso se transforme em alguma bola de neve para nós dois.

Fito-me inconscientemente pelo espelho do retrovisor e tomo um susto.

— Put...

Deixo o palavrão morrer antes que eu finalize e escuto a risada baixa, quase que imperceptível, de Tristan.

— Eu estou parecendo um monstro e você estava me olhando como se eu fosse a pessoa mais bonita que já pisou na face da Terra, Tristan — reclamo, não fazendo nenhuma ideia de como vou limpar o meu rosto.

A maquiagem que ontem sobreviveu a água, agora está completamente borrada debaixo dos meus olhos e me dando um ar de psicopata. Eu com toda certeza tomaria um susto se acordasse com alguém como eu ao meu lado.

— Você não está tão ruim assim. — Dá de ombros.

— O que quer dizer que eu estou ruim de alguma forma — cuspo, chateada comigo mesma.

— Não foi o que eu quis dizer — retruca. — Vocês mulheres se martirizam por coisas tão pequenas. Isso é só maquiagem, tem água no banco de trás do carro, se quiser eu posso encostar para você lavar o seu rosto.

Talvez eu esteja fazendo uma tempestade em um copo d'água, mas que seja...

Respiro profundamente e balanço os meus ombros.

— Se você não se importar em ser visto com uma bruxa ao seu lado, eu não precisarei me limpar.

— Isso foi um pouco demais, embora eu ache que você tenha realmente algum fodido pacto sobrenatural. Se bruxas fossem como você, estaria feliz em cair em algum estúpido feitiço, embora eu tenha quase certeza de que já estou enfeitiçado. — Solto uma risada a contragosto. — Eu não me importo em ser visto com você assim, é um privilégio te ter ao meu lado.

— Você sempre consegue reverter as coisas para eu me sentir bem com o que eu mesma falo — digo, pontuando muito bem um lado de Tristan que talvez

nem ele mesmo perceba.

— Eu só espero que veja o mesmo que eu — afirma.

— Oliver vai me zoar por estar horrível e as pessoas vão me olhar torto por parecer uma louca fora do hospício, mas, quer saber? Eu não ligo tanto assim para a opinião dos outros. Vai ser divertido vê-los assustados.

— É assim que eu gosto de vê-la...

— Assim? — Solto uma risada, um tanto confusa com a sua colocação.

— É, assim. Você disse que não tem sido a mesma desde tudo que passou com a perda de Max — diz e eu engulo a seco, perdendo o sorriso —, mas eu tenho o sentimento de que você está voltando a ser o que era antes e eu gosto de vê-la assim: sincera e feliz.

Respiro fundo, até assentir.

— É... eu era assim... — Reflito.

— Continue nesse caminho e as coisas voltarão aos trilhos em breve — retruca.

— Mas você está saindo da cidade para o Circuito — rebato, pois sei que tudo que está acontecendo comigo é culpa de Tristan.

Ele me fita rapidamente, mas volta a olhar para a estrada, relutante quanto a isso.

— Eu sei e não queria que fosse assim, mas tenho que cumprir esse trabalho e a confiança que seu pai e Furor estão colocando em mim. É minha vez de representar a academia, Pamella, não posso recuar. Eu nunca recuo.

— Sinto muito, não queria parecer egoísta — resmungo e viro o rosto para fitar o tempo do lado de fora do carro. Eu realmente não queria parecer egoísta. — Eu sei que é o seu trabalho e eu vou torcer para que tudo ocorra bem e que você volte com o cinturão.

— Você não foi egoísta, Pamella. — Tristan coloca a sua mão em cima da minha perna e eu volto a fitá-lo imediatamente. — Se eu fosse te falar metade das coisas que penso ao seu respeito, você provavelmente me acharia o homem mais egoísta do mundo por querê-la apenas para mim. As coisas têm que andar de alguma forma e então nós vamos nos acostumar com o que temos. — Respira pesadamente, parando de falar. — Eu vou sentir a sua falta — completa.

Bom, eu poderia viajar...

— Nós vamos nos acostumar com o que temos, certo? Então tudo bem.

De fato, eu realmente poderia viajar.



Eu e Tristan estamos correndo pelo aeroporto.

Paramos no portão errado, o que apenas causou ainda mais atraso para nós dois. De fato, eu não lavei o meu rosto, então a maioria das pessoas me olharam assustadas pelo caminho, mas de longe eu estou me divertindo com Tristan ao meu lado segurando a minha mão.

Antes de chegarmos ao aeroporto, Oliver nos ligou dizendo que já estava lá com todos, o que me fez ficar bastante apreensiva. Tristan pisou no acelerador e dez minutos mais tarde chegamos no local, porém gastamos mais dez minutos para achar o portão errado. Depois de pegarmos muitas informações com os funcionários, finalmente avistamos o portão certo e lá está toda a minha família.

Eu estou completamente ofegante, mas Tristan continua correndo e me forçando a correr com ele. Eu não consigo parar de rir, porque é uma situação extremamente engraçada. Eu, de mãos dadas com um homem enorme e muito intimidador, porém um delicioso pedaço de mal caminho, correndo por todo aeroporto de New York.

— Já chega! — exclamo, parando antes de todos nos avistarem.

Tristan para, esperando eu me recuperar e nem um pouco afetado.

Porra, como assim? Ele é uma máquina ou um ser humano?

— Você está bem? — indaga, paciente.

— S-Sim... — gaguejo. — Eu só preciso... recuperar... o ar...

Ele sorri e eu reviro os meus olhos.

Alguns segundos mais tarde eu estou bem melhor, então endireito o meu corpo e volto a andar, dessa vez puxando Tristan comigo. Eu estou toda descabelada, com a maquiagem borrada, vestido completamente amassado, assim como o meu rosto, sem higiene matinal e descalça. Se eu me descrevesse assim para a Pamella de dezoito anos, ela nunca acreditaria que a Pamella de quase vinte e quatro realmente teria coragem de sair de casa dessa forma. Se serve de consolo para a Pamella do passado, eu não saí de casa, mas sim de um lugar maravilhoso onde passei a madrugada toda.

O primeiro a me avistar com Tristan, é Trent.

Ele fita as nossas mãos juntas, arqueia a sobancelha e cruza os braços, mas não fala nada e nem chama a atenção de ninguém. Depois é a vez de Parisa, que sorri de lado com Serena em seus braços. Eu sorrio de volta para a minha irmã, pois eu nunca me senti tão bem quanto nesse momento.

Tristan aperta os dedos ao redor dos meus e eu devolvo o seu gesto.

Só vou soltar a sua mão quando necessário.

Então, todos nos olham.

Eu sorrio para cada um, especialmente para o meu pai, que se encontra completamente neutro ao lado de uma Elise sorridente. Não espero que ninguém faça nada, somente solto a mão de Tristan e vou diretamente abraçar Fable, que me recebe de volta com um abraço caloroso que só ela sabe dar.

— Eu vou sentir a falta de vocês dois no meu apartamento — digo, beijando sua bochecha e me afastando para fitá-la.

Fable sorri, um sorriso que me contagia de forma quase sobrenatural.

— Você está incrível — retruca. — Eu e Oliver não poderíamos deixar New York mais felizes depois de te ver brilhante, assim como antes.

Meus olhos enchem-se de lágrimas, mas eu não permito que elas caiam.

— Muito obrigada, irmãzinha — brinco e nós rimos mais uma vez.

— Ei, é a minha vez de falar com a gêmea feia e assustadora — Oliver reclama ao nosso lado com Bryan nos braços.

Reviro os olhos, saindo do abraço de Fable e deixando que ela pegue Bryan dos braços do meu irmão. Assim que Oliver está livre, ele me puxa para um abraço forte, tirando-me do chão e me girando no ar como se eu não pesasse uma grama.

— Merda! — exclamo e todos começam a rir. — Eu vou cair quando você me colocar no chão, Oliver! — continuo, mas ele não liga.

Oliver sendo irritante e adorável ao mesmo tempo.

Depois de mais cinco giros ou sete, eu nem sei mais como contar, Oliver me coloca no chão e me segura pelos ombros. Eu quase caio, apenas quase. Ele sorri para mim, provavelmente satisfeito por ter me deixado nesse estado: igual uma idiota tonta.

— Eu preciso falar com você antes de ir — diz, ainda sorrindo.

— Pode falar — retruco.

Oliver me abraça, enfiando o rosto entre o meu cabelo e colocando a sua boca em meu ouvido. Minha primeira reação é rir e tentar me proteger, mas eu

me controlo e escuto o que ele tem para me dizer.

— Não deixe Jake mandar na sua vida, não deixe nenhum sentimento passado mandar nas ações que as pessoas esperam que você tome agora, no presente. Tristan espera muitas coisas de você e eu sei que você também espera dele, então continue nesse caminho, pois você está viva. Max foi bom, mas Max se foi e você ficou. Tristan está aqui, você está aqui e ambos merecem alívio. Não se limite, você nunca foi assim. Faça o que estiver com vontade e se divirta. Se algum dia você acabar chorando sentada no sofá com um pote de sorvete nas pernas, pegue o telefone e me ligue. Eu gosto de rir as suas custas e as custas de Parisa...

Gargalho, abraçando Oliver mais apertado.

— Obrigada pelo conselho, eu vou usá-lo — certifico-o.

— Eu gosto de ver você feliz, porra, não vim para essa cidade em vão.

— Você não veio em vão, Olly, eu estou melhor.

Ele me empurra para trás e eu volto a gargalhar.

— Eu odeio esse apelido e parece que um trator passou por cima de você — diz, voltando ao seu estado normal de espírito. — Jesus, você está horripilante, irmãzinha — brinca.

— Você também está horrível, nem por isso eu espalho para todo mundo.

— Vou sentir sua falta, gêmea número um da minha vida. — Pisca para mim.

— Ei, e eu? — Parisa reclama.

— Por mais que eu prefira você, Belezinha, Pamella veio antes. Primeiro o ovo, depois a galinha — sentencia.

— Você acabou de me chamar de galinha? — ela pergunta, soando tão ameaçadora quanto consegue.

Parisa sendo Parisa.

Oliver sendo Oliver.

— Não comecem a brigar, por favor, não quero sair do aeroporto catando as penas de vocês dois.

E então, Pamella sendo Pamella.

Nós rimos em meio a sincera saudade que vamos sentir um do outro e deixamos que mais esse momento fique guardado em nossa caixinha imaginária de momentos felizes e alegres.

Tristan também se despede de Oliver e Fable de forma mais polida, praticamente impessoal. Ele parece desconfortável, por mais que não tenha

motivos para agir dessa forma. Entendo que Tristan é na dele, um pouco frio — talvez muito — e exageradamente quieto.

O voo de Oliver e Fable é chamado e eles acenam uma última vez para todos nós, dão as mãos e fazem o resto de caminho por onde eles devem passar. Eu realmente gostaria que eles ficassem mais. Apesar de todas as coisas que passamos juntos, os embaraços e as piadas idiotas, vou sentir a falta desses dois como nunca.

Finalmente, depois que eles desaparecem a atenção de todos cai sobre Tristan e eu. Desejo poder me esconder atrás dele, mas não o faço — não por falta de desejo, mas porque sei que tenho que encarar esse momento da forma certa e fugir não é a mais correta delas.

— Onde você esteve? — papai é o primeiro a falar alguma coisa e como sempre ele soa mais preocupado do que deveria estar.

— Eu estive com Tristan, nós fomos conhecer um lugar e acabamos dormindo pelo chão... — Dou de ombros, não vendo qualquer necessidade de mentir.

— Chão? — Parisa pergunta segurando o riso.

— Sim, em cima de uma manta no chão. — Pisco para a minha irmã e nós rimos, mas o sorriso se esvai quando ninguém nos acompanha. — O quê? — questiono.

— Vamos para casa — papai sentencia. — Eu vou te levar. — Ele se aproxima e segura o meu braço, mas eu escapo rapidamente e agarro a mão de Tristan.

— É melhor você recuar agora, pai — digo, franzindo o cenho. Observo que ele respira rapidamente, mostrando o nervosismo que está sentindo. — Tristan está indo para casa e nós moramos no mesmo prédio, o que significa que ele vai me dar uma carona. Vou tomar banho, me arrumar e encontrar você na academia, assim poderemos conversar. Tudo bem?

Elise se aproxima de nós, colocando uma mão nas costas do meu pai e esfregando levemente. Ele se acalma aos poucos e assente um tanto forçado.

— Eu vou esperar que apareça por lá — replica.

— Estou lhe dando a minha palavra de que vou aparecer — finalizo nosso diálogo. — Até mais tarde. — Aceno para todos e lhes dou as costas, puxando Tristan com toda a minha força. Ele reluta um pouco, como se tivesse algo a dizer, mas cede por conta da minha insistência. — Limite não é bem uma palavra que o meu pai conhece, mas ele vai aprendê-la mais cedo ou mais tarde... Onde já se viu, me pegar pelo braço como se eu tivesse quatro anos de idade? —

resmungo para o lutador, que não diz absolutamente nada.

Saímos do aeroporto com um monte de olhares tortos em nossa direção, mas isso não me incomoda. Respiro aliviada quando eu e Tristan estamos sozinhos mais uma vez em seu carro.

— Você acha que Jake vai tentar te afastar de mim de alguma forma? Quero dizer, já iremos nos afastar por conta do Circuito, mas...

Não tão fácil.

— Eu sou maior de idade e não deixo ninguém interferir nas minhas escolhas, mesmo que seja o meu pai. Ele pode até tentar, mas não vai conseguir se não deixarmos, entende? — Tristan assente rapidamente. — Eu não vou deixar. — Levo a minha mão esquerda até o seu rosto e ele fecha os olhos ao receber o meu carinho, exatamente como um bichinho machucado e assustado.

— Eu não vou deixar você escapar de mim nem por um inferno inteiro — murmura ainda de olhos fechados.

Sorrio, correndo os meus dedos por seu cabelo e observando-o abrir os olhos novamente.

— Ninguém vai escapar, ninguém vai fugir. Eu e você, Tristan, isso é o suficiente?

— Mais do que o suficiente — grunhe, fitando os meus lábios de forma faminta.

Ele se remexe frustrado e liga o carro.

Descanso as minhas mãos em meu colo, satisfeita sobre como tudo se passou e por ter Tristan ao meu lado nesse exato momento. Ele não é a pessoa mais paciente, doce, engraçada, gentil ou amável, mas ainda assim ele parece perfeito com todas as suas fissuras e remendos malfeitos. Tristan é o suficiente, então é isso que me satisfaz e me conforta.

Eu também posso ser o suficiente para ele, só ainda não descobri como.



Ajusto o meu vestido florido no corpo e bato a porta do carro.

Depois que Tristan e eu chegamos no nosso andar, ele me levou até a porta,

selou os nossos lábios superficialmente e me disse que a nossa noite foi a melhor coisa que lhe aconteceu em muitos anos. Eu sorri, disse-lhe o mesmo e avisei que teria que falar com o papai sobre nós. Ele não recuou, até mesmo disse que estará na academia no momento em que eu for encontrar o meu pai, mas eu continuei e informei que precisava fazer isso sozinha, o que é a mais pura verdade. Desejei a Tristan um bom final de manhã, pedi para ele dizer para Florence que eu vou visitá-la à noite, pois teria compras para fazer. Ele assentiu, beijou-me outra vez e eu entrei em casa tão leve quanto uma pluma.

Eu tenho os meus planos, então preciso de roupas novas.

Tomei banho, relaxei, comi algumas frutas e saí de casa pronta para andar como fazia anos atrás. Viver novamente não está sendo uma missão tão difícil quando é Tristan que está fazendo eu rever tudo que eu passei e tudo que eu mereço de alívio por toda dor e martirização sofrida. Comprei muitas roupas novas, usei o meu cartão pela primeira vez em meses e me senti muito feliz por isso. O porta-malas do meu carro está lotado de sacolas, eu tenho até medo de alguém abrir e querer me internar em um centro de tratamento para pessoas com distúrbios mentais, mas, céus, o que eu fiz me deu muito alívio e eu não falo isso para soar como uma compradora compulsiva, pois eu não sou uma.

Nesse exato momento eu pareço e me sinto como a velha Pamella, a mesma que eu temia e tinha certeza de que nunca mais a reencontraria dentro de mim. Meu sorriso grande está muito bem colocado em meu rosto, meu coração palpita fortemente em meu peito e meus pés me levam até a entrada da academia de forma inconsciente. Estou usando um salto alto, vestido simples e uma bolsa preta pendurada no meu braço direito. Confiança é tudo o que eu sinto nesse momento. Entrar na academia desse jeito me faz redescobrir a minha essência mais profunda. Eu sou confiante e eu posso tudo com a minha confiança, ninguém será capaz de me fazer parar.

Adentro ao local sem mais delongas e vou me esgueirando entre os alunos amontoados em seus treinos. Eu sei que Tristan já está aqui, pois vi o seu carro no momento em que estacionei e eu nunca esqueceria aquele carro, porém eu não o avisto quando vou para a área de treino reservada para ele. Os caras acenam para mim e eu aceno rapidamente de volta, seguindo até a sala do papai. Bato duas vezes e abro a porta, finalmente encontrando a pessoa em que estive pensando: Tristan Rivera. Ele vira para mim e me fita de cima a baixo, fazendo o meu corpo esquentar com o seu olhar seguro e cheio de desejo. Depois do que nós passamos e da nossa entrega pessoal é impossível eu não saber o que ele quer me dizer com apenas um olhar.

Estamos conectados e isso não tem mais volta, sendo que o mais importante



é que eu não quero voltar.

— Boa tarde — digo, recompondo-me rapidamente.

Tristan está apenas de bermuda do treino, o que me faz pensar na possibilidade do meu pai o ter chamado para conversar quando o lutador estava se preparando para começar a treinar. Eu provavelmente não preciso mais pontuar que ele parece deliciosamente bonito sem camisa, isso já se tornou um velho fato, mas eu sempre caio na mesma cilada de tentar descrever ou significar Tristan sem camisa.

Ah, isso não tem preço...

— Boa tarde, Pamella — os dois saúdam-me.

— Tudo bem por aqui? — indago, jogando a minha bolsa no sofá ao lado e indo na direção deles.

— Sim, eu já estava de saída, preciso treinar — Tristan é o primeiro a se pronunciar, levantando-se em seguida. Ele me encontra no meio do caminho e para na minha frente. — Você está linda — murmura e eu sorrio, sentindo as minhas bochechas esquentarem.

— Obrigada — sussurro.

Papai pigarreia e Tristan sorri travesso, terminando o seu caminho e nos deixando no escritório. Pigarreio de volta, soando até mesmo cínica, e abro um sorriso para o meu pai. Ele me analisa atentamente, enquanto me sento em sua frente e cruzo os braços.

— Tudo bem, pai? — pergunto.

Ele demora a responder, mas assente.

— Sim, querida, e com você?

Dou de ombros.

— Na verdade, eu estou muito mais do que apenas bem — confesso, inclinando meu corpo para frente e colocando os cotovelos em cima de sua mesa. — Eu estou feliz, papai.

— Algo me diz que isso tem a ver com Tristan, estou certo? — Ele repete os meus movimentos, colocando os cotovelos na mesa e nós nos encaramos muito perto e sem desvios.

— Sim — afirmo e essa provavelmente foi a afirmação mais fácil que já fiz.

— O que está se passando entre vocês? — pergunta de forma direta.

É para isso que estamos aqui e ambos sabemos disso.

— Nós estamos nos conhecendo melhor — começo, observando-o estreitar

os olhos para mim. — Eu sei que você tem todo esse complexo de proteção com a Parisa e comigo, pai, mas não precisa de tudo isso. Entendo a sua preocupação e sei que você está sempre pensando e querendo o nosso melhor, mas no meu caso eu sei o que está sendo melhor para mim. Tristan é completamente fora do normal, não de uma forma ruim, eu diria. Ele me faz querer levantar da cama mesmo que seja para tê-lo me irritando o dia inteiro com as suas colocações arrogantes, mas ao mesmo tempo interessantes. Ele me diz verdades, pai, ele gosta de mim como eu sou e quer me fazer bem, eu não preciso me fazer de burra e negar tudo que vejo. Ele tem sua forma particular de demonstrar preocupação e apreço, coisa que já entendi como funciona. Ele é estranho às vezes, mas eu gosto dele exatamente como ele é, pois Tristan também gosta de mim mesmo que eu ainda esteja machucada por conta de Max.

— Ele sabe sobre Max? — meu pai pergunta, parecendo um pouco assustado.

— Eu disse a ele tudo que se passou — sussurro, engolindo a seco. — Não tente afastá-lo de mim, por favor. Sou uma mulher crescida, pai, eu sei escolher o que é melhor ou não para mim, não preciso que você venha me dizer ou me influenciar a isso ou a qualquer outra coisa. Espero que aceite a minha escolha em conhecer Tristan, pois, mesmo que não aceite, eu não vou parar de fazer o que eu quero e o que me faz bem.

Meu pai passa as mãos pelo rosto, esfregando-o compulsivamente.

— Eu fico preocupado e não consigo evitar — grunhe, segurando a minha mão e apertando levemente. — Não sei muita coisa sobre Tristan, mas o que eu sei é assustador. Não por ele exatamente, não é ele quem me assusta, mas sim tudo que viveu e a forma como ele foi fodido na mente. Não sei que porra é essa que você e Parisa só escolhem homens mentalmente fodidos, mas com corações bons, para se relacionarem. Porra, não me leve a mal, filha, eu amo Trent e gosto de Tristan por sua firmeza, só que tudo isso me deixa louco de preocupação. — Respiro profundamente ao ter a certeza de que Tristan foi tão machucado que assusta o meu pai. Jake Cohen não se assusta com praticamente nada. — Eu não vou me meter nisso, fico feliz em vê-la reagir pela primeira vez depois que Max nos deixou. Acima de toda a minha preocupação, quero que seja feliz e eu vou aceitar se isso significa que você e Tristan estão se conhecendo e podem ficar juntos no futuro.

Suspiro, aliviada.

— Obrigada, pai. — Sorrio, trazendo a sua mão para perto e beijando o dorso. — Tristan está fazendo tanto por mim e talvez nem tenha noção disso. — Meu pai concorda com um aceno. — Posso te pedir algo, uma última coisa?

— Claro — retruca em um tiro.

— Será que eu posso viajar para o Circuito como parte da equipe? — Mordo o meu lábio inferior, temerosa com a sua resposta.

Estanho ou não, admito que não vou conseguir ficar longe de Tristan; eu não quero que isso aconteça.

— Você está falando sério? — pergunta, rindo nervosamente.

— Sim...

Papai para de rir e puxa a mão de volta, cruzando os braços.

— Poder você pode, mas acha que de fato essa é uma boa ideia? É o Circuito, filha. As lutas vão estar a todo vapor, a temporada será mais curta com a ausência de Trent, mas isso significa apenas que as lutas ocorrerão praticamente todos os dias e as viagens serão umas em cima das outras. Você já esteve lá e sabe como as coisas funcionam, mas dessa vez é diferente. Quem estará na linha de frente é você e não a sua irmã. Querendo ou não, as pessoas falam e vão falar de você com Tristan e...

— Estou bem com isso e estou certa do que eu quero, pai. Por favor, eu posso ir? — eu o interrompo, pois preciso de uma resposta.

— Sim — diz, coçando a barba em seu queixo. — Mas se algum dia você quiser voltar, basta um telefone e eu te trarei de volta, tudo bem? — Assinto, mas sei que nada disso será preciso.

Levanto-me e contorno a mesa, abraçando o meu pai com força.

— Obrigada, papai. — Beijo a sua bochecha.

— Tudo por você e por sua felicidade.

— Eu vou organizar os meus documentos e trago amanhã, certo? — aviso e ele assente. — Vou falar com Tristan agora.

Afasto-me do meu pai e pego a minha bolsa, porém ele me chama antes que eu saia do seu escritório.

— Tristan é novo na nossa “família” e eu não o conheço tanto quanto Trent, mas eu confio no cara, caso contrário ele não estaria aqui. Ele é alguém que amadureceu rapidamente e isso nunca é normal ou saudável para uma criança. Preciso que leve isso a sério e esse é apenas um último aviso de que as coisas podem ser exatamente como você **não** espera, tudo bem? Sei a mulher empática e sensível que você é, por isso devo te dizer que as coisas que ele passou talvez te choquem, mas é apenas passado. Se for fazer isso, faça com compromisso e o mesmo vale para Tristan. Não se abandonem quando mais precisarem um do outro, eu sei que você vai conseguir aguentar tudo, Pamella.

Concordo, curiosa para saber de tudo que o meu pai está falando, mas eu não me atrevo a perguntar. Se alguém tem que me contar, esse alguém é Tristan e não o papai.

Saio do escritório e vou até o ringue.

Minha mente está confusa pelas últimas coisas que escutei, mas eu esqueço rapidamente e me lembro de que estou indo para o Circuito com Tristan e os caras, o que me faz abrir um sorriso de forma imediata.

Tristan vai adorar saber disso e eu vou adorar lhe fazer uma surpresa.

Uma boa surpresa.

Subo no ringue, atraindo o seu olhar e empurrando Paul para fora do meu caminho.

— Está tudo bem? — Tristan pergunta.

— Maravilhosamente bem. — Sorrio e ele arqueia uma sobrancelha em desconfiança.

— Você contou para Jake?

— Sim — digo. — Ele não vai nos importunar com nada.

— Apenas a distância. — Bufa e eu seguro o riso.

— Isso são apenas detalhes, Tristan. — Reviro os olhos e lhe dou as costas.  
— Eu vou para casa encontrar com Florence e conversar com ela — aviso. — Mais tarde nós nos vemos.

Tristan me chama de volta, mas eu sigo com o meu plano para o resto do dia.

# CAPÍTULO 13.1

## DOCE PAMELLA

TRISTAN RIVERA

*Oh, eu acredito que há anjos entre nós, enviados até nós de algum lugar lá em cima. Eles vêm a você e a mim em nossas horas mais sombrias para nos mostrar como viver, para nos ensinar como dar, para nos guiar com a luz do amor,*  
— DEMI LOVATO, "ANGELS AMONG US"

Abro a porta do meu apartamento, sentindo o cheiro familiar da comida da minha mãe invadir os meus sentidos e mexer com o meu estômago vazio instantaneamente. Eu estou cheio de fome, principalmente depois do treino pesado que tive na academia. Acostumei-me a empurrar contra os meus limites e ultrapassá-los, e foi exatamente isso que eu fiz hoje.

Bato a porta e jogo a minha mochila no chão, sentindo mãos pequenas

deslizarem por cima da minha camisa e braços finos me abraçarem por trás. Esse tipo de toque me irrita, mas eu deixo porque sei exatamente de quem eles estão vindo.

Pamella Cohen.

— Finalmente você chegou — ela diz, colocando-se na minha frente e plantando as mãos nas minhas costas.

Eu respiro fundo, tentando esquecer os meus demônios e focar no anjo logo à minha frente. Ela cheira como o céu e tem um sorriso bonito como o inferno. Pamella está mudando tudo na minha cabeça, está me deixando confuso e completamente necessitado dela. O que antes eu classificava como atração sexual e necessidade de tê-la em minha cama, tornou-se completamente diferente.

Esse é mais um dos casos onde o feitiço se vira contra o feiticeiro.

Talvez tenha sido o fato de ela ter falado de suas dores para mim ou o fato dela realmente me dar todo o doce do mundo, eu ainda tenho as minhas dúvidas, mas simplesmente não consigo tirá-la da minha cabeça.

— E você está aqui — retruco, segurando uma mecha do seu cabelo escuro e colocando atrás de sua orelha. — O que está fazendo aqui? — indago.

— Eu disse que viria ver Florence. — Dá de ombros, enquanto as bochechas adquirem um tom avermelhado.

Isso.

Eu esqueci desse detalhe.

— Ela está em casa?

Pamella revira os olhos, parecendo adoravelmente irritada com a minha pergunta idiota, mas eu só quero ouvir um pouco mais de sua voz.

— Você acha que eu invadi o seu apartamento? É claro que a sua mãe está em casa, Tristan. — Ela tenta se afastar, mas eu a seguro firmemente, enquanto dou uma risada baixa de sua resposta. — Nós fizemos o jantar. Eu cortei algumas coisas, já que não sou a melhor na cozinha, porém consegui ajudar a sua mãe em alguma coisa.

Pamella ajudou no jantar?

A única coisa que consigo pensar é nela nua caminhando pela cozinha e tentando cozinhar, enquanto se suja em tudo que toca.

— Você está duro? — pergunta, rindo divertida.

Porra.

Eu estou.

— Minha imaginação é muito fértil às vezes.

— A minha também, mas nós mulheres felizmente temos vantagem sobre os homens quando se trata de excitação. A menos que sua mão entre na minha calcinha, você não saberá se isso aqui está ou não me excitando.

Balanço a minha cabeça negativamente, cada vez mais torturado por minha própria mente, enquanto tento focar nas palavras da doce Pamella à minha frente.

— Você está errada — digo. — Suas bochechas avermelhadas denunciam que você está afetada. Se você estivesse sem sutiã e usando apenas uma camiseta, os seus mamilos enrijecidos também a denunciariam, assim como a forma que você senta e aperta as pernas umas nas outras para encontrar alívio. Checar sua calcinha é o último estágio, babe, eu consigo ver através de você e sei que está tão excitada quanto eu.

— Babe? — sussurra.

— De tudo que eu disse você só escutou isso? — Não consigo evitar a minha risada e Pamella me acompanha, com as bochechas ainda mais coradas.

— Sim... — Traz uma das mãos até o meu rosto e me fita dentro dos olhos até o nosso riso se perder. — Você não acha que está na hora de aparar um pouco a barba? Não tirar completamente, mas só um pouco...

— Eu gosto dela assim — digo.

Na verdade, eu não gosto tanto quanto deveria, mas eu preciso da barba para me sentir menos quebrado, menos como uma aberração.

— Só um pouco, Tristan — Pamella insiste.

Eu tiro os seus braços de mim e me afasto dela.

— Pare — pontuo duramente. — Eu vou tomar banho — completo antes que eu deixe mais merda sair da minha boca.

Deixo Pamella na sala e passo por minha mãe, que exhibe um sorriso caloroso ao entrar no cômodo, mas não ganha um de volta. Vou direto para o banheiro que fica dentro do meu quarto e tiro a minha roupa rapidamente. Estou de cabeça quente, dividido entre o passado e o presente. Não há uma explicação certa para o quanto os dois me afetam. Tudo no meu passado é incômodo, é uma ferida aberta sobre a minha pele. Mas então tem Pamella e ela se apresenta como o meu presente...

Ligo o chuveiro e coloco-me debaixo da água gelada.

Pamella Cohen.

Ela me faz querer ser melhor, faz-me querer colocar um ponto final em tudo

que eu passei, mas é impossível fazer isso enquanto a justiça não for feita. Não por causa de mim, mas por minha mãe. Tudo que ela passou nas mãos daquele monstro, todas as expectativas que eu sei que ela criava quando ele se apresentava como alguém digno de tê-la. Não... Ele nunca seria digno de ter a minha mãe ao seu lado.

George é um monstro de terno e gravata, e esse é o pior de monstro que alguém pode ter em sua vida.

Esfrego o meu couro cabeludo para tentar afastar os pensamentos ruins e as memórias assombrosas para longe. A água gelada surte efeito sobre mim e começa a me acalmar lentamente, mas eu não demoro no meu banho.

Enrolo a toalha ao redor do meu quadril e jogo a minha roupa suja na cesta. Saio do banheiro, caminhando direto até o meu guarda-roupas e visto-me rapidamente com uma boxer e calça preta. Seco o excesso de água em meu cabelo e jogo a toalha em qualquer lugar, deixando o meu quarto à procura de Pamella.

Entro na sala de estar e a encontro conversando animada com a minha mãe. Eu poderia me acostumar com noites assim, por mais que a minha mente clame por adrenalina, bebida e brigas. Elas duas, Pamella e a minha mãe, dão-me paz e o único problema é que eu odeio a paz. Ela sempre dura pouco e eu quero que essas duas mulheres sejam eternas na minha vida.

Aproximo-me delas quietamente, mas no meio do caminho ambas já estão de olho em mim. Tomo o meu lugar ao lado de Pamella e passo um dos meus braços por seus ombros magros.

— Eu vou checar a comida — minha mãe diz de forma desnecessária e sai da sala antes de esperar uma resposta minha ou de Pamella.

— Eu não fiz nada — digo, antes que ela possa me acusar de qualquer coisa.

— E eu não falei nada, Tristan — retruca. Pamella levanta o rosto e vira para me encarar. — Não quis te deixar irritado com o meu pedido. Você entende isso, certo? — indaga e eu respiro profundamente, mas assinto. — Sinto muito por ser insistente.

— Está tudo bem, não pense sobre isso — replico e colo os meus lábios em sua bochecha. Deslizo minha boca por todo o seu rosto, pressionando beijos curtos por sua pele até que a minha boca paire sobre a sua. — Eu sei que você merece mais, Pamella, mas eu só posso te dar isso por enquanto.

— É o suficiente, Tristan — diz.

Pamella empurra os lábios duramente contra os meus e me beija com



certeza, mostrando-me o quão sério ela está falando comigo. Posso ser o suficiente agora, contudo o que eu estou dando a ela não vai ser o suficiente daqui semanas. Não quero perder o meu anjo, mas não vejo como posso melhorar para mantê-la comigo.

# CAPÍTULO 14

## CIRCUITO

PAMELLA COHEN

*Seu amor é a minha página virada, onde apenas as palavras mais doces permanecem. Cada beijo é uma linha cursiva, cada toque é uma frase redefinida.*  
— SLEEPING AT LAST, "TURNING PAGE"

Deslizo para fora do banco em frente ao balcão e pego Serena em meus braços, enquanto ainda me recupero da crise de riso que tive com a minha irmã minutos atrás.

Hoje é um dia especial.

Quero dizer, todo começo de temporada no Circuito sempre foi muito especial, mas dessa vez tem um gosto diferente e eu não preciso nomear nenhum

dos motivos por trás disso. É óbvio que é tudo sobre Tristan. Ultimamente tudo tem sido sobre ele, sem mas ou porém, e eu não me incomodo nem um pouco das coisas serem assim. Nossa relação tem sido um desafio para mim. Tristan tem seus momentos ruins, ele se esconde dentro de si mesmo e foge de mim, mas eu entendo o que é isso, pois eu fazia o mesmo meses atrás. A diferença é que ele entrou na minha vida e está virando-a de cabeça para baixo, está fazendo-me sair do confortável para lutar outra vez por minha felicidade e eu só terei felicidade novamente se for com Tristan. Eu nunca gostei de complicar as coisas quando se trata de relacionamentos amorosos. Eu sei o que eu sinto e sei que eu estou caída por aquele homem. Caída de forma que não há mais caminho de volta e eu não quero voltar para a mesma miséria emocional de antes.

— Então, você vai mesmo com Tristan? — Trent pergunta, entrando na cozinha com Bryan nos braços.

Assinto prontamente.

— Eu vou. — Dou de ombros, beijando o topo da cabeça de Serena e balançando-a nos meus braços enquanto caminho pela cozinha.

— Acha que isso é uma boa ideia? Um passo certo?

Respiro fundo e encaro o meu cunhado.

— Você acha que não? — replico, observando a minha irmã abraçar Trent pela cintura e me lançar um olhar doce.

Doce e Parisa não combinam, mas eu posso garantir que o olhar dela é muito doce.

— Não cabe a mim falar algo sobre essa situação, mas eu me preocupo — confessa. — Max era como o meu irmão e eu sei que ele gostaria que eu cuidasse de você da mesma forma que ele sempre cuidou de Parisa para mim. Me sinto responsável de alguma forma...

— Eu sei... — resmungo. — Entretanto, não se preocupe tanto e isso vale para vocês dois. Eu sei como o lutador pode ser difícil, mas Tristan está me fazendo feliz e ele cuida de mim mesmo que seja da forma estranha dele. Eu não esqueci Max, ele continua sendo único na minha vida, mas Tristan está aqui e eu preciso viver. Tristan é o meu presente e eu estou pronta para lutar por nosso futuro ainda que eu não saiba o que nos espera daqui uma hora. Eu sinto que devo fazer isso, entende? Sinto que devo ir e não me afastar dele e é exatamente isso que eu vou fazer.

— Eu gosto da sua segurança — minha irmã diz assim que eu me calo. — Se eu tivesse toda essa segurança quando eu e Trent atingimos o caos, talvez as coisas tivessem sido diferentes para todos nós...

— Não se lamente por isso — replico rapidamente, ainda embalando Serena. — Não podemos mudar o passado, Parisa, isso é irreparável. Temos que nos contentar com o que temos no presente e isso aqui é incrível! Olhe: Trent, Bryan e Serena. Uma família, Parisa. Apesar do caminho que todos nós tomamos até o dia de hoje, você tem uma família e é nisso que deve focar. É no futuro que vocês dois têm que se preocupar.

— Você está certa. — Seu sorriso aumenta e ela se aproxima de mim. — Eu estou feliz que Tristan está conseguindo trazê-la de volta para nós. Vocês dois têm problemas e feridas, mas o tempo vai tratar de colocar tudo no lugar. — Parisa me abraça, beijando Serena e depois plantando um beijo em minhas bochechas. — Eu senti a sua falta.

Sorrio de volta, sentindo os meus olhos arderem com lágrimas.

— Eu senti falta de todos vocês e, claro, de mim também.

— Por mais que você tenha deixado Tristan por dentro de tudo, eu ainda preciso ter uma conversa com ele, você sabe, certo? — Reviro os olhos. — Pam, ele precisa saber que paus não têm conserto tão bom quanto uma cara quebrada...

— Pare com isso — aviso, entregando-lhe Serena nos braços. — Ele não vai me machucar e você não vai precisar ir arrancar as partes baixas dele. — Parisa ri da careta que faço no instante em que penso realmente sobre a sua ameaça. — Agora eu preciso ir — informo. — Tenho que terminar de arrumar minhas malas e preciso passar em um lugar antes de ir para casa.

— Tudo bem, babe. Nós vemos à noite — diz, entregando-me a minha bolsa.

Aceno positivamente com a cabeça e beijo a sua bochecha em despedida. Aproximo-me de Trent e faço o mesmo com ele e Bryan.

— Não precisa se sentir responsável por mim, cunhadinho. Max apreciaria o seu ato, mas eu estou e eu vou ficar bem. Tudo que acontecer entre Tristan e eu é apenas de nossa conta. — Pisco para Trent e ele pisca de volta, mostrando que entendeu o meu recado.

Agora eu realmente preciso passar em um lugar antes de me preparar para o resto do dia...



É incrível como ainda tenho a mesma sensação de vazio ao me aproximar desse lugar. Aperto o meu sobretudo grosso ao redor do meu corpo e respiro o ar gelado, encontrando certa dificuldade para realizar esse simples ato. Bato a porta do meu carro, empurrando a chave para dentro do bolso do meu jeans e pegando as rosas que coloquei no teto do carro apenas durante esse curto momento em que ajustei minha roupa. Seguro as rosas brancas contra o meu corpo e caminho tremulamente em cima do meu salto alto.

A última vez que vim para esse lugar, foi para me despedir fisicamente de Max. Hoje é um dia diferente, uma dor diferente e uma luta mais intensa, mas eu estou pronta para isso. Eu nunca imaginei ser capaz de fazer o que eu estou prestes a fazer, porém, é hora de deixar Max ir completamente.

Paro em frente ao seu túmulo e agacho-me ali, depositando as rosas com cuidado no lugar bem cuidado. Os pais de Max devem vir semanalmente trocar as flores e cuidar da manutenção, pois não há outra explicação para a beleza mórbida que o seu túmulo carrega.

É belo. Tristemente belo, e isso comprime o meu coração dentro do meu peito.

Pigarreio para limpar a minha garganta antes de começar a falar com o vento. Quero dizer, não realmente com o vento, mas quem passar por aqui certamente tirará essa conclusão. Estou aqui para falar com Max. Depois de anos, voltei até o lugar que sempre me neguei a acreditar que o seu corpo está descansando. Não é minha culpa... O problema é que eu nunca aceitei sua morte, então o cemitério sempre foi uma barreira impossível de ser superada. Impossível até agora. Impossível até eu conhecer Tristan Rivera.

— Max... — Resmungo, ajoelhando-me no cimento duro, mas isso não me incomoda. — Max, meu amor... — continuo, contornando com o meu indicador o seu nome marcado na lápide fria. — Eu não sei como começar a falar com você. Sempre foi tão fácil, não é mesmo? Sempre foi tão fácil para nós dois nos comunicarmos, raramente tínhamos problemas e quando tínhamos, resolvíamos com facilidade. Éramos tão... *perfeitos*. — Sorrio, divagando sobre nós dois ao mesmo passo que sinto os meus olhos começarem a acumular lágrimas. — Foi

difícil chegar até esse ponto. Foi difícil decidir que era momento de encarar a minha realidade sem você fisicamente presente. Foi difícil encarar o fato de que você realmente havia partido. Contudo, esse momento chegou. Eu nunca imaginei ser capaz de superar tal fato, mas aconteceu e eu sei que você sabe disso melhor do que eu. Você sempre esteve presente nos meus sonhos, quase nunca falando, mas indicando que era meu momento de seguir em frente. De alguma forma eu sinto que te preendi aqui e eu sinto muito por meu egoísmo, Max, mas eu fiquei tão dependente de você que escolhi acreditar que você ainda estava comigo, mesmo quando não estava mais. — Engulo um soluço rebelde e enxugo as lágrimas que escorregam por minhas bochechas.

Um vento quente me abraça, parecendo estranho pelo fato do tempo estar nublado, mas eu sei que é ele. Cruzo os meus braços sem deixar de sorrir por nem mesmo um segundo e fecho os meus olhos, sentindo esse momento latejar dentro do meu mais profundo ser.

— Eu conheci um homem. Acredito que você sabe de quem se trata, afinal, naquele sonho você apontou o meu caminho até ele. As coisas aconteceram, Max, mesmo eu não querendo e me privando, elas aconteceram — confesso. — Estou feliz com Tristan. Ele é diferente de você de uma forma absurda. Não há nada, absolutamente nada semelhante entre vocês dois e essa é a melhor coisa entre mim, ele e até mesmo você. Max, você foi e ainda é um dos melhores homens na minha vida. Eu vou te amar hoje e sempre, eu prometo, mas... — Suspiro, deixando a imagem de Tristan aparecer na minha mente. Ele sorrindo para mim, ele me beijando, ele irritado, ele indiferente... Tristan e suas mil e uma faces. O *meu* Tristan. — Mas agora o meu coração é de outro homem. O meu coração pertence a Tristan Rivera. Você ainda tem o seu espaço na minha vida, espaço que ninguém nunca vai ser capaz de tomar, mas eu reaprendi a amar e achei um amor intenso, um amor que eu nunca vivi antes e que com certeza é o que me completa, o que me reconstrói e o que me faz querer acordar todos os dias. Um amor que é complicado, Max, mas é o amor que eu não vou deixar partir em nenhuma hipótese. Eu fui o seu amor e você foi o meu amor, mas Tristan é o meu **grande** amor, aquele que acontece uma vez em um milhão. Tristan aconteceu. Ele apareceu e ele fez eu me apaixonar até mesmo por sua pior parte. Da mesma forma que eu estou certa de que tenho que ser feliz, também estou certa de que amo aquele lutador e eu precisei vir até aqui para te falar isso e me despedir de você. — Abro os meus olhos, sentindo o frio começar a tomar conta do ar quente ao meu redor. Uma onda de vento beija meu rosto e meu sorriso explode, assim como os meus batimentos cardíacos. — Adeus, Max — sussurro por fim.

Longos minutos se passam até eu absorver esse momento. Eu lhe disse adeus. Eu finalmente o deixei ir e eu sei que agora ele foi.

Levanto-me no chão com dificuldade e passo minhas mãos pelo meu joelho para tirar a sujeira da terra úmida dali. Meu coração antes pesado, agora está mais leve do que uma pluma.

Eu finalmente me libertei das tormentas do passado e estou mais do que pronta para me entregar toda e completamente para Tristan.



Coloco uma mecha do meu cabelo para trás da orelha e checo-me uma última vez na frente do espelho. Sim, eu poderia ter abusado um pouco mais na maquiagem ou na escolha de outro tipo de roupa, mas o que eu escolhi foi para me manter segura. Toda mulher pode e deve se vestir da forma que bem desejar, minha mãe sempre me ensinou isso, mas a minha escolha já foi acertada de forma mais que racional. Se tem uma coisa que aprendi depois de tanto acompanhar os caras durante o Circuito, é que sempre vai ter um idiota para mexer com você e hoje eu não quero ser importunada. Hoje eu quero manter os meus olhos apenas em Tristan e quero mais ainda que ninguém se atreva a tirar a minha atenção dele.

Jeans de cintura alta, camiseta preta e tênis é o suficiente, eu tenho certeza. Menos é mais. Menos me faz parecer ainda mais bonita do que eu sou quando estou completamente "produzida". Balanço a minha cabeça, que faz meu cabelo ir de um lado para o outro por estar preso firmemente logo no topo, e penduro a minha bolsa no meu ombro.

Sem mais delongas, deixo o meu quarto e sigo até a porta de entrada. Dou uma última olhada nas minhas malas e saio do apartamento, tranco a porta e logo dou de cara com Florence. Ela sorri para mim e eu sorrio de volta, abraçando-lhe rapidamente em cumprimento.

— Você está ansiosa? — ela pergunta e eu solto um suspiro, enquanto seguimos juntas até o elevador.

— Eu acho que nunca estive tão ansiosa em toda a minha vida — confesso, dando uma risada um tanto envergonhada.

— Eu também estou muito ansiosa, querida... — resmunga. Deixo-lhe entrar no elevador antes de mim e tomo um lugar ao seu lado, apertando o botão do térreo. — Ainda me assusto ao vê-lo nessas lutas, por mais que eu não tenha ido a muitas delas...

— Por que se assusta tanto? — indago, curiosa sobre a forma como Florence fala e começa a encolher os ombros.

— É um assunto complicado e eu tenho certeza que Tristan vai te falar quando ele estiver se sentindo confiante para isso.

E então a minha curiosidade aperta dentro de mim.

É ridículo ser tão curiosa sobre alguém quando essa pessoa não lhe diz nada, não lhe dá uma pista ou um aperitivo de tudo que guarda dentro de si. Entretanto, a palavra-chave para a minha situação e de Tristan se chama paciência e isso eu tenho de sobra.

— Tudo bem. — Forço e alargo o meu sorriso, abraçando Florence de lado mais uma vez e guiando-a para fora do elevador assim que a porta se abre.

Passamos pelo recepcionista do prédio e logo consigo avistar Mike e Lucas nos esperando enquanto parecem ter uma conversa acalorada.

— Aqueles ali são os dois que vão nos levar para o Circuito — digo a Florence, que fita Mike e Lucas e assente. — Eles são parte da equipe de Tristan e, bom... não ligue para o tanto de besteira que pode sair da boca deles. É assustadoramente incrível o quão idiota eles conseguem ser.

Assim que eu me calo, nós duas paramos em frente à dupla dinâmica.

— Olá, rapazes — Florence diz com o seu sotaque espanhol agradável.

— *Por Díos y mi madre...* Não sabia que a mãe do garotão era uma MI...

— Não se atreva a completar isso, Mike — rosno, segurando a minha risada para parecer o mais séria possível.

— Milagrosa mulher. Isso era o que eu ia dizer. — Revira os olhos, fazendo-se de cínico.

— Milagrosa mesmo — Lucas completa, sorrindo de lado.

Não importa quem seja, eles sempre vão jogar charme para cima de qualquer pessoa que esteja vestida de saia e calçando salto alto.

Florence sorri envergonhada, claramente nada acostumada a ouvir coisas desse tipo. Entrelaço nossos braços e a puxo comigo, balançando a minha cabeça negativamente para os caras enquanto nos deslocamos porta afora. Assim que estamos descendo a escada, Jaz entra em nosso campo de visão. Florence aperta o braço no meu, fazendo-me fitá-la.



Eles já se conhecem?

O que está havendo?

— Tudo bem? — sussurro e Florence parece acordar, afrouxando o seu aperto.

— Tudo — sussurra de volta, mas o seu sussurro é muito mais fraco do que eu esperava ouvir ou do que ela gostaria de me passar.

Florence me encara e sorri, mas isso não é suficiente para me assegurar de sua confiança. Na verdade, ela está uma pilha de nervos e essa é a única coisa que eu consigo sentir vindo de sua direção.

Escuto os caras virem logo atrás de nós e então paramos na frente de Jaz.

— Ei, Jaz. Tudo bem? — Sorrio para ele.

— Tudo, senhorita Cohen, e com você? — retruca, tentando apenas me fitar, mas parece difícil para ele.

— Eu estou ansiosa pra caramba — replico.

— E eu sinto muito em quebrar esse bate-papo, mas a abertura do Circuito não vai nos esperar — Lucas zomba, passando os braços por meu ombro e pelo ombro de Florence. — Podemos?

— Claro que sim. — Eu o empurro para longe, semicerrando os olhos. — Florence vai na frente com Jaz e nós três vamos atrás — aviso. — Temos que ter uma conversa séria, rapazes.

Mike e Lucas seguram a risada, provavelmente pensando que eu estou brincando. Uma pena eu não estar usando salto alto hoje, pois eu adoraria enfiá-los nos olhos desses dois idiotas.

Espero Florence entrar e Jaz fazer o mesmo do outro lado. Abro a porta e aponto para Lucas, indicando-lhe o que ele deve fazer. No momento em que nós três estamos no banco traseiro, Jaz dá início ao nosso percurso.

— Vocês sabem que Tristan vai fazê-los engolir toda essa merda sobre Florence, certo? — indago e os dois começam a rir. Eu acerto cada um com uma cotovelada e eles cortam a risada para tossirem. — Vão continuar brincando?

— Porra, Pamella, assim como você disse, era só uma brincadeira — Mike reclama e eu arqueio a sobancelha para ele. — Bom, brincadeira em parte... — Ele sorri de forma safada. — Eu tenho uma queda por coroas, até a sua mãe está na minha lista. — Dá de ombros.

Mike é impossível.

— Você vai me fazer vomitar, Mike.

Ele ri alto com Lucas e se aproxima de mim.

— Eu estou apenas brincando e agora é 100% verdade, tudo bem? Não vomite em cima de mim, linda.

— Estúpido... — resmungo.

Nós ficamos em silêncio por alguns segundos até Lucas se aproximar assim como Mike.

— Você está de rolo com o Killian? — Lucas indaga.

— Depende do que você classifica como rolo — rebato.

— Namoro? — Mike continua.

— Não — apresso-me em negar. — Não namoramos, apenas estamos nos conhecendo melhor, eu diria.

— Ao menos vocês assumem, certo? Parisa e Trent pareciam fazer parte daqueles filmes fodidos do Nicholas Sparks... Drama, drama, drama e, para variar, drama com vai e volta.

Gargalho com Lucas da colocação de Mike, tentando que concordar em parte com o que ele diz.

— Não fale assim deles — digo. — Cada um tem um jeito de lidar com as coisas, sabe? Trent e Parisa são fogo **no** fogo, parece que não muda nada quando se misturam, mas a chama só vai ficando mais forte. Eles inflamaram e tudo de externo que veio para a relação dos dois foram litros de gasolina que eram adicionados aos poucos até eles se queimarem... queimarem com aquilo de que eles eram e são feitos: *fogo*. Pensemos no hoje: eles estão bem, concordam?

— Você sempre defende eles dois... — Lucas aponta e eu dou de ombros.

— É a minha irmã gêmea, Lucas. Se alguém pode reclamar dela, esse alguém sou eu. É uma regra de irmãos. — Cruzo os braços e deixo o meu olhar ir de um para o outro. — Aliás, eu estou indo para o Circuito com vocês, então peguem leve. Não quero ter que matar nenhum dos dois.

— Você vai? — Mike indaga, surpreso.

— Sim, mas não digam para Tristan, ele ainda não sabe.

— E você ainda tem coragem de dizer que não estão namorando? — continua, fingindo indignação.

— Não estamos namorando — afirmo, convicta.

— E você vai acompanhá-lo? Não venha com desculpas, porque sabemos que está indo por ele.

— Eu não inventaria nenhuma desculpa. — Bufo. — E eu não estou indo apenas por ele, mas por nós dois. Não quero me afastar de Tristan, ele me faz bem e eu quero ter isso.

— Isso? — Lucas sorri.

— Nós.

— Então existe um "nós" e vocês ainda não estão namorando? — Mike pergunta, segurando o riso.

— Vocês vão me deixar louca se continuarem repetindo e fazendo com que andemos em círculos nessa conversa.

— Eu só acho que ele deveria se apressar. — Dá de ombros.

— As coisas serão no nosso tempo — retruco para os dois.

Jaz para o carro e eu agradeço mentalmente por isso. Não aguento mais ter que lidar com os jogos mentais que Lucas e Mike estão fazendo comigo. Nós todos saímos do carro, instantaneamente nos misturando com o público que ainda vai entrar no local. Entrelaço o meu braço mais uma vez no de Florence e Jaz toma a nossa frente, acenando com a cabeça para que o sigamos. Lucas e Mike resmungam nas nossas costas algumas piadas infames, fora isso, não há nada de extraordinário ao nosso redor.

Passamos pelas pessoas e eu posso escutar de perto a animação de cada uma delas, assim como a sua indecisão para quem torcer. Killian é o nome que mais sai da boca de todos, combinado com o nome Furor e Akil. Pelo que bem percebi, Akil é o maior adversário que Killian vai pegar na temporada. Eu já o vi lutar nas outras temporadas e ele é, de fato, muito bom, mas nunca foi bom o suficiente para derrubar Trent. Ainda assim, Akil sempre esteve no top 3 de lutadores do Circuito. Porém, acima de tudo isso, Tristan é bom e eu posso testificar que não há nada que ele faça que seja ruim.

Levamos longos minutos até entrarmos na arena pelos bastidores. Jaz, como sempre, abrindo caminho com sua passagem livre pelos locais. Ganhamos crachás com os nossos nomes e bilhetes para assentos na área destinada à equipe de Tristan. Solto o braço de Florence ao localizar a minha irmã e Trent conversando com papai e Elise. Abro um sorriso instantâneo por vê-los aqui, mesmo que não seja nenhuma surpresa.

— Ei, pessoal — digo, abraçando de um a um até parar na minha irmã.

Parisa sorri de lado, parecendo nervosa.

— Não se assuste com ele, tudo bem? — sussurra.

— Parisa — Trent a repreende.

— Eu me assustei, Trent, não venha me repreender por avisar a minha irmã — cospe de volta, praticamente iniciando uma briga.

— Do que estão falando? — indago, completamente confusa.

— Tristan, é claro. — Minha irmã revira os olhos. — Desculpa, é só que eu sei como você é sensível e eu só quero lhe dizer que...

— Ela não é uma criança, Parisa — Trent volta a se infiltrar em nossa conversa.

— Onde Tristan está? — questiono, começando a ficar nervosa com a conversa dos dois.

Trent indica com a cabeça para a porta que está logo à nossa frente. Em menos de dois segundos, Paul abre e sai, fitando a todos nós, porém principalmente a mim.

— Podem entrar, já fizemos o aquecimento e faltam apenas cinco minutos para o início das lutas — Paul sentencia e todos começam a entrar na sala até mesmo antes de mim. Deixo que passem e vou me aproximando devagar, parando perto da porta para falar com Paul. — Animada? — ele pergunta.

— O que está acontecendo? — Arqueio a sobrancelha.

— Bom, Tristan apenas apareceu com um "adereço" a mais para parecer mais assustador...

— Adereço? — Franzo o cenho.

— Melhor que veja com os próprios olhos.

Puxo uma respiração profunda e aceno positivamente para o meu amigo. Entro na sala, varrendo o local com o meu olhar e achando Tristan no canto da sala. Ele está sentado no sofá preto de couro, que praticamente se camufla nas paredes também de cor preta, com uma das mãos sobre a sua bochecha esquerda. Ele parece confortável, livre e... bom, eu realmente estou assustada. Ontem conversamos sobre isso e hoje ele está simplesmente sem barba. Absolutamente nada.

— Essa é a coisa assustadora? — pergunto a Paul em um sussurro ao virar meu rosto para trás e fitá-lo.

— Seria interessante se tentasse outra vez.

Dito isso, volto a encarar Tristan, dessa vez entendendo o que todos estão falando sobre. Com a sua mão fora do rosto, posso ver como sua pele lisa do rosto é marcada com uma longa cicatriz. Assusta-me. Não somente o fato de ele ter uma cicatriz no rosto, mas o fato dele estar sem barba e mostrar isso para todo mundo. Aproximo-me de Tristan em passos curtos, o que lhe dá tempo de colocar-se de pé e me encontrar no meio do caminho.

— Todos fora — ordena e todos saem da sala mesmo que tenham acabado de entrar e ficado por apenas questão de segundos.

— Cinco minutos, Tristan — Paul avisa ao fechar a porta atrás de si e nos deixar sozinhos.

Inclino o meu rosto para cima, piscando repetidas vezes para me certificar de que isso de fato está acontecendo.

Ele é...

— Um monstro — Tristan sussurra.

Seus olhos têm tempestades horríveis perpassando em seu interior e tudo que posso tentar que oferecer é maresia calma.

— Um anjo — o corrijo.

Os meus olhos lacrimejam porque sem qualquer dúvida eu nunca vi algo tão bonito em toda a minha vida.

— Não deveria se atrever a manchar essa palavra ao direcioná-la para mim, Pamella Cohen. Você é o único anjo nessa sala, o meu anjo.

Eu amo o seu rosto.

Eu amo os seus traços.

Eu amo as suas cicatrizes.

Eu simplesmente amo todas as pequenas coisas em Tristan.

— Um anjo caído que está à procura de sua redenção, de sua paz, de ser feliz. Um anjo caído que acha que não merece amor, compaixão, carinho, mas necessita disso como qualquer outro ser. Um anjo caído que tem as suas cicatrizes, mas não deixa de ser estupidamente bonito por causa disso. — Levo a minha mão até sua bochecha esquerda e acaricio o lugar com cuidado, sentindo a textura lista daquela marca, enquanto Tristan treme sobre suas pernas fortes. — Você é tão bonito que chega a doer dentro de mim, Tristan. Eu amo o que você é e eu amo o que você está se tornando para mim.

— Você está com medo? — pergunta, sua voz completamente trêmula e cheia de incerteza.

— Não. — Sorrio abertamente e fico na ponta dos pés para chegar perto do seu rosto. — Eu não tenho medo de você, Tristan. Você está seguro comigo...

Ele finalmente entorta os lábios em um sorriso pequeno e sem jeito.

— Eu que deveria dizer isso — afirma.

Sorrio de volta, observando-o inclinar o rosto para perto do meu e pressionar os lábios demoradamente em minha bochecha.

— Você precisa ouvir isso mais do que eu, Tristan. — Ele passeia por meu rosto como sempre o faz, beijando por todo lado. Quando ele paira a boca sobre a minha, o impeço de selar nossos lábios. — É a minha vez — sussurro.

Seu olhar suaviza e os seus ombros caem ao me aceitar. Sem querer soar estúpida ou maldosa, mas Tristan acabou de fazer exatamente como cães machucados pelos donos em que confiaram um dia fazem. Sabe, aqueles extremamente raivosos e que precisam ser cuidados com calma e paciência, conquistados aos poucos até que possam se deixar desfrutar de alegria e felicidade novamente? Essa foi a imagem que ele acabou de me passar e isso fez muitas dúvidas se instalarem em minha mente.

Em quem ele confiou tanto que no final o apunhalou pelas costas?

Deixo os pensamentos sumirem e começo depositando um beijo em seu queixo, deliciando-me com a sua pele lisa e o cheiro agradável de loção para barbear que ele provavelmente usou mais cedo. Meus lábios deslizam por sua pele com calma e eu o aprecio da mesma forma que ele faz comigo. Eu aprecio Tristan porque ele merece ser apreciado por ser quem ele é: um homem forte, difícil de lidar, mas que merece o melhor do mundo, merece o melhor de todo mundo, principalmente de mim.

— Doce... Pamella... — resmunga no instante em que a minha boca paira sobre a sua cicatriz.

Beijo aquele lugar que Tristan veio escondendo das pessoas por não sei quantos anos. Assim como ele treme, eu também o faço. É um momento importante para nós dois. Sinto como se estivéssemos nos conectando, entrelaçando, emaranhando de forma que voltar para o início de tudo não é mais opção para nenhum de nós. Eu não quero voltar, eu não quero nada que não seja Tristan. Apenas desejo me afundar nesse sentimento tão bom e revigorante que faz a minha alma vibrar e sacudir no meu interior.

Minha boca corre por seu rosto anguloso e firme, cheio de linhas másculas. Ele tem um belo maxilar. Tristan é como uma pintura abstrata que apenas um pequenino grupo de pessoas têm inteligência o suficiente para apreciar. De todos os traços que imaginei estarem escondidos debaixo da barba, nunca me aproximei a tamanha perfeição.

— Você é tão bonito, Tristan... — sussurro, finalmente selando os nossos lábios. Minha respiração se mistura com a sua, enquanto ele me abraça pela cintura como se estivesse me proibindo de fugir de perto dele. — Tão bonito...

Ele grunhe para mim.

Batidas soam através da porta e eu sei que é Paul não querendo nos interromper, mas nos alertando sobre o tempo.

— Você está me fodendo, Pamella. Você realmente está me fodendo na cabeça. Eu tento não pensar em você, mas eu te vejo em tudo. Em meus sonhos

eu te vejo nua na minha cama e você é tão angelical, você é tão minha que não parece real. Eu quero que seja real, eu quero que seja para sempre, pois você é a única pessoa que já me fez pensar dessa forma. Eu quero que seja para sempre, Pamella Cohen.

— Você está fazendo parecer difícil respirar nesse exato momento — sussurro de volta enquanto absorvo as suas palavras.

Ele disse que quer que seja para sempre.

Tristan me quer tanto quanto eu o quero.

Tristan me ama tanto quanto eu o amo.

— Diga que vamos ser para sempre, mesmo que essa seja a porra mais clichê do mundo.

Sorrio, enquanto ele leva o rosto até a curva do meu pescoço e inspira o meu cheiro.

— Nós vamos ser para sempre, mesmo que essa seja a porra mais clichê do mundo e mesmo que o para sempre seja relativo. Vamos ser para sempre, Tristan, pois eu te quero e eu te desejo *para sempre*.

— Merda — resmunga, soando satisfeito. Tristan endireita o rosto e nós nos encaramos sem desvio. — Vamos ter sexo depois que eu acabar com todo mundo no ringue? — indaga.

— Se você estiver inteiro para disputar o último round na minha cama, contra a sua maior oponente, digamos que sim, teremos sexo depois que você acabar com todo mundo no ringue e fazer de mim a mulher mais orgulhosa por torcer pelo atleta certo.

Nós rimos cinco segundos mais tarde.

— Minha maior oponente é a sua boceta? — Ele arqueia a sobrancelha, fazendo as minhas bochechas esquentarem com a sua colocação. — Eu diria que é o meu maior prêmio, meu anjo...

— É melhor pararmos por aqui antes que eu te faça ser jogado para fora do Circuito por não comparecer às lutas. — Tristan ri da minha feição afetada por conta do que ele disse.

Paul bate outra vez na porta, mas dessa vez ele entra.

— Está na hora, cara. Vamos, sem mais tempo, vocês terão isso no final da noite.

Tristan para de sorrir e inclina o rosto para perto do meu.

— Deseje-me sorte mesmo que eu não precise disso — pede em um murmúrio.

— Eu te desejo toda sorte do mundo, Rivera.

Selo os nossos lábios superficialmente e sou obrigada por minha consciência a soltá-lo. Eu o observo vestir uma capa completamente preta, subindo o capuz e quase se escondendo ali dentro. Tristan segura a minha mão e me puxa pelo caminho com ele. Sorrio, feliz por estar o acompanhando em um momento tão importante.

Passamos por nossos familiares e pela equipe, e todos começam a nos seguir. Vamos todos até um ponto em comum. Tristan para e me beija uma última vez, sussurrando em meu ouvido um “Usted es mi Dulce Pamella” com sua voz rouca e um sotaque tão espanhol quanto o de sua mãe.

O que isso significa?

Eu não faço a mínima ideia, afinal, nunca fui boa em espanhol, mas no final da noite eu farei questão de lhe perguntar o que ele murmurou para mim e vou pedir para ele repetir por uma dezena de vezes, pois tenho certeza de que nunca ouvi nada tão agradável em toda a minha existência.



# CAPÍTULO 14.1

## LUTAS INTERNAS MACHUCAM MAIS

TRISTAN RIVERA

*Segure o meu coração, não o deixe sangrar mais. Às vezes o perdão é como um homem em guerra. Só Deus sabe por que o amor vale a queda, talvez seja isso que o amor faz.*

— HILLSONG UNITED, "HEAVEN KNOWS"

O zumbido insistente do público faz a minha respiração acelerar como se essa fosse a minha primeira vez em cima de um octógono. De certa forma, sim, essa é a primeira vez que luto dentro da lei em um octógono e em frente de tantas pessoas. Em Atlanta eu não era um lutador do público. Naquele lugar eu fiz o meu nome através de sangue e de inúmeras lutas em clubes clandestinos. Eu era o grande nome do “subsolo”. Fui preso um par de vezes por brigas na rua, usei

todo tipo de droga imaginável, dei tanto desgosto para a minha mãe que só o amor conseguiu fazê-la me suportar durante a maior parte da nossa vida. Eu fui um homem ruim, eu deixei minha pior parte falar mais alto e eu fiz coisas repugnantes, coisas que eu me arrependo e que nunca nem mesmo Pamella vai tomar conhecimento, mas é ela o motivo de tudo isso, o motivo da minha mudança.

É Pamella.

Ultimamente tudo tem sido sobre ela.

Eu sei que não a mereço, mas eu estou me esforçando para me tornar melhor, para lhe dar mais do que os meus limites psicológicos estão oferecendo no momento. Nunca em toda a minha vida tive tanta alegria quanto tenho quando estou com essa mulher ao meu lado. Pamella não é uma mulher qualquer, ela é especial e eu soube desde o início que ela seria especial. Minha cabeça dizia que não, mas os meus olhos não me enganaram quando a olhei pela primeira vez.

Eu a amo.

Mesmo eu sendo muito errado para amar, mesmo não sabendo se o meu amor vai fazer bem para ela, mesmo tudo apontando para o pior, mesmo a razão indo contra o coração, eu a amo e foi por causa desse amor que eu me senti confortável para lhe mostrar mais uma face minha nesta noite. Foi por causa desse amor que eu estou caminhando em terras desconhecidas e estou experimentando o novo. Um novo mundo, novas sensações, novos sentimentos e um novo, único e inigualável amor. Eu não sabia que precisava disso até conhecer Pamella... Eu não sabia que precisava de amor na minha vida até conhecer Pamella Cohen, a única mulher capaz de me acompanhar até nos meus sonhos.

Meu sangue esquenta e viaja por todo meu corpo. Eu sinto tudo, exatamente tudo que nunca senti antes. A adrenalina é um fato presente em mim. Nunca me vi tão ansioso para mostrar o que eu sei fazer de melhor na vida como estou ansioso para mostrar para Pamella do que eu sou capaz. É um misto das melhores coisas da vida, eu não posso negar. Entrar no octógono, como estou fazendo nesse exato momento, de pé direito e com as pessoas clamando meu nome é algo grandioso, é algo que eu nunca vou esquecer.

Deixo a minha capa cair e caminho em longos passos pelo octógono, reconhecendo o espaço em que farei o meu nome esta noite. Levanto a minha cabeça aos poucos no momento em que o mestre de cerimônias me chama pelo nome. O público cessa com a maior parte do barulho e eu sei que é porque a

imagem do meu rosto está sendo transmitida ao vivo nos telões. Minha cicatriz horrenda ali na frente de todos e especialmente na frente do meu anjo, da minha Pamella.

Eu fico inseguro.

“Besta, besta, besta...”, aos poucos um coro se forma para mim e eu enxergo vermelho.

Meus olhos procuram desesperadamente por Pamella, enquanto aquela palavra se infiltra em minha mente. Quando o meu olhar cai sobre ela, sinto alívio me abraçar outra vez por notar que Pamella não abre a boca para acompanhar os torcedores. Ela não me reconhece como uma besta, por mais que eu de fato seja.

Não tiro os olhos de Pamella, porque ela é minha casa e me traz segurança.

Cerca de quase dois minutos depois eu sou obrigado a voltar a minha atenção para o meu adversário. Ele tem um sorriso presunçoso na boca e se aproxima de mim.

— Furor é Furor, você não é nada além do substituto desconhecido e incapaz dele — diz, seu sorriso abrindo mais a cada instante.

Não posso conter o meu próprio sorriso, fazendo Akil arquear a sobancelha.

— Furor é Furor, você tem razão — dou um passo para frente —, mas eu sou a Besta.

Akil ri comigo, enquanto o juiz se aproxima de nós. O homem explica as escassas regras que ambos já tínhamos conhecimento e se afasta. É quase a mesma coisa das lutas clandestinas em que eu era o campeão invicto em Atlanta. O Circuito claramente quer um banho de sangue e o que eu me proponho a fazer, eu faço. Mesmo diferente, sinto que esse é o meu espaço e eu vou dominá-lo sem dificuldade.

Tomo uma respiração profunda e desligo minha cabeça do externo.

Três...

Bato os meus punhos protegidos por luvas um no outro.

Dois...

Viro o meu rosto para o lado por pura percepção e...

Um...

Ele está ali.

Sinal.

Meus olhos estão fixados na imagem do homem vestido com seu terno

branco impecável. Eu estou congelado, tão congelado que nem mesmo vejo de onde Akil vem. Caio no chão e levanto a guarda imediatamente. Bloqueio os seus golpes de olhos fechados. Esse deveria ser o meu momento, mas ele não poderia deixar isso acontecer assim tão fácil.

*“— Se você quer ser o melhor, tem que lutar com o melhor — George esbraveja, golpeando as minhas costelas mais uma vez.*

*Eu caio no chão de metal gelado da gaiola e cuspo o líquido vermelho acumulado em minha boca.*

*Sangue e mais sangue.*

*Tudo por conta do seu maldito terno branco.*

*— O que me disse, garoto? “Serei um lutador, papai” — zomba, chutando minha cabeça com seu sapato italiano de marca. — Para ser e se tornar o melhor, você tem que lutar com o melhor. — George me puxa para cima apenas pelo meu cabelo. Minhas pernas tremem tanto que se ele me soltar eu volto a cair no chão. — Nunca mais me desrespeite nas reuniões, Tristan. Nunca mais fale sem a minha permissão, nunca mais sorria sem a minha permissão, nunca mais se mova sem a minha permissão. Estamos entendidos?*

*Eu respiro, mas tudo dói, até mesmo o ato de puxar o ar para encher os meus pulmões.”*

*Um, dois, três golpes nas costelas.*

*O ar se torna pesado e eu me torno lento.*

*As lutas internas machucam mais.*

*Ter George aqui é ser assaltado por todos os meus demônios em um só e de uma só vez. Ele é a parte de mim que eu mais odeio e desprezo. George é o monstro que vive dentro de mim e do qual eu sou feito, e é isso que eu mais odeio: ser feito de George.*

*Akil entra com um cruzado e acerta meu queixo com força. Enfureço-me e o empurro sem dificuldade para o lado. Se eu estivesse em meu estado normal, já teria finalizado com ele no primeiro golpe. Sei onde bater quando quero nocautear alguém assim como sei onde bater quando quero matar alguém com as minhas próprias mãos. De pé, sacudo a minha cabeça e reprimo a vontade de olhar para a plateia novamente.*

*“— Deixe-o ir — escuto o baixo sussurro da minha mãe no instante em que faço menção de me levantar para ir atrás de George.*

*Ele veio mais uma vez obrigá-la a...*

*Inferno!*

*Eu não aguento mais ver a minha mãe ser usada na minha frente e agir como se isso fosse normal. Nada disso é normal: minha mãe ser usada e muito menos ser usada na minha frente.*

*Essa é a coisa mais assustadora que eu já vi.*

*George bate a porta de metal e em seguida me aproximo um pouco mais da minha mãe. Seu corpo franzino está machucado, não tanto quanto o meu, mas ainda assim ela apresenta muitos hematomas e marcas por sua pele morena clara.*

*— Quando vamos sair desse inferno, mãe? — indago, sentando-me ao seu lado e inclinando o rosto para cima para fitá-la.*

*Ela suspira e sorri.*

*Não acredito no que vejo.*

*Minha mãe sempre sorri em momentos como esse. Eu não aguento mais vê-la fingir sorrisos para mim. Sei que ela está machucada por dentro e que seu sorriso muitas das vezes é para me tranquilizar, mas isso é besteira. Minha certidão de nascimento alega que eu sou apenas uma criança, mas o que apenas eu, ela e George sabemos, é que eu já cresci há muito tempo atrás. Enquanto meu amigo Oliver quer conversar sobre bonecos e carrinhos em intervalos das reuniões dos nossos pais, eu quero falar sobre como um soco e um chute podem causar uma dor infernal nas costelas de uma criança. O negócio é que nem saio mais de casa para as reuniões. Desde que ganhei essa cicatriz no rosto, obra de George, o mesmo se tornou mais agressivo comigo e insuportavelmente mais abusador com a minha mãe.*

*— Eu vou nos tirar daqui, Tristan — diz, passando o seu braço sobre os meus ombros e me puxando para perto.*

*Quero me afastar da minha mãe, mas não tenho coragem. Ser tocado se tornou uma dor para mim.*

*— Quando eu crescer mais um pouco, vou nos sustentar e te dar tudo que esse... que essa escória nos negou.*

*— Dinheiro nunca é tudo, filho. Eu e você só precisamos de amor e ele será a nossa cura.*

*Balanço a minha cabeça negativamente e sorrio para ela, provavelmente parecendo dissimulado.*

*— O amor que temos é o suficiente. Já olhou bem para mim, mãe? Essa cicatriz é de um monstro e isso é tudo que eu me tornei. Nenhuma garota vai suportar viver comigo e com todas as merdas que acontecem na minha cabeça — retruco.*

— *Você é uma criança, Tristan...*

— *Sabemos que eu sou diferente — finalizo.*

*Arrasto-me pela gaiola e vou para o lado, encolhendo-me já acostumado no chão gelado.*

*Baboseira de amor.”*

Com os meus punhos cerrados, acerto o primeiro golpe no maxilar de Akil. Ele sorri para mim, como se nada tivesse acontecido e se aproxima, chutando minha perna esquerda e entrando com mais um soco nas minhas costelas.

Estou acostumado com essa dor.

— *Lute como homem!* — Akil exclama e minha mente viaja pela terceira vez.

*“Soco, soco, soco...”*

— *Lute como homem!* — George exclama com um sorriso um tanto lunático nos lábios.

*Limpo o sangue que começa a escorrer do meu supercílio e pisco com repetitivamente, encontrando dificuldade para fitá-lo com a minha visão embaçada.*

— *Lute como a porra do homem que você diz ser!* — continua, acertando minha perna com um chute forte, mas dessa vez eu não caio.

— *No momento em que você souber lutar como homem, poderemos conversar, papai — atiro ironicamente.*

*Ele ri alto, mas está irado com o que lhe disse.*

*George vem para cima de mim como um monstro. Ele bate em todo e qualquer espaço que alcança, não me dando nenhuma chance de me proteger. Ele é dez vezes maior que eu, tem cem vezes mais a minha força. Eu só sinto alguma coisa quando meu corpo cai no chão, abatido e esgotado mais uma vez.”*

*Lute como homem, lute como homem...*

Estou no chão outra vez e não lembro de nada. Os golpes de Akil me acertam com precisão e força, talvez toda a sua força, eu diria. Minha cabeça não consegue parar de viajar e eu não consigo vencer os demônios internos. Isso sempre vai me perseguir...

Eu deveria estar reagindo, mas eu não consigo encontrar a razão dentro de mim.

— *Tristan!* — ela exclama.

*Ela.*

Pamella Cohen.

*“As suas mãos macias e suaves deslizam por meus braços. Tenho certeza que Pamella pode sentir a ondulação que as minhas inúmeras cicatrizes fazem debaixo de seus dedos, mas ela não me repele.*

*O meu anjo sorri para mim.*

*Ela é tão bonita. Nada pode ser comparado a essa mulher, nada e nem ninguém nunca conseguirá ser mais bonito do que ela.*

*— Vê-lo lutar é tão bonito — diz, mordendo o lábio inferior em provocação.*

*— Pare com isso, anjo.*

*Eu estou todo suado e ainda no meio do octógono. Pamella só pode estar brincando comigo.*

*— Eu não estou fazendo nada — se defende. Balanço a minha cabeça negativamente, incrédulo, e ela gargalha. — Você vai continuar assim? — indaga.*

*Franzo o cenho e seguro as suas mãos nas minhas.*

*— Assim como?*

*— Invencível — sussurra, seus olhos um pouco mais sérios agora. — Eu já assisti a muitas lutas, mas nunca me acostumei de verdade. Agora tem você, Tristan, e o meu estômago embrulha apenas com a possibilidade de ver alguém te machucando.*

*— Anjo... — resmungo com a sensibilidade e sinceridade de suas palavras me acertando em cheio.*

*— Invencível, por favor — implora e eu assinto.*

*— Por você.*

*Pamella sorri abertamente outra vez.”*

*“Invencível por você, anjo”, penso, antes de colocar tudo em seu devido lugar.*

# CAPÍTULO 15

## EU TE AMO

PAMELLA COHEN

*Pegue a minha mente e tome a minha dor, como uma garrafa vazia pega a chuva. E cure, cure, cure, cure. Pegue o meu passado e pegue os meus pecados, como um veleiro vazio pega o vento. E cure, cure, cure, cure. Pegue um coração e pegue uma mão, como um oceano pega as areias sujas. E cure, cure... inferno, cure.*

— TOM ODELL, "HEAL"

Eu não sei como descrever esse momento, mas eu posso tentar fazê-lo através da minha própria emoção e experiência. No instante em que a luta se iniciou, meu coração subiu até a boca e os meus nervos se atçaram imediatamente. O fato de que Tristan foi parar no chão logo nos primeiros segundos me aterrorizou. Ele não se parecia nada com o homem que eu vejo treinar dia após dia na academia do meu pai como um verdadeiro touro. A cada golpe que Akil acertava no meu



lutador, fazia meu coração diminuir dentro do peito e latejar fortemente. Seus punhos fortes achavam o corpo de Tristan por todo lado e Akil se fez tão grande que eu vi o loiro diminuir e se transformar em uma criança assustada. Se não fosse por Parisa, eu já estaria em cima do octógono tentando proteger Tristan, mas ela me segurou e não me deixou invadir o lugar.

Doeu ver ele tão... indefeso.

Os minutos correram tortuosamente para mim. Os caras esbravejavam com Tristan e isso seguiu copiosamente na maioria do tempo, mas ele não reagiu até em que o chamei em alto e bom som — com uma pintada de desespero, eu diria. O que eu poderia fazer, afinal? Eu estava quase perdendo a minha cabeça com aquelas cenas horríveis diante dos meus olhos.

Foi então que o meu lutador virou o "jogo" ao seu favor.

Ver Tristan dar a volta por cima foi uma das coisas mais bonitas da noite, por mais que eu ainda estivesse nervosa e fora de mim. Vê-lo mudar da água para o vinho, achar um motivo e um caminho para tomar o seu lugar mais do que merecido, foi uma benção para os meus olhos e muito alívio para o meu coração descompassado. Eu me esforcei demais para tentar manter a minha calma quando o vi reagir, mas ainda que eu esteja nesse “mundo” há alguns anos, nunca vou me acostumar com nada disso. Violência ainda é algo que mexe com a minha cabeça de forma silenciosamente devastadora.

Bato a porta atrás de mim e pelo menos metade da minha aflição se dissipa ao ver Tristan sentado no sofá de couro da sua sala de concentração. Ele não está nas melhores condições, mas está consciente e respirando, isso é o suficiente para eu não surtar por vê-lo tão machucado. Não faço a mínima ideia do motivo pelo qual a luta foi acontecendo de forma tão dolorosa para Tristan, a única coisa que sei é que ele precisa de mim e não dos meus questionamentos.

Tão rápido quanto cheguei até a sua sala, aproximo-me do lutador e perto o suficiente ele segura a minha mão e me puxa para ficar sentada em cima de suas pernas musculosas. Tristan joga para o lado o saco de gelo que estava pressionando em seu rosto e acaricia as minhas bochechas com as suas mãos quentes. O loiro não diz nada, mas posso sentir que ele não está bem e isso não se limita apenas ao seu estado físico.

— Meu anjo... — resmunga, fitando os meus lábios atenciosamente.

A voz de Tristan é tão baixa e frágil que me pega desprevenida para encarar tal situação. Sorrio e empurro o meu nervosismo para bem longe. Selo os nossos lábios, mas ele afasta a boca da minha em um piscar de olhos.

— Você foi bem, meu amor. — Corro os dedos por seu cabelo e ele grunhe,

soltando palavras desconexas em resmungos.

— Eu fui ridiculamente ruim — rebate, finalmente me deixando entender o que ele está resmungando. — Uma vergonha, Pamella. Sinto muito pelo vexame que dei.

— Você venceu a luta, Tristan...

— Por pouco e apenas por você — corta-me e pontua. — Apenas por você, Pamella Cohen, mas a minha luta foi uma vergonha... e tudo por causa daquele... daquele...

— Daquele? — indago, simples e direta.

Os olhos do lutador escurecem com o que parece ser um monte de ódio reprimido. Eu sei que Tristan tem os seus demônios internos que o atormentam constantemente, apenas não sabia que os demônios tinham um nome. Imaginei que fosse uma situação vivida que o deixou assim, não uma pessoa, se é que foi apenas uma pessoa que fez isso com o meu lindo anjo caído.

— Esqueça isso, por favor — murmura, abraçando-me com força e enfiando o rosto machucado na curva do meu pescoço.

Beijo o maxilar de Tristan, afagando o seu cabelo com carinho e esfregando a minha outra mão pela extensão de suas costas suadas. Não insisto por muitos motivos, mas principalmente porque essa não é a hora certa para falar sobre os seus problemas.

A porta de sua sala é aberta e a minha família finalmente entra, pois o tempo que pedi a sós com Tristan deve ter estourado. Afasto-me dele, selando os nossos lábios uma última vez e tomando um lugar ao seu lado.

— Eu pensei que você perderia aquela luta — Lucas diz, enquanto eu agarro o saco de gelo e pressiono sobre o osso da bochecha do lutador.

— Não foi o meu melhor dia, eu admito — Tristan rebate, tentando soar divertido.

— Foi horrível. — Mike dá de ombros e eu semicerro os olhos em sua direção. — Mas você vai suar a bunda para ser melhor da próxima vez. Sabemos que esse não é o seu real rendimento, então você tem algum crédito na equipe.

Eles dão risada, mas eu não me atrevo a rir.

— Ele tem todo crédito e apoio possível. Tristan é meu atleta e, além disso, está com a minha filha... — papai nos surpreende ao falar isso, principalmente aos caras e Parisa.

— Porra, Jake, quem te viu e quem te vê — Mike zomba.

— Seria bem mais fácil se você pensasse assim anos atrás, não é, pai? —

Parisa brinca.

Viro o rosto para fitar Tristan e já o acho me encarando.

— Você está comigo? — indago, inclinando a ponta dos meus lábios em um meio sorriso.

— Você sabe que sim — murmura. O loiro passeia o olhar pelo local, observando todos e volta a me encarar. — Podemos ir para casa?

Assinto imediatamente.

— Agora mesmo.

— Eu vou tomar banho e volto em alguns minutos.

Tristan toma o saco de gelo da minha mão e joga novamente para o lado. Ele deposita um beijo rápido na minha bochecha e se levanta, agarrando a sua mochila e indo até o banheiro. Quando o lutador some de vista, presto atenção ao que os caras estão conversando e junto-me a eles. Não demoro para rir das coisas que Mike e Lucas discutem, enquanto a minha irmã tenta dar a sua opinião, mas é completamente ignorada por eles.



Eu observo o semblante sombrio de Tristan e solto um suspiro baixo e fraco. Ele esteve assim desde o momento em que saímos da sua sala de concentração. É certo que algo aconteceu, algo que ele não quer compartilhar comigo e eu quero lhe dar todo espaço possível, mas se ele eventualmente não conversar, eu não vejo como posso tê-lo de volta comigo e não falo isso no sentido físico. Pode parecer besteira, mas sinto como se Tristan tivesse deixado uma parte dele hoje naquele octógono, e infelizmente é a parte que eu mais gosto. Continuo fitando e analisando o seu perfil, enquanto ele conduz o carro até o nosso prédio. Já que Florence está vindo com Jaz, tenho quase certeza de que Tristan virá para o meu apartamento comigo. Ao menos é isso que estou esperando que aconteça.

Estendo e estico o meu braço esquerdo, notando que estamos há menos de dois minutos de casa, e esfrego os meus dedos na nuca do lutador. Eu ainda não superei o fato de que Tristan está completamente sem barba. Parece que mergulhei em um sonho que não faço nenhuma questão de sair. Ele está tão bonito, o rosto de Tristan é algo de outro mundo e até as suas imperfeições são

perfeitas. É exatamente por isso que eu o amo. Tristan Rivera é um homem tão cheio de lacunas, feridas, dores e sofrimentos que acabam por fazer dele o meu par perfeito. Somos pedaços quebrados longe um do outro, mas quando estamos perto, somos completos em um só.

Conduzindo o carro pelo estacionamento, o loiro finalmente estaciona na sua vaga, ao lado da minha, e vira o seu rosto para me encarar. A iluminação do local não é uma das melhores, mas ainda consigo vê-lo com perfeição na minha frente. Tristan segura a mão que eu tinha em sua nuca e deposita um beijo demorado como uma deixa para sairmos do carro. Nós nos retiramos do veículo e andamos lado a lado até o elevador. Percebo a distância que ele coloca entre nós dois e isso não me agrada nem um pouco. Quando as portas do elevador se abrem e um casal sai, sorrindo para nós dois e balançando a cabeça em um aceno, entramos no cubículo, mas não antes de eu sorrir para o casal gentil. Meu sorriso morre nos lábios no momento em que ficamos sozinhos outra vez. O silêncio incomoda. Eu não quero ficar em silêncio, mas sinto medo de quebrá-lo.

O caminho até o topo é feito sem interrupções.

Puxo a minha chave do bolso da minha calça quando saímos do elevador e observo de soslaio Tristan fazer o mesmo. Desânimo me abate e eu solto mais um suspiro, pois não vou insistir para que ele venha comigo. Antes que eu possa abrir a porta do meu apartamento, o loiro segura o meu braço e vira-me para si. Deixo a chave pendurada na porta e inclino o rosto para cima, encontrando Tristan ainda com a mesma expressão vazia.

— Você vai entrar? — sussurro, quase inaudível.

Ele balança a cabeça negativamente e a certeza me deixa para baixo.

— Eu não vou entrar hoje, Pamella. Preciso ficar sozinho por um tempo, não quero ser distante com você e é isso que vai acontecer se eu insistir em ficarmos juntos essa noite. Sei que amanhã eu vou deixar a cidade para o Circuito, mas espero que saiba que você ainda é tudo que eu mais quero nessa maldita Terra — resmunga, fitando os meus lábios e em seguida levando o seu dedão até eles. — Sinto muito por essa noite, anjo. Sinto muito.

Fico na ponta dos pés para alcançar os lábios de Tristan com os meus em um beijo seco.

— Você não precisa se desculpar, meu amor... — ele grunhe em resposta. — Pode ter o tempo que precisar, mas se quiser aparecer para conversar não pense duas vezes antes de bater na minha porta. — Seguro o rosto de Tristan para ele não fugir do meu olhar. — Eu te amo.

Ele fecha os olhos por longos segundos e traga o ar como se fosse um

cigarro. Quando abre os olhos novamente, Tristan me surpreende com pureza dentro das orbes escuras.

— Eu te amo — murmura de volta.

Meu coração acelera e o meu sorriso explode mesmo em um momento cheio de sentimentos e sensações misturadas.

Ele me ama.

— Boa noite, Tristan — digo, tentando acabar com o nosso momento antes que as minhas pernas bambas me levem ao chão.

— Boa noite, Pamella Cohen.

Ele solta um sorriso ladino e se afasta de mim para me dar um pouco de espaço. Giro a chave do meu apartamento sob o olhar vigilante de Tristan, enquanto as minhas mãos tremem demasiadamente. Ligo a luz e entro, encontrando-o ainda me fitando quando estou prestes a fechar a porta.

— Sonhe comigo — ele diz.

— Sonhe comigo — repito.

Tristan se encosta no batente da porta, coçando o queixo.

— Vá antes que eu mude de ideia — comanda.

Mordo o meu lábio inferior e brinco com a minha chave entre os dedos.

— Eu quero que você mude de ideia.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Pamella Cohen, vá.

Dou de ombros e fecho a porta, trancando-me e encostando ali até escorregar para sentar-me no chão.

Eu não acredito no que acabamos de falar um para o outro. De certa forma eu já sabia, porque é aquela velha história: ações valem mais que palavras. Mas, ouvir Tristan falar com todas as três preciosas palavras o que ele sente por mim, fez-me derreter completamente. Eu nunca achei que seria capaz de dizer, receber e aceitar essas palavras de outro homem. Eu nunca pensei que precisava tanto ouvir isso de Tristan até esse exato momento.

Ele me ama.

Levanto do chão com um sorriso maior do que o meu próprio rosto e vou em direção ao meu quarto. Sei que Tristan ainda está pensativo e meio sombrio por seus motivos pessoais, mas não consigo deixar isso afetar como estou me sentindo. É um sentimento maravilhoso. No instante em que entro no cômodo, pego uma toalha e sigo para o meu banheiro. Eu preciso de um banho de água fria para saber se o que aconteceu foi ou não foi real. Tiro minha roupa e jogo na

cesta, pendurando a minha tolha e me jogando debaixo do chuveiro que acabo de ligar.

A água gelada escorre por todo o meu corpo e vai me acalmando aos poucos. Pela primeira vez na noite eu estou realmente calma. Todos os momentos, mesmo antes de eu chegar à arena, foram como uma montanha-russa louca e muito perigosa para o meu coração e sanidade mental. Finalmente consigo pensar com clareza e agradeço aos céus por ainda estar viva. Tudo que vivi hoje me faz lembrar de que é assim que eu vou viver nos próximos meses: no meu limite. É assim que decidi que viverei pelo resto dos meus dias. Porém, essa é uma escolha que fiz e agarrei com as minhas unhas. Não vou deixar Tristan escapar e não vou escapar das coisas certas a serem feitas. Eu espero que ele esteja melhor nas próximas lutas e não deixe nada mexer com a sua cabeça como aconteceu hoje. Tenho certeza que foi um caso isolado, mas não quero que se repita de jeito algum. Apenas em um dia eu vi tantas facetas de Tristan que parece mentira, mas eu fico contente por estar cada vez mais próxima do homem que eu amo.

Esse é o tipo exato de conexão que eu quero.

Esfrego o sabonete por todo o meu corpo e continuo a pensar no lutador. Ele é a única pessoa que consegue dominar os meus pensamentos do instante em que acordo ao instante em que caio no sono. Faz bastante tempo que não vivo algo como isso: euforia de amor exatamente como eu era quando tinha apenas quinze anos de idade. Eu pareço uma adolescente estúpida, apaixonada e com os pensamentos nas nuvens, mas eu não me importo nem um pouco em ser estúpida por causa de Tristan. Ele me deu de volta o gosto de viver e tentar, tentar e tentar. Ele fez e faz tanto por mim que eu nunca serei capaz de agradecê-lo o suficiente por seu amor e paciência.

Ah, Tristan...

Eu já sinto a sua falta.

Ele me deixou surpresa com a sua escolha de ficar sozinho essa noite, uma vez que sempre que tem chance aparece no meu apartamento para dormir ou apenas passar um tempo comigo. Apesar da surpresa, aceitei a sua decisão. Talvez eu não tivesse a coisa certa para dizer a ele e confortá-lo, então foi melhor que tenhamos nos separado por essa noite, mas não vou negar: espero que ele volte atrás e apareça para ficar comigo. Eu não quero precisar tanto de Tristan, mas secretamente já o faço, pois a minha vontade dele fala mais alto do que qualquer outra coisa racional. Quanto mais perto ficamos, mais perto eu quero estar.

Finalizo o meu banho alguns minutos mais tarde e saio do banheiro me enxugando e enrolando na toalha. Depois de enxugar o meu corpo, penduro a toalha no cabide e pego uma menor para tirar o excesso de água do meu cabelo. Minha barriga ronca, lembrando-me de que ainda não comi essa noite e de que eu preciso colocar algo na barriga. Penduro a outra toalha no cabide e agarro o meu celular, discando o número da minha pizzaria preferida na cidade. É um negócio de família, eu e Parisa costumamos nos encontrar por lá para conversar quando temos alguma coisa nos incomodando, e devo pontuar que nos sentimos em casa. Já vi a filha da dona um par de vezes com o marido e um lindo garotinho loiro, mas acho que eles não vivem na cidade. De qualquer forma, isso não é da minha conta, quem me deu todas essas informações foi Mike, pois ele disse reconhecer o marido da filha da dona da pizzaria como um famoso jogador de futebol americano. Homens e seu amor por futebol, eu nunca vou entender toda essa paixão, mas devo respeitar.

— Boa noite — digo.

— *Italy's Taste. Qual o seu pedido, senhora?*

— Uma pizza média de calabresa com borda de catupiry, por favor.

— *Endereço?*

Passo o meu endereço para a atendente e antes de finalizar a ligação ela me diz que a entrega pode demorar um pouco, pois a noite — mais uma vez — está movimentada. Não é uma surpresa, todas as vezes que peço pizza é a mesma coisa, mas a espera felizmente vale a pena e o sabor é incrível.

Jogo o celular em cima da cama e caminho até a minha penteadeira. Passo hidratante em meu corpo e penteio o meu cabelo, seguindo até o guarda-roupas para pegar algo confortável para vestir. Escolho uma calcinha de renda vermelha e um vestido de seda preto que desce até metade das minhas coxas. Não me incomodo no momento, mas também pego um sobretudo grosso para me cobrir quando for receber a minha pizza.

Saio do meu quarto apenas com o celular e carteira nas mãos e vou até a cozinha. Pego uma garrafa de vinho branco que tenho em minha geladeira e uma taça de vidro, seguindo até a sala de estar e me acomodando no meu sofá confortável. Deixo as coisas em cima da mesa de centro e alcanço o controle remoto da televisão, ligando-a e colocando em um filme qualquer de um canal aleatório. Abro a garrafa de vinho e coloco um pouco do líquido dentro da taça, tomando um gole calmamente e relaxando por fim. Meus pensamentos estão tão calmos quanto conseguem ficar. Bebo mais um gole do vinho e estico as pernas em cima do sofá, encostando-me e desejando ter uma boa massagem nos pés.

Os minutos passam correndo quando presto atenção no programa de culinária que passa na televisão. É engraçado, para ser sincera, e o programa me entretém até a campainha do meu apartamento ser tocada quando o episódio chega ao fim quase uma hora depois. Visto o meu sobretudo e tiro uma nota de cinquenta dólares de dentro da minha carteira, caminhando até a porta sem pressa. Abro e sorrio para o entregador, que sorri de volta em gentileza.

— São apenas trinta dólares — diz, entregando-me a caixa da pizza e uma nota.

— Fique como gorjeta — retruco. — Muito obrigada.

O jovem sorri mais uma vez e me dá as costas, indo até o elevador. Encaro a porta da frente por alguns segundos, como se Tristan fosse sair da mesma a qualquer momento. Balanço a cabeça negativamente e me tranco dentro do meu apartamento. Jogo o meu sobretudo em cima da mesa durante o percurso de volta até o sofá e sento-me, abrindo a caixa e tirando uma fatia de pizza lá de dentro.

O cheiro é maravilhoso, mas o gosto é ainda mais incrível.

Eu amo essa pizzeria.

Troco de canal em busca de outro programa para assistir e acabo parando em uma série aleatória. Fico um pouco confusa, porque provavelmente estou assistindo algum episódio do meio da temporada, mas quando acaba, eu consigo deduzir sobre o que se trata: *Lucifer*. É uma série engraçada, muito engraçada, e eu com certeza vou atrás de mais episódios para assistir. O personagem principal é simplesmente magnífico com o sotaque britânico.

Oras, mas quem diria que o diabo é britânico?

Sorrio sozinha e fecho a caixa de pizza, pois já comi três pedaços e o meu estômago começa a reclamar por conta do tanto de comida. Assistir televisão e comer ao mesmo tempo é realmente algo perigoso. Eu mal percebi que já havia comido isso tudo.

Termino de tomar todo o vinho que havia colocado na minha taça e levanto-me, indo até a cozinha com a garrafa na minha mão limpa e a taça na mão suja de pizza. Deixo a garrafa dentro da geladeira e a taça dentro da pia. Lavo as minhas mãos e vou até a sala de estar, pegando as minhas malas e arrastando-as para o quarto de hóspedes. Passo no meu banheiro e escovo os dentes, aproveitando para amassar as pontas do meu cabelo, que já está seco.

Retorno para a sala, satisfeita, mas elétrica.

De minuto em minuto olho para a porta principal. Pego o meu celular em cima da mesa de centro e resolvo ligar para Oliver, já que são quase meia noite e



ligar para Parisa não seria a melhor opção. Convenhamos, atrapalhar uma transa do meu irmão é mais fácil do que atrapalhar uma da minha irmã.

No terceiro toque, Oliver atende.

— O que é tão importante que você me ligou a essa hora? — pergunta, ofegante.

— Você estava...

— Transando? — continua e eu concordo em um resmungo. — Não, porra. — Ri e eu respiro um pouco aliviada. — Eu estou com uns amigos na academia e acabei de dar um tempo, enquanto eles se matam no ringue.

— Ah, sim... Eu liguei apenas para passar o tempo e saber como estão as coisas por aí — divago.

— Boas, irmãzinha. Boas como sempre, nossos pais sempre trabalhando intensamente, eu também e Fable um pouco estranha.

— Estranha? Estranha como? — indago, franzindo o cenho como se ele pudesse me ver.

— Boa pergunta. Eu não sei o que está acontecendo com ela e isso me irrita, uma vez que Fable quase nunca conversa sobre o que está sentindo, principalmente se é dor física — reclama. — Nesse momento mesmo ela está em nosso apartamento porque não quis sair da cama. Estou te dizendo, eu vou pagar um médico e amarrá-la na cama para ser examinada na minha frente.

Sorrio, balançando a cabeça negativamente.

— Você não está nem louco, Oliver — rebato. — Em breve chego em Seattle para o Circuito e eu posso conversar com ela. Seria uma boa se eu ligasse?

— Eu falei sério sobre amarrá-la na cama — afirma, provavelmente revirando os olhos. — Fable é um anjo aos olhos de todos vocês, mas só eu sei como essa mulher é teimosa. — Bufa. — E você pode ligar, irmãzinha, nada te impede de fazer isso, mas saiba que ela não vai falar nada. Eu sou uma das únicas pessoas em quem ela confia e ela não quer abrir a boca para mim.

Isso é verdade.

Eu e Fable nos damos muito bem, eu amo essa mulher, ela é parte da nossa família, mas não é como se fôssemos cúmplices em tudo. Eu sou muito mais aberta para contar os meus problemas para ela, do que o contrário.

— Parisa poderia tentar — digo.

Minha irmã é mais íntima de Fable do que eu.

— Eu vou enviar uma mensagem para ela ligar amanhã para a minha garota

— afirma, soando cansado, algo que não é típico de sua personalidade. — E você com o meu garoto Tristan? Tudo bem no castelo da princesa Pamella? — brinca.

— Tudo bem, idiota. — Reviro os olhos. — Eu e ele estamos mais próximos a cada dia que passa. Hoje a luta foi um pouco difícil, mas ele ganhou. Algo mexeu com a sua cabeça e ele resolveu não passar a noite comigo, eu apenas aceitei e lhe dei tempo.

— Mas você ainda está esperando por ele, certo?

— Certo. — Agarro o controle da televisão e desligo. — Qual a probabilidade de Tristan ainda aparecer?

— Grande, mas só se você tiver dado chá de bocet...

— Cala a boca, Oliver! — exclamo, interrompendo-o e ele gargalha do outro lado. Esse é o meu irmão. — Você é um homem muito nojento.

— E você me ama, irmãzinha — afirma.

— Infelizmente.

— Felizmente, você quis dizer. Eu sou a melhor pessoa da nossa família. Tem ideia do quão chatas seriam as reuniões familiares se eu não existisse? — questiona e eu sorrio de lado.

— Você tem um pouco de razão...

— Eu tenho toda razão — diz e em seguida alguém o chama. — Tenho que ir, Pamella Cohen. Se cuide e venha logo para Seattle. Essa cidade sente a sua falta.

— Só a cidade, Oliver?

— Meu coração também, querida.

— Amo você, irmãozinho. — Sorrio.

— Amo você, irmãzinha.

Ele finaliza a chamada e eu finalmente volto a relaxar mais, mas isso dura poucos segundos. A minha campainha toca pela segunda vez nessa noite. Levanto-me do sofá rapidamente e corro até a porta. Conto de um até cinco para controlar a respiração e giro a chave devagar. No instante em que abro a porta, dou de cara com Tristan.

Ele finalmente veio.

— Eu ainda posso entrar? — pergunta e eu lhe dou o devido espaço para passar por mim em resposta, sentindo o seu cheiro bom e convidativo.

Fecho a porta, trancando-a pela última vez na noite — se Deus quiser. Observo que Tristan já se sentou exatamente onde eu estava, dessa forma me

aproximo dele e tomo um lugar ao seu lado. O loiro vira o rosto um pouco machucado para mim e permanecemos nos encarando por longos minutos até que eu me movo para fechar a distância entre nós. Tristan usa apenas sua calça de dormir e uma camisa branca de malha fina, tão fina que consigo ver as suas tatuagens coloridas por debaixo do pano. Sento-me em suas pernas e o abraço pelo pescoço, enquanto ele inclina o rosto para baixo e encosta a sua testa na minha.

Respirar Tristan é muito bom.

Nosso mundo parece parar bem aqui e se resumir nisso: eu e ele. É tão simples quando você sabe que a pessoa certa já chegou na sua vida. É tão fácil amar esse lutador, apesar de todas as adversidades.

— Eu esperei por você — confesso, esfregando a ponta do meu nariz na ponta do dele, brincando de um lado para o outro.

— Eu disse que não viria...

Sorrio, mordendo o meu lábio.

— Eu tinha esperança de que apareceria. É a nossa última noite juntos, Tristan, e eu tinha o sentimento lá no fundo de que você deixaria as outras coisas de lado e viria até mim.

Escuto sua risada baixa e o meu estômago embrulha. A risada de Tristan soa quase tão bem quanto a sua voz e me causa embaraços de tão boa que é.

— Você está certa, Pamella Cohen. Deixaria qualquer merda de lado para passar um tempo com você. Esses momentos são os únicos que me dão vida. — Tristan afasta o rosto do meu e fita a minha boca, voltando a me encarar nos olhos em seguida. — Você é a minha vida agora...

Ele é de tirar o fôlego.

Se eu morresse agora, eu morreria feliz.

— E você é a minha casa — sussurro.

Ele grunhe, colocando a sua boca sobre a minha e arrancando um beijo rápido e preciso de mim. Nossos lábios partem e nossas línguas dançam juntas a minha melodia favorita: a batida sincronizada dos nossos corações sempre que estamos juntos. Nenhum dos nossos beijos jamais foram iguais. Tristan sempre me dá algo novo e inesperado, e dessa vez não é diferente. Consigo sentir algo de estranho vindo dele, mas não é um estranho ruim, é um estranho tão bom que me rasga de cima a baixo para tentar descobrir do que se trata a sua necessidade.

As mãos do loiro correm por todo o meu corpo, subindo por debaixo da minha camisola preta e fixando-se nos dois lados da minha cintura. Ajeito-me

desengonçadamente no colo de Tristan e sorriu contra os seus lábios, fazendo-o sorrir comigo.

— Eu não quero que pense que eu vim aqui só para transar com você... — resmunga, enquanto tento continuar com o nosso beijo.

— Eu não o julgaria por isso, lutador.

Seguro o seu rosto com cuidado, ofegante e sedenta por mais.

— Juro que não vim só para transar, mas com você olhando e falando comigo dessa forma fica difícil resistir. — Tristan começa a empurrar minha camisola para cima e o meu sorriso aumenta. — Você parece feliz com isso... O que eu faço contigo, Pamella Cohen?

— Me faça feliz — rebato. — Não tem nada que possa fazer, além disso. — Levanto os meus braços e o loiro termina de tirar a peça de uma vez, jogando-a para qualquer lado da minha sala de estar. — Ou será que tem? — indago, segurando a barra da camisa de Tristan e puxando-a para cima.

— Isso não deve ser preocupação sua, meu anjo. Eu vou trabalhar duro para descobrir todas as coisas que te fazem feliz e satisfeita. Nessa relação, esse vai ser o meu maior objetivo.

Faço o mesmo que Tristan fez com a minha única peça e arremesso a sua camisa para o lado.

— Esse também será o meu maior objetivo. Fazer você feliz, Tristan Rivera, acredite ou não, ultimamente tem sido a minha maior felicidade. Vejo o quanto merece ser feliz e se eu estou contribuindo de alguma forma para colocar um sorriso em seu belo rosto, isso me faz explodir de felicidade.

Tristan sorri, mas franze o cenho e inclina a cabeça para o lado. Ele fecha os braços ao redor da minha cintura e cola nossos torsos desnudos, fazendo com que um choque percorra por todo o meu corpo agradavelmente.

— Isso faz de você, quero dizer, de nós, namorados? Eu nunca tive uma namorada, mas nós somos tão preocupados um com o outro e tem essa coisa que não vai embora nunca, esse sentimento irritantemente bom... É isso?

Suspiro, dando de ombros.

— Rótulos são apenas rótulos. Podemos dizer para os outros que estamos namorando, mas isso não chega perto de ser tudo o que sentimos. Nenhum rótulo vai ser capaz de exemplificar perfeitamente o que somos um para o outro, Tristan. — Ele acena positivamente com a cabeça.

— Mesmo assim, você é minha namorada? — resmunga a sua pergunta de jeito envergonhado.

— Sim — digo, beijando de leve o caminho de sua cicatriz marcada no rosto. — Você é meu namorado lutador, assustador e muito bonito. Sem falar gostoso pra caralho e irresistível. Um pacote de coisas boas em um homem só. Exatamente tudo que eu precisava e tudo que chegou para mim no momento certo — sussurro no seu ouvido e ele grunhe. — Você é suficiente para mim.

Eu posso escutar a sua respiração alta perfeitamente.

— Eu ainda não consigo acreditar que mereço ter você comigo.

Afasto o meu rosto e fito os seus olhos intensos.

— Eu ainda não consigo acreditar que mereço ter você comigo, Tristan.

Sorrimos juntos, ele um tanto travado por estar sem jeito. Esfrego as minhas mãos por sua nuca e desço por suas costas, afagando-o e tocando em sua pele machucada e cheia de cicatrizes. Tenho a necessidade de fazer Tristan se sentir querido por mim porque a cada pedaço que ele me deixa ver além de sua dura casca, passo a ter mais certeza de que a sua vida não foi nada fácil. Ele precisa saber que eu não gostaria de estar com ninguém além dele. Tristan é quem eu quero e mais desejo.

Continuamos a nos encarar por longos segundos e eu não deixo de sorrir para tranquilizá-lo. Empurro-me para trás, fazendo-o afrouxar os braços ao meu redor. Tristan me fita com um olhar suave, mas questionador. Tivemos muitos momentos bons, mas todos por iniciativa maior do loiro e não minha. Se estamos em um relacionamento, o esforço tem que ser feito dos dois lados.

Reciprocidade.

— O que vai fazer? — ele indaga, deixando as suas duas mãos caírem de cada lado do seu corpo. Permaneço calada, finalmente conseguindo chegar até o chão, ou melhor, até o meu tapete. — Pamella... — continua. Estou de joelhos no chão, encarando-o de uma posição inferior. Pode parecer que sou a mais frágil por estar dessa forma, até mesmo submissa, mas na verdade eu estou tomando todo o poder para mim. — Vai me responder?

— Eu estou cuidando de você — sussurro, lambendo os meus lábios lentamente.

Tristan acompanha todos os meus movimentos atentamente. Ele parece querer esboçar um sorriso, mas quando eu pouso as minhas mãos sobre o volume de sua calça de dormir, seu começo de sorriso morre e ele engole a seco, nunca quebrando o contato visual que estabelecemos. É intenso, assim como foi a nossa primeira vez juntos. Estar com esse lutador tem sido uma montanha-russa de sentimentos e eu não me arrependo de nada que escolhi viver até esse instante.

Movo as minhas mãos lentamente, sentindo-o crescer e endurecer debaixo delas. Meu coração acelera, pois ainda que eu tenha ficado com muitos dos meus namorados, alguns namoros não duraram o suficiente para que eu... uh... como posso dizer isso? Devo ser direta: para que eu chupasse o pau deles. Tudo bem que eu oficialmente namoro Tristan há apenas poucos minutos, mas eu sei exatamente o que sinto por ele e não é como se eu fosse me arrepender do que estou prestes a fazer.

Inclino o meu corpo para frente, deslizando as minhas mãos para o abdômen trincado do loiro e beijando a sua pele quente e macia. Ver as suas tatuagens de tão perto é algo que não tem preço e, se tivesse preço, eu pagaria para fazê-lo.

— Anjo... Você não precisa...

— Shhh, Rivera. — Subo as minhas mãos por seu torso e levo dois dedos até a sua boca, num claro sinal para que ele fique quieto. — Eu não preciso, mas eu quero. A não ser que você não queira, eu não irei parar agora, tudo bem? — Ele beija os meus dedos e acena positivamente com a cabeça. Brinco com o seu lábio, sorrindo de lado. — Você quer que eu pare? — sussurro, descendo a minha outra mão novamente por sua pele e alcançando a sua ereção. Tristan solta um gemido grave e muito baixo. — Parece que não...

Endireito a coluna, empurrando um pouco as pernas do lutador e me posicionando no meio delas. Ele me olha com expectativa pura queimando em seus olhos escuros. O maxilar travado e os punhos cerrados mostram o quanto Tristan está se segurando para não perder o seu autocontrole. Puxo o cós da sua calça com a minha mão esquerda e com a direita seguro a sua ereção, colocando-a para fora. Eu já desconfiava que Tristan estava sem boxer, mas descobrir isso e ter a certeza foi bem melhor do que apenas desconfiar. Seguro firmemente com as duas mãos, indo e vindo em um movimento calmo, mas preciso.

Eu observo tudo de Tristan. Observo o quão rijos os seus músculos das coxas tencionam debaixo do meu cotovelo, observo como o seu abdômen contrai a cada instante em que passo com os meus dedos sorratoriamente pela cabeça de seu pau, observo como o seu peitoral sobe insanamente com a respiração desregulada, observo como os seus olhos suplicam para eu parar com a minha tortura, mas, ao mesmo tempo, imploram para que eu nunca tire as minhas mãos de cima dele. Observo a necessidade crescente em seu olhar, sinto o cheiro da luxúria começar a nos rodear e por fim observo ele se fazer meu. Mesmo que isso já tenha sido falado ou demonstrado antes, Tristan nunca foi tão meu até esse exato momento. Ocasões como essa mostram que a nossa intimidade só vai se tornando mais profunda. Eu amo poder me sentir íntima dele em todos os

aspectos, principalmente o emocional.

— Babe... — resmunga, quando levo a minha boca para perto da sua ereção.

Tristan prende o palavrão na ponta da língua no instante em que coloco o seu pau em meus lábios. Movimento a minha língua na sua carne quente, rodeando-o atenciosamente e sentindo a necessidade no meio das minhas pernas começar a ganhar vida. Eu deveria estar dando prazer apenas para o meu lutador, mas não sei por qual motivo eu esqueci-me de que o ver dessa forma me deixa excitada de um jeito absurdo. Controlar Tristan me deixa molhada. Sugo a cabeça do seu pênis, sorrindo de lado quando sigo pelo comprimento com a minha língua, degustando-o como se realmente fosse a minha fruta favorita. Porra, sim, poder provar Tristan como ele sempre faz comigo é a melhor coisa do mundo. Como ele costuma dizer para mim: “você tem o meu sabor favorito”.

Minhas mãos encontram o mesmo ritmo que a minha boca e juntas elas fazem um bom trabalho, e pela primeira vez escuto um genuíno gemido de Tristan, congratulando-me tão cedo pelo que eu apenas acabei de começar. Eu nunca pensei que um gemido masculino fosse tão bom de escutar até que escutei o de Tristan na nossa noite no lago, mas hoje é diferente, eu sinto que ele se permite mais. Observo como o loiro fecha os olhos e joga a cabeça para o encosto do sofá, cerrando os lábios para tentar se controlar, mas o ruim — ou bom, depende de como se vê — é que eu quero enlouquecê-lo até ele perder todo o resto de vontade de se controlar na minha frente. Eu quero o melhor e o pior de Tristan, eu quero sempre o melhor dos dois mundos com ele.

Levo uma das minhas mãos para a sua barriga, esfregando as unhas em provocação e escutando a sua risada sofrida em resposta. Sorrio, chupando outra vez o seu pênis e jogando a minha língua para os lados, intensificando as sensações em nós dois. Ele abre os olhos e me encara, levando a mão até a minha bochecha cheia de si mesmo. Tristan escorrega a palma para cima e pega um punhado do meu cabelo, segurando com força e me guiando em um vai e vem que lhe agrada assustadoramente muito. Seu rosto bonito se contorce em deleite e o meu peito se enche de satisfação. Por mais que eu esteja satisfazendo Tristan, a minha boceta cada vez mais aperta em necessidade.

A volúpia de tudo entre nós me deixa sem fôlego, desesperada. Apalpo com precisão as bolas do lutador, apertando apenas o suficiente para fazê-lo gemer outra vez e aumentar a velocidade com a qual estoca em minha boca. Não me incomoda em nada compartilhar o controle com Tristan. Para ser sincera, nesse momento eu não posso mais nem mesmo dizer que estamos controlados, porque seria uma grande mentira. Ele é áspero, eu sou áspera. Estamos famintos e

tentando acalmar nosso desejo carnal a todo custo.

Descontrolados é a palavra certa para nos definir.

— Eu não posso mais aguentar isso — afirma entre dentes. Tristan usa a sua mão livre para tocar a minha pele com delicadeza, mas em seguida captura as pontas dos meus mamilos uma de cada vez e aperta até o limiar da dor, fazendo-me gemer *literalmente* com a boca em seu pau. — Porra, Pamella.

Seguro-me em suas coxas brevemente até voltar com as mãos para amparar os meus movimentos até a base de seu pênis. Tiro a sua ereção da minha boca com um sorriso ladino e os lábios completamente molhados. Eu não consigo parar de sorrir, nem mesmo quando o lutador segura o pau e esfrega copiosamente na minha língua, batendo o mesmo ali sem força alguma. Eu nunca tive uma experiência tão intensa como essa ao satisfazer um homem.

Deslizo uma das mãos para dentro da minha calcinha e começo a me aliviar, enquanto o lutador volta a foder a minha boca. Sinto um misto de sentimentos tão estranhamente bom que só consigo pensar em mais. Mais amor, mais sexo, mais prazer, mais luxúria, mais desejo, mais Tristan, mais eu, mais nós. Mais, simplesmente mais e nunca menos que isso.

Chupando-o demoradamente, intensifico o trabalho com as minhas mãos em mim e nele, sentindo a agonia de Tristan aumentar quando ele se remexe e eu acabo copiando os seus movimentos.

Não consigo segurar o meu orgasmo a vê-lo tão sensível. Meu quadril se move por conta própria, meu clitóris pulsa e eu encho-me com dois dos meus dedos, imaginando que essa é a mão de Tristan e não minha. Ainda assim, não deixo de lhe dar menos atenção, pelo contrário, estou ainda mais focada em tê-lo se juntando a mim nesse caminho sem volta.

— Se você não...

Ele não tem tempo de terminar a frase e como se tivesse lido os meus pensamentos, curtos jatos do seu líquido vão enchendo a minha boca de pouquinho em pouquinho. Engulo de uma vez, passando a minha língua uma última vez pelo pau de Tristan, que agora se acalma.

— Sinto muito — resmunga, puxando-me para cima enquanto tiro os meus dedos molhados de dentro da minha boceta. Ainda estou pulsante, excitada, ofegante, mas saciada. Ele segura os meus dedos e chupa um por um, demorando mais naqueles que tem o meu cheiro e gosto. — Anjo, o que você fez...

— Você gostou? — pergunto, cortando-o ansiosa para saber a sua resposta.

Tristan aproxima o rosto do meu e sela os nossos lábios, empurrando a sua língua para dentro para me beijar com paixão. Acalmamo-nos completamente ao



trocar mais esse carinho. Somos pacientes e, acima de tudo, focamo-nos em nos provar um na boca do outro. Abraço o meu namorado, agarrando-me em seu pescoço e grudando nele como se nunca mais fosse soltar. Somos um só e eu amo ser uma só com esse homem. É uma sensação indescritível, algo que você só sabe a sensação quando já sentiu algum dia. Eu sei bem essa sensação, pois venho sentindo-a mesmo antes de me entender com Tristan. Mesmo em nossas brigas eu já sabia que havia algo de diferente entre nós dois, o problema foi que até certo ponto eu neguei esse sentimento. Nós dois negamos, mas agora tão entregues ao nosso amor não há mais negação.

Separo a boca da de Tristan e leva os seus beijos por meu pescoço até chegar ao meu ouvido. Mordo o meu lábio inferior quando sinto a sua respiração ali, apertando os braços ao redor do seu pescoço.

— Ninguém nunca me chupou como você — sussurra, depositando um beijo molhado no lóbulo da minha orelha.

— Isso é um elogio e tanto — brinco.

— Você não quer saber o que fez a diferença? — pergunta e eu afasto o rosto para nos encarmos.

— Quer me contar?

Tristan sorri, travesso.

— Ninguém nunca me chupou com *amor*.

Gargalho de sua afirmação e beijo o seu rosto copiosamente, principalmente sobre a sua cicatriz.

— Tristan Rivera, você não vale nada — brinco e ele gargalha comigo.

Nos acalmamos outra vez com sorrisos bobos no rosto. Parecemos muito apaixonados um pelo outro, mas essa é a mais pura verdade, e perceber que estamos transbordando o que sentimos me traz muita felicidade.

— Eu poderia negar o seu amor por mim, anjo. Sim, me sinto desmerecedor do que você sente, mas eu nunca vou negar isso. Posso lá no fundo não merecer, mas não vou deixar de aceitar e de me sentir o filho da puta mais sortudo por ter você como minha parceira. Somos parceiros nisso e em muitas outras coisas. Somos eu e você...

— Somos eu e você... — repito.

— Contra o mundo.

Aceno positivamente, sentindo-me levemente emocionada com a sua afirmação.

— Contra tudo, amor — lhe tranquilizo.

Ficamos abraçados por longos minutos em um silêncio confortável e familiar.

— Vamos para cama? — questiona depois de todo aquele tempo.

— Por favor — peço.

Sorte que deixei a minha mala e outras coisas no quarto de hóspedes e não no meu. Tristan me deixa sentada no sofá e ajeita a sua calça de dormir, fazendo-me reprimir o riso. Eu não me incomodo em me arrumar para dormir, pelo contrário, continuo sem o meu vestido e permaneço apenas de calcinha quando o assisto jogar a sua camisa sobre o ombro.

Tristan me pega no colo e começa a andar comigo em seus braços até o meu quarto. Estou sonolenta. É incrível como sempre depois de qualquer ato sexual que acabe em orgasmo eu tenho duas reações: ficar com sono ou ficar com fome. Só não estou com fome porque me alimentei antes de Tristan chegar, mas com sono eu já estou caindo.

Fecho os olhos, encostando em seu peitoral quente e relaxando. Pelos movimentos de Tristan, já estamos em meu quarto escuro. Tenho certeza disso quando ele me coloca em cima de uma superfície macia e me abraça por trás, puxando-me para onde eu possa encontrar aconchego em seu corpo.

— Eu vou sentir sua falta como o inferno, Pamella Cohen — murmura, se referindo ao Circuito.

Sorrio, sentindo-me um pouco perversa por esconder a surpresa dele, mas não seria uma surpresa se ele soubesse.

— Eu vou sentir sua falta a cada minuto — replico.

— Durma, anjo. Durma.

E eu realmente vou dormir, mas não antes de...

— Eu te amo, Tristan.

— Eu te amo, Pamella.

# CAPÍTULO 15.1

## ATRASSO NECESSÁRIO

TRISTAN RIVERA

*Na hora mais escura da noite eu procuro no meio da multidão, seu rosto é tudo o que eu vejo, eu darei tudo a você.*

— BEYONCÉ, "XO"

Sento-me na cama de Pamella apressadamente e estico os meus braços, fazendo com que partes do meu corpo estalem por conta do breve e leve alongamento matinal. Eu tive uma boa noite de sono, por mais que grande parte dela eu tenha passado fitando a minha namorada. Falar isso é um pouco estranho, mas não é um estranho ruim. Pamella é a minha namorada e eu sou o namorado dela, estamos oficialmente juntos e eu sinto como se pudesse dominar o mundo por

conta disso. Não imaginei que esse sentimento fosse crescer a tal ponto, onde não consigo ver a minha vida sem essa mulher ao meu lado. A vida tem dessas de nos pregar peças e logo eu, Tristan Rivera, que jurei para mim mesmo não me entregar ao amor, estou fodido no coração mais do que alguém possa mensurar.

Sinto ela se mover pela cama, mas sei que não tenho tempo para fazer praticamente nada, uma vez que o relógio que fica na mesa de cabeceira da sua cama está marcando oito e meia da manhã. O voo está marcado para dez horas da manhã e ontem eu nem mesmo arrumei a minha mala. Estou atrasado e eu odeio faltar com a minha palavra, não importa em que circunstância seja.

— Você já vai? — Pamella pergunta, sonolenta.

— Babe, eu estou atrasado. Realmente preciso ir, mas ainda quero te ver antes de viajar. — Levanto-me e viro para ela, apanhando a minha camisa e segurando-a firmemente, antes que as minhas mãos queiram se perder em Pamella como sempre anseiam. — Te vejo no aeroporto? — indago e ela abre os olhos com dificuldade.

Ela está linda.

Pamella sempre está linda e eu nunca vou me cansar de dizer isso.

— Sim... — Suspira dramaticamente. — Tranque a porta da frente e passe a chave por debaixo da mesma — pede, rolando pela cama e tentando se cobrir novamente.

— Não perca a hora, anjo. Não vou partir antes de te beijar uma última vez — aviso, mas ela só resmunga em resposta.

Eu já havia percebido o mal funcionamento de Pamella pelas manhãs, por isso não insisto em mais diálogo. Saio do seu quarto, vestindo a minha camisa e observando o espaço saudosamente. Sei que estou indo a trabalho, mas vou sentir falta de tudo isso aqui e principalmente da mulher que vive nesse lugar. Eu nunca pensei que seria capaz de me envolver de tal forma com alguém, que seria capaz de sentir saudades sem ainda nem ter me afastado, mas cá estou eu, sentindo falta de Pamella antes de deixá-la temporariamente. Sinto-me estúpido por isso? Sim, mas não de uma forma ruim. Uma vez a minha mãe me disse que o amor nos faz fazer e sentir coisas estúpidas, do pior ao melhor, mas até agora o meu anjo tem me feito sentir apenas o melhor do que é estar perdidamente apaixonado.

Giro a chave e destranco a porta, saindo e fazendo exatamente como Pamella pediu.

Eu estou apaixonado. Eu estou amando. Por mais que ontem eu tenha vivido um inferno dentro do octógono ao ver George me assistindo, por mais que

eu tenha quase me fechado em meus pensamentos autodestrutivos e dado chance para escuridão apodrecer ainda mais a minha alma perdida, Pamella não me deixou nem mesmo quando os meus pensamentos quiseram ir para o pior lado. Eu entrei em casa, tomei banho outra vez e deitei na minha cama. Quando fechei os olhos para tentar dormir, a imagem de George aparecia na minha mente, mas a voz que eu escutava era de Pamella e foi por isso que resolvi procurá-la. Naquele momento eu soube que me afastar dela não deveria nem mesmo passar por minha cabeça. Essa mulher tem sido a única coisa que tenho pensado nas últimas semanas e, depois de tudo que tem acontecido entre nós, depois de todas as provas de confiança, nada me dá mais certeza de que pertencemos um ao outro e de que nossos caminhos não se cruzaram em vão.

Bato duas vezes na porta do meu apartamento, encostando-me cansado e sem vontade de pegar minha chave no bolso do meu moletom. Alguns pontos específicos do meu corpo doem pelos golpes que levei na noite passada, nada insuportável, mas é aquela dor que incomoda em pequenas pontadas. Minhas costelas e minhas costas são o que mais doem. Durante a viagem vou aproveitar para colocar gelo e me recuperar, quero estar novo em folha para os próximos combates e trazer o título de campeão do Circuito para Jake e Furor. Esse é o trato, esse é o meu trabalho e eu darei meu sangue para cumpri-lo.

— Dormiu bem? — minha mãe pergunta no instante em que abre a porta e me dá espaço para passar.

Ela cheira a flores e tem um sorriso aconchegante, mas eu odeio-me por não me sentir em casa com ela. Depois do inferno que vivemos, não soubemos como nos comunicar da maneira certa. Ela tentou, tentou muito mais do que eu me obriguei a tentar, mas não conseguimos estabelecer algo igual ou parecido ao que vejo com Jake e as gêmeas. Eu amo a minha mãe, daria minha vida por ela assim como já me coloquei na linha de frente muitas vezes, tomaria todas as suas dores para lhe deixar em paz, mas isso é impossível. As barreiras ao redor de nós dois tornam tudo inviável. Fizemos o que pudemos para sobreviver e nós sobrevivemos e é por isso que eu sou grato. Não podemos nos expressar com palavras ou ações, porém no fundo sabemos o que sentimos por ambos e isso é mais que o suficiente.

— Eu dormi muito bem — afirmo, depositando um beijo no topo de sua cabeça e seguindo pela sala de estar. Avisto duas malas, uma encostada na outra, e cruzo os braços. — E você? Eu não estava em casa quando chegou e nem ouvi da casa da nossa “vizinha”...

— Tomei um pouco de ar antes de voltar para casa. Sinto muito por não estar aqui, mas tinha certeza que você estaria em boas mãos. — Ela sorri, um

pouco envergonhada.

Minha mãe está me escondendo alguma coisa. Sempre fui bom em ler as pessoas e com a minha mãe não é diferente. Para ser sincero, a proximidade entre nós facilitou bastante para que eu pudesse detectar qualquer mentira sua a qualquer momento. Contudo, se ela não quer contar, não insistirei.

— Fiz suas malas. — Pigarreia. — Sei que não teria tempo para isso e eu nunca deixo faltar nada. Se quiser checar, deixei a sua mochila em cima da sua cama para colocar algo a mais que precise. — Minha mãe se aproxima de mim em passos rápidos. — Vá tomar banho e se arrumar, fiz o café-da-manhã reforçado que você merece depois daquela noite dura.

— Vou sentir falta da sua cozinha — comento, obedecendo ao seu pedido.

Me dá alívio saber que a minha mãe arrumou as minhas coisas, assim poderei voltar para ver Pamella antes de ir para o aeroporto e ela poderá me acompanhar durante o caminho.

— Eu sei que vai, mas também sei que vai sobreviver. Agora faça o que eu disse, Tristan, não quero que coma apressado.

Florence Rivera quando quer mandar, ela manda.

Sigo até o meu quarto, observando que a minha mãe realmente deixou a minha mochila em cima da minha cama. Sorrio de lado, balançando a minha cabeça e avançando até o meu banheiro. Deixo a minha roupa dentro do cesto e caio na ducha. Não tenho costume de demorar no banho, sendo assim eu sigo a minha regra e caio fora cerca de três pares de minutos mais tarde. Minha mente em nenhum momento deixou de viajar entre tudo de ruim e de bom que aconteceu ontem. Desde a assombração do meu passado até o primeiro “eu te amo” que troquei com a minha Pamella Cohen. Foi um dia intenso e de muitos acontecimentos, nada com que eu não esteja acostumado. Eu gosto dessa montanha-russa. O que seria de mim sem a adrenalina do bom e do ruim? Depois de muito tempo nós acabamos nos acostumando com a nossa própria natureza morta e eu gosto da minha natureza.

Escovo os dentes com uma mão, enquanto esfrego a minha tolha pelo meu cabelo e em seguida tento amarrá-la em minha cintura. Isso só funciona da maneira certa quando termino de escovar os dentes e uso as duas mãos para aquela simples ação. Volto para o meu quarto e não penso duas vezes antes de pegar um jeans escuro e camisa preta. Visto uma boxer também preta e logo estou sentado apenas amarrando os cadarços do tênis branco que calcei em meus pés. Ficar pronto para sair para mim é algo simples demais: pego qualquer pedaço de pano que acho pela frente e visto. Prático e rápido. É exatamente por

isso que nunca vou entender as mulheres...

Tiro o meu material de treino da mochila que usei ontem e coloco na outra, certificando-me de que tenho tudo que preciso ali dentro e finalmente deixando o quarto após sentir o cheiro de café fresco. Jogo a mochila no sofá, fitando minha mãe colocar mais um lugar à mesa. Surpreendo-me ao ver Pamella sair quieta da cozinha com uma taça de vidro grande cheia de frutas diversas. Ela não está arrumada. Na verdade, Pamella está usando um de seus casacos que se parecem com um roupão — eu não sei se isso tem outro nome — e o cabelo está amarrado em um coque firme. Ela deve ter apenas lavado o rosto e escovado os dentes antes de sair de casa. É como se Pamella soubesse que eu iria atrás dela.

— Você veio para o café — digo, aproximando-me das duas únicas mulheres da minha vida.

O meu anjo vira o rosto, depois de deixar a taça em cima da mesa, e sorri para mim.

— Eu achei justo passar com você os seus últimos momentos em New York...

Justo o caralho.

Isso é tortura.

Se minha mãe não estivesse aqui, meu café-da-manhã não seria nada que está disposto na mesa.

— Justo... — resmungo, sentando-me em uma das cadeiras e segurando a sua pequena mão. Puxo a morena para mim, fazendo com que ela se sente em meu colo. — Você sabe que nada disso é justo — continuo, murmurando em seu ouvido e ela sorri baixo.

Os gestos de Pamella parecem inocentes, mas de inocente ela não tem nada quando está perto de mim. Eu sou capaz de perverter qualquer palavra ou ação que ela faz. É um dom dos homens que eu não havia descoberto até conhecer essa mulher em especial. Manter o meu pau quieto nunca foi um problema até Pamella Elizabeth Cohen cruzar o meu caminho.

— Sua mãe está aqui e eu ainda estou um pouco sonolenta — sussurra de volta apenas para eu escutar e me acerta com uma cotovelada.

— Não seja agressiva comigo, anjo. Você não faz nenhuma noção do quanto isso pode foder com a minha cabeça e não é de um jeito ruim...

— Não preciso do seu lado pervertido nesse momento, Tristan. — Pamella desliza para fora do meu colo e se levanta. Eu não tento impedi-la, apenas assisto os seus movimentos atentamente, inconformado no quanto vou perder durante a temporada do Circuito. — Podemos? — indaga, fitando minha mãe e sorrindo.

As duas se sentam, uma de frente para a outra, e eu sou o primeiro a pegar uma fatia de pão e começar a preparar um sanduíche grande para mim.

— Você vai ligar todos os dias? — senhora Rivera é a primeira a quebrar o silêncio entre nós.

— Menos, mãe... — resmungo e recebo um chute debaixo da mesa. Encaro Pamella, completamente incrédulo com o que eu sei que foi ela que acabou de fazer. Pigarreio, fitando a minha mãe e continuando a preparar meu sanduíche. — Vai ter dias que eu não vou ter toda essa vontade e nem tempo para falar ao telefone. Os treinos vão ser mais intensos, as viagens serão umas em cima das outras e eu realmente não posso lhe prometer telefonemas todos os dias, mas prometo tentar ligar o máximo que conseguir.

Ela sorri para mim e acena positivamente. Encaro Pamella e ela também sorri, fazendo-me revirar os olhos.

— E eu? — ela pergunta.

— Você o quê? — Coloco uma fatia em cima de tudo que enfiei no meu sanduíche e mordo um grande pedaço.

— Você vai me ligar o máximo que conseguir também?

Pensei isso antes, mas volto a refletir sobre: eu nunca vou entender as mulheres.

— Você está brincando? — falo de boca cheia, mas sei que ela entendeu.

— Eu sou sua namorada, então acho que...

— Espere um momento! — minha mãe a interrompe. — Vocês dois estão namorando?

Eu posso sentir a felicidade em sua voz.

— Sim... — Pamella sussurra, acanhada. — Eu pensei que Tristan havia lhe contado.

Senhora Rivera me encara e eu reviro os olhos.

— Em minha defesa, mal entrei em casa, mãe. Preciso de um tempo para acordar direito e colocar os pensamentos no lugar. E, ainda em minha defesa, eu fiz isso ontem, então não é como se namorássemos há um ano e você tivesse acabado de descobrir.

— Eu não falei absolutamente nada — ela retruca e Pamella ri de mim. — Estou feliz por vocês dois e pelo futuro que os espera. Espero que o casamento não demore para sair.

Engulo de uma só vez o pedaço de pão que estava em minha boca.

— Estamos apenas namorando, Florence — Pamella se apressa em pontuar



o meu próprio pensamento.

— Nós ainda estamos nos conhecendo, mãe — completo.

— Eu reconheço um amor verdadeiro de longe — afirma, dando de ombros calmamente.

Encaro Pamella e ela sorri para mim.

Eu gostaria de saber que amor verdadeiro é esse que a minha mãe conhece tanto. Nossa vida sempre foi infernal e eu só fui descobrir o que é o amor entre um homem e uma mulher recentemente. Difícil acreditar no palpite de Florence Rivera quando o único amor que eu já presenciei entre ela e um homem foi com o monstro que eu deveria chamar de pai. De qualquer forma, o que sinto por Pamella é o suficiente para eu querer passar o resto da minha vida com ela, casados ou não, sinceramente isso é o que menos importa.

Terminamos de tomar nosso desjejum em meio uma conversa leve em que as duas mulheres lideraram na maior parte. Não me incomodei em nada, eu gosto de ver o quão confortáveis uma com a outra elas duas são. Pamella e minha mãe são grandes amigas e isso secretamente me agrada mais do que eu pensaria que chegaria a agradar. Sei que minha mãe tem seu instinto fechado por natureza e isso poderia dificultar a sua comunicação com Pamella, mas segundo ambas, elas já se davam bem antes mesmo de eu chegar a New York. Quando algo tem que acontecer, acontece inevitavelmente.

Acompanho Pamella até a porta de seu apartamento, de cenho franzido e uma interrogação no meio da testa.

— Você não vai? — indago e ela revira os olhos, soltando a minha mão.

— Eu vou, Tristan, só estou dizendo que vou sozinha e depois de você. Tenho certeza que já deveria estar saindo de casa para se encontrar com os caras. Não quero te atrasar e eu preciso tomar banho. Por favor, vá logo, senão vamos acabar não nos vendo antes de você decolar.

Assinto contrariado, mas aceito o que ela diz.

Ela se aproxima de mim e tenta me beijar, mas viro o rosto, fazendo-a depositar um beijo em minha cicatriz.

— O que foi? — pergunta.

— Melhor você se apressar mesmo, quero um beijo de verdade na porra do aeroporto — retruco em explicação.

Minha mãe aparece arrastando as minhas malas e eu recuo para longe de Pamella. Puxo a minha mochila que estava em cima de uma das bagagens e jogo sobre o meu ombro.

— Você não existe — replica, sorrindo de lado incrédula.

— Te vejo em minutos. — Pisco para ela por fim.

Pamella entra em seu apartamento de uma vez e eu sigo com a minha mãe até o elevador quando ela tranca a porta e coloca a chave em sua bolsa. Vamos direto para o piso do estacionamento e assim que coloco a minha bagagem dentro do porta-malas, entramos nos bancos da frente e prosseguimos para o aeroporto sem muita conversa.

Eu sei que Pamella vai cumprir a sua palavra.



Cinco minutos.

É simplesmente inacreditável o fato de que faltam cinco minutos para nos dirigirmos até o avião particular de Furor, e Pamella ainda não chegou.

Cinco minutos.

Esse é o intervalo de tempo que eu tenho antes de ficar em um estado contínuo de irritação sem volta. Pamella disse que chegaria a tempo e até agora nada. Todos estão aqui, até mesmo os sobrinhos da gêmea, mas nenhum sinal dela. Absolutamente nada.

— Pare de olhar para os lados, cara. Pamella deve chegar a qualquer momento — Furor diz, embalando a sua filha nos braços.

Bufo, revirando os olhos por hábito. Checo o horário em meu relógio e corro os dedos por meu cabelo.

— Agora são apenas mais quatro minutos. Eu realmente devo manter a minha calma quando estou prestes a sair da cidade sem me despedir da minha nam... — Paro de falar imediatamente.

— Da sua? — Furor indaga.

— Esquece — murmuro, cruzando os braços.

Talvez eu deva deixar Pamella contar isso para a sua família.

— Segura Serena um instante? — ele pede e eu reprimo a vontade de dizer não.

Pego a menina nos meus braços, sem ideia nenhuma de como fazer isso da

forma certa. Furor se afasta e vai direto até Parisa. O mais interessante de tudo é que quando conheci Parisa e em seguida ela e Pamella ficaram em um mesmo ambiente, eu demorava bastante para deduzir quem era quem quando estavam caladas. Sentia-me ignorante por isso, é claro, mas hoje eu saberia distingui-las até mesmo de olhos fechados. Elas são tão diferentes que nada no mundo me faria confundi-las.

Serena começa a se remexer e usar as suas mãos pequenas para cutucar o meu rosto. É uma criança bonita e muito adorável, devo admitir, mas crianças me assustam um pouco.

— Sua tia não tem jeito, pequena — resmungo, como se ela pudesse entender tudo que estou falando. — Como posso deixar a cidade sem vê-la uma última vez? Nem mesmo nos beijamos.

— Pare de reclamar para a minha filha, inferno... — Furor reaparece do nada e pega Serena para si.

Solto uma risada, achando graça da minha situação.

— Eu disse que ela apareceria — completa, apontando com o queixo para um ponto onde eu não estava olhando.

E ali está ela, Pamella Cohen. O meu anjo realmente se parece com um anjo. Seu vestido branco e cabelos soltos lhe deixam tão bonita que os meus olhos ardem, como se eu fosse chorar, mas eu não estou chorando. Só ainda não me acostumei com a sua beleza estupidamente admirável. Correndo até onde estou, Pamella se aproxima radiante. Esqueço todo nervosismo que passei e me deixo aproveitar a bela imagem que capturo com os meus olhos.

— Eu disse... que viria... — afirma, ofegando sem parar e me abraçando pelo pescoço.

— Onde você se meteu esse tempo todo? — pergunto, deixando a minha chateação retornar.

— Amor, foi por uma boa causa. — Ela deposita um beijo em meu maxilar e eu a coloco no chão, deixando que ela tome um pouco de espaço brevemente. Foda-se, Pamella sabe como me colocar na palma de sua mão. — Eu tenho algo para te dizer...

Estou confuso.

— O que foi mais importante do que todo o tempo que poderíamos ter passado juntos? — pergunto.

Jake se aproxima de nós e entrega algo nas mãos de Pamella. Ele encara a filha e sorri.

— Tudo pronto — anuncia.

— O que está tudo pronto?

Que diabos de suspense todo é esse?

— Vocês terão tempo para conversar no avião, então, por favor, já está na hora — Jake continua e abraça a sua filha, que ainda me encara com um sorriso enorme nos lábios.

Nós teremos o quê?

— Ela está vindo conosco, cara, acorda! — Paul exclama, empurrando-me pelas costas.

— Isso é sério?

Pamella acena positivamente.

— Eu vou acompanhar vocês durante toda a temporada — finalmente ela fala algo e isso me faz sentir um misto das melhores coisas que eu já senti, como se fosse “três em um”.

Pamella está vindo comigo para a temporada do Circuito.

Putaquepariu!

# CAPÍTULO 16

## VIAGEM

PAMELLA COHEN

*Oh, eu posso sentir o meu coração batendo porque você me faz sentir como se estivesse vivo novamente.*

— COLDPLAY, "ADVENTURE OF A LIFE TIME"

Lanço uma piscadela para Mike e Lucas, segurando o saco de gelo que eles me entregaram e enrolando-o em uma toalha fina. Volto para o meu assento, que fica logo ao lado do de Tristan, é óbvio, e praticamente me ajoelho ali em cima para segurar o gelo contra o seu rosto bonito. Os hematomas finalmente parecem marcar a sua beleza bruta, mas isso não o torna menos atraente aos meus olhos. Eu absolutamente adoro cada pedacinho de Tristan.

O lutador me puxa para o seu colo em um movimento brusco, mas eu acabo rindo e me endireitando em cima de suas pernas fortes e musculosas. Encaramo-nos por curtos segundos, mas eles sempre parecem uma eternidade quando estamos assim tão próximos.

— Ainda parece um sonho você aqui, dentro desse avião, comigo — resmunga, fintando-me atentamente enquanto pressiono a saco de gelo no osso alto de sua bochecha direita.

— Surpresa... — sussurro de volta em tom de brincadeira e o canto de sua boca levanta em um movimento muito fofo, como se ele estivesse tentando reprimir o seu sorriso. É uma pena, porque agora que Tristan está sem barba eu posso ver cada detalhe seu quando sorri. — Eu não aguentaria muito tempo afastada de você, Rivera. O que construímos tem sido o meu remédio diário e eu simplesmente não quero deixar a minha alma adoecer outra vez. — Mordo o lábio inferior, descendo o saco até seu maxilar e voltando a encará-lo dentro dos olhos escuros. — Além de tudo isso, pensei em você. Tenho certeza de que se estivesse confortável o suficiente comigo, teria me chamado para essa jornada. Não quero e nem quis forçar nada com essa decisão, meu único intuito é de reafirmar que você sempre vai estar seguro comigo.

— Anjo... — murmura, mas para e pigarreja. — Eu sei que estou seguro com você, assim como você deve saber que também está segura comigo, mas admito que tem razão sobre as suas colocações. Ainda estou tentando descobrir como fazer com que nós dois funcionemos da maneira certa, sem danos para nenhum dos lados e sempre buscando o melhor. Tenho certeza que você entende que nunca estive em um relacionamento antes, então isso tudo é muito novo e fresco para mim, ainda mais todo esse sentimento. Babe... — Tristan aproxima o rosto do meu, fazendo-me tirar o saco de gelo do nosso caminho e lhe ceder toda a minha atenção. — Eu quero fazer de você a mulher mais feliz do mundo, mas eu ainda não sei como. Todo dia eu descubro algo novo, algo que faz os seus olhos brilharem; algo que faz o seu sorriso bonito explodir no rosto; algo que te deixa ansiosa, nervosa, sedenta; algo que faz o seu coração acelerar e, principalmente, algo que te faz cair por mim a cada manhã, assim como eu caio por você do momento em que levanto da cama para mais um dia de trabalho ao momento em que deito para dormir. Pamella, você não tem noção do quanto me faz feliz por me dar a chance de ser seu e de você ser minha, não como uma propriedade, mas como parceiros de alma. E foda-se se pareço um babaca apaixonado, foda-se se a cada conversa que tivermos eu me declare para você em algum momento, o negócio é que não consigo ou desejo segurar a vontade de te fazer feliz com as minhas palavras e as minhas ações. Você é o remédio para

todas as minhas dores e a luz para a minha escuridão, meu anjo, nunca esqueça dessas palavras.

Tristan sempre me deixa sem palavras quando decide falar de nós dois. Ele tende a parecer acanhado no começo, mas quando consegue desenvolver os seus pensamentos, as mais bonitas palavras se formam e soam através de sua voz agradável. Sim, meu coração acelerou, borboletas voaram em meu estômago, eu senti minha respiração descompassar, mas nada se compara ao ardor em minha pele toda debaixo do seu olhar furiosamente apaixonado. Tristan é todo quente, é todo muito, ele não sabe ser pouco e suas ações não são diferentes. Ele me queima e é dolorosamente delicioso me sentir amada e desejada de tal forma.

— Tudo que você fala para mim é como melodia dos anjos. Se o céu tiver um coral, certamente soam como a sua voz, lutador. — Beijo os seus lábios, escorregando os beijos por toda a sua face. Quando eu paro de fazer isso, deixo o saco de gelo no outro assento e ele segura o meu rosto e me beija da mesma forma que fiz com ele. Memórias de um dos nossos primeiros momentos juntos piscam em minha mente quando fecho os olhos, e eu acabo sorrindo. — Senti falta desse tipo de atenção especial... — sussurro, não perdendo o meu sorriso.

— Não deixarei mais que você sinta falta disso — afirma, ainda me beijando carinhosamente até pairar com a boca sobre a minha. — A primeira vez que fiz isso, eu era apenas um estúpido que queria descobrir o que você tinha de tão fascinante. Eu não sabia o que significava, só sabia que você merecia ser apreciada e essa foi a minha forma de te adorar. Deus, babe, eu estava muito certo. Beijos são como sopros de vida diferenciados. Quando eu beijo você, mesmo o mais simples beijo, que pareça automático ou insignificante, sinto que nossa conexão vai se fortalecendo cada vez mais. Beijar você é um sopro de vida para mim. Nunca me negue um beijo, talvez eu morra de abstinência se você fizer isso... — ele brinca no final, provavelmente para amenizar o peso de suas palavras, mas eu sinto cada uma delas como navalhas cortantes em minha pele.

— Eu nunca faria isso — afirmo, mais do que certa do que digo.

Suspiro, colando as nossas bocas e empurrando minha língua sem pressa sobre os lábios de Tristan. Tento entender suas palavras com essa experiência e como quem tivesse descoberto o maior segredo do mundo, senti tudo que ele disse em meu próprio corpo. Nosso beijo foi calmo, doce e gentil. Os pelos em meus braços se arrepiaram, assim como o cabelo em minha nuca e a necessidade no meio das minhas pernas latejou em uma pungente dor de prazer. Sua língua brinca com a minha até o ponto em que Tristan reduz a velocidade ainda mais para chupá-la vagorosamente, assim como ele faz quando coloca a cabeça no meio das minhas pernas, e foi exatamente lá que senti o efeito. Liberto-me

depois do que acho que foram segundos que se passaram, antes que percamos o controle sobre a situação, mas não antes de puxar o seu lábio inferior e chupá-lo como ele fez com a minha língua. Mordisco de forma leve, tirando um sorriso seu e consequentemente meu.

— Eu odeio não poder ficar sozinho com você — resmunga, claramente frustrado com a nossa situação.

— Sabe, amor, transar no ar deve ser legal... — brinco e ele solta um gemido muito baixo e grave, como se fosse uma reclamação vinda de dentro do seu peito.

— Pamella Cohen... — Remexo-me em suas pernas, enquanto ele passa as mãos em minhas coxas sem desviar o nosso olhar. — "Transar" com você é qualquer lugar é "legal".

Franzo o cenho, ainda brincando.

— Só legal? — indago.

— Anjo... — repreende em tom de aviso.

— Tudo bem, Tristan, tenho um Circuito inteiro para mudar a sua visão sobre o quão bom é transar comigo.

— Você que colocou a palavra "legal" em primeiro lugar. Aliás, eu não gosto também da palavra "transar", parece que voltei aos meus quinze anos de idade. Foder é o que fazemos quando não estamos fazendo amor — retruca e o meu sorriso se abre ainda mais.

— "*Fazendo amor*"? O que fez com o meu lutador assustador e impiedoso? — atiro, apenas para provocá-lo.

— Ele continua aqui dentro de mim, na maior parte da minha personalidade, mas perto de você ele fica bem diferente. Ele não precisa de suas armaduras e não precisa ponderar as palavras que deve usar. Toda palavra é certa para usar com você, Pamella Cohen. Aceite, nós dois fazemos amor eventualmente.

Corro os meus dedos por seu cabelo, satisfeita com o que ele me disse.

— Tudo bem, eu gosto de fazer amor com você... *eventualmente*. — Pego o saco de gelo e volto a colocar sobre os pontos mais escuros, feridas e inchaços. Esse homem é um touro e irresistível. — Agora eu preciso cuidar do seu rosto bonito, pois ainda não acredito no que aconteceu na noite passada. Por favor, poupe o meu coração nos próximos combates. Eu sei o quanto você é bom e no quão preciso sabe ser. Fez um bom trabalho, amor, realmente fez, só quero que não deixe eles te acertarem muito. Nunca me acostumei com essa adrenalina louca.



Tristan acena brevemente, afastando o olhar de mim.

— O que aconteceu na noite passada não vai se repetir... assim eu espero. Mas, de qualquer forma, não há outra pessoa mais preparada do que eu para vencer o Circuito. Vou conquistar o cinturão e será tudo dedicado a você.

— Não precisa dedicar a mim, Tristan. Contanto que você saia inteiro de volta para os meus braços, meu coração já agradece em alívio.

Ele revira os olhos, apertando minha coxa e esfregando a sua outra mão no final das minhas costas.

— Não precisa, mas saiba que ele é seu.

— A única coisa que faço questão de que seja minha é você, o resto é completamente o resto. — Tristan volta a apertar a minha coxa. — Eu te amo, lutador.

— Eu te amo, anjo.

Nós sorrimos um para o outro e eu continuo muito concentrada em cuidar dos seus machucados. Tudo bem, muito é um pouco de exagero, já que Tristan fez questão de tornar o meu trabalho voluntário árduo ao me provocar os toques quase que inocentes em minha pele por debaixo do vestido, e os beijos roubados e reprimidos por mim.

Quando o gelo começou a derreter no saco, voltei até os caras, que estão nos assentos da frente com o resto da equipe, e entreguei aquilo de volta para eles. Paul me deu uma pomada, dizendo que é própria para os tipos de ferimentos de Tristan e disse que quando chegássemos no hotel ele me daria outro saco para cuidar do lutador. Apenas acenei em concordância para meu amigo e fiz o curto percurso até o meu namorado pela segunda vez desde que decolamos.

O voo de longe está muito tranquilo e sem nenhuma turbulência. O tempo está aberto e firme, sem chuvas, temporais ou mais complicações. Sinto-me até mesmo abençoada por isso.

A nossa primeira parada é no Colorado. Depois de amanhã Tristan tem a sua primeira luta depois da abertura do Circuito e eu estou mais ansiosa do que ele mesmo. Para ser sincera, o meu lutador não demonstra nenhuma insegurança quando se trata do seu trabalho. Ele sabe o que faz e como faz, não tem rodeios, é simples, direto e completamente impiedoso. A única outra pessoa que conheço e é da mesma forma, é o meu cunhado Trent, o que imediatamente me leva a pensar na possibilidade de uma luta entre eles dois. Ambos sairiam mortos, mas nada os faria dar o braço a torcer ou desistir, assim como muitos lutadores fazem quando são pegos em posições difíceis de serem revertidas. Se isso por algum

acaso acontecer algum dia, eu nem mesmo gostarei de saber. Tristan e Trent lutando um contra o outro é o tipo de ideia intragável.

Abro a pomada e espremo um pouco do conteúdo em meu dedo indicador, passando com cuidado sobre as feridas frescas. São poucas, mas elas merecem tanta atenção quanto os hematomas. Tristan me entrega *band-aids*, indicando para que eu coloque sobre as feridas, e eu lhe entrego a pomada para ele fechar, enquanto realizo o seu pedido.

— Pronto — concluo, puxando a pomada da sua mão e colocando no assento livre do lado de Tristan. — Depois cuido um pouco mais dos seus hematomas, acho que por ora você teve o suficiente.

— Ótimo — resmunga quando eu tomo o meu lugar ao seu lado.

Agarro sua mão com a minha, entrelaçando os nossos dedos e encostando a cabeça em seu ombro.

— Fale um pouco mais sobre você para mim — pede.

Levanto o rosto com um pouco de dificuldade e o encaro.

— Mas você sabe praticamente tudo sobre mim — replico, franzindo o cenho.

— Tenho certeza que você ainda guarda algumas coisas para si. Deixe-me te conhecer, anjo, eu sei que ainda consegue me surpreender.

Dito isso, eu penso e vasculho em minha mente coisas que espero conseguir na minha vida, e a primeira é...

— Eu quero ser mãe — afirmo e ele balança a cabeça negativamente, com um sorriso contido no canto dos lábios.

— E eu já esperava que você carregasse esse desejo consigo.

Dou de ombros, afastando um pouco dele e endireitando-me de lado no assento, de forma que eu consiga ficar de frente para Tristan, mas não solto a sua mão.

— Eu amo crianças e esse é realmente um desejo que tenho desde sempre. Fora isso, por mais que eu ame New York, gostaria de viver no litoral da Califórnia, numa cidade calma e com uma pequena casa de praia para passar os finais de semana com as minhas crianças...

— *Nossas* — resmunga em correção, quase que sem som.

— Isso — retruco, segurando o riso. — Eu não sei, Tristan, tenho muitos pequenos sonhos que gostaria de realizar, como viagens de férias com a família, momentos especiais que sei que se concretizarão...

— Só isso? — questiona.

Solto a sua mão, lembrando de um último detalhe, mas que é parte da minha essência. Sei que estive afastada disso nessas últimas semanas por conta do meu envolvimento com esse lutador e, principalmente, por não conseguir pensar em nada além dele, porém o meu trabalho me chama e a necessidade de me expressar pulsa dentro do meu peito.

— Tem mais uma coisa — digo, levantando-me e indo em busca da minha bolsa. Meu laptop sem está dentro dela quando faço viagens, seja para assistir algum filme ou série, ou mesmo só para escrever. Achando-a nos assentos atrás dos caras, volto para o meu lugar e abro, puxando o aparelho ali de dentro. Sinto o olhar observador de Tristan em cima de mim e eu sei que ele está prestes a me perguntar sobre o que se trata, mas eu me apresso em digitar a minha senha e virar-me para ele. — Sei que pareço desocupada e...

— Você não parece desocupada — ele me repreende.

— Talvez para algumas pessoas sim — afirmo. — Mas eu trabalho. É por conta própria, ninguém sabe ainda e eu só preciso de um pouco mais de coragem para começar com o negócio de verdade.

Tristan arqueia a sobancelha, confuso.

— Você não está metida em coisa ilegal, certo?

Gargalho e ele se junta a mim.

— Não seja estúpido, lutador — digo.

— Eu só queria testar essas palavras com você. — Dá de ombros. — Continue, Pamella, quero saber no que está trabalhando...

Respiro fundo e navego pelo laptop, achando um arquivo e abrindo para lhe mostrar. A confusão está ainda mais estampada em seu rosto quando ele vê aquilo cheio de letras, palavras, frases, parágrafos e, enfim, capítulos.

— O que é isso? — pergunta.

— Isso se chama livro. — Sorrio, um pouco nervosa. — Ou apenas metade dele. Eu ainda não terminei esse e...

— *Esse?*

— Sim, eu tenho alguns completos, mas que precisam de uma reformulação — explico. — Escrever e ler é algo que carrego comigo desde pequena. Sempre estudei nas melhores escolas com Oliver e lá nós éramos provocados a ler livros para um currículo escolar melhor. Desde então, carrego o hábito de ler nas minhas costas e descobrir que escrever fazia-me tão bem quanto apenas ler, foi uma grande descoberta. Às vezes eu não tinha ninguém para me escutar, então eu enchia diários com os meus dilemas adolescentes. Isso me ajudou muito e

continua me ajudando agora, mas eu não escrevo mais em diários, eu crio personagens, situações, dilemas, romance, livros.

— Isso sim é uma surpresa e tanto — diz, parecendo estar tentando buscar as palavras certas. — Eu não gosto de ler e na verdade nada disso nunca me pareceu interessante, principalmente romances, mas...

Tristan para de falar e minha ansiedade martela.

— Mas? — indago.

— Mas você vai ler seus livros para mim?

— Eu? Tristan, eu acho que não vou conseguir fazer isso.

Minhas bochechas esquentam.

— Não? Por quê?

— Bom, tem algumas cenas que simplesmente não vão conseguir sair da minha boca. Conteúdo para maiores de dezoito anos.

Seu sorriso sacana me brinda com excitação.

— Sorte minha que já passei dos dezoito há alguns anos — murmura, aproximando o rosto do meu. — Anjo, agora eu realmente quero ouvir o que você escreveu. Não aqui e não agora, mas em um futuro bem próximo.

— Você não pode me obrigar a essa tortura — rebato, sentindo-me quente de repente.

— Eu não vou nunca obrigar você a nada, mas posso te persuadir a ler para um analfabeto.

Reviro os olhos.

— Eu tenho certeza que você não é analfabeto.

— Você tem razão, mas eu ainda quero que você leia para mim. Vai doer em você se fizer isso?

Agora eu que tenho que reprimir o meu sorriso.

— Vai...

— Onde? — Semicerra os olhos em minha direção.

— Você não quer saber.

Tristan sacode a cabeça para os lados e para de me encarar, puxando uma respiração profunda para dentro de seus pulmões.

— Você vai ler para mim e eu vou cuidar da sua dor — afirma, colocando um ponto final na discussão.

— Você está bem? — pergunto, divertida.

— Depois de você falar que ler as suas coisas para mim vai deixar a sua b...

— Tristan! — exclamo em um sussurro exasperado.

Ele me fita de soslaio e acaba sorrindo.

— Eu estou ótimo.

Fecho o laptop e entrego para Tristan colocar do seu lado e assim ele faz. Nós dois rimos da situação até engatarmos em mais uma conversa leve e cheia de pequenas descobertas sobre mim. Pode parecer que apenas eu estou me entregando completamente nesse relacionamento por estar me abrindo para ele, mas Tristan tem suas dificuldades e eu respeito isso. Além do mais, tê-lo tão empenhado para descobrir tudo sobre mim já me mostra que ele está tão entregue quanto eu para o nosso amor.



Aterrissamos sem dificuldade.

Tudo foi bastante tranquilo desde que decolamos até o momento em que voltamos para o solo. A viagem foi de quase quatro horas, mas passou com um piscar de olhos. Talvez pelo fato de que eu e Tristan não paramos de conversar um minuto sequer e provocar um ao outro. Só Deus sabe o quanto nós nos seguramos para não fazer nenhuma besteira.

O estado do Colorado, mais precisamente a cidade de Denver, é incrível. Apesar do calor intenso para alguém como eu que passou a maior parte da vida em Seattle, a cidade cinza e chuvosa, com temperaturas que não excedem os vinte e cinco graus, estou curtindo as primeiras horas nessa cidade. Eu e Tristan acabamos de entrar no nosso quarto de hotel, pois eu quis que ficássemos juntos e eu estou maravilhada com a vista que temos das montanhas das cidades próximas de Denver. Consigo ver cada uma delas, mesmo de longe, cobertas por neve. Provavelmente alguma forte nevasca ainda no meio do ano.

— É comum — Tristan afirma, abraçando-me por trás e fechando os braços ao redor da minha cintura. — Pelo que fiquei sabendo, é uma que fica há quarenta minutos daqui chamada Estes Park.

— Mas aqui eu estou praticamente derretendo e lá está nevando — replico, plantando as mãos em cima das suas. — É no mínimo estranho, mas obviamente não é impossível. Coisas da natureza...

— Olhe para nós dois, é um desses casos. No mínimo estanho, mas obviamente não é impossível.

Fito Tristan sobre o ombro e sorrio, porque ele está certo.

Eu sou Denver e ele é Estes Park, um ao lado do outro como milagre da natureza.

— Vamos tomar banho? — indago e ele acena que sim prontamente.

— Eu fiquei ansioso para esse momento chegar. — Desliza a sua mão por minha barriga, deixando-me ansiosa e frustrada por meu vestido estar no meio do caminho. — É o nosso primeiro banho juntos.

— Não é bem assim — retruco. — O lago foi o nosso primeiro banho juntos.

— Anjo, você entendeu o que eu quis dizer.

Paro de implicar com ele e aceno positivamente, deixando que Tristan deposite um beijo sobre a minha bochecha e em seguida passeando com a sua boca por meu rosto inteiro, provocando-me como sempre faz antes de qualquer outro movimento. No instante em que ele sela os nossos lábios, viro-me em busca de contato e começo a empurrá-lo para o banheiro. Nós não fechamos os olhos dessa vez, o que é um pouco estranho para mim, mas isso traz um desejo diferente para nosso meio. Eu consigo ver tudo de Tristan apenas através dos seus olhos.

Parto o nosso beijo quando ele abre a porta do banheiro e me puxa pela cintura, enquanto eu tiro a sua camisa preta com sua ajuda e arremesso para bem longe. Tristan empurra as alças do meu vestido para baixo e eu abro a braguilha do seu jeans, enquanto ele chuta o tênis para fora de seu pé e eu me livro da minha própria sandália. Estamos ambos frenéticos. Nossas mãos esbarram por todo lado e quando finalmente estamos pele a pele, colocamo-nos debaixo do chuveiro e deixamos que a água caia sobre o nosso corpo. Eu sorrio, tão satisfeita quanto poderia estar. É certo que essa foi a melhor escolha que eu já tomei em toda a minha vida. Não aguentaria passar muito tempo longe de Tristan.

— Vamos banhar, amor — peço, afastando a minha boca da sua e escutando seu resmungo em reclamação. Sei que a minha boca deve estar muito vermelha, assim como a de Tristan, e por mais que estivéssemos “quase lá”, eu tenho consciência de que precisamos descansar. Eu não vim para lhe desgastar. — Eu estou cansada e você ainda precisa de cuidados — explico, abrindo um pacote de sabonete e molhando-o entre nós dois.

— Está falando sério? — pergunta assim que começo a passar minhas mãos

por seu peitoral forte, ensaboando-o todo.

O encaro e aceno que sim, sorrindo ao mesmo tempo que mordo o meu lábio inferior.

— Precisou me provocar tanto só para falar isso para mim agora? — continua e eu dou risada de sua colocação.

— Eu não provoquei você — defendo-me.

“Não tanto assim”, completo em meus pensamentos.

— Anjo... — repreende-me como sempre.

Subo as minhas mãos por seu pescoço, esfregando suavemente para acalmá-lo. Tristan pega o sabonete e esfrega em meu busto, imitando os meus movimentos. Eu tento não reagir aos seus toques e o meu esforço dá certo, então estamos nos lavando e saindo do banheiro enrolados em grandes toalhas brancas.

Tristan coloca uma das minhas malas em cima da cama e eu o agradeço, pois ela realmente está pesada. Tiro algumas peças dali de dentro para não voltar a pegá-la até amanhã e começo a me vestir. Uso uma calcinha que parece um *short* e é bastante confortável, e um top de ginástica. Fecho a minha mala e coloco-a no chão, empurrando para perto das outras e voltando para a cama para pegar as minhas roupas que escolhi e colocar em cima da mesa que fica perto da sacada. Viro-me para Tristan e ele já está de calça de moletom, mexendo em seu celular e pegando algum controle de cima da mesa de cabeceira do seu lado da cama. Jogo-me no colchão e ele demora um pouco, parecendo concentrado no que está fazendo. Meu corpo relaxa com a maciez da cama e segundos mais tarde Tristan volta a sua atenção para mim quando se senta na cama.

— Aconteceu algo? — pergunto e ele balança a cabeça negativamente.

O loiro aperta em algum botão do controle e as cortinas se fecham automaticamente, enquanto o ar condicionado é ligado. Desligo a luz no painel que fica acima da cama e me aconchego contra Tristan.

— Podemos dormir um pouco? — pergunto.

— Sim, anjo. Você pode dormir o quanto quiser, mas daqui a pouco eu tenho treino no espaço reservado para isso aqui no hotel.

Concordo em um resmungo.

— Tudo bem, eu vou com você e depois nós jantaremos.

— Bom plano, babe. Agora descanse.

Sorrio ao sentir ele pressionar um beijo em minha testa.

— Você também — indico, abraçando-o com mais força.

— Farei isso.

Fecho os olhos e conto de um até dez para finalmente ficar mais calma. Passo a escutar a respiração de Tristan e me concentro nela, até que caio no sono sem perceber.



Quando acordei, cerca de dez minutos atrás, Tristan já não estava na cama. Já passa das cinco da tarde e eu tenho consciência de que dormi muito, muito mesmo. Não faço a mínima ideia se Tristan tentou me chamar para acompanhá-lo ou apenas saiu, porque eu não escutei ou senti qualquer coisa.

Dormi como uma pedra.

Finalmente achei o lugar que o lutador se referiu quando disse que iria treinar. Depois de falar com um dos funcionários do hotel, ele gentilmente me trouxe até um lugar além da área de lazer bem movimentada. Quando entrei na sala, avistei imediatamente os caras com o meu namorado.

Empurro Paul pelo ombro e ele me encara de braços cruzados. Nós dois ficamos lado a lado, enquanto Mike e Lucas treinam a habilidade do reflexo e reação de Tristan dentro do ringue. É legal poder estar em um hotel que tem esse tipo de espaço, mesmo que seja pequeno.

A sala tem espaço apenas para dois sacos de pancada, ringue e um banco perto de um bebedouro. O Circuito tem movimentado milhões de dinheiro, é um evento que mexe com a paixão dos amantes de luta que não medem esforços para fazer a pequena turnê pelo país apenas para não perder nenhuma noite de luta. Saber que o meu cunhado foi quem mais brilhou e conseguiu aparecer para expandir o Circuito é algo que me enche de orgulho. É exatamente por isso que ele é rico pra caralho e o mais procurado para divulgar marcas grandes de esporte e ginástica, além de outros eventos de luta.

Eu sei que Tristan não é novo no meio da luta, assim como sei que ele não fez o seu nome nos holofotes para que todos vissem. Ele veio do meio mais perverso das lutas, isso foi o que Trent me disse alguns dias atrás e o que eu já sei há algum tempo. Felizmente estou tendo chance de acompanhar o início de sua carreira em frente aos holofotes e na linha de frente. Tem muito investido em Tristan, eu sei que sim. São milhões de dólares em jogo para que ele vença o



Circuito e eu sei que ele vai conseguir.

— Ele está bem melhor — Paul analisa. — Exatamente como nos vídeos que fizemos dele nas lutas em Atlanta. — Viro o rosto para encará-lo. — Tristan não fala dos problemas dele e eu temo que isso dificulte o nosso trabalho. Trent teve os seus demônios, mas ele sempre foi aberto conosco sobre tudo. Não sabemos o que afeta Tristan e até onde isso pode foder com a mente dele em um momento decisivo. — Paul me encara de volta. — Sei que o que aconteceu na abertura do Circuito não foi falta de competência do seu namorado, Pamella. Alguma coisa mexeu com a cabeça dele e se não fosse por você, a luta estaria perdida.

— Nós estamos tentando, Paul. Ele está tentando.

— Eu sei — afirma. — Só peço que insista um pouco mais, Pam. Tristan não vai falar conosco sobre essa merda, apenas com você e eu tenho consciência disso. Quanto mais cedo você arrancar dele metade desse peso, mais rápido será para achar um caminho em que ele possa bloquear quem ou o que aconteceu no passado. — Ele dá de ombros e volta a fitar o ringue, então eu o imito, observando Tristan se mover e desviar dos golpes dos caras com firmeza e rapidez. — Isso é só o que eu acho...

— Eu vou tentar um pouco mais, mas somente na hora certa.

— Você já está cuidando dele, acho que isso é o suficiente por ora — rebate.

Mike e Lucas param ofegantes, mas os meus olhos apenas acompanham a reação de Tristan. Sua respiração é regular e bastante controlada, exatamente como se ele não tivesse feito nenhum esforço. Pego uma garrafa de água e caminho até o ringue, subindo ao passo que os caras descem resmungando pela falta de ar.

Deixei o quarto depois de escovar os dentes, lavar o rosto e prender o meu cabelo em um rabo de cavalo alto e bastante firme. Coloquei apenas uma calça de ginástica colada, já que eu já estava de top, calcei o meu tênis de corrida e cá estou, sendo minuciosamente observada pelo meu namorado, enquanto tenho certeza que ele está me despindo em sua mente. Puxo o bico da garrafa com os meus dentes e lhe ofereço.

— Finalmente acordou — diz, segurando a garrafa e levando-a até a sua boca.

— Sim... Eu disse que viria com você e pelo visto o senhor me deixou para trás — reclamo, cruzando os braços em frente ao meu corpo. — Está aqui há quanto tempo?

Tristan me entrega a garrafa e puxa o ar com força.

— Há três horas, provavelmente. — Ele dá um passo para frente e acaba com a distância entre nós dois. — Você estava doce enquanto dormia. Acordar você seria um pecado do caralho, Pamella Cohen...

Ah, isso foi golpe baixo.

Eu não aguento quando ele me chama pelo nome e sobrenome. Isso mexe comigo de forma absurda.

— Mas eu ainda queria que tivesse me acordado — falo qualquer coisa que vem à minha cabeça, pois ele me deixou totalmente desconcentrada.

Tristan traz a mão direita protegida por bandagens até o meu rosto e desliza o seu dedão áspero por minha bochecha. Seu carinho é sem preço.

— Eu preciso de mais alguns minutos nesse ringue, então podemos jantar. Você espera? — questiona e eu rapidamente aceno que sim.

— Eu não tenho outra escolha e nem quero uma. Termine de fazer o que tem que fazer e podemos sair para jantar em qualquer lugar. — Lhe tomo um selinho rápido e sorrio.

— Assim eu vou querer deixar tudo de lado para irmos logo — murmura.

— Não, não. Você precisa continuar com o treino. Vou te esperar sentada no banco.

Mike e Lucas voltam para o ringue e me puxam pelo braço. Posso escutar um grunhido de Tristan, enquanto ele avança para me proteger, mas eu só dou risada.

— Parece deja vi... — Mike reflete e eu franzo o cenho com Lucas.

— Não é déjà vu? — Lucas se apressa em perguntar antes de mim.

Mike ri e nega com a cabeça.

— Não, porra. Deja vi mesmo, porque eu já vi essa porra acontecer antes, mas com Parisa e Trent.

Lucas e eu caímos na gargalhada, enquanto Tristan me puxa de volta para si. Eu não consigo parar de rir, porque quase tudo que Mike fala soa como comédia para todos nós. Ele é o mais palhaço e, ao mesmo tempo, divertido da equipe. Não faço ideia de como seriam os nossos dias se ele não estivesse aqui para nos presentear com as besteiras que cospe pela boca.

— Cara, você é ridículo — Lucas diz, finalmente se controlando.

Minha risada vai cessando, mas ainda tenho um sorriso nos lábios quando volto a me despedir de Tristan em outro selinho. Saio do ringue empurrando Mike e lhe acertando com um tapa. O mesmo reclama como uma cadela, mas é

fingimento barato de sua parte.

Os próximos minutos eu passo conversando com Paul sobre qualquer assunto leve e aleatório até Tristan terminar o seu treino às seis e meia da noite. A minha barriga reclama quando o loiro vem ao meu encontro e eu só sei de uma coisa: estou faminta.

# CAPÍTULO 17

## NOCUTES

PAMELLA COHEN

*Estes sentimentos não irão embora, eles vêm me derrubando para fora. Eles vêm me derrubando ultimamente toda vez que você chega perto de mim.*

— CITIZEN COPE, "SIDEWAYS"

Ontem foi um dia bastante puxado.

Por mais que eu tenha falado para Tristan pegar leve no treino, as minhas palavras entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Antes de ontem tivemos um jantar maravilhoso e divertido com os caras. Nós cinco fomos a um restaurante que fica próximo do hotel e que tem um tempero magnífico. Eu simplesmente amei a comida de lá e por causa disso que ontem também fomos

almoçar e jantar novamente por lá. Apesar de tudo, foi difícil fazer Tristan parar. Eu tive que literalmente expulsar os caras da sala e dizer em alto e bom som para o lutador que “já bastava”. Acho que a luta com Akil deixou a sua cabeça um pouco sobrecarregada e lhe fez querer carregar mais responsabilidades do que ele realmente já tem. Tristan está cada vez mais duro e cada vez mais empurrando os seus limites sobre a borda de um abismo. Eu não quero que ele se machuque por excesso de treino e sei que há uma grande chance de isso acontecer se eu não puxar as rédeas e lhe dizer que ele tem o suficiente e é suficiente no que faz.

Hoje é o dia de sua primeira noite de lutas depois da abertura do Circuito. Estou nervosa, mas animada, porque vi Tristan dar o seu melhor nos últimos dois dias. Se ele já era o suficiente, agora esse homem está imbatível aos meus olhos. O loiro vai lutar, segundo Paul, com cinco adversários apenas essa noite, para então começarem as classificações. É claro que o meu nervosismo se deve a isso, afinal, são cinco lutas, mas estou mantendo os pensamentos mais do que positivos.

Não há razão para duvidar de absolutamente nada.

Ainda na noite de antes de ontem e durante o dia anterior, cuidei de seus hematomas e feridas atenciosamente. As feridas já começaram a sarar e os hematomas estão mais claro, também sarando e melhorando. Depois dos treinos, a equipe de massagistas tem feito o seu trabalho para tirar os nós nos músculos que começaram a incomodar Tristan por conta dos seus movimentos repetitivos e exaustivos. É exatamente por isso que eu me preocupo. Ele exagera e os seus exageros têm preços, ou melhor dizendo: dores. O massoterapeuta tirou uns pares de nós dos músculos dos ombros de Tristan e ele finalmente conseguiu se movimentar com mais leveza outra vez. “Menos mal”, lembro-me de ter pensado.

Para hoje, eu o fiz combinar que ele não iria treinar e assim está acontecendo. Depois de tanto desgaste, esse lutador durão merece descanso durante o dia. Marcamos às cinco da tarde no saguão do hotel com os caras para irmos para o local da luta, mas enquanto a hora não chega, posso relaxar Tristan de mil e uma formas diferentes e eu sei que ele vai adorar cada uma delas.

Nós dois acabamos de subir depois de tomarmos o nosso desjejum e ainda são dez da manhã. Estamos sonolentos, eu mais do que ele, é óbvio, então deixamos as cortinas fechadas, a luz desligada e caímos de volta na cama. Estou em cima dele, depositando beijos em seu pescoço cheiroso e passando os dedos entre os fios molhados do seu cabelo, pois tomamos banho antes de sairmos do quarto. Tristan brinca com os dedos por debaixo da minha camisa, dedilhando a

minha pele suavemente e fazendo desenhos por toda ela.

Eu me arrepio toda.

— Você quer fazer alguma coisa hoje? — indago.

Tristan fica calado por longos segundos até me responder.

— Eu quero que leia para mim — retruca.

Seu pedido me acorda de vez.

Sei que falamos sobre isso quando estávamos vindo para cá, conversamos até demais para ser completamente sincera, mas eu não estava esperando por esse pedido de Tristan tão cedo assim. Ao mesmo tempo que sinto vontade de negar, não consigo forçar-me a lhe dizer não, porque estaria negando o meu próprio profundo desejo. Não tenho vergonha de ler para o meu namorado, mas temo ouvir a sua opinião sobre aquilo que eu escrevo.

— Agora? — Levanto o rosto, tentando fitá-lo em meio a penumbra.

— Sim, mas somente se você quiser. Eu quero muito, porém vou entender se não estiver preparada para compartilhar tanto assim comigo.

O lado paciente de Tristan comigo me surpreende mais e mais a cada dia.

Tateio a cama até alcançar o meu celular. Meus olhos doem com a claridade no instante em que aperto o botão inicial, mas logo que ajusto a luz do aparelho, fico confortável para procurar por alguns dos muitos arquivos que guardo comigo para releitura.

— Tem certeza? — pergunto uma última vez, tentando me certificar de que é isso que Tristan realmente quer. Ele acena com a cabeça em sinal positivo e eu pigarreio. — Eu vou ler uma das últimas cenas que escrevi. É em terceira pessoa e faz alguns meses que a escrevi, merece algumas mudanças, mas acho que você vai gostar...

Ele resmunga uma última vez, dando-me a deixa para começar e eu pigarreio novamente. Meu coração acelera e o pulso dispara.

— *“Se as pessoas soubessem que Lucca e Chiara estariam vivendo um momento como esse depois de tanto tentar afastá-los um do outro, provavelmente se revoltariam. É exatamente por isso que as únicas testemunhas dessa noite especial — a primeira delas —, são apenas as estrelas e a Lua cheia e brilhante. É claro que Lucca faria questão de dar novos significados de todas as palavras existentes para Chiara, a mulher a quem ele desejou a morte e voltou atrás, porque sabia que, apesar de todos os empecilhos, quando eles ficavam juntos, o seu mundo parava bem ali.”*

Tristan se move debaixo de mim e ele me coloca deitada de costas na nossa

cama, apoiando a cabeça em seu cotovelo e encarando-me atento.

— O que há de errado com as pessoas? Eles querem separar o tal Lucca da menina Chiara? — pergunta confuso, fazendo um vinco fofo se formar no meio de suas sobrancelhas.

— Sim, amor... Esse livro se passa na província de Verona na Itália, um dos muitos países que eu quero ter a chance de conhecer algum dia. Se trata de uma releitura da obra de Shakespeare, "Romeu & Julieta", mas uma versão com final feliz, eu prometo. — Sorrio para ele.

— Prossiga, anjo — pede.

— *“Eles parecem desesperados. O desejo proibido e o romance que não agrada a qualquer pessoa faz com que as sensações tripliquem para ambos. Chiara recebe os beijos apaixonados de Lucca por seu pescoço, enquanto ela desliza as unhas bem-feitas sobre as costas do moreno. A loira se sente completamente libertina, devassa. Seu corpo queima como brasa alta sob os dedos habilidosos do homem que ela escolheu amar até depois da morte.”* — Paro de ler, espiando a reação de Tristan, que ainda me fita parecendo... encantado. — *“Assim que Lucca consegue subir a saia do vestido pesado de Chiara, colocando-as acima de sua cintura, ele puxa as sandálias delicadamente para fora de seus pés. Deitada em cima de uma manta, ofegante e ansiosa, a jovem observa como o inimigo dos seus pais se devota para ela. É estupendo, magnífico, de tirar o fôlego. E ele lhe tira o fôlego quando passa a beijar o seu tornozelo, subindo com aquele carinho e lhe tirando um curto e baixo gemido. Ela ainda tenta se controlar, mas até mesmo os céus sabem que isso não durará por muito tempo.”*

— Pamella — Tristan chama a minha atenção e nós nos encaramos. — É assim que eu faço você se sentir? — pergunta e eu suspiro.

Balanço a cabeça negativamente.

— Não, Tristan. Não chega nem perto.

— Então eu sou ruim? — continua em uma batida.

— Você é o melhor, lutador, eu só não consigo descrever o que você me faz sentir. É mais do que “de tirar o fôlego”, eu posso te garantir isso. — Ele sorri, mais do que satisfeito com a minha resposta. — Isso te acalma? — brinco.

— Eu não estava desesperado — retruca.

Arqueio a sobrancelha, provocando-o e ele revira os olhos em resposta.

— Talvez um pouco, mas eu teria tempo para te fazer mudar de ideia — completa.

Nós dois rimos e eu avanço para selar os nossos lábios.

Eu odeio o quão irresistível esse homem é.

— Não quero perder o foco, mas com você falando assim fica muito difícil — aviso, beijando-o superficialmente outra vez.

— E eu não quero que perca o foco. Continue agora mesmo, Pamella Cohen — comanda e minha barriga revira.

Tristan joga sujo comigo.

— *“Seus beijos chegam até a parte de dentro da coxa de Chiara e ela arfa, arqueando as costas pela necessidade de mais. A loira sonhou copiosamente com esse dia nas últimas semanas, o dia em que ela e Lucca seriam apenas um, mesmo que por poucos minutos.”* — Tristan coloca-se no meio das minhas pernas e começa a puxar a minha calça de moletom para baixo, atraindo o meu olhar para si. Pigarreio e volto a ler, enquanto ele parece repetir tudo que eu digo que Lucca está fazendo, beijando do meu tornozelo até a panturrilha vagarosamente. — *“Afastando a calcinha simples de algodão para o lado, os beijos de Lucca agora tomam outro destino. Não é uma peça sexy e, na verdade, é um pedaço de pano que até mesmo uma garota de dez anos usaria para dormir ou passear pela cidade com os pais, mas aos olhos do homem apaixonado, Chiara se torna a mulher mais bonita que já pisou em toda Verona.”*

Paro de ler mais uma vez em meio a um riso frouxo misturado com um gemido contido.

— Tristan...

Ele afasta a minha calcinha para o lado e beija o ponto mais sensível ali: o meu clitóris. O loiro sorri quando faz isso, lançando milhares de ondas que me fazem tremer com o celular nas mãos.

— Leia, anjo. Eu quero escutar a sua voz.

“Como vou ler enquanto ele tira toda a minha atenção?”, penso, mas então forço-me a fazer o que ele pede, mesmo que eu tropece nas palavras de linha em linha.

— *“Tudo que Chiara vê são as estrelas e a Lua, além do céu infinito. Ela está entorpecida com um sorriso bobo nos lábios, enquanto a boca de Lucca trabalha devagar, como uma tortura deliciosa para lhe quebrar em duas. Ambos estão tão ligados que nada poderia tirar-lhes o prazer dessa experiência.”* — Ofego, engolindo a saliva em minha boca por estar na posição em que estou. Tristan não para, ele apenas se guia por minhas palavras de forma simples e que me surpreende. — *“Deslizando um dedo para dentro de sua boc...”*

É impossível.



— Eu não consigo mais — digo, entredentes.

— Pamella — reclama e eu jogo o celular para longe de mim, fazendo-o cair no chão. Eu não dou a mínima se ele quebrou ou não, só não quero ter que continuar lendo. — Porra...

— Não dá mais, eu juro que aguentei tanto quanto podia.

Tristan me faz “calar a boca” ao deslizar um dedo para dentro da minha boceta, assim como Lucca faria com Chiara se eu não tivesse parado de ler. Ele tem um ritmo devagar, pronto para usar isso contra mim e ao seu favor. Sua língua volta a sacudir sobre o meu clitóris e ele raspa os dentes levemente sobre a minha sensibilidade, fazendo-me recuar e tentar fugir do seu jogo. Eu até consigo escapar, mas Tristan é mais rápido e forte, então ele me joga de barriga para baixo e eu coloco o rosto no meio dos travesseiros para ele não escutar a minha risada, mesmo sabendo que ele pode sentir-me tremer por conta da mesma.

— Você não vai fugir de mim, anjo...

Ele desliza a minha calcinha por minhas pernas até tirá-la por completo e provavelmente jogá-la para longe, mas eu não sei se Tristan realmente faz isso e sinceramente não ligo porra nenhuma para o destino daquela peça. Passando o braço por meu quadril, o lutador me puxa para cima e faz eu me sustentar nos joelhos. Essa é uma das posições que me permiti testar pouquíssimas vezes durante o sexo. Eu gosto de poder olhar para quem está compartilhando desse momento comigo. Eu gosto de me sentir segura ao ter o olhar da pessoa em cima de mim. Ficar de costas nunca foi a minha coisa favorita, mas todas as posições com Tristan são as minhas favoritas. Ele nunca titubeia ou faz algo que me desagrade, muito pelo contrário, o meu lutador faz eu me sentir grandiosa na posição que for.

Tudo fica confortável com Tristan.

Ele volta a beijar as minhas pernas, subindo para as coxas e aproveitando para usar as mãos de cada lado da minha bunda. Tristan aperta com firmeza as minhas nádegas, praticamente amassando e depois desferindo tapas secos e rápidos na minha pele. Por um momento eu fico sobressaltada, porque a única vez que ele fez isso foi quando transamos no capô do seu carro, mas é algo que eu gosto, então o meu sorriso escorre pela boca mesmo que ele não possa ver.

— Tudo bem assim? — indaga e eu balanço o quadril em resposta, escutando a sua risada e recebendo outro tapa, agora do lado esquerdo. — Porra, Pamella Cohen, você é exatamente tudo que eu preciso.

Eu me preparo para lhe responder e até mesmo viro o rosto para o lado,

deixando a lateral esquerda pressionada contra o travesseiro, mas um gemido ganha mais força do que as minhas palavras porque Tristan volta a colocar a boca na minha boceta e dois dedos dentro dela. A minha excitação está provavelmente escorrendo por sua boca. Seus dedos bokeiam devagar, mas com muita facilidade porque eu estou extremamente molhada. Eu sempre estou muito molhada com ele. O meu ápice é sempre tão rápido a ser atingido, porque a simples sensação de ter Tristan ao meu redor já me deixa à flor da pele, então quando ele me toca eu já estou praticamente derretida aos seus pés. E, porra, o que ele faz com a boca é pura arte. Como ele me agrada, como ele a usa da forma certa... Não sei no que Tristan é ruim, mas certamente não é no quesito sexo e eu posso comprovar isso por minha própria experiência.

Ele afasta a boca dali e eu reclamo em um resmungo desconexo, mas, felizmente, os seus dedos não me deixam. Minha respiração está tão irregular e o meu pulso tão descompassado que tenho que puxar o ar pela boca por falta dele nos meus pulmões. Sinto Tristan se remexer e no próximo segundo ele retira os dedos de mim para me preencher com o seu pau sem proteção. Eu não reclamo porque a sensação é muito boa, mas eu sinto a necessidade de falar algo.

— Amor... — Ele afunda os dedos de cada lado do meu quadril, usando em seu favor para ir e vir com impulso. — Lembre-se... de que... não queremos... um bebê... agora... — Faço uma pausa a cada estocada que Tristan dá.

Ele ri, claramente se divertindo com o meu alerta.

— Não queremos, anjo. Não se preocupe com isso — afirma, seguro de suas palavras.

Então eu me sinto segura também.

A sequência de acontecimentos é curta, porque eu não duro mais do que dois minutos depois do atencioso trabalho de Tristan com os dedos, a boca e então com as mãos novamente só que de outra forma. Eu não consigo negar que adoro quando ele desfere tapas na minha bunda. Não dói, não como as pessoas podem achar que dói. É algo insuportavelmente quente e que me deixa revirando os olhos de uma boa forma. E, além de tudo, sei que é da natureza de Tristan toda essa dureza e rispidez, então senti-lo ser ele mesmo comigo durante algo tão íntimo como sexo é mais do que a minha mente possa aguentar.

Meu orgasmo vem antes do seu e o meu quadril fica enfurecido, indo ao seu encontro antes mesmo dele estocar outra vez. O meu estômago contraí e eu o chamo pelo nome, escutando os seus rosnados em resposta. Tristan aumenta o seu ritmo e a força também. Eu lhe ajudo, prologando o meu orgasmo até o ponto em que suporte senti-lo apenas para provocar o meu lutador durão a

quebrar comigo.

Ele vem e felizmente vem fora de mim. O líquido quente encontra lugar na minha pele e respiro, aliviada, quente como o inferno e tentando entender se o ar-condicionado parou de funcionar porque sinto como se estivesse numa sauna. Tristan esfrega o seu pau por minha pele e eu sorrio com o seu gesto sacana. Meus joelhos cedem e eu finalmente deito na nossa cama, decidindo e tomando força para me levantar e ir ao banheiro. Não tenho muito o que pensar, porque o loiro se levanta e me leva no seu colo até o banheiro.

Tomamos um segundo banho em menos de uma hora e durante esse tempo nós rimos de tudo que aconteceu. Quando voltamos para o quarto para só então realmente descansarmos, Tristan me parabenizou pelo que escrevi. Ele disse que as minhas palavras realmente conseguem tocar o outro e foi por isso que ele começou a repetir comigo o que Lucca e Chiara estavam fazendo. É claro que eu me emocionei e o abracei muito forte, porque a sua opinião é a que mais conta para mim. Tristan ainda disse que deseja ler mais do que eu escrevi, mas adoraria me persuadir a ler para ele outra vez. Prometi que faríamos mais disso em breve e ele apenas acrescentou que está ansioso para o dia chegar logo.

E assim eu caí no sono: saciada, grata e apaixonada.

Ainda mais apaixonada do que antes.



São exatamente cinco horas da tarde quando eu e Tristan encontramos os caras e o resto da equipe no saguão do hotel. Os seguranças vêm para o nosso redor por conta dos fãs hospedados no hotel que aparecem de qualquer lugar do nada. Tristan coloca o braço esquerdo em minha cintura para me guiar e proteger no caminho até o carro, e assim aconteceu.

O percurso até o local da luta é curto.

Felizmente estamos em um hotel que é em rota estratégica para o que descobri ser uma arena, e das grandes. Pensei que com a ausência de Trent, o queridíssimo Furor, do Circuito, o mesmo acabaria por sediar as lutas em lugares menores, por mais que a abertura tenha sido onde foi. Pensei errado, confirmando outra vez que a única coisa que realmente mudou foi a duração

mais curta do Circuito.

Eu estou vestindo uma saia de cintura alta e que vai até cerca de cinco dedos acima do meu joelho, camiseta de Tristan, que os caras me deram, e um boné também personalizado com “Killian” em letras garrafais. Nos pés eu calcei o meu tênis branco de treino porque não faço ideia se os caras vão querer nos levar para alguma balada depois das lutas, porém coloquei um salto alto preto na bolsa de Tristan para caso isso aconteça.

Ao chegarmos no local, damos uma volta pelo mesmo até acharmos a entrada específica para os lutadores e equipe. Tristan sai primeiro e como sempre ele se apressa em me ajudar e proteger. É natural, aceito a sua proteção porque é simplesmente algo natural entre nós dois.

A porta é aberta por um dos seguranças do próprio Circuito e nós entramos. Minhas mãos começam a suar e o meu coração dispara. Eu já fiz isso antes, mas não nessa posição: namorada de um lutador do evento. Posso lembrar de todas as vezes que fiquei ao lado de Max e atrás de Trent e Parisa, que sempre lideravam o caminho até a sala de concentração e tinham a atenção toda para si. Eu completamente posso entender a minha irmã quanto ao seu nervosismo. Por mais que eu seja segura de tudo que sou, ainda fico um pouco acanhada sob o olhar direto de todos os homens e mulheres que me encaram e prioritariamente encaram Tristan.

— Eu pensei que Parisa brincava quando dizia ficar nervosa em momentos assim. Agora consigo entender a razão pela qual a minha irmã nunca encarou tão bem os holofotes e Trent nunca a pressionou sobre isso. Estou uma pilha de nervosos em frente toda essa gente... — sussurro para Tristan, aproximando-me ainda mais dele e entrelaçando o meu braço no seu.

Ele vira o rosto para mim e sorri.

Sinto como se estivesse em casa.

— Eu também não sou acostumado com os holofotes, anjo, mas vamos nos acostumar com isso juntos. Tudo bem?

Aceno prontamente e ele beija a minha testa, nunca parando de andar e me guiar pelo caminho inteiro.

Ao chegarmos a sua sala de concentração, ambos relaxamos e nos sentamos no sofá preto de couro. Toda equipe entra e cada um começa a fazer a sua parte para a preparação do lutador. Eu o deixo ir depois de lhe dar um beijo e em menos de cinco minutos Tristan está se aquecendo apenas de bermuda com Mike e Lucas, que usam protetores para receber os seus golpes precisos e fortes.

Pego o meu celular dentro da bolsa e checo, encontrando mensagens de

Oliver e Parisa.

**“Mandando energias positivas para a primeira luta do meu amigo Tristan e para você, maria-tatame do caralho. Aliás, descobri qual o problema com Fable, mas só podemos contar pessoalmente.**

**Ansioso para a sua chegada na próxima semana.**

**Amo você, irmãzinha.”**

Sorrio da mensagem de Oliver, enquanto o bichinho da curiosidade me pica, mas não me deixo ficar mais ansiosa do que o necessário. Respondo-lhe com algo curto e breve, dizendo que vou ligar para ele amanhã e sigo para ler a mensagem de Parisa.

Com uma foto anexada, recebo a torcida mais fofa do mundo para Tristan. Serena e Bryan estão com camisas personalizadas com o nome do meu namorado, enquanto Trent os segura no braço com uma camisa igual. Eu amo a minha família.

**“Os sobrinhos estão animados para ver o tio Tristan lutar essa noite. Serena conseguiu falar o nome dele um par de vezes, acredita? Temos pipoca, refrigerante, leite e bastante papinha de bebê para comemorarmos. Por favor, não o deixe nos desapontar.**

**Com amor, família Wayne.”**

Salvo a foto no meu celular para mostrar para Tristan mais tarde e respondo a minha irmã.

**“Eu amo muito vocês, obrigada por tudo. Morda as bochechas dos meus sobrinhos adoráveis por mim. Eu amo essas crianças, e pode ter certeza que Tristan não vai desapontar nenhum de vocês.”**

Ainda envio uma mensagem para Florence, avisando-lhe que está tudo bem e que as lutas começam em uma hora, e outra para o meu pai onde falo praticamente a mesma coisa. É sempre bom mantê-los juntos de nós mesmo que seja de longe.

Tristan continua a todo vapor e meia hora mais tarde ele para e se aproxima de mim mais uma vez. Nós conversamos por cerca de dez minutos sobre qualquer assunto aleatório até ele voltar a ficar de pé e começar outra vez com o seu aquecimento. Por ter passado o dia parado, o loiro está acordando o seu corpo e principalmente os seus músculos. É necessário, eu sei disso, então apenas continuo o observando atentamente.

— Agora é a hora, pessoal! — Paul exclama, chamando a atenção de todos.

Eu estou dando um pouco de água para Tristan, enquanto seguro a sua capa. Eu o sinto leve perto de mim. Não há nada de ansiedade ou insegurança no meu lutador e isso me dá certeza absoluta que a noite vai ser apenas dele.

— Vamos, vamos, vamos! — Mike e Lucas exclamam juntos e o pessoal todo se anima com o entusiasmo deles.

Ajudo Tristan a vestir a sua capa quando ficamos sozinhos na sala.

— Não se preocupe, anjo, eu tenho tudo sob controle — afirma, dando-me um abraço apertado e tranquilizador.

— Faça um bom trabalho, confio em você — retruco e ele acena positivamente.

Nós dois saímos e damos de cara com todos nos esperando. Mike e Lucas lideram o caminho e eu, Tristan e Paul caminhamos logo atrás deles. Quanto mais próximos ficamos da entrada para a arena, mais alto é o barulho dos fãs. Próximos o suficiente de lá, despeço-me uma última vez de Tristan e Paul me guia com o resto da equipe e os seguranças até a nossa área que fica dentro da arena. O pessoal praticamente me deixa surda ao entrar naquele espaço gigantesco. Acostumo-me em poucos minutos, porque não é nada que eu nunca tenha passado antes.

— Ele já vai entrar — Paul grita para mim e todas as luzes são desligadas.

O nome de luta de Tristan é anunciado e tudo fica literalmente mais alto.

Uma rap soa através das incontáveis caixas de som e a maioria das pessoas canta junto com o cantor que eu não ligo a mínima para quem seja. Não me surpreendo com a escolha do loiro, na verdade isso parece muito com o seu estilo. O telão é preenchido com a imagem de Tristan fazendo o seu caminho tranquilamente até o octógono. Os caras estão atrás dele, sorridentes e incentivadores, mas o que eu realmente não posso deixar de notar é a quantidade de mulher que tenta “tirar um pedacinho” do meu namorado. Não deixo isso me incomodar tanto quanto o faria se fosse anos atrás, então seguro a minha onda e volto a focar apenas em Tristan. Sei que não poderia ter escolhido alguém mais fiel do que ele para namorar. Apesar de nunca ter namorado e de provavelmente ter um passado com dezenas e dezenas de mulheres, quando ele dá uma palavra, é essa que vale e acabou. Tristan Rivera é um homem que cumpre o que diz.

Ele tira a capa e os gritos femininos são... famintos.

Reviro os meus olhos por puro hábito.

Olho ao redor, observando até mesmo as mulheres que estão a quatro cadeiras depois da minha se descabelarem. Meu ciúme ainda é controlado.

“É só respirar fundo, Pamella”, lembro de dizer para mim mesma e sigo o meu conselho.

Respirar fundo.

A luz volta a apagar e o primeiro desafiante da noite aparece. Sento-me no meu lugar e cruzo os braços, esperando pacientemente o show acabar e a parte que interessa começar de uma vez por todas.

Quando estão os dois dentro do octógono, o nervosismo que eu tanto repeli

me atinge em cheio. Com a autorização do juiz, Tristan e o seu adversário começam a se mover em círculos. Não consigo ficar sentada por muito tempo, então me apresso a ficar de pé e seguro o braço de Paul, ansiosa pra caralho enquanto ele apenas ri da minha reação.

O adversário literalmente corre na direção do meu namorado e o mesmo desfere um chute na sua perna esquerda, derrubando o homem com esse golpe. Parecendo não muito interessado em lutar no chão, Tristan espera o seu oponente ficar de pé e continua pulando em círculo. Eu não entendo muito o que o loiro está fazendo até o seu adversário correr outra vez para tentar acertá-lo.

Um jab de esquerda diretamente no maxilar do homem mais ansioso que eu, o leva apagado até o chão.

Meu olhar corre até o telão, vendo a duração do combate.

Trinta e sete segundos foram o suficiente para Tristan finalizar com a primeira luta da noite. Um peso sai dos meus ombros e eu caio no meu assento, não incrédula, mas abismada com todo o potencial que ele ainda não havia mostrado para nós.

— Caralho! — Paul exclama e nós assistimos a equipe do adversário de Tristan entrar dentro do octógono para atendê-lo.

O juiz levanta o braço do meu lutador e ele é dado como vencedor, mas antes mesmo disso acontecer os fãs já haviam ido à loucura. Quero dizer, eu mesma estou me controlando para não surtar de orgulho.

Seu olhar divertido encontra o meu e ele pisca, fazendo o meu coração acelerar enquanto esperamos a próximo lutador chegar.

Essa é a noite.



A ondulação dos músculos de Tristan me deixa encantada com a beleza crua que ele carrega. É bonito vê-lo lutar porque ele simplesmente deixa a sua alma ali dentro. A essência de Tristan, mesmo que ele não tenha falado muito sobre o seu passado para mim, é de lutador. Eu o vejo mesmo desde pequeno lutando. É como se ele tivesse sido condicionado para esse tipo de situação, nascido para lutar. Isso o faz ainda mais especial e superior. Lutar é o que Tristan conhece,

talvez seja tudo o que ele realmente conhece e sabe fazer de olhos fechados.

Ah, eu poderia escrever um livro sobre Tristan... poderia escrever um livro sobre o quão lindo ele fica em seu local de trabalho e eu tenho certeza que o lutador adoraria me ter lendo este para ele.

Sorrio, confortável com os meus pensamentos e por ele estar indo tão bem. Isso não é nada mais do que o que eu já sabia que iria acontecer. O que quer que tenha atrapalhado o meu namorado na noite da abertura, ficou para trás. Ele luta como se aquele primeiro dia não tivesse acontecido. Por mais que Tristan tenha virado o “jogo” ao seu favor e nocauteado Akil, ele ficou de consciência pesada pelo trabalho que entregou ao meu pai e ao meu cunhado.

Mas o que ficou para trás, ficou para trás.

Com uma sequência de jabs diretos, Tristan faz o seu adversário desabar inconsciente e eu grito. Grito, comemoro, abraço Paul, que não sai do meu lado e grito novamente.

Desde que Tristan acabou com o primeiro adversário tão rapidamente, não consigo mais guardar os meus sentimentos, e a minha garganta é a única que reclama um pouco, mas não é nada insuportável.

Eu me sinto radiante.

Esse foi o último adversário da noite.

Cinco homens, cinco nocautes.

Tristan com certeza está no topo da tabela, do jeito que deve ser.

Ele me olha de longe e sorri, correndo os dedos pelo cabelo e tendo o seu braço levantado pelo juiz uma última vez, declarando o que todos já sabiam quando o homem caiu no chão: Killian venceu cinco lutas seguidas, ou como eles agora cismaram em chamar, *a besta*.

— Isso foi foda, porra! — Paul grita para mim, mas eu não tiro os olhos de cima do meu namorado porque ele ainda não desviou o olhar de mim. — Era isso que todos estávamos esperando! — completa.

— E ele entregou! — exclamo de volta.

Estamos falando assim porque o local está em chamas e ensurdecador, então mal conseguimos nos escutar.

O mestre de cerimônias se aproxima do loiro e ele lhe faz algumas perguntas, recebendo respostas breves, sérias e muito rápidas. Tristan já não me olha mais, ele encara os fãs que gritam por mais, mas felizmente não teremos mais essa noite.

Foi lindo? Foi. Entretanto, já chega.



— Vamos para a sala de concentração — Paul me chama, segurando o meu braço e eu assinto.

Dois seguranças nos seguem e o resto fica para acompanhar Tristan, Mike e Lucas.

Eu e Paul chegamos à sala de concentração e nos abraçamos outra vez, ainda em comemoração. Eu amo a minha família, eu amo esses caras e como eles vivem a energia do Circuito ao máximo. Quando tudo vai bem, eles ficam felizes pra caralho. Quando vai mal, eles ficam tristes, mas isso só serve para fazê-los pensar em novas e melhores estratégias para os momentos dentro do octógono e também os momentos de treino. Paul, Mike e Lucas têm toda a minha admiração pelo trabalho duro que dão há anos. Se alguma equipe conhece o Circuito tão bem e com a palma da mão, essa equipe é a nossa.

Pego uma garrafa de água para mim e bebo, acalmando-me aos poucos antes de Tristan chegar com os caras. Sento-me no sofá com Paul e ele já está ao telefone com o meu pai, que estava assistindo a luta online em algum site da internet.

— Ele foi bem pra caralho, velho. Nos últimos dias Tristan treinou como uma máquina, mas estamos puxando-o para trás, com a ajuda da sua filha, porque ainda está apenas começando e ele vai precisar de fôlego para essa temporada. — Paul gesticula, com um sorriso nos lábios e volta a se levantar. Ele escuta o que meu pai tem a dizer e finalmente Tristan chega. — Ele quer falar com você.

Eu tenho vontade de pegar o celular que Paul entrega para o meu lutador e jogar no chão, mas eu me controlo e continuo bebendo água sob o olhar atencioso e quente de Tristan. Ele troca pouquíssimas palavras com o meu pai e mais escuta do que fala.

— Amanhã ela fala com você, eu lhe garanto isso — ele finaliza e entrega o celular de volta para Paul.

Os caras recomeçam a sua comemoração, felizes pra caramba. Levanto-me do sofá e abraço Tristan pelo pescoço quando ele me puxa pela cintura. Não ligo para o seu suor, apenas me enrolo em seu calor e o beijo em congratulação. Ficamos desse jeito por longos segundos até eu separar as nossas bocas e colar as nossas testas.

— Você foi... eu não tenho palavras para descrever o que você fez naquele octógono, Tristan. Você foi além de todas as expectativas e calou a boca da torcida adversária. Amor, estou muito orgulhosa de você...

Ele grunhe e resmunga em seguida.

Tristan aproxima o rosto do meu pescoço e me beija ali, subindo os beijos até o lóbulo da minha orelha.

— Vamos comemorar essa vitória — avisa e eu concordo, gargalhando quando ele morde a ponta da minha orelha. — Vou tomar banho e volto para sairmos com os caras. — Afasta o rosto do seu cantinho preferido e me encara. — Eu te amo, anjo. As vitórias foram todas suas.

— Obrigada por elas. — Sinto as minhas bochechas esquentarem. — Eu te amo, lutador.

# CAPÍTULO 17.1

## BOATE

TRISTAN RIVERA

*A última coisa que me lembro é de nossos belos corpos se esfregando na boate embriagados de amor.*

— BEYONCÉ, "DRUNK IN LOVE"

Eu não quero acreditar no que os meus olhos veem, mas Holly é uma pessoa inesquecível e eu não falo isso de uma boa forma. Desde que a conheci, ela tem sido alguém que acha que tanto é a minha dona, quanto a minha namorada. Sempre me certifiquei em deixá-la ciente de que eu não tinha dona ou namorada, o que agora é totalmente diferente.

Eu sou de Pamella e também sou o seu namorado.

Mas Holly está aqui, em Denver, na mesma boate em que viemos para comemorar as minhas vitórias da noite e isso me irrita bastante, porque eu sei que vai irritar Pamella e eu não gosto de vê-la dessa forma, principalmente se for por algo que possa ter alguma ligação comigo, mesmo que seja de forma remota.

A noite estava sendo boa demais para ser verdade.

— Tudo bem com você? — Pamella pergunta, voltando para perto de mim com um sorriso bonito nos lábios e fazendo eu afastar o olhar de uma Holly diabolicamente sorridente.

— Estou bem — digo, simplesmente.

Respiro fundo, tentando relaxar e tomar controle da situação e consigo fazer isso ao me deixar concentrar apenas na morena bonita a minha frente. Seu cabelo escuro está jogado para o lado de forma muito desleixadamente bonita, os lábios vermelhos estão contorcidos no seu sorriso meio bêbado e os olhos esverdeados, e quase azulados, estão me observando atentamente. Pamella nunca desiste em tentar me desvendar e eu me sinto um otário por não conseguir deixá-la perceber o que está acontecendo comigo imediatamente.

— Amor. — Ela passa o braço esquerdo por meu pescoço e uma de suas pernas se encaixa no meio das minhas, enquanto ela sobe a outra e entrelaça na minha perna direita. — Comemore comigo — sussurra, entregando-me a garrafa verde de cerveja que está em sua mão.

— Eu estou comemorando, anjo — retruco, tomando um gole apenas para lhe tranquilizar quanto ao meu estado. — Se sente bem? — questiono.

— Muito mais do que bem — afirma, esfregando as mãos por meus braços. — Estou muito feliz por você.

Sorrio para ela e desço os meus lábios sobre os seus.

— Você fica linda desse jeito — constato.

Ela realmente fica.

A primeira vez que vi Pamella bêbada, ela estava linda pra caralho e foi por isso que lhe beijei na escada do caminho para o nosso apartamento. Tem alguma coisa sobre ela nesse estado que me deixa fascinado. Eu gosto de vê-la solta, sorridente e destemida. Porra, me dá um tesão infernal.

— Que jeito?

— Bêbada. — Ela puxa a garrafa da minha mão e toma um gole. — Gosto como é sincera sempre, mas especialmente quando está bêbada. Além disso, você fica sexy e gostosa, muito mais além do que o habitual.

Estou tão concentrado e fascinado por Pamella que mal percebo quando

Holly se aproxima de nós ainda com o sorriso diabólico nos lábios. Meu corpo endurece e o meu anjo percebe, fazendo-a virar o rosto para trás e achar a loira. Irrito-me quando sinto Pamella desconfortável contra mim, então apresso-me em colocar minhas mãos em suas costas e esfregar os dedos por cima de sua camisa.

— Killian, é bom te ver — Holly diz, empinando os seios falsos e fartos, balançando-os em claro oferecimento.

Essa mulher não tem jeito.

— Holly — retruco, sendo o mais simples possível e tentando não soar grosso.

Não tenho nada para falar com ela, mas não quero ser um idiota como antes. Depois de tudo que tenho aprendido com Pamella, regredir não é o meu objetivo, principalmente na frente da minha namorada.

— Eu vi você aqui e resolvi me aproximar para lhe dar um oi.

— Já deu, então pode ir embora — Pamella fala, sendo bem mais rápida e ríspida do que eu, o que me surpreende.

Holly encara Pamella com um sorriso cínico.

— Oi para você também, lindinha — diz.

Pamella se vira para ela, mas eu não a deixo escapar de perto de mim, sendo assim suas costas estão coladas ao meu corpo.

— Oi, Holly — retruca.

A loira fica nos encarando e eu estou prestes a perder a minha paciência quando ela abre a boca para falar outra vez.

— Vocês estão... ficando?

Pamella ri, plantando as mãos em cima das minhas que estão espalmadas em sua barriga.

— Estamos juntos, o que é um pouco diferente — a morena diz.

— Ela é minha namorada — afirmo.

Holly se surpreende por um segundo, mas não demora muito até que ela volte a nos observar com a sua expressão diabólica.

— Então o famoso Killian está namorando... essa é uma novidade realmente surpreendente. — Mexe no cabelo. — Se soubesse do passado dele com as outras, acho que não se arriscaria nesse relac...

— Não comece — Pamella corta Holly. — Se veio aqui para destilar o seu veneno, sugiro que volte para o covil de onde saiu. Não me importa do passado de Tristan com outras mulheres porque eu tenho certeza de que quando estamos juntos, ele não pensa em nada além de mim. Então, Holly, nos poupe. Se veio

aqui achando que teve alguma história junto com o **meu** namorado que seja digna de ser lembrada, você está redondamente enganada, caso contrário você é quem deveria estar nos braços dele... — Vejo o olhar de Holly para Pamella e não gosto nada. Não que a minha garota não consiga se defender, porque eu tenho certeza que ela consegue, mas eu não gosto de ter a sensação de que alguém está a ameaçando. — Por favor, nos poupe da cena e nos deixe em paz. Simples assim.

— Se você prefere assim, lindinha... — Holly diz, irônica.

— Lindinha não, eu sou gostosa pra caralho — Pamella cospe de volta e eu não consigo segurar o meu sorriso.

Assim que Holly nos deixa em meio a passos largos, inclino o meu rosto até a curvatura do pescoço de Pamella e deposito um beijo, fazendo-a virar outra vez para mim. Seu rosto não está mais exibindo aquela expressão contente, mas eu ainda não posso deixar de sorrir.

— Do que está rindo? — indaga, um tanto emburrada.

— De como você sabe se virar sozinha e não precisa de que ninguém para falar em seu nome.

As bochechas dela ficam um pouco avermelhadas e ela tenta conter um sorriso debochado.

— Pode contar com isso. Nunca deixei nenhuma mulher me diminuir e hoje não seria a primeira vez que isso aconteceria.

Balanço a cabeça negativamente, porque às vezes parece mentira que Pamella Elizabeth Cohen é de verdade.

— Você sabe que isso me deixa excitado pra caralho? — indago e ela finalmente sorri.

Pamella bêbada é uma obra de arte.

— Podemos ir ao banheiro — sugere, enquanto deslizo a mão esquerda por suas curvas e agarro sua bunda com força.

Não ligo se alguém está nos observando e sei que Pamella liga menos ainda.

— Por mais que seja tentador, não vamos fazer isso no banheiro se temos uma cama num quarto de hotel nos esperando. Calma, anjo, eventualmente vamos sair daqui e quando isso acontecer você vai ser minha mais uma vez.

— E você vai ser meu — atira.

Com um sorriso ladino, digo:

— Esse é o plano e sempre vai ser.

# CAPÍTULO 18

## SEATTLE

PAMELLA COHEN

*Queria poder embalar meu coração num plástico bolha, em caso de eu cair e quebrar.*

— McFLY, "BUBBLE WRAP"

Levanto-me do assento do avião e caminho até Tristan, que está conversando com Paul. O circuito começou com tudo e está seguindo de forma frenética como o esperado. Depois da noite em Denver, já passamos por mais três cidades nessa semana e agora estamos indo para Seattle para dar início à segunda semana depois de uma noite incrível em San Diego. No instante em que estou próxima o suficiente, percebo o olhar que Paul dá para Tristan, que está de costas

para mim, mas se vira imediatamente, parando o assunto dos dois no meio. O rosto dele me passa preocupação, muita preocupação, mesmo que o lutador não tenha falado absolutamente nada para mim.

Sinto como se algo estivesse muito errado, mas não sei dizer o que é.

— Está acontecendo alguma coisa? — indago.

Tristan vira o rosto para Paul e fala:

— Depois continuamos.

Paul concorda imediatamente e entrega uma garrafa de água e saco de gelo para o loiro. O mesmo se vira para mim e indica com um aceno para que eu o siga. Sentamo-nos em nossos assentos de sempre e eu puxo o saco de gelo para mim. Tristan tira a sua camisa e eu enrolo no gelo, pressionando-a em suas costelas enquanto ele bebe um longo gole de água.

— Tudo bem?

Ele balança a cabeça negativamente.

— O que houve?

Tristan fecha a garrafa de água e joga para o banco de lado, encarando-me e me dando a sua total atenção.

— Você tem falado com a minha mãe? — questiona e eu franzo o cenho.

— Eu mando mensagens para ela todos os dias deixando-a por dentro dos acontecimentos do Circuito e sobre como todo mundo está por aqui. Ela se preocupa, você sabe disso.

— E ela tem respondido? — continua.

Pego o meu celular e destravo, indo até as minhas mensagens com Florence e viro para Tristan.

— Ela responde.

Ele segura meu telefone em suas mãos e encara a tela.

— Ela respondeu essa manhã — resmunga para si mesmo.

— Está tudo bem com ela?

Tristan trava a tela do aparelho e me devolve.

— Ela deixou New York já faz quase uma semana e só agora que Quinn me contou — afirma.

O quê?

— Como assim ela deixou a cidade? Simplesmente deixou sem nenhuma explicação?

— Não foi sem explicação, anjo, mas também não entra na minha cabeça o



fato de ela deixar o lugar em que finalmente conseguimos nos instalar e chamar de casa pela primeira vez. Sei que a minha mãe ama New York tanto quanto eu.

Suspiro, incomodada com a aflição de Tristan.

Eu também me sinto aflita e louca por respostas para o que está acontecendo com Florence, mas não tenho muito o que fazer para ajudar.

— Florence tem respondido você? — pergunto.

— Não, Pamella. Ela responde apenas você. — Os olhos dele são tão sinceros e o seu tom é tão baixo que eu sinto a sua dor, mesmo que Tristan não seja de demonstrar os sentimentos dessa forma, principalmente sentimentos a respeito de sua mãe.

— Eu vou tentar falar com ela outra vez, tudo bem? Vamos fazer isso juntos e conseguiremos uma resposta para o que está acontecendo com ela.

Ele afirma e aproxima o rosto do meu.

— Obrigado por isso, anjo — murmura.

Selo os nossos lábios e Tristan traz a sua mão até o meu rosto, dedilhando a minha pele com cuidado e claro apreço.

— Não precisa agradecer. — Sorrio para ele.

Meu óbvio desejo é que ele relaxe, mas pelo resto da viagem eu posso notar o quão inquieto e tenso Tristan fica, mesmo que nós não tenhamos parado de conversar e fazer planos para quando o Circuito chegar ao seu fim.

Um dos nossos planos — e eu falo isso no plural porque Tristan é a pessoa que quer que eu comece a viver do meu trabalho — é de finalmente entrar em contato com uma editora e ter o meu livro publicado. Arrisco dizer que ele está mais ansioso do que eu para que isso venha logo a acontecer. Segundo o mesmo, já é “sucesso”. É claro que o meu coração fica animado com o seu apoio e é isso que está me fazendo seguir com os planos.

Se Tristan está do meu lado, eu posso tudo.



Jogo a minha bolsa por cima do ombro, arrastando uma das minhas malas comigo enquanto Tristan segura a minha outra mão. Os caras estão indo na nossa

frente depois que pegaram a maioria da bagagem e colocaram em alguns carrinhos. Não demora muito até eu avistar Oliver, Fable, Will e minha mãe. Os quatro estão absolutamente radiantes e com sorrisos enormes no rosto, provocando imediatamente o meu próprio sorriso.

Oliver é o primeiro a se aproximar de nós dois com Fable logo ao seu lado. Solto a mão de Tristan e abraço a loira assim que estamos próximas o suficiente.

— Você está bem? — pergunto, obviamente me referindo ao que estava acontecendo de errado com ela semanas atrás.

Seu sorriso e expressão me conforta e eu sei imediatamente que está tudo bem com ela e com Oliver também.

— Eu estou ótima, dentro do possível — afirma e eu arqueio a sobrancelha.

— Finalmente, irmãzinha — Oliver exclama, atrapalhando-nos e me tirando do chão em um abraço apertado. Sorrio com a sua animação e nem preciso perguntar para ele como se sente porque a resposta é óbvia. — Vamos jantar agora. Fizemos uma reserva no restaurante e já está na hora! — exclama.

— Temos que fazer check-in no hotel e os caras...

— Sem mas, Pamella. — Ele revira os olhos e eu escuto a risada contida de Tristan ao meu lado.

E que comece o complô...

Juntar Tristan e Oliver sempre acaba sobrando para mim.

— Podemos fazer isso depois do jantar, babe — Tristan afirma e eu dou de ombros. De qualquer forma, estou morrendo de fome, então não adianta bater o pé contra mim mesma. — Podemos ir?

— Não vão falar conosco? — minha mãe pergunta, aproximando-se com Will e meu sorriso volta.

Ela está linda, como sempre.

— Mãe... — sussurro, sempre me sentindo mais fraca por estar perto dela. Ela sorri e abre os braços para mim, não me dando outra opção a não ser me aconchegar em seu abraço quentinho. Sim, eu fico fraca perto da minha mãe porque ela sempre me passou tanta força, que eu particularmente não sei como lidar com tudo isso. Ela sempre esteve lá para me pegar quando estive prestes a cair. — Senti sua falta — digo.

— Eu também senti a sua falta, meu amor. — Beija a minha bochecha e corre as mãos por meu rosto como se estivesse se certificando de que estou viva. Coisas de mãe. — Você parece tão feliz — diz.

— Eu estou muito feliz — retruco, enquanto eu e minha mãe nos viramos e

fitamos Tristan, que conversa confortavelmente com Will e Oliver. O loiro me encara e pisca para mim. — Ele me faz feliz — completo, voltando a encarar a minha mãe.

— E eu não tenho dúvidas disso — rebate, afagando meus ombros e me empurrando em direção deles.

Dou um abraço rápido em Will e ele beija a minha testa.

— Podemos ir? — Oliver indaga e todos assentimos. — O casal vem conosco, velhotes. Vocês vão sozinhos.

— E o pessoal? — pergunto a Tristan.

— Mandeí uma mensagem para Paul e ele disse que estava tudo sob controle — afirma.

Menos mal.

— Então podemos ir! — exclamo e todos rimos.

Estar com a minha família é sempre incrível.

Oliver pega a minha mala e vai na frente, comandando por todo o caminho com Tristan e Will. Eu, Fable e minha mãe conversamos até o estacionamento do aeroporto e de lá nos separamos. Tristan coloca nossas bagagens no porta-malas do carro de Oliver e entramos no veículo.

Meu irmão e Fable sorriem durante todo o caminho, conversam conosco, mas particularmente estão imersos em seu próprio mundo. Sendo assim, encosto-me em Tristan, que abraça meu corpo e desce o rosto no meio de meu pescoço, depositando um beijo ali e me tirando uma risada baixa.

— O que acha que eles estão escondendo de nós? — pergunto, não me importando se o casal à frente nos escuta ou não.

— Eu não sei, mas o que quer que seja está fazendo-os muito feliz...

Tristan afasta o rosto do seu esconderijo e me encara, sorrindo.

Ele é tão bonito...

— O que você acha que é? — continua indagando-me.

— Não quero chutar — digo, sorrindo amarelo.

— Não? — Arqueia uma sobrancelha grossa em minha direção.

— Eu posso chutar algo surreal.

— Tipo? — questiona e eu seguro seu rosto, puxando-o para bem perto de mim.

— Gravidez — sussurro no ouvido de Tristan e ele tosse em meio uma risada engraçada.

Ele se afasta e nos encaramos novamente, os dois com sorrisos no rosto.

— Babe, isso é um pouco demais... — diz, claramente tomando cuidado com as palavras.

— É minha opinião. — Dou de ombros.

— Bom, de qualquer forma nós não podemos descartar por enquanto...

Assinto, concordando com ele e penso...

— Você ficaria feliz? — questiono.

Tristan perde um pouco do seu sorriso, mas continua leve.

— Com um bebê seu sem nenhum planejamento? — Balanço a cabeça positivamente. — Eu não sei, para ser sincero. Não tenho boas referências, então não sei como faria para lidar com uma criança que de certa forma dependeria de mim, mas então teria você e tudo que envolve Pamella Cohen me fascina — murmura. — Mas um dia quero que tenhamos um monte de bebês.

— Um monte? — Dou um sorriso contido.

— É, um monte deles. — Ele sorri novamente e sela nossos lábios. — Enquanto isso não acontece podemos treinar com segurança todo dia. Não parece ser um bom plano? — indaga.

— É um ótimo plano, lutador.

Ele grunhe de volta sem parar de sorrir até que Oliver nos interrompe com o som nas alturas ao mesmo tempo que tenta se comunicar por cima dele.

— A gente não consegue te escutar assim! — Inclino-me para frente e exclamo ao pé do seu ouvido, fazendo-o gargalhar e abaixar o volume.

— Era a minha tática para afastá-los — ele pontua e eu reviro os olhos com Tristan. — Não é para vocês dois ficarem se agarrando no banco de trás — reclama por fim.

— Pare de se incomodar com o que fazemos ou deixamos de fazer — atiro de volta.

O resto do caminho nós fazemos com barulho e discutindo com muito sarcasmo e ironia, um acusando ao outro, mas quando deixamos o carro esquecemos todas as brincadeiras e seguimos até a entrada onde os nossos pais já nos esperam abraçados.

Entrelaço os meus dedos aos de Tristan e sorrio para ele enquanto passamos pela porta principal do restaurante chique. Diferente do episódio que ocorreu quando ele me levou para sair pela primeira vez, agora ninguém olha para o meu namorado de forma estranha ou carregada de julgamentos, o que faz com que eu o sinta mais leve que nunca. Eu não gosto de como a maioria das pessoas fita

Tristan e julga sem ao menos saber o que tem por baixo de sua casca dura.

Nossa mesa é a mais afastada do restaurante e também parece ser a mais confortável delas. Oliver e Will sentam-se na cabeceira, Fable e minha mãe ficando lado a lado e eu e Tristan de frente para elas duas.

Em silêncio, nós seis pegamos o menu e observamos atentamente — ou nem tanto, já que estou fingindo estar concentrada no pedaço de papel nas minhas mãos.

— E então... — me pronuncio um minuto mais tarde. — Quem vai começar?

— Jesus, você é tão ansiosa, Pamella Cohen — Oliver reclama e todos dão risada.

— Você me colocou de molho faz dias, Oliver, é claro que estou ansiosa para saber qual o grande segredo que estão guardando.

Meu irmão revira os olhos e volta a sua atenção para o menu.

— Vamos comer antes de qualquer anúncio — retruca sem se importar se eu estou tendo um ataque de ansiedade ou não.

— Eu odeio você com todas as minhas forças.

Bufo, irritada e Tristan pousa sua mão direita na minha coxa, afagando como quem diz para eu me acalmar e relaxar. E é isso que eu faço depois de alguns longos minutos. Escolho minha refeição, onde a maior parte dela é gordurosa e nós seis começamos a conversar enquanto nos alimentamos com o pão de alho que está colocado no meio da mesa.

Minha mãe começa a falar sobre os negócios com Will, que estão voando a cada dia que passa. Eu tenho quase certeza que o meu padrasto já tem uma fortuna milionária na sua conta depois de tanto trabalho, prêmios e investimentos. Mas, a melhor parte de tudo, é que ele continua tão simples e pé no chão que quem passar na rua e cruzar o seu caminho vai pensar que ele é apenas mais um pai de família de classe média.

— Amanhã Will tem um evento muito importante para os negócios e seria incrível se vocês pudessem ir também — minha mãe diz, fitando Tristan e eu.

Encaro Tristan, colocando a minha mão em cima da sua e ele me fita de volta. Balanço as minhas sobrancelhas para ele, provavelmente de forma bastante engraçada, já que ele sorri.

— Eu não vejo problema, a minha resposta é sim — retruco, ainda encarando Tristan.

Ele quebra o nosso contato visual e vira para a minha mãe e meu padrasto.

— Eu também? Sério? — o loiro indaga e Will ri com a minha mãe.

— Você também, Tristan. Faz parte da família agora e é importante para todos nós — Will afirma e eu sorrio em gratidão para ele, que parece sempre estar tão preocupado em fazer o meu namorado se sentir confortável quando estamos em momentos familiares como esses.

— Tudo bem — Tristan responde simples, dando um meio sorriso.

Ele parece sem graça, talvez por pensar que sua presença não é importante nesse momento, mas é importante demais. Todos continuam conversando depois de Will e mamãe agradecerem o lutador por aceitar e eu me inclino para perto de Tristan, beijando o seu maxilar e sussurrando no pé do seu ouvido:

— Eu vou adorar ver você de terno e gravata.

Ele ri, apertando a minha coxa e virando o rosto para me encarar.

— Eu não tenho terno e gravata, Pamella.

— Melhor ainda... — Mordo o meu lábio inferior. — Eu vou adorar sair com você para comprarmos um em que você fique bem...

— Bem...?

— Amor, não posso falar a palavra que eu quero aqui no meio da minha família.

Tristan arqueia uma das sobrancelhas e aproxima o rosto para murmurar no meu ouvido:

— Você sabe que se é proibido é bem mais gostoso, certo?

Gargalho, empurrando-o para longe enquanto ri comigo. Balanço minha cabeça negativamente para ele, repreendendo-o de sua parte que gosta de me provocar em lugares inapropriados.

Eu amo esse homem.

— Vocês dois se importariam em se juntar a nós nessa discussão? — Oliver diz ironicamente, dando um tapa na minha mão que está em cima da mesa.

— Qual a discussão? — Reviro os olhos, parando de rir gradativamente.

— Nenhuma, era só para pararem mesmo.

Pego um pedaço do pão e enfio na boca de Oliver, que praticamente se engasga, provocando a risada de todos.

— Você fica melhor quando está calado, Oliver — afirmo, esfregando meus dedos para tirar as migalhas deles.

Ele mastiga e engole, emburrado.

— Você é uma bruxa, Pamella Cohen. É por isso que eu prefiro Parisa.

Fable ri alto.

— Você sabe que Parisa é pior do que Pamella, certo? — minha cunhada pergunta.

Will e mamãe também dão risada.

— Eu fui boazinha, não é, Fable? — Ela concorda com um balançar de cabeça. — Parisa teria feito você engolir essa mesa toda, não apenas esse mísero pedaço de pão.

— E Trent ainda ajudaria — a loira completa.

Oliver revira os olhos.

— Ótimo, eu odeio as duas — afirma.

— Ótimo, nós odiamos você também. — Dou de ombros.

— Chega de ódio, crianças. Todo mundo aqui sabe que vocês três não viveriam um sem o outro — minha mãe acaba com a nossa brincadeira ao se pronunciar.

— Não coloque palavras na minha boca, mamãe — Oliver replica ironicamente com o sorriso cínico nos lábios.

Ele é tão idiota...

Para acabar de uma vez com a discussão, nossa comida chega.

Cada um se serve com o que pediu e meu estômago dá cambalhotas com o cheiro da batata frita que pedi. Pego algumas com meu garfo e enfio na boca, relaxando completamente por estar me alimentando. Quando fico com fome acabo me estressando muito rápido, isso é apenas fato.

— Está bom? — pergunto a Tristan, observando o seu prato completamente verde.

Coloquei no meu prato purê de batatas com queijo, brócolis, batatas fritas, costeletas banhadas em molho barbecue e bacon. Olhar o meu prato e o prato de Tristan é um golpe muito baixo. Ele tem pelo menos três tipos de saladas diferentes em seu prato, peito de frango grelhado e dois pedaços grandes de batata doce.

— Muito bom. E o seu? — Ele encara meu prato e eu sorrio.

— Um pouco melhor que o seu — brinco e ele sorri de volta. — Quer uma? — Lhe ofereço uma batata frita.

Tristan remexe na sua batata doce e pisca para mim.

— Eu tenho essa aqui, babe, não se preocupe.

É claro que ele não precisa da minha, eu estava apenas provocando, mas

esqueci o quão controlado Tristan é e como ele não sente falta dessas porcarias. Posso apostar que ele não teve muito disso em sua infância.

Nós seis jantamos em meio conversas leves e só quando estamos na sobremesa, eu com um pedaço de torta de chocolate branco e mousse de limão que lembro-me do motivo de estarmos aqui.

— E o anúncio? — indago aos quatro.

Dou um pouco do meu mousse na boca de Tristan, mas não deixo de fitar mamãe, Will, Oliver e Fable.

— Quem vai começar? — continuo.

— Bom... Acho que Oliver pode falar — Fable diz, simples.

O sorriso do meu irmão cresce e ele limpa a garganta com um pigarro. Levantando-se da cadeira com uma faca e taça na mão, Oliver puxa a cadeira de Fable e indica com a cabeça para ela o seguir.

Meu coração acelera para o que está vindo pela frente, então deixo o meu prato em cima da mesa e me inclino para perto de Tristan.

Oliver faz barulho com a taça para chamar a atenção de todos, o que me faz sentir um pouquinho de vergonha por Fable, pois ela fica vermelha instantaneamente e sussurra algo para ele.

— Pessoal, gostaria de pedir um pouquinho da atenção de todos vocês para fazer um anúncio — Oliver começa e o restaurante para.

— Ele é louco — sussurro para Tristan e o mesmo sorri.

— Ele é apaixonado, babe, é diferente — sussurra de volta.

Mordo o meu lábio inferior e continuo atenta, observando Oliver deixar a taça em cima da mesa de outro casal. Seguro o riso com Tristan e entrelaço nossos dedos.

— Há alguns dias a minha namorada estava um pouco estranha e, sendo o bom namorado que sou, eu procurei saber o que estava de errado. — As pessoas dão risada, enquanto Oliver abraça Fable por trás e pousa as mãos em sua barriga. — Ela estava muito nervosa, muito diferente do seu modo calmo de sempre. Vocês sabem, garotas do litoral da Califórnia, surfistas e que gostam da natureza, elas são bem... paz e amor. — Fable ri completamente envergonhada e provavelmente planejando a morte de Oliver para mais tarde. — Minha Fable estava uma pilha. E, então, foi quando ela me contou que estava grávida.

— EU SABIA! — exclamo, sendo segurada no lugar por Tristan enquanto todos batem palma e gritam parabéns para o casal. — Eu disse para você, amor! — digo para Tristan e ele concorda com a cabeça, selando nossas bocas com um



único intuito: fazer eu calar a boca.

Fable. Está. Grávida.

— Obrigado, obrigado... — Oliver agradece com um sorriso maior que o seu próprio rosto.

Ele faz Fable se virar para que fiquem cara a cara e deposita um beijo no top de sua cabeça, ajoelhando-se em seguida.

— Puta merda, eu acho que vou desmaiar... — sussurro para o loiro.

E é verdade.

Meu coração está pulando de forma louca e minha respiração está acelerada.

— Quando chegar a sua vez, por favor, não morra de ataque cardíaco, babe — Tristan pede e eu sorrio amarelo.

— Não posso lhe prometer nada — brinco, mas é verdade.

Quando chegar a minha vez, se é que ela vai chegar um dia, eu temo parar no hospital de tanta felicidade.

— Oliver... — Fable sussurra, levando uma das mãos até a boca.

— Nós falamos sobre isso há muito tempo, amor. Vamos ter um bebê maravilhoso que vai chegar em alguns meses, mas antes disso quero que você seja minha para sempre. Não apenas por causa de uma criança, por causa do nosso filho, mas porque eu amo você mais do que qualquer coisa e eu espero que saiba que não há momento mais certo do que esse para pedir que você aceite ser a minha companheira até que a morte nos separe. Você quer casar comigo, Fable?

— Oh, meu Deus... — mamãe sussurra emocionada. — Vocês não me contaram isso! — acusa Will, que apenas ri.

— Era segredo dele, amor...

Todo mundo no restaurante está ansioso pela resposta de Fable, ainda mais porque ela só sabe tremer e gaguejar. Oliver que dê um desconto para ela, pois está grávida, hormônios à flor da pele e completamente sensível.

— Fable... — Oliver chama a sua atenção e metade das pessoas dão risada.

— É c-claro que eu aceito, Oliver, mas você não precisava me fazer passar tanta vergonha assim — responde, e todos se acalmam em meio risadas altas.

Oliver puxa no bolso traseiro uma caixinha e de lá tira um anel, deslizando-o no dedo anelar de Fable e endireitando o corpo para lhe abraçar e beijar. Todos batem palma mais uma vez, eu muito animada, assobiando sem parar como se estivesse assistindo ao jogo de futebol mais importante do mundo.

Pego o meu celular e faço uma vídeo-chamada para Parisa pelo FaceTime; no segundo toque ela atende.

— Você não vai acreditar no que acabou de acontecer! — exclamo, tomando-a no susto.

— Se não for o fim do mundo, eu nem quero saber — brinca, enquanto Trent toma espaço do seu lado para saber do que estou falando.

— Ei, garota. O que é tão importante que atrapalhou o único momento calmo que tenho com a sua irmã? — pergunta.

— Oliver acabou de anunciar em frente a dezenas de pessoas que Fable está grávida!

— O QUÊ? — os dois exclamam.

Viro a câmera para enquadrar Oliver e Fable que ainda estão se beijando e continuo.

— E ele também a pediu em casamento.

A cara que Parisa e Trent fazem é hilária.

Em poucos segundos Bryan e Serena começam a chorar e o meu cunhado pragueja. Eu acho que eles acabaram de acordar as crianças com esse grito.

— Meu Deus, isso é...

— Demais? — interrompo Parisa.

— Assustador! — retruca. — Agora só falta você, Pam.

Escuto Tristan rir baixo ao meu lado e faço uma careta.

— Cadê ele? — pergunta.

— Quem? — replico.

— Tristan, é claro. Com Oliver eu falo mais tarde.

Viro a câmera de volta para mim e me encosto em Tristan, mostrando-o para Parisa. O loiro acena sem jeito e Parisa ri, toda irônica.

— Ei, lutador! E aí, quando vai pedir minha irmãzinha em casamento?

— Parisa! — repreendo. — Eu não lembro de você tão indiscreta assim... — Reviro os meus olhos e ela ri.

— Eu aprendi com Oliver — retruca, rindo alto. Trent aparece, colocando Bryan e Serena na cama deles dois logo ao lado de Parisa. — Olhem, crianças, tia Pam e tio Tristan estão aqui.

— Eles não são fofos? — sussurro para Tristan e ele concorda.

— Algo está errado... eu acho que eles estão fedendo... — Parisa faz uma careta, virando para Trent.

— Se chama cagad...

— Trent! — o repreende.

— É sua vez de limpar eles. Eu limpei das últimas sete vezes porque alegou estar com dor nas costas.

Eu e Tristan rimos dos dois, eu mais do que ele, porque sei que Parisa e Trent sempre foram assim. Um irritando o outro, ele sempre falando besteira e ela sempre repreendendo, mas no final de tudo eles ficam bem outra vez e o ciclo continua.

— Eu ligo de volta depois, Pam. Preciso limpar as crianças porque não vou conseguir usar nenhuma dor ao meu favor para receber ajuda de Trent...

— Você sabe que não é assim, Parisa — ele se defende.

Parisa sendo Parisa.

— Se me acharem morta, você já sabe que foi de dor e que esse cara aqui nem mesmo tentou me fazer repousar. — Ela pisca para mim discretamente e eu balanço a cabeça negativamente. — Tchau, babe. Amo você.

— Amo você...

— Parisa... amor...

E ela desliga.

— Eles dois são sempre tão...

— Intensos? — pergunto.

— Dramáticos, eu iria dizer — Tristan corrige.

Gargalho e o empurro.

— Geralmente sim, mas agora estão bem melhores quanto a isso. Sem muito drama, sem muito movimento na vida social também. As coisas eram bem piores antes, ainda bem que só veio aparecer anos depois, você foi poupado de muito. Acredite em mim.

Oliver e Fable retornam para a nossa mesa e todos nos levantamos para abraçá-los. Em minutos o gerente apareceu para felicitá-los também e trouxe consigo champanhe e uma sobremesa gigante com muito chocolate e frutas. E eu realmente quis dizer o que disse, era uma barca com chocolate e frutas. Nem preciso dizer que eu, Fable e mamãe atacamos aquela coisa. Will, Oliver e Tristan foram bem mais controlados, Tristan mais do que todos. Ele comeu algumas frutas e passou longe do chocolate.

Depois de algumas taças de champanhe e vinho branco e eu já me sinto um pouco fora de mim. Sim, sou fraca, admito isso. Algumas pessoas não nasceram para bebidas e eu sou uma delas. Mas é uma noite de comemoração. É uma pena

que ela já tenha chegado ao fim e que nós já estejamos na calçada nos despedindo um dos outros.

Abraço minha mãe uma última vez e faço o mesmo com Will. Eles dois nos desejam uma ótima noite e nós seguimos com Oliver e Fable para o carro deles, já que eles se ofereceram para nos levar até o hotel.

Entro no banco de trás com Tristan e apago no seu colo. A última coisa que consigo lembrar-me é de ser carregada por ele, enquanto Oliver ajuda com as malas.



Sinto o meu rosto ser queimado pelo sol da manhã ensolarada indecisa de Seattle e me lembro aos poucos do quão instável é o tempo nessa cidade. Abro os meus olhos com dificuldade e encaro o loiro ao meu lado que parece ter sido nocauteado pelo sono. Eu o admiro por longos minutos, feliz por ele ainda estar dormindo, uma vez que o seu sono sempre é interrompido por pesadelos e insônia. Além disso, Tristan anda muito estressado com as coisas e precisa relaxar.

Pego o meu celular na mesa de cabeceira para checar as horas e acho uma mensagem de Florence, surpreendendo-me com o conteúdo.

**“Diga para Tristan ter cuidado, Pamella. Por favor. Muito cuidado.  
Florence.”**

Encaro aquelas palavras por longos minutos enquanto penso bolar alguma resposta, mas nada vem a mente. Só consigo fitar a mensagem e Tristan, revezando nesse movimento por longos minutos.

Tristan começa a despertar aos poucos e eu travo a tela do celular outra vez, jogando-me no colchão e encarando o teto. Ele me puxa para perto e me abraça pela cintura, enfiando o rosto em meu cabelo como já de costume e beijando o meu pescoço por repetidas vezes. Tento relaxar, mas não consigo. Algo aconteceu com Florence. Algo aconteceu com ela e é relacionado a Tristan. Algo aconteceu com ela e eu tenho o pressentimento de que o objetivo era Tristan e não Florence.

— Bom dia, babe... — murmura, inspirando o meu cheiro com força. —

Você dormiu bem? — pergunta, afastando o rosto para me encarar.

Forço um sorriso para ele assinto.

— Eu cheguei nocauteada, huh?

Ele concorda.

— Sim, eu tive que te carregar, mas foi tranquilo.

— E você? Dormiu bem? — pergunto de volta.

— Melhor do que muitos outros dias. Também fui nocauteado depois de perceber que não teria nada para fazer com você dormindo — brinca.

Eu me odeio por não estar no clima para sorrir.

É tão raro ter o lado brincalhão de Tristan que eu odeio quem esteja por trás disso para tirar essa felicidade dele.

— Você está bem? — questiona, sentando-se na cama e me levando com ele.

Mordo o meu lábio inferior e nego.

— Eu recebi uma mensagem de Florence hoje mais cedo, mas não estava acordada. Acordei há alguns minutos e, bom...

— Que mensagem?

Destravo a tela do celular e entrego o mesmo para ele.

Tristan lê em silêncio. Seu rosto vai de inexpressivo para furioso, mas ele se controla o tanto que pode. Eu me sinto impotente diante a situação.

— Eu não sei o que responder — sussurro.

— E não deve — atira. — Se alguém... Se algo estiver acontecendo, alguém pode ver essa mensagem e...

— Quem poderia fazer isso?

Ele balança a cabeça negativamente e me entrega o celular, afastando-se de mim e levanto da cama. Eu o sigo, andando até o banheiro e tentando conseguir mais respostas para a sua reação. Tristan sabe mais do que ele está me contando e eu tenho quase certeza de que tudo isso está relacionado ao seu passado conturbado.

— Tristan — chamo a sua atenção.

— Eu não sei — diz.

— Você está mentindo para mim — acuso e ele se vira para me encarar. — Por que vai começar a mentir agora? Você nunca mentiu para mim, Tristan, não comece a mentir logo nesse momento.

— Pamella... — repreende.

— Não venha com “Pamella isso, Pamella aquilo”, Tristan Rivera. Eu preciso de respostas, eu não quero ficar no escuro por mais que confie em você. Eu preciso que você confie em mim também e pare de mentir, pare de tentar esconder as coisas de mim por medo de que eu passe a te olhar de forma diferente. Eu amo você... por favor...

— Isso vai além de mim, Pamella. Eu não consigo...

Engulo a seco, decepcionada, mas aceito o que ele diz.

Não vou pressioná-lo.

— É sua escolha, mas não peça que eu confie em você de olhos fechados...

— Pamella, não faça isso. — Seu olhar é duro.

Lhe dou as costas e volto para o quarto, escutando-o vir atrás de mim.

— Eu não vou brigar com você — retruco. — Vamos tomar banho e sair. — Jogo o celular na cama e viro para ele, pousando as mãos de cada lado da minha cintura.

Seu olhar me pede para parar, mas eu não posso parar. Disse a ele como me sinto sobre ele esconder coisas de mim e optar por mentir do que discutir sobre as coisas que valem a pena serem discutidas. Se ele prefere o silêncio, não vou gritar com quem quer ficar calado.

Dê tempo ao tempo.

*Mais tempo do que já dei.*

# CAPÍTULO 19



GEORGE

PAMELLA COHEN

*Na hora mais escura da noite eu procuro no meio da multidão e o seu rosto é tudo o que eu vejo, eu darei tudo a você.*

— BEYONCÉ, “XO”

Seria tolice e mentira dizer que não fiquei chateada, já que a minha cara diz tudo.

Tomei banho emburrada? Sim, mas esse era o único sentimento que me definia naquele momento e, para ser sincera, ainda define. Eu e Tristan ficamos calados a maior parte do tempo e não foi por escolha dele, mas minha. Descemos para tomar café com os caras e até mesmo eles perceberam que havia algo de

errado. Nós dois somos sempre muito próximos, mas hoje eu não estava no clima de ficar tão próxima assim do lutador, então sentei-me de frente para ele e não ao seu lado.

Antes de sairmos fiquei conversando com Mike e Lucas, enquanto Tristan trocava algumas palavras com Paul. Se duvidar, Paul sabe bem mais do que eu sobre toda essa situação.

No momento nós dois estamos sozinhos em um dos carros que os caras alugaram para nossa estadia em Seattle. Como eu conheço a cidade toda, até mesmo de cabeça para baixo, estou dirigindo e nos levando para as lojas onde eu costumava fazer as minhas compras com a mamãe. O bom de tudo é que tem lojas de roupa social masculina, que é o que Tristan precisa, então primeiro vamos suprir sua necessidade para hoje à noite e depois a minha, já que eu não coloquei um vestido apresentável nas minhas malas.

Acho uma vaga para estacionar e faço isso antes que alguém tome o lugar.

Pego minha bolsa e tiro meus óculos escuros de dentro dela, ajeitando em meu rosto e soltando o meu cabelo que já secou durante o caminho. Saio do carro com Tristan e travo as portas, jogando a chave dentro da bolsa e indo para a calçada. Olho de um lado para o outro e seguro a mão do lutador, puxando-o comigo e guiando-o pelo caminho. Ele entrelaça os nossos dedos e esfrega o dedão em minha mão carinhosa. Reprimo a vontade de revirar os olhos e continuo calada.

Avisto uma loja de roupas masculinas e entro na mesma, sendo abordada quase que imediatamente por uma atendente.

— Bom dia — digo, subindo os óculos para o topo de minha cabeça.

— Bom dia, senhorita. — Sorri, desviando o olhar para Tristan e demorando um tanto considerável. — Senhor. — Acena com a cabeça.

— Eu e meu namorado viemos em busca de terno e gravata — informo, acalmando a minha parte que diz que ela está secando demais o loiro. — Pode nos ajudar? — pergunto.

— É claro! — exclama animada. — Qual marca?

— Hugo Boss, Dolce & Gabbana... Talvez Gucci ou Givenchy... Eu não sei, mostre-nos alguma coisa — peço.

A mulher assente e lidera o caminho pela loja.

— Eu não faço ideia do que você está falando — Tristan sussurra ao inclinar o rosto para perto do meu ouvido.

— Eu aposto que não — replico.



Sento-me em uma poltrona quando a mulher chega ao local onde estamos rodeados por ternos. Deixo Tristan dar o seu tamanho para ela e escolher algo do seu próprio gosto. Tiro meu celular da bolsa e destravo, encarando a mensagem de Florence mais uma vez. Meu dedo coça para responder, mas ainda não tenho resposta e eu não sei se quero responder depois do que Tristan me falou.

Jogo o celular para dentro novamente e me encosto na parede, frustrada.

O loiro segue com a mulher pelos corredores e eu vou relaxando aos poucos. Ele volta de lá com dois ternos pretos e vai direto ao provador que fica logo a minha frente. A mulher se aproxima de mim e fica ali, parada, esperando.

— É um Armani e um Givenchy. Não sei se vai dar nele, ele é muito forte, então...

— Ele é um lutador, querida — retruco, reprimindo outra vez a vontade de revirar os meus olhos, só que para ela dessa vez.

— Lutador? Bem que eu desconfiei.

Arqueio a sobancelha para ela e a mesma pigarreia.

— A senhorita gostaria de beber algo? — pergunta.

— Sim, água.

Eu só falei isso para ela dar o fora.

Meu humor está horrível hoje, então quanto mais longe de mim as pessoas ficarem, melhor.

Cerca de dois minutos mais tarde Tristan sai do provador, felizmente antes da atendente voltar. Ele está vestido em um dos ternos e parece mais bonito do que nunca. Meus olhos agradecem muito a visão que tenho, mesmo depois da discussão de hoje mais cedo. Levanto-me do banco, deixando a minha bolsa ali em cima, e caminho em sua direção.

— O que você achou? — ele pergunta, parecendo curioso por minha resposta.

Gostoso pra caralho.

— Você parece bem — afirmo.

Planto as mãos na camisa branca, correndo-as para baixo e abotoando o terno. Ando ao redor de Tristan e mordo o meu lábio, tentada demais a falar algo a mais, mas não consigo. Eu praticamente me forço a ficar calada.

— Só bem? — continua.

— Muito bem, Tristan.

Reviro os olhos e paro em sua frente já recomposta da minha fraqueza.

— Coloque o outro e volte — comando.

Ele fica me encarando por alguns segundos até me dar as costas e fazer o que eu lhe pedi. A mulher volta com o meu copo de água e eu lhe agradeço, sentando-me e bebericando enquanto espero Tristan aparecer outra vez.

Os minutos passam e ele sai novamente.

Levanto-me e vou em sua direção.

Não consigo escolher. Se ele ficou gostoso pra caralho no outro terno, nesse ele ficou gostoso para um inferno de muito. Tristan deveria usar mais terno.

— E esse?

— Muito bem também — digo.

O corte dos ternos valorizaram bastante a sua estatura e quem olhar de longe pensará que as peças foram feitas sob medida.

— Apenas isso? — pergunta e eu concordo com um barulho que faço com a boca. — Qual eu devo levar?

— Os dois.

— Os dois?

— É, Tristan. Não consigo escolher. Você ficou muito bem com ambos — explico.

— Mas eu nem vou usá-los em outra ocasião...

— Nunca se sabe, Tristan. Já tem o casamento de Parisa e Trent daqui uns meses, Oliver e Fable... Já são ocasiões que você vai precisar.

— E o nosso também.

Reviro os olhos e escuto a sua risada.

— Vai se trocar e vamos levar os dois, sem mas.

Ele concorda com a cabeça e segue para o provador uma última vez. Termino de tomar o meu copo de água e a atendente se retira. Corro os meus dedos por meu cabelo, tentando ficar menos estressada, mas por ora me conformo com o meu lado rabugento.

Tristan e eu deixamos a loja com os dois ternos, assim como eu indiquei. Quando estivermos de bem novamente, farei questão de lhe dizer como me senti ao vê-lo vestido todo engravatado, mas provavelmente não será hoje.

Seguro em sua mão e nós entramos na loja do outro lado da rua, sendo essa uma de roupas femininas. Uma atendente também vem ao nosso encontro assim que colocamos o pé dentro da loja e eu lhe peço para me mostrar alguns vestidos de festa pretos e do meu número. Ela some por alguns minutos e reaparece com

dois vestidos, um longo e um curto. Eu e Tristan seguimos para a parte do provador e eu o deixo segurando minha bolsa e suas sacolas enquanto vou ver como as peças ficaram.

Tiro o vestido florido que coloquei mais cedo e me enfio no vestido de alças grossas sem dificuldade. Ele vai até metade das minhas coxas, completamente colado ao meu corpo e contornando com delicadeza as minhas curvas.

É bonito, mas simples demais.

Saio do provador e giro sobre os meus pés para Tristan me dizer o que achou.

— Então?

— Você parece bem — repete o que eu lhe falei.

Bufo e volto para dentro do provador, mas não antes de escutar a sua risada. Babaca.

Eu havia esquecido que Tristan tem uma parte babaca que consegue me irritar muito.

Tiro o vestido com a mesma facilidade com a qual coloquei e pego o vestido longo. Descubro que o mesmo tem uma fenda e sinto-me mais animada. Eu só tive dois vestidos com fendas, um dourado e outro vermelho, porque os outros nunca prestaram em mim. Torço para que esse fique bom em mim enquanto o visto e ajusto em meu corpo. É um tomara que cai também colado ao meu corpo, mas que solta de forma confortável em minhas pernas e se arrasta um pouco no chão. Subo o zíper nas minhas costas até onde consigo e me fito no espelho, adorando a visão que tenho.

Estou linda.

Saio do provador para mostrar o vestido para Tristan e ele me encara avidamente. Seu olhar corre dos meus pés até a minha cabeça, demorando bastante na fenda aberta que sobe até metade da minha coxa. Esse vestido é maravilhoso, do tecido ao desenho e recorte. Eu me sinto incrível nesse vestido e com certeza vou levá-lo, não importa o que Tristan fale.

— Merda... — murmura.

— Merda?

Ele se levanta e vem em minha direção.

— Você está gostosa e eu realmente quero dizer isso.

Minhas bochechas esquentam e eu esqueço de toda chateação que passamos hoje mais cedo. Olho para os lados e mordo meu lábio inferior antes de puxá-lo

para dentro do provador comigo.

— Tira ele para mim? — peço e Tristan assente.

Viro de costas e ele puxa o zíper para baixo, soltando e deixando que o vestido chegue aos meus pés sem dificuldade. O loiro se abaixa e apanha o vestido do chão, pendurando ali do lado e me encarando.

— Só isso? — questiona.

Selo os nossos lábios antes que minha cabeça mande eu me afastar outra vez. Não pensei que sentiria tanta falta das mãos de Tristan sobre mim e de sua boca sobre a minha até que isso acontecesse. Ele me puxa para cima, fazendo-me laçar seu quadril com as minhas pernas e amassa a minha bunda com as suas mãos grandes. Sua língua brinca com a minha e não demora muito até que ele chupe a mesma, descendo para o meu pescoço e ombro.

— Eu odiei esse clima entre nós — confesso, ofegante.

— Não tanto quanto eu — retruca.

— Tristan...

— Babe. — Afasta o rosto e me encara. — Por favor, não vamos brigar novamente. Eu tenho coisas dentro de mim que não sei como falar em voz alta, Pamella, porque eu nunca falei sobre isso com ninguém. Me desculpa se eu não consigo colocar para fora, mas eu estou tentando superar isso por você. Se for o que eu estou pensando e *quem* eu estou pensando, minha mãe está em perigo, mas eu vou dar um jeito nas coisas. Eu só preciso que fique ao meu lado porque você é a minha força. Não brigue comigo. Estou tentando o máximo que consigo.

Suspiro baixo, mas não me sinto culpada por querer saber o que está havendo.

— Tudo bem — concordo. — Não quis nos deixar naquela situação, você sabe disso, mas também não poderia agir como se não estivesse me magoando.

— Não quero que finja sentimentos. Por mais que eu tenha odiado, quero que seja sempre sincera quanto ao que sente, tudo bem? Vai passar, Pamella, tenho certeza que tudo isso vai passar um dia e nós vamos ficar bem de verdade quanto a tudo. — Corro os meus dedos por seu cabelo e aceno positivamente.

Um dia.

— Eu amo você — afirmo.

— Eu amo você.

Nós não sorrimos, apenas nos encaramos um pouco tristes, mas conformados.

Colo nossas bocas e ficamos dessa forma por um tempo até ele se afastar.  
— Melhor eu sair daqui de dentro — diz e eu sorrio de lado.  
— Deveríamos ter aproveitado o provador — brinco, tentando voltar ao normal.  
— Não me dê ideia quando você está apenas de calcinha, Pamella.  
— Então vá embora, lutador.  
Ele arqueia a sobrancelha, mas sai.

Sinto-me um pouco mais leve por estarmos melhor a partir de agora. Inevitavelmente vai chegar a um ponto que ele vai me contar o que aconteceu em seu passado, mas, se não é hoje, só posso esperar que o dia chegue logo.

Visto meu vestido florido novamente e pego o vestido preto que vou comprar, saindo do provador e encontrando Tristan conversando com a atendente que estava conosco e sumiu nos últimos minutos antes de eu puxar ele para dentro comigo. Aproximo-me deles e seguro a mão livre do lutador.

— Eu vou levar essa peça — digo e a mulher assente.

Somos encaminhados até o caixa e depois de pagar, saímos da loja calados. Tristan pega a chave do carro e entra atrás do volante, dando-me o lugar de passageiro. Ele me entrega a minha bolsa e eu jogo a mesma para trás junto com a minha sacola. Ligo a rádio e deixo bem baixo, apenas para preencher o ambiente.

Tristan pega a minha mão e deposita um beijo no torso, entrelaçando os nossos dedos e ficando assim por alguns segundos.

Eu amo esse homem com todas as minhas forças, por mais que ele seja complicado.



**D**urante o período da tarde, minha mãe e Fable vieram me pegar no hotel para irmos ao salão de beleza. Fazia bastante tempo que eu não ia a um, o que surpreendeu minha mãe, então eu aproveitei bastante o meu momento de nostalgia. Eu e Tristan voltamos para o hotel depois de comprarmos as coisas — incluindo ainda o seu sapato social e um salto alto vermelho para mim — e

almoçarmos no centro da cidade. Assim que chegamos ele foi direto treinar, porque, querendo ou não, estamos no meio do Circuito e ele não pode deixar que nada tire sua atenção do real foco.

São sete e quinze da noite e eu finalmente cheguei ao hotel.

O evento de Will começa às oito e eu ainda tenho que terminar de me arrumar.

Bato na porta do meu quarto e de Tristan e ele abre. O loiro está usando a sua calça social, camisa branca ainda desabotoada e já está calçado. Fiz certo de negar quando a mulher que estava fazendo a minha maquiagem perguntou se eu queria que ela passasse logo o batom. Entro no quarto, batendo a porta e praticamente pulado em cima de Tristan. Ele me segura em meio a um riso e eu selo nossos lábios.

— Inferno, você está muito gostoso, Tristan Rivera.

— Eu só posso te dizer o mesmo, babe.

Solto um gemido, puxando o seu lábio inferior entre os meus dentes e depositando mais um beijo rápido em sua boca.

— Preciso tomar banho — digo, enquanto ele me coloca no chão.

Corro até o banheiro e faço o que preciso fazer em tempo recorde. Tive bastante cuidado em não molhar o meu cabelo. Ele está preso em um coque onde muitas mechas escapam dele para moldar o meu rosto. A maquiagem por sua vez é forte e escura, para combinar com a cor do meu vestido, e realça bastante os meus olhos claros. É claro que me sinto linda, é claro que me sinto maravilhosa. Não seria eu se fosse diferente. Eu sou a minha maior apreciadora.

Escovo os dentes com tanto cuidado quanto tomei quando estava no banho e volto para o quarto me enxugando freneticamente.

Will mandou um carro nos buscar exatamente às oito e eu não quero me atrasar.

Caço uma calcinha de renda dentro da minha mala e me visto com a primeira que acho pela frente. Sinto o olhar de Tristan sobre mim, mas eu não vou me incomodar logo agora com isso. Pego o meu vestido e visto novamente, ajustando-o em meu corpo e puxando o zíper para cima. Aproximo-me do loiro, que está sentado na beirada da cama abotoando sua camisa e me coloco no meio das suas pernas.

— Termina de subir para mim? — peço, referindo-me ao zíper.

Ele faz o que eu pedi, esbarrando em partes do meu corpo propositalmente para me provocar.

— Pronto.

— Obrigada — atiro de volta e me sento ao seu lado, pegando o meu salto vermelho e encaixando-o em meus pés.

Levanto-me e vou até a minha mala outra vez, agora pegando meu estojo de maquiagem — que literalmente é um pequeno estojo muito simples — e tiro dali o meu batom vermelho favorito. Caminho até o espelho e tiro a tampa do batom, aplicando-o em meus lábios com precisão e cuidado. Fiz isso um milhão de vezes e, por mais que eu não esteja me maquiando sempre como fazia antigamente, há coisas que são como andar de bicicleta. Uma vez que a gente aprende, nunca esquecemos. Para mim, essa é uma delas: usar maquiagem.

Deixo o batom em cima da mesa e vou até Tristan, que já está de pé também e com apenas a gravata pendurada e solta em seus ombros. Como já de velho costume por sempre ajudar Oliver com suas gravatas, faço o nó perfeito para Tristan, concentrada em deixá-lo impecável. E ele ficou impecável.

— Você está lindo — digo, encarando os seus olhos escuros brilhantes.

— Não como você, que está deslumbrante. Tenho sorte por estar acompanhado da mulher mais bonita que vai pisar naquele lugar esta noite. Tenho sorte de você ser toda minha, Pamella Elizabeth Cohen.

— Somos sortudos demais — brinco.

— Você eu não tenho certeza, mas eu sou.

Reviro os olhos e lhe acerto com um tapa no braço, tirando uma risada sua.

— É claro que eu sou.

— Não vamos entrar nesse mérito, babe. Vamos terminar de nos arrumar e descer — pede.

Assinto e faço isso com ele.

Passo desodorante e perfume, que são as duas únicas coisas que faltam, e ajudo Tristan com o seu cabelo. Se não fosse pelas tatuagens escapando pelo seu pescoço e pintando suas mãos, poderia dizer que ele parecia um empresário engomadinho. O cabelo impecável, o terno nem se fale. A beleza essa então é indiscutível. Até a cicatriz em seu rosto se torna um charme — que de fato é para mim.

Antes de sairmos do quarto Tristan pediu para tirar uma foto minha e eu pedi para tirar uma foto dele. No final, tiramos uma foto juntos no espelho do quarto. Tenho a leve impressão de que essa é a nossa primeira foto juntos e é por isso que coloquei a mesma imediatamente como meu papel de parede.



Depois de um longo caminho até o local do evento, Tristan e eu chegamos e logo encontramos com a minha mãe e Will conversando com Fable e Oliver. Todos estavam bonitos, é claro. Minha mãe está usando um vestido preto que lhe cai perfeitamente bem, já Fable está usando um vestido amarelo que combina de forma absurda com o seu cabelo loiro. As duas estão maravilhosas, e Will e Oliver não parecem diferente com seus ternos pretos e muito bonitos. Nós seis tiramos fotos juntos em uma parte feita especialmente para isso e seguimos para dentro do local sem demorar muito.

Tudo é muito bonito e brilhante.

Os homens estão vestidos em ternos finos e as mulheres em vestidos exuberantes. Felizmente nenhum de nós ficou para trás. Uma mulher loira que está usando blazer e calça preta, com uma prancheta nas mãos, se aproxima de nós com um sorriso acolhedor e nos direciona até uma mesa que fica logo em frente ao palco do evento que acontecerá em breve. É claro que Will teria um lugar privilegiado.

Somos servidos com champanhe, mas dessa vez eu, Tristan e Will recusamos e optamos por um coquetel de morango sem álcool.

Entrelaço os meus dedos nos do lutador, enquanto apenas observamos os outros conversarem. Passo a maior parte do tempo encarando-o, que está realmente digno de toda a minha atenção. Eu não menti quando disse que Tristan está muito bonito de terno e gravata — e de quebra com o cabelo penteado para trás e sem um fio fora do lugar. Aproveito o momento para tirar outra foto dele e envio para Parisa, perguntando se ela acredita naquilo também. Sua resposta é quase imediatamente e eu acabo rindo bastante do que ela diz.

“O que aconteceu com o meu cunhadinho? Caramba, Pamella, é melhor aproveitar dele desse jeito. Quando Trent usa terno — o que acontece uma vez a cada quatro anos —, eu abuso dele  
hahaha! Aproveitem a noite!

Amo você, beijos.”

Digito uma resposta rápida para ela e travo a tela do celular.

— Tudo bem? — Tristan pergunta e eu volto a encará-lo.

— Sim, por que não estaria? — brinco e ele sorri fraco. — Estava falando



com Parisa. A cada dia que passa ela fica com a língua mais solta.

— Ela é engraçada — diz.

— Nem sempre — pontuo de volta.

— Eu prefiro você.

Arqueio a sobrancelha.

— Eu não sou engraçada.

— Para mim você é. — Dá de ombros.

— É porque você me ama — afirmo.

— Pode ser, mas você me faz rir constantemente.

As luzes do local se apagam e os burburinhos começam.

— Vai começar — digo, aproximando-me mais de Tristan e deixando que ele passe o braço sobre os meus ombros.

Que a noite seja bonita...



**E** assim como eu disse, o evento começou naquele momento.

Os telões foram preenchidos por imagens de muitos homens e um dos mais importantes e ovacionados foi Will, ou melhor dizendo, William Donovan Sparks, meu padrasto e grande empresário de ramos industriais diversificados, e que cada dia que passa acha novos caminhos e vertentes rentáveis para investir. É realmente admirável a capacidade que Will tem de colocar a cabeça para fora da caixa preta em que a maioria das pessoas — inclusive eu — estão presas e pensar além do óbvio. Ele ganhou um prêmio por suas ideias inovadoras e sucesso absoluto nos últimos dois anos. Eu realmente não esperava menos do que isso.

Depois que as atividades principais foram finalizadas, fomos servidos com o uma entrada, prato principal e sobremesa. Eu particularmente não comi nem metade do que me foi servido, mas Oliver tratou de raspar o meu prato em cima do seu discretamente. Segundo o mesmo, ele estava morrendo de fome.

Nós nos levantamos da mesa e caminhamos pelo salão, já que Will faz questão de nos apresentar por aí para todos os seus amigos e conhecidos de

trabalho. Não faço ideia de quantas pessoas conhecemos depois de alguns longos pares de minuto, só sei que sinto algo queimar em minhas costas — não literalmente —, e viro-me discretamente para tentar perceber algo.

Há um homem.

Ele usa um terno branco impecável e ao seu lado tem uma mulher loira que também nos encara, mas de forma mais discreta. Corrigindo: ambos encaram Tristan, o que é mais estranho e fora do comum.

Estou incomodada? É claro que sim.

O homem de terno branco não tira os olhos do meu namorado e eu só consigo franzir o cenho, tentando descobrir qual o motivo de tanta atenção direcionada justamente a ele. De qualquer forma, o homem não me parece estranho e, na verdade, os traços do seu rosto e a sua feição como um todo é muito familiar, só não faço ideia do que isso quer dizer para mim. O olhar dele se direciona para mim e o mesmo abre um sorriso macabro que me dá calafrios. Seguro o braço de Tristan com força, buscando por proteção nele. Ele vira o rosto para mim e nós nos encaramos. Tento sorrir, mas sei que a minha expressão sai como uma miserável careta.

Estou assustada.

— O que foi, babe?

— Nada... eu só fiquei tonta um pouco... — minto.

Ele me analisa por alguns segundos até avisar Will que vamos nos sentar um pouco. Oliver e Fable nos acompanham, porque parecem cansados do movimento.

Tristan puxa a cadeira para mim e eu me sento, ficando o mais próxima dele possível.

— O que foi, Pamella? — volta a perguntar.

— Eu...

Passeio o olhar pelo salão e o homem sumiu.

— Menino Oliver, quanto tempo!

Viro o rosto para trás e o acho logo ali.

O homem de terno branco.

— George... — Meu irmão se levanta da cadeira e aperta a mão do homem. Eu não o sinto confortável com isso, mas é uma surpresa saber que eles se conhecem. — Faz bastante tempo.

O corpo de Tristan está tenso contra o meu. Ele me puxa para tão perto, que deslizo para fora da minha cadeira e sento-me em seu colo. Tem alguma coisa

errada com esse homem e Tristan, e a minha intuição não está me enganando.

— É da última vez...

— Seu filho havia desaparecido — Oliver o corta, pontuando bem o assunto entre eles.

— Seu filho desapareceu? — pergunto, sendo mais curiosa do que o normal.

— Sim, senhorita...?

— Pamella Cohen — digo, mas não lhe ofereço aperto de mão, tampouco aceito o seu, o que me faz ganhar um olhar de repreensão de Oliver.

— Meu filho desapareceu quando ainda era criança. Ele e Oliver eram bastante amigos, então pode imaginar o quão doloroso deve ter sido para o garoto aqui...

— Eu não sou mais um garoto — Oliver retruca simples.

O homem ri e faz um sinal de desculpas.

— Essa aqui é minha namorada, Fable.

Fable se levanta e fica ao lado de Oliver, exibindo um sorriso amarelo e cumprimentando o tal George.

— Aquele é Tristan Rivera, namorado da minha irmã, Pamella. Ele é da *família*.

O olhar de George se direciona para Tristan e eu nem mesmo tenho tempo de notar como Oliver destaca a palavra família. O lutador me abraça mais forte e eu tenho que apertar minhas unhas sobre suas mãos para lhe alertar.

— Eu sou George, Tristan. Um prazer conhecer você também, garoto.

Ele não diz nada.

— Clima pesado... — George cantarola. — Eu vou falar com William e nós nos vemos por aí — diz, antes de olhar uma última vez para Tristan e nos dar as costas.

Ele se distancia de nós e eu finalmente respiro outra vez.

— Isso foi estranho — Fable é a primeira a falar alguma coisa.

— Amor... — Oliver resmunga.

— O quê? — retruca.

Viro o rosto para fitar Tristan, encontrando-o com um olhar vazio enquanto encara o nada.

— Babe... — sussurro, passando os meus braços por seu pescoço e forçando-o a me encarar.

Ele se levanta e me deixa na cadeira, beijando o topo da minha cabeça e dizendo antes de sair:

— Eu vou tomar um ar e volto em alguns minutos.

Não tenho a chance de me pronunciar e lhe perguntar qualquer coisa que seja. Tristan sai andando em passos largos e com os punhos cerrados de cada lado do seu corpo. Eu não sei o que é, mas tem algo a ver com o tal George assustador.

Encaro Oliver, que balança a cabeça negativamente e faz o mesmo com Fable.

Nós duas nos encaramos com duas enormes interrogações no meio da testa e ficamos esperando assim como eles pediram. É claro que a minha cabeça me diz para ir atrás deles dois, mas eu prefiro esperar porque talvez Tristan realmente precise tomar apenas um ar.



Estou conversando com Parisa e Fable há quase trinta minutos quando Tristan finalmente com Oliver, Will e minha mãe. Preciso dizer que a minha mãe também parece perdida, tanto quanto Fable e eu. Já Will parece furioso e Oliver não fica atrás.

Eu e Fable nos despedimos de Parisa e nos levantamos, indo em direção a todos eles. Encontro com Tristan no meio do caminho e ele me abraça apertado, colando nossas bocas em um beijo abrupto e profundo. Estou confusa e um pouco assustada, e isso me faz empurrá-lo para trás, mas não para longe.

— Vamos embora — Will informa e eu sinto alívio.

— Tudo bem? Você está melhor? — pergunto a Tristan e ele assente.

Entretanto, eu não sinto isso o que ele quer me passar.

Ele não está bem e nem melhor do que antes.

— Vamos embora — o lutador repete o que Will disse, esfregando as mãos em minhas costas como se estivesse me pedindo calma.

— Tristan...

Ele balança a cabeça negativamente.

— Agora não.

O loiro entrelaça os nossos dedos e nós seguimos o pessoal, que já está andando na frente em direção da saída.



Entramos no nosso quarto em completo silêncio.

Depois que eu e Tristan ficamos juntos, esse é provavelmente é o pior dia de todos. Desde tudo que aconteceu pela manhã até agora. E eu realmente pensei que as coisas iriam melhorar, mas me enganei completamente.

Ele está estranho.

Tristan está distante, por mais que me segure perto de si e me abrace apertado.

Eu o conheço bem o suficiente para saber que as coisas estão desandando ao nosso redor, só não sei por quanto mais tempo vou aguentar ficar nesse silêncio.

Preciso de respostas.

Eu mereço essas respostas.

— Vamos tomar banho? — pergunto, observando-o afrouxar a gravata e caminhar até a sacada do nosso quarto.

A noite lá fora está bonita, mas também está bastante fria.

Tristan parece tão triste.

— Vem cá — pede.

Me aproximo dele, que me espera com a mão estendida. Seguro a sua mão e ele me puxa bruscamente para perto, tirando-me o fôlego ao me fazer sentir protegida.

— Você parece triste — confesso, correndo os dedos por seu cabelo que agora está um pouco desarrumado.

— Sempre fui uma pessoa triste, Pamella. Às vezes essa minha tristeza se mistura com a raiva e faz com que eu pareça ser alguém duro demais, mas a verdade é que debaixo de tudo dentro de mim há apenas muita tristeza.

— Mas eu quero fazer você feliz — sussurro, sentindo os meus olhos

encherem-se de lágrimas.

— Ultimamente você tem sido a minha felicidade, Pamella. Pela primeira vez durante todos os meus dias de vida eu senti algo bom e foi você que me deu isso. Eu odeio o fato de que essas coisas podem acabar...

— Podem, mas não vão. Eu não vou deixar.

— Você não sabe, Pamella — grunhe.

— Então conta para mim, Tristan.

— Minha infância foi ruim de uma forma que eu não sei se consigo te explicar. Acima de tudo isso, não quero que sinta pena de mim, porque a maior parte das coisas eu deixei para trás, mas eu ainda tenho fantasmas do passado que me perseguem, babe. O cara que eu deveria chamar de *meu pai* é o maior e pior deles. Ele foi um monstro na minha vida e na vida da minha mãe.

— Eu sinto muito — digo sincera. — Se pudesse te protegeria de tudo isso.

— Sei que faria isso, por isso eu prefiro que fique afastada dessa parte minha. Essa é uma luta que eu tenho que ganhar sozinho, Pamella, e eu te amo demais para deixar que se meta no meio da sujeira que é toda essa situação.

— Florence... é por isso que ela falou para você tomar cuidado? Está acontecendo algo a mais que você não quer me contar?

— Estou te contando tudo que posso, meu anjo — afirma.

— Vai me contar se algo estiver atrapalhando o que há entre nós? — pergunto.

Ele olha para imensidão do céu estrelado e volta a me encarar.

— Sim.

Eu não acredito, mas assinto.

— Florence vai ficar bem... — sussurro para ele.

— Eu vou me certificar de que isso realmente aconteça — responde e encosta a testa na minha. — Vamos entrar.

Nós dois voltamos para o quarto e eu fecho a porta da sacada e as cortinas. Tristan me ajuda a sair do vestido e eu o ajudo a tirar a sua roupa. Não nos importamos em tomar banho — eu tampouco a lavar o rosto e retirar a maquiagem —, apenas nos deitamos, enrolados um no outro, e adormecemos dessa forma.

# CAPÍTULO 19.1



## A VERDADE NUA E CRUA

PAMELLA COHEN

*Segure, segure, me agarre, porque eu sou um pouco instável.*

— X AMBASSADORS, "UNSTEADY"

Coço os meus olhos, incomodada com o sol da manhã ensolarada de Seattle. Tristan não está mais aqui, isso eu tenho certeza. Minha cabeça dói por algum motivo estranho, já que não bebi na noite anterior. Talvez sejam os problemas, talvez sejam as minhas preocupações, eu não sei. Talvez seja uma mistura dos dois. Eu só sei que dói como se eu estivesse afundada em uma ressaca horrível.

De qualquer forma, preciso me levantar.

Estico as minhas pernas e, apoiando o meu peso com os meus braços, sento-me e logo deslizo pelo colchão para ficar de pé. Solto o meu cabelo, arremessando os grampos deliberadamente pelo caminho até o banheiro e entro no mesmo, caminhando direto até o chuveiro. Não me incomodo em ajustar a temperatura, apenas abro a torneira de água gelada porque eu preciso de um banho que me faça acordar — *em muitos sentidos*.

Esfrego o sabonete em minhas mãos e em seguida fecho os olhos para passar por todo o meu rosto, começando a tirar a maquiagem forte de ontem.

Por alguns poucos minutos eu não tenho nenhuma preocupação em minha cabeça, mas isso é até eu sentir o corpo quente de Tristan encostar em mim quando estou lavando o meu cabelo. Não me incomodo em abrir os olhos, apenas me lembro de ontem e suspiro. Ele afasta as minhas mãos da minha cabeça e começa a esfregar o meu couro cabeludo cheio de shampoo.

— Você saiu cedo? — indago, calma.

— Às cinco — responde. — Não consegui dormir, então resolvi correr pela cidade e treinar cedo com os caras. Temos Circuito hoje, é bom sempre estar no ritmo.

— Mas você não dormiu — pontuo.

— Insônia.

— Você não acha que deveria ver um médico para que ele possa te receitar algum remédio para a sua insônia?

— Temos o médico que nos acompanha durante o Circuito, babe.

— E por que você não conversa com ele?

Tristan me ajuda a tirar o shampoo do cabelo e eu me viro para encará-lo.

— Em breve não vou precisar disso — resmunga. Franzo o cenho, mas ele se apressa em completar. — Podemos conversar?

— Estamos conversando — retruco-lhe com o óbvio.

— Sobre o meu passado. — Arqueio a sobrancelha, porque sempre que toco no assunto ele foge. — Eu andei pensando e não acho que seja justo com você. Posso me esforçar um pouco para colocar isso para fora se te fizer bem em saber...

— Primeiramente isso tem que fazer bem para você, Tristan. Quero que se sinta bem em conversar comigo sobre as coisas que te atormentam, porque por mais que seja difícil para mim, eu me sinto bem em desabafar sobre as minhas dores com você. — Ele concorda com a cabeça.

— Vai me fazer bem, assim eu espero.



Nós terminamos de tomar banho calados e voltamos para o quarto enrolados em grandes toalhas brancas. Descobri quando peguei o meu celular que já são onze da manhã, ou seja, eu fui mais uma vez nocauteada pelo sono.

Tristan pigarreia e eu deixo o meu celular em cima da cama, enquanto ele veste uma cueca e calça de moletom, jogando uma camisa sua em minha direção. Agradeço-lhe brevemente e me enxugo, principalmente o meu cabelo, vestindo a camisa preta e deixando a toalha em cima da mesa de cabeceira. O loiro se senta na cama, encostando-se no dossel de ferro e me puxa para ficar no meio de suas pernas. Aconchego-me em seus braços e espero paciente por sua iniciativa.

— Você sabe que a minha mãe não é natural do Estados Unidos — começa. — Quando ela chegou aqui, mais precisamente em Washington, foi trabalhar como empregada na casa de um rico magnata da cidade. Ela era muito inocente e sonhadora, e foi isso que fez a minha mãe ter um caso com o homem que lhe prometeu o mundo, mas em troca não lhe deu nada; o meu pai. — Engulo a seco, segurando as suas mãos e esfregando os meus dedos para tentar lhe passar calma. — Ele tinha uma esposa, a qual obrigou a ficar fora das câmeras para aparecer comigo nos braços depois de meses e alegar que eu era o seu filho. Foi aí que começou as dores da minha mãe, humilhação e toda desilusão...

— Amor...

— Está tudo bem — murmura. — Ela me levava pelos lugares como um troféu, enquanto a minha mãe sofria por não ter o seu filho e muito menos uma família para chamar de sua. Quando estávamos fora da câmera, era óbvio que a mulher me odiava. Eu era um bastardo, filho da empregada, Pamella, e ela só se sujeitou a isso porque não conseguia engravidar naquele momento. — Seu rosto está carregado de desgosto e dor. — Com o passar dos anos, eu fui crescendo e observando as coisas ao meu redor. Fora da casa era tudo colorido, mas quando eu voltava, era colocado num porão escuro, fedorento, cheio de infiltração, junto com a minha mãe em uma gaiola de ferro grande o suficiente para ocorrer as piores barbaridades que podem passar em sua cabeça — confessa e eu abro a boca incrédula.

Meu coração acelera e dói, enquanto meus olhos enchem de lágrimas.

— *Uma gaiola?* — sussurro.

— Sim... — Mordo o meu lábio inferior. — O chão frio de ferro foi a minha cama por quase oito anos. Minha mãe e eu vivemos naquelas condições até quando deu. — Ele me encara com pura dor. — Você não faz ideia das coisas que estão na minha cabeça, Pamella. Você não faz ideia do quão destruídas são

as minhas memórias. Eu nunca tive algo bom para lembrar, até você aparecer na minha vida.

— E as suas cicatrizes... a sua cicatriz...

Toco o seu rosto, dedilhando com cuidado a cicatriz que marca a sua pele bonita. Tristan espreme os olhos com força, respirando fundo antes de continuar.

— Ele usava um chicote e me açoitava porque eu não aceitava as coisas como eram. Eu não aceitava que ele usasse a mim como um boneco, não aceitava que machucasse a minha mãe... não aceitava que ele *estuprasse* a mulher que me colocou no mundo quase todas as noites na minha frente. — Levo as minhas mãos até a minha boca, tentando controlar o meu choro, mas é quase impossível ao ouvir essas palavras saindo da boca de Tristan. — Eu não suportava ver aquilo, eu não suportava ver como ele machucava a minha mãe. Então eu lutava por ela como eu podia, Pamella. Uma criança, meu anjo, eu era apenas uma criança de cinco, seis, sete anos, que tentava proteger a mãe de um monstro. Mas, como eu disse, eu era apenas uma criança. Ele era cem vezes mais forte que eu e me jogava para baixo com facilidade. Quebrava meus ossos e me fazia assim as atrocidades que ele obrigava a minha mãe a se sujeitar. É por isso eu tenho tantas tatuagens — sussurra por último. — Uma vez uma garota viu o meu corpo, quando eu ainda não tinha nenhuma tatuagem e o horror ficou estampado em seu rosto. Meu corpo é... horrível.

Balanço a minha cabeça negativamente, abraçando-o pelo pescoço e soluçando. É claro que eu sei que Tristan tem inúmeras cicatrizes, porque toda vez que toco em seu peito, barriga, costas, braços, pescoço e até mesmo pernas, sinto as pequenas — e incontáveis — ondas que ficam logo abaixo da minha palma. Mas eu não posso admitir que ele ache que seu corpo é feio por causa disso.

— Eu não importo o que acha de si mesmo, Tristan. — Seguro o seu rosto com as minhas mãos trêmulas e nos encaramos, ambos firmes. — Eu amo você e você é a pessoa mais bonita que eu já conheci. Toda vez que eu te olho, eu só consigo imaginar que fomos feitos um para o outro e que não há outro homem mais bonito na Terra. Eu me sinto tão sortuda por ter te conquistado e ter feito de você *meu*.

— Gosto de olhar nos seus olhos e ter apenas amor dentro deles. Eu já estava cansado de ser visto pelas pessoas como um cara que foi feito apenas para lutar, um monstro fodido de todas as formas. É importante para mim que você veja além disso...

— Eu vejo além disso porque você é muito mais do que as pessoas acham

que é. E nunca mais pense que é um monstro, porque você é um anjo, o meu anjo machucado e caído. Vou cuidar de você por toda minha vida, eu prometo.

Ficamos nos encarando por alguns segundos longos, enquanto toco o rosto de Tristan com cuidado. Ele é muito mais forte do que eu pensava. As coisas que ele passou, os traumas que ele viveu, os demônios que o atormentam dia e noite. Eu sinto tanto por ele ter sofrido essas coisas. Eu queria poder tirar cada dor sua, mas sei que é impossível, e sei ainda mais que ele aprendeu a lidar com elas.

De repente um *flashback* de uma conversa minha com Will no meu apartamento vem à mente, onde ele contou um caso sobre um tal de George e Tristan, onde o homem teve um caso extraconjugal e ele achava que a criança sofria maus tratos. Logo depois disso ele disse que a mãe fugiu com o menino e a farsa toda foi descoberta pela imprensa, onde a mulher do George não era mãe biológica do Tristan. O caso foi esquecido pela imprensa com o tempo, mas acabo de dar de cara com ele.

— Era ele? — pergunto.

— Ele? — Franze o cenho.

— O George de ontem. Era ele, não era?

Ele assente.

Eu sabia que tinha algo de errado com aquele homem.

Meu sangue ferve e eu me sinto extremamente protetora com Tristan. Se ele tivesse me contado isso antes e eu soubesse quem era George ontem à noite, eu com toda certeza não teria nenhum controle sobre as minhas ações. Por um lado, acho que foi bom por não ter feito uma cena, mas por outro lado eu sinto uma imensa vontade de acabar com aquele homem com as minhas próprias mãos.

— Se eu soubesse talvez teria pulado no pescoço dele e o enforcado até a morte — confesso os meus pensamentos para ele.

— Não pense nunca em sujar as suas mãos com ele, Pamella. Ele é um problema meu e eu vou ser o único que vai acabar com isso eventualmente.

Novamente ficamos em silêncio, enquanto sou atormentada pelas coisas que Tristan me confidenciou.

— Você não precisa falar mais nada sobre o seu passado se não quiser. Não quero que remexa nas memórias ruins, tudo bem? Eu já sei o suficiente para entender a sua aversão a conversar sobre o assunto.

— Obrigado, babe — diz. — Vamos descansar um pouco? — pede.

Assinto, mesmo que tenha acordado meia hora atrás.

Ele precisa de mim do seu lado, então é ao seu lado que eu ficarei.



— Eu não sei mais o que pensar sobre essa situação — reclamo com Parisa.

Estou observando Tristan treinar com os caras e Oliver, que resolveu levá-los para sua academia aqui em Seattle. De cinco em cinco minutos o lutador me procura com o olhar atento, como se eu fosse fugir para longe dele. Se eu pudesse, estaria com ele no meio do tatame, pertinho, mas sei que ele precisa se concentrar.

— Pam, você tem que manter a calma e continuar as coisas como sempre foram entre vocês. Não sei o que aconteceu com Tristan, mas acredito que, assim como foi quando Trent me contou sobre o passado dele, o seu namorado não precisa que você mude com ele, mesmo que seja para protegê-lo. Ele passou por tudo isso sem você, Pam, ele dá conta das coisas. Apenas apoie-o como sempre fez.

Suspiro e concordo, porque Parisa está certa.

Preciso acalmar meus instintos de mamãe-ursa.

— E como estão as crianças? — pergunto, mudando um pouco o foco de cima de Tristan e eu.

— Cada dia mais... barulhentas. — Ri e eu a acompanho. — Mas eles são a melhor coisa na minha vida e de Trent. Inclusive ele saiu ainda pouco com os dois para pegar uma torta na casa do papai que Elise fez para nós. Não conte para ninguém, mas talvez Trent seja o pai mais babão que já pisou na Terra — brinca.

— Eu não duvido nem um pouco — admito. — Meu cunhado é louco por você, então é óbvio que seria ainda mais louco pelas crianças de vocês dois.

— Pam, não quero nem imaginar quando Serena quiser namorar — confessa em meio a um gemido de dor. — Vou ter que sedar Trent. Ele é muito ciumento com as crianças e elas ainda são apenas bebês. Não sei se vou conseguir lidar com o lado estressado dele.

Gargalho, porque eu tenho certeza que Trent vai pirar.

Isso vai ser divertido de ver.

— Você vai ter que aguentar e colocar bastante ordem no seu quartel — digo.

Puxo o meu sanduíche natural de dentro da minha bolsa e desembrulho, mordendo um pedaço enquanto minha irmã continua falando.

— Vou deixar todos de castigo, vai ser a minha única saída.

Balanço a cabeça negativamente, percebendo que Tristan está me encarando mais uma vez. Pisco para ele e ele pisca de volta, enquanto parece que finalmente o treino acabou.

— Nós vamos para o hotel agora para nos arrumarmos e seguirmos para a arena. Amo você, Paris. Até mais.

Assim que Parisa se despede de volta, desligo a chamada e jogo o celular dentro da minha bolsa, pendurando-a em meu braço e levantando-me. Tristan para na minha frente, suado e quente. Ele morde um pedaço do meu sanduíche e beija meus lábios rapidamente.

— Vamos embora? — pergunto e ele assente, terminando de mastigar e engolir o pedaço de pão com salada e frango.

Aceno para os caras e espero Tristan pegar sua mochila e a chave do carro. Ele segura a minha mão e nós deixamos a academia em passos largos, eu ainda me alimentando e ele provavelmente ansioso para chegarmos logo ao hotel.

Nós entramos no carro e enquanto ele dirige, conversamos sobre alguma coisa boba. A conversa que tivemos mais cedo sobre o passado dele ficou para trás, ou pelo menos é isso que eu quero mostrar para Tristan. Não vou deixar que as coisas que ele me disse se tornem algo ruim entre nós dois. Espero que ele saiba que pode confiar em mim com os seus segredos e suas dores.

Cerca de vinte minutos mais tarde nós chegamos.

São cinco e meia da tarde e sinto um alívio mental quando lembro que a luta de Tristan hoje é apenas depois das dez da noite.

Saímos do carro e pegamos a chave do nosso quarto assim que passamos pelo recepcionista. Entramos no elevador e eu braço Tristan, descansando contra ele, enquanto ele aperta o botão do nosso andar.

Apoio o meu queixo em seu peitoral e o encaro. Ele inclina o rosto para me fitar e sorri, dando-me uma visão privilegiada do meu paraíso particular: seu raro sorriso.

— Preparado para mais tarde? — questiono e ele assente.

— Eu nasci preparado, babe — brinca e eu esfrego as minhas mãos pela extensão de suas costas.

— Estou ansiosa para te ver lá em cima.

Ele arqueia a sobrancelha, provocando-me silenciosamente.

— Droga, anjo, pensei que estava ansiosa para o que vem depois e não antes...

— Depois? — Ele acena positivamente. — E o que vem depois?

Somos interrompidos por uma parada do elevador e ficamos calados até que ele se feche novamente, com mais um casal que entrou.

Tristan aproxima o seu rosto da lateral do meu e sussurra:

— Sexo de comemoração — responde.

Só podia ser isso.

Solto uma risada contida, esfregando a ponta das minhas unhas por cima de sua regata suada com um pouco mais de força para repreendê-lo.

Nossa parada chega e nós saímos de mãos dadas, rindo um com o outro e nos provocando até entramos no quarto. Jogamos nossas coisas no chão e Tristan me puxa para cima, fazendo-me laçar sua cintura com as pernas enquanto sua mão descansa em minha bunda. Sorrio ainda mais, passando minha língua entre os lábios dele e roubando-lhe um beijo muito gostoso.

Minhas mãos encontram lugar nos fios de seus cabelos e ele geme em minha boca quando eu puxo de leve.

Nós nos perdemos no banho e mais tarde caímos na cama para ele descansar meia hora antes de receber uma massagem minha. Uma das coisas que eu mais gosto e que Tristan me proporciona, é que todo dia é um dia realmente novo, não importa nada. Todo dia eu me apaixono novamente por ele e sei que é recíproco. Isso é o que mais importa entre nós dois.



**Meu** coração, como sempre, acelera no instante em que a luta se inicia.

Tristan está bem, embora eu tenha pensado que ele ficaria distraído com tudo que aconteceu, mas felizmente ele é um homem muito focado em seu trabalho. O fator reaparição do George não mexeu com a sua cabeça, mas eu sei que ele ainda está tremendamente preocupado com Florence.

Oliver exclama animado ao meu lado, juntamente com Will, ambos torcendo com entusiasmo para Tristan. Os dois realmente gostam do meu namorado e eu consigo entender isso mais do que eles. Quando nos conhecemos Tristan era apenas... duro demais. Entretanto, eu não ficava atrás. De fato, não nos suportávamos, mas no fundo de toda irritação sempre tem um pouquinho de amor e conosco não poderia ter sido diferente. Depois de tudo que passou, consigo entender que o jeito do lutador é fascinante, muito mais do que eu gostaria que fosse.

Balanço a minha cabeça, torcendo para Tristan tão animada quanto os outros. Quando ele acerta o seu adversário por baixo em seu queixo e o mesmo cai no chão desacordado, a multidão ruge em um coro insano que reverbera por todos os lados o nome de luta do meu namorado.

Ele sorri e aponta para mim assim que me acha.

Mais uma luta minha.

Mais um nocaute perfeito e rápido.

Ele está absolutamente insuperável e eu não me canso de ver como Tristan consegue ultrapassar suas próprias marcas de combate em combate.

Por sorte essa já a última luta da noite, então nos encaminhamos até a sala de concentração assim que o loiro termina de dar uma breve entrevista e de ter o seu braço erguido como campeão mais uma vez. Durante o percurso, eu, Oliver e Fable comentamos animados sobre todas as lutas da noite, mas principalmente as de Tristan. Entramos na sala após mostramos nossas credenciais e esperamos a chegada dele.

— Eu prefiro o meu garoto do que Trent — Oliver afirma, sentando-se no sofá de cor e tirando uma risada de todos nós.

— Você o conhece há tanto tempo, Oliver. É claro que prefere Tristan. — Reviro os olhos depois de pontuar a minha ideia.

— Mas isso não tem muito a ver... eu só o acho *melhor*... — Dá de ombros.

— Os dois são bons — mamãe afirma e eu concordo com ela.

Os dois são igualmente bons na minha visão, mas é claro que de qualquer forma eu prefiro Tristan, porque ele é o meu Tristan.

E, falando nele, logo o mesmo entra na sala e é congratulado por cada um que está no local. O lutador se aproxima de mim, quente e sorridente, e me puxa para ficar de pé e tomar um beijo meu. A maioria das pessoas bate palma, mas eu consigo escutar os “eca’s” insistentes de Oliver praticamente no pé de nosso ouvido.

Meu celular começa a tocar no bolso do meu jeans e eu sou obrigada a separar minha boca da de Tristan, completamente ofegante. Eu fito a tela brilhante e atendo sem pensar muito porque é a mãe dele.

— Pamella? — A voz calma de Florence me assusta, porque ainda não entendi absolutamente nada do que está acontecendo com ela e do que ela está fazendo.

Tento me recompor rapidamente do beijo e respiro fundo. Só de lembrar o que Tristan me disse que George fazia com a sua mãe, deixa-me de coração apertado. Florence Rivera é uma das mulheres mais fortes que eu conheço.

— Florence... — replico, incerteza sobre o que falar.

Tristan me encara e se aproxima outra vez imediatamente.

— Posso falar com o meu filho? — ela pede.

— É claro — concordo na mesma hora e estendo o meu celular para o loiro. Ele se afasta de mim e logo sai da sala.

Aproximo-me de Paul, sentando-me ao seu lado e ele me recebe com um abraço.

— Você está me escondendo alguma coisa? — pergunto e ele ri.

— Por que acharia isso? — retruca.

— Eu não sei... Você e Tristan sempre param de falar quando eu me aproximo... É bastante suspeito, sabia?

Paul ri e beija o topo da minha cabeça.

— Ele só é preocupado demais com a segurança de vocês, da mãe dele também. Tristan me pediu para tentar achar o paradeiro dela, mas ainda não conseguimos mais informações, Pam. Ele não gosta que você fique no meio disso porque não quer te ver estressada. Não estou te escondendo nada, tampouco ele, acredite.

Eu suspiro e concordo com a cabeça.

Acredito em Paul, só não gosto que escondam as coisas de mim, mas pelo menos eles não estão escondendo nada.

— Sei que parece um pouco bizarro, mas você acha que alguém fez a cabeça de Florence para ela deixar New York? — pergunto e Paul me fita, interessado.

— Você sabe mais do que eu, não é mesmo? — replica e eu sorrio de lado.

É claro que eu sei, afinal Tristan me contou sobre o seu passado e ele não parece muito distante levando em consideração que o pai dele acabou de aparecer e Florence resolveu sumir da vista de todos do nada. Mas o que também



é estranho, é que ela ainda se comunica conosco. Eu não sei o que pensar ao certo.

— Eu não sei, Pam — Paul começa. — É estranho, ainda mais porque estava rolando um clima entra ela e Jaz, então se alguém fez a cabeça de Florence, só pode ter sido com a coisa mais importante para ela...

— Que seria Tristan — concluimos juntos.

O loiro entra na sala e eu me levanto imediatamente.

Sua feição não é boa.

— Ela está bem? — pergunto.

— Ela diz que sim.

— Você acha que ela está bem?

— Não. — Deposita o celular em minha mão. — Mas eu vou consertar as coisas.

Eu não gosto como isso soa. Consertar as coisas nunca é tão simples quanto parece, ainda mais tratando-se de Tristan e Florence.

No caminho de volta para o hotel, Tristan fez uma ligação para Trent e os dois conversaram por longos minutos como se estivessem falando em códigos. Eu, particularmente, não entendi nada. Fiquei conversando com Paul, Lucas e Mike, que nos acompanharam no carro e esse foi basicamente o nosso final de noite. Reunimo-nos no quarto dos caras e comemos comida chinesa até a barriga pedir para pararmos. Eu gostaria de poder dizer que me lembro como fui parar na cama, mas devo ter capotado outra vez e ter sido carregado por Tristan como sempre acontece.

A única coisa que sei é que há uma nuvem negra acima de nossas cabeças e eu não quero a escuridão outra vez em minha vida.

# CAPÍTULO 20

## O RINGUE

PAMELLA COHEN

*Amor, vou fazer o que você quiser, me prenda como se eu fosse sua escrava, porque quando você termina não consigo nem me concentrar.*

— DEMI LOVATO, "CONCENTRATE"

### *Algumas semanas depois...*

Estar de volta em New York me deu um gás novo, uma animação a mais e, o fato de que já estamos outra vez no final do Circuito, deixa-me com vezes mais animada com os meus planos e planos de Tristan. Enquanto ele dirige até a casa do papai, eu uso o meu celular para me comunicar com o agente da editora de

livros que estou prestes a assinar um contrato. Tristan, obviamente, é a pessoa que mais me dá força para continuar com isso, mas eu ainda preciso contar para a minha família. Quando Oliver chegar essa tarde com Fable, Will e minha mãe, vamos nos reunir e, como o meu lutador diz: dar o “anúncio oficial e inquebrável”, porque isso não terá volta. Gosto mais do que o imaginado dessa parte de Tristan que me dá força para ser independente no meu trabalho, nas coisas que gosto de fazer. É muito gratificante ver que ele realmente se importa e quer ver a minha felicidade e crescimento profissional.

Travo a tela do celular depois de informar ao agente que realmente vou querer fazer esse “investimento” e presto mais atenção na movimentação das ruas da minha cidade preferida. Tristan segura a minha mão, atraindo o meu olhar para si e sorrindo, enquanto deposita um beijo doce sobre o dorso como sempre faz.

— Está preparada para sair do anonimato? — brinca, dividido em me fitar e prestar atenção na estrada.

Ele fala isso porque eu também comecei a publicar pedaços do meu livro de lançamento em uma plataforma gratuita e digital na internet. Pasmem, tenho leitores realmente entusiasmados que gostam e me incentivam a produzir mais. É engraçado, porque eu não sabia que precisava desse contato com as pessoas até finalmente tê-lo. Eu me sinto muito feliz por me comunicar tão de perto com todos eles e sinto cada vez mais prazer em agradá-los por me fazerem sorrir tanto.

— Não posso dizer que estou preparada, mas é um passo a ser tomado.

E eu estou sendo sincera quanto a isso.

Sair do anonimato é uma barreira que eu ainda não sei como encarar.

— Você vai se sair bem, eu tenho certeza, babe — afirma.

Nunca imaginei que Tristan fosse tão esperançoso e positivo, mas ele está me surpreendo demais com as suas vibrações positivas e empenho.

— Eu espero que sim — retruco.

Ele nota que estou nervosa e se vira para mim assim que para no sinal vermelho.

— Ainda se algo der errado, vou comprar todas as cópias e estocar para mim para que até a nossa décima geração tenha acesso aos seus livros maravilhosos. — Meu sorriso se derrama sobre os meus lábios depois de ouvir a sua declaração e ele continua. — Tenho absoluta certeza que vai ser um sucesso e eu não vou precisar fazer isso, por mais que eu *queira* comprar o máximo de cópias para mim.

— Você não existe...

Inclino-me para lhe roubar um beijo rápido e me afasto para que o loiro possa voltar a dirigir.

— Talvez eu realmente não exista e seja apenas uma projeção de homem perfeito do seu cérebro— retruca.

Gargalho, socando o seu braço em resposta.

— Inferno — pragueja. — Isso doeu, amor. Acho que não sou projetado.

— Você é de carne e osso, idiota. E eu gosto da sua carne, os ossos tanto faz.

Tristan finalmente ri, balançando a cabeça negativamente para a minha resposta.

— Transformei você em meu monstrinho pervertido favorito.

— Eu não sou um monstrinho — reclamo, em tom de brincadeira.

— É claro que não — rebate, irônico.

Meu sorriso não consegue sair dos lábios pelo resto do caminho que tomamos até a casa do meu pai. Assim que Tristan estaciona o seu carro atrás do carro do papai, o mesmo sai lá de dentro com um sorriso de orelha a orelha.

Solto o cinto de segurança e saio do veículo em um pulo, batendo a porta e correndo até o meu homem preferido: meu pai. Eu sei que nós dois não tivemos muitos momentos juntos durante toda a minha vida, mas desde que cheguei em New York anos atrás, ele tem sido tudo que eu sempre imaginei que era. O lado protetor é um pouco além do que eu imaginava, mas ele não me irrita. É bom saber e sentir que tenho um pai que entende a magnitude dessa palavra e todas as coisas que ela implica. Quando Parisa nos deixou, aproximamo-nos mais ainda. Eu e ele temos uma conexão profunda demais e que construímos em pouco tempo. Ele é o meu homem preferido e o meu namorado felizmente sabe lidar com o seu segundo lugar.

— Meu amor... — resmunga, tirando-me do chão em um abraço apertado e girando o meu corpo no ar como se eu não pesasse uma grama sequer. — Como eu senti a sua falta, Pamella.

Deposito um beijo em sua bochecha, sorrindo e lhe apertando no meu abraço uma última vez antes de ser colocada no chão.

— Eu senti sua falta também — afirmo, sentindo o corpo de Tristan logo atrás do meu.

— Você cuidou bem dela? — meu pai indaga, dando um aperto de mão e um abraço em Tristan.

Reviro os olhos por força do hábito.

— Fiz o que pude para cuidar dela — Tristan brinca.

Lhe dou uma cotovelada e ele ri, abraçando-me pelos ombros.

— Eu cuidei mais dele do que o contrário — informo.

Meu pai ri conosco e balança a cabeça negativamente.

— É uma das características dos Cohen's. Parisa também cuidava de Trent durante o Circuito... — Dá de ombros.

Sei bem disso.

— Ei, vocês não vão entrar?! — Elise exclama da porta e assim que meus olhos caem sobre a sua barriga de grávida, saio correndo em sua direção.

Ela está linda e incrível.

Eu não sei quem tem mais sorte: ela ou o meu pai.

— Oh, meu Deus! Você está tão bonita! — digo exasperada, dando-lhe um abraço forte e passando as minhas mãos sobre a sua barriga descoberta.

— Você não fica atrás — replica, suave como sempre.

— Como meu irmãozinho tem se comportado? — questiono com as minhas mãos ainda sobre ela.

— Ele faz uma bagunça nessa mulher — meu pai reclama.

Elise sorri sem graça e eu sorrio de volta.

Ela tem olheiras debaixo dos olhos bonitos e a boca um pouco ressecada. Seu cabelo está um tanto bagunçado, mas ela está tão natural, bonita, brilhante e viva, que isso não são defeitos aos meus olhos.

— Não fale assim, papai. Você tem que aguentar isso com ela.

Nós entramos de uma vez em casa e nos sentamos no sofá, eu e Tristan, e meu pai senta-se em sua poltrona e puxa Elise para o seu colo, espalmando a sua mão sobre a barriga dela.

Eles são muito bonitos juntos.

— E eu aguento, não é nenhum sacrifício. É um prazer — meu pai responde com um sorriso nos lábios.

Eu nunca o vi tão... feliz.

Nunca mesmo.

Ele brilha tanto quanto Elise.

Meu coração se aquece com a imagem dos dois juntos.

— E as crianças? Parisa? Trent...?

Assim que paro de falar, os quatro entram pelo corredor que leva até a sala de jantar. Eles gritam “surpresa!”, mas eu só consigo rir. As crianças estão vestidas com as camisas de Tristan e eu fico ainda mais emocionada do que antes.

— Finalmente, menina! — Parisa exclama, colocando Serena no colo de Tristan e me fazendo levantar para abraçá-la. Ela beija minha bochecha repetidamente e nós todos rimos de sua reação. — Eu senti sua falta, caralho... — cospe, parecendo chateada e faz um bico.

— Quando eu falo palavrão perto deles você falta arrancar a minha língua... — Trent reclama, mas não lhe damos atenção.

— Nos falamos praticamente todos os dias por FaceTime, Paris.

— Mas você não estava em lugar nenhum que eu pudesse tocar. — Revira os olhos e se inclina para encarar Tristan. — Da próxima vez você irá sozinho.

Gargalho, balançando a cabeça negativamente e puxando Parisa novamente para outro abraço apertado.

— Você deixaria Trent ir sozinho para o Circuito? — indago e minha irmã faz uma careta.

— Eu confio nele, mas eu gosto de ficar do lado... e, bom, eu não confio nelas.

Marias-tatame.

— *Eu também não confio nelas* — sussurro. — Então, tenho que ir com ele. Sinto muito.

Parisa ri e me empurra para o lado.

— Vocês não desgrudam mais.

Nós todos terminamos de nos cumprimentar. Dou um abraço apertado em Trent e tomo Bryan para mim. Quando volto para o meu lugar, fico internamente derretida com Tristan e Serena juntos. Ela parece adorá-lo, de verdade, e mesmo sem jeito, ele tenta que dar alguma atenção ou se comunicar com ela.

— Me coloquem por dentro de tudo que aconteceu no Circuito, vamos...

Parisa pede e é isso que fazemos pelo resto da conversa que se estende por todo o almoço.

Se eu já estava feliz antes, agora estou bem mais.

Minha família é meu maior bem.



Já é tarde e todo estamos na academia e, com todos, eu realmente quero dizer todos. A minha mãe chegou com Will, Oliver e Fable há uma hora e eles apenas foram se instalar no meu apartamento e vieram nos encontrar. Disse a eles que gostaria de conversar com toda a família reunida na sala do papai, mas enquanto não encontro coragem para falar sobre a minha futura carreira — assim espero que seja —, estou conversando com Parisa, enquanto Trent apenas escuta calado.

Tristan está no ringue, treinando com os caras que exibem sorrisos e brincam sem parar durante aquele momento, exatamente como nos velhos tempos.

— Essa história de Florence é estranha... — Parisa se pronuncia, passando uma das mãos pelo cabelo de Serena.

— Eu concordo com você. — Procuro por Jaz na academia e o acho encostado com outros seguranças perto da porta de saída e entrada. Ele é profissional o suficiente para focar em seu trabalho e não demonstrar fraqueza, mas eu posso imaginar como seria perder uma pessoa que estamos começando a gostar sem mais nem menos e sem nenhuma explicação. — Mas eu ainda acho que Tristan sabe mais do que ele me conta... — Direciono o olhar para o meu cunhado. — E Trent também deve saber de alguma coisa.

Ele ri, balançando a cabeça negativamente.

— Mesmo se eu soubesse de alguma coisa, Pamella, não falaria. Não quero ver você em perigo. Tristan não quer ver você em perigo e, apesar de felizmente ter seguido em frente, Max não gostaria de te ver em perigo.

Minha barriga embrulha e eu reviro os olhos.

É claro que eles dois sabem mais do que estão contando.

— Eu não me colocaria em perigo, só gostaria de poder ajudar.

É verdade, em partes. Eu gostaria de poder ajudar, mas também é claro que me colocaria em perigo para ajudar o meu namorado. Imprudente? Sim, mas é a verdade. Depois de tudo que Tristan me contou, eu não quero que ele sofra mais. Eu ainda desejo tirar toda dor e escuridão de dentro dele.

— Esquece isso, Pamella — Trent resmunga e Parisa o encara.

Ela também não deve saber de nada e provavelmente desconfia que Trent sabe o que está havendo nos bastidores.

Minha mente se embaralha completamente, dando nós e eu me levanto, indo em direção ao ringue. Assim que passo por debaixo das cordas e subo, direciono-me a Tristan, que me dá sua atenção assim que coloca os olhos em cima de mim.

— Tudo bem? — pergunta e eu aceno positivamente, abraçando-o pela cintura e ficando na ponta dos pés para selar nossos lábios.

— Eu acho que quero contar logo a todos sobre a novidade — sussurro.

Essa é a única coisa que me faria esquecer momentaneamente dos problemas ao nosso redor, então é para esta saída que eu corro.

— Agora?

Ele parece animado. Muito mais do que eu.

— Sim. — Sorrio abertamente e mais relaxada.

— Então vamos — afirma.

Solto Tristan e damos as mãos.

— Ei, vamos até o escritório do papai! — exclamo para os caras e eles assentem.

Chamo todos pelo caminho e entramos na sala, encontrando papai e Elise rindo e conversando juntos. O meu pai franze o cenho, estranhando a movimentação no seu local de trabalho e eu seguro o riso, encostando-me perto da mesa com Tristan. Solto a mão do loiro e ele me abraça por trás, pousando as mãos em meu quadril.

— O que está acontecendo? — Oliver é o primeiro a quebrar o silêncio como sempre.

— Bom, eu queria... eu queria pedir um pouquinho da atenção de vocês para...

Meu coração acelera e as minhas mãos começam a tremer.

Fico nervosa subitamente.

Eu não acredito que vou contar isso para eles.

— Fala logo, Pamella! — Oliver exclama, irritando-me profundamente e me deixando mais nervosa do que eu já estou.

— Espere um minuto, porra! — rebato, levando a minha mão imediatamente até a boca e lançando um olhar para Parisa, Trent e para as crianças em um pedido silencioso de desculpas.



— Você consegue fazer isso — Tristan murmura no pé do meu ouvido e eu assinto, engolindo a seco.

— Faz algum tempo que eu venho trabalhando em alguns projetos e eu gostaria de compartilhar isso com todos vocês porque, graças ao Tristan, tomei coragem para contar a vocês sobre tudo isso e sobre o que vai acontecer em breve.

— Você não está envolvida com drogas, certo? — Mike brinca e Oliver ri com ele e Lucas, enquanto eu apenas reviro os olhos.

— Deixem ela falar — Tristan grunhe e os três idiotas se aquietam.

— Bom, desde muito cedo eu sempre tive muito gosto pela escrita. A mamãe sabe disso, já que periodicamente eu enchia diários e mais diários sobre o que acontecia nos meus dias e afins. A partir de certa idade, comecei a escrever textos mais longos e com isso vieram os primeiros capítulos de histórias que eu criei em minha mente. Eu vou assinar um contrato com uma editora em breve para lançar a minha primeira obra física e dar o primeiro passo na minha carreira, se assim já posso começar a dizer. — Todos estão me encarando boquiabertos. — Tristan me deu muita força e continua dizendo que eu preciso fazer isso por mim, para ter a minha liberdade apesar de tudo e eu concordo com ele. Se não fosse por ele, talvez tudo que escrevi e que ainda vou escrever ficaria guardado a sete chaves pelo resto da minha vida. Eu estou contando com o apoio de vocês para isso e espero que fiquem feliz por mim.

— Eu vou ficar com ciúmes de compartilhar esse talento com o mundo, mas ela escreve muito bem e merece todo reconhecimento possível — Tristan brinca assim que eu paro de falar, fazendo as minhas bochechas esquentarem.

— Caralho, Pamella. — Oliver passa as mãos pelo rosto e eu sorrio sem graça. — Isso é... surpreendente.

— Isso é incrível — Parisa diz com os olhos brilhando.

— Eu nunca imaginaria que você se tornaria uma escritora — minha mãe finalmente fala algo e eu consigo ver as lágrimas acumulando nos cantos dos olhos dela.

— Isso é realmente maravilhoso, filha. É importante que passe a carregar responsabilidades de uma vida normal de trabalho — meu pai fala logo depois dela. — Eu estou muito orgulhoso de você.

— Todos estamos — Trent afirma. — Sempre soube que você escondia algo de brilhante nessa cabeça, Pamella Cohen.

Mordo o meu lábio inferior para conter o meu sorriso, enquanto sinto o afago de Tristan no meu quadril que vai me acalmando aos poucos ao ouvir os

comentários da minha família e dos meus amigos.

É tão importante tê-los ao meu lado e receber todo esse carinho e apoio.

Afasto-me de Tristan e recebo um abraço de cada pessoa que está no escritório. Enquanto tento explicar para eles tudo, incluindo todas as informações sobre o contrato, noto que Tristan e Trent conversam em um canto, enquanto o loiro me encara em admiração.

Lanço uma piscadela para ele e ele faz o mesmo de volta para mim.

Esse homem ainda vai me matar um dia e eu não quero dizer isso literalmente.



Deixo de observar Tristan e levanto-me para me despedir do meu pai, que está com uma linda e grávida Elise ao seu lado. Nós conversamos muito sobre os meus livros depois que todos se dispersaram e eu aproveitei para me colocar por dentro de tudo sobre a sua gravidez e chegada do meu novo irmãozinho. Ela está com a barriga bastante grande e ainda tem mais três meses de gestação pela frente, ou seja, os meses mais dolorosos segundo a minha irmã e mãe. Dou um abraço em cada um deles e meu pai deposita as chaves da academia na minha mão.

— Não esqueça de fechar as coisas e guardar a chave com cuidado — avisa e eu aceno positivamente. — Nos vemos amanhã cedo.

Eu acompanho os dois até a saída e o meu pai me ajuda a fechar o portão que mais tarde Tristan terá que abrir para nós irmos embora. Deixo a chave já no trinco e volto para onde estava, desligando a maioria das luzes no caminho, menos a do ringue e a do vestiário.

Observo os músculos do lutador ondularem e tencionarem a cada golpe que ele desfere no saco de pancadas pendurado por um suporte de aço. Eu nunca vou me cansar de admirá-lo em seus momentos de treino, porque Tristan é sempre tão disciplinado e focado que praticamente nada tira a sua atenção. Mas, como eu disse, praticamente nada. Eu não sou nada. Então é óbvio que quando subo no ringue, como agora, tomo toda a sua atenção para mim em um piscar de olhos.

Ele se joga no banco em um dos cantos do ringue e se encosta nas três

cordas horizontais, pegando a sua garrafa de água e tomando um gole. Aproximo-me em passos curtos e demorados, notando como o loiro me assiste e analisa como se eu fosse a sua próxima refeição, a sua presa iminente. Quando estou perto o suficiente, Tristan agarra a minha mão e eu caio em seu colo, abrindo as minhas pernas para ficar confortável sobre ele.

— Terminou? — indago, referindo-me ao seu treino e o loiro balança a cabeça negativamente.

Ele parece ponderar a sua resposta, enquanto afasta o bico da garrafa de sua boca. Por puro instinto corro a minha língua entre os meus lábios e ele segue esse movimento com o olhar atento.

— Quer? — questiona, balançando a garrafa de água em sua mão e eu aceno positivamente. Tristan aproxima o bico da garrafa da minha boca e eu abro levemente para beber um pouco de água. Quando tenho o suficiente, empurro a minha cabeça para trás, mas ele não para de virar o conteúdo, que acaba caindo sobre mim e provocando um gemido esganiçado em minha garganta. Filho da mãe, a água está gelada! — Sinto muito, babe — diz, mas eu sei que ele não sente absolutamente nada, pois um sorriso cínico levanta cada ponta de sua boca de forma discreta.

Engulo a água de uma vez, tossindo para o lado e tentando puxar a minha camisa branca para fora do meu corpo.

— Você é um idiota, sabia disso? — praguejo quando ele segura as minhas mãos e me força a parar de me mover.

— Claro que eu sei disso. — Revira os olhos, provocando-me. — E você é gostosa quando fica com raiva, sabia disso? — Imita-me propositadamente.

Tristan solta as minhas mãos e joga um pouco mais de água sobre o meu busto, enquanto a mesma escorre sobre nós dois.

— Porra, Tristan Rivera! — exclamo. — Qual o seu problema?

Ele encolhe os ombros, fingindo estar ofendido, o que só me faz querer acertá-lo na cabeça até perder a consciência.

— Por que está tão estressadinha? — retruca, pousando as duas mãos sobre os meus seios.

— Porque essa água está gelada e eu não quero ficar doente só para alimentar o tesão que eu tenho certeza que você está sentindo. — Reviro os olhos, puxando a camisa para cima e enxugando a água que ainda escorre por minha barriga.

— Como sabe que estou com tesão?

— Seu pau, Tristan. Ele está duro no meio das minhas pernas. — Bufo.

Ele ri discretamente e pigarreja.

— Foi a água gelada que tocou nele. Ele é sensível, meu anjo...

Não consigo segurar o riso.

Quando Tristan quer ser um idiota, ele consegue perfeitamente agir como tal. Empurro o meu corpo um pouco mais para frente, esfregando-me em cima de sua ereção e ele para de sorrir imediatamente.

Quase sempre o feitiço vira contra o feiticeiro em nossa relação.

— Você está me provocando... — constata.

— Você começou, então eu acho que é justo.

Empurro o meu quadril outra vez, aproximando o meu rosto do seu e selando os nossos lábios superficialmente. Sinto a respiração quente de Tristan bater em meu rosto e ele joga a garrafa de água para longe, tirando a minha camisa das minhas mãos e fazendo o mesmo com a peça. Meu coração acelera, enquanto um sorriso escorre pelos lábios do loiro, que avança sobre a minha boca e me rouba um beijo demorado que faz com que o meu corpo reaja positivamente ao seu simples estímulo. Tristan separa os nossos lábios e pouasa as mãos outra vez em meus seios. Ele raspa os dedos por cima do meu *top*, apertando levemente as pontas endurecidas. O loiro não tira aquela peça de mim, pelo contrário, ele só me provoca continuamente ao empurrar meus seios para cima, dando-lhes liberdade e deixando-os empinados em frente ao seu rosto.

Minha pele se arrepia no instante em que Tristan abocanha o meu seio esquerdo. Um gemido escapa por minha boca, fraco, porém rebelde. Fecho os olhos e me deixo desfrutar da sensação maravilhosa que o lutador sempre me causa, correndo os meus dedos por seu cabelo instintivamente e torcendo as pontas longas sem muita força. Sua língua quente faz movimentos circulares sobre aquele pedacinho de pele sensível e, quando sinto os seus dentes arranharem levemente o bico do meu seio, arqueio as costas e suspiro.

Tem algo diferente correndo entre nós dois nas entrelinhas. Sinto algo realmente diferente que me faz querer aproveitar cada minuto que estamos passando sozinhos, principalmente os que vêm a seguir.

Tristan volta a sua atenção para o meu outro seio e deixa uma trilha de beijos no vão do caminho que toma. Eu sei muito bem que a boca dele é capaz de me fazer quebrar em duas, mas hoje sinto que posso me estilhaçar inteira de uma forma que não pode ser consertada. Ele suga o meu mamilo outra vez, brincando com os seus dentes e a sua língua para me fazer perder os sentidos aos poucos como sempre. Ele não gosta de ser rápido em nada que faz,

principalmente se envolve sexo. O meu namorado é um cara que demora, mas não sem um motivo, ele demora porque gosta de aproveitar até o último suspiro de prazer de nós dois.

— Pode parar com a... tortura? — sussurro, fazendo-o afastar a boca de cima de mim e me encarar.

Tristan sorri, colocando-se de pé.

Eu também fico de pé, mas estou fraca.

Praticamente me arrastando consigo, Tristan me empurra contra as cordas do ringue. Encaramo-nos firmemente, ele mais do que eu, e sem demora o lutador desliza a mão direita para dentro do meu *short* de treino, coisa que eu não fiz hoje, já que só conversei com a minha família. Seus dedos mergulham em minha calcinha e eu solto um gemido quando ele usa dois deles para esfregar sobre o meu clitóris. Jogo a minha cabeça para trás, fechando os olhos outra vez, enquanto tento controlar os meus impulsos.

— Anjo, você está linda... — sussurra com a boca colada ao meu pescoço.

Ele chupa a minha pele, enquanto as minhas pernas tremem de tensão e tesão.

— *Vamos... fazer... isso... aqui?*

Tristan ri, mas não para.

— *No ringue?* — continuo.

— Sim. No ringue. Eu e você. Agora.

Tirando a sua mão de dentro da minha calcinha, Tristan empurra as peças para baixo e me ajuda a sair delas com pressa. Eu tento abaixar a bermuda de Tristan, mas ele segura as minhas mãos com um sorriso travesso nos lábios e olhar que me repreende profundamente. Sorrio com ele, culpada por minhas ações. Eu tenho pressa, ele nem tanto, e é isso que me irrita, praticamente me mata.

Agora só de *top*, viro de costas para o loiro e escuto a respiração alta que ele solta. Suas mãos correm pelas laterais do meu corpo, descendo por minhas pernas até ele puxar uma para cima e engatar em uma das cordas. Olho para os lados do salão vasto da academia — a única luz que deixei ligada é a do ringue e dos vestiários — e é nesse momento que me sinto... rebelde. Esse é o local de trabalho de muitas pessoas, inclusive do meu pai. Meu corpo ali, todo exposto para Tristan, em um lugar que eu nunca imaginei que faria sexo me deixa ainda mais bêbada de desejo. Como disse, nunca imaginei que faria algo desse tipo, mas isso até esse lutador entrar na minha cabeça e me fazer desejar tê-lo em qualquer lugar que seja. Minha mente está completamente entregue a esse

momento, o meu corpo então nem se fala.

Logo atrás e colado a mim, o Tristan traz a sua mão direita e desliza dois dedos entre os meus lábios. Sinto o gosto salgado em minha língua, mas chupo e molho assim como sei que ele está pedindo silenciosamente que eu o faça. O loiro tira os dedos da minha boca e volta para o que estava fazendo antes mesmo de tirar o meu *short*: deslizar com eles sobre o meu clitóris.

— Tristan... — sussurro baixo, gemendo o seu nome enquanto ele brinca comigo.

Estou vulnerável, mas tão satisfeita, que nada passa por minha cabeça além do meu namorado.

— O que eu faço com você? — pergunta no pé do meu ouvido, fazendo-me soltar uma risada nervosa enquanto os seus dedos deslizam para dentro da minha boceta. — Diga-me. Me dê as coordenadas e eu sigo — resmunga, puxando o lóbulo da minha orelha levemente entre os dentes.

Eu gosto de como a barba dele roça por minha pele.

Um arrepio corre por minha espinha e eu aperto ao redor dos dedos de Tristan.

— Eu não sei... se sou capaz... de te dar... coordenadas...

Ele ri e eu o sinto se abaixar atrás de mim.

— Babe... Vamos, eu sei que você consegue me dizer o que quer que eu faça. Aproveite isso comigo, Pamella — pede.

Mas eu não sou capaz. Eu realmente não sou.

Depois de estocar devagar duas vezes com os dedos dentro de mim, Tristan retira-os e eu posso escutar o som que ele faz ao levá-los até a sua boca. O loiro passa os dedos e corre com as pontas por cima das estrias que tenho de cada lado da minha bunda. Isso me faz sorrir, porque ele começa a beijá-las e em seguida empurra para me chupar de uma forma bastante inusitada. Não é realmente inusitada pela posição, porque já fizemos isso dezenas de vezes por trás, mas por estarmos no ringue parece ser tudo novo, como a primeira vez.

Minha força já se foi quase toda e eu estou praticamente pendurada nas cordas, meu corpo caindo para frente, enquanto tento não tremer como sei que farei em breve. Uma respiração alta sai por minha boca quando ele chega no ponto certo, um lugar que ele conhece até mesmo melhor do que eu. Meus olhos reviram e a minha visão fica completamente turva com a situação. Tristan ri, fazendo as ondas de sua risada perpassarem por meu corpo. Ele não cansa de me provocar.

Posso sentir o suor se formar em uma fina camada na minha pele nua, enquanto tento engolir minha saliva por minha garganta seca.

Mexo o meu quadril para frente e para trás em um claro aviso que estou perto de quebrar. Quando eu não tenho mais controle do meu corpo e ele começa a responder de forma espontânea e como ele mesmo deseja, significa que o meu orgasmo está por um fio; como agora.

Tristan para e me puxa com facilidade para me colocar deitada no meio do ringue. Com o corpo em cima do meu, ele bate a boca em cima da minha, enfiando a língua entre os meus lábios e me tirando um gemido. Empurro meu quadril para cima, levando as minhas mãos por suas costas suadas e enfiando as unhas sem medir a minha força. Tristan praticamente ruge dentro da minha boca, enrolando a sua língua na minha e me tirando uma risada. Separo nossas bocas ao tombar a minha cabeça para o lado e ele começa a despejar seus beijos em meu pescoço.

— Ainda sem coordenadas, Pamella? — provoca, fazendo-me arrastar minhas unhas com ainda mais força sobre as suas costas.

Tristan ri comigo e abaixa sua bermuda e cueca de uma vez, endireitando o seu corpo e me olhando de cima. Meus olhos estão entreabertos, assim como a minha boca, enquanto procuro freneticamente por ar. Eu tenho uma visão extremamente privilegiada nesse momento e eu não a trocaria por nada nesse mundo. O lutador segura a sua ereção e começa um vaivém entre os meus lábios, demorando sempre um pouco mais quando chega ao meu clitóris.

Ele faz tudo isso olhando dentro dos meus olhos, que provavelmente estão com as pupilas dilatadas com toda essa inflamação que sinto dentro de mim. Posso até mesmo sentir o ar mais rarefeito, como se eu estive em cima de um dos prédios mais altos da cidade, mas, ao invés de sentir frio, eu sinto um calor descomunal. É exatamente isso o que Tristan faz comigo. Ele me deixa sem ar, ele faz eu sentir tudo dentro e fora de mim em puras chamas, uma labareda difícil de ser contida.

Segurando os meus calcanhares, o loiro junta e levanta as minhas pernas, deixando que elas descansem em seu peitoral. É assim que ele me penetra de uma só vez, da forma desejada. Da cintura para baixo eu estou imóvel, então a minha única reação é a de arquear as costas e de tentar me segurar no chão do ringue. Tristan vai e vem de forma devagar, mas profunda. Ele praticamente afunda dentro de mim, entranhando o seu corpo no meu e impregnando a sua essência na minha.

— Mais... — resmungo, apertando os meus olhos.

O barulho das nossas respirações se mistura ao passo que Tristan atende o meu pedido. Estou em uma posição que quanto mais ele estoca com força, parece que mais fundo ele consegue alcançar, batendo exatamente no ponto em que faz os meus olhos revirarem sem parar e o meu coração descompassar. Meus batimentos cardíacos pulam como uma criança que usou o pula-pula pela primeira vez na vida e não quis deixá-lo de jeito nenhum. Tristan me ajuda a virar de lado e ficar de costas para ele, enquanto os meus joelhos encontram o chão e ele puxa o meu quadril para cima com o seu braço esquerdo, voltando a me penetrar e arrancando um gemido alto meu.

— Inferno, Pamella — pragueja entre dentes.

Seus dedos calosos afundam em minha bunda e ele segura de forma que me impulsiona para frente e para trás para ajudar em seus próprios movimentos.

Não prevejo o meu orgasmo.

Quando dou por mim, estou tremendo sobre os meus joelhos fracos com a minha bochecha pressionada no chão sujo e gemendo baixo, enquanto praguejo assim como Tristan. Ele vai ainda mais fundo, ainda mais forte, perseguindo o seu próprio alívio e prologando o meu de um jeito que me deixa à beira de soltar um grito.

E é isso que acontece.

Eu chamo por Tristan, exclamo o seu nome alto e ele vem, depositando um tapa em um dos lados da minha bunda e tirando o seu pau de mim para gozar no meu traseiro. Meu sorriso frouxo se abre e eu permaneço imóvel por longos segundos até Tristan parar e me levantar consigo.

Não nos importamos se estamos sujos ou não. Pelo menos Tristan não se importa com isso. Passo os meus braços por seus ombros, aconchegando-me em seu peito enquanto ainda tentamos controlar as nossas respirações.

— Eu vou lembrar desse dia até quando estivermos velhinhos e não pudermos mais fazer esse tipo de coisa — sussurro, tirando uma risada baixa dele quando o mesmo sai do ringue e caminha até o vestiário.

— Eu espero que lembre de nós.

Eu o encaro, provavelmente com um vinco no meio da testa.

Tento entender o que ele disse, mas quando não consigo acabo deixando de lado porque chegamos debaixo do chuveiro.

Tristan me beija uma última vez antes de abrir a torneira e deixar que a água quente caia sobre nós. Eu permaneço o encarando de forma serena, enquanto nos ensaboamos e tomamos banho juntos. Meu coração pesa de uma hora para a outra, provavelmente pelo que Tristan disse, mas eu não tenho



certeza.

Quando nós dois chegamos ao nosso prédio, resolvemos ficar no apartamento de Tristan, já que a minha família está no meu. Caímos em sua cama e eu não consigo adormecer imediatamente. Com Tristan nos meus braços, colado a mim com o rosto escondido na curva do meu pescoço, mexo em seu cabelo até escutar a sua respiração pesada do sono. Deposito beijos rápidos em seu rosto, inspirando o seu cheiro agradável e fechando os olhos para guardá-lo em minha mente.

Eu tenho muito medo de perdê-lo, essa é a verdade.

# CAPÍTULO 21

## RUPTURA

PAMELLA COHEN

*Eu achei que podia voar, então por que eu me afoguei? Eu nunca vou saber porquê.*

— JASON WALKER, "DOWN"

Levanto da cama e sigo sem desvios para o banheiro de Tristan. Colocando minhas mãos juntas em formato de concha, aparo um pouco de água e passo no meu rosto, bocejando e pegando a minha escova de dentes e creme dental para começar o meu processo matinal de higiene. Quando estou quase terminando de escovar os dentes, o loiro aparece coçando os olhos e bocejando.

Vestindo apenas a sua calça preta de dormir com o cós tão baixo que faz a

parte obscura da minha mente bater palma, admiro o seu corpo pintado e malhado. Tristan é uma verdadeira obra de arte, eu devo pontuar isso. Eu adoro as nossas manhãs preguiçosas, a contemplação que fazemos um ao outro e o apreço com o qual no encaramos. O lutador me abraça por trás e beija o topo da minha cabeça, empurrando as mechas longas de seu cabelo para longe de seus olhos e me fitando pelo amplo espelho a nossa frente.

— Bom dia, babe — resmunga.

— Bom dia, amor.

Ele sorri, pega sua escova de dentes e aplica creme dental.

Quando termino, tento me afastar e voltar para o quarto, mas Tristan não deixa. O seu olhar é doce e me pede para permanecer até ele acabar de escovar os dentes, então eu fico o encarando quieta por alguns minutos, o que não é nenhum sacrifício para mim.

Aproveito o tempo para examinar o seu corpo com as minhas mãos. Há marcas deixadas por mim na noite passada e as mais visíveis são as que estão em seu pescoço, mesmo que ele também esteja lotado de tatuagens. É claro que o meu corpo tem lá as suas marcas, mais visíveis pela falta de tatuagens e palidez, mas elas são em lugares mais escondidos para a minha sorte. Minha bunda e quadril, por exemplo. Não dói e nem mesmo me incomoda. São marcas que somem depois de alguns pares de dias e ela só serve para mostrar o quanto nós dois nos entregamos em nossos momentos mais íntimos.

Tristan termina de escovar os dentes e nós dois voltamos para o quarto, jogamo-nos na cama e ficamos abraçados em silêncio por longos minutos. Ele me abraça apertado, como se eu pudesse escapar de seus braços a qualquer fração de segundos e eu acabo fazendo o mesmo. Ainda estou confusa sobre o que está se passando dentro de mim, os pressentimentos e toda a situação com Florence. Quero pedir para Tristan falar mais comigo, explicar-me mais do que ele planeja fazer, mas sei que eu vou estar falando com as paredes. Trent mesmo me disse tudo aquilo ontem. Cruzar os braços dessa vez está sendo a coisa mais dolorosa que já fiz.

— Eu amo você — sussurro, inclinando o rosto com certa dificuldade, mas finalmente conseguindo fitá-lo de pertinho.

— Eu amo você, Pamella — afirma.

Nossas respirações se misturam e eu esfrego de leve meu nariz contra o dele, encostando nossas bocas levemente sem realmente beijá-lo, mas aproveitando esse momento diferente de intimidade.

— Você vai treinar mais tarde, um pouco antes da luta? — pergunto.

Ele balança a cabeça negativamente, mas demora para me dar um motivo.

— Eu quero ficar com você até o horário da luta.

Aceno positivamente com a cabeça, com um singelo sorriso em agradecimento a ele. É claro que quero passar o máximo de tempo possível que conseguir com Tristan, mas eu não seria capaz de pedir para ele ficar comigo quando sei que talvez deveria estar treinando ou simplesmente se aquecendo. No dia da grande final do Circuito, receber um presente desses, é incrível para mim — e ele nem mesmo sabe que estou levando isso como um presente.

De qualquer forma, uma hora mais tarde eu obriguei Tristan a se levantar comigo para fazer o nosso desjejum. Ele pode até mesmo se dar essa folga, mas precisa estar devidamente alimentado para o seu grande momento.

Pego duas frigideiras, uma vasilha, colheres, pratos e ingredientes.

— Eu não sei o que fazer e muito menos como fazer, o que é mais importante...

Eu sou sincera ao confessar isso para Tristan.

Ele ri, beija-me e retira uma faca do faqueiro em cima da pia.

— Acho que sei cozinhar mais do que você, babe...

Sorrio, aliviada.

— Parece que eu tirei sorte grande com o meu homem, então — afirmo e ele me fita sobre o ombro, arqueando uma das sobrancelhas grossas. Aproximo-me de Tristan por trás e pouso as minhas mãos sobre a sua bunda. — Gostoso... Inteligente... — Deslizo as palmas por sua cintura esguia e descoberta. — Lindo... Interessante... Boca extremamente capaz de me tirar do eixo; o pau então, sem comentários... Idiota contido... Tatuado... E, Jesus, ele cozinha! Eu sou a pessoa mais sortuda desse planeta!

E em segundos nós dois estamos gargalhando.

Tristan deixa a faca e me coloca sentada em cima do balcão.

— E eu que pensava ser o único dessa relação — brinca, balançando a cabeça negativamente e ainda com um sorriso estampado no rosto.

— Nossa relação é uma troca, amor. Reciprocidade, lembra?

Seus olhos brilham e ele concorda.

— Reciprocidade sempre, desde o começo.

— Agora comece, lindo. Estou faminta e agora louca para provar do seu tempero. Sua raiz espanhola com certeza não vai me decepcionar.

Tristan volta a pegar a faca e começa a cortar pedaços de bacon sobre uma tábua.

— Eu tive que aprender a me virar um pouco depois que passei a ter a minha liberdade... Em Atlanta morava com a minha mãe em um local, mas eu tinha outro apartamento mais afastado do centro da cidade que ela nunca tomou conhecimento. Já era regra os meus desaparecimentos semanais, que aconteciam unicamente porque eu não sabia lidar com as lembranças do passado e com o nosso presente juntos. Então, quando tínhamos jantares juntos, eu pegava uma cerveja, sentava-me em frente ao balcão e a observava conduzir as coisas com maestria. Fui aprendendo um pouco de tudo só de prestar atenção na minha mãe, mas nunca conte isso a ela, ou tentará me explorar na cozinha... — Escuto e observo Tristan atentamente. Ele parece calmo ao falar de Florence e eu sinto parte de mim, a mais sensível, se aquecer com o seu relato. — Foram dias ruins em Atlanta. As lutas de subsolo eram extremamente rentáveis, eu ganhava um dinheiro absurdo, mas tinha que me sujeitar a agendas loucas, ao derramamento de sangue... tudo de ruim que você puder imaginar acontece naquela cidade. Nós saímos de um pesadelo para outro e, por mais que tentássemos agir como se tudo estivesse bem, sabíamos que não era bem assim e que os demônios ainda nos prendiam ao passado com a similaridade do nosso dia a dia.

— Ela trabalhou depois que vocês saíram daquele lugar?

Não sei como aconteceu, como eles saíram, mas não preciso saber disso. Todos esses detalhes me dão calafrios.

— Nós saímos daquele lugar com uma boa quantia para nos sustentarmos por anos. Ela não trabalhou mais depois daquilo e eu mesmo lhe assegurei que não precisaria trabalhar. Eu era muito pequeno, mas fui ensinado desde menor ainda a saber o significado da palavra responsabilidade. Sempre fui uma criança grande, então em minha adolescência já conseguia me esgueirar por lugares com Identidade falsa e foi assim que eu consegui achar os lugares mais sujos da cidade, experimentei coisas ainda na adolescência que não sei se teria coragem de te contar. Nada no passado me agrada, nada, Pamella, absolutamente nada.

— Eu entendo...

— E, como eu disse, nos sustentamos por muito tempo sem dificuldade, mas depois eu sabia que teríamos que nos virar e eu não estava disposto a deixar minha mãe sair de casa para trabalhar como empregada em nenhuma casa. Comecei a lutar em lugares clandestinos, ganhava uma quantia baixa, mas eu era o melhor que já havia passado por aqueles locais. Eu tinha ódio, raiva, ira, rancor, um inferno dentro de mim, e eu usava isso ao meu favor em meus combates. Ia além do limite. — Eu não gosto dessa parte de Tristan, mas eu preciso aceitar e entender que já passou. — Fui indicado para o maior clube de lutas clandestinas em subsolos e lá eu fiz meu nome, lá eu era o cara que fazia o

show acontecer. Eu ganhava muito bem pelas lutas e quanto mais feias elas ficavam, mais eu faturava. Minha mãe não gostou disso desde o início, mas nada ela poderia fazer para me parar. Brigamos alguns pares de vezes até ela aceitar o rumo que a minha vida estava tomando. Ela veio para New York antes de mim, bem antes, porque nós chegamos a um ponto em que não nos suportávamos mais. Queríamos consertar as coisas, nos amávamos mais do que qualquer outra coisa no mundo, mas ainda assim não nos entendíamos.

Tristan deixa as coisas e se vira para me fitar.

— Eu nunca contei isso a você, mas quando os caras vieram me procurar para falar sobre o Circuito, eu estava pronto para negar a proposta. Era boa, mas eu não ganharia nem mesmo metade do que eu ganhava nas lutas clandestinas. Acredite quando eu digo, há milhões de dólares rolando por aquele lugar. E, ainda tinha o fato de que a minha mãe já estava na cidade, eu poderia me aproximar mais dela, porém nem mesmo isso me fazia querer largar aquela vida, aquele meu momento. Mas algo piscou em minha mente e eu resolvi procurar pelo nome de Trent na internet, eu não sei, algo apenas me disse que eu deveria fazer isso. — Engulo a seco, mordendo o meu lábio inferior. — Foi quando eu te vi, ao lado de Parisa, quebrada, alguma foto do enterro do seu ex-namorado foi parar na internet. Eu sabia que precisava te conhecer, precisava falar com você ou mesmo te ver de longe apenas uma vez. Eu podia me ver em você, Pamella. A minha falta de esperança, o meu desespero, a minha dor, tudo que eu guardava no canto mais profundo dentro de mim. Eu precisava saber mais de ti e foi quando eu decidi aceitar a proposta, porque o dinheiro não estava mais significando absolutamente nada para mim. Posso dizer com toda certeza que me apaixonei por você naquele momento, sem ouvir a sua voz, sem tocar o seu corpo, mas só de ver dentro dos seus olhos — cheios de lágrimas e opacos — a sua alma perdida.

Em algum momento durante a sua confissão eu comecei a chorar e soluçar exatamente como um bebê.

Eu nunca poderia imaginar nada disso.

Tristan já me conhecia antes de me *conhecer*. Ele veio por causa de mim, mesmo que nosso começo tenha sido turbulento.

— Quando nos encontramos, quando te vi ao lado da minha mãe na noite do nosso primeiro encontro, eu mal sabia o que fazer. As coisas estúpidas saíram por minha boca porque você estava lá na minha frente, sem planejar, me vendo em um momento estúpido e de fraqueza. Eu fui nada mais do que idiota com você e as coisas seguiram esse rumo por semanas até eu perceber que não podia continuar com aquilo e adiar o inevitável. Seu jeito me fascinava, conhecer você

de perto estava me deixando louco. Por mais que eu odiasse admitir, eu precisava de você perto de mim, eu precisava ter você de uma forma ou de outra.

— Agora você me tem... — sussurro, tentando enxugar as minhas lágrimas e conter o meu choro. — Você me tem para sempre, Tristan.

Ele respira profundamente.

Seus olhos carregam uma dor que eu queria poder tirar dele.

— Você me tem para sempre, Pamella Elizabeth Cohen. Você sempre teve e nunca precisou se esforçar para isso.

Suspiro.

— Eu não poderia imaginar que veio por causa de mim...

— Nem mesmo eu poderia imaginar. — Ele sorri de lado, sem graça, enquanto volta a cortar o bacon. — Eu pensava que era uma mistura de impulso com a minha curiosidade. Pensava também que só queria te foder, essa é a verdade. Foder você na vida real talvez me fizesse conseguir te tirar da minha mente para que finalmente pudesse parar de foder com os meus pensamentos, mas não funciona assim.

Eu o acerto com um tapa no braço e nós rimos.

Eu ainda estou chorando, e rindo. Tudo ao mesmo tempo.

Não consigo conter nenhuma das minhas emoções.

— Depois da primeira vez fica difícil controlar, não é mesmo?

Ele grunhe, fitando-me de soslaio.

— Juro por Deus, sua boceta tem mel. E eu amo mel.

Balanço a cabeça negativamente, revirando os olhos enquanto ainda enxugo as minhas lágrimas.

— Minha boceta, Tristan? Sério?

Ele me encara, sorrindo como um idiota.

— Eu a amo, mas admito que o seu cérebro é mais atraente. Mulheres inteligentes me deixam com tesão e para a minha sorte você é inteligente pra caralho. Ainda bem que consigo controlar o meu corpo, porque andar ao seu lado de pau duro as vinte e quatro horas do dia seria um pouco...

— Demais? — pergunto.

— Embaraçoso, eu diria.

— Você está certo. — Gargalho.

Ficamos calados, sorrindo como dois bobos por longos minutos, até eu me meter para ajudar Tristan. É claro que ele me pediu apenas para esperar, mas eu

não estava mais conseguindo ficar parada. Fizemos uma completa bagunça por minha exclusiva culpa. Eu sou completamente desastrada na cozinha, mas no final de tudo conseguimos uma refeição reforçada e deliciosa.

Mesmo com o passar dos meses, Tristan ainda consegue me surpreender.



Esfrego as minhas mãos na minha camiseta preta com o nome do meu namorado estampado nela e, em seguida, sacudo-as freneticamente. Estou nervosa, mais do que eu geralmente fico. Fito Tristan sobre o meu ombro, enquanto ele abotoa a sua calça jeans e se senta na cama para calçar o seu tênis.

Nossa tarde foi maravilhosa, mas acabou — e só Deus sabe o quanto eu não queria que acabasse. Quero ficar em casa, quero pedir para Tristan ficar em casa comigo, mas ele precisa cumprir e finalizar o trabalho que começou.

Minhas unhas, que uma hora estiveram longas, roí completamente nos últimos vinte minutos. Ver como Tristan foi perdendo a sua animação a cada hora deixada para trás só me deixou ainda mais nervosa, ansiosa. Ele deveria estar animado para terminar logo com tudo isso, porque então poderemos ir juntos atrás de Florence e tentar entender o motivo pelo qual ela deixou a cidade. Mas não...

Tudo está errado.

— Você está bem? — pergunto, indo em direção ao loiro e me sentando ao seu lado.

Ele termina de se calçar e vira para mim, encarando-me com os olhos atentos. Tristan me puxa para o seu colo e eu o abraço forte pelo pescoço com os nossos rostos perigosamente perto. Devagar, ele deposita um beijo em minha bochecha e desliza os lábios até a outra, começando com o ritual que sempre fez antes de selar nossos lábios. Enquanto ele espalha beijos pelo meu rosto, meu sorriso se derrete por minha boca e o meu peito se aquece. Eu estava sentindo falta de momentos como esse aqui, de todo o seu apreço e carinho por mim.

Tristan roça a sua boca por cima da minha e desliza a língua entre os meus lábios. Meus batimentos cardíacos correm e eu me sinto ligada nos duzentos e vinte volts de uma hora para outra. O lutador me beija devagar, como se



estivesse me mandando uma mensagem secreta com o seu beijo demorado. Nós aproveitamos tudo. Cada segundo desse momento. Ele brinca comigo, vai rápido, mas volta com a lentidão que me agrada. Sua língua molhada joga com a minha, viaja sobre os meus lábios, que ele faz questão de morder e chupar como quem está absorvendo o melhor néctar da face da Terra.

Tristan para depois de longos minutos e volta a despejar beijos molhados por todo o meu rosto, encostando a testa na minha assim que ele se aquieta.

Minha boca está praticamente pulsante. Eu estou quente. Ele me deixa quente com um simples beijo, o que não é mais nenhuma novidade entre nós dois e nenhuma novidade para mim. Estou acostumada, por mais que a sensação sempre pareça ser nova.

— Eu estou melhor agora — responde, finalmente.

— Só quero que isso acabe de uma vez e nós possamos voltar para cama — confesso, com todo medo que há em mim.

— Também quero que acabe — afirma, afastando o rosto do meu e segurando minha face entre as suas mãos.

Tristan veleja com os dedos sobre o meu rosto, dedilhando os meus traços com toda calma do mundo. Eu faço o mesmo com ele, tomando o tempo que eu acho necessário para arrastar meus dedos trêmulos sobre a sua cicatriz. Beijo o seu rosto assim como ele fez comigo e descanso a minha testa em seu ombro, inspirando o meu cheiro favorito.

— Precisamos ir, babe.

“Não quero ir, Tristan”, penso.

Concordo a contragosto e me levanto de cima dele.

Tristan veste a sua jaqueta preta e eu pego a sua mochila. Ele segura a minha mão e beija a minha testa, guiando-nos até a porta do apartamento. Assim que nós dois saímos, damos de cara com Oliver e Fable saindo do meu apartamento e sorrindo como crianças.

— Vocês estão indo? — indago.

— Sim, os caras já estão lá embaixo. Vocês vêm com a gente?

— Não — Tristan se apressa em falar. — Iremos logo atrás.

Os dois assentem e nós pegamos o elevador juntos, mas não falamos muito. Oliver e Fable saem no térreo e eu e Tristan continuamos até o estacionamento subterrâneo. Nós dois saímos do elevador e vamos até o carro dele, entramos e logo partimos para o nosso destino.

Durante praticamente todo o caminho, mantivemos nossas mãos dadas,

Tristan levando a minha até a sua boca periodicamente para depositar beijos e esfregar contra a sua barba. Eu sorria e usei o meu celular um par de vezes para tirar fotos dele porque eu simplesmente quis fazê-lo mesmo no escuro. Conversamos um pouco, escutamos muita música e relaxamos o quanto pudemos.

Perto o suficiente da arena, Tristan estaciona o carro e um dos seguranças da nossa equipe aparece com outro veículo para nos pegar no ponto indicado por Trent ontem em alguma reunião durante o dia. Sentados no banco de trás, abraço o loiro e nós encaramos as pessoas entusiasmadas em filas de virar o quarteirão para entrar na arena. É incrível. Isso me faz sentir um leve frio na barriga por Tristan, porque eu certamente não saberia lidar com tantas pessoas assim me olhando e filmando cada movimento que faço, mas sei que ele já está acostumado com tudo isso.

Chegamos na parte de trás da arena com dificuldade e saímos do carro com ajuda de alguns seguranças para conter fãs que conseguiram se aproximar de alguma forma. Entramos no local e eu finalmente me sinto confortável outra vez. Tristan joga a sua mochila sobre o ombro e eu entrelaço nossos dedos, apertando a sua mão na minha como se nada fosse capaz de nos separar.

Entramos na sala de concentração do loiro depois de passarmos por muitos corredores e forçamos muitos sorrisos. Sinto-me em casa quando avisto toda a minha família ali presente para apoiar meu namorado. Nós cumprimentamos cada um e Tristan logo se afasta para trocar de roupa no banheiro.

Sento-me ao lado do meu pai e entrelaço nossos braços, encostando a minha cabeça em seu ombro.

— Ele está bem? — questiona em tom baixo e eu suspiro.

— Tristan diz que sim.

— Você acha que ele está?

— Eu *espero* que sim — afirmo.

— Eu também. É uma grande noite.

— Eu sei... Eu estou animada por ele, mas tem algo que me puxa para trás. Queria que nada disso fosse preciso e nós apenas pudéssemos ficar em casa.

Meu pai leva o ombro para trás e me faz desencostar a cabeça para me encarar.

— Você quer ir para casa com ele?

— É o meu desejo, mas eu sei que Tristan nunca voltaria atrás e olhe só onde ele chegou. É a final do Circuito. Tem muito dinheiro rolando aqui, pai, eu

sei que sim. Vou ficar bem, só quero que a noite acabe de uma vez por todas.

— Vai ficar tudo bem, querida — diz e deposita um beijo no topo de minha cabeça.

Eu me sinto mais tranquila.

Tristan volta para a sala usando apenas a sua bermuda de treino e começando a passar as bandagens por suas mãos. Levanto-me e vou até o seu encontro para ajudá-lo, que não nega a minha iniciativa. Os caras pegam alguns amortecedores e começam a se aquecer para aquecer o loiro que está me encarando atentamente.

Deixo Tristan se afastar e ele começa a se aquecer com os caras.

Os próximos minutos eu não consigo tirar os olhos dele mesmo que eu estivesse conversando com Oliver, Fable, Trent e Parisa.

Quando o horário da luta se aproxima, a maioria começa a sair para pegar seus lugares sem problema. Eu fico para trás, porque ainda quero ter um momento com Tristan, então Jaz fica do lado de fora me esperando com os caras.

— Eu vou ganhar, babe. Não se preocupe — o loiro afirma assim que se aproxima de mim e me abraça pela cintura, pousando as mãos na curva da minha bunda.

— Eu não duvido disso, mas não posso evitar o nervosismo dentro de mim. É natural. Não quero que você se machuque de jeito nenhum.

— Amor... — resmunga.

— Cuide-se, tudo bem? Faça seu trabalho e vamos terminar logo com isso.

Tristan assente, mas não me responde.

Fico na ponta dos pés, puxando-o um pouco para baixo e selo os nossos lábios.

— Boa luta, essa temporada já é sua.

— Eu amo você mais do que qualquer coisa, Pamella Cohen.

— Eu você demais, Tristan Rivera.

Sorrimos um para o outro e eu o abraço uma última vez.

Saímos da sala de concentração e nos separamos. Tristan pega um corredor e eu e Jaz seguimos por outro caminho. Sinto-me mais calma, mesmo no meio de toda a multidão, e quando chego ao meu lugar ao lado de Oliver e Parisa, envio-lhes um sorriso e me sento, permanecendo quieta.

Em poucos minutos as luzes se apagam e o mestre de cerimônias toma o seu lugar no meio do octógono. Uma música começa a tocar enquanto um vídeo interessante de todo os meses de Circuito passa em todos os telões espalhados

pela arena. Assisto roendo o resto de unha que sobrou em meus dedos, ansiosa para a chegada de Tristan.

O mestre de cerimônias chama primeiro Akil.

Ele aparece com uma capa amarela, sorrindo e acenando para todos.

Vaias soam pelo local, inclusive as minhas.

O nome de luta de Tristan é chamado pelo homem careca e ele finalmente aparece coberto por sua capa preta. Sem sorrisos, sem acenos. De cabeça baixa o loiro faz o seu caminho até o octógono com os caras logo atrás dele, juntamente com Trent. O nome de luta dos dois é gritado pelos fãs e eu só consigo sentir orgulho por eles estarem juntos nessa em forma de equipe.

De qualquer forma, não é uma surpresa que a luta final seja entre Tristan e Akil. Depois do confronto no começo do Circuito os dois não se enfrentaram mais então o loiro não teve chance de eliminar Akil de uma vez por todas. Por isso que aqui estamos, a luta do início do Circuito agora se repete no final da temporada e eu estou mais do que confiante de que Tristan ganhará novamente.

Seguro as mãos dos meus irmãos e permaneço com o olhar grudado no meu lutador. Ele e o outro homem tiram as suas capas e todos saem de dentro do octógono, enquanto os dois se encaram separados apenas pelo juiz e eu tenho a plena certeza de que a luta já se iniciou com aquela simples encarada.

A arena está ensurdecadora.

Eu estou ensurdecadora, porque não consigo parar de gritar o nome de Tristan.

No instante em que o juiz para de conversar com os dois sobre as regras, ele faz um sinal e os dois se afastam, pulando sobre os seus pés de um lado para o outro.

A luta se iniciou.

Eles parecem calmos, contidos e os primeiros vinte segundos apenas analisam os movimentos um do outro minuciosamente. Akil é o primeiro a tomar iniciativa de atacar Tristan, mas o mesmo abaixa e desvia, acertando um jab direto nas costelas do seu adversário. Akil parece não se afetar e outra vez vai para cima, buscando que os seus golpes entrem e ele consiga desestabilizar Tristan.

Eles trocam socos por longos minutos até as coisas ficarem feias.

Literalmente feias.

Chutes, socos e até cotoveladas fazem a festa dos amantes de luta pelos próximos minutos que levam ao fim do primeiro round. Uma ferida se abre no

supercílio de Tristan e duas se abrem no rosto de Akil, uma no supercílio e outra logo abaixo de seu olho esquerdo.

— Vamos, Tristan! Chute a bunda dele — Oliver exclama quando o loiro se senta em um banco e os caras se aproximam com água e uma pequena maleta nas mãos.

Tristan não nos escuta, é mais do que óbvio, mas ele vira o rosto e olha em nossa direção. Os seus olhos escuros estão determinados assim que ele me fita. Sei que o meu rosto tem um semblante de desespero, mas é que mais uma vez eu quero entrar lá e protegê-lo com toda força que tenho, mesmo que seja pouca.

De volta ao segundo round, ele começa bem mais “animado” do que o primeiro. Meu lutador vai para cima do seu adversário e encaixa um uppercut no queixo de Akil, fazendo-o sacudir a cabeça e cuspir sangue.

Em uma sequência de golpe nem tão bem elaborados, mas impulsivos, Akil encurrala Tristan contra a grade do octógono e começa a acertá-lo sem nenhum pudor. Seus golpes praticamente ecoam na carne seca de Tristan e a minha respiração falha. Cada golpe que Akil despeja no rosto de Tristan e pelo resto do seu corpo, faz com que as minhas entranhas apertam de uma forma muito ruim.

O loiro consegue escapar depois de não sei mais quantos golpes e cospe sangue. Akil parece estar dando a sua vida por esse momento e eu sei que ele vai lutar até ficar desacordado. Tristan sacode a sua cabeça e respira como um touro. Ele avança para revidar os golpes que recebeu do oponente e tem mais do que êxito. É a vez do loiro encurralar Akil, que a todo custo tenta se afastar.

Os músculos de Tristan ondulam, tencionam, contraem. Seus golpes encontram a pele do outro e ecoam. As pessoas estão caladas, atentas, podemos até mesmo escutar as respirações pesadas dos dois.

Uma série de jabs coloca Akil para baixo e Tristan monta em cima dele, que não sabe mais como se defender.

O juiz se aproxima e empurra Tristan que praticamente não para.

Ele ganhou.

Ele parece furioso, mas ganhou.

Ele está muito machucado, mas ganhou.

Eu abraço Oliver e Parisa e nós exclamamos palavras desconexas, tudo fruto do nosso completo alívio.

Tristan me fita e aponta para mim.

“Seu”, sussurra.

Leio os seus lábios sujos de sangue e mordo o meu próprio.

As pessoas festejam, um pequeno grupo vaia, mas nada disso vai apagar o momento pelo qual o meu namorado treinou tanto e se esforçou para chegar.

Eu ainda estou completamente besta.

Meu coração salta no peito de forma boba e eu fico de pé em cima do banco para tentar avistar Tristan mais uma vez. Ele ganhou. Ele realmente ganhou o Circuito. Avisto um grupo de homens se aproximar do octógono e franzo o cenho, deixando a minha animação morrer aos poucos e preocupação tomar o seu lugar. Eu sei que deveria continuar exultante, mas não consigo me sentir assim. Além de tudo isso, toda essa situação, sei que Tristan está machucado e eu só preciso chegar até Tristan para cuidar dele. Ainda mais do que a estreia, esse estado é provavelmente o seu pior durante todos esses meses de Circuito.

Tristan conversa com o mestre de cerimônias logo após ser declarado o ganhador da noite e campeão do Circuito. Pulo do banco, notando um aglomerado estranho provocado pelo grupo de homens engravatados perto da saída do octógono assim que Tristan se movimenta para deixá-lo. Encaro Jaz e caminho até ele sem demora, escutando o protesto de Parisa e Oliver, mas não me deixando ser atrapalhada por eles.

— Vamos até ele, por favor — exclamo para Jaz e ele acena positivamente de forma imediata.

Jaz me coloca a sua frente e me protege com o seu braço, empurrando as pessoas para fora do nosso caminho enquanto tentamos alcançar Tristan. As pessoas estão em um estado de euforia que deixa a minha cabeça lenta. Um zumbido insistente irrita a minha audição, mas ele não atrapalha o meu foco e o percurso que tenho que tomar.

Quando estou perto de alcançar Tristan, Trent entra no meu caminho e lança um olhar cheio de repreensão para Jaz.

— O que estão fazendo com ele? — grito para Trent, porque essa é a única maneira que ele vai conseguir me ouvir.

— Eu... Eu não sei! — exclama de volta, mas eu não acredito totalmente em suas palavras.

Tento passar por Trent, mas ele segura o meu braço.

Talvez eu nunca tenha o olhado tão decidida quanto agora, porque eu sei que os meus olhos estão queimando em sua direção.

— Me solta.

Sou simples e direta.

— Ele disse que tem controle sobre tudo, Pamella. Ele disse que sabe o que

está fazendo e o que deve fazer — Trent tenta se explicar, mas eu não me dobro diante as suas palavras.

— Disse para me soltar. Ou você vai comigo, ou você me solta e deixa Jaz me acompanhar. É a sua escolha.

Conto de um até dez, porque não vou perder o meu tempo com Trent. Ele solta o meu braço e acena com a cabeça, sem nenhuma saída. Eu e Jaz continuamos o nosso caminho com o meu cunhado ao nosso lado e nos enfiamos no meio da multidão ensandecida. Os caras também vêm em nossa direção e nos acompanham com grandes interrogações em suas testas. A cada passo que eu dou e cada pessoa que empurro, meu corpo treme não só com a adrenalina que sobe por minha espinha, mas principalmente com o medo pelo que Trent disse.

Tristan tem controle sobre as coisas. Tristan sabe o que está fazendo.

Eu não acredito nisso.

Eu não consigo acreditar que nada que envolva a nuvem negra na qual estamos envoltos tenha algo de bom, tenha uma saída, tenha uma solução.

Os homens abrem e empurram Tristan pela porta de saída de emergência.

Desprendo-me de todos e uso o meu corpo magro e estatura pequena para passar pelas pessoas com rapidez e habilidade. Minha mão treme assim que eu empurro com toda a minha força a porta pela qual Tristan passou com aqueles homens há poucos segundos.

A bile sobe.

Meu peito rasga.

Minha respiração fica rasa.

Meus olhos enchem-se de lágrimas.

Minhas mãos tremem, meus joelhos balançam.

Meu coração quebra.

É como um cinema mudo.

O beco escuro e vazio de olhos estranhos com dois carros pretos reluzentes é uma imagem que eu nunca vou conseguir apagar da minha mente.

Meu namorado apertando a mão do seu... do seu pai... selando algo como um acordo é uma imagem que eu nunca vou conseguir apagar da minha mente.

Florence sendo atirada na lama completamente machucada por um brutamontes é uma imagem que eu nunca vou conseguir apagar da minha mente.

Os olhos de Tristan carregados de desculpas, dor e determinação em minha direção é uma imagem que eu nunca vou conseguir apagar da minha mente.

Essa é uma noite que eu nunca vou conseguir tirar da minha cabeça.

Não vou esquecer de como acabei de abrir a minha boca e um grito rasgou por minha garganta, chamando por Tristan. Não vou esquecer de como acabei de correr em sua direção para tentar alcançá-lo e trazer para mim, mas fui interceptada por um homem que me arremessou contra a parede com facilidade. Não vou esquecer de como ele tenta escapar, vir em minha direção, mas não consegue porque muitos homens estão o segurando. Não vou esquecer de como essa dor está começando a se alastrar por meu corpo, não vou esquecer de como eu desejo que tudo não passe de um pesadelo, não vou esquecer de como a dor emocional me destrói mais do que a dor física.

Mas, principalmente, não vou esquecer de que Tristan foi arrancado de mim para salvar a sua mãe e eu não pude fazer absolutamente nada para ajudá-lo.

Eu não vou esquecer.

Eu nunca vou esquecê-lo.



# CAPÍTULO 22



## SOZINHA

PAMELLA COHEN

*Algumas vezes, quando fecho os meus olhos, eu finjo estar bem, mas nunca é suficiente.*

— JASON WALKER, “ECHO”

Abro os meus olhos com dificuldade e dou de cara com a minha irmã. Minha cabeça dói, meu corpo inteiro lateja e eu sinto como se estivesse carregando o mundo em minhas costas. A claridade desse quarto branco me incomoda e eu então caio em mim, percebendo que estou em um quarto de hospital assim que consigo escutar o bip dos meus batimentos juntamente com a voz persistente da minha irmã. Olho para os lados e sinto a minha garganta secar, meus batimentos aceleram e os flashes da noite passada enchem a minha mente e me esfaçalham

aos poucos, dolorosamente. Não consigo segurar as lágrimas e nem mesmo sinto quando elas se formam nos cantos dos meus olhos.

— Pam... — Finalmente escuto a voz de Parisa, mas eu não consigo encará-la.

— Onde ele está? — sussurro.

— Pamella... — sussurra da mesma forma.

— Onde ele está, Paris? — pergunto, virando o rosto e encarando-a com desespero.

Minha cabeça dói. Meus olhos parecem que vão explodir a qualquer momento. Contudo, meu emocional é o mais afetado, isso eu não tenho dúvidas.

— Florence está sob observação e...

— Estou perguntando de Tristan! — grito, exasperada.

Parisa não tem tempo de responder, porque uma equipe de enfermeiros e médicos entra no quarto e pede para que ela se retire. Eu grito, choro, esperneio, tento escapar para ir atrás de Tristan, mas eu não obtenho êxito. Os homens fortes me seguram e aplicam algum medicamento diretamente na minha veia com uma seringa grande e fina.

Perco as forças aos poucos e vou apagando até perder a consciência, mas não antes de ver o rosto bonito do meu lutador no mais profundo da minha mente.



**A**bro os meus olhos com dificuldade outra vez.

Dessa vez apenas um médico está dentro do quarto. Assim que eu recobro os meus sentidos e me acostumo com a claridade, ele começa a me fazer perguntas e mais perguntas e tentando me explicar o que aconteceu. Segundo o mesmo, fui empurrada freneticamente pelas pessoas no Circuito e acabei caindo e praticamente sendo pisoteada. Bati com a cabeça no chão e fiquei com um leve inchaço na parte de trás, mas não ocorreu nada de mais grave segundo o mesmo. Ele disse que eu ficaria em observação pelo resto da tarde e no começo da noite me daria alta. Eu o agradei roboticamente e pedi para que ele chamasse a minha

família.

Encaro o rosto de cada um assim que eles entram no meu quarto.

O silêncio é presente.

Não sei o que dizer e acredito que tampouco eles sabem.

Tristan é a única coisa que enche a minha cabeça e os meus pensamentos, mas eu não posso ser egoísta e ignorar o fato de que Florence foi atirada naquele beco toda machucada. Eu preciso estar lá para Florence, eu sei que Tristan gostaria que eu o fizesse.

— Como ela está? — pergunto, simples.

Meu pai, minha mãe, Will, Elise, Parisa, Trent, Oliver e Fable se entreolham.

— Ela está estável — papai informa. Sinto certo alívio sobre a sua situação e espero que ele continue falando. — Florence está sedada e sob observação. Vai ficar no hospital por no mínimo dois dias porque precisa se recuperar bem para voltar para casa. Ela também está no soro porque os médicos constataram que ela estava desidratada e provavelmente há quase uma semana sem ter uma refeição digna.

George é um monstro.

Eu não consigo aceitar essa ideia, não consigo aceitar a imagem que se forma em minha cabeça.

— E qual desculpa vocês arrumaram para isso?

Meu pai balança a cabeça, chateado.

— Não veja como desculpas, Pamella. Estamos tentando proteger você e Florence. Estamos tentando proteger Tristan.

Uma risada cínica escapa por minha boca e eu encaro Trent.

— Ele sabia que Tristan estava planejando alguma coisa e não o ajudou. Quer realmente que eu acredite que estão querendo protegê-lo? Tristan não está mais aqui, pai. Sabe-se lá onde ele está, onde o levaram. Se Trent tivesse avisado você e aos outros sobre a situação, com certeza o meu... o *meu Tristan* estaria aqui.

Todos viram para encarar Trent, que permanece calado.

— Por que você não contou sobre Tristan? — Oliver pergunta, visivelmente chateado.

— Eu sinto muito.

E isso é tudo que ele diz.

— Quero ficar sozinha — peço, virando o rosto para o lado e fechando os olhos.

Posso ouvi-los saindo do quarto e eu fico mais calma, mas não por muito tempo. Sinto uma mão em cima da minha e abro os olhos apenas para achar Oliver sentado na poltrona ao lado com a expressão triste.

— Por favor, Oliver... — sussurro.

— Eu sei que pediu para ficar sozinha, mas isso não é o que você precisa agora, Pamella. Tristan é alguém importante para mim também e eu mais do que ninguém sei o bem que ele fazia para você. Se eu soubesse o que estava acontecendo, daria um jeito com o papai e nós nunca deixaríamos George sair limpo dessa. Eu não vou deixar ele sair limpo dessa e eu vou fazer o que conseguir para trazer aquele cara de volta para as nossas vidas, de volta para você. — Eu sei que Oliver quer realmente dizer todas as palavras que está dizendo para mim, mas dói tanto o fato de não termos conseguido fazer absolutamente nada para ajudá-lo. — Ele deveria ter confiado em mim, em você, e, que Deus me perdoe, não em Trent. Ele sabia que eu não iria compactuar com nenhum plano maluco, por isso não me contou. Ele sabia que você nunca ficaria de braços cruzados ao saber que ele se entregaria pela liberdade de Florence. Também temos que tentar entender que ela é a mãe dele. Eu não tenho mais a minha mãe biológica, mas se algo acontecesse com Katherine, não pensaria duas vezes e faria questão de tomar o lugar dela. Você também, Pam. Não podemos julgar Tristan...

— Eu não estou julgando-o, só gostaria que ele... Eu só queria ele aqui, Oliver. Me sinto perdida sem ele, sem nenhum rumo. Ele é a minha bússola viva e eu não faço a mínima ideia de como continuar os meus dias sem ele.

— Meu amor, Tristan não gostaria de te ver assim. — Oliver esfrega o dedão na minha bochecha, jogando de lado e enxugando as lágrimas que voltam a escorregar por minha pele. — Nós sabemos que ele não gostaria de te machucar. Ele fez o que achou que precisava ser feito. Florence agora está segura e nós vamos mantê-la segura até ele voltar, tudo bem? Você precisa ficar calma, precisa manter a cabeça no lugar e ficar ao lado dela, porque eu tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde Tristan vai bater na sua porta e vai entrar na sua vida outra vez.

Eu consigo ficar mais tranquila, mas não consigo aquietar os meus pensamentos.

— Você vai procurá-lo? — indago.

— Sim, eu vou procurá-lo assim que conversar com Florence para tentar

absorver todo tipo de informação e palpite que ela tenha sobre o paradeiro de Tristan. George não vai se safar dessa vez, Pamella. Ele vai ter tudo o que merece por todas as atrocidades que ele fez com Tristan e Florence.

— Ele é um monstro, Oliver. Ele vai machucar Tristan outra vez e eu fico louca só de pensar que nesse exato momento ele está com as mãos em cima do meu namorado, fazendo o que bem entende apenas para curvá-lo sobre a sua vontade. Ele vai machucar Tristan, ele vai...

— Shhh... — Oliver se deita ao meu lado e me puxa para perto de si, abraçando-me com força enquanto eu choro em seu peito. — Ele vai pagar, Pamella.

Eu soluço copiosamente, apertando a camisa de Oliver entre os meus dedos, enquanto tento expulsar a dor de dentro de mim, mas isso não é possível.

Minutos longos se passam até que ele consegue me acalmar. Nós dois ficamos quietos até Oliver puxar assunto comigo outra vez. Deixo ele falar o quanto desejar e acabo adormecendo outra vez por conta da dor em minha cabeça.

Prefiro dormir e ficar imersa na fantasia dos sonhos do que encarar a minha realidade feia e vazia como ela é.



Chego ao prédio com mamãe, Will, Oliver e Fable. Eles insistem em tentar me fazer companhia e me pedem para ir para o meu apartamento, mas eu quero ficar no apartamento de Tristan, sozinha, apenas eu e ele em meus pensamentos, por mais que isso me mate aos poucos.

Oliver conseguiu convencê-los de que eu precisava de um tempo sozinha e eu lhe agradei apenas com o olhar, mas ele também me fez prometer que abriria a porta daqui alguns minutos para deixar uma pizza para mim. Prometi, mas não sei se serei capaz de cumprir a minha promessa, o importante é que agora eu estou em casa.

Ligo a luz da sala e encaro o espaço vazio, solitário.

Caminho em passos longos pelo espaço e vou direto até o nosso quarto.

Entro no local devagar, deixando a chave em cima da mesa ampla de

Tristan e respirando o ar frio do quarto. O cheiro dele ainda está vivo e presente no espaço, fazendo a minha barriga embrulhar de saudade e o meu peito agitar com a dor pungente que me atinge em cheio. Corro até a nossa cama e me jogo em cima dela, enrolando-me nos nossos lençóis me encolhendo no meio do colchão confortável. Começo a chorar baixinho ao encarar a porta do banheiro como se ele fosse sair de lá a qualquer momento apenas com uma toalha ao redor do seu quadril. Posso vê-lo sorrir para mim, o loiro mais escuro por conta da água em seu cabelo e as tatuagens coloridas que tanto amo. Posso escutar a sua voz grave e rouca, enquanto ele me provoca por não ter ido tomar banho com ele.

As memórias somem, a minha fantasia desaparece.

Eu estou sozinha.

Eu estou sozinha outra vez.

Tudo que eu senti quando Max se foi está voltando de forma mais intensa. Posso sentir a escuridão me tomar de volta, porque mesmo sem rumo e perdido, Tristan foi a minha luz. Ele foi a pessoa que me tirou do chão e me fez querer viver intensamente outra vez. Eu nunca imaginei que chegaria a esse ponto outra vez, nunca imaginei que algo seria capaz de nos separar dessa forma.

Remexo-me na cama e acabo ouvido o som de um papel amassado sobre ela. Corro as minhas mãos sobre o espaço e consigo achá-lo debaixo do travesseiro de Tristan. Eu o abro com cuidado e o meu coração acelera ao ver a sua letra desajeitada e o meu nome escrito logo no topo da folha.

É um bilhete.

Não é longo, porque eu sei que ele acha que não é bom em colocar as suas palavras em um papel, mas era tudo eu precisava nesse momento.

“Pamella...

*Eu sei que se você está lendo isso agora, é porque eu não estou mais aí e somente Deus sabe o quanto eu sinto muito pela decisão que tive que tomar. Primeiramente, não posso deixar de falar que eu amo você, porque eu te amo tanto quanto o meu coração aguenta. Mas, meu amor, é óbvio que do meu jeito torto e desajeitado eu também amo a minha mãe, porque vocês duas são a minha família.*

*Estive em contato com George desde que nos encontramos em Seattle naquele mês. Eu sabia que ele estava por trás do sumiço da minha mãe e não me surpreendi quando ele admitiu isso para mim naquela noite. A surpresa foi em saber que os negócios dele quebraram. Ele quer que eu faça dinheiro para ele, Pamella. Eu faço dinheiro para ele e ele solta a minha mãe. Esse foi o acordo*

*feito. Eu aceitei e eu não pude te colocar no meio disse porque não teria nenhuma estabilidade emocional para aguentar. Eu entendo se estiver com raiva de mim, porque até mesmo eu estaria, contudo, eu conto com a sua compreensão e aceitação de que essa é uma batalha minha e não sua. Esse é um assunto tão pessoal que você não cabe dentro. Isso é sobre George, eu e a minha mãe. Isso é sobre George e eu.*

*Sim, eu contei para Trent, mas ele não sabe mais do que você nesse momento.*

*Eu apenas o avisei do que faria, não disse o que aconteceria porque eu tampouco sei, Pamella. Não coloque culpa nele por conta da minha decisão. Estou indo de mãos abanando, mas foi com elas que eu lutei por anos contra os meus demônios. Meu coração está cheio de você e quando eu fecho os olhos você está lá. Não vou deixar de lutar, não vou deixar de batalhar para voltar para você, mas isso só vai acontecer quando eu resolver a situação com George.*

*Ele ou eu, Pamella.*

*E eu tenho força e vontade o suficiente para acabar com ele e voltar para você.*

*George vai pagar por tudo que fez para a minha mãe e para mim.*

*Tenha paciência, meu amor. Eu vou voltar. Não sei quando, mas eu estarei de volta na sua porta quando menos esperar, seja para você me aceitar de volta ou me chutar por ter feito o que fiz.*

*Eu tenho dois pedidos.*

*O primeiro pedido é que cuide da minha mãe durante o seu período de recuperação. Eu te agradeceria imensamente se fizesse isso comigo, porque tenho certeza de que George entrou na cabeça dela e mexeu com os seus pensamentos.*

*O segundo e último pedido é que você não deixe de me amar.*

*Por favor, eu imploro.*

*Do seu lutador dentro e fora dos ringues e com todo amor,*

*Tristan Rivera.”*

Eu sei que não vou morrer só porque ele se foi, mas não tenho vontade de continuar dessa forma, não tenho vontade de continuar sem Tristan ao meu lado. Depois dessa carta, ou bilhete, meu coração se enche de esperança e desespero. Uma mistura estranha, mas é a única coisa que eu consigo sentir agora.

George realmente pegou Tristan e sabe-se lá o que ele vai colocar Tristan para fazer para que ele consiga dinheiro para sustentar a sua podridão. O meu ódio por esse homem apenas aumenta a cada pensamento que tenho e eu não gosto de sentir ódio, porque esse é um sentimento que corrói a pessoa por dentro.

Eu lamento muito que Tristan tenha parte da genética desse homem e, mesmo herdando por hipótese apenas isso dele, eu jamais conseguiria compará-lo com George, porque esse homem é tudo de ruim que tem no mundo, e disso eu não tenho dúvida.

Nós prometemos a eternidade um para o outro e eu não aceito que ela já acabou, tampouco Tristan aceita depois da carta que ele escreveu para mim. Nós vamos lutar juntos, ele mais do que eu, mas tentarei fazer a minha parte e cumprir o seu pedido, por mais que mesmo se ele me pedisse o contrário, eu não conseguiria fazer.

Meu coração nunca deixaria de amar Tristan Rivera em toda a sua essência conturbada e bagunçada.

Meu coração é inteiramente dele.



# CAPÍTULO 22.1

## A ESCOLHA CERTA

TRISTAN RIVERA

*Eu sei que há um lugar onde eu pertenço; onde eu verei a plenitude do amor.*  
— HILLSONG UNITED, "GLIMMER IN THE DUST"

***Quatro dias mais tarde...***

Abatido. Completamente e totalmente abatido.

Não fisicamente, ainda, mas tudo dentro de mim está abatido, sem vida. Visitar os meus velhos demônios não é uma tarefa fácil, mas eu sei que seria necessário para colocar um ponto final em tudo. Deixar Pamella para trás foi a

minha decisão mais complicada, não me abrir com ela quanto aos meus planos e tudo que viria acontecer me matou por meses, mas de forma alguma eu deixaria que ela se colocasse no meio de uma situação que só traria dor para ela, e eu quero dizer dor física. George é o tipo de homem que passa por cima de qualquer barreira para conseguir o que deseja e ele não pensaria duas vezes antes de machucar Pamella para me atingir. Ele já fodeu a cabeça da minha mãe e a minha o suficiente. Eu não me perdoaria se o deixasse entrar na cabeça de Pamella e danificar tudo que ela tem de bom.

Fiz a escolha certa.

Vou lidar com isso e vou sair dessa.

Mas, enquanto eu não tenho saída, farei o que for preciso para sobreviver nas condições em que fui colocado. Eu e George temos contas para acertar e eu não vou sair daqui até fazê-lo pagar por tudo, absolutamente tudo, que danificou em minha vida. Ele não vai sair ileso dessa vez e o farei se arrepender de ter vindo atrás de mim e de ter machucado mais uma vez a minha mãe.

Esfrego os meus olhos e me remexo dentro da velha gaiola.

O porão continua a mesma coisa, a diferença é que está tudo empoeirado, fedendo e a maioria das coisas estão enferrujadas.

Venho lutando incessantemente durante quatro noites seguidas. Pelo menos é isso que eu lembro. Minhas mãos doem e a minha mente grita que eu me desacostumei com as lutas mais pesadas dos subsolos, porque é a verdade. Eu me canso, mas não atrevo perder uma. Essa é uma parte minha que eu não quero que volte: a impiedosa. Não gosto de como eu era antes de Pamella e a única coisa que me faz lutar contra o pior dentro de mim, cuidando para não deixar que se alastre, é ele. Eu juro que todas as noites antes de dormir consigo ver os seus olhos claros brilhando para mim, posso ouvir a sua voz gritando o meu nome e o desespero tomando conta do seu corpo pequeno. É horrível carregar a sensação e culpa de que eu inevitavelmente a machuquei naquela noite.

Machucar pessoas que amamos sempre dói muito.

Naquela noite eu me enfureci. O trato era entregar a minha mãe e me levar. Pamella apareceu e um fodido a atirou contra a parede áspera. Ele machucou o meu anjo e eu vi vermelho, a vontade de arrancar a cabeça dele para fora do seu corpo era grande — e eu parti para cima. Contudo, quando se tem cinco caras do meu tamanho prontos para me segurar e imobilizar dificulta as coisas. Quis chegar até Pamella e cuidar dela, mas eu não consegui.

É fodido.

Toda a situação é fodida.

As minhas feridas estão sendo cutucadas de forma que nunca foram antes. Sair de dentro dessa casa, a velha casa de George, junto com o próprio me irrita. Ser manipulado para conseguir dinheiro para ele me deixa enraivecido. De qualquer forma, se eu der um passo em falso, ele manda um de seus seguranças estourar uma bala no meio da minha testa e quem quer ter o prazer de fazer isso com ele, sou eu.

Aprendi a controlar os meus impulsos.

Aprendi que para chegar ao meu objetivo eu preciso ter sangue frio.

Eu vou dar a ele o que ele deseja e em seguida vou pegar o que eu anseio.

Os meus pensamentos são cortados por um dos seguranças de George que entra com uma bandeja na mão e uma camiseta na outra. Ele coloca a bandeja ali no chão e joga a camiseta para mim em um aviso simples: vamos sair.

— Você tem cinco minutos.

Outro homem entra rapidamente e deixa um pequeno balde de água perto da porta com um tênis velho, o mesmo que usei nos dias anteriores desde cheguei.

Três pães velhos descansam em cima da bandeja com um copo grande de leite. Eu como e bebo em provavelmente dois minutos. Sinto-me faminto e já enjoado de comer isso de manhã e de noite há quatro dias. Essa é a única comida que eu tenho, então empurro para dentro de qualquer jeito e me dou por satisfeito.

“Não estou mais com fome”, é o que eu penso, dizendo para mim mesmo, mas é a mais pura mentira. Treinar a sua cabeça para acreditar no que ela *precisa* acreditar é uma vantagem que eu tenho que usar ao meu favor.

Leite e pão velho são capazes de me manter em pé.

Levanto-me e vou até o balde de água, aproveitando para passar um pouco de água no meu rosto e escovar os dentes com os dedos usando um pouco de creme dental jogado ali do lado. Calço o tênis e visto a camiseta para terminar de me arrumar, pois já estou usando um jeans qualquer.

Espero os homens voltarem e assim que eles aparecem, saímos de lá, enquanto dou uma última olhada na fodida gaiola.

Passamos pelos corredores envelhecidos, a madeira no chão faz barulho com a firmeza dos nossos passos. Ao chegarmos do lado de fora da casa, entro em uma limusine preta e encontro George dentro dela, o que não é nenhuma surpresa. Ele sorri, com uma garrafa de champanhe na mão e duas putas ao seu lado.

— Pegue uma para você, filhão — diz no instante em que o carro entra em movimento.

Filhão.

Aperto os punhos com força, controlando-me para não lhe fazer engolir as suas palavras juntamente com a garrafa de champanhe de uma só vez.

Quanto mais ele fala, mais nojo eu sinto.

— Eu estou bem — afirmo.

— Vai lá, Kris — comanda e uma das mulheres, a loira, se aproxima de mim. — Uma brincadeira antes de lutar por nosso dinheiro é algo que você merece, menino. Aproveite esse momento e finja que eu não estou aqui.

A mulher coloca a mão em cima da minha coxa esquerda e aproxima o rosto do meu. Seguro a sua mão e a empurro para o lado, sem força, mas o suficiente para deixar claro que eu não quero que ela me toque.

— Por favor, não faça isso. — Encaro os olhos dela seriamente enquanto me pronuncio.

— Ele fede — ela retruca, irritada, e volta para perto de George.

Ele ri alto e balança a cabeça negativamente.

— Fique comigo, Kris. O menino fede e ainda está dizendo não para você. Precisa ter coragem, não é mesmo?

Elas sorriem, a Kris me lança um olhar desdenhoso, mas nada que eles falem vai me atingir. Eu permaneço quieto, como se nem estivesse no carro, enquanto George assiste as duas mulheres começarem a fazer sexo no chão da limusine. É bizarro e eu não faço nenhuma questão de assisti-las, sendo assim encosto-me no banco e relaxo tanto quanto posso até chegarmos ao nosso destino.

— Fiquei sabendo de Florence — George diz e eu abro os meus olhos imediatamente, fitando-o. — Ela e a garota... como é mesmo o nome dela? Pamella? — Pela primeira vez fico atento ao que ele diz, mesmo com toda raiva dentro de mim. — Elas estão juntas no seu apartamento. Parece que a garota está ajudando a minha querida Flor e as duas estão bastante esperançosas com a sua volta. — Ele ri baixo. — Uma volta que não vai acontecer, agora que eu e você somos parceiros, certo?

Eu não queria ter tido essa informação.

George sabe que isso vai me machucar, então ele usa de mal tudo que pode para me deixar com raiva.

— Certo. Somos parceiros, *pai*.

— É assim que se fala, filho. Agora você precisa virar a página e esquecer a sua querida Pamella Cohen. Ela é bonita, eu admito, chego até a imaginar o que a boca dela seria capaz de fazer... — Respiro fundo. — Mas mulheres, meu querido, mulheres são substituíveis. Nunca esqueça disso.

Balanço a minha cabeça, contando de um até dez para não perder toda a minha paciência logo agora.

De qualquer forma, saber que Pamella e a minha mãe estão juntas nesse momento me deixa aliviado. Eu sabia que Pamella não a deixaria sozinha e essa é a única coisa que me tranquiliza.

Eu só quero ser capaz de ver o rosto do meu anjo outra vez.



Chegamos ao clube onde ocorrerão as lutas essa noite e eu me deparo com rostos conhecidos. Ian e Rogers, irmãos e donos de um dos maiores clubes de Atlanta, estão aqui em Washington. Nós nos entendíamos bem, a divisão dos lucros era sempre justa e eu concordava com o banho de sangue que eles propunham em seus clubes. Vê-los aqui me traz um misto de sentimentos, mas o principal é que se eu conseguir um minuto sozinho com ambos, posso arrumar ajuda para tudo que venho planejando em minha cabeça.

— Não posso crer que é você — Rogers diz, sempre mais entusiasmado do que o seu irmão. — Que porra aconteceu contigo, inferno? — Sorri, analisando-me, mas se aproximando para me cumprimentar em um abraço rápido.

— Eu pensei que tinha se livrado das lutas clandestinas para melhorar de vida — Ian provoca, sorrindo e também me cumprimentando. — Você parece um lixo.

Solto um sorriso contragosto e deixo que George tome a frente.

— Estou aqui com o meu pai. Esse é George.

Ian e Rogers o cumprimentam.

— Vocês já se conhecem? — George indaga, interessado.

— Eu estou olhando para o cara que mais me dava lucro em Atlanta — Ian afirma, encarando-me. Eu o conheço bem o suficiente para saber que ele está se

perguntando por que diabos eu estou aqui com George. Tivemos algumas conversas, pouquíssimas, porque nunca tive paciência para falar da minha vida, mas deixei claro que tinha apenas mãe. O bom é que a frieza dos negócios em que é metido faz Ian não demonstrar nada além do que ele quer que vejam. — E então, Tristan? Está de volta ao mundo das lutas?

— Sim — George responde por mim, atraindo o olhar dos irmãos. — Estamos de volta. Agora eu respondo por ele, fizemos um negócio entre família que está indo muito bem.

— É bom saber — Rogers diz. — Esse clube aqui é a nossa mais nova aquisição fora de Atlanta e ter Killian outra vez ao nosso lado vai ser um prazer para os bolsos de todos nós.

Nós rimos — eu claramente forçando a minha risada para parecer mais normal — e passamos pela porta. Entramos no clube e seguimos direto por uma porta que nos leva até uma escada. É lá embaixo que a magia podre acontece. O lugar é amplo, realmente amplo, e escuro. Luzes vermelhas iluminam precariamente o espaço onde pessoas bêbadas se espremem, em sua grande maioria homens, em busca de apostar pelos lutadores da noite.

Não faço a mínima ideia de com quem eu vou lutar, mas também não me importo. Estou pronto para dar o show que esperam de mim.

George se afasta para pegar bebidas e eu vejo os seus seguranças se aproximarem de mim como se eu pudesse fugir a qualquer momento.

— O que está acontecendo? — Ian pergunta discretamente, coçando a ponta do nariz enquanto Rogers analisa as pessoas ao nosso redor.

— Eu vou acabar com esse fodido e se você puder me ajudar, eu agradeceria. E você sabe como eu sou bom em agradecer — resmungo despreocupadamente, torcendo para que Ian entenda o que eu digo.

— Um trato, Killian? — Rogers pergunta abismado.

— Vocês me ajudam e eu ajudo vocês, se isso soa bem, sim, um trato.

Eles concordam com a cabeça e nós nos afastamos.

— É bom que tenha amigos — George exclama para mim. — Vamos faturar bem nesse local, menino. Vamos faturar muito bem.

Assinto positivamente, sentindo a adrenalina praticamente me consumir.

O meu plano vai dar certo.

George não tem os dias contados — *ainda* —, mas eles são poucos.

# CAPÍTULO 23

## TENTANDO SEGUIR

PAMELLA COHEN

*Estou de saco cheio de toda essa má sorte, se eu ouvir mais um: mantenha sua cabeça erguida... Isso nunca vai mudar?*

— KATELYN TARVER, "YOU DON'T KNOW"

***Duas semanas mais tarde...***

Sento-me da cama ao ser cutucada levemente por Florence e acordo abruptamente. Ela sorri para mim e eu suspiro, tentando sorrir de volta, mas falho, o que provoca a sua gargalhada. Pareço uma bagunça, eu tenho certeza. Enrolada nos lençóis que eu dividia com Tristan e sempre buscando alguma coisa que me lembre ele em tudo que faço, miseravelmente falho ao tentar seguir

com a minha vida enquanto o espero. Sinceramente, tem sido dias muito difíceis. Desde a sua partida, há quase três semanas, não tem um dia em que eu não fique sentada no sofá da sala esperando ele entrar pela porta da frente. O meu coração como sempre lateja com a ideia de que talvez ele não volte tão cedo, mas a esperança é a última que morre, assim como Florence vem me dizendo.

Eu e ela, por outro lado, estamos mais próximas do que nunca. Ajudei Florence a se recuperar e, mesmo ainda estando em fase de recuperação, ela parece mil vezes melhor do que quando fui fazer-lhe companhia no hospital. Ela está mais magra, seu brilho se apaga em muitos momentos do dia, mas temos sido importantes para a vida uma da outra. Florence chegou a me falar um pouco do que ela passou com Tristan nas mãos de George, coisas tão terríveis que eu pedi a ela para se poupar de mais comentários. Saber de mais coisas sobre a infância do meu lutador me deixou mais ansiosa por sua volta, uma vez que eu sei que George é capaz de cometer atrocidades para conseguir o que ele deseja.

Eu estou seguindo.

Devagar.

Parando.

Tropeçando.

Antes de dormir eu choro por sentir a falta dele, do seu cheiro que já foi embora e de como ele me fazia tão bem sem precisar de muito. Olho nossas poucas fotos juntos e dedilho o seu rosto através de uma tela de celular, desejando tê-lo na palma da minha mão para sentir o calor de sua pele. São tantas coisas, tantos pensamentos que tenho antes de dormir que é sempre inevitável o choro.

— Está na hora de levantar — Florence diz, puxando-me de volta para o mundo real.

— Eu sei, mas eu queria dormir mais um pouquinho... — reclamo, coçando os meus olhos com dificuldade.

— Pouquinho quanto? — ela pergunta.

Nos encaramos e eu dou de ombros.

— O resto do dia?

Rimos da minha resposta e Florence senta-se na beirada da cama, segurando uma das minhas mãos e se aproximando de mim.

— Vamos, querida... — Ela abaixa o tom da sua voz de repente. — Jaz está aí e eu tenho um pouco de vergonha de ficar perto dele sozinha depois de tudo...

Bocejo, ficando de joelho da cama e abraçando Florence.



— Vocês dois são fofos juntos — digo, beijando a sua bochecha. — Bom dia, Flor. Vá fazer companhia para Jaz e eu chego até vocês depois que tomar banho.

Ela assente e se levanta, fazendo-me seguir os seus passos.

Pego a minha toalha e sigo para o banheiro, parando antes de entrar no cômodo e olhando ao redor. A cama de Tristan está bagunçada e sem ele no meio. Ele não está vindo atrás de mim para tomarmos banho juntos.

Parece bobeira, mas eu sinto tanta falta das pequenas coisas.

Entro no banheiro e prendo o meu cabelo, pegando um pouco de água na minha mão e passando pelo o meu rosto. Continuo fazendo o que tenho que fazer enquanto penso sobre o meu dia. Tenho que ir a academia, depois encontrar Parisa em sua casa e seguir para um almoço com o meu agente literário. Ele se chama Mark, é moreno e está na casa dos trinta e poucos anos. É casado com o seu parceiro, Matt, que conheci em um dos nossos encontros, e pai de uma menina linda afrodescendente que adotaram há quatro anos. Eu gosto muito de Mark. Ele me deixa confortável e me dá os melhores conselhos sobre o mundo literário. É literalmente o meu braço direito nesse mundo que tanto adoro, mas é novo para mim.

Mais uma vez tomo banho pensando em como o meu dia vai ser monótono, mas hoje eu planejei passar noite inteira escrevendo, enquanto faço companhia para Florence no sofá e ela assiste aos seus programas culinários favoritos.

Dez minutos mais tarde saio do banheiro depois de tomar banho e escovar os dentes e caminho até o guarda-roupas, pegando um vestido de verão vermelho, uma calcinha de algodão e uma bota preta que vai até os meus joelhos. Visto-me com pressa porque por mais que eu queira deixar Florence e Jaz sozinhos por um tempo, sei que ela ainda está abalada com as coisas, então se ela veio pedir a minha ajuda nesse momento, não vou me fazer de doida e ignorá-la.

Saio do quarto em passos largos e chego até a sala de estar, onde a mesa já está colocada com todas as coisas gostosas que Florence cozinha pelas manhãs. Por mais que eu quase sempre esteja sem apetite, ela não me deixa fugir das refeições, e devo admitir que o cheiro e o gosto são maravilhosos. É impossível fugir das coisas que essa mulher prepara.

— Jaz! — exclamo, fingindo estar surpresa em vê-lo.

Lhe dou um breve abraço e me sento ao lado de Florence.

— Tudo bem, senhorita? — pergunta, como sempre formal demais.

— Pode me chamar apenas de Pamella, você sabe disso. — Ele sorri

contido e assente. — Eu estou bem, dentro do possível — comento, colocando um pouco de suco de laranja em um copo e pegando dois pães pequenos que estão em uma pequena cesta. Alguma novidade...?

— Não — diz, mais sério. — Infelizmente as coisas continuam no mesmo pé e ainda não conseguimos nenhuma pista de onde George possa ter levado Tristan.

— Washington? — Florence pergunta.

— Trent mandou dois homens para a cidade e eu forneci as informações que você me deu sobre George, mas nada até o momento.

Eu perco a fome, mas empurro a comida para dentro de qualquer jeito.

— Oliver ainda não conseguiu nada também — digo, respirando profundamente. — Essa falta de pista está me matando...

— Calma, querida. — Florence segura a minha mão, tentando me tranquilizar. — Vamos conseguir alguma coisa em breve e Tristan logo virá para casa.

Eu espero que sim, eu quero acreditar que sim.

— O lançamento do meu livro é daqui a dois meses e nada dele. Tristan foi a pessoa que me fez fazer isso, Florence. Esse momento era para ser nosso, mas ele ainda está longe...

— Dois meses, Pamella. Tenho certeza que ele voltará antes do lançamento do seu livro e estará do seu lado para te prestigiar.

Assinto e permaneço calada.

Nós terminamos de tomar café em meio a uma conversa qualquer sobre assuntos aleatórios. Eu e Jaz deixamos Florence em casa e ele me deu uma carona até a academia. Trocamos poucas palavras; primeiro porque eu estava aérea e segundo porque Jaz é uma pessoa de pouco papo, então nos entendemos bem no silêncio.

Jogo a minha bolsa sobre o meu ombro e me despeço de Jaz, caminhando até a entrada da academia e sendo recebida logo na porta por meu pai. Ele me dá um abraço apertado e beija o topo da minha cabeça.

— Vamos para a minha sala — diz, guiando-me pelo caminho.

Aceno para Elise pelo caminho, que está conversando com alguma funcionária da academia. Abro a porta da sala e entro com o papai, sentando-me na cadeira em frente a sua mesa, enquanto ele toma o seu lugar de sempre atrás da mesma.

— Eu estou bem dentro do possível — afirmo, sendo mais rápida do que

ele.

Todo mundo que fala comigo pergunta isso assim que tem a oportunidade. Tudo bem, eu sei que estão preocupados comigo, mas é como se esperasse escutar o óbvio: que eu não estou bem; mas eu sei que eles sabem que eu não irei falar isso.

— Tudo bem, tudo bem... — Levanta as mãos em sinal de rendição. — Eu só estou preocupado com você, filha. Já faz quase um mês desde a partida de Tristan e você não... você não teve nenhuma atitude drástica...

— Tipo?

— Eu não sei... — Coça a nuca.

— Não esperem que eu faça um show, porque eu não farei. — Reviro os meus olhos.

É óbvio que eles estão esperando que eu reaja da mesma forma que reagi quando perdi Max. Bom, lá dentro de mim eu sei que estou me aproximando de ficar dessa forma, mas eu não quero mostrar o quão machucada eu estou para as pessoas que eu amo. Estou cansada de ser tratada como alguém que não consegue suportar os seus sentimentos sem ajuda e apoio de outras pessoas.

Eu choro? Sim.

Eu me desespero? Todos os dias.

Eu me sinto perdida? A todo momento.

Mas ninguém precisa saber disso além de mim mesma.

— Me desculpe — pede e eu corro os dedos por meu cabelo. — Ele vai voltar, eu sei que vai.

Solto uma risada.

— Podemos trocar de assunto? — peço e o meu pai assente. — Como está Elise e o meu irmãozinho? — questiono.

— Ela passa a maior parte do dia enjoada e o garotão faz uma bagunça dentro dela. Chuta a noite toda e nós passamos a maior parte do tempo acordados, conversando sobre como esperamos que as coisas sejam com a chegada dele... Não podemos acertar, mas dar palpites é sempre bom.

Meu coração se aquece ao ouvir o meu pai falando isso.

Eu quero que o meu dia chegue algum dia.

— Eu vou ser a irmã mais babona do mundo inteiro — digo e nós rimos. — Vai me colocar de castigo se eu mimar o meu irmãozinho? — provoco e o meu pai revira os olhos, mas não perde a risada.

— Não tenho mais como te deixar de castigo, Pamella, mas temo que entrar

em um consenso que crianças mimadas quando crescem ficam um pouco estragadas. Não vamos mimá-lo, tudo bem?

Dou de ombros, mas sorrio, concordando com ele.

— De qualquer maneira, eu estava apenas brincando — admito o óbvio.

Elise entra na sala e eu me levanto imediatamente para abraçá-la. Sua barriga parece aumentar consideravelmente a cada dia que passa e eu sei que metade do que vejo é apenas fantasia da minha cabeça por estar animada para o grande dia chegar logo.

— Você está linda, Lis — digo, passando as minhas mãos sobre a sua barriga.

— Você está mais linda ainda — afirma.

— Sente-se com o papai, nós estamos tendo uma discussão bastante pertinente nesse momento.

— Uma discussão? — pergunta, sentando-se no colo do meu pai e o abraçando pelo pescoço.

— Ela disse que quer mimar o irmão — papai resmunga e nós duas rimos.

— Crianças mimadas não, tudo bem? — Elise informa e o papai respira mais calmo.

Nós três rendemos essa conversa sobre o meu irmãozinho por cerca de trinta minutos. Eu me despeço deles quando o meu celular toca e é uma ligação de Parisa. Conversamos brevemente e ela diz que vem me encontrar na academia, sendo assim eu não preciso ir até a sua casa.

Saio da sala do papai, deixando-o com Elise lá dentro e encontro os caras no ringue, treinando e rindo como sempre, mas o clima não é tão feliz assim. Aproximo-me deles e me sento no banco, observando-os por longos minutos até Paul vir em minha direção e se jogar ao meu lado.

— E aí, menina — resmunga, depositando um beijo na minha bochecha e pegando uma garrafinha de água do chão e tomando um gole.

— Ei, Paul — retruco, encostando a cabeça em seu ombro e fitando Mike e Lucas rindo no ringue enquanto se acertam com chutes e socos. — Como vocês estão?

— Nós estamos bem... e você? Melhor?

— Levando. — Dou de ombros.

— Não quer treinar conosco?

Sorrio, afastando-me de Paul e o encarando.

Eu amo esses caras por serem tão atenciosos, mesmo que não tenham jeito

para nada disso. O carinho que eles três têm demonstrado por mim, mesmo que na maioria das vezes e afirme estar bem, é muito importante.

— Eu tenho uma reunião de trabalho daqui a pouco, acho que não seria legal eu chegar suada e fedendo, não acha? — brinco e ele ri, assentindo.

— Você tem razão.

Paul se levanta e volta para o ringue.

Eu fico assistindo os caras treinarem e em algum momento eu vejo Tristan lá dentro com eles. Dói ter momentos como esse em que eu o vejo, mas é tudo fantasia da minha cabeça. Uma parte de mim diz que eu estou enlouquecendo, mas a outra entende que é devido a toda saudade que sinto dele. Sinceramente? Eu estou destruída por dentro e estou conseguindo me levantar todas as manhãs por causa unicamente de sua carta.

Minha esperança não morreu.

Ele vai voltar.

Ele tem que voltar.

Puxo o meu laptop de dentro da minha bolsa, congratulando-me mentalmente por ter comprado um menor para levar para todos os lados, e começo a escrever para passar o tempo enquanto espero por Parisa.

Estou na quinta página escrita quando ela aparece com as crianças e Trent. Desde aquela noite eu não tenho falado muito bem com Trent. É claro que entendi que a culpa não foi sua, mas de qualquer forma eu me sinto travada em relação a ele. Trocamos “bom dia” e “boa noite”, mas nunca mais do que isso.

Deixo o meu laptop de lado e me levanto para cumprimentá-los, pegando Bryan dos braços de Trent, que tem uma mochila grande e provavelmente pesada pendurada em seu ombro esquerdo.

— Eu preciso ir — ele resmunga para Parisa e ela assente.

Os dois se despedem com um beijo rápido e nós duas nos sentamos no banco. No instante em que vemos Trent sair pela porta de entrada, viro o rosto e encaro a minha irmã.

— Ele foi para onde? — pergunto.

— Está viajando para Washington.

— O quê...?

— Trent praticamente não dorme — minha irmã diz, cortando-me. — Ele está preocupado com Tristan e com você também.

— Trent teve alguma informação? — Ansiedade me bate.

— Não, mas ele quer fazer suas próprias procuras. Mas, de qualquer forma,

isso é tudo que ele me diz. Não é como se ele fosse falar que achou o paradeiro de Tristan, caso contrário eu já estaria lá puxando-o pelo cabelo e chutando a bunda de todos que o levaram para longe de você.

Sorrio com Parisa, mas o meu nervosismo não vai embora.

— Sinto muito por ter agido com Trent da forma que eu agi.

— Está tudo bem, Pam. Eu também fiquei chateada com ele, também pensei em como as coisas poderiam ter sido diferentes, mas acho que nós já aprendemos que as coisas têm que acontecer exatamente como elas acontecem. Não adianta lutar contra o inevitável.

— Você está certa — afirmo. — Mas acho que ainda devo desculpas a ele.

— Não, Trent odeia isso. — Ela sorri, beijando a cabeça de Serena. — Apenas volte a falar com ele como sempre fez e as coisas se ajustam como tem que ser. Fechado?

— Fechado. — Inclino o rosto para baixo e fito Bryan, que me encara com um dos dedos na boca e um sorriso gostoso nos lábios. — E você, meu amor? Estava com saudade da titia? — Coloco-o de pé em minhas cochas e encho suas bochechas de beijo, provocando a risada mais agradável que escutei durante todas essas semanas.

— Eu acho que isso é um sim. — Parisa ri e faz o mesmo com Serena.

— Vai ficar sozinha naquela mansão durante esses dias? — pergunto e ela faz uma careta.

— Sim, mas se você puder se mudar para lá por alguns dias eu agradeceria imensamente. Odeio ficar sozinha.

— Vou, mas levarei Florence comigo — aviso e ela concorda.

— Você e sua sogrinha se dão muito bem, né? Tenho certeza que Tristan vai ficar feliz quando voltar e ver essa união toda... — provoca.

Empurro Parisa com o meu ombro e nós rimos.

— Você é chata, Parisa Cohen.

— É que eu aprendi com você — retruca.



**Desço do táxi em frente ao meu café preferido e a minha barriga já remexe e me avisa que eu estou com fome — ou apenas desejando um café quentinho com croissants de queijo. Entro no estabelecimento e avisto Mark, que se levanta da mesa que escolheu para nós e me recebe com um aperto de mão e sorriso aconchegante.**

— Sinto muito pelo atraso, a minha irmã e os meus sobrinhos estavam tentando me subornar para cancelar e olha que eles nem falam direito ainda... — digo e Mark ri.

— Está tudo bem, não precisa se preocupar com isso. Não foi nenhum problema. Por pouco você não encontrou com Matt. Ele estava aqui comigo, enquanto comia alguma coisa para voltar ao trabalho. A tarde dele está cheia de clientes. Advogados não têm descanso.

— Eu devo imaginar — resmungo, tirando o laptop da bolsa e abrindo. — Mande um abraço para Matt. Nós três ainda temos que marcar um jantar, espero que não tenha esquecido disso — brinco.

— Não esqueci. — Entrega-me o cardápio e toma um gole de café. — Vamos esperar o seu lutador voltar e nós marcamos um encontro de casais, que tal?

Meu sorriso é fraco ao ouvi-lo citar Tristan. Falei sobre ele cerca de três vezes com Mark em momentos que eu estava emocionalmente quebrada e precisava desabafar com alguém que não fosse tão próximo de mim. Mark me ouviu, deu conselhos e nós comentamos sobre isso algumas vezes durante nossos encontros semanais. Eu fico feliz que ele não tenha esquecido de Tristan e até mesmo já o insira entre nós, mesmo nem o conhecendo.

— Quando ele voltar vou ter que trancá-lo no quarto comigo por muitos dias, Mark, então depois nós podemos pensar nesse encontro — admito o meu pensamento mais sujo, porém verdadeiro.

Ele ri, balançando a cabeça negativamente.

— Eu imagino a falta que esteja sentindo dele. Espero que a viagem de trabalho termine logo e ele volte para você. Não consigo imaginar como seria ficar tanto tempo assim longe de Matthew.

Faço o meu pedido, assim como desejei, e eu e Mark começamos a discutir sobre o trabalho. Ele me atualiza sobre as fases de produção do meu livro e conversamos sobre o meu novo projeto. Passamos cerca de duas horas rindo, argumentando, anotando ideias e rascunhando vários outros projetos. Sei que isso vai além do trabalho real de Mark, mas nós dois nos entendemos bem e quando eu começo a falar, não consigo mais parar.



Minha última parada antes de ir para casa de Parisa, é o cemitério. Antes me de sair da academia deixei tudo organizado com minha irmã e Florence, e Parisa passaria por lá com Jaz para pegar Florence com suas coisas e as minhas.

Compro um buquê de rosas brancas com uma senhora que está em uma pequena barraca em frente ao cemitério e entro no local. Não tenho nenhuma presa em chegar ao meu objetivo. Caminho devagar entre os túmulos, deixando que o vento frio me abrace e beije o meu rosto sem preocupação. Assim que paro em frente a lápide de Max, abaixo-me e de joelhos no cimento deposito as rosas ali do lado, perto de outras coloridas tão bonitas quanto. Eu não me surpreendo em ver o lugar assim mesmo depois de tanto. Os pais de Max são tão cuidadosos com esse lugar...

— Ei, Max...

Eu não sei o que dizer ao certo.

Vim porque senti que visitá-lo me faria bem nesse momento em que eu me sinto tão desolada. Sinto-me mais relaxada, mesmo com o vento frio ao meu redor. Max sempre soube como me acalmar.

— Eu estou vivendo. — Essa é a primeira coisa que sai pela minha boca e eu acabo dando risada. — Da última vez que vim aqui te contei sobre Tristan e sobre como eu estava apaixonada por ele. Desde então eu tenho vivido coisas maravilhosas, intensas; coisas que eu jamais imaginei que viveria outra vez. Mas, é complicado. A vida de Tristan não foi fácil e agora ele está com problemas por causa disso e eu nem sequer posso ajudar. Ele foi levado para longe de mim, Max. Eu não sei como ele está, mas tenho certeza que não estão o tratando bem. Tristan tem tantas feridas na alma, ele é tão quebrado, e eu apenas não quero mais que continuem a destruí-lo.

Um vento frio mais forte volta a perpassar o meu corpo e eu me abraço.

— Estou com medo. Me sinto sozinha o tempo todo, me sinto machucada demais. A falta que Tristan faz nos meus dias rasga a minha felicidade em pedaços pequenos que são incapazes de serem encaixados. E se algo mais grave acontecer com ele? E se ele nunca voltar?



Respiro fundo, tentando me acalmar para não chorar.

— Vim procurar você porque acima de tudo você era o meu melhor amigo, a pessoa que me entendia sem eu dizer absolutamente nada. Mesmo aí do outro lado você me ajuda, Max, e eu te amo muito por isso. — Contorno o seu nome sobre a lápide e me levanto com dificuldade. — Agora eu preciso ir. Parisa, as crianças e Florence, mãe de Tristan, já devem estar me esperando. Trent deixou a cidade para procurá-lo e eu espero que consiga alguma boa notícia.

Limpo os meus joelhos e dou uma última olhada no túmulo de Max, refazendo o meu caminho até a saída e esperando por um táxi para deixar esse lugar com o coração mais leve e a certeza de que por mais que eu me sinta sozinha, eu não estou. Nunca.



Deixo o meu laptop de lado e tiro os óculos do rosto, massageando as minhas pálpebras cansadas e bocejando. Assim que cheguei na casa de Parisa e Trent, arrumei as minhas coisas em um quarto de hóspede e ajudei a minha irmã a dar banho nas crianças, enquanto Florence e Jaz ficaram na cozinha conversando. Nós duas deixamos os gêmeos arrumados e dormindo em seus berços e logo descemos para fazer companhia para o futuro casal — se assim Deus quiser. Jaz deixou a casa perto das sete e nós três subimos para nos banhar e descansar, mas somente depois de combinarmos que hoje o jantar será pizza. Tomei o meu banho, é claro, e vesti o meu pijama. Desde então estou aconchegada na minha cama provisória, escrevendo até a minha criatividade esgotar e já fazem boas três horas desde o momento em que comecei.

— Florence já foi deitar — Parisa diz, aproximando-se com uma caixa de pizza nos braços e um pedaço em sua mão.

— Eu acabei ficando entretida demais por aqui e não ouvi nenhuma zoadá — informo e dou uma desculpa para o meu sumiço.

— Eu trouxe pizza. — Coloca a caixa em minhas pernas e puxa o laptop para si. — É incrível isso, sabia? — resmunga de boca cheia e eu lhe agradeço mentalmente por ter trazido esses pedaços para mim.

Pego uma fatia da pizza de frango e mordo, sentindo aquele gosto

maravilhoso atingir o meu paladar e me fazer revirar os olhos.

— O quê? — pergunto depois de alguns segundos de recuperação.

— Você escrever. Quero dizer, minha irmã é uma escritora e eu sei que em breve será famosa. Pamella Elizabeth Cohen não é conhecida por fazer coisas pela metade e eu tenho certeza que você vai brilhar demais.

Encaro Parisa, sentindo os meus olhos brilharem de emoção.

Ainda não tínhamos conversado sobre isso sozinhas e ouvir essas palavras de incentivo e confiança vindo dela são cruciais para mim nesse momento.

— Obrigada, Paris. É importante ouvir isso vindo de você.

Ela sorri e rouba um pedaço de pizza, ainda fitando a tela do laptop.

— “*Ele beija os meus lábios e...*”, uau. Porra, isso é sexo.

Reviro os meus olhos, mas não seguro a risada.

— O que é natural, já que as pessoas fazem sexo.

As bochechas dela esquentam e nós nos encaramos.

— Claro que é natural, mas você sabe...

Gargalho, puxando o laptop de Parisa e fechando-o.

— Não vem com essa para cima de mim, Parisa. Pare de agir como virgem, porque sabemos que você não é virgem faz tempo e Serena e Bryan são a prova do quanto treinou e ainda treina com Trent. — Analiso o seu corpo e sorrio de lado. — Inclusive, você não está achando os seus seios maiores...? Já pensou se...?

Parisa me chuta e eu gargalho novamente, chutando-a de volta e empurrando-o para o final da cama.

— Você nem brinca com isso, Pamella. Serena e Bryan já nos deixam de cabelos em pé. Eu não quero engravidar de novo, pelo menos não nesse momento. Talvez quando as crianças entrarem na escola eu pense no caso.

— Se depender de Trent a cada um ano e meio ele te engravida.

Parisa revira os olhos.

— Isso é verdade, mas é só eu ameaçar fazer greve de sexo que ele usa camisinha. Nada como negar uma boceta para fazer o seu homem concordar com os seus planos. — Parisa diz e eu não consigo parar de rir por um minuto sequer. — Enfim, querida, você quer parar de trabalhar e assistir a um filme comigo? — pergunta e eu concordo imediatamente.

— Traz pipoca e chocolate. Refrigerante também, é claro.

— E você não vai me ajudar? — pergunta, levantando-se da cama e

mordendo o resto da fatia de pizza em sua mão.

— Eu sou visita, Parisa. Trate-me como eu mereço, por favor.

Ela bufa.

— Você é folgada, isso sim.

— Vai logo — comando e ela caminha até a porta. — Eu vou escolher o filme — aviso, pegando o controle da televisão e conectando na minha conta de Netflix.

— De terror — pede.

— Nem fodendo — retruco.

— Terror, Pamella! — exclama do corredor.

— De romance e se reclamar assistiremos dois!

Parisa pragueja alto.

— Eu odeio você — exclama.

— Eu amo você — replico com um sorriso nos lábios.

Pelo resto da noite eu esqueci os meus problemas e ri verdadeiramente das piadas que a minha irmã fazia por conta do filme que eu escolhi. Sei que ela está preocupada comigo e essa foi a sua forma de me ajudar a me sentir melhor apesar de todos os percalços. Nós duas nos entupimos de pipoca, pizza, chocolate, refrigerante e energético. Assistimos três filmes seguidos, o último deles foi de terror, para o meu horror, e a cada cinco minutos eu xingava Parisa por ter me colocado para assistir aquela porcaria. Capotamos juntas na cama perto das cinco da manhã e a última coisa que eu me lembro foi de ouvi-la prometer que tudo ficaria bem.

Dormi com um sorriso no rosto.

Dormi aliviada por conseguir dividir o peso da minha dor com pessoas que amo.

# CAPÍTULO 23.1

## ACERTO DE CONTAS

TRISTAN RIVERA

*E quem você pensa que é? Andando por aí deixando cicatrizes.*  
— CHRISTINA PERRI, "JAR OF HEARTS"

*Dois dias mais tarde...*

Minhas mãos tremem e as batidas do meu coração pulam em meu peito de forma que talvez eu nunca tenha sentido antes. O cheiro de sangue invade o meu sentido e o prazer me deixa entorpecido. O prazer de poder controlar a minha vida nas minhas mãos volta com tudo e a cada novo adversário que é jogado no

ringue para me enfrentar, eu faço questão de fazê-lo se arrepender por isso. São muitos George's. Cada homem que vem me enfrentar eu imagino que é George e faz os meus demônios tomarem as suas asas e voarem para fora de mim, fazendo o meu pior sair e brindar as pessoas que me assistem com horror.

Estou quebrado, outra vez. Mas hoje não é dia de lamento. Hoje eu não vou pensar no que deixei para trás, pelo menos não até essa noite acabar. Hoje eu vou pensar no que estará logo a minha frente. Planejei tudo, absolutamente tudo com Ian e Rogers durante os poucos momentos que tivemos juntos nos últimos dois dias. Eles fizeram um acordo falso com George e nós três selamos o nosso próprio acordo.

No final dessa noite o momento que eu esperei por anos desde tão pequeno, alimentado pelo meu próprio monstro particular, vai finalmente se concretizar. Hoje é a noite, a minha noite especial. Estou eufórico, mesmo que seja errado, para tudo que virá a acontecer em algumas horas. Nem mesmo com as lutas eu fico assim: ansioso, inquieto e cheio de desejo. Desejo pelo que é ruim? Sim. Vou sujar as minhas mãos? Com certeza, mas deixar que o tempo se encarregue de dar uma lição em George nunca esteve em meus planos. Sou fodido, quebrado, e um pouco mais não fará diferença. Eu nunca deixaria passar a oportunidade de me livrar de George de uma vez por todas, com as minhas próprias mãos. Eu procuro não pensar em nada além disso, porque alguns pontos talvez poderiam me fazer voltar atrás, como por exemplo: Pamella e a minha mãe. Mas é por isso que eu esqueço delas e foco o meu objetivo apenas em George.

Pego o meu copo que está com um tanto considerado de uísque dentro dele e tomo um gole longo. É gostoso. Faz algum tempo desde que bebi pela última vez. Beber, no máximo, vai me fazer ter mais coragem, sentir-me mais destemido e capaz de executar o meu plano. Bebo o suficiente para me sentir dessa forma, não para me embriagar e estragar tudo.

Observo o salão e de repente avisto Trent, o que me faz franzir o cenho. Ele não deveria estar aqui, não hoje e nem em qualquer outro dia, mas especialmente hoje. Se algo sair do planejado entre Ian, Rogers e eu, pode acabar muito feio para mim e esse não é objetivo. Corro o meu olhar pelo local, observando os meus dois aliados — se assim posso dizer — se aproximarem de Trent. Eles cumprimentam o cunhado da minha namorada, sorrindo abertamente e com puro júbilo. Trent é um dos únicos caras de grandes torneios legalizados que são conhecidos por figurões do “mundo proibido”. Eu não o conhecia porque nunca foi do meu interesse ter algo fora das lutas clandestinas, mas pessoas como Ian e Rogers sem nenhuma dúvida conhecem e essa é a prova. A animação deles pode

ser sentida de longe, o que faz com que Trent pareça confortável o suficiente para usar uma expressão amigável no rosto.

Tomo um gole do uísque que me foi servido e aproveito o meu momento pós-luta. George está longe com três loiras beijando-o copiosamente e dançando vestidas apenas em suas lingerie. Uma coisa que Ian e Rogers chegaram a uma conclusão comigo é que o velho George vende a sua confiança muito rápida em troca de alguns maços de dinheiro e um bom contrato selado na palavra, que é o único contrato que os meus velhos amigos se permitem fazer. Nada vale mais para os irmãos do que palavra, e comigo é a mesma coisa, pois nos entendemos bem e confiamos uns nos outros por conta do nosso histórico passado. Contudo, de qualquer forma eu me pergunto o quão desesperado George está para confiar tanto assim em Ian e Rogers com poucas semanas de frequência ao clube. Ele realmente perdeu tudo e seus negócios quebraram de vez para recorrer a mim, o filho bastardo, a marionete do show de horrores.

Voltando a minha atenção para Trent e os irmãos, eles três agora me encaram. Não posso dizer ao certo o que vejo na expressão dos três, principalmente na de Trent, mas posso perceber que o mesmo transparece alívio ao me ver. Bom, eu já não posso me sentir da mesma forma. Ian acena para mim, chamando-me e eu me levanto sem pensar duas vezes, bebendo o último gole do uísque e deixando o copo para trás. Durante o caminho até os três eu posso sentir o olhar dos dois seguranças de George nas minhas costas, mas desde a semana passada eu posso andar com mais liberdade pelo clube, então eles apenas continuam me observando sem mexerem os seus músculos.

— Killian, olha quem chegou para te fazer uma visita logo hoje — Rogers, como sempre mais cômico, diz.

Balanço a minha cabeça, sorrindo de lado ceticamente.

— Sobe o capuz, Trent. Se George te ver aqui, estamos ferrados — comento, esticando a minha mão para nos cumprimentarmos. — O que está fazendo aqui? — indago, apertando a sua mão esquerda, enquanto ele usa a outra para fazer o que eu instruí.

— Você só pode estar de brincadeira — retruca, finalmente mostrando que não está tão satisfeito quanto parecia anteriormente. — Pediu a minha ajuda para isso, porra?

Arqueio a sobrancelha, cruzando os braços.

— Bom, eu não receberia a sua ajuda se não omitisse uma parte do meu acordo com George. Era a minha mãe que estava nas mãos dele e, Trent, eu prefiro mil vezes estar sob o domínio dele do que deixar que esse verme respire

o mesmo ar que ela. — Coço o meu nariz, olhando para os lados e voltando a fitá-lo. — Eu sinto muito se você se sentiu enganado, traído, seja lá que porra que você sentiu, mas eu sempre faço o que é preciso ser feito para proteger as pessoas que eu amo. Se fosse Parisa, se fosse os seus próprios filhos eu tenho certeza que não pensaria duas vezes antes de dar a sua vida por eles, então, por favor, sem falso moralismo nesse momento.

— Vamos abaixar a bola, crianças, não é hora de brincar — Ian reclama e eu apenas dou de ombros, mantendo a minha tranquilidade. — Ele vai ou fica? — questiona, encarando-me.

— Vai — concluo.

— Eu não vou sair daqui sem você — retruca.

Reviro os meus olhos.

— Você pode revirar os olhos o quanto desejar, mas eu realmente não vou sair da cidade sem você. Tem ideia de como Pamella está? De como ela reagiu? Ela é a minha família, Tristan, eu não gosto de ver aquela garota sofrer porque ela já teve o suficiente com Max.

Afasto o meu olhar de todos, porque falar de Pamella para mim é cutucar a minha parte que mais dói. Não tem um dia em que eu acorde e não pense imediatamente nela. A necessidade dela e a falta que ela me faz me dá forças e me mata ao mesmo tempo. Sinto falta do seu cheiro, do seu sorriso, da sua pele, da sua voz, dos seus olhos, do seu corpo. Sinto falta de tudo relacionado a Pamella Elizabeth. Sinto falta do nosso amor. Então, falar dela para mim em um momento como esse me quebra de uma forma que eu não gosto de ser quebrado.

— Se você não quer que ela sofra por mim o mesmo que sofreu por Max, vai deixar esse lugar e voltar para New York.

— Tenha algum humor e chame o seu amigo para participar do nosso grande, mirabolante e infalível plano, Killian — Rogers diz e em seguida recebe o meu olhar repreensor, juntamente com uma cotovelada de Ian.

— Que plano? — Trent pergunta.

— Hoje é uma noite muito especial... — E Rogers não cala a boca. — Quando as luzes desligarem e o silêncio prevalecer, o show vai começar, mas apenas para seletas pessoas.

Trent me encara com o cenho franzido e, antes de abrir a boca, olho para os lados para perceber se tem alguém nos encarando ou perto o suficiente para escutar o que vou falar.

— De hoje George não passa — afirmo com pura segurança e sede para que esse momento chegue logo.

Minhas mãos coçam para tudo que tenho planejado.

— E depois disso? — pergunta.

— Depois disso, meu caro Furor, o meu grande amigo Killian permanecerá conosco por dois meses e nada mais. É o nosso trato, sem tirar e nem colocar. Não me ofereça dinheiro, porque eu quero ele aqui por esse tempo para além do dinheiro. As lutas nunca foram as mesmas depois que ele saiu desse mundo e eu preciso que os fodidos o assistam por tempo o suficiente para se inspirarem — Ian informa e eu aceno positivamente.

Esse é o nosso trato.

George some com todos os seus rastros e eu fico por dois meses, depois disso eu posso voltar para casa, eu posso voltar para o meu anjo.

— Dois meses e nada mais valendo a partir de amanhã? — Trent parece querer se certificar.

— É esse o nosso trato e, claro, ele ainda vai sair daqui com uma grana. Nós gostamos desse cara, acredite. — Rogers sorri.

— Eu fico — Trent afirma.

— Se tiver estômago fraco, sugiro que repense — provoco amistosamente.

— Creio que o que você passou não foi fácil, Tristan, mas o que eu passei durante a minha vida antes de conhecer Parisa e o velho Jake também não foi agradável. Acredite quando digo que quero ficar, porque eu quero.

— Eu vou voltar para a mesa e vocês dois conversem com ele sobre como as coisas ocorrerão. Mais uma vez, mantenha o capuz e não estrague as coisas. O que vai acontecer é como uma apresentação de um coral, uma música lenta e com notas difíceis, e quem vai orquestrar tudo sou eu.

Dito isso, dou-lhes as costas e volto para a mesa que eu estou ocupando. Tomo o meu lugar outra vez e relaxo tanto quanto consigo. Continuo observando o clube atentamente, analisando as pessoas que passam por ali para tentar fazer o tempo passar mais rápido. Vou até o balcão e o barman enche o meu copo com mais uísque, então eu fico por ali mesmo, encostado no balcão e bebericando a minha bebida.

O lugar está frio e eu só consigo pensar em como eu desejo que as coisas esquentem logo e eu expulse toda raiva reprimida em cima do meu *pai*.





Depois de mais de quatro horas, o momento chegou. O último cliente saiu pela escada e os homens de Ian e Rogers estão em seus lugares. George, como se estivesse adivinhando, manda os seus seguranças levarem para o carro as mulheres com quem ele passou a noite inteira e me chama para a sua mesa. Os funcionários saem sem nem mesmo limpar o local, mas o velho está tão alto que mal percebe o que está acontecendo ao seu redor. Os irmãos se aproximam de nós — não antes de Ian indicar com a cabeça para um dos seus homens seguirem os seguranças de George, pois infelizmente os mesmos também não passarão dessa noite — e pegam uma garrafa de uísque no balcão do barman que não está mais presente.

— Curtiu a noite, George? — Rogers pergunta, despejando um pouco de bebida no copo do velho.

— Mais uma noite incrível concluída com sucesso — afirma, virando o conteúdo do copo de uma vez em sua boca. — Vamos acertar as contas?

Uma risada escapa da minha garganta e eu encosto-me na cadeira, cruzando os braços e atraindo o olhar de George para mim. Ele semicerra os olhos, mas eu não recuo. Sei que ele não tem nenhuma arma consigo e, agora que estamos sozinhos sem seus seguranças e sem suas covardias, podemos nos enfrentar como deveria ter sido desde o início: homem a homem, cara a cara. Se George foi homem o suficiente para maltratar a mim e a minha mãe por muitos anos, ele será homem o suficiente para aguentar as consequências de suas ações sujas e asquerosas.

— Qual a graça, menino? — pergunta.

— Primeiro, George, pare de me chamar de menino. — Pouso uma das minhas mãos em seu ombro, observando como ar bêbado vai se dissolvendo e ele me encara sobriamente. — Segundo, vamos sim acertar as contas, mas não você e os irmãos. Você e eu, George, assim com tem que ser.

— Do q-que está falando...?

Ele tenta puxar o celular do bolso de seu paletó e eu arranco o mesmo de sua mão, arremessando contra a parede e me levantando de uma vez.

— Não seja covarde — comando.

— Ian, Rogers...

— Estamos apenas na plateia. — Rogers ri, tomando um gole do uísque.

— Você vai ter o que merece, George. Sinto muito, mas o que é justo, é justo — Ian finaliza e acena para mim positivamente.

Sinal verde.

— Você vem? — pergunto a George, observando o seu rosto pálido e boca praticamente branca. Ele fica imóvel e como a minha paciência já está escassa com a sua covardia, o puxo pelo colarinho e arrasto comigo até o ringue do clube. O empurro na minha frente e ele tropeça, arrastando-se por debaixo das cordas e entrando no nosso palco. — Eu queria muito ter algo para te dizer, George, mas as coisas que eu vou fazer contigo nesse lugar não merecem ser interrompidas nem mesmo por minha voz. — Olho para trás e por cima do meu ombro digo para Ian: — Manda descer.

— Descer? — George pergunta, tremendo sobre os seus joelhos velhos.

Sua voz denuncia todo o medo que ele está sentindo, o que só vai me deixando mais animado para vê-lo implorar por piedade. A gaiola começa a descer no meio de nós dois e eu vejo como os seus olhos se arregalam e ele tenta correr, mas Trent aparece e o empurra de volta para dentro. O cunhado da minha garota se junta aos irmãos na mesa e ali eles ficam, a minha plateia.

— Correr? Sério, verme? Você não me ensinou a correr, lembra-se disso? Você me ensinou a ficar e levar o que eu “merecia”. — Aproximo-me dele em passos largos e sem pensar duas vezes desfiro um soco diretamente em seu maxilar. Ele urra, cuspidando o sangue em sua boca. — Você não vai correr, George. Você vai ficar.

Seguro a sua gravata e o puxo comigo até a gaiola, pegando suas cordas e começando o meu trabalho. Não consigo fazê-lo sem luta, mas é isso que me faz gostar mais da situação. A cada soco que despejo no rosto do homem a minha frente, meu coração pula em meu peito com mais força, enquanto ele cambaleia para trás. George tenta se livrar comigo, mas o seu corpo envelhecido é lento e dezenas de vezes mais fraco do que o meu.

— Se quiser ir, vá. Eu não vou mais atrás... — Faço George calar a boca com mais um soco direto nela.

— Você não queria paz. Você foi atrás de nós, pegou a minha mãe e ainda teve coragem de falar da minha mulher para mim. Eu não vou te deixar sair daqui, eu não vou voltar atrás, porque a sua palavra não vale absolutamente nada para mim. — Rodo uma das cordas copiosamente ao redor do pulso direito de

George, amarrando-o na grade da gaiola. Faço o mesmo com a sua outra mão. Ele ofega, cansado de todo esforço que fez e nós nos encaramos, enquanto eu amarro o seu outro pulso. — Tudo o que você faz, um dia volta para você. É uma regra, então não tente fugir do seu destino, porque o que vai acontecer aqui e agora, você plantou. Colha, George. Colha todas as suas ações e toda dor que semeou.

Pego mais duas cordas e amarro os seus tornozelos pacientemente.

Quando endireito o meu corpo, George ri para mim e eu arqueo a sobrancelha em desafio.

— Você pode fazer o que quiser, mas eu nunca vou me desculpar por nada que fiz com você, menino, e muito menos com a Fl...

Eu o interrompo com um soco no estômago. E outro. E mais um... E assim por diante, até eu ofegar e começar a suar frio. Feridas começam a abrir nos nós dos meus dedos, mas isso não me incomoda porque eu estou mais do que acostumado com esse tipo de coisa.

— Não. Repita. O. Nome. Da. Minha. Mãe.

George tosse repetidamente por cerca de dois minutos, ou até mesmo mais. Durante esse breve momento, Ian joga o controle que regula a altura da gaiola para mim e Rogers me dá uma mala de couro grande, enquanto Trent empurra uma caixa de madeira com o pé para dentro do ringue. Deixo as coisas no chão, enquanto subo a gaiola até o ponto necessário e começo a abrir a caixa e a mala. Ambas estão com muitos objetos pontiagudos, exatamente tudo que eu vou precisar para que a minha diversão comece.

Avisto um item bastante interessante e que vai com toda certeza vai cumprir muito bem o seu papel. Uma mordaca com uma bola de aço está colocada logo ali em cima, no topo de todas as coisas dentro da mala, igual àquelas usadas em filmes de conteúdo erótico. Seria normal se ela a bola não estivesse cheia de pontadas tão finas que eu testo em meu dedo para checar se ela realmente machuca. E machuca. Um pequeno furo se abre em meu indicador e eu sorrio, abaixando a gaiola outra vez para ficar da altura de George. Ele me encara sobriamente e eu forço o objeto em sua boca, rasgando os cantos sem pestanejar, enquanto sangue escorre e ele ruge de dor. Fecho a mordaca atrás de sua cabeça e cruzo os meus braços em frente ao meu corpo.

— Se eu fosse você, não tentaria falar mais nada.

Mesmo não falando, tenho consciência de que as pontas já estão rasgando a boca e a língua de George a qualquer mínimo movimento que ele faça com a mesma. O sangue continua escorrendo pelos cantos de seus lábios e eu encaro a

imagem com satisfação pessoal.

Eu sei que não deveria estar buscando nada disso, mas de uma forma ou de outra, esse momento de vingança faz parte de como eu sou e de como a minha essência se manifesta. Nunca preguei ser um homem bom, porque eu, de fato, nunca fui um homem bom de verdade antes de Pamella entrar na minha vida. Voltar às raízes é ruim, mas necessário. Fazer o que eu tenho que fazer vai me dar pesadelos por anos, mas eu não viverei o resto da minha vida de forma aliviada se eu não tiver plena consciência de que eu me vingue e vinguei a minha mãe por tudo que passamos juntos.

Enfio o controle dentro do bolso da minha calça e apanho um canivete dentro da caixa de madeira. Começo a cortar o terno branco e caro de George, pedaço por pedaço, seguindo para a sua calça e me livrando das peças e deixando que os pedaços caiam ao chão. A respiração dele é aguda, rápida, como se o ar estivesse faltando. Ele é um homem feio e ver a sua pele branca sem nenhuma ferida me revolta. O meu corpo inteiro é cheio de cicatrizes, o corpo da minha mãe também carrega as suas marcas. George limpo, ileso, sem nenhuma cicatriz, faz-me ver vermelho — a cor que eu mais quero ver durante a noite toda.

Puxo um açoite de ferro e sem nenhuma pressa, começo a rodá-lo praticamente sem velocidade em minha mão. As únicas coisas audíveis para mim nesse exato momento são os meus batimentos e a respiração de George. A minha sede por sangue me faz ricocheteiar o açoite nas costelas do homem asqueroso e no instante em que ele grunhe, eu fecho os olhos e alívio começa a me encher, mas eu sei que esse é apenas o começo. As pontas entram em sua pele e eu puxo de volta, arrancando o seu couro e começando a abrir feridas sobre ele. Repito o movimento, dessa vez do outro lado do seu corpo, e obtenho o mesmo resultado. Observo como George fecha os olhos e como a cada segundo que corre, mais sangue escorre por sua boca. Acerto as suas pernas, os seus braços, o seu rosto, e refaço todo o caminho até que me dou por satisfeito.

Os urros de George se transformaram em gritos de dor abafados.

Respiro profundamente, sentindo o cheiro agri-doce do seu sangue misturado com a podridão de sua alma.

Jogo o açoite para o lado, enxugando o suor que desce por minha testa e parando alguns segundos para fitá-lo.

— Dói? — pergunto, mas sei que não vou ter uma resposta. George balança a cabeça positivamente, surpreendendo-me por reagir. — Eu posso imaginar, cara. Já senti o mesmo. — Pego uma faca de caça e me aproximo outra vez dele.

— Vamos ver se essa funciona...

Balançando a cabeça copiosamente para me fazer para, George chora e implora, enquanto eu abro um corte do topo de sua perna, até a altura de seu joelho. O sangue escorre até o seu pé e começa a pingar no chão. Desenhando uma linha paralela a que fiz anteriormente, corro outro corte por sua perna, afundando a faca com mais força a cada centímetro que passo. Troco a minha atenção para a sua outra perna, onde deixo mais de dois cortes e desço até o seu pé.

— Funciona — afirmo, deixando a faca ensanguentada no chão e levantando para tirar a mordaca de George.

No instante em que consigo tirá-la de sua boca, ele cospe o sangue e solta um grito alto demais para uma pessoa fria como eu sei que ele é.

Enquanto George grita, urra, se balança tentando se soltar e esperneia, Ian me dá um balde de água com gelo e eu jogo sobre o homem. Ele dá um show e eu quero que o show fique ainda mais agradável para os meus três espectadores. Agarro um *taser* e aperto em seu botão, vendo as ondas brilharem tão animadas quanto eu.

— Choque não — pede, sua fala comprometida pelos ferimentos em sua boca, mas eu consigo entender tudo.

Sorrio e dou de ombros, esticando o meu braço e encostando o objeto em sua pele. Assim que aperto o pequeno botão, um choque perpassa pelo corpo de George e ele treme como se um terremoto estivesse acontecendo debaixo de nossos pés.

*Um, dois, três...*

*Seis, sete, oito...*

Bufo, e paro.

O local está vermelho e George mal consegue se mover. Para ser sincero, eu acho que ele apagou. Sendo assim, checo os seus batimentos e certifico-me de que ele ainda está vivo quando desço do ringue para beber um pouco de uísque. Tomo longos goles diretamente da garrafa e bato a mesma na mesa quando todo conteúdo passa queimando por minha garganta.

— Não vai nos deixar brincar também? — Rogers pergunta e eu o encaro.

— Eu não sei se percebeu, mas ele não está brincando, porra. — Ian acerta o seu irmão com um tapa na parte de trás de sua cabeça e o outro reclama. — Quer acabar com isso agora? — indaga, voltando a sua atenção para mim.

— Vou terminar assim que acordá-lo — digo. — Quanto tempo se passou?

Trent checa o relógio em seu pulso e nos encaramos.

— Mais de meia hora.

— Isso tudo? — pergunto.

Pareceu menos, bem menos.

— Parece rápido para você, mas estamos de fora e vemos o quão minucioso está sendo. Os cortes, por exemplo, eles demoraram — Trent diz, dando-me uma informação que eu não sabia.

Estou tão vidrado que as coisas parecem estar correndo.

Pelo menos eu estou fazendo doer.

— Acorde ele — Rogers resmunga. — Eu já cansei de ficar como espectador. Acabe você logo com isso, ou eu mesmo o faço.

Rogers me irrita.

Volto para o ringue e apanho a faca de caça outra vez do chão.

O corpo branco de George está cortado e em carne viva. Seu cheiro podre faz o meu estômago embrulhar e tudo nele me deixa enojado. Eu cutuco suas costelas, dentro das feridas abertas pelo açoite, e ele vai despertando aos poucos.

— Vamos conversar agora — digo, levantando o seu rosto com a faca enganchada em seu queixo.

— Bastardo — grunhe.

— Eu sei que sou um bastardo, então não venha com notícias que não são novidades. — Eu o deixo e ando de um lado para o outro. Minha bota arrasta ruidosamente no chão molhado com uma mistura de água e sangue do animal. — Você sabe, George, eu queria entender como você conseguiu chegar ao ponto que chegou... Você deveria ter sido o meu pai e não o meu monstro. Eu não estou aqui para dizer que senti falta de ter um pai, porque eu tive um e o seu nome é Florence Rivera. Ela foi tudo para mim, mesmo que você tenha fodido a nossa relação. A minha mãe ainda é uma das pessoas mais importantes na minha vida e não é só por mim que eu estou fazendo isso... — Abaixo a sua cueca branca, molhada e suja de sangue, e agarro os seus testículos em minha mão esquerda, apertando até vê-lo engolir a seco. Giro a faca na minha outra mão e dou um dos meus últimos golpes. Começo a cortar o seu saco, enquanto ele treme, urra, grita, choraminga, xinga, pragueja e, por fim, implora por um pouco de piedade. O sangue em minhas mãos não me irrita, mas já aquilo que eu seguro me dá vontade de vomitar. Sem pensar duas vezes, enfio suas bolas em sua boca e o forço a mantê-las ali dentro, então logo ele mastiga sem desviar os olhos de dentro dos meus. Eu faço questão de encará-lo. — Eu estou fazendo isso por ela,

George. E agora você vai comer as suas próprias bolas para se lembrar de todas as vezes que estuprou a minha mãe na minha frente em qualquer ocasião que conseguia. — Ele tenta parar, mas não consegue, pois eu não deixo. Ele mastiga, e mastiga, e mastiga. — Será que agora consegue perceber o quão nojento foi?

Me afasto de George, retirando as minhas mãos de cima dele outra vez. O barulho que ele faz é absurdo. Ele vomita pedaços de si mesmo com sangue e continua me xingando, amaldiçoando-me, mas eu apenas finjo que não estou o escutando. George não se acalma. Eu sei que está doendo e eu sei que ele está desejando que eu enfie a faca em seu coração para acabar com a sua dor de uma só vez, mas eu quero vê-lo definhar e sofrer até o seu último batimento cardíaco.

— Se eu ti-tivesse chance... teria feito... tudo... de novo...

E essa é a última coisa que eu o deixo falar.

Fecho a distância entre nós, abrindo a sua boca com muita luta e dificuldade, e puxo sua língua, cortando-a fora. Os olhos de George me encaram agora cheios de lágrimas porque ele provavelmente não tem força para mais nada e é assim que eu quero vê-lo. Eu quero que ele desista, assim como eu pensei em desistir da minha vida por tantas vezes que não consigo contar nos dedos.

— Eu vou ser a última coisa que você vai ver. O seu filho, o que você tentou destruir, o que você manipulou, feriu, quase matou por diversas vezes e mexeu com a cabeça de um jeito irreversível. Se eu estou aqui, nesse exato momento, fazendo isso com você, George, foi porque você plantou. Poderia ser diferente, mas a sua ganância te matou. Eu estou tirando a sua vida, porque você caçou tanto que achou. Eu sou um efeito colateral de todas as coisas ruins que você fez e você vai morrer sabendo que você mesmo se matou.

Pego correntes e cadeados, fechando-os em seus pés e em sua mão esquerda. Ele está preso em sua gaiola.

Por fim, corto a corda da sua mão direita.

— Mudei de ideia — informo. Deposito a faca em sua mão e me afasto o suficiente para vê-lo de camarote. — Você não aguenta mais? Faça o que bem desejar com a faca.

Nos encaramos.

Não sei por quanto tempo e nem se já se passaram horas.

O que eu vejo, é George sofrer e ficar mais pálido do que nunca, mas ainda assim ele não apaga e nem mesmo consegue fazer nada com a faca em sua mão trêmula. O sangue está sendo drenado de forma vagarosa para fora do seu corpo e eu apenas assisto as gotas pingarem e escorrerem por seus pés. De soslaio,

Rogers passa do meu lado, mas eu não o impeço de continuar. Tirando uma arma do cós de sua calça, ele encara George, que ainda não tirou os olhos de mim e nem eu dele.

— Boa noite, porra. Trato feito. Tenha uma boa estadia no inferno.

E então Rogers estoura uma bala no meio da testa do velho e asqueroso homem. Sangue espirra em nossa direção e eu fico imóvel, encarando a cena. Um show de horrores, sem nenhuma dúvida. Ali — na gaiola em que eu fui colocado por boa parte da minha infância —, foi ali que ele morreu.

Nenhuma culpa recai sobre as minhas costas, muito pelo contrário... Alívio percorre o meu corpo de cima a baixo e eu fecho os olhos, puxando o ar fedorento com gosto e sentindo meu corpo relaxar.

Agora eu estou livre.

Nesse momento eu e minha mãe estamos livres de George pelo resto das nossas vidas. O monstro que nos perseguiu, feriu-nos e tanto riu da nossa dor. Eu não sinto pena dele, nem compaixão. O verme teve o que mereceu e nada menos que isso.

Daqui dois meses, entretanto, eu poderei voltar, e então eu terei que tentar recuperar o tempo perdido e voltar a curar das feridas que abriram em meu peito nessa noite. *Eu quebrei, mas ninguém precisa saber disso.*

Tudo que está na minha cabeça nesse momento é Pamella.

Pamella Cohen — porra! —, em breve estaremos juntos outra vez.

*Em breve, meu anjo.*



# CAPÍTULO 24

GRANDE DIA

PAMELLA COHEN

*Mas eu só quero que você não se esqueça que eu sou sua.*  
— ELLA HENDERSON, "YOURS"

*Dois meses mais tarde...*

Viro e reviro na cama até finalmente parar.

As cortinas do quarto de Tristan estão abertas e ficaram assim durante a noite toda. Nos últimos meses a minha maior companhia nas noites frias tem sido as estrelas, porque sinto que de alguma forma os pontinhos brilhantes no

céu me conectam com o homem que eu amo. Infelizmente, não é mais noite. O sol está nascendo no horizonte cheio de arranha-céus, denunciando a manhã de um dos dias mais importante para mim.

Hoje é o lançamento do meu primeiro livro.

O dia chegou.

Mas ele não está aqui.

Tristan ainda está sabe-se lá onde, e o meu coração não poderia estar mais machucado e doído do que nesse momento. Um dia que eu queria compartilhar principalmente com ele; o meu primeiro grande passo profissional, a minha estreia oficial para todos no mundo da escrita.

Passei a noite inteira acordada, encolhida no meu canto da cama, enquanto encarava o lado do loiro. Eu esfreguei as mãos diversas vezes em cima do colchão, desejando que ele pudesse se materializar ali em cima de uma hora para outra, mas o máximo que eu consegui sentir foi mais saudade, o máximo que eu fiz foi chorar em silêncio.

O nervoso de ir para o lançamento do meu próprio livro e ser um fracasso me faz querer grudar na cama e não sair de cima dela durante o dia inteiro, talvez até mesmo inventar alguma dor extraordinária para ninguém vir atrás de mim. É claro que dá vontade, mas eu não posso fazer isso com as pessoas que estão indo lá para me ver e ganhar um autógrafo e, acredite, não são apenas os meus familiares que querem o meu autógrafo.

Durante esse tempo continuei postando partes do meu livro na minha conta pessoal da rede social online de leitura que eu entrei há alguns meses. Tenho pessoas que realmente estão entusiasmadas com tudo que leram e me pedem mais, muito mais — inclusive novos livros. É claro que o meu coração se aquece com a animação de pessoas que nem mesmo me conhecem, mas me respeitam muito. Esse é um dos lugares onde, surpreendentemente, eu me sinto acolhida.

De qualquer forma, o dia começou.

Tateio a cama outra vez até achar o meu celular e destravo a tela, indo até a minha galeria de fotos e clicando em uma foto minha e de Tristan. Há alguns momentos em que eu sinto que estou esquecendo de como ele se parece, então desde que esse sentimento começou a me perseguir, ao acordar eu sempre abro em alguma das nossas poucas fotos e fico encarando até Florence bater na porta do nosso quarto e entrar, avisando-me que já é hora de acordar, exatamente como agora...

As batidas soam através da porta e ela abre, enfiando a cabeça para dentro com um sorriso no rosto.

— Eu imaginei que estaria acordada, por isso vim mais cedo.

— Seis da manhã. Muito cedo, não? — brinco, batendo no colchão levemente. — Vem aqui.

Florence se aproxima em passos largos e deita ao meu lado. Ela fita a foto em meu celular e pega, observando-a e sorrindo comigo. Nós ficamos caladas por alguns minutos até eu fechar os olhos para relaxar mais um pouco antes de me levantar de vez.

— Vocês dois são tão bonitos juntos. Tristan tem muita sorte em te ter, querida. Você é tudo que ele precisava...

— E eu tenho sorte em tê-lo, Florence. Tristan é tudo que eu preciso. — Abro os olhos e viro o rosto para encará-la. — Eu sinto tanta falta dele. Só queria que ele voltasse logo. Não preciso de explicações, não preciso de desculpas, não preciso de nada além dele novamente conosco. Eu odeio ter a sensação de que talvez ele possa ter se machucado, porque a gente sabe o quanto ele já sofreu e você também. Queria ser capaz de protegê-lo das coisas que lhe tiram a paz.

— Eu tenho quase certeza de que ele está voltando para nós, querida. Tristan é forte, muito mais forte do que nós duas podemos imaginar. Eu o vi passar por coisas que pensei que nunca superaria, mas ao seu lado ele superou cada uma delas. Se alguém o machucou outra vez, eu sei que você vai conseguir curá-lo com o tempo, porque vocês precisam disso: tempo para curar as feridas. E vocês terão esse tempo.

— Obrigada, Florence. Eu vou fazer de tudo para ajudá-lo a superar as suas dores assim que ele voltar — afirmo, segura do que eu estou dizendo, porque é a mais pura verdade. Eu só preciso que Tristan volta para que nós possamos trabalhar juntos em nossa recuperação. — Mas, enfim, estou nervosa com hoje. Queria Tristan aqui, porque ele sempre consegue dizer as coisas certas para me acalmar. Ele foi quem me fez dar esse passo e viver esse momento sem ele acaba me deixando triste.

— Tente pensar em coisas positivas e mentalize-o com você. Tenho certeza que mesmo longe o meu filho está muito orgulhoso dessa conquista sua. Ele não teria te incentivado se não acreditasse em seu potencial, Pamella. Acredite em si mesma. O lançamento do seu livro vai ser um sucesso e só vai abrir portas e mais portas para o seu futuro profissional.

Aceno positivamente com a cabeça e sorrio antes de beijar a bochecha de Florence e me levantar da cama. Coloco as mãos de cada lado da minha cintura e deixo o meu sorriso no rosto, já até mesmo treinando-o para mais tarde.

— Vamos fazer o café-da-manhã? — indago.

Florence sorri e se levanta.

— Você vai me ajudar? — retruca e eu dou de ombros.

— Tenho que aprender ao menos a fritar ovo. Tristan sabe cozinhar muito melhor do que eu, você consegue acreditar nisso? Eu sou realmente uma negação na cozinha e não aceito essa posição rebaixada na família.

— Ao menos ele sabe cozinhar, Pamella. Pense pelo lado bom: deixe-o cozinhando para você e aproveite a dádiva de ter um homem que cozinha ao seu lado...

Penso e repenso.

— Você está certa, mas eu ainda quero ajudá-la. Se eu aprender alguma coisa, é só fingir que não sei de nada quando ele voltar.

Nós duas rimos e saímos do quarto abraçadas rumo à cozinha.



**Depois do café reforçado com Florence, a avisei que sairíamos depois do almoço para um dia no salão com a minha mãe e Parisa. Uma vez que o lançamento começará às sete horas da noite, decidi que era nosso dever nos dar uma tarde de folga para ficarmos lindas para a noite especial. Posso não estar feliz como deveria estar, mas, pelo menos, tenho que ficar apresentável o suficiente para fazer ninguém vir atrás de mim para me perguntar como eu me sinto. A maioria das pessoas sabe sobre Tristan e eu, então simplesmente escolho parecer que estou bem do que explicar que não sei mais lidar com a falta que ele faz para mim e prefiro que nem mesmo toquem em seu nome.**

Bom, de toda e qualquer forma, eu, Parisa, minha mãe e Florence fomos ao salão e passamos praticamente a tarde toda por lá. Até chamei Elise, mas ela está no seu limite com tudo. A gravidez está no seu fim, o meu irmãozinho pode chutar o pau da barraca a qualquer momento, então ela está sensível e prefere nem mesmo sair de casa. Hoje à noite ela só vai sair porque é para algo importante, mas nem mesmo ir à academia ela está indo.

Aliso no meu corpo o vestido preto básico que decidi usar hoje e giro sobre os meus pés para checar como eu estou. A maquiagem que fiz no salão e

penteados estão mais do que no ponto. O vestido é bonito, de manga longa e com um decote discreto em minhas costas, e o seu comprimento vai até os meus joelhos. Calcei um salto vermelho para combinar com o meu batom e o meu cabelo está solto, um pouco ondulado, mas tenho certeza que as ondas sairão em mais algumas horas.

Pego a minha bolsa e jogo sobre o meu ombro, desligando a luz do quarto e indo até a sala para achar Florence e Jaz conversando com pequenos sorrisos nos rostos. Depois desses meses eu posso perceber o que Florence finalmente está mais relaxada ao redor dele, que nunca a pressionou ou empurrou para nada. Jaz é incrível com ela e eu não poderia esperar menos de alguém como ele.

— Está pronta? — Florence pergunta, levantando-se, e Jaz faz o mesmo.

Ela está usando um vestido florido verde que segue até debaixo dos seus joelhos e uma sapatilha preta. Florence está linda, eu tenho que dizer isso. Apesar das dificuldades que passou, ela ainda é uma mulher extremamente bonita e as suas raízes e nacionalidade espanhola apenas a presenteiam com uma genética muito bonita.

— Estou prontíssima. E vocês dois? — pergunto, sorrindo de lado e tentando fazer com que o nervosismo se dissipe do meu corpo, mas é quase impossível. Eles acenam positivamente e nós caminhamos para fora do apartamento. — Eu estou tão ansiosa, vocês não fazem ideia — digo, enquanto caminhamos até o elevador depois de Florence trancar a porta.

— Fique calma, querida. Vai dar tudo certo — ela diz e eu até tento, mas não consigo.

Enquanto Florence e Jaz conversam, eu fico calada.

Nós vamos para o estacionamento e lá entramos no carro de Jaz. Eu praticamente me encolho no banco de trás, segurando as minhas mãos e torcendo os meus dedos com força. Observo a cidade pelo vidro da janela do veículo e volto a sentir falta de Tristan. É impossível não sentir a sua falta. Os meus pensamentos sempre estão cheios do meu lutador favorito, mesmo quando eu não estou realmente lembrando dele naquele instante.

Ele está impregnado em tudo que eu faço.

O meu celular começa a tocar na minha bolsa e eu o retiro de lá, vendo o número de Oliver piscar e atendendo imediatamente.

— Você tem certeza que não é tão conhecida assim? Porque essa porra está lotando e eu sou convidado VIP, não quero ficar em fila com a minha mulher grávida — atira e eu sorrio, ainda inquieta.

— Está falando sério? — pergunto, um tanto desconfiada.

— E eu sou cara que brinca? — retruca e eu arqueio a sobrancelha, mesmo que ele não possa ver. — Não responda, Pamella. — Nós dois gargalhamos e eu suspiro no instante em que me acalmo. — É sério, tem bastante gente... Acho que o meu trabalho de divulgador deu certo.

— O que você fez? — indago, assustada.

— Quando se tem dinheiro, conexões e um pai que investe em muitas áreas, fica mais fácil de disseminar informações para as pessoas certas, Pamella. Você pode me agradecer depois dividindo o seu lucro comigo — brinca, deixando-me um tanto sem ter o que falar para lhe agradecer. — Enfim, irmãzinha, não demore. Eu já estou na fila com a nossa família e nós não queremos criar raízes aqui no chão.

— Obrigada, Oliver. De verdade. E eu já estou chegando, pare de reclamar. — Desligo a chamada sem lhe dar chance de replica.

Esse é o meu grande momento.

# CAPÍTULO 24.1

## CHEGADA

TRISTAN RIVERA

*Eu tenho morrido todos os dias esperando por você.*  
— CHRISTINA PERRI, "A THOUSAND YEARS"

Aperto, pela última vez, as mãos de Ian e Rogers, enquanto eles me desejam sorte e dizem que, se tudo der errado, eu ainda tenho o meu trabalho garantido. Por mais que eu esteja incerto sobre a reação de Pamella, a única coisa que eu tenho certeza é de que não vou mais voltar para lugares como aquele e muito menos irei desistir de tê-la de volta. Eu sou grato a Ian e Rogers por terem feito aquele acordo comigo, mas agora acabou. Eles cumpriram a parte deles e eu

cumpri a minha. Trato feito e respeitado.

Depois de passar pelos portões e segurança, entro no avião e acho o meu assento logo na frente. Enfio a minha mochila debaixo do banco da frente, aperto e ajusto o cinto e relaxo, esperando que todas as pessoas se acomodem para que nós possamos partir.

O voo é curto, felizmente.

Uma hora e vinte dentro do avião e eu estarei de volta em New York em um dia muito importante para Pamella. Hoje é o lançamento do seu livro, assim como Trent me avisou por mensagem. Já passou das seis horas, então eu vou chegar quase às oito. Do aeroporto para o local é cerca de vinte minutos. Eu não sei como vai estar o local, então eu espero conseguir chegar a tempo de prestigiá-la do jeito que eu sonhei que seria.

Esses meses foram difíceis, mas, ao passar de cada dia, as coisas foram melhorando. Ter na cabeça que a cada luta ganha, cada serviço realizado, eu estava um passo mais perto de Pamella me dava muito gás e motivo para continuar com o meu dever. E aqui estou, dentro de um avião, enquanto a única coisa que nos separa é o tempo e a distância. Tempo esse que é pouco e distância essa que vai acabar em breve.

Depois que todos se acomodam e informações para casos de emergências são passadas para nós, o piloto começa a taxiar na pista e logo nós decolamos. Coloco o meu fone de ouvido e deixo a minha playlist preferida tocar e me desconectar da realidade pelo resto da viagem.



Jogo a mochila sobre o meu ombro e avisto Trent de longe com Serena e Bryan nos braços. Ele está sozinho com as crianças, o que me leva a deduzir que Parisa deve ter ficado com Pamella e o resto da família. São quase oito horas da noite e eu só consigo pensar que quanto mais perto fico, mas longe pareço estar.

— Finalmente, porra — Trent resmunga, entregando-me Serena em meus braços. — Seja bem-vindo de volta, cara.

— Valeu — retruco, simples.

— Vamos?



Aceno positivamente e nós fazemos o nosso caminho até o estacionamento. Abaixo o rosto para fitar a pequena, que sorri com seus pequenos dentes dianteiros já querendo crescer. Eu sorrio para ela, depositando um beijo no topo da sua cabeça por algum motivo maior do que eu. De alguma forma ela me lembra Pamella, porque a minha garota é simplesmente fissurada em seus sobrinhos, e ultimamente tudo que me lembra Pamella Cohen me faz sorrir como um idiota.

Eu e Trent colocamos as crianças em suas cadeirinhas, eu praticamente não consigo, mas o outro é rápido e me ajuda a terminar, soltando uma risada em provocação.

— Nada que muitos longos meses de prática — diz, batendo a porta e eu faço o mesmo.

Nós entramos no banco da frente e Trent parte com pressa.

A maior parte do caminho nós ficamos quietos, apenas escutando o barulho que Serena e Bryan fazem no banco de trás com os brinquedos jogados no banco. Quando estamos próximos da livraria, Trent fala:

— Como você está? — indaga.

— Você poderia perguntar outras coisas, não acha? — digo e ele acaba rindo.

— Poderia, mas eu quero saber como está.

Pondero a minha resposta, entre ser ríspido e muito ríspido, então respondo:

— Eu vou ficar bem. O pior já passou, então acredito que as coisas vão ficar bem assim que entrarem nos trilhos outra vez.

Ele concorda em um aceno.

— Se você precisar de alguma coisa, saiba que pode me contatar. Querendo ou não, fazemos parte da mesma família e eu me importo com a minha família. Sempre. — Trent para no sinal vermelho e nós nos encaramos. — Combinado?

Ele está sendo sincero.

Por mais que eu saiba que não irei precisar, concordo de volta.

— Combinado, cara. O mesmo vale para você.

Trent acelera o carro e vira a esquina.

As minhas mãos começam a suar e os meus batimentos cardíacos aceleram com a ideia de ver Pamella em carne e osso na minha frente em alguns poucos minutos. Pego uma caixinha com algo especial de dentro da minha mochila e enfio no bolso da minha calça.

Chegamos ao nosso destino.

Ceguei ao meu destino, literalmente.

Ceguei ao meu anjo.

# CAPÍTULO 25

## O REENCONTRO

PAMELLA COHEN

*Eu nunca pensei que você seria aquele a segurar o meu coração, mas você apareceu e me tirou do chão desde o começo.*

— CHRISTINA PERRI, "ARMS"

Levanto o olhar para as mãos conhecidas e tatuadas plantadas em cima da minha mesa de autógrafos e vejo a única pessoa que mais esperei ver nesse dia, mas que não imaginei que aparecia: Tristan Killian Rivera. Eu vou de zero a cem apenas nesse curto espaço de tempo em que levantei o meu rosto. O ar parece mais pesado e a minha dor parece começar a diminuir conforme os segundos seguem passando. A minha boca resseca e eu não tenho mais controle do que

devo ou não fazer, o que me deixa petrificada.

Posso sentir o sangue correr por minhas veias com pressa e posso ouvir os meus batimentos ao pé do meu ouvido.

— Ei... — ele murmura, simples, parecendo não saber ao certo o que falar.

Bom, se ele não sabe, imagine eu...

— Oi... — retruco.

Nossos olhares não conseguem desgrudar um do outro. Eu não consigo tirar os meus olhos de cima do loiro, mesmo depois de tanta dor. Contudo, além disso, Tristan está diferente. Seu cabelo não mais cai para o lado, mas está aparado e cortado de um jeito bastante social. Sua barba é por fazer, porém, nada parecida com aquela que ele tinha quando nos conhecemos. Sua cicatriz ainda é visível e eu instantaneamente tenho vontade de correr os meus dedos sobre aquele pedacinho em especial. Tristan está todo de preto, o que é bastante familiar.

Suspiro, perdida nessa situação.

Eu sonhei tanto com esse momento que a minha falta de atitude me deixa irritada internamente comigo mesma.

— Tudo bem? — pergunta e o homem que está depois dele na fila, pigarreia.

— Eu sei que a escritora é bonita, cara, mas nem livro você tem — reclama.

O olhar de Tristan sai de cima de mim e cai no homem que já deve estar por volta dos seus quarenta anos. Ele cerra os punhos e antes que faça qualquer movimento, Trent chega até nós.

— Ele vai comprar o livro e voltar para pegar o seu autógrafo — meu cunhado diz, colocando a mão sobre o ombro do loiro e o empurrando para fora do caminho.

Tenho vontade de largar tudo e ir atrás dele, mas sei que não é o certo a ser feito agora. Para ser sincera, nada parece certo depois de todo esse tempo, exceto mim e Tristan.

Continuo sorrindo abertamente, autografando os livros e tirando fotos com os leitores que pedem. É estranho, mas um estranho bom. Sempre gostei do anonimato em relação à minha escrita, mas receber todo esse amor faz um bem indescritível até mesmo para mim, que prezo pelos bastidores.

Quando a fila chega ao fim, Tristan se aproxima novamente enquanto examina o livro. Fico de pé, esperando-o com a minha caneta na mão.

— É o de Chiara e Lucca? — pergunta.

Não posso deixar de sorrir, porque ele se lembra.

— Lembra deles? — retruco, observando como o seu lábio se inclina para cima em um sorriso discreto.

— Eu não esqueceria a primeira vez que você leu para mim — afirma.

Minha barriga embrulha e um frio gostoso sobe por minha espinha. Não sei o que falar, então pego o livro da mão de Tristan e me sento, abrindo-o e preparando para autografá-lo.

— Deseja que eu escreva algo em especial? — questiono.

— Sim... — Aceno positivamente para ele, dando-lhe a deixa para continuar. — Escreva exatamente assim: — meu olhar desce para a folha e eu respiro fundo ao começar a ouvir suas palavras — dedico esse livro ao homem que nunca deixou de pensar em mim por um dia sequer nos últimos meses. Dedico esse livro ao homem que se esforça para dar o melhor por mim, aquele que não quis me machucar, mas no final de tudo foi inevitável que ambos não saíssemos machucados. Dedico esse livro ao homem que torce imensamente por meu sucesso, mesmo que ele não o viva comigo. Dedico esse livro ao homem que aprendeu a amar comigo, a escritora mais talentosa e bonita de todo o mundo, e que nunca deixou de me amar... — Lágrimas brotam dos meus olhos e escorregam por minha bochecha, porque a minha mão não consegue acompanhar o ritmo das palavras de Tristan. — Dedico esse livro ao homem que lutou e venceu os seus demônios em busca de redenção. Dedico esse livro ao homem que errou, errou muito, mas que quer melhorar por mim. Dedico esse livro ao homem que ama o meu sorriso, que ama o meu corpo, que ama o meu bom coração, que ama cada pequeno detalhe meu, até mesmo os defeitos. Dedico esse livro ao homem que não se imagina vivendo sem a minha presença, ao homem que deseja a mim, Pamella Elizabeth Cohen, mais do que qualquer outra coisa na vida. Dedico esse livro ao homem que veio se desculpar pelos seus erros e que fez tudo o que fez apenas para me proteger. — Tristan dá a volta na mesa e agacha-se ao meu lado. Nós dois nos encaramos e eu mal consigo perceber quando ele pega uma caixinha do bolso de sua calça e abre, revelando um lindo anel ali dentro. — Dedico esse livro ao homem que está me pedindo perdão nesse exato momento e também está pedindo que eu me case com ele... — Eu não consigo parar de chorar.

— É uma dedicatória muito grande, e-eu...

— Pamella Cohen — ele me corta. — Você quer casar comigo? Veja bem, eu sei que sou complicado, que a minha vida foi complicada e que toda essa problemática nos separou durante esse tempo, mas a única coisa que não mudou

foi o meu amor por você. Eu queria casar com você antes de ter que sair da cidade e eu quero me casar com você agora, Pamella. Quero que seja minha para sempre, se assim você desejar.

Solto a caneta em cima da mesa e giro o meu corpo na cadeira, ficando de frente para o lutador. Levo a minha mão trêmula até o seu rosto, esfregando o dedão sobre a cicatriz que eu tanto tenho carinho. Tristan fecha os olhos, recebendo o meu singelo carinho de peito aberto.

Posso sentir o quão machucado ele está.

Eu odeio vê-lo dessa forma.

— Deixa eu ser o seu homem outra vez? — murmura a pergunta de forma dolorosa.

Eu já imaginava que ele estava sofrendo tanto quanto eu, mas, depois de tudo que passamos, esperei encontrá-lo mais forte. De qualquer forma, isso não me decepçiona, só mostra o quão grande o seu amor ainda é e o tanto que ele sentiu a minha falta.

Não estivemos sozinhos em nenhum momento.

Ele sempre esteve comigo e eu sempre estive com ele, e é assim que eu quero que seja pelo resto da nossa vida.

— Eu aceito, Tristan, e é claro que eu deixo, mas...

— Anjo — me interrompe. — Eu sei que as coisas não saíram como nós queríamos, eu sei que a situação com o meu... com a aquele homem me fez fazer escolhas que **nos** destruíram, mas eu nunca me permitiria te colocar em perigo por causa de mim. Pode soar machista, eu sei, o homem sempre querendo tomar conta da situação, mas Pamella você é a pessoa que eu mais amo. Não tem nada a ver comigo querendo ser maior que você, querendo tomar todas as decisões, mas, além de tudo se tratar de uma situação passada e extremamente pessoal, a simples ideia de ter aquele homem chegando perto de você para te machucar me dava calafrios. Você sabe apenas metade do que ele fez comigo e com a minha mãe, amor. Eu não gosto mais de pensar no passado, nas dores que sofri e nas noites de pesadelos macabros. O meu medo falou mais alto e eu fiz o que tinha que ser feito. Passou, anjo, está tudo morto e sepultado, então eu preciso que entenda e confie em tudo que te disse. Eu te amo, você é a melhor parte de mim mesmo, você é quem o meu coração clama toda noite desde que nos separamos. Você é a mulher mais forte que eu conheço, a mais bonita e a mais doce. Eu preciso de você, Pamella Cohen, eu preciso de você...

Aceno positivamente.

Eu também preciso de Tristan tanto quanto ele precisa de mim.

— Eu não vou perguntar o que aconteceu naquela noite, eu não preciso saber se você acabou de me dar a certeza de que está tudo morto e sepultado. Preciso de você, amor, preciso muito. Meus dias foram cinzas sem você e eu não faço ideia de como consegui seguir em frente sem... sem nós dois... juntos... — Corro os dedos pelo cabelo loiro dele, observando como os seus olhos enchem-se lágrimas. Essa é uma das poucas vezes que o vi chorar. — Eu aceito me casar com você, eu quero que você seja o meu homem, o meu marido, o meu companheiro... Tristan, você é tudo que eu quero. Eu te amo com todo o meu coração.

— Eu te amo, Pamella.

Ele sorri abertamente, enquanto as lágrimas descem por suas bochechas. Sua mão treme quando ele tira o anel de dentro da caixinha e segura a minha mão, depositando um beijo doce antes de deslizar a peça por meu dedo anelar. É lindo. Não a joia, mas Tristan. A pureza que jorra de seu coração em cada gesto me faz soluçar.

Ficando de pé, o lutador me puxa para cima e me abraça pela cintura, tirando-me do chão e selando os nossos lábios. Palmas soam através da livraria e eu não me importo se todos estão nos encarando em um momento tão íntimo quanto esse.

O meu sorriso tem vontade própria.

Encosto a minha testa na de Tristan e respiramos um ao outro.

— Temos que parar de chorar antes que nos embaracemos... — sussurro.

— Foda-se, anjo. Eu estou chorando porque estou explodindo de felicidade. Toda essa felicidade não se aguentou apenas no meu peito, ela teve que sair por algum lugar e essas lágrimas são prova do quão grato estou por ter voltado para mim. Nada me embaraçaria no momento mais feliz da minha existência inteira.

Eu o beijo, apaixonadamente, até voltar a separar nossos lábios.

— Você é... perfeito.

Tristan balança a cabeça negativamente, sorrindo para mim. Desencostando a testa da minha, ele se vira para as pessoas ao nosso redor e dispara em um rugido:

— Ela disse sim!

Nós sorrimos com nossos corações e recebemos congratulações de todos os nossos familiares e até mesmo os leitores que vieram prestigiar o lançamento do meu livro.

O reencontro de Tristan e Florence é quieto. Eles ficam abraçados por

longos minutos, enquanto eu abraço a minha mãe, o papai, Will, Oliver, Fable, Parisa, Trent, as crianças, Jaz... Todos. No instante em que Tristan se separa de sua mãe e deposita um beijo no topo de sua cabeça, ele é recebido pelo resto da minha família. Oliver brinca, Will sorri, minha mãe o beija copiosamente, o papai lhe dá tapas fortes nas costas, Parisa pula em cima dele, Fable beija a sua bochecha...

E então ele volta, cobre-me com o seu abraço e sela os nossos lábios.

Esse é o início de um bom tempo para nós dois.

Eu amo Tristan Rivera com todo o meu coração e estou pronta para tudo o que vier pela frente, mas apenas se ele estiver segurando a minha mão. *Sempre.*



# Epílogo

## PLANOS

TRISTAN RIVERA

*Você coloca os seus braços ao meu redor e eu me sinto em casa.*

— CHRISTINA PERRI, "ARMS"

Observo os cabelos escuros de Pamella espalhados contrastarem com o branco dos lençóis que cobrem a nossa cama. Ela encara o nascer do sol, ainda deitada, porque não conseguimos nos permitir dormir a noite toda. Deixo a bandeja em cima da mesa que temos no quarto com o café-da-manhã que preparei para nós dois e me aproximo dela em passos largos. Mergulho na cama e puxo o seu corpo pequeno e nu para os meus braços, beijando o seu ombro e subindo até a

sua orelha, onde deposito mais beijos e faço ela dar uma risada sem graça. Inspiro o seu cheiro gostoso — o meu favorito no mundo inteiro — e descanso outra vez com ela em meus braços, lugar de onde nunca vai sair, metaforicamente falando.

Desde que voltei para New York e ela virou a minha noiva, nossas vidas têm caminhado devagar. Temos nos mostrado mais, principalmente eu, e tentado ultrapassar algumas barreiras que ainda nos ferem. Tive pesadelos e ainda tenho, mas a cada dia que passa eles começam a ficar mais espaçados. Pamella tem me ajudado como ela sempre faz, sendo paciente, esperando o meu próprio tempo para que eu possa me abrir com ela, mesmo que tenhamos falado que isso não seria mais necessário. Infelizmente, quando alguém foi fodido demais como eu, é imprescindível se abrir com a pessoa que ama, e eu tenho feito isso com Pamella constantemente.

Nem todos os dias são fáceis para nós. Alguns eu tenho medo de que ela possa sumir da minha vida, outros ela é quem carrega esse medo, como se algo fosse me tirar dos seus braços. Contudo, desde que sentei com ela e com a minha mãe para dar-lhes a notícia de que George agora está morto, ela tem ficado mais calma, mas eu a entendo quando age conforme o seu coração manda. É difícil seguir em frente, bem mais difícil do que eu pensei que seria, mas com Pamella as coisas estão ficando mais suportáveis e eu consigo levar um dia após o outro com mais calma e paciência.

Falando em paciência...

— Temos que visitar o papai e Elise. Quero ver o meu irmãozinho outra vez... — sussurra, virando o rosto para me fitar e beijando o meu queixo. — Você vai comigo? — pergunta.

— Eu tenho uma reunião com Trent e os caras essa tarde, à noite vou sair para beber com Oliver, mas eu sempre tenho tempo para você. — Esfrego a ponta do meu nariz em sua bochecha e ela sorri abertamente. — Podemos ir daqui a pouco, logo cedo. Está bom para você?

— Sim, mais tarde será perfeito — afirma, animada. — Agora me diga, o que você, Trent e os caras estão aprontando? Gosto que esteja cada vez amigo deles quatro, não me entenda mal...

— Babe... — resmungo, rindo em seguida. — Não é nada demais, tudo bem? Falamos sobre o próximo Circuito, que Trent vai voltar a disputar para sair um pouco do hiato e conversamos também sobre essa coisa de ser pai — informo, fazendo com que ela levante a sobrancelha direita.

— Ser pai? Você e eles falando sobre isso? Mas somente Trent tem filhos,

inclusive eu acho que Parisa está grávida novamente e...

Calo Pamella com um beijo, porque não quero que ela comece a falar de sua família quando eu simplesmente desejo que comecemos a fazer os nossos planos. É claro que eu tenho medo e me assusto com a ideia. Eu mais do que ninguém sei o que fiz no passado e o quanto me sinto incapacitado de ser pai, mas isso tem perseguido a minha mente por semanas e semanas. Conversei com Trent e Oliver sobre o assunto, uma vez que um já é pai e o outro será daqui poucos meses, e eles me deram bons conselhos, principalmente Trent, para a minha surpresa. Não fazia ideia do quão difícil a sua infância tinha sido, mas quando ele me contou certas coisas e compartilhou comigo que também teve medo quando descobriu que Parisa estava grávida, percebi que nós dois temos muita coisa em comum — além do início fodido na Terra. Ele aconselhou-me a planejar isso com Pamella ou ao menos estarmos cientes de que poderá vir a acontecer se assim nós permitirmos, e é disso que eu quero falar com ela.

Iremos nos casar daqui dois meses em uma cerimônia que Pamella está organizando para ser junto com a de Parisa e Trent. Oliver não entrou no barco porque disse que não queria ser ofuscado por nós quatro, então o seu casamento ocorrerá depois que Fable tiver o bebê. De qualquer forma, eu já estou pensando nos bebês e como eu quero um também. Quero sentir que sou capaz de dar amor a alguém além de Pamella e eu preciso que ela esteja disposta a fazer isso comigo, mesmo que isso não esteja nos nossos planos atuais. Eu quero e eu posso convencê-la a isso, já que não acredito que vá ser difícil enfiar essa ideia em sua cabeça.

Separo os nossos lábios e sento-me na cama, puxando-a para cima de mim e deixando-a em cima das minhas pernas. Eu a encaro e ela faz o mesmo, correndo os dedos por meu cabelo enquanto aproxima o corpo do meu e me abraça pelo pescoço.

— Eu queria conversar com você sobre nós — digo e imediatamente ela franze o cenho. — Não é nada demais, babe, pelo menos eu acho que não... quero dizer, é demais, mas não acho que deva se preocupar e...

Estou gaguejando como um idiota.

Tropeço nas palavras e me vejo sem nenhuma saída.

— Se acalme primeiro antes de tentar falar — pede. — O que você quer falar sobre nós? — questiona, paciente.

— Sobre bebês...

Os olhos de Pamella parece levemente assustados.

— Amor, eu sei que você não quer ter bebês e nós estamos nos protegendo

constantemente, eu estou fazendo o acompanhamento e não tem nada de errado...

— *Pamella*... — eu a interrompo. — Eu quero um bebê nosso.

Ela parece ainda mais confusa e assustada.

— Mas você...

— Eu sei, eu sei, eu sei. Me sentia incapaz de ver isso como uma coisa que eu necessitava, mas eu também não sei o que está acontecendo. Talvez eu queira vencer mais demônios com isso, provar para mim que eu sou capaz de fazer isso com você sem falhar miseravelmente... O negócio é que eu quero, babe, eu quero que nós tentemos fazer isso juntos e a ideia vem me deixando cada vez mais animado para te convencer a tentarmos. Sei que parece loucura isso vindo de mim, justamente de mim, mas se for loucura eu quero que vivamos tudo isso como um casal, como uma família. Eu quero aprender, de verdade, o significado da palavra pai. — Dedilho o seu rosto com calma, esperando que ela tenha me entendido e encontro os seus olhos marejados. — Podemos tentar a partir de hoje?

— Sim, Tristan... Eu não sei o que fez você mudar de ideia, mas você sabe que esse é um dos meus sonhos e eu não posso negar isso para você e muito menos para mim. Podemos tentar, podemos nos planejar e eu tenho certeza de que você vai descobrir como é ser um pai de verdade porque eu não conheço homem mais incrível do que você para isso. Esse é um lado que você tem que permitir colocar para fora e uma vez que você já fez isso, tenho certeza de que tudo que vai ocorrer entre nós será maravilhoso. — Pamella bate os lábios sobre os meus, puxando o inferior entre os dentes e me beijando copiosamente. — Deus, eu mal posso esperar para ter um mini você dentro desse apartamento.

Sorrio com a sua confissão, escorregando as minhas mãos por seu corpo e chegando até o seu traseiro. Aperto, empurrando-a sobre a ereção que já está se formando em minha calça de dormir.

— E eu mal posso esperar para ter uma mini você dentro desse apartamento, mas depende...

— Depende? — Ela ri de mim.

— É claro, meu amor. Eu sou ciumento pra caralho, então eu me contentaria em ter apenas meninos. É claro que vou ser ciumento com eles também até certa idade, mas vai passar. Com mulher é mais difícil, saber que um dia ela vai...

— Amor! — Pamella me interrompe com uma gargalhada e eu acabo rindo de mim mesmo junto com ela. — Você não existe, Tristan Rivera.

— Você que não existe, Pamella Cohen. Eu acho que nós morremos e viemos parar no paraíso. Você é o meu paraíso, o meu lugar de paz e tudo que eu mais preciso. Eu te amo muito e te agradeço demais por ter me permitido a honra de fazer parte da sua vida como o seu homem.

— Você é muito mais do que o meu homem, você é a minha alma gêmea.

Nós ficamos nos encarando calados por alguns segundos até Pamella começar a se remexer em cima de mim como sempre faz para me provocar. Com dificuldade consigo empurrar a minha calça para baixo e logo estou preenchendo-a com tudo de mim: meu pau, meus beijos, meu amor, minha vida. Se Pamella Cohen não for a mulher mais maravilhosa que existe em todo o mundo, eu realmente não sei quem é.

Ter uma família completa com ela agora é o meu objetivo e eu fico extremamente feliz por já estarmos construindo-o.

Eu amo essa mulher — *para sempre*.

# Table of Contents

|                                      |
|--------------------------------------|
| <a href="#"><u>Dedicatória</u></a>   |
| <a href="#"><u>Epígrafe</u></a>      |
| <a href="#"><u>Prólogo</u></a>       |
| <a href="#"><u>Capítulo 1</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 2</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 3</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 4</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 5</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 6</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 7</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 7.1</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 8</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 8.1</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 9</u></a>    |
| <a href="#"><u>Capítulo 10</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 10.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 11</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 12</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 13</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 13.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 14</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 14.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 15</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 15.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 16</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 17</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 17.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 18</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 19</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 19.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 20</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 21</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 22</u></a>   |
| <a href="#"><u>Capítulo 22.1</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 23</u></a>   |

[Capítulo 23.1](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 24.1](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)